

Conjunto Central

volume 02

**Carla Caires (coord.)
Amábile L. Campos
Pamela W. Godoi
Gabriela O. Wedekin
Ingrid B. Marques
Larissa N. Agnelo
Wilson de C. Maestro**

**Carla Caires (coord.)
Amábile L. Campos
Pamela W. Godoi
Gabriela O. Wedekin
Ingrid B. Marques
Larissa N. Agnelo
Wilson de C. Maestro**

ESTUDO TÉCNICO DE SUBSÍDIO À DELIBERAÇÃO DE INSERÇÃO NA LISTAGEM DE INTERESSE PATRIMONIAL E RECOMENDAÇÃO PARA SALVAGUARDA DO CONJUNTO CENTRAL

Estudos Patrimoniais II n. 4



2025

Reitora
Prof.ª Dr.ª Marta Regina Gimenez Favaro

Vice-reitor
Prof. Dr. Airton José Petris

Diretora Acadêmica do MHL
Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Coordenação Geral
Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Editora
Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Comissão Executiva
Edeni Ramos Vilela
Amauri Ramos da Silva

Presidência DA ASAM
Ana Rosa Lunardelli

Revisão
Michelle Morikawa

Editoração
Marina dos Santos Galli

Foto de capa
Autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Conjunto central [livro eletrônico] : volume 02 /
Amábile L. Campos...[et al.] ; Carla Caires
(coord.). -- Londrina, PR : ASAM, 2026.
-- (Estudos patrimoniais II ; 4)
PDF

Outros autores: Pamela W. Godoi, Gabriela O.
Wedekin, Ingrid B. Marques, Larissa N. Agnelo,
Wilson de C. Maestro.
Bibliografia.
ISBN 978-65-986651-3-5

1. Londrina (PR) - História 2. Memória
3. Monumentos históricos - Conservação e restauração
4. Patrimônio cultural - Preservação I. Campos,
Amábile L. II. Godoi, Pamela W. III. Wedekin,
Gabriela O. IV. Marques, Ingrid B. V. Agnelo,
Larissa N. VI. Maestro, Wilson de C. VII. Caires,
Carla. VIII. Série.

26-351174.0

CDD-363.69

Índices para catálogo sistemático:

1. Patrimônio histórico e cultural : Memória e
preservação 363.69

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Fontes
Palisade; Franklin Gothic Demi e Calibri



Comitê Editorial

Dr.^a Ana Carolina Gléria Lima (USP - Universidade de São Paulo)

Me. Camila Silva de Oliveira (UEL- Universidade Estadual de Londrina/USP - Universidade de São Paulo)

Dr.^a Edméia Ribeiro (MHL - Museu Histórico de Londrina/UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dr.^a Eloisa Ramos Ribeiro Rodrigues (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dr. José Miguel Arias Neto (NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dr.^a Juliana Harumi Suzuki (UFPR - Universidade Federal do Paraná)

Dr. Leandro Henrique Magalhães (Unifil - Centro Universitário Filadélfia)

Dr.^a Priscila Henning (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dr. Rogério Ivano (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Solange Cristina Batigliana (Diretora de Patrimônio da Secretaria Municipal de Cultura de Londrina)

Dr.^a Teba Silva Yllana (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Vanda de Moraes (Presidente do COMPAC - Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina)

Apresentação

Estudar os centros históricos das cidades é compreender, de forma profunda, os processos de constituição da vida urbana, os valores culturais sedimentados no espaço e as múltiplas camadas de tempo que se sobrepõem na paisagem. Os centros não são apenas remanescentes do passado: são lugares vivos, nos quais se expressam continuidades e rupturas, permanências e transformações, práticas sociais e disputas simbólicas. Nesse sentido, a atenção aos centros históricos tem sido reiteradamente destacada por organismos internacionais, em especial pelo ICOMOS, que reconhece a *paisagem cultural urbana* como uma síntese indissociável entre espaço construído, ambiente natural, usos sociais e valores simbólicos acumulados ao longo do tempo. A conservação dessas paisagens pressupõe não apenas a proteção de objetos isolados, mas a preservação de sua integridade, da leitura histórica e das relações espaciais que estruturam a vida urbana.

Londrina, cidade jovem que se aproxima de seu centenário, coloca-se de forma emblemática nesse debate. Sua juventude não reduz, ao contrário, intensifica a responsabilidade de pensar e agir, no presente, sobre a preservação da paisagem urbana histórica. Como apontam autores que tratam da memória urbana e da conservação integrada do patrimônio, o reconhecimento tardio dos valores históricos costuma resultar perdas irreversíveis. Assim, compreender, documentar e valorizar os espaços fundadores de Londrina é um passo fundamental para garantir que o processo de modernização e transformação urbana não se faça à custa da descaracterização de sua identidade coletiva.

É nesse contexto que se insere a presente obra, resultado de dois estudos técnicos profundos e comprometidos com a documentação da área central de Londrina, denominada *Conjunto Central* pelos autores. Trata-se do conjunto de espaços públicos previstos no Plano Inicial de 1932, elaborado por Alexandre Rasgulaeff, organizados em torno da chamada elipse central: as *Praças Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto, Willie Davids, Primeiro de Maio, Sete de Setembro e o Bosque Marechal Cândido Rondon*. Esse conjunto configura o núcleo estruturador da cidade nascente e permanece, até hoje, como o principal cenário da vida urbana londrinense, concentrando fluxos, encontros, manifestações culturais, atividades políticas, religiosas e de lazer.

Mais do que uma simples soma de praças e áreas verdes, o *Conjunto Central* constitui uma unidade histórica e paisagística singular. Nele se materializam as intenções do plano original, as adaptações sucessivas ao crescimento da cidade e as diferentes concepções de espaço público que marcaram quase nove décadas de transformações urbanas. Ao longo desse período, esses espaços foram continuamente apropriados, ressignificados e modificados, sem jamais perder seu papel estruturante na organização simbólica e funcional do centro de Londrina.

Os estudos reunidos nesta obra evidenciam a centralidade dos espaços públicos na construção da identidade urbana. Praças, bosques e calçadões não são apenas vazios urbanos ou áreas de circulação: são lugares de permanência, sociabilidade e memória. No *Conjunto Central*, essas dimensões se expressam desde os primeiros anos da cidade, passando pela consolidação das praças como equipamentos culturais e cívicos, pelas grandes intervenções realizadas no âmbito do “Projeto Centro” – concebido pelo arquiteto urbanista Jaime Lerner em 1977 – e que introduziu o *Calçadão de Londrina* como um dos maiores marcos urbanos da área central. Ainda hoje, ações mais recentes de revitalização revelam tensões permanentes entre renovação urbana e preservação da paisagem histórica.

A importância de Londrina ultrapassa, contudo, o âmbito local. Para o estudioso das cidades do Norte do Paraná, Alessandro Filla Rosaneli¹, a cidade integra o conjunto de núcleos urbanos criados no contexto da frente pioneira de colonização, vinculada a estratégias econômicas, territoriais e políticas mais amplas. Nesse processo, Londrina destacou-se como um experimento urbano planejado, cuja área central desempenhou papel decisivo na articulação entre o projeto colonizador, a vida econômica e a construção de uma identidade urbana própria. Preservar seu núcleo histórico é, portanto, preservar também um capítulo fundamental da história regional e nacional.

A publicação desta obra adquire especial relevância no atual contexto institucional, marcado pela promulgação da Lei Municipal n.º 13.902/2024, que dispõe sobre a preservação do patrimônio cultural de Londrina. Os estudos aqui apresentados oferecem subsídios técnicos, históricos e interpretativos essenciais para a aplicação qualificada dessa legislação, contribuindo para uma visão integrada da preservação, que reconhece valores históricos, paisagísticos, ambientais e sociais de forma indissociável.

Por fim, a obra reafirma a importância do conhecimento como instrumento de preservação. Ao sistematizar informações, documentos, imagens e análises sobre o *Conjunto Central*, o estudo

¹ Rosaneli, Alessandro F. Cidades novas do café: história, morfologia e paisagem urbana. Curitiba, Editora da UFPR, 2013. 207 p.

empreendido contribui decisivamente para a salvaguarda da *memória coletiva dos londrinenses*. Preservar esses espaços não significa congelá-los no tempo, mas garantir que suas transformações futuras respeitem a história que os constitui e o significado que carregam para a cidade.

Trata-se, em última instância, de um compromisso com o passado, o presente e o futuro de Londrina.

Eloisa R. Rodrigues²

² Arquiteta urbanista. Doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Professora associada do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professora permanente do Programa Associado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Lista de Figuras

Figura 1 – Vista aérea do Conjunto Central

Figura 2 – Praça Gabriel Martins

Figura 3 – Praça Marechal Floriano Peixoto

Figura 4 – Praça Willie Davids

Figura 5 – Praça Primeiro de Maio

Figura 6 – Bosque Marechal Cândido Rondon

Figura 7 – Praça Sete de Setembro

Figura 8 – Vista aérea com perímetro do bairro central e plano de massas vegetativo

Figura 9 – Conjunto Central na planta azul, 1932

Figura 10 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1938]

Figura 11 – Representação do conjunto das Praças, detalhe do “Mappa Parcial”, 1939

Figura 12 – Segunda Rodoviária de Londrina, 1938

Figura 13 – Terceira Rodoviária de Londrina, Praça Primeiro de Maio, [193-]

Figura 14 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1940]

Figura 15 – Praça Willie Davids, sentido Calçadão para a loja Pernambucanas, final de [194-]

Figura 16 – Bosque Marechal Cândido Rondon com a Catedral ao fundo, [194-]

Figura 17 – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon

Figura 18 – Praça Gabriel Martins, [195-]

Figura 19 – Praça Primeiro de Maio, 1957

- Figura 20 – Monumento da Praça Sete de Setembro, [195-]
- Figura 21 – Terminal de ônibus na rua interior do Bosque, [197-]
- Figura 22 – Praça Primeiro de Maio, 1975
- Figura 23 – Praça Gabriel Martins, [197-]
- Figura 24 – Praça Gabriel Martins, [197-]
- Figura 25 – Reportagem da *Folha de Londrina* sobre fechamento temporário da avenida Paraná, 15 de fevereiro de 1977
- Figura 26 – Revitalização da Área Central, 1977
- Figura 27 – Proposta de circulação do transporte individual, 1977
- Figura 28 – Proposta de circulação do transporte coletivo, 1977
- Figura 29 – Proposta de criação de áreas de pedestres, 1977
- Figura 30 – Síntese das propostas no primeiro capítulo do projeto de Jaime Lerner, 1977
- Figura 31 – Áreas de pedestre no Centro, 1977
- Figura 32 – Setorização das áreas de pedestres no Centro, 1977
- Figura 33 – Implantação dos equipamentos na Praça Gabriel Martins, 1977
- Figura 34 – Setorização das áreas de pedestres no Centro, 1977
- Figura 35 – Revitalização da Área Central, 1977
- Figura 36 – Revitalização da Área Central, 1977
- Figura 37 – Proposta da Praça Gabriel Martins com calçadão, 1977
- Figura 38 – Legendas de outros projetos de praças do Instituto Jaime Lerner, setembro de 1977
- Figura 39 – Proposta da Praça Marechal Floriano Peixoto com o Calçadão, 1977
- Figura 40 – Proposta da Praça Willie Davids com o Calçadão, 1977
- Figura 41 – Proposta da Praça Willie Davids, setembro de 1977

Figura 42 – Legendas da Praça Willie Davids, setembro de 1977

Figura 43 – Proposta da Praça Willie Davids, 1977

Figura 44 – Proposta da Praça Primeiro de Maio com calçadão, 1977

Figura 45 – Proposta da Praça Primeiro de Maio com calçadão, maio de 1977

Figura 46 – Legenda da Praça Primeiro de Maio com calçadão, maio de 1977

Figura 47 – Proposta da quadra norte do Bosque com calçadão, 1977

Figura 48 – Proposta da Praça Sete de Setembro com calçadão, 1977

Figura 49 – Proposta da Praça Sete de Setembro com calçadão, maio de 1977

Figura 50 – Legenda da Proposta da Praça Sete de Setembro com calçadão, maio de 1977

Figura 51 – Detalhamento de bancos e floreiras, 1977

Figura 52 – Detalhamento de cobertura, 1977

Figura 53 – Detalhamento de quiosque, 1977

Figura 54 – Detalhamento de luminária

Figura 55 – Detalhamento de luminária

Figura 56 – Croquis

Figura 57 – Croqui da Praça Gabriel Martins

Figura 58 – Croqui da quadra norte do Bosque

Figura 59 – Croqui da Praça Marechal Floriano Peixoto, detalhe do “estacionamento criança”

Figura 60 – Croqui da Praça Marechal Floriano Peixoto, detalhe da escadaria

Figura 61 – Desenho do piso

Figura 62 – Reportagem com o plano de reurbanização, 1º de junho de 1977

Figura 63 – Praça Marechal Floriano Peixoto, lado do Calçadão, junho de 1977

Figura 64 – Praça Marechal Floriano Peixoto, lado da Catedral, junho de 1977

Figura 65 – Praça Gabriel Martins, junho de 1977

Figura 66 – Praça Gabriel Martins, agosto de 1977

Figura 67 – Praça Marechal Floriano Peixoto, setembro de 1977

Figura 68 – Praça Willie Davids, 1977

Figura 69 – Comparação do projeto Jaime Lerner e do Cadastro de 1977 (Praça Gabriel Martins)

Figura 70 – Comparação do projeto Jaime Lerner e do Cadastro de 1977 (Praça Marechal Floriano Peixoto)

Figura 71 – Comparação do projeto Jaime Lerner e do Cadastro de 1977 (Praça Marechal Floriano Peixoto)

Figura 72 – Escadaria na Praça Marechal Floriano Peixoto, setembro de 1977

Figura 73 – Implantação dos quiosques no Calçadão, 22 de outubro de 1977

Figura 74 – Reportagem sobre as obras no Calçadão, 28 de outubro de 1977

Figura 75 – Reportagem sobre o início da instalação dos bancos, 2 de novembro de 1977

Figura 76 – Reportagem sobre a cobertura dos quiosques, 17 de dezembro de 1977

Figura 77 – Praça Gabriel Martins, [1977]

Figura 78 – Esquema de vistas da Praça Gabriel Martins, [197-]

Figura 79 – Esquema de vistas da Praça Marechal Floriano Peixoto, [1977]

Figura 80 – Esquema de vistas da Praça Marechal Floriano Peixoto, [197-]

Figura 81 – Esquema de Vistas da Praça Willie Davids, [197-]

Figura 82 – Reportagem sobre o calçadão na rua Sergipe, 1981

Figura 83 – Projeto de sanitários na Praça Willie Davids

Figura 84 – Projeto de sanitários na Praça Marechal Floriano Peixoto

Figura 85 – Projeto de sanitários na Praça Marechal Floriano Peixoto

Figura 86 – Praça Sete de Setembro, 1982

Figura 87 – Luminária da Praça Sete de Setembro, 1982

Figura 88 – Bebedouro da Praça Sete de Setembro, 1982

Figura 89 – Sanitário da Praça Sete de Setembro, 1982

Figura 90 – Abrigo de ônibus da Praça Sete de Setembro, 1982

Figura 91 – Praça Sete de Setembro

Figura 92 – Inauguração da ampliação do Calçadão, 6 de setembro de 1991

Figura 93 – Cerimônia de inauguração da ampliação do Calçadão, 7 de setembro de 1991

Figura 94 – Levantamento da Praça Primeiro de Maio, 1989

Figura 95 – Comparação dos levantamentos da Praça Primeiro de Maio, [1973] e 1989

Figura 96 – Comparação dos projetos de intervenção da Praça Primeiro de Maio, 1977 e 1991

Figura 97 – Projeto de revitalização da Praça Primeiro de Maio, 1991

Figura 98 – Detalhamento de floreira e lixeira, 1991

Figura 99 – Detalhamento de bancos, 1991

Figura 100 – Detalhamento de luminária e piso, 1991

Figura 101 – Aerofoto de Londrina, 1991

Figura 102 – Aerofotos de Londrina, 1947 e 1991

Figura 103 – Bosque servindo como abrigo aos corretores de automóveis e como estacionamento, 1991

Figura 104 – Guarita, 1991

Figura 105 – Equipamento infantil, 1992

Figura 106 – Retirada de dois quiosques, 8 de janeiro de 1998

Figura 107 – Praça Marechal Floriano Peixoto e Calçadão, após [1996]

Figura 108 – Praça Marechal Floriano Peixoto e Calçadão, após [1996]
Figura 109 – Praça Marechal Floriano Peixoto e Calçadão, após [1996]
Figura 110 – Quiosque com irregularidades, 1982
Figura 111 – Calçadão ao lado da Praça Willie Davids
Figura 112 – Praça Marechal Floriano Peixoto, 1984
Figura 113 – Desenho das escadarias
Figura 114 – Situação do Calçadão, 1984
Figura 115 – Alteração do Calçadão, 1984
Figura 116 – Comparação do desenho da Praça Marechal Floriano Peixoto, 1977 e 1984
Figura 117 – Comparação entre situação levantada (esquerda) e situação projetada (direita), 1984
Figura 118 – Comparação do desenho da Praça Gabriel Martins, 1977 e 1984
Figura 119 – Comparação entre situação levantada (esquerda) e situação projetada (direita), 1984
Figura 120 – Comparação do desenho da Praça Willie Davids, 1977 e 1984
Figura 121 – Comparação entre situação levantada (esquerda) e situação projetada (direita), 1984
Figura 122 – Praça Willie Davids
Figura 123 – Acréscimos e retiradas do projeto de 1984 comparados ao de 1977
Figura 124 – Acréscimos e retiradas de quiosques, 1984–1991
Figura 125 – Monumento Boca Maldita, Praça Gabriel Martins
Figura 126 – Placa ao Corretor Imobiliário, Praça Willie Davids
Figura 127 – Projeto de sanitário para a Praça Sete de Setembro, 1983
Figura 128 – Projeto arquitetônico na Praça Sete de Setembro, 1986
Figura 129 – Comparação da implantação da Praça Sete de Setembro, 1969 e 1986

Figura 130 – Reportagem da *Folha de Londrina*, 31 de março de 1987

Figura 131 – Esboço de um projeto de mudanças, 21 de junho de 1987

Figura 132 – Guarita no Bosque, 1983

Figura 133 – Cerca no Bosque, 1984

Figura 134 – Comparação de levantamentos, 1962 e 1987

Figura 135 – Levantamento do Bosque (quadra próxima à rua Pará), 1987

Figura 136 – Levantamento do Bosque (quadra sul), 1988

Figura 137 – Levantamento do Bosque (quadra norte), agosto de 1988

Figura 138 – Comparação de levantamentos (quadra norte), 1965 e 1988

Figura 139 – Proposta de intervenção no Bosque, outubro de 1988

Figura 140 – Levantamento do Bosque (quadra norte), novembro de 1988

Figura 141 – Placa a Chico Mendes (Bosque), 2004

Figura 142 – Revitalização do Calçadão, 1993

Figura 143 – Revitalização da Praça Gabriel Martins, 1993

Figura 144 – Bancos e floreiras novas, 1993

Figura 145 – Alterações pontuais para uso dos bombeiros, 1996

Figura 146 – Calçadão, 1996

Figura 147 – Placa “Aqui Tem História”, inserida em 1995

Figura 148 – Alteração da escada na Praça Marechal Floriano Peixoto, 1996

Figura 149 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [199-]

Figura 150 – Barracas na Praça Marechal Floriano Peixoto, 1996

Figura 151 – Barracas na Praça Marechal Floriano Peixoto, 1996

Figura 152 – Levantamento do Bosque, atualizado em janeiro de 1996

Figura 153 – Comparação do levantamento do Bosque (quadra norte), 1988 e 1996

Figura 154 – Comparação do levantamento do Bosque (quadra sul), 1987 e 1996

Figura 155 – Monumento Pau-Brasil, 2017

Figura 156 – Placa “Aqui Tem História”, 2004

Figura 157 – Projeto de instalação na Concha Acústica, 20 de março de 1996

Figura 158 – Inauguração da instalação na Concha Acústica, 4 de maio de 1996

Figura 159 – Retirada da instalação na Concha Acústica, 5 de junho de 1996

Figura 160 – Revitalização da Praça Sete de Setembro, junho de 1996

Figura 161 – Projeto de renovação da Praça Primeiro de Maio

Figura 162 – Projeto de renovação da Praça Primeiro de Maio

Figura 163 – Aerofoto de 2012

Figura 164 – Quiosque da Praça Sete de Setembro, junho de 2011

Figura 165 – Evolução da Praça Sete de Setembro e totens “Aqui Tem história”

Figura 166 – Concha Acústica, agosto de 2006

Figura 167 – Comparação da Praça Primeiro de Maio, 1957–[197-]

Figura 168 – Levantamento da Praça Primeiro de Maio, 1989

Figura 169 – Projeto Memorial dos Pioneiros

Figura 170 – Perspectivas do Memorial dos Pioneiros

Figura 171 – Perspectivas do Memorial dos Pioneiros

Figura 172 – Reportagem da *Folha de Londrina*, 3 de agosto de 2006

Figura 173 – Publicação “Londrina no Tempo”

Figura 174 – Imagens após intervenção na Concha

Figura 175 – Reportagem da *Folha de Londrina*, 2 de dezembro de 2011

Figura 176 – Mudanças na área do quiosque

Figura 177 – Inserções na Praça nos últimos anos

Figura 178 – Evolução da Praça Primeiro de Maio

Figura 179 – Mercado informal na Praça Marechal Floriano Peixoto

Figura 180 – Revitalização da praça Marechal Floriano Peixoto, 11 de junho de 2004

Figura 181 – Mobiliário da Praça Marechal Floriano Peixoto, 2004

Figura 182 – Mobiliário da Praça Marechal Floriano Peixoto, 2006

Figura 183 – Fotografia “lambe-lambe”, 2006

Figura 184 – Projeto do trecho 3 da Praça Gabriel Martins, 10 de agosto de 2011

Figura 185 – Projeto do trecho 4 da Praça Marechal Floriano Peixoto, 10 de agosto de 2011

Figura 186 – Projeto do Calçadão, 1984

Figura 187 – Comparação entre o Calçadão em 1984 e a mapa-base em 1991

Figura 188 – Calçadão da Praça Willie Davids, final da década de 1990

Figura 189 – Barracas da Praça Marechal Floriano Peixoto, final da década de 1990

Figura 190 – Monumento Boca Maldita na Praça Gabriel Martins, final da década de 1990

Figura 191 – Floricultura na Praça Gabriel Martins (quiosque de 1976), final da década de 1990

Figura 192 – Monumento “Pé Vermelho, Mãos Limpas”, 2017

Figura 193 – Comparação entre o Calçadão em 1991 e aerofoto de 2009

Figura 194 – Situação da Praça Gabriel Martins antes da intervenção de 2010

Figura 195 – Situação da Praça Willie Davids antes da intervenção de 2010

Figura 196 – Situação da Praça Gabriel Martins no início da obras, julho de 2011
Figura 197 – Situação da Praça Marechal Floriano Peixoto (sem quiosque), 2011
Figura 198 – Situação da Praça Willie Davids (sem quiosque), 2011
Figura 199 – Projeto
Figura 200 – Projeto
Figura 201 – Projeto
Figura 202 – Praça Gabriel Martins após intervenção, 2012
Figura 203 – Vista da Praça a partir da rua Prof. João Cândido, 2012
Figura 204 – Evolução da Praça Gabriel Martins, [201-]
Figura 205 – Pinturas na Praça Gabriel Martins
Figura 206 – Evolução da Praça Marechal Floriano Peixoto
Figura 207 – Trecho 5 da Praça Willie Davids, 2016
Figura 208 – Situação levantada em 2016
Figura 209 – Levantamento preliminar do trecho 5 da Praça Willie Davids
Figura 210 – Mapa de danos do piso no trecho 5 da Praça Willie Davids
Figura 211 – Elementos a retirar do trecho 5 da Praça Willie Davids
Figura 212 – Elementos a implantar do trecho 5 da Praça Willie Davids
Figura 213 – Elementos compositivos e ambiência do Calçadão, 2021
Figura 214 – Planta síntese das intervenções na Praça Willie Davids ao longo do tempo
Figura 215 – Bosque após intervenção, 2005
Figura 216 – Bosque após intervenção, 2005
Figura 217 – Comparação de aerofotos de Londrina, 2006 e 2014

Figura 218 – Zerinho do Bosque, 2013

Figura 219 – Parquinho e quadra esportiva no Bosque, 2013

Figura 220 – Zerinho do Bosque, 2015

Figura 221 – Mobiliário no Zerinho do Bosque, 2017

Figura 222 – Conexão do Bosque com a Catedral, 2017

Figura 223 – Academia ao ar livre do Bosque, 2017

Figura 224 – Parquinho do Bosque, 2017

Figura 225 – Projeto paisagístico da revitalização do Bosque

Figura 226 – Projeto paisagístico da revitalização do Bosque

Figura 227 – Implantação geral da revitalização do Bosque (quadra norte), prancha 1

Figura 228 – Implantação geral da revitalização do Bosque (centro), prancha 2

Figura 229 – Implantação geral da revitalização do Bosque (quadra sul), prancha 3

Figura 230 – Projeto executivo da revitalização do Bosque (quadra norte), prancha 4

Figura 231 – Projeto executivo da revitalização do Bosque (quadra sul), prancha 5

Figura 232 – Detalhamento arquitetônico da revitalização do Bosque, prancha 1

Figura 233 – Detalhamento arquitetônico da revitalização do Bosque, prancha 2

Figura 234 – Vista aérea do Bosque com as obras de revitalização concluídas

Figura 235 – Imagem noturna do Bosque

Figura 236 – Bancos, mobiliários e cores em destaque no Bosque

Figura 237 – Aerofoto de Londrina, 2024

Figura 238 – Evolução do Bosque e novos elementos

Figura 239 – Manutenção nas luminárias da Praça Marechal Floriano Peixoto

Figura 240 – Aerofoto do Conjunto com sobreposição do Plano Inicial

Figura 241 – Camada “Cultura” do Siglon

Figura 242 – Situação atual da Praça Gabriel Martins

Figura 243 – Vista para os canteiros na rua Prof. João Cândido

Figura 244 – Vista interna do Calçadão

Figura 245 – Parada de táxi

Figura 246 – Rua interna

Figura 247 – Acesso à rua interna

Figura 248 – Canteiros da Praça

Figura 249 – Árvores da Praça

Figura 250 – Planta baixa do levantamento arbóreo

Figura 251 – Mobiliário urbano

Figura 252 – Esculturas

Figura 253 – Monumento “Boca Maldita”

Figura 254 – Monumento “Boca Maldita”

Figura 255 – Monumento “Pé Vermelho, Mãos Limpas”

Figura 256 – Quiosque “Estação Gente Boa” (à esquerda, a Praça Gabriel Martins)

Figura 257 – Quiosque da Guarda Municipal

Figura 258 – Parada de táxi

Figura 259 – Situação atual da Praça Marechal Floriano Peixoto

Figura 260 – Praça Marechal Floriano Peixoto no Calçadão, esquina com a avenida São Paulo

Figura 261 – Praça Marechal Floriano Peixoto no Calçadão, esquina com a avenida Rio de Janeiro

Figura 262 – Praça Marechal Floriano Peixoto na travessa Padre Eugênio Herter, esquina com a avenida São Paulo

Figura 263 – Praça Marechal Floriano Peixoto na travessa Padre Eugênio Herter, esquina com a avenida Rio de Janeiro

Figura 264 – Pavimentação em pedriscos

Figura 265 – Fragmento do piso em petit pavé na lateral da Praça

Figura 266 – Banheiros públicos e caixa d'água

Figura 267 – Vegetação da Praça

Figura 268 – Vegetação da Praça, próxima ao banheiro

Figura 269 – Planta baixa do levantamento arbóreo

Figura 270 – “Banco bola” e banco em concreto

Figura 271 – Luminárias da Praça Marechal Floriano Peixoto

Figura 272 – Lixeira padrão CMTU e tampa de bueiro de 1942

Figura 273 – Ponto de táxi original do projeto de Jaime Lerner

Figura 274 – Muro de arrimo

Figura 275 – Ambulantes ao redor da Praça

Figura 276 – Planta-síntese dos elementos e mobiliários existentes na Praça Willie Davids

Figura 277 – Vista da alameda Manoel Ribas para a Praça Willie Davids

Figura 278 – Vista do interior da Praça para os três caminhos do tridente

Figura 279 – Vista para o caminho central da Praça

Figura 280 – Vista para a Praça Willie Davids, destaque para a escada à direita da imagem

Figura 281 – Cruzamento das ruas Senador Souza Naves e Maranhão

Figura 282 – Vista a partir do Calçadão da avenida Paraná

Figura 283 – Diferenciação do piso na rua Maranhão

Figura 284 – Diferenciação do piso na rua Maranhão

Figura 285 – Pedras soltas em trechos da Praça Willie Davids

Figura 286 – Mobiliários da Praça Willie Davids

Figura 287 – Monumentos presentes na Praça Willie Davids

Figura 288 – Vista da Praça Willie Davids para o Cine Teatro Ouro Verde

Figura 289 – Vista do Cine Teatro Ouro Verde para a Praça Willie Davids

Figura 290 – Vista da Praça Willie Davids para a rotatória e o edifício Júlio Fuganti

Figura 291 – Elementos da Praça Primeiro de Maio

Figura 292 – Cruzamento das ruas Piauí e Senador Souza Naves

Figura 293 – Esquina das ruas Senador Souza Naves e Maestro Egídio Camargo do Amaral

Figura 294 – Acesso pela rua Senador Souza Naves

Figura 295 – Acesso pela rua Maestro Egídio Camargo do Amaral

Figura 296 – Acesso pela rua Piauí

Figura 297 – Vista para o caminho interno central da Praça

Figura 298 – Espaço de permanência gradeado

Figura 299 – Planta baixa do levantamento arbóreo

Figura 300 – Calçada da rua Senador Souza Naves, com árvores distribuídas nos canteiros

Figura 301 – Rua Maestro Egídio Camargo do Amaral

Figura 302 – Talude voltado para a rua Senador Souza Naves

Figura 303 – Concha Acústica e arquibancada, com o conjunto de torres do condomínio Centro Comercial ao fundo

Figura 304 – Mobiliário da Praça Primeiro de Maio

Figura 305 – Vista do Centro Comercial para a Praça com a pintura recente

Figura 306 – Memorial do Pioneiro, totem “Aqui Tem História” e busto de Abilon Souza Naves

Figura 307 – Vista da Praça para a Casa da Criança, destaque para o edifício Júlio Fuganti

Figura 308 – Situação atual do Bosque

Figura 309 – Comparação do traçado do Bosque (quadra norte), atualmente e em 1954

Figura 310 – *Zoom* na área de permanência da Praça (projeto de revitalização do Bosque, 2019)

Figura 311 – Comparação do traçado do Bosque (quadra norte), atualmente e em 1965

Figura 312 – Área do Bosque no “Cadernão de mapas”, [197-]

Figura 313 – Comparação do traçado do Bosque (quadra sul), atualmente e em 1962

Figura 314 – Comparação do traçado do Bosque (quadra sul), projeto de 2019 e 1987

Figura 315 – Imagem noturna da quadra sul do Bosque

Figura 316 – Pintura dos caminhos do Bosque

Figura 317 – Pintura atual desgastada

Figura 318 – *Zoom* do levantamento georreferenciado das árvores (projeto de revitalização do Bosque, 2019)

Figura 319 – Figueira-do-brejo com CAP de 950 cm, localizada no Jardim Norte 2 (projeto de revitalização do Bosque, 2019)

Figura 320 – Planta baixa do levantamento arbóreo

Figura 321 – Equipamentos do Bosque

Figura 322 – Mobiliário do Bosque

Figura 323 – Mesas do Bosque

Figura 324 – Totens do Bosque

Figura 325 – Totens e elementos no Bosque

Figura 326 – Grafite “Alegria na amizade das crianças”

Figura 327 – Monumentos do Bosque que não existem mais no local

Figura 328 – Muros de arrimo do Bosque

Figura 329 – Muros de arrimo do Bosque

Figura 330 – Muros de arrimo do Bosque

Figura 331 – Muros de arrimo do Bosque

Figura 332 – Postes do entorno do Bosque

Figura 333 – Vista a partir da Bosque para o colégio Mãe de Deus

Figura 334 – Vista a partir do Bosque para a igreja Metodista Central e o barracão Amélia Neia Martini, atual estacionamento do Bosque

Figura 335 – Vista do Bosque para a Biblioteca Pública, a Agência Central de Correios e Telégrafos e o edifício Bosque ao fundo

Figura 336 – Vista do Bosque para a antiga residência do sr. Claudino Ferreira dos Santos

Figura 337 – Vista para a Praça Sete de Setembro

Figura 338 – Vista para a Praça Primeiro de Maio

Figura 339 – Encontro das ruas Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho e Piauí

Figura 340 – Encontro das ruas Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho e Prof. João Cândido

Figura 341 – Encontro das ruas Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho e Prof. João Cândido

Figura 342 – Planta dos elementos atuais da Praça Sete de Setembro

Figura 343 – Acesso da Praça Sete de Setembro

Figura 344 – Rampa da Praça Sete de Setembro

Figura 345 – Escada e rampa da Praça Sete de Setembro

Figura 346 – Caminho interno da Praça Sete de Setembro

Figura 347 – Caminho interno da Praça Sete de Setembro

Figura 348 – Vista para a Praça Sete de Setembro, com destaque para a vegetação

Figura 349 – Árvores da Praça Sete de Setembro

Figura 350 – Monumento da Imaculada Conceição, voltado para a Catedral
Figura 351 – Situação atual da calçada da Praça Sete de Setembro
Figura 352 – Situação atual da calçada da Praça Sete de Setembro
Figura 353 – Planta baixa do levantamento arbóreo
Figura 354 – Mobiliários da Praça Sete de Setembro
Figura 355 – Monumento da Imaculada Conceição
Figura 356 – Quiosque da Praça Sete de Setembro
Figura 357 – Vista para a Praça Sete de Setembro
Figura 358 – Estacionamento junto à calçada da rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho
Figura 359 – Síntese das permanências na Praça Gabriel Martins
Figura 360 – Síntese das permanências na Praça Marechal Floriano Peixoto
Figura 361 – Síntese das permanências na Praça Willie Davids
Figura 362 – Síntese das permanências na Praça Primeiro de Maio
Figura 363 – Síntese das permanências no Bosque Marechal Cândido Rondon
Figura 364 – Síntese das permanências na Praça Sete de Setembro
Figura 365 – Zoneamento no entorno do Conjunto
Figura 366 – Sugestão de área envoltória

Lista de Abreviaturas e Siglas

BML – Biblioteca Municipal de Londrina

COMPAC – Conselho Municipal de Patrimônio Cultural

CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná

IPPUL – Instituto de de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina

MHL – Museu Histórico de Londrina

NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (UEL)

UEL – Universidade Estadual de Londrina

SU MÁ RIO

Apresentação _____ *7*

1 Introdução _____ *31*

2 O Conjunto Central até 1976 _ *46*

**3. A Criação de um Novo Centro
com o “Projeto Centro”** _____ *59*

**3.1 Projeto Centro – Jaime Lerner
(1977)** _____ *60*

3.1.1 Praça Gabriel Martins ____ *78*

**3.1.2 Praça Marechal Floriano
Peixoto** _____ *81*

3.1.3 Praça Willie Davids _____ *83*

3.1.4 Praça Primeiro de Maio ____ *89*

3.1.5 Bosque _____ *93*

3.1.6 Praça Sete de Setembro _ *95*

3.1.7 Equipamentos _____ *99*

**3.2. Implementação do Projeto
Centro (1977–1979)** _____ *113*

**4 Continuidades e
Descontinuidades do Projeto
Centro (1980–1998)** _____ *144*

**4.1 Continuidades do Projeto
Centro** _____ *146*

**4.1.1 Primeiro Mandato Belinati
(1977–1981)** _____ *147*

**4.1.1.1 Ampliação do calçadão
na rua Sergipe (1981)
– executada** _____ *147*

**4.1.1.2 Criação dos sanitários das
Praças Willie Davids e
Marechal Floriano Peixoto –
executada** _____ *149*

**4.1.1.3 Praça Sete de Setembro
(1982) – executada** _____ *152*

**4.1.2 Segundo Mandato Belinati
(1989–1992)** _____ *159*

**4.1.2.1 Ampliação do Calçadão da
avenida Paraná (1991)
– executada** _____ *159*

**4.1.2.2 Praça Primeiro de Maio
(1989) – não executada** _____ *161*

4.1.2.3 Bosque – Zerinho (1991) – parcialmente executado _____ 170

4.1.3 Terceiro Mandato Belinati (1997–2000) _____ 176

4.2 Descontinuidades do Projeto Centro _____ 180

4.2.1 Prefeito Wilson Rodrigues Moreira (1983–1988) _____ 183

4.2.1.1 Alterações no Calçadão da avenida Paraná – trecho das Praças Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids (1984) _____ 184

4.2.1.2 Praça Sete de Setembro (1983) – executada _____ 200

4.2.1.3 Proposta de alteração da Praça Primeiro de Maio (1987) – não executada _____ 203

4.2.1.4 Proposta de alteração do Bosque (1988) – não executada _____ 205

4.2.2 Prefeito Luiz Eduardo Cheida (1993–1996) _____ 218

4.2.2.1 Calçadão da avenida Paraná (1993) – executado _____ 218

4.2.2.2 Praça Marechal Floriano Peixoto (1996) – executada _____ 225

4.2.2.3 Bosque – levantamento (1996) – executado _____ 227

4.2.2.4 Praça Primeiro de Maio (1996) – instalação temporária executada _____ 232

4.2.2.5 Praça Sete de Setembro (1996) – não executada _____ 234

4.2.2.6 Praça Primeiro de Maio – não executada _____ 235

4.3 Considerações finais sobre o Projeto Centro _____ 238

5 O Calçadão, as Duas Praças e o Bosque em iniciativas de valorização como objetos singulares (2000–2024) _____ 242

5.1 Praça Sete de Setembro (2000–2003) _____ 246

5.2 Praça Primeiro de Maio – criação do Memorial do Pioneiro (2006–2007) _____ 250

5.3 Calçadão (2002, 2003, 2007, 2011) _____ 261

5.3.1 Manutenção do Calçadão _____ 261

5.3.2 Trecho 4 – Praça Marechal Floriano Peixoto (2003–2004) _____ 263

5.3.3 Renovação do Calçadão x Preservação do trecho 5 (2011–2025) _____ 267



5.3.3.1 Projeto de revitalização dos trechos 1 a 4 do Calçadão em 2011: transformações formais e rupturas com a paisagem histórica _____	267
5.3.3.2 Projeto de restauro do trecho 5 – Praça Willie Davids _____	293
5.4 Bosque (2004–2024) _____	308
5.5 Considerações finais sobre as iniciativas de valorização _____	330
6 Situação Atual (2025) _____	331
6.1 Praça Gabriel Martins _____	339
6.2 Praça Marechal Floriano Peixoto _____	348
6.3 Praça Willie Davids _____	358
6.4 Praça Primeiro de Maio _____	367
6.5 Bosque Marechal Cândido Rondon _____	377

6.6 Praça Sete de Setembro _____	399
6.7 Considerações finais sobre a situação atual das Praças _____	409
7 Legislação e Valores Culturais _____	410
7.1 Relação com a lei – área envoltória _____	412
8 Diretrizes e Recomendações _____	413
8.1 Recomendações para o Conjunto _____	413
8.2 Recomendações específicas _____	414
8.2.1 Praça Gabriel Martins _____	416
8.2.2 Praça Marechal Floriano Peixoto _____	419
8.2.3 Praça Willie Davids _____	422
8.2.4 Praça Primeiro de Maio _____	425

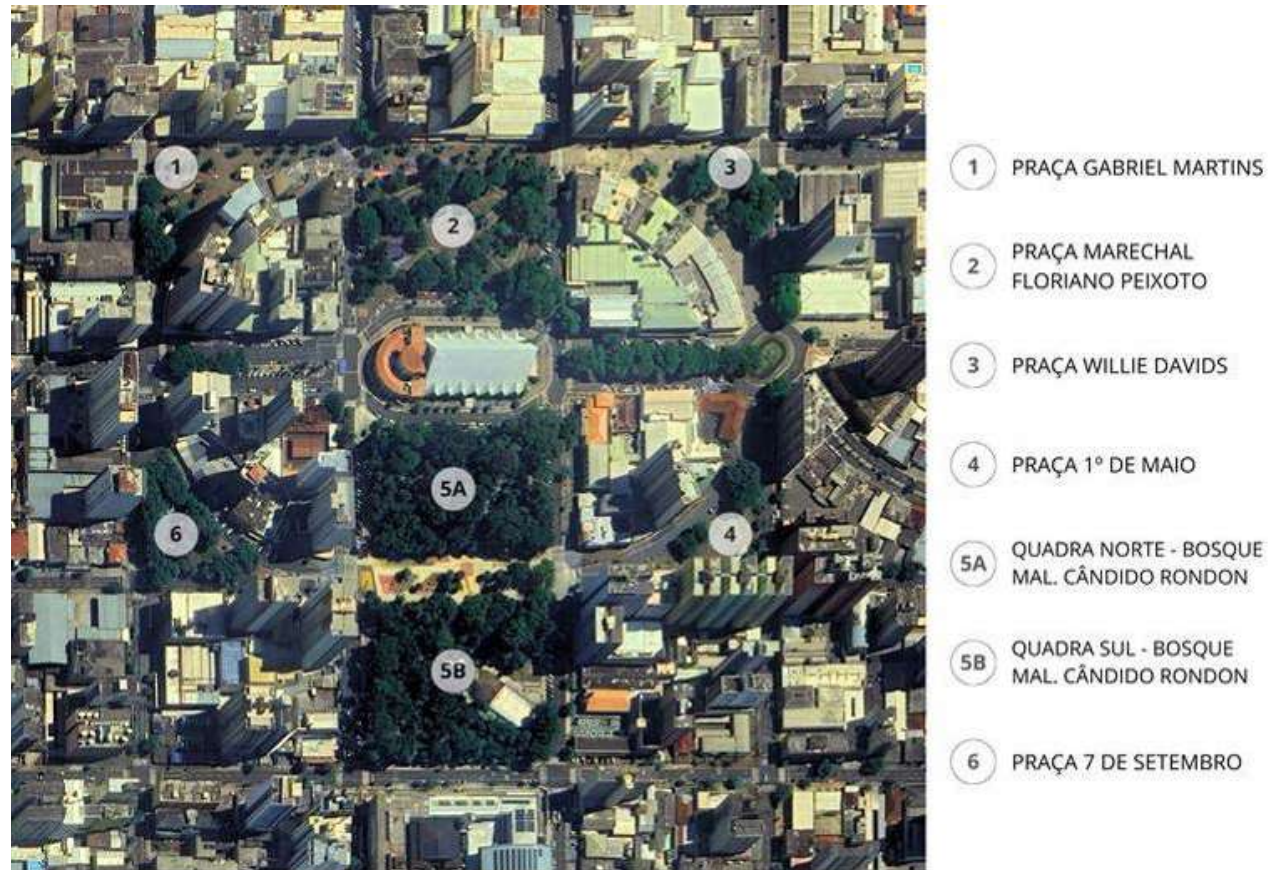
8.2.5 Bosque _____	428
8.2.6 Praça Sete de Setembro _____	431
8.3 Área envoltória/entorno _____	434
Referências _____	438



1 *Introdução*

O bem cultural em análise neste estudo técnico é o conjunto urbano formado, em sentido horário, pelos seguintes logradouros: (1) Praça Gabriel Martins, (2) Praça Marechal Floriano Peixoto, (3) Praça Willie Davids, (4) Praça Primeiro de Maio, (5) Bosque Marechal Cândido Rondon e (6) Praça Sete de Setembro. Esses espaços públicos foram previstos no Plano Inicial da cidade, elaborado em 1932. Para fins de clareza e objetividade ao longo do Estudo, esse conjunto será referido como “Conjunto Central” [Fig. 1].

Figura 1 – Vista aérea do Conjunto Central



Fonte: Google Earth (2025), modificado pelos autores.

O Pedido de Tombamento referente ao bem imóvel em questão, está fundamentado nos termos da Lei n.º 11.188, de 19 de abril de 2011 (Londrina, 2011), com as modificações introduzidas por leis e decretos nos anos de 2014, 2015 e 2017. De acordo com o artigo 80 do Decreto Municipal n.º 220 de 2017, este estudo técnico complementar visa fornecer um “valor documental de subsídio à deliberação sobre a Listagem

e Tombamento de bens, assim como para recomendações técnicas à proteção e conservação de bens de interesse de preservação” (Londrina, 2017, p. 46). Para sintetizar os pontos principais deste Estudo e facilitar seu acesso ao público, serão disponibilizadas fichas de inventários dos bens na camada “Cultura” do Sistema de Informação Geográfica de Londrina (Siglon).

Este estudo técnico baseia-se em informações presentes na Solicitação de Tombamento, além de publicações em livros e artigos científicos, documentos iconográficos, registros em áudio e vídeo e levantamento *in loco* das características atuais do bem.

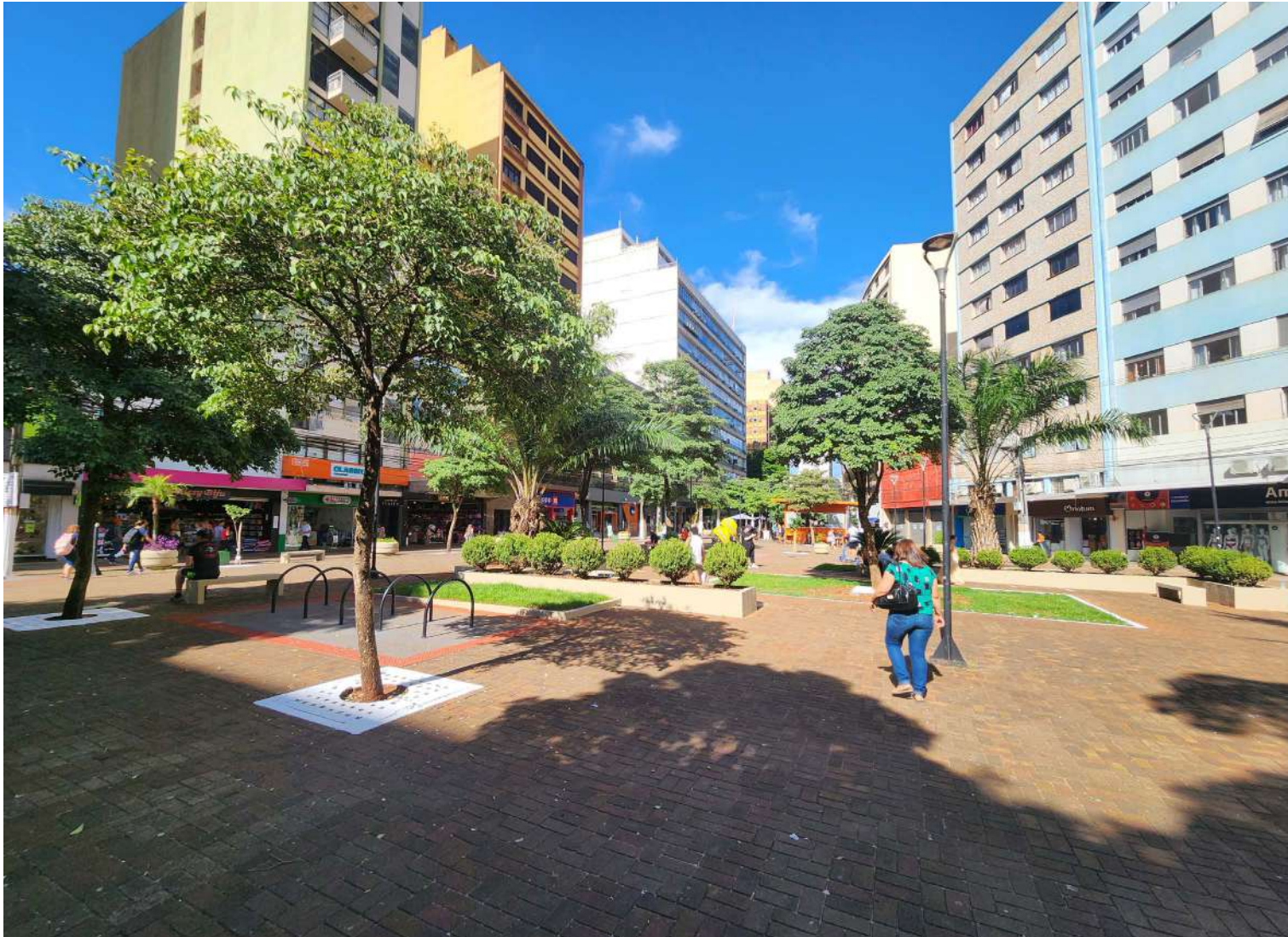
A solicitação de tombamento foi protocolada em 19 de julho de 2024 por Marcos Parisotto. Além do conjunto mencionado, o requerimento incluiu o Anfiteatro Jonas Dias Martins, também conhecido como Anfiteatro do Zerão. No entanto, devido à sua localização distante e à falta de contribuição para a visão integrada das praças situadas na área central de Londrina, optou-se por concentrar a análise exclusivamente nos logradouros referenciados acima. O exame técnico relacionado ao Anfiteatro do Zerão foi postergado para um momento mais oportuno.

Dessa forma, o Estudo técnico aborda cinco praças e o Bosque, todos situados na região central e na área urbana inicial de Londrina. Apesar de o foco principal serem os valores patrimoniais do conjunto

como um todo, torna-se indispensável uma compreensão preliminar acerca de cada um dos elementos individualmente, conforme se expõe a seguir.

A **Praça Gabriel Martins** [Fig. 2] está localizada no cruzamento da avenida Paraná com a rua Professor João Cândido. A respeito da Praça Gabriel Martins, a solicitação destaca que esta integra o conjunto das quatro praças que compõem a elipse central de Londrina, sendo parte do Calçadão desde a década de 1970. Além disso, “o nome da praça homenageia o primeiro médico a desenvolver atividades sanitárias em Londrina ao assumir, em 1939, o Posto de Higiene da cidade” (Parisotto, 2024).

Figura 2 – Praça Gabriel Martins



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

A **Praça Willie Davids** [Fig. 4] situa-se no cruzamento das ruas Minas Gerais e Maranhão. Leva o nome de Willie da Fonseca Brabazon Davids, primeiro prefeito eleito de Londrina (1936–1940) e ex-diretor da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), figura de grande importância política nos anos iniciais do município. A praça recebeu o nome de Willie Davids possivelmente após seu falecimento, no ano de 1944.

Assim como a Praça Gabriel Martins, a solicitação destaca sua condição de integrante do conjunto de praças que compõem a elipse central de Londrina, além de sua incorporação ao Calçadão desde a década de 1970. Contudo, acrescenta-se a relevância histórica da Praça por ser reconhecida como a primeira criada na cidade e ter se tornado logo em seu início o “centro financeiro da cidade”:

Integrante do conjunto de quatro praças que compõem a elipse central do traçado original de Londrina. Foi a primeira praça criada na cidade e desde a década de 1970, é parte integrante do Calçadão. Tornou-se já nos primeiros anos da colonização um centro financeiro da cidade pela localização de diversas instituições econômicas no seu entorno. Sua denominação homenageia o engenheiro e político Willie Davids (1893-1944), um dos propulsores da colonização do norte do Paraná através da Companhia de Terras (Parisotto, 2024).

Figura 4 – Praça Willie Davids



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

A **Praça Primeiro de Maio** [Fig. 5] está delimitada pelas ruas Senador Souza Naves, Piauí e Maestro Egídio Camargo do Amaral. O nome homenageia o Dia Internacional do Trabalhador, celebrado no primeiro dia do mês de maio. Além disso, é conhecida por ser o local onde se encontra a Concha Acústica, construída para ser um espaço de manifestação cultural, inaugurada em 1º de maio de 1957:

Foi projetada juntamente com o plano inicial para o traçado da cidade de Londrina, sendo ela uma das praças que constituem o desenho elipsoidal do centro. Além disso, a praça foi o primeiro “terminal” rodoviário da cidade.

No final da década de 1950, foi construída na praça a Concha Acústica, que foi projetada e executada pelo engenheiro civil José Augusto Queiroz, que desde sua inauguração até os dias atuais abrigou manifestações culturais populares e políticas.

O local ainda possui configuração de praça, embora possua pouca área coberta por vegetação. A Praça 1º de maio é de suma importância, pois integra o conjunto de quatro praças que compõem a elipse central do traçado original de Londrina (Parisotto, 2024).

Figura 5 – Praça Primeiro de Maio



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

O **Bosque Marechal Cândido Rondon** [Fig. 6] encontra-se delimitado pelas avenidas Rio de Janeiro e São Paulo, pelas ruas Piauí e Pará e pela travessa Padre Bernardo Greiss. Em contraste com as praças, definidas como “lugar aberto e espaçoso, em geral cercado de edifícios; largo” e “lugar público onde se compram mercadorias postas à venda; feira, mercado” (Michaelis, 2025b), os bosques possuem uma definição distinta: “área vegetal, não muito extensa, onde predominam arbustos e árvores, geralmente resultante da diminuição de florestas; capão, capuão, floresta, selva [...]” e “terreno coberto por esse tipo de vegetação” (Michaelis, 2025a). Essa distinção reforça sua função ambiental e paisagística, consolidando-o como um refúgio natural no tecido urbano.

Sua relevância ecológica foi inicialmente reconhecida pelo Código Ambiental do Município de Londrina (Lei n.º 11.471/2012), que o declarou como Área de Preservação Permanente (APP). Posteriormente, a Lei n.º 12.998/2019 alterou essa classificação, designando-o como Jardim Bosque — mantendo, porém, restrições à construção de vias públicas no local, a fim de preservar sua integridade. A legislação permite a manutenção de equipamentos existentes e a instalação de novos, desde que vinculados a atividades culturais, de lazer e em conformidade com as diretrizes ambientais municipais (Londrina, 2019).

A solicitação exalta o valor ambiental local, como principal área verde e APP, acrescentando principalmente o seu valor coletivo, com a instalação de outros equipamentos de lazer e esporte, monumentos e placas comemorativas:

Importante espaço público configurando a principal área verde do centro da cidade, com área doada pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Na década de 1950 o espaço era também composto por viveiros, parque infantil, quadras e vestiários. Em 1971, foi instalado o terminal urbano de transporte coletivo que funcionou até 1978. Possui em seu interior vários monumentos e placas comemorativas. Em 2012 foi transformado em Área de Preservação Permanente, através da Lei Municipal nº 11.471/2012 (Parisotto, 2024).

Figura 6 – Bosque Marechal Cândido Rondon



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

A **Praça Sete de Setembro** [Fig. 7] é delimitada pelas ruas Professor João Cândido, Piauí e Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho. Dentre os principais valores ressaltados na solicitação, está novamente o fato de ser uma das quatro praças integrantes da elipse central do traçado original da cidade e de abrigar um monumento que homenageia o Papa Pio XII junto da estátua da Imaculada Conceição, padroeira de Londrina (Parisotto, 2024).

Figura 7 – Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

Após a apresentação de cada praça, a solicitação fundamenta a necessidade do tombamento do conjunto, estabelecendo conexões com dois importantes momentos históricos: o início de Londrina, marcado pela criação do desenho urbano da cidade, e o processo de desenvolvimento cultural, refletido na criação de seus espaços culturais, como a Concha Acústica, localizada na Praça Primeiro de Maio. Por fim, destaca-se como os elementos, que compõem a história de Londrina, integram a memória coletiva dos londrinenses, reforçando, portanto, a importância de sua preservação:

Justificativa:

O traçado elipsoidal por si só já é justificado sua preservação, sendo as linhas iniciais de nossa cidade.

A Concha Acústica e Anfiteatro do Zerão edificação são pontos fortes da cultura londrinense não podendo ser esquecidas ou delapidado pelo abandono, os locais estando a alguns anos sem uso efetivo, necessitando de uma reforma e agenda de uso.

Por ser parte de uma memória afetiva deste contribuinte e de muitos outros de Londrina e região venho solicitar seu tombamento para sua preservação (Parisotto, 2024).

Ademais, é necessário ressaltar que, por estar localizado no coração do Centro Histórico de Londrina, o Conjunto Central margeia a Catedral e está inserido no entorno de importantes edifícios icônicos, como o Cine Teatro Ouro Verde e a Secretaria da Cultura (antiga Casa da Criança), ambos concebidos pelo renomado arquiteto Vilanova Artigas, assim como o antigo Fórum Municipal, todas obras atualmente tombadas.

Sendo assim, sob a perspectiva urbano-arquitetônica, considerando sua localização e sua relação com o planejamento inicial de Londrina, destaca-se sua relevância no contexto local, tanto histórico quanto atual. Ainda, do ponto de vista paisagístico e botânico, o conjunto se sobressai devido aos maciços vegetativos densos e de grande porte, que apresentam uma rica diversidade de espécies.

Ao analisar o recorte do bairro central, por meio do plano de massas [Fig. 8], observa-se que o conjunto das praças e áreas institucionais de acesso público apresenta o maior adensamento de espécies vegetativas de todo o bairro. Essas características não apenas cumprem um papel ambiental, ao servir de abrigo para a fauna urbana e de microclima da região de entorno, como também reforçam seu valor sociocultural, compondo a paisagem central e a memória coletiva de Londrina.

Figura 8 – Vista aérea com perímetro do bairro central e plano de massas vegetativo



Fonte: Google Earth (2025), modificado pelos autores.

Considerando a relevância do Conjunto Central, formado pelas quatro praças da Elipse (Praça Gabriel Martins, Praça Willie Davids, Praça Primeiro de Maio e Praça Sete de Setembro), a Praça Marechal Floriano Peixoto e o Bosque Marechal Cândido Rondon para a cidade de Londrina, e destacando o objetivo principal do presente estudo técnico de analisá-lo em sua totalidade, sem a pretensão de aprofundamento nos aspectos específicos de cada elemento individualmente, optou-se por explorá-lo em cinco momentos principais que norteiam a compreensão dos valores patrimoniais do Conjunto para a história de Londrina, nem sempre se mantendo rigidamente em datas específicas:

1. a criação das praças e do Bosque no período inicial de Londrina;
2. a consolidação do Conjunto com suas funções de espaço público e de equipamento cultural e de lazer;
3. a criação de um novo centro como Imagem, que buscou unificar o Conjunto não apenas funcionalmente, mas visualmente;
4. as rupturas do Conjunto Central na sua forma e função;
5. as cinco Praças e o Bosque, em iniciativas de valorização como objetos singulares.

A análise das transformações pelas quais o Conjunto Central de Londrina passou, desde os primórdios da cidade até as últimas décadas, possibilita a compreensão dos valores que foram perpetuados ao longo do tempo; enquanto outros, embora perdidos, permanecem parcialmente registrados na memória coletiva. Nesse sentido, os três capítulos do Estudo, que compõem o Volume 1 do material do Conjunto Central, dedicam-se à análise dos dois primeiros períodos, que vão desde os anos iniciais de Londrina, na década de 1930, até 1976.

Os outros três períodos, que contemplam desde 1977 até os dias atuais, estão contidos neste Volume 2 do Estudo do Conjunto Central. Ademais, torna-se essencial compreender a configuração atual do Conjunto, sua relação com a legislação de patrimônio de Londrina e as sugestões de diretrizes para sua preservação. Assim, essas questões também foram abordadas nos capítulos finais do Volume 2 do estudo, proporcionando uma visão abrangente e contextualizada.

Embora tenha sido necessário destacar algumas particularidades de cada espaço individualmente, a análise manteve seu foco no valor coletivo do Conjunto como um bem cultural de expressiva relevância patrimonial. Nesse sentido, estudos futuros poderão aprofundar-se em detalhamentos específicos de cada praça, permitindo contribuições significativas para a compreensão mais ampla de sua importância singular.

Adicionalmente, este estudo limitou-se às praças e aos espaços públicos mencionados no pedido de tombamento, excluindo outras praças da área central que também possam apresentar valores patrimoniais relevantes. Um exemplo notável é a Praça Rocha Pombo, já tombada em âmbito estadual, o que evidencia seu reconhecimento como parte do patrimônio cultural.

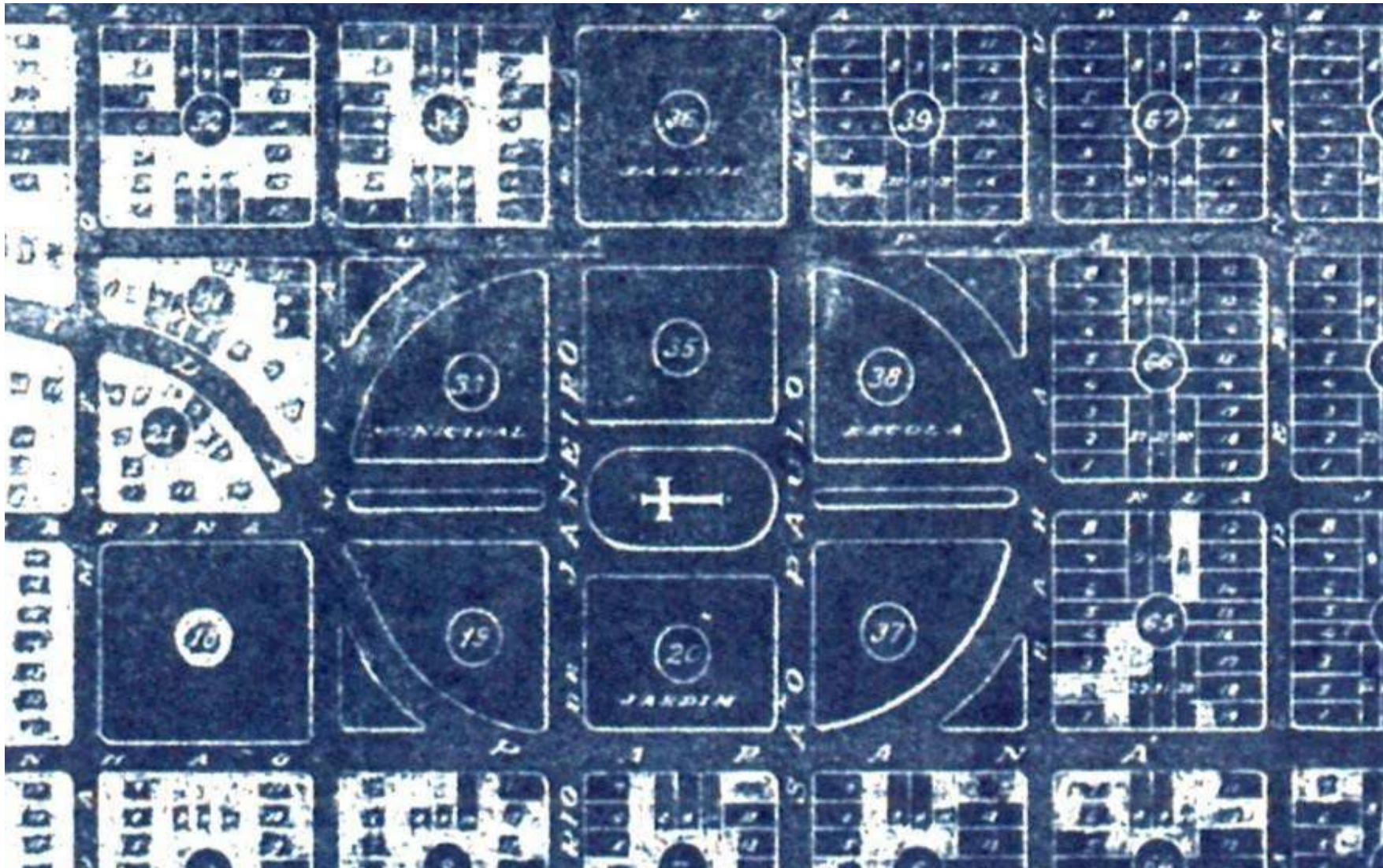
Espera-se com este Estudo, nos seus Volumes 1 e 2, compreender como o Conjunto Central, em sua totalidade, contribui para a formação da identidade local e para a preservação do patrimônio cultural, enfatizando sua relação com o entorno e a conexão desses espaços entre si. Com isso, o estudo evidencia a importância desses locais como elementos indissociáveis da memória urbana, reforçando seu papel como resultado da evolução da cidade e como áreas de convívio e pertencimento para a população, elucidando o Conjunto como representante do patrimônio cultural de Londrina.

2 ④ Conjunto Central até 1976

As análises feitas com detalhamento de documentos, referentes ao Conjunto Central até 1976, foram desenvolvidas no primeiro volume deste Estudo. Neste segundo, retomam-se algumas questões principais para melhor embasamento das discussões seguintes.

A configuração espacial do Conjunto Central foi fortemente influenciada pelo traçado urbano original, marcado pela presença da “elipse” central, pela malha ortogonal do entorno e pelo eixo leste–oeste representado pela avenida Paraná. Na imagem abaixo [Fig. 9], é possível ver a configuração dos quatro triângulos (futuras Praças Gabriel Martins, Willie Davids, Primeiro de Maio e Sete de Setembro), da futura Praça Marechal Floriano Peixoto na quadra 20, denominada “jardim”, e do futuro Bosque (quadras 35 e 26), sendo a quadra 36 também denominada “jardim”, evidenciando a intenção de concentração de vegetação no local.

Figura 9 – Conjunto Central na planta azul, 1932



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

No período inicial de conformação do Conjunto Central de Londrina na década de 1930, observa-se uma predominância de áreas destinadas a espaços abertos no núcleo urbano, caracterizadas, em sua maioria, pela ausência de usos específicos ou de tratamentos formais definidos. A exceção a essa regra era a Praça Marechal Floriano Peixoto [Fig. 10], que apresentava uso mais estruturado como “jardim”, voltado a encontros coletivos, já que estava localizada ao lado da Catedral Metropolitana, conferindo-lhe um caráter paisagístico mais elaborado, inclusive com a presença de um coreto.

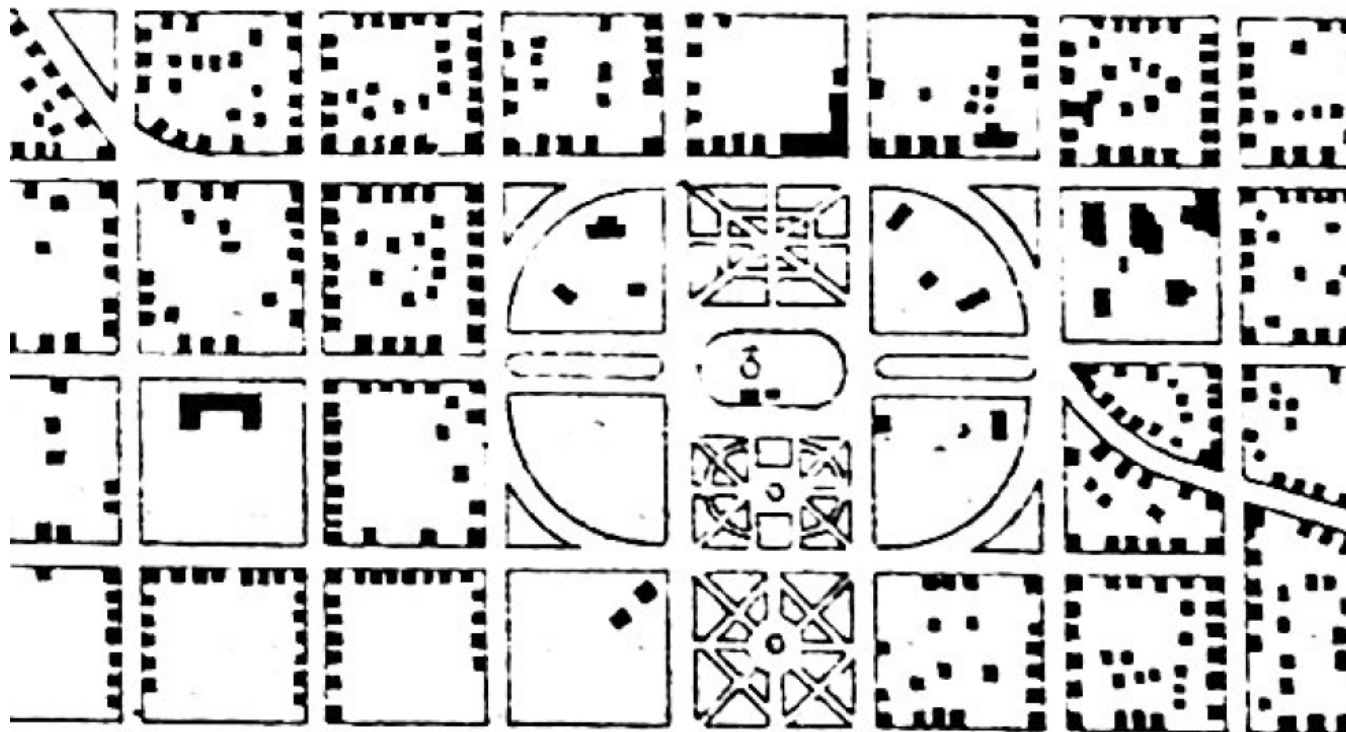
Figura 10 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1938]



Fonte: Acervo do MHL (2025). Foto: Carlos Stenders.

As Praças e o Bosque Marechal Cândido Rondon apresentavam contornos bem definidos desde sua origem, com os primeiros esboços de traçados internos concentrando-se especialmente no eixo central, notadamente na Praça Marechal Floriano Peixoto e no Bosque [Fig. 11]. Os traçados internos iniciais remetem a influência das praças ecléticas de inspiração clássica (francesa) com o uso de geometria e da simetria, caminhos que se cruzam em “cruz”, no caso de Londrina, criando um efeito de asterisco, um ponto focal bem marcado (inicialmente na Praça Marechal Floriano, com a presença de um coreto) e um passeio perimetral que integra os elementos da Praça, com formatos geométricos de retângulo, losango e elipse.

Figura 11 – Representação do conjunto das Praças, detalhe do “Mappa Parcial”, 1939



Fonte: Yamaki (2003, p. 25).

Além disso, destaca-se a utilização estratégica das praças de formato triangular para a implantação de equipamentos urbanos de relevância funcional para a cidade. Exemplos disso são a instalação da antiga Estação Rodoviária, primeiramente na Praça Willie Davids [Fig. 12] e posteriormente na Praça Primeiro de Maio [Fig. 13], evidenciando a importância desses espaços na organização e no funcionamento do centro urbano.

Figura 12 – Segunda Rodoviária de Londrina, 1938



Fonte: Acervo do MHL (2025). Foto: José Juliani.

Figura 13 – Terceira Rodoviária de Londrina, Praça Primeiro de Maio, [193-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Nas décadas de 1940 e 1950, observa-se o processo de consolidação do Conjunto Central de Londrina, marcado pela definição de usos específicos para cada uma das Praças e pela introdução de uma ordenação formal inicial por meio da instalação de equipamentos urbanos, como bancos, luminárias e vegetação ornamental. Esse período representa uma etapa fundamental na estruturação do espaço público central, com a transição de áreas abertas genéricas para espaços com funções urbanas mais definidas.

A Praça Marechal Floriano Peixoto (1943–1945) [Fig. 14] foi a primeira a receber um tratamento paisagístico e funcional mais elaborado, servindo como referência para as intervenções subsequentes, foram inseridas vegetação em topiária, banco com formato “esfera + prancha” (“banco bola”), luminária com uma e três esferas e muro de arrimo com pedras aparentes, além do monumento a bandeira, no centro da Praça. Em seguida, foram objeto de requalificação a Praça Willie Davids ([194-]) [Fig. 15], que manteve um mobiliário similar e piso em *petit pavé*; o Bosque Marechal Cândido Rondon ([194-]) [Fig. 16], que manteve luminária e muro de arrimo similar, com posterior acréscimo de equipamentos de lazer, como viveiro, lago, quadra, parquinho e banheiros ([195-]) [Fig. 17]; a Praça Gabriel Martins ([195-]) [Fig. 18], com luminária e piso em *petit pavé* similar ao da Willie Davids; a Praça Primeiro de Maio, com a criação da

Concha Acústica (1957) [Fig. 19]; e a Praça Sete de Setembro [Fig. 20], com a criação do monumento à Imaculada Conceição (1954).

Figura 14 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [1940]



Fonte: Londrina de antigamente, Facebook (2015).

Figura 15 – Praça Willie Davids, sentido Calçadão para a loja Pernambucanas, final de [194-]



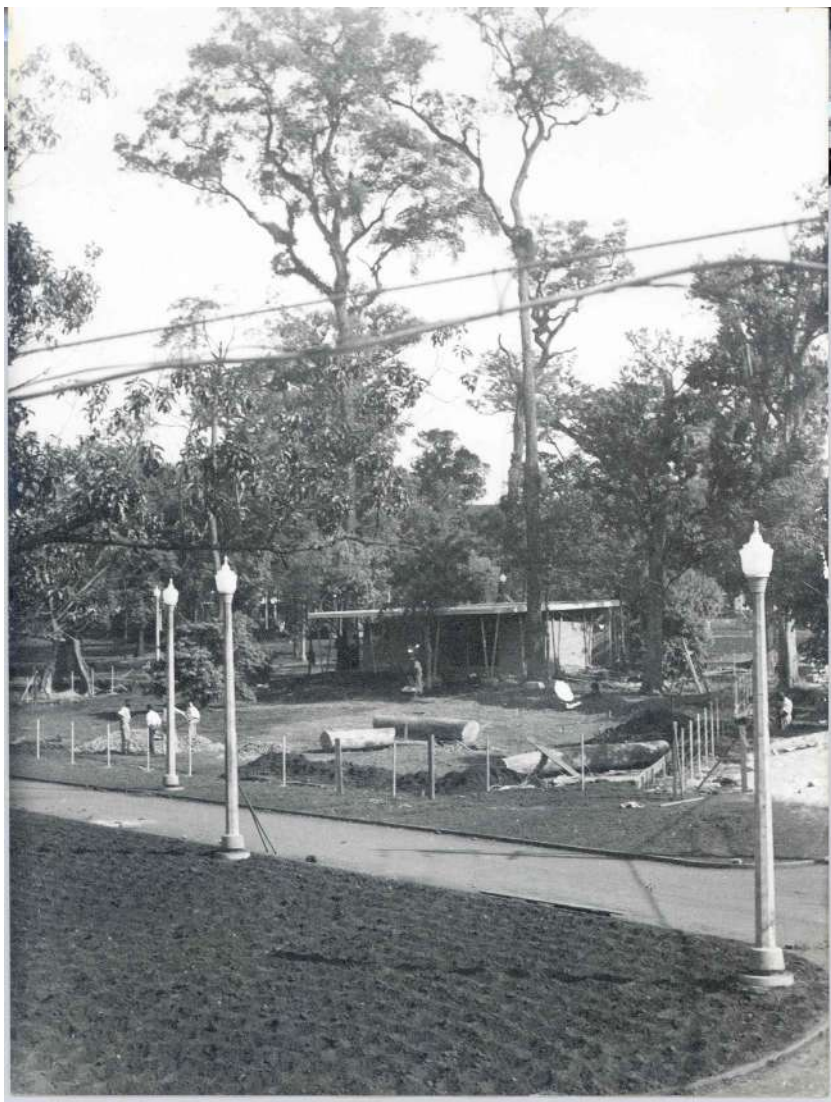
Fonte: Acervo do MHL (2025).

Figura 16 – Bosque Marechal Cândido Rondon com a Catedral ao fundo, [194-]



Fonte: Catedral [...] (2025).

Figura 17 – Obras no Bosque Marechal Cândido Rondon



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Figura 18 – Praça Gabriel Martins, [195-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Figura 19 – Praça Primeiro de Maio, 1957



Fonte: Acervo do MHL (2025). Foto: Oswaldo Leite.

Figura 20 – Monumento da Praça Sete de Setembro, [195-]



Fonte: Siglon, P22 (2017).

Algumas dessas intervenções, especialmente nas Praças situadas ao norte do Conjunto Central — como Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids —, evidenciam uma intenção mais clara de construção de uma identidade visual unificada, com o uso de mobiliário urbano padronizado e elementos paisagísticos recorrentes. Por outro lado, outras receberam intervenções pontuais e menos articuladas entre si, sem a adoção sistemática dos mesmos equipamentos urbanos, o que revela uma abordagem parcial e fragmentada na concepção do Conjunto Central como um sistema integrado de espaços públicos.

Nas décadas de 1940 e 1950, também foram inseridos monumentos, como o busto de bronze em memória do médico Gabriel Martins ([194-]); na Praça Willie Davids, o busto do ex-prefeito Willie Davids (1952); e posteriormente o busto de Abilon Souza Naves implantado na Praça Primeiro de Maio, com a frente voltada para a prefeitura da cidade (1960). Em 1954, foi acrescentado o monumento da Imaculada Conceição de Maria na Praça Sete de Setembro, implantado com o rosto de Maria voltado para a Catedral. O busto da Praça Gabriel Martins não foi encontrado em imagens e documentos, constando apenas o relato de reportagens.

A década de 1960 foi marcada por uma série de levantamentos da situação das Praças e do Bosque, com a localização dos

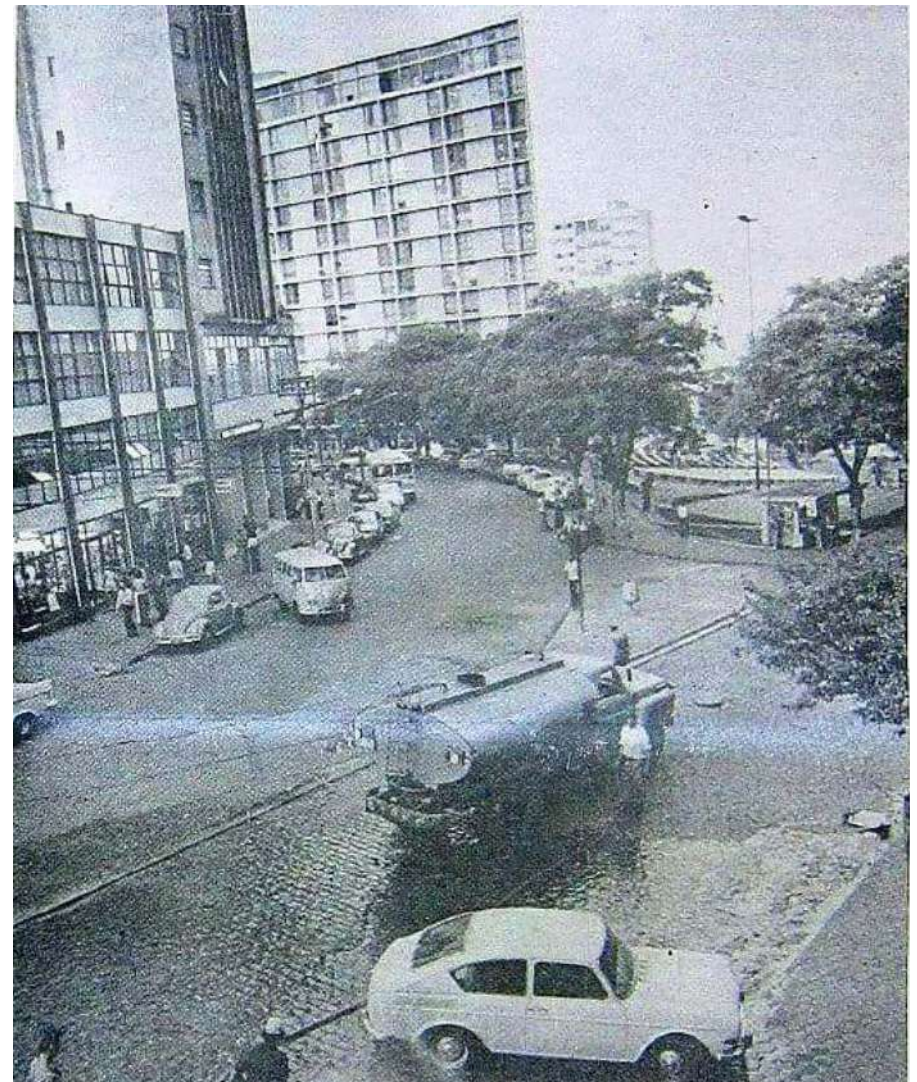
equipamentos, luminárias e topografia. Os levantamentos foram essenciais não apenas para o conhecimento da situação do Conjunto Central, como também para a reflexão de possíveis intervenções nos locais. Dessa forma, no final da década de 1960 e no início da década de 1970, deu-se início uma série de intervenções pontuais, com a inserção do Terminal Urbano no centro do Bosque ([197-]) [Fig. 21], mudanças no canteiro da Praça Primeiro de Maio, com inserção de muretas curvilíneas ([197-]) [Fig. 22] e renovação no traçado, piso e mobiliário da Praça Gabriel Martins, com a intenção inicial de se criar um calçadão (1976) [Fig. 23].

Figura 21 – Terminal de ônibus na rua interior do Bosque, [197-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Figura 22 – Praça Primeiro de Maio, 1975



Fonte: Londrina de antigamente, Facebook (2018). Foto: Carlos Ribeiro.

Figura 23 – Praça Gabriel Martins, [197-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

Dessa forma, o Conjunto Central foi acompanhando o desenvolvimento de Londrina, tendo os seus limites iniciais traçados desde a primeira planta da cidade em 1932, sendo aos poucos apropriado pelos usos cotidianos da cidade, alcançando valores que extrapolam o utilitário, agregando valores simbólicos e de memória. Em relação às características formais do Conjunto, a permanência maior se deu no contorno das quadras de cada local e na vegetação

de grande porte, como árvores. As luminárias de um e três globos inseridas nas quadras alocadas ao norte do Conjunto Central acompanharam o perfil da cidade, desde a década de 1940 até a intervenção de 1976. Já as luminárias de um globo, com acabamento distinto, que marcam as Praças alocadas ao sul do Conjunto Central, inseridas na década de 1950, permaneceram até as intervenções das décadas de 1980.

3. A Criação de um Novo Centro com o “Projeto Centro”

Na década de 1960, Londrina enfrentou significativas transformações climáticas, que resultaram na migração de trabalhadores rurais para a área urbana, ocasionando um rápido crescimento populacional. Em 1968, foi realizado o Primeiro Plano Diretor do município, com o objetivo de estruturar um planejamento e mitigar os problemas urbanos (Bortolotti, 2007). Embora o Plano definisse o centro de Londrina e propusesse um eixo cívico-administrativo integrando o Bosque, a Catedral, o centro administrativo e a estação ferroviária, sua implementação foi parcial.

Na década de 1970, a reestruturação do Conjunto Central passou a considerar aspectos fundamentais da mobilidade urbana, incluindo a organização do trânsito, a adaptação dos transportes públicos, a ampliação das áreas destinadas aos pedestres e a crescente demanda por espaços de estacionamento. Como resposta a essas necessidades, foram implementadas ações pontuais visando ao aprimoramento da infraestrutura urbana. Essas intervenções envolveram modificações pontuais na Praça Primeiro de Maio, a introdução de equipamentos como o Terminal Urbano no Bosque e a renovação da Praça Gabriel Martins, contribuindo para a intenção inicial de se criar um calçadão.

As intenções de tratamento da área central tiveram seu ápice no plano denominado “Projeto Centro”, com a proposta inicial do arquiteto e urbanista Jaime Lerner e a criação do Calçadão. O projeto foi parcialmente implantado com alterações pontuais nos anos subsequentes, mas impactou profundamente a identidade pré-estabelecida e futura do Conjunto Central. Dessa forma, além do reordenamento nos usos locais, o novo Centro trouxe um tratamento unificado no mobiliário urbano e buscou criar visualmente a unidade das principais áreas coletivas do Centro Histórico de Londrina.

Para uma compreensão aprofundada do “Projeto Centro” arquitetado por Jaime Lerner e das ações efetivamente realizadas, este capítulo será estruturado em duas seções analíticas. A primeira examina a proposta elaborada por Lerner para a cidade de Londrina, com base na análise de documentos de sua autoria encontrados nos acervos do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina – IPPUL (2025), Instituto Jaime Lerner (2025) e Cadastro Imobiliário Municipal e reportagens locais. A segunda seção concentra-se no processo de implementação do Projeto Centro entre os anos de 1977 e 1979, por meio da análise de documentos oficiais que subsidiaram a execução do projeto, incluindo desenhos técnicos provenientes do Cadastro Imobiliário Municipal e reportagens veiculadas na imprensa local.

3.1 Projeto Centro – Jaime Lerner (1977)

O Projeto Centro foi concebido em 1977 pelo arquiteto e urbanista Jaime Lerner. Os documentos originais que compõem essa proposta foram localizados em três acervos distintos: o do IPPUL (2025), que contém uma cópia do material cedido pelo Museu Histórico de Londrina em 2016, o acervo do Instituto Jaime Lerner (2025) e o do Cadastro Imobiliário Municipal (2025). Observam-se

divergências entre os documentos, tanto nos desenhos apresentados quanto nos conteúdos textuais. O acervo do IPPUL inclui um memorial descritivo acompanhado de textos explicativos e desenhos esquemáticos, enquanto os documentos do Instituto Jaime Lerner e do Cadastro Imobiliário Municipal disponibilizam pranchas avulsas com representações gráficas de determinadas áreas do Conjunto Central. Complementarmente, foram examinadas reportagens jornalísticas que documentam a aproximação de Jaime Lerner com o poder público municipal e a recepção da sociedade londrinense às propostas iniciais, especialmente no que se refere à criação do Calçadão.

Conforme destacou Humberto Yamaki, a relação da avenida Paraná com a implantação de uma rua de pedestres tem seus primórdios nos anos iniciais de Londrina, com o aviso da proibição de trânsito de veículos, em 1938, entre os trechos da avenida Rio de Janeiro e São Paulo aos domingos e feriados: “A fim de que os pedestres possam transitar livremente no principal ponto de passeio da cidade, aos domingos e feriados, fica proibido o trânsito de veículos na Av. Paraná, no trecho entre Av. Rio de Janeiro e São Paulo” (Yamaki, 2006, p. 52).

Em 1975, iniciou-se o projeto de reorganização urbana do centro de Londrina, com foco na criação de áreas exclusivas para pedestres em trechos adjacentes às quatro Praças que compõem a elipse central:

Gabriel Martins, Willie Davids, Primeiro de Maio e Sete de Setembro. Além da reorganização do espaço urbano, o projeto contemplava a instalação de estruturas voltadas à promoção cultural e turística, como bancas de informações turísticas, exposições artísticas e lanchonetes, conforme mencionado em registros da época (Guedes, 2012, p. 62). Essas iniciativas buscavam fortalecer a identidade urbana, fomentar o uso coletivo dos espaços públicos e promover maior integração social na região central da cidade.

Para iniciar a implementação das ações, em 1976, o poder público fez duas pesquisas sobre a possibilidade oficial de fechamento da avenida Paraná para uso de veículos. Uma pesquisa foi realizada entre as ruas Professor João Cândido e Rio de Janeiro, e 73,06% dos entrevistados foram favoráveis ao fechamento da avenida. A segunda pesquisa focou a área próxima à Praça Gabriel Martins, como uma “área piloto de Renovação Urbana Central” e teve 79,50% de aprovação (Inventário [...], 2016, p. 1-2).

Entre os motivos de aprovação dos dois relatórios, estavam argumentos como “humaniza a cidade, segurança para pedestre e para crianças brincarem” e “progresso, pois toda cidade que cresce tem que dar lugar ao pedestre” (Inventário [...], 2016, p. 3-4). Já os motivos de reprovação estavam voltados principalmente para questionamentos sobre a circulação e o estacionamento de veículos.

Além disso, os relatórios de pesquisa de 1976 apresentavam sugestões significativas como o “embelezamento do trecho (como a rua das Flores)”, o “fechamento até o Cine Ouro Verde” e “sanitários, plantas, piso nivelado, alguns quiosques” (Inventário [...], 2016, p. 3-4), sugestões que seriam posteriormente atendidas no projeto oficial de Jaime Lerner para a revitalização da área.

As pesquisas culminaram com uma ação pontual de “remodelamento” da Praça Gabriel Martins. Na reportagem da *Folha de Londrina*, de 9 de novembro de 1976, afirma-se que com a coordenação do arquiteto grego Panayote Saridakis, a Praça Gabriel Martins receberia um “novo calçadão”, com cimento colorido e desenhos relacionados ao café, “Tendo o amarelo como a cor básica, o revestimento da praça conterà desenhos de folhas de café e flores nas cores verde, vermelho e preto” (Calçadão [...], 1976). Para a criação do novo piso e a instalação de estrutura pluvial e elétrica que daria assistência para a implantação de novos equipamentos, como postes de iluminação e bancos, assim como equipamentos de “atração popular”, como lanchonetes, bancas de informações turísticas e cabines telefônicas, “o revestimento original foi removido” (Calçadão [...], 1976).

Imagens do período mostram a implementação da remodelação da Gabriel Martins com a renovação do piso e mobiliário urbano,

inclusive com a inserção de um quiosque novo com formato retangular [Fig. 24]. Os projetos originais das mudanças realizadas na Praça Gabriel Martins não foram encontrados.

Figura 24 – Praça Gabriel Martins, [197-]



Fonte: Acervo do MHL (2025).

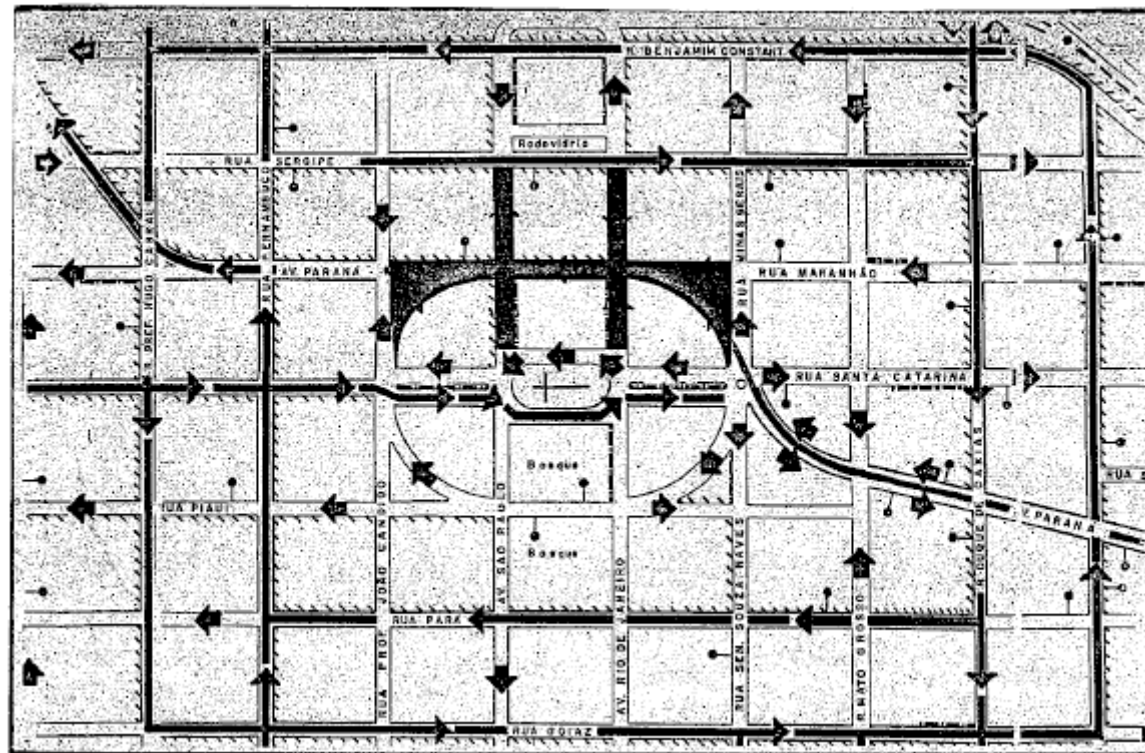
A gestão do então prefeito José Richa terminou no ano de 1976, junto com a inauguração da Praça Gabriel Martins, e em 1977 deu-se início ao primeiro mandato do prefeito Antonio Belinati (1977–1982). Com a mudança do governo, manteve-se a intenção da criação do

Calçadão, ao redor das Praças da elipse, no centro da cidade. No entanto, houve mudança substancial no projeto de intervenção nessas áreas e em como deveria ser realizada a implantação dos quiosques e demais mobiliários urbanos.

Em fevereiro de 1977, duas reportagens da *Folha de Londrina* tratam do fechamento temporário em um final de semana da avenida Paraná entre as ruas Minas Gerais e professor João Cândido. Na primeira reportagem, de 12 de fevereiro, o engenheiro Romeu Demate, secretário de urbanismo, obras e viação, argumentou a importância da ação devido à “necessidade de recuperação do centro da cidade ao grande público, oferecendo atrativos e segurança”, e complementou “[...] que o plano também faz parte dos estudos preliminares para atender a racionalização de uso de combustíveis”, que faria parte “do plano nacional de racionalização de combustíveis” (Londrina [...], 1977). Essa recomendação, segundo o próprio secretário, seria nacional “[...] no sentido de se afastar tanto quanto possível o tráfego da área central” (Av. [...], 1977), com determinação do Conselho Nacional do Petróleo (Centro [...], 1977).

Já a reportagem de 15 de fevereiro, dia seguinte ao início do fechamento das ruas, mostrou uma imagem com a demarcação hachurada das ruas fechadas e como se configuraria o trânsito de veículos [Fig. 25].

Figura 25 – Reportagem da *Folha de Londrina* sobre fechamento temporário da avenida Paraná, 15 de fevereiro de 1977



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Outra informação importante que a segunda reportagem trouxe é a de que essa ação não foi impulsionada apenas pelos órgãos municipais, mas que estes contavam com “[...] assessoria do arquiteto e urbanista Jaime Lerner, ex-prefeito de Curitiba” e que ele iria desembarcar naquele mesmo dia em Londrina, às 15 horas, para discutir o assunto do Calçadão e “outros problemas urbanísticos com o prefeito Antonio o Belinati” (Av. [...], 1977). Por fim, a reportagem destacou a relação de Jaime Lerner com a criação da rua das Flores — implementada em Curitiba pelo urbanista, quando da sua gestão como prefeito (1971–1975), enfatizando a importância da criação de ruas de pedestres com equipamentos de atração

popular. Ademais, a visita de Lerner também serviria para auxiliar na análise do comportamento público com o fechamento temporário das ruas, a fim de um “eventual fechamento definitivo” (Av. [...], 1977).

Alguns meses depois da vinda inicial de Jaime Lerner para Londrina, foi finalizado, em maio de 1977, um documento para a prefeitura de Londrina de título “Cidade de Londrina. Revitalização da Área Central” [Fig. 26]. A apresentação ressaltou que o documento iria além de um “plano de circulação” para Londrina, mas a possibilidade de realizar um “Programa de Revitalização” que incluiria “espaços destinados ao uso exclusivo de pedestres, o seu equipamento e a sua ocupação, até a montagem de uma estrutura permanente de animação que venha a valorizar os pontos de encontro tradicionais da cidade” (Cidade [...], 1977, p. 3).

Figura 26 – Revitalização da Área Central, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

O documento, que tem em torno de cinquenta páginas, apresenta no primeiro capítulo “A estrutura da Área Central de Londrina”, com observações relevantes do contexto londrinense e propostas de reestruturação da circulação de veículos individuais e coletivos na área central, e a criação de setores exclusivos para pedestres. As propostas específicas para as áreas de pedestres são defendidas no segundo capítulo, denominado “Criação e Revitalização

de Pontos de Encontro”, abordando quatro temas: os pontos de encontro, a infraestrutura básica, o piso e os equipamentos. Por fim, o volume apresenta no capítulo três os aspectos financeiros; aspectos complementares são apresentados no quarto capítulo, fechando com a conclusão no quinto capítulo e os anexos com os desenhos iniciais da criação do Calçadão na área central, com implantação e detalhes dos equipamentos a serem implantados.

Em relação ao conteúdo do primeiro capítulo do documento, foram reforçadas a situação em que se encontrava a área central de Londrina e os seus conflitos. A região era marcada por um intenso fluxo de pessoas e de veículos, visto que os automóveis circulavam por toda a área central e havia um terminal de ônibus “construído dentro de um bosque, [que] faz convergir todas as 20 linhas do transporte coletivo para o seu interior” (Cidade [...], 1977, p. 5). Os conflitos entre os fluxos incluíam “acidentes de trânsito, congestionamento, consumo desnecessário de combustíveis”, além da necessidade cada vez maior de uma área voltada a veículos, como estacionamento, enquanto poucos espaços estavam disponíveis para o uso dos pedestres e lazer da população.

Para resolver os problemas citados, o documento apresentou, ainda no primeiro capítulo, a solução da criação de um anel central que ordenaria a circulação de veículos, inclusive com remanejamento de

linhas a partir de um plano de circulação maior para a reestruturação urbana. A proposta seria dificultar o acesso de veículos individuais na área central, enquanto os ônibus iriam circular em “pistas exclusivas às linhas de maior carregamento”, que funcionariam como diametrais e parariam em “pontos de paradas localizados juntos às áreas de pedestres, possibilitando total integração entre as diversas linhas” (Cidade [...], 1977, p. 5).

Essa ação permitiria a retirada do terminal de ônibus do centro do Bosque, possibilitando que fosse utilizado como área de lazer, e a criação de setores de uso exclusivo de pedestres com “piso uniforme, equipamentos (coberturas, luminárias, floreiras, lixeiras)” com “atividades que lhe confirmam animação”. Além disso, algumas áreas de estacionamento seriam inseridas próximos aos setores de pedestre para estimular “a população motorizada e experimentar a escala do pedestre” (Cidade [...], 1977, p. 6).

Nas imagens que seguem o primeiro capítulo do documento de Lerner, foram apresentadas duas plantas de situação de Londrina com o terminal no Bosque; três plantas com propostas de circulação de transporte individual e coletivo; e proposta da criação de setores exclusivos para pedestres. Na imagem da proposta do transporte individual [Fig. 27], observa-se o anel (em rosa) que passaria nas ruas Benjamin Constant (ao norte), Mato Grosso (a leste), Pará (ao sul) e

Pernambuco (a oeste). Além disso, duas circulações são apresentadas, uma de acesso restrito (em laranja), na parte interna do anel, para pessoas que precisam acessar a região, enquanto o maior fluxo de veículos que estão apenas “passando” pela região seguiria nas vias fora do anel (em vermelho).

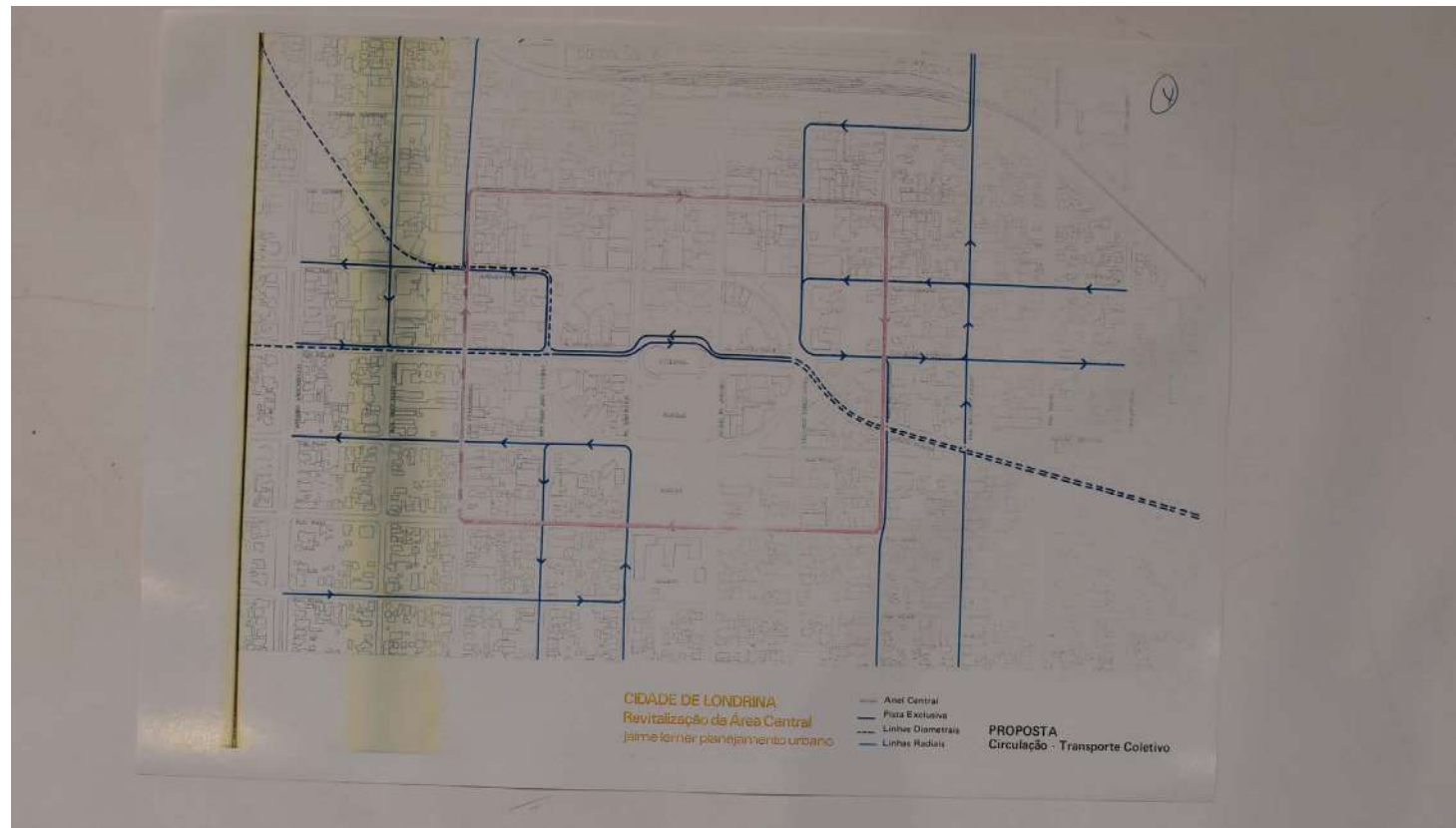
Figura 27 – Proposta de circulação do transporte individual, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

Na proposta da circulação coletiva [Fig. 28], foi criada uma segunda rua ao lado da Catedral, diminuindo a Praça Marechal Floriano Peixoto, a fim de que o tráfego ocorresse nos dois sentidos, com pista exclusiva para ônibus (em linha contínua azul-escuro), conectando as linhas diametrais (em linhas tracejadas) que a leste se estenderia na avenida Celso Garcia Cid e a oeste, às ruas Quintino Bocaiúva e Pio XII . Por fim, outras linhas radiais (em linha contínua azul-claro) mostrariam a circulação dos ônibus na área central, conectando-a a outras regiões de Londrina.

Figura 28 – Proposta de circulação do transporte coletivo, 1977

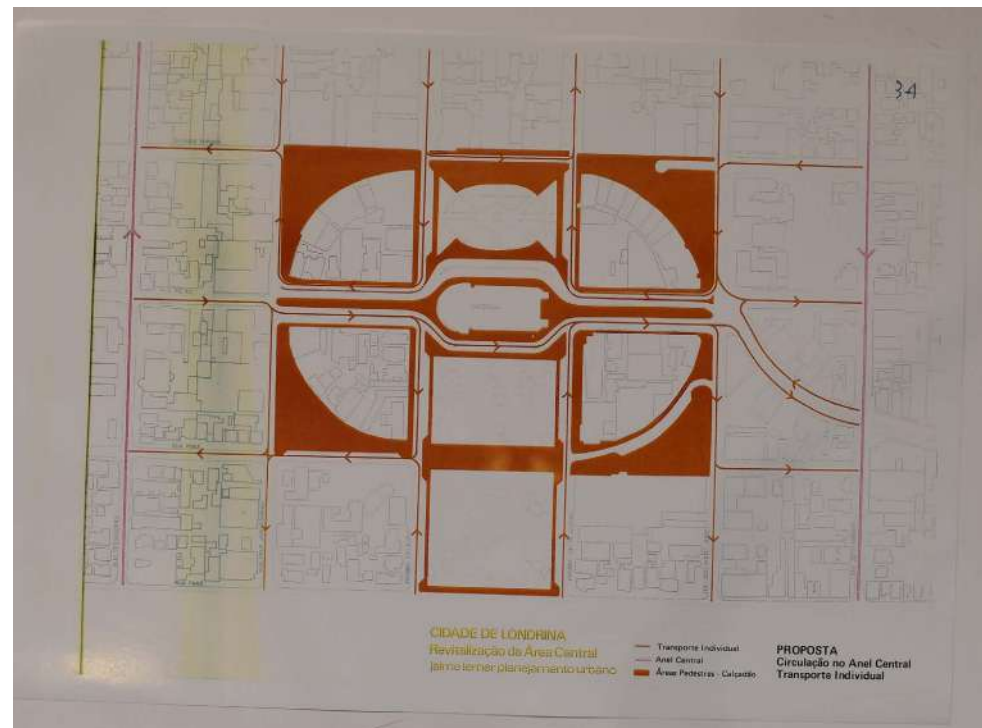


Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

Na proposta da criação de áreas de pedestres [Fig. 29], foi hachurada uma grande área com o uso de calçadão (em laranja). Segundo o desenho, o Calçadão se estenderia na avenida Paraná, unindo-se às Praças Gabriel Martins e Willie Davids nas extremidades e a Praça Marechal Floriano Peixoto no centro, inclusive adentrando no lado norte da Praça como área de pedestre e ao sul para a pista de ônibus.

No entanto, a proposta não pararia na avenida Paraná e se estenderia no sentido norte-sul nas ruas Minas Gerais, Souza Naves e professor João Cândido, englobando as Praças Sete de Setembro, Primeiro de Maio nas extremidades e a área central do Bosque, além de todas as calçadas das quadras internas ao perímetro formado.

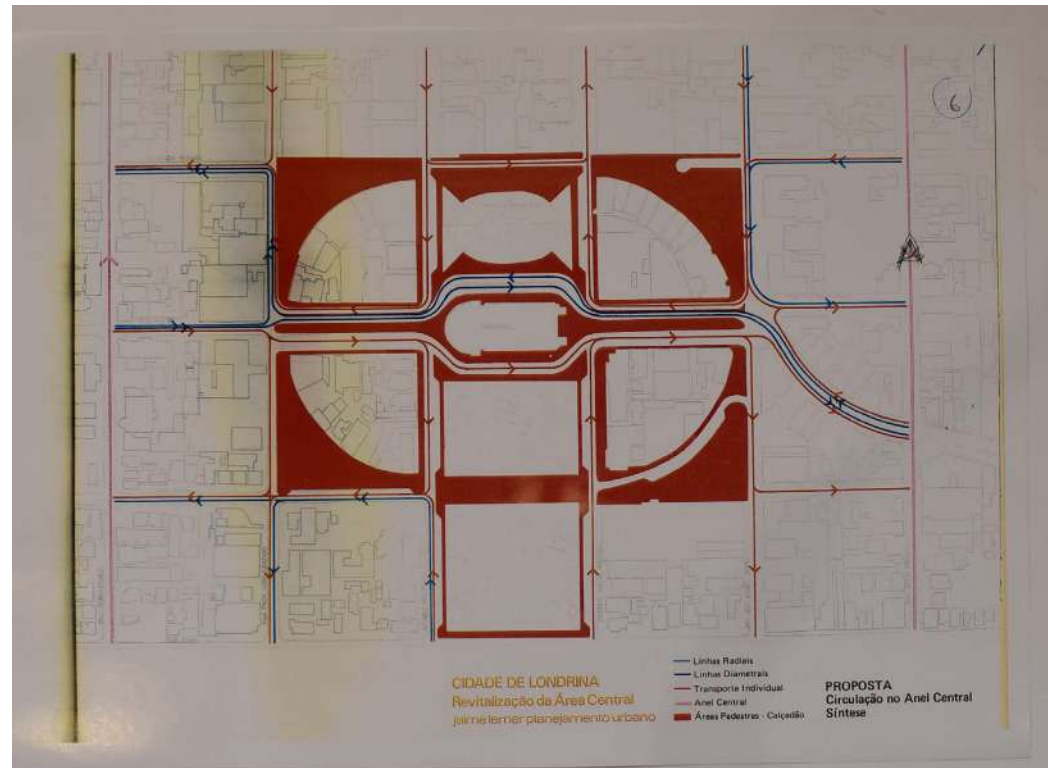
Figura 29 – Proposta de criação de áreas de pedestres, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

Por fim, o primeiro capítulo do documento apresenta, ainda, um desenho-síntese e a proposta de intervenção no trânsito. O desenho-síntese [Fig. 30] unia as propostas da criação do anel central (em rosa), linhas de transporte coletivo (radiais em azul e diametrais em azul-escuro) e individual (em vermelho) e os setores voltados para uso exclusivo para pedestres (hachura em laranja), propondo, dessa forma, pela primeira vez, a criação de um grande projeto de revitalização da área central, que traria unidade para o Conjunto Central, formado pelo Bosque e as cinco Praças (Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto, Willie Davids, Sete de Setembro e Primeiro de Maio).

Figura 30 – Síntese das propostas no primeiro capítulo do projeto de Jaime Lerner, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

O projeto de Revitalização da área central de Jaime Lerner não se encerrou com a proposta macro, mas aprofundou outras diretrizes e propostas importantes para o tratamento da área central, ampliando uma imagem que uniria as diferentes áreas do Centro, sem perder algumas características específicas de cada região.

O capítulo denominado “Criação e Revitalização dos pontos de encontro” relata as propostas para os setores exclusivos de uso de pedestres, inclusive direcionando as ações de intervenção nas Praças centrais. A justificativa da criação de pontos de encontro retomavam os pontos tradicionais de reunião da população na área central, observando as funções predominantes e buscando “estimular o desenvolvimento de atividades menos atuantes em cada setor” (Cidade [...], 1977, p. 46) para gerar equilíbrio na animação de cada setor.

A área central da Cidade de Londrina, formada pelos quadriláteros delimitados pelas ruas Sergipe, Mato Grosso, Pará e Pernambuco, concentra os pontos tradicionais de reunião da população local, resultado espontâneo da necessidade do encontro, da troca de idéias, da realização de negócios.

Essa característica motivou a escolha de uma área contínua que possibilitasse sua devolução ao domínio dos pedestres.

Por outro lado, a implantação de um anel viário envolvendo a área a ser destinada ao uso exclusivo de pedestres, a protege do tráfego de passagem, organizando o esquema de circulação no centro da cidade.

Os espaços a serem revitalizados deverão receber um tratamento adequado de acordo com as funções predominantes em cada um deles.

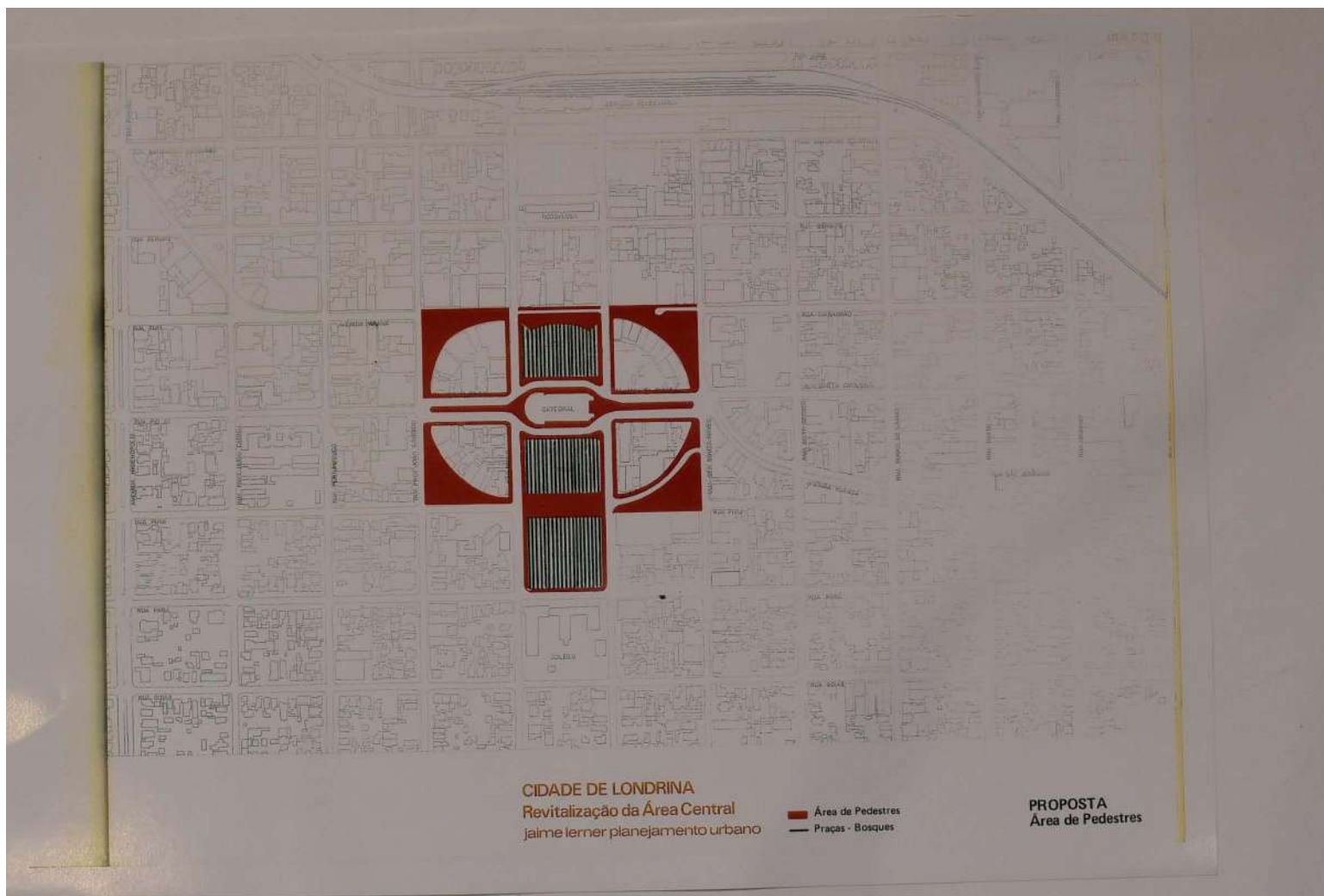
No caso de Londrina, a amplitude das áreas disponíveis formam determinados núcleos de animação, na maioria das vezes, estanques, à exceção de pequeno trecho da Avenida Paraná.

A proposta procura consolidar a animação natural existente nesse segmento, estendendo-a para todo o entorno dos espaços formados pelas 4 praças (Gabriel Martins, Willy Davids, Primeiro de Maio e Sete de Setembro) interligadas, sempre que possível, pelas vias circunvizinhas (tratadas como ruas de pedestres), integrando-se aos bosques e praças existentes.

As coberturas, distribuídas ao longo desse caminhamento, configuram uma continuidade a toda área de pedestres, abrindo atividades que possibilitem animar o setor durante todo o período do dia e grande parte da noite (Cidade [...], 1977, p. 17).

As áreas de pedestre propostas por Jaime Lerner foram divididas em duas categorias: 1) área de pedestre que envolviam as áreas com tratamento de calçada e as quatro Praças da elipse (Gabriel Martins, Willie Davids, Sete de Setembro e Primeiro de Maio); e 2) praças-bosques, que englobavam a Praça Marechal Floriano Peixoto e as duas quadras do Bosque [Fig. 31].

Figura 31 – Áreas de pedestre no Centro, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

As áreas voltadas para o uso de pedestres seriam separadas em eixos principais de uso, com atividades menos atuantes em cada setor [Fig. 32]. Nesse sentido, a Praça Gabriel Martins foi direcionada como o *core*, ou seja, o coração da área central, devido ao seu uso tradicional como “ponto de encontro da população londrinense” (Cidade [...], 1977, p. 20). A Praça Marechal Floriano Peixoto tinha o uso de artesanato voltado para a avenida Paraná e o de Estação de Ônibus voltado para a Catedral; a Praça “Willy Davis” (*sic*) o uso de comércio; a Praça Primeiro de Maio o uso de recreação; a área central do Bosque, no meio das duas quadras, a cultura; e a Praça Sete de Setembro o uso de lazer.

Figura 32 – Setorização das áreas de pedestres no Centro, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

Para a organização das áreas de pedestres, cada Praça teria propostas específicas de usos de coberturas segundo a pré-setorização para gerar animação à área, além de outros equipamentos como bancos, luminárias e floreiras. Além disso, mínimas intervenções subterrâneas seriam realizadas com “pontos de água, esgoto, iluminação e telefone” (Cidade [...], 1977, p. 27). No caso da resolução da drenagem das águas pluviais, o documento orientou a execução de canaletas junto ao meio-fio com grades metálicas, a fim de acelerar o processo de implantação do projeto.

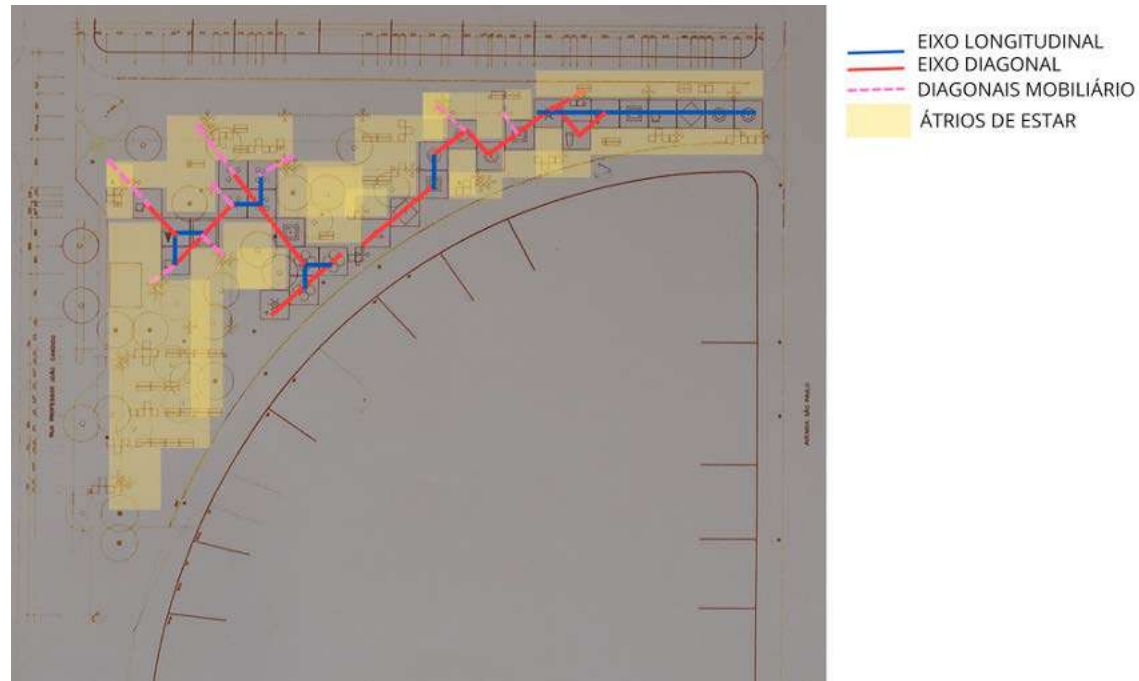
A proposta de coberturas (quiosques) na área central englobaria cerca de 172 unidades, variando de 28 a 35 em cada Praça. A implantação dos quiosques seria “disposta de maneira a dar continuidade a toda a área de uso exclusivo dos pedestres, abrigo usos que estimulem a concentração de pessoas” (Cidade [...], 1977, p. 29). Os materiais utilizados seriam arcos metálicos revestidos por fibra de vidro branca para a cobertura e placas translúcidas em fibra de vidro nas laterais. As luminárias também deveriam permitir “arranjos múltiplos em número e posição”, gerando flexibilidade, e deveria ser um elemento na escala do pedestre. Os bancos seriam de “estrutura metálica e ripas de madeira, justapostas de maneira a formar conjuntos de dois” e as floreiras teriam o mesmo material que os bancos, com o fundo em chapas de metal perfurado para o uso de vasos temporários.

Em relação ao piso, o documento apenas aponta a solução de utilização do “mosaico português rosa (ou, alternativamente, branco)”, devido aos fatores de facilidade de intervenção, o custo relativamente baixo para um “material nobre e de comprovada resistência” (Cidade [...], 1977, p. 28), a rapidez da execução e por gerar uma unidade em termos visuais.

Os desenhos propostos para a implantação dos equipamentos nas Praças da área central permitem compreender o formato quadrado dos quiosques e a organização na implantação destes nas Praças, criando uma continuidade fluida, muitas vezes conectados por eixos longitudinais e diagonais, criando um caminho “serpenteante” ou em “zigue-zague”.

Esse tipo de implantação traz diversidade e complexidade na percepção do conjunto e da relação com as áreas abertas da Praça. A implantação dos quiosques criaria pequenos átrios de estar nas áreas vazias; a disposição das luminárias e bancos seguia os eixos dos quiosques, muitas vezes na quina destes, com agrupamentos variados. Os quiosques de cada setor teriam usos variados, com símbolos diferentes em cada um deles. Na proposta para a Praça Gabriel Martins é possível observar um exemplo da implantação dos equipamentos [Fig. 33].

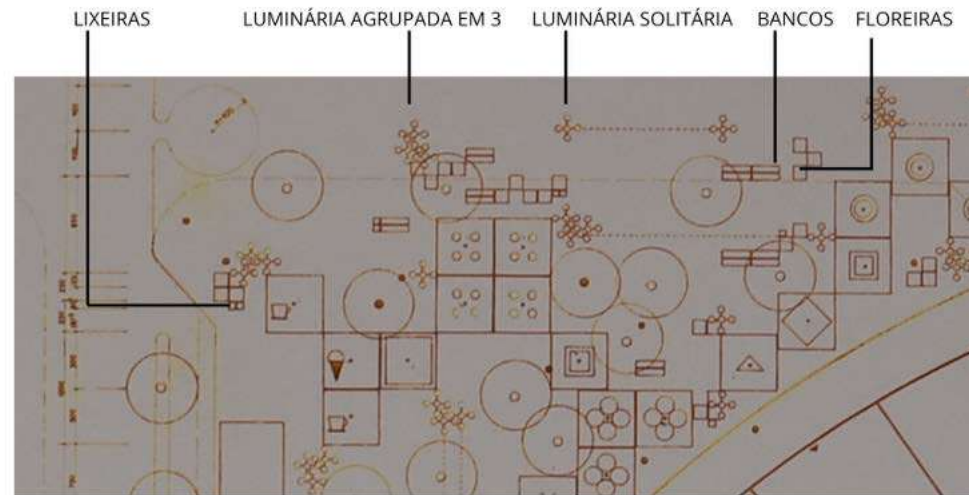
Figura 33 – Implantação dos equipamentos na Praça Gabriel Martins, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025), modificado pelos autores.

O arranjo das luminárias mostra a possibilidade de arranjos diversificados, alternando ora o agrupamento de três luminárias e ora luminárias solitárias. O desenho delas, com cinco globos, indica a busca pela escala do pedestre com um desenho que lembra a araucária, símbolo do Paraná. Os bancos retangulares também são alternados, ora em dupla e ora solitários. As floreiras quadradas criam módulos variados, seja com quatro unidades formando um quadrado maior ou em eixos mais longitudinais, ou ainda unidos em diagonais nos vértices do quadrado. As lixeiras, também quadradas, são agrupadas em módulos de quatro ou dois, ora soltas e ora unidas em floreiras. Os agrupamentos são variados, mas com presença, na maioria das vezes, de no mínimo um exemplar de cada mobiliário (banco, floreira e luminária) em cada átrio de estar [Fig. 34].

Figura 34 – Setorização das áreas de pedestres no Centro, 1977



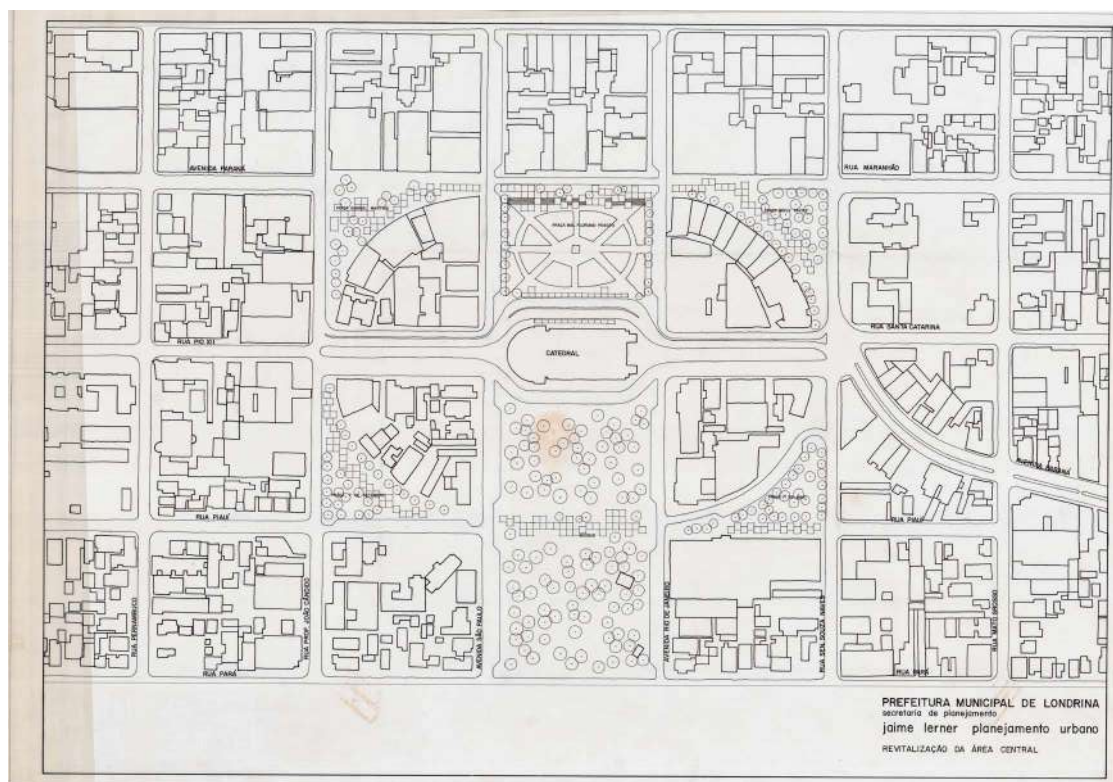
Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025), modificado pelos autores.

O documento apresenta propostas individualizadas para as seis áreas centrais, com algumas especificações detalhadas dos equipamentos urbanos. Um dos aspectos fundamentais da iniciativa é a disposição contínua e integrada dos quiosques, cuja implantação visa à formação de um percurso coberto para pedestres, conectando os eixos diagonais e horizontais. Essa abordagem contribui para a criação de uma identidade visual homogênea nos espaços destinados à circulação de pedestres, reforçada pela padronização dos equipamentos urbanos em toda a área.

O acervo do Instituto Jaime Lerner de Curitiba disponibilizou alguns documentos referentes ao projeto de revitalização da área central de Londrina, que elucida o olhar para o conjunto e apresenta algumas diferenças em relação ao documento disponibilizado pelo IPPUL (Cidade [...], 1977). A primeira imagem [Fig. 35] apresenta a área central de Londrina com as quadras e edifícios. Na visualização do Conjunto Central, chama a atenção o traçado interno da Praça Marechal Floriano Peixoto, que apresenta a sobreposição de uma forma de “elipse” com retângulo e a presença de uma estrutura retangular, do quiosque que foi inserido em 1976, na Praça Gabriel Martins próximo à rua professor João Cândido.

A segunda imagem [Fig. 36] apresenta a proposta do Calçadão no Conjunto Central. Em todos os seis locais, aparecem quiosques com implantação “serpenteante”, acompanhando as ruas internas em semicírculo nas Praças Willie Davids e Sete de Setembro, enquanto na Praça Primeiro de Maio a rua de pedestres ficaria na rua Piauí, passando por dentro do Bosque. Já a Praça Marechal Floriano Peixoto teria uma mudança no seu formato, com a presença de quiosques na face norte e sul, e na Praça Gabriel Martins os quiosques atravessam o local em direção ao quiosque existente na rua professor João Cândido, envolvendo-o na implantação serpenteante dos quiosques novos.

Figura 36 – Revitalização da área central, 1977



Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

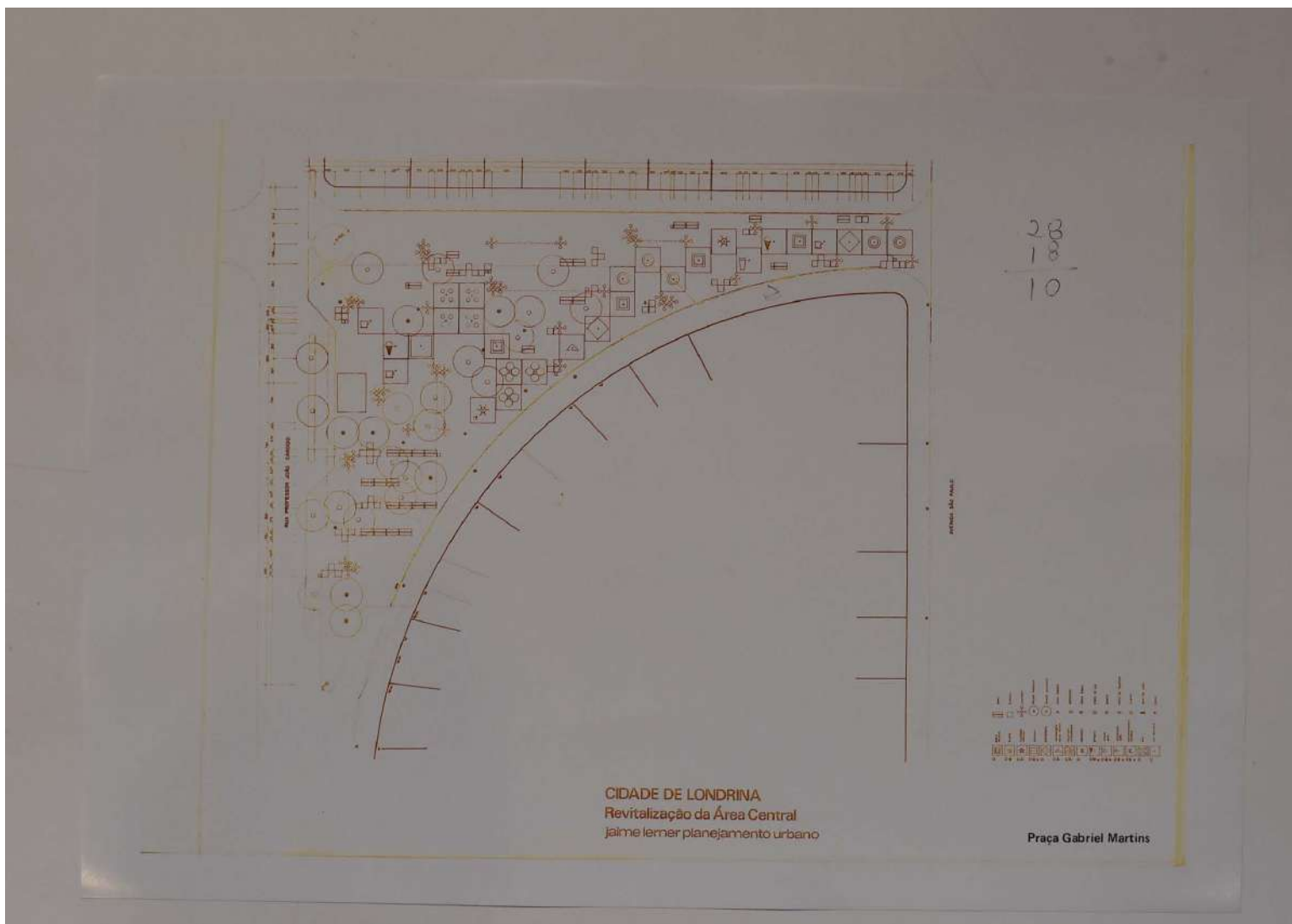
Para melhor compreensão dos projetos específicos de cada local do Conjunto Central, serão analisados os documentos disponibilizados pelo IPPUL (2025) e pelo Instituto Jaime Lerner. As Praças serão apresentadas em sentido horário, com o início nos documentos da Praça Gabriel Martins, seguida sucessivamente pela Praça Marechal Floriano Peixoto, Praça Willie Davids, Praça Primeiro de Maio, Bosque e Praça Sete de Setembro. Por fim, serão analisados os detalhes dos equipamentos propostos para o Conjunto.

3.1.1 Praça Gabriel Martins

Na proposta de revitalização da Praça Gabriel Martins do arquivo disponibilizado pelo IPPUL, com criação do Calçadão, seriam implantados 28 quiosques quadrados, conectados por eixos diagonais e longitudinais, criando um caminho sinuoso em ziguezague ou serpenteante, que acompanharia parte da face curva da Praça, atravessando-a até chegar próximo ao quiosque retangular construído em 1976, na rua professor João Cândido [Fig. 37]. Nos documentos disponibilizados pelo Instituto Jaime Lerner, não foi localizada a proposta específica referente à Praça Gabriel Martins. Contudo, observa-se que a legenda presente nos demais projetos guarda similaridade com aquela atribuída ao projeto da Praça Gabriel

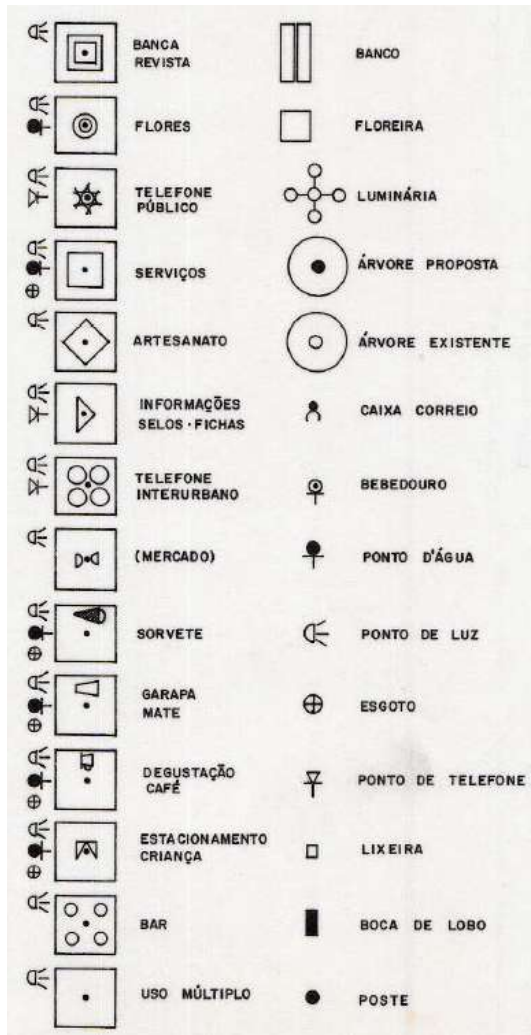
Martins, cuja versão disponível no arquivo do IPPUL encontra-se ilegível. Com o intuito de facilitar a compreensão do conteúdo projetual, optou-se por inserir, abaixo, a legenda padrão utilizada nos demais projetos encontrados no acervo do Instituto Jaime Lerner [Fig. 38].

Figura 37 – Proposta da Praça Gabriel Martins com calçadão, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

Figura 38 – Legendas de outros projetos de praças do Instituto Jaime Lerner, setembro de 1977



Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

Os caminhos anteriores em “tridente”, da década de 1950, não são perceptíveis na proposta. Uma hipótese é que já teriam se perdido na intervenção de 1976. Sendo assim, teriam optado por fazer uma nova disposição, sem retomar o traçado inicial. Os principais usos dos quiosques seriam serviços de assistência como informações/turismo, telefone público e um “estacionamento para crianças, que serviria de estímulo à ativação do setor comercial localizado nas áreas de pedestres” (Cidade [...], 1977, p. 20). Além disso, contariam também com atividades de comércio como bancas de revista, venda de flores e artesanato e atividades de lazer, como sorveteria, degustação de café e bar.

No arquivo do Instituto Jaime Lerner, não foi encontrado o projeto específico dessa Praça, mas, considerando a legenda de outros projetos encontrados, chama a atenção na proposta da Praça Gabriel Martins a concentração de três quiosques para uso de “telefones interurbanos” e um quiosque para “informações, selos – fichas”. Esses usos aparecem somente nessa Praça, confirmando a intenção de serviço de assistência. Também ocorre uma grande concentração de bancas de flores próximo à avenida Paraná e bancas de revista mais na parte central, com concentração de bares próximos à rua professor João Cândido e uma cafeteria e uma sorveteria nas extremidades. No entanto, o “estacionamento de crianças” planejado no memorial não aparece na proposta, ficando esse uso para a Praça Marechal Floriano Peixoto.

3.1.2 Praça Marechal Floriano Peixoto

Na proposta de revitalização da Praça Marechal Floriano Peixoto [Fig. 39], seriam implantados 32 quiosques quadrados. A maioria estaria dentro da ala norte da Praça, que teria parte dos seus traçados e canteiros modificados para estender o Calçadão. A avenida Paraná seguiria como eixo de circulação, sem a implantação de quiosques. Os quiosques seriam conectados de forma fluida com desenhos em ziguezague, alternando eixos longitudinais e diagonais. Além disso, devido ao grande desnível do piso em relação à avenida Paraná, várias escadarias seriam inseridas entre os quiosques, criando um movimento no eixo horizontal e também no vertical (no sentido altimétrico).

Pelo desenho do Calçadão, mais estreito e longitudinal, os átrios de estar se manteriam nos vazios entre os quiosques, mas dessa vez em uma menor concentração. As luminárias seriam acrescentadas dentro dos canteiros da Praça, próximo às quinas e à área central, com vários bancos no centro. Parte do lado sul da Praça também seria suprimido para a criação dos abrigos de ônibus. As alterações propostas na Praça Marechal Floriano Peixoto desconstruiriam parcialmente o desenho de elipse, nos eixos norte e sul, mas manteriam o restante do traçado e a marcação da área central.

Segundo o documento, a proposta mudaria o estado da Praça de contemplativa para um espaço de articulação urbana ao nível do pedestre:

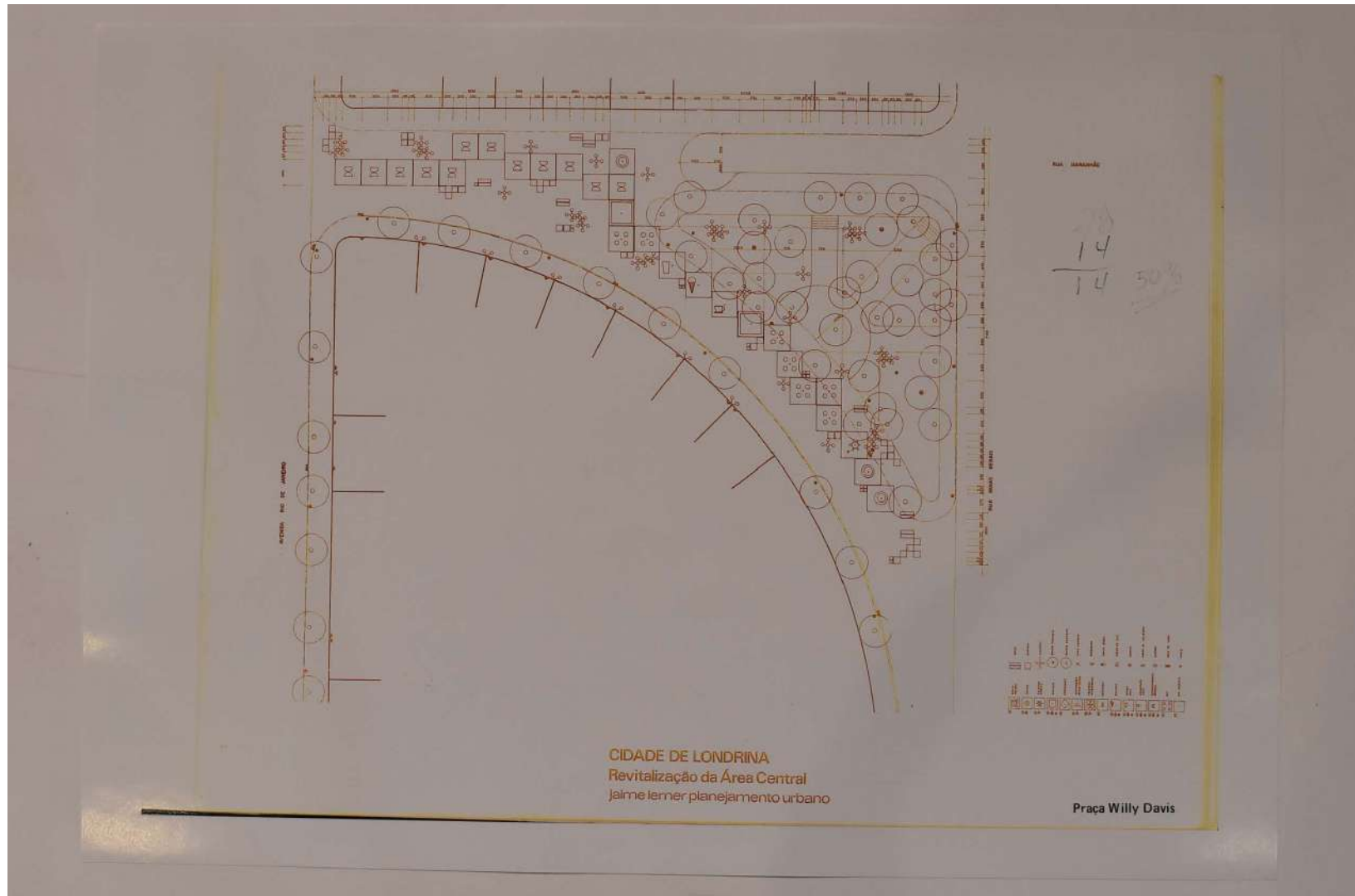
A praça, atualmente com caráter estritamente contemplativo, seria transformada em elementos de ligação, através de novas funções como abrigar nos fins de-semana exposição de artesanato, bem como possibilitar intercâmbios importantes ao nível de pedestre, com a igreja, a estação do transporte coletivo, o setor comercial da Av. Paraná, o “estacionamento de crianças” e o setor comercial criado especialmente na Praça Willie Davis (Cidade [...], 1977, p. 22).

A proposta específica para essa Praça não consta no acervo do Jaime Lerner. No entanto, a legenda do caderno da revitalização, de maio de 1977, parece ser similar às encontradas nos outros projetos do acervo do Instituto Jaime Lerner. Considerando as legendas, o “estacionamento de crianças” estaria nos quiosques próximos à avenida Paraná e à avenida São Paulo. A maior quantidade de quiosques na área central (com formato de losango) seria para uso de artesanato, e alguns quiosques variados na avenida Paraná para bancas de flores, revista, sorveteria, cafeteria e telefone público; já dentro da Praça haveria os usos de cafeteria, sorveteria e banca de revista, e a parte sul teria o uso de parada de ônibus.

3.1.3 Praça Willie Davids

Na proposta de revitalização da Praça Willie Davids e criação do Calçadão, seriam implantados 28 quiosques, muito similares aos da Gabriel Martins, com quiosques quadrados que acompanhariam a face curva da Praça. Dessa vez, o caminho coberto, formado pelos quiosques, acompanharia apenas a face curva, não cruzando a Praça até a rua oposta [Fig. 40], como a proposta da Gabriel Martins, preservando o traçado em “tridente” da década de 1940.

Figura 40 – Proposta da Praça Willie Davids com o Calçadão, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

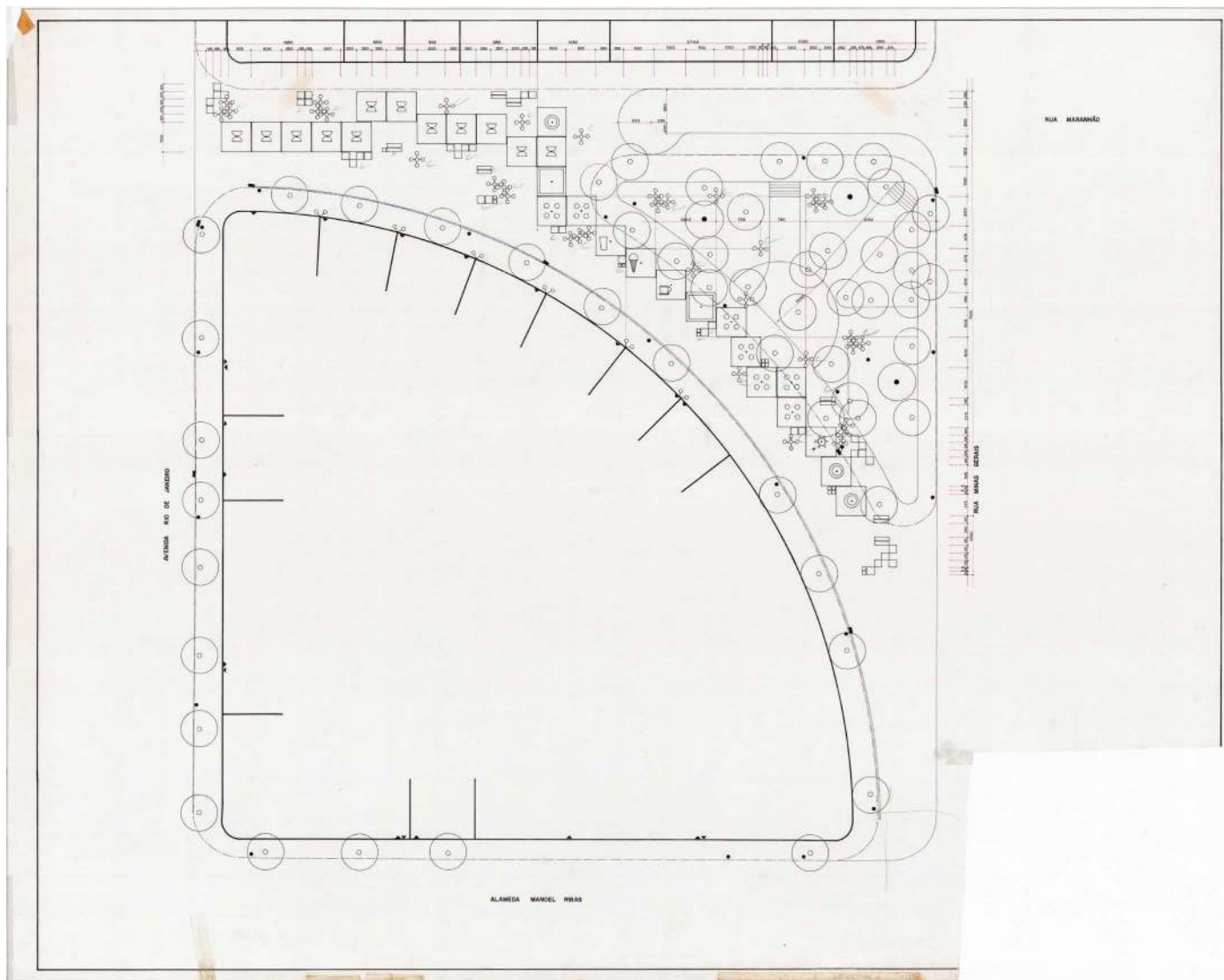
Além do traçado, a vegetação seria mantida, com apenas alguns acréscimos pontuais de luminárias, sendo que os quiosques ficariam concentrados nos trechos da avenida Paraná. Os usos dos quiosques seriam principalmente de atividades comerciais, como venda de flores, bares, sorveteria e outros comércios, que ajudariam a trazer maior quantidade de circulação de pedestres.

Além disso, a proposta tinha um diferencial, com a criação de um pequeno “palco” destinado à apresentação de conjuntos musicais (chorinhos, sambas etc.), junto à área dos bares, com a finalidade de “animar o setor” (Cidade [...], 1977, p. 22). Os dois desenhos técnicos do acervo do Instituto Jaime Lerner apresentam uma proposta similar. Uma proposta está datada de setembro de 1977 [Fig. 41 e 42], enquanto a outra parece ter recortado o carimbo de 1977 e colado na outra prancha, não ficando claro se a alteração foi realizada na mesma data ou posteriormente [Fig. 43]. A segunda proposta apresenta pequenas alterações na implantação dos quiosques, principalmente diminuindo a concentração na avenida Paraná e se estendendo até o final da rua curva.

A implantação apresenta o uso de “mercado” nos quiosques da avenida Paraná, próximos à rua Rio de Janeiro, e uma banca de flores (com dois círculos); os demais usos dos quiosques que acompanham a parte curva são voltados a dois espaços multiuso (com um ponto

preto), sete bares (com quatro círculos), um para café, um para “garapa mate”, um para sorvete e mais dois para flores próximo à rua Maranhão. O uso de palco não aparece escrito nos desenhos, podendo se tratar dos espaços multiuso.

Figura 41 – Proposta da Praça Willie Davids, setembro de 1977



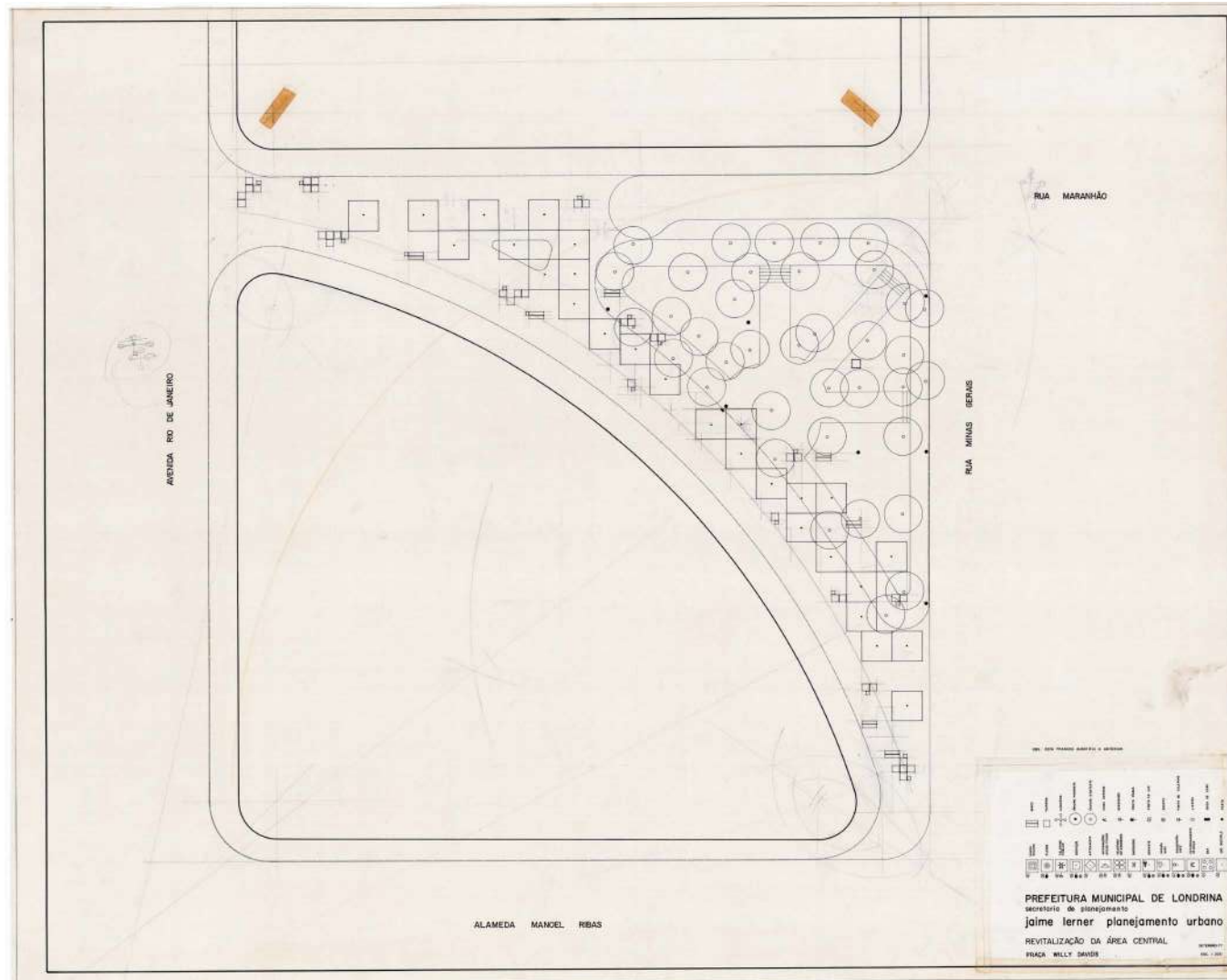
Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

Figura 42 – Legendas da Praça Willie Davids, setembro de 1977



Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

Figura 43 – Proposta da Praça Willie Davids, 1977



Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

3.1.4 Praça Primeiro de Maio

Na proposta de revitalização da Praça Primeiro de Maio [Fig. 44] seriam implantados catorze quiosques, em sua maioria na rua Piauí, que passaria a ser um grande calçadão. A circulação ficaria pela rua Maestro Egídio Camargo do Amaral e a Praça manteria a Concha Acústica, mas dessa vez com bancos menores e uma série de áreas circulares com outros usos recreativos.

Segundo o documento, “A proximidade da Biblioteca e do teatrinho no Bosque configura para a Praça Primeiro de Maio, uma função cultural e recreativa” (Cidade [...], 1977, p. 22). Além disso, a existência de residências próximas à área direcionaria para ações mais “amenas e diurnas”, buscando principalmente atividades recreativas para o público infantil, como a extensão de leituras de histórias da Biblioteca e um teatro de fantoches permanente.

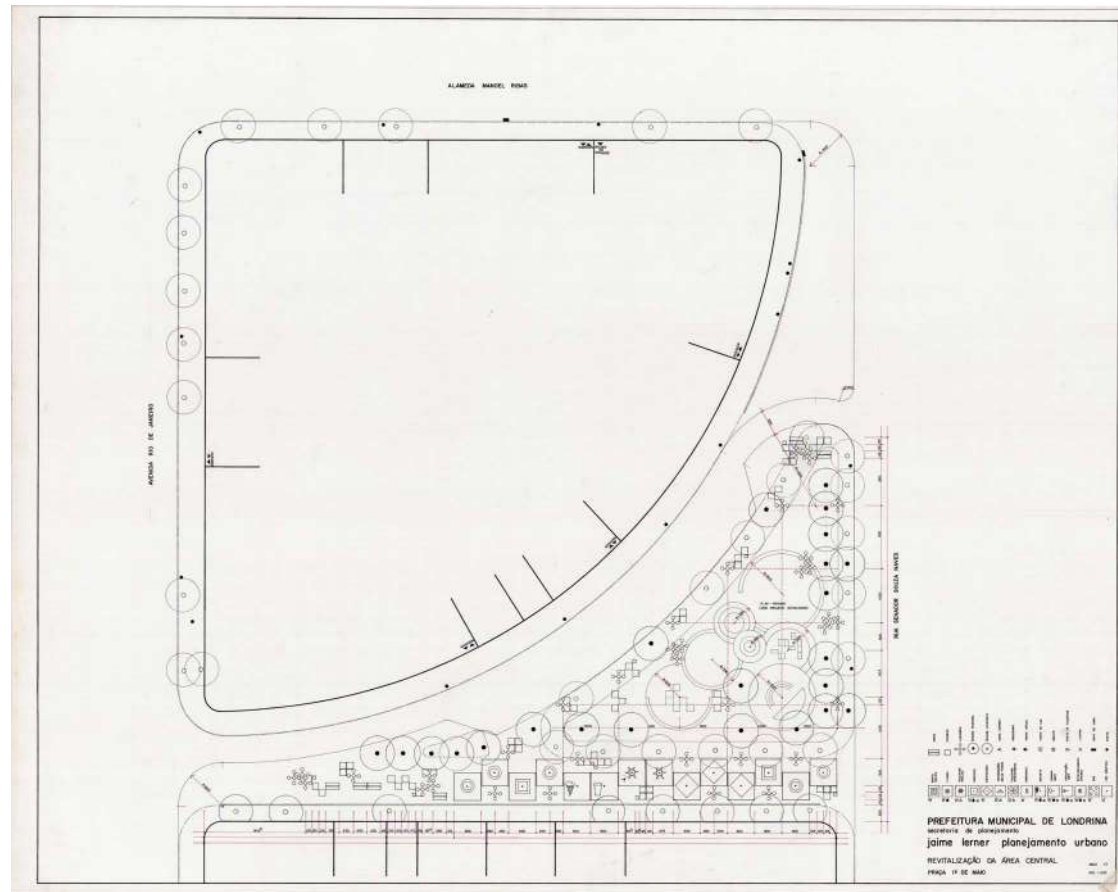
Figura 44 – Proposta da Praça Primeiro de Maio com calçadão, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

O desenho do acervo do Instituto Jaime Lerner é de maio de 1977, mesma data do documento de Cidade [...] (1977), apresentando assim a mesma proposta. Os quiosques das extremidades apresentam o uso de banca de flores, seguido pela banca de revista, com usos voltados a telefone, artesanato, café e garapa na área central [Fig. 45 e 46].

Figura 45 – Proposta da Praça Primeiro de Maio com calçadão, maio de 1977



Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

Figura 46 – Legenda da Praça Primeiro de Maio com calçadão, maio de 1977

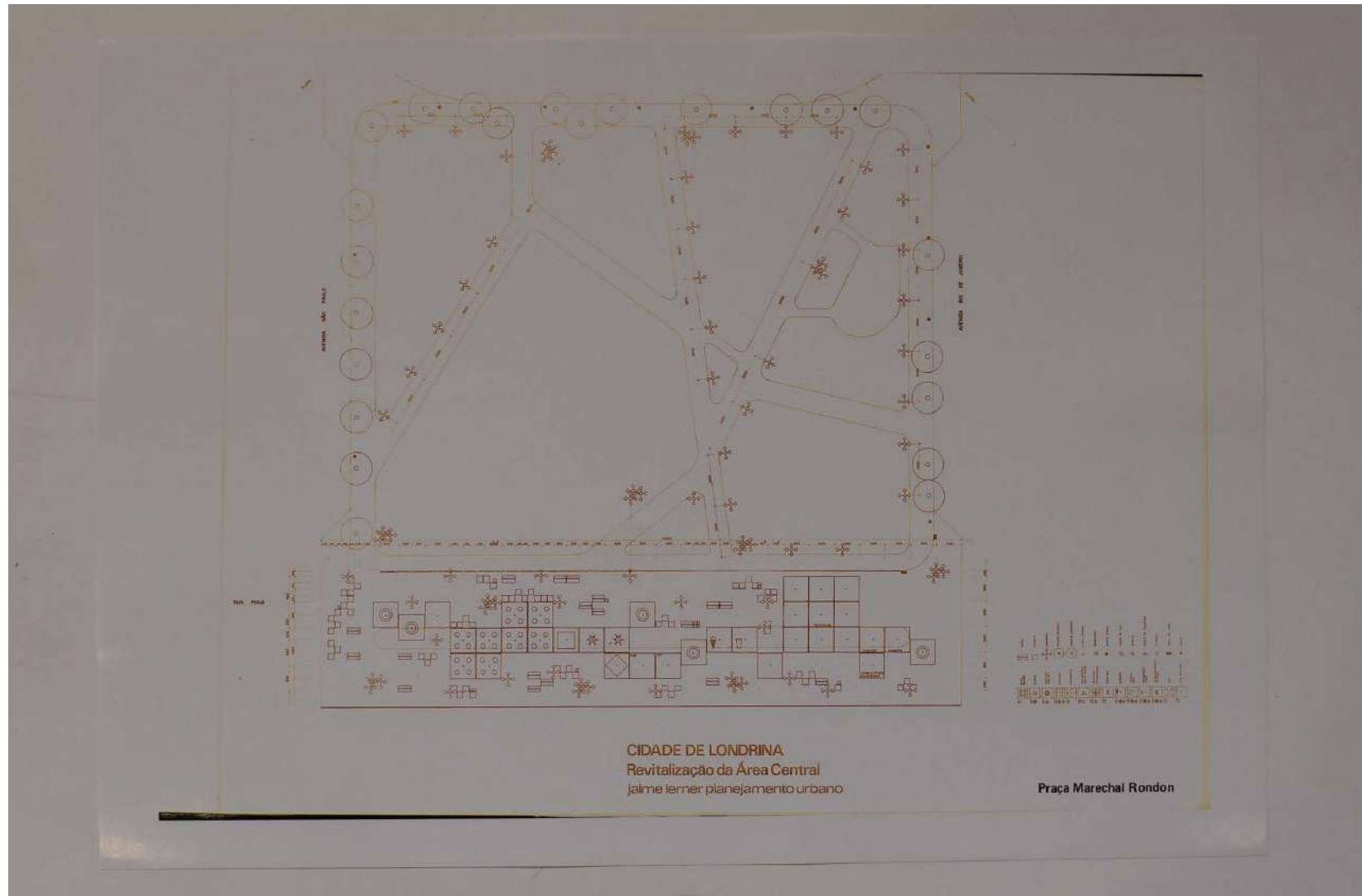


Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

3.1.5 Bosque

As duas quadras do Bosque seriam unificadas, uma vez que a proposta sugeria a retirada do terminal de ônibus da rua Piauí. No local seriam inseridos equipamentos voltados a atividades culturais, como um bar e teatrinho. Também seriam implantados 35 quiosques, todos unidos com predominância do eixo longitudinal leste-oeste, mas se expandindo ora para o norte, ora para o sul, criando novamente um desenho em zigue-zague, com eixos diagonais, enquanto os espaços de estar ficariam nas extremidades norte e sul da área, adentrando nos espaços vazios entre os quiosques. O traçado da quadra norte do Bosque não apresentaria alterações [Fig. 47]. Contudo, nessa proposta não aparecem os equipamentos inseridos na década de 1950.

Figura 47 – Proposta da quadra norte do Bosque com calçadão, 1977



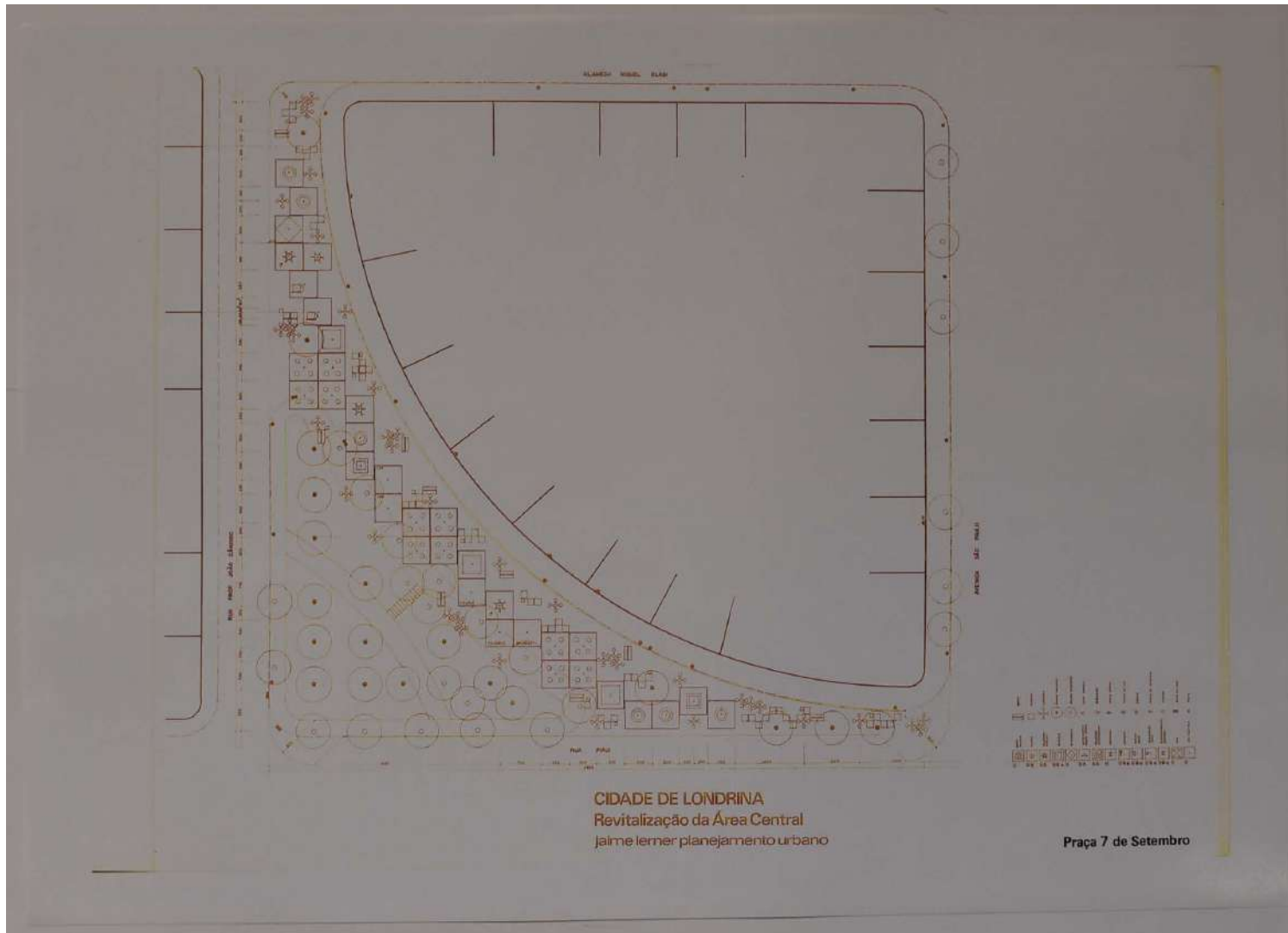
Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

No arquivo do Instituto Jaime Lerner também não foram encontrados os projetos específicos do Bosque, mas, considerando as legendas dos outros projetos, percebe-se na proposta do local a concentração de uso diversificado próximo à rua Rio de Janeiro, bancas de flores nas extremidades e no centro, uma área grande voltada para bar próximo à avenida São Paulo e telefone público, banca de revista, artesanato, sorveteria e garapa na parte central.

3.1.6 Praça Sete de Setembro

Por fim, na proposta de revitalização da Praça Sete de Setembro aparecem implantados 35 quiosques, todos acompanhando a curvatura da quadra sobre a rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho. Devido à concentração de residências próxima à área, os usos principais dos quiosques seriam voltados ao lazer, com bancas de revistas, venda de flores, telefone público, café e bares. Os quiosques apresentariam uma implantação serpenteante acompanhando a curvatura da quadra, criando um grande caminho coberto. As áreas de estar ficariam entre a Praça e a calçada da rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho, que passaria a ser um grande calçadão. O traçado da Praça Sete de Setembro não passaria por alterações, mantendo o único caminho central em arco e uma grande escadaria, que faria a conexão com o novo calçadão [Fig. 48].

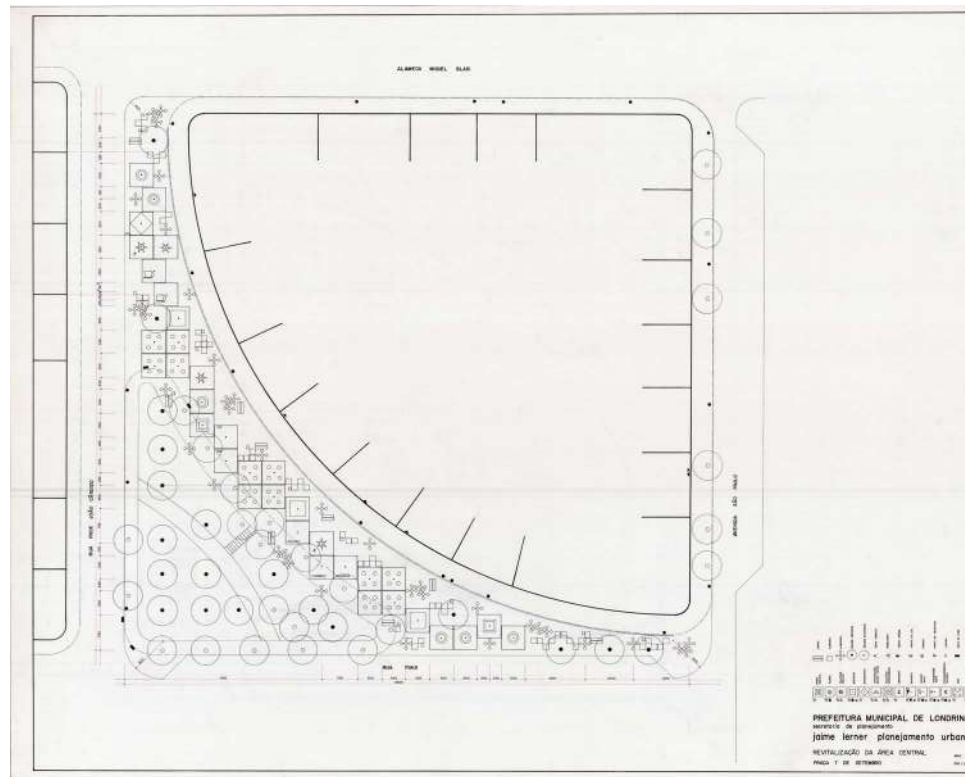
Figura 48 – Proposta da Praça Sete de Setembro com calçadão, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

O arquivo do Instituto Jaime Lerner apresenta um desenho similar, com data de maio de 1977. Considerando que o volume Cidade [...] (1977) também é de maio, deve-se tratar do mesmo desenho técnico. Nessa proposta, os bares estão presentes em três pontos, com quatro quiosques unidos, sendo que nas pontas aparece a concentração principal de bancas de flores e revistas, além de áreas de telefone e café, uma área de artesanato próximo à rua Prof. João Cândido e na área central alguns usos específicos de: ISF (possivelmente Instalação Sanitária Feminina), ISM (possivelmente Instalação Sanitária Masculina), churros e frutas [Fig. 49 e 50].

Figura 49 – Proposta da Praça Sete de Setembro com calçadão, maio de 1977



Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

Figura 50 – Legenda da Proposta da Praça Sete de Setembro com calçadão, maio de 1977



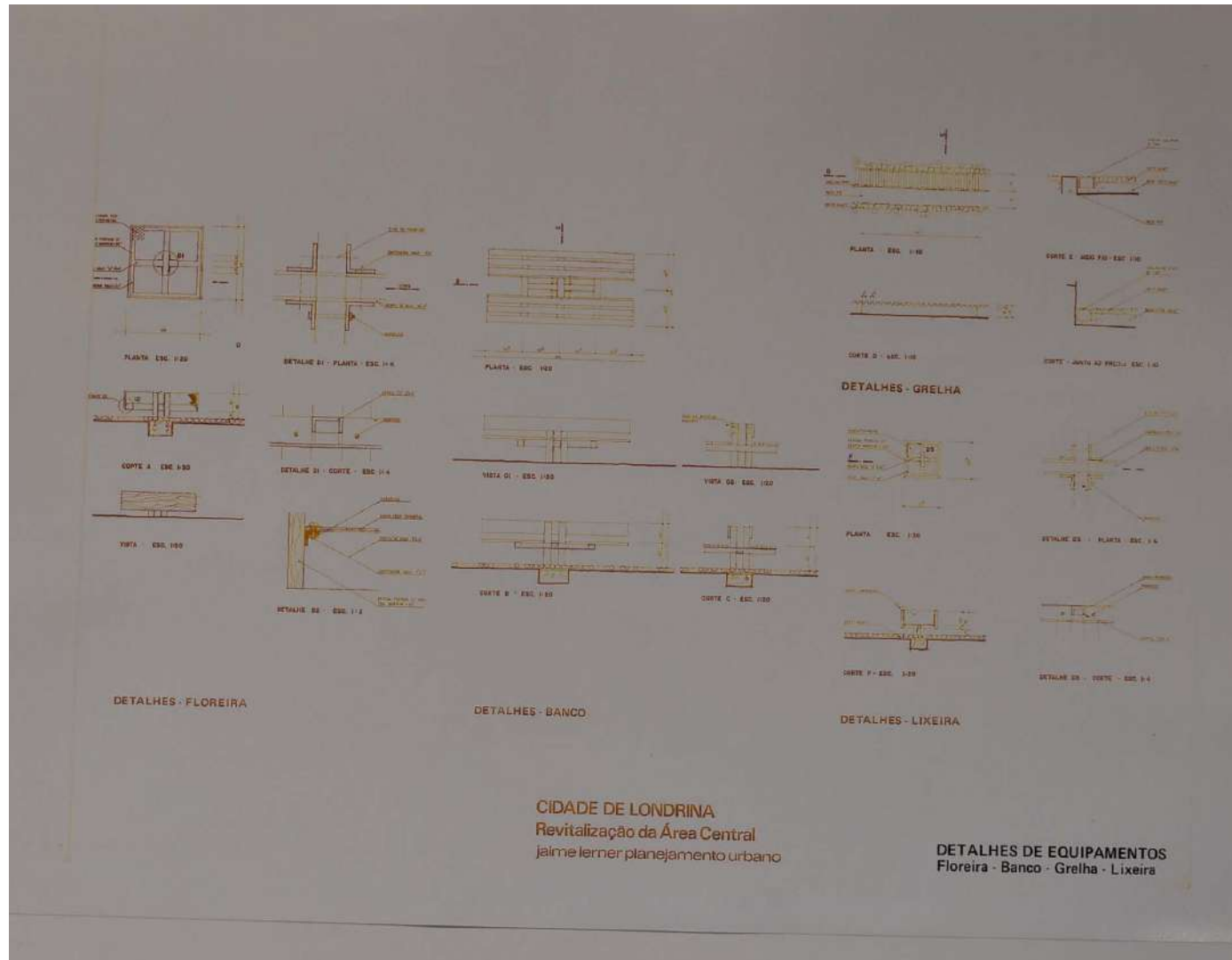
Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

3.1.7 Equipamentos

A fim de conferir unidade ao Conjunto da área central, para além da área do Calçadão, orientou-se, nos aspectos complementares do documento do IPPUL (2025), a substituição dos equipamentos em todos os setores dentro do anel central. “Essa complementação atinge a substituição dos abrigos de pontos de táxi, a rua Sergipe (somente no trecho compreendido pelo anel central), o Bosque, a Praça Marechal Floriano Peixoto e a implantação dos abrigos do transporte coletivo” (Cidade [...], 1977, p. 43).

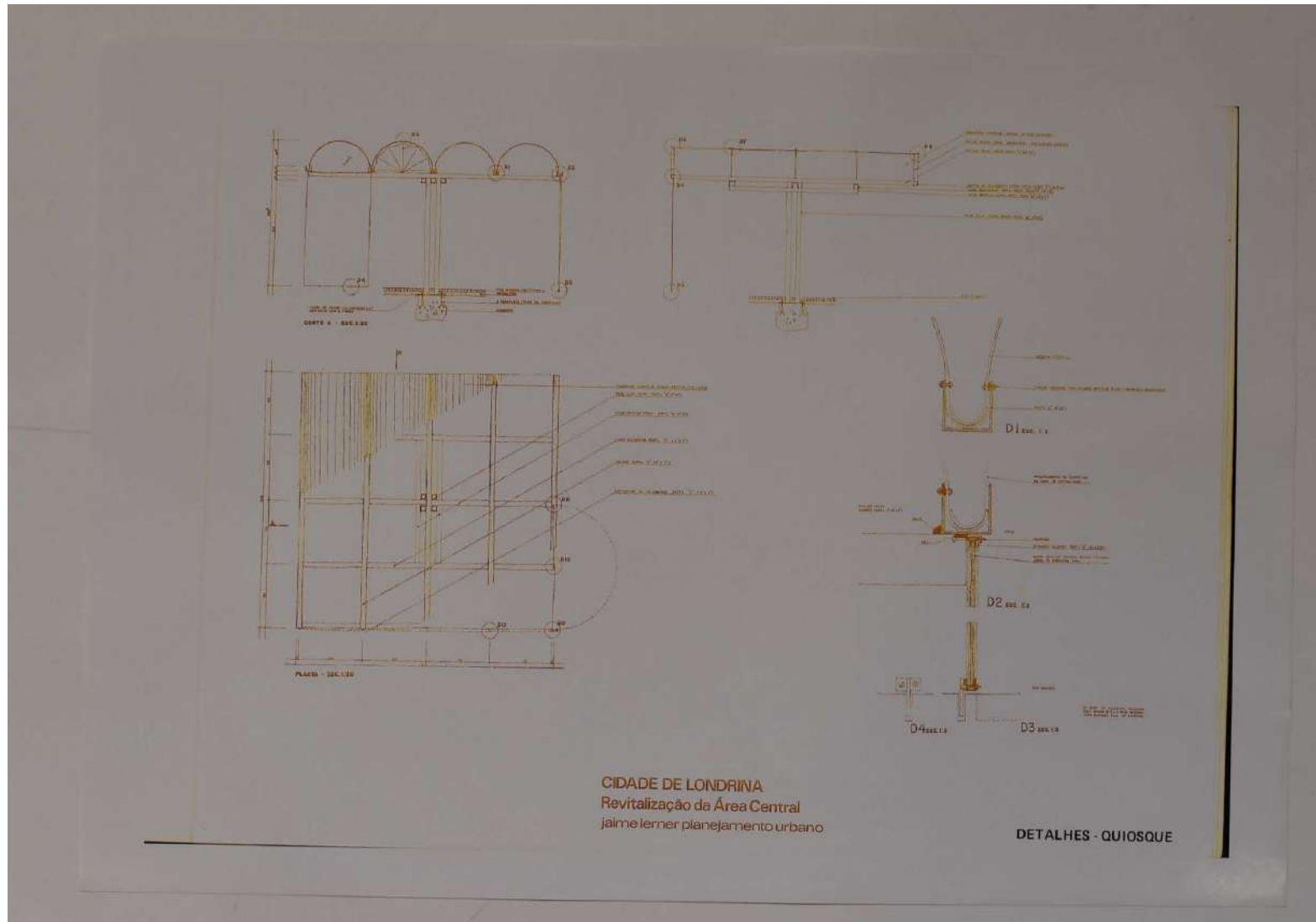
Duas pranchas, com detalhamento do mobiliário que seriam inseridos em toda a região, mostraram os desenhos dos bancos e floreiras, com travessas em madeira [Fig. 51] e as coberturas [Fig. 52]. Os bancos eram duplos, com assento dos dois lados.

Figura 51 – Detalhamento de bancos e floreiras, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

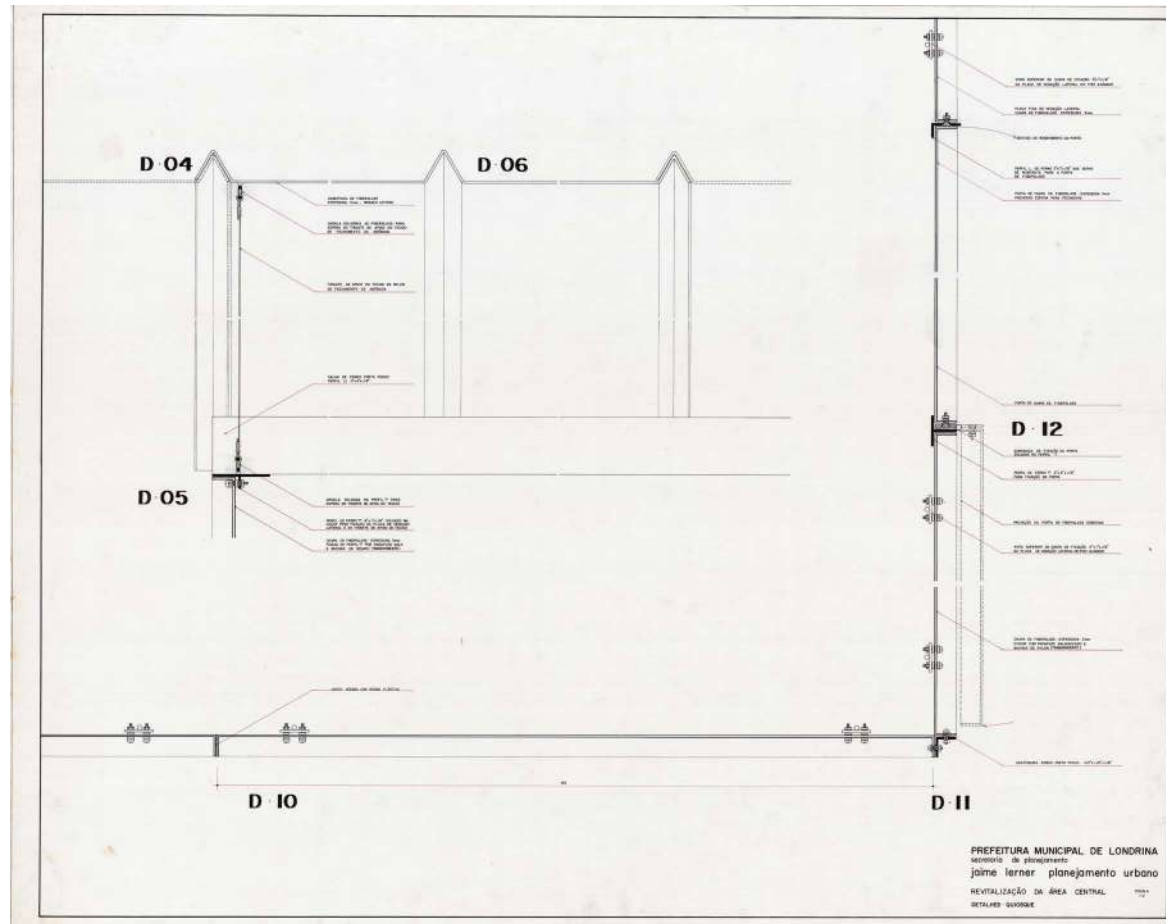
Figura 52 – Detalhamento de cobertura, 1977



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

No arquivo do Instituto Jaime Lerner também aparece um desenho de detalhe de quiosque, mas dessa vez mostrando os materiais para fechamento em “chapa fiberglass” nas paredes, porta e cobertura, além do tirante na cobertura de sustentação para o tecido da abóbada [Fig. 53].

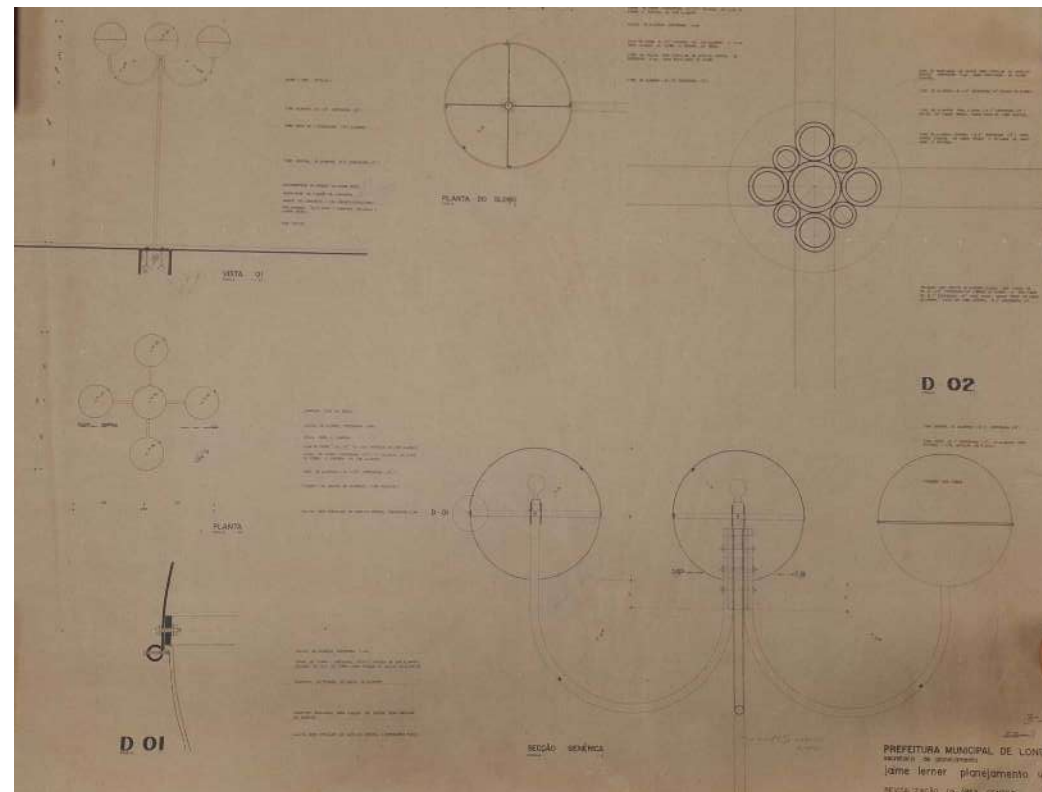
Figura 53 – Detalhamento de quiosque, 1977



Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

O detalhamento das luminárias não aparece no volume Cidade [...] (1977), mas foi encontrado no arquivo do Cadastro Imobiliário Municipal, com o carimbo do arquiteto e a marca da revitalização da área central. Logo, existe uma probabilidade desse desenho – único encontrado no Cadastro com o nome do Jaime Lerner – fazer parte deste momento inicial de maturação da proposta de revitalização. O projeto, sem data, mostra o desenho das luminárias com os cinco globos que retomam a imagem da árvore araucária [Fig. 54]. O mesmo desenho foi disponibilizado pelo arquivo do Instituto Jaime Lerner, também sem data [Fig. 55].

Figura 54 – Detalhamento de luminária



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

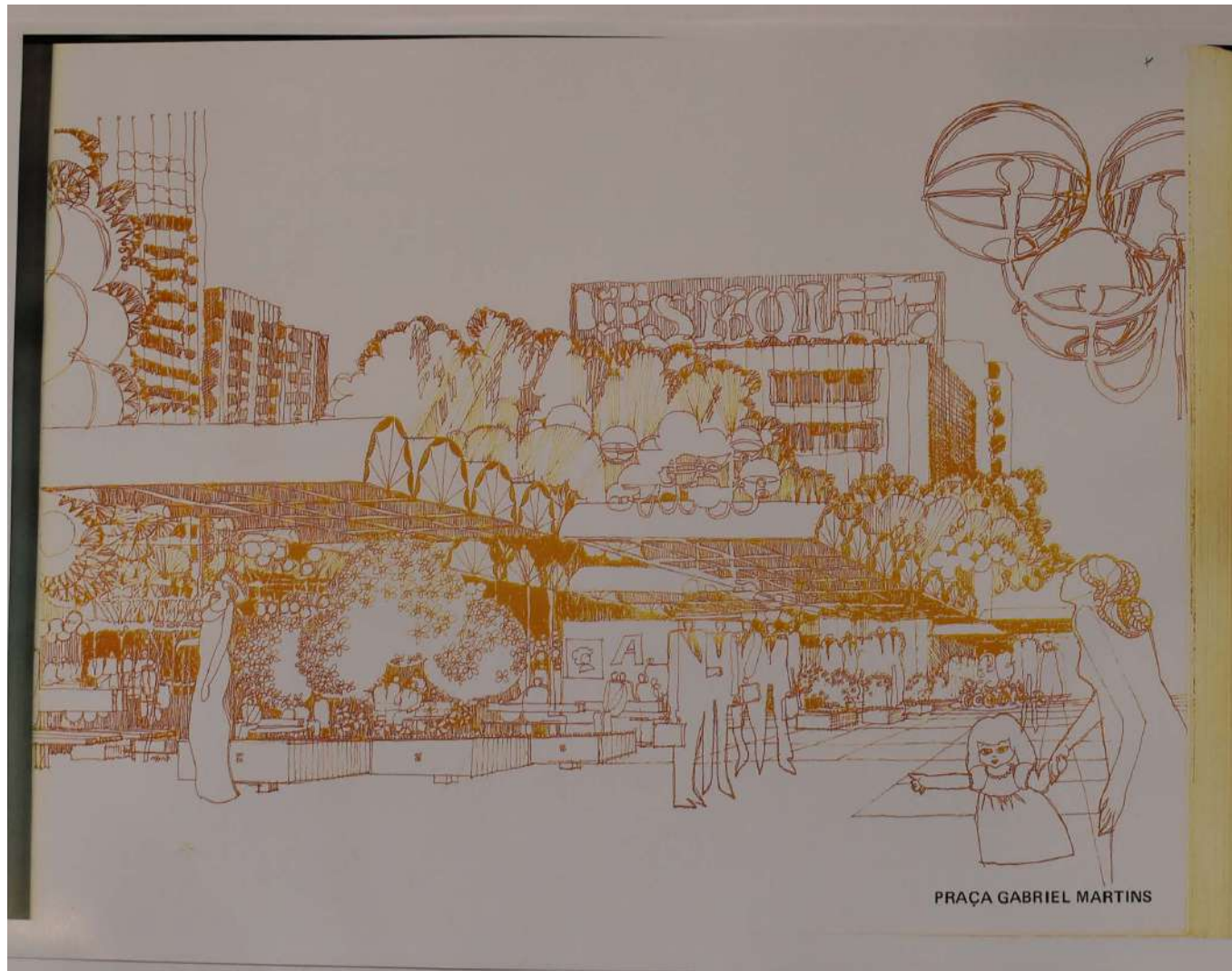
Por fim, no volume das propostas realizadas para a Revitalização da Área Central (Cidade [...], 1977), há outras quatro imagens representativas das principais praças com os equipamentos propostos. Desenhos iguais foram encontrados no Cadastro Imobiliário Municipal [Fig. 56–60].

Figura 56 – Croquis



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Figura 57 – Croqui da Praça Gabriel Martins



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

Figura 58 – Croqui da quadra norte do Bosque



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

Figura 59 – Croqui da Praça Marechal Floriano Peixoto, detalhe do “estacionamento criança”



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

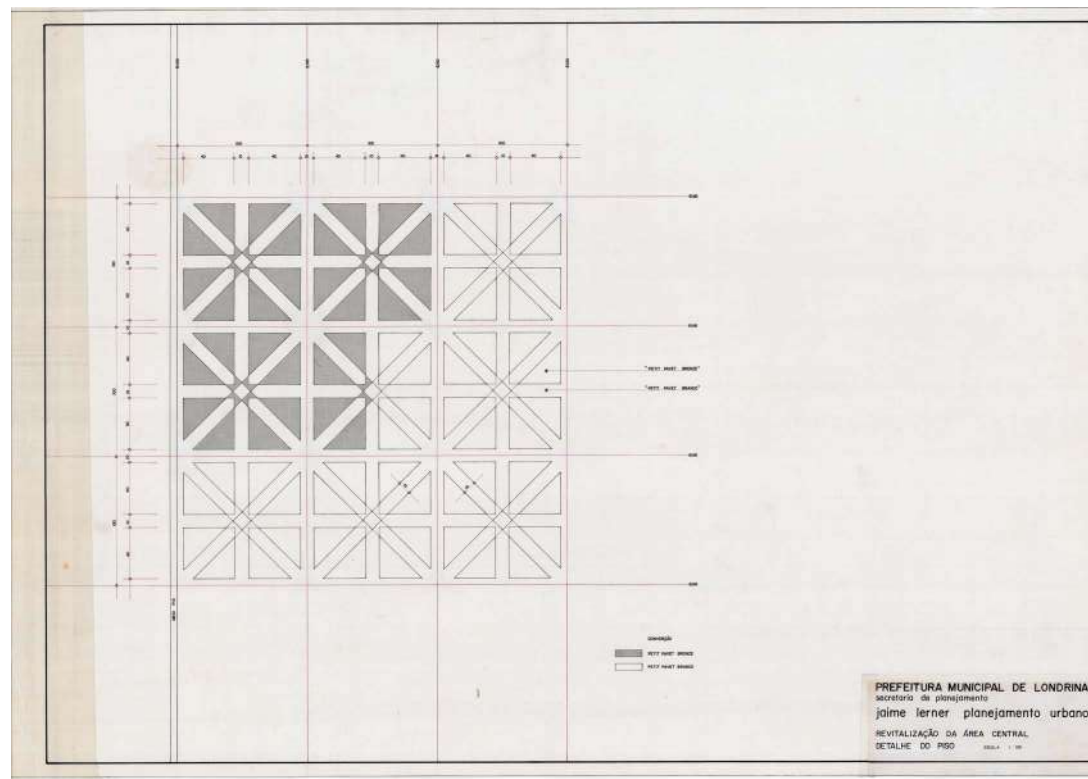
Figura 60 – Croqui da Praça Marechal Floriano Peixoto, detalhe da escadaria



Fonte: Cidade [...] (1977). Acervo do IPPUL (2025).

O arquivo do Instituto Jaime Lerner disponibilizou uma imagem representando a proposta para o piso do Calçadão com *petit pavé* bronze e branco [Fig. 61]. Entretanto, essa imagem não foi localizada no Cadastro Imobiliário Municipal, nem no volume Cidade [...] (1977), tornando incerto se o material foi efetivamente entregue à prefeitura de Londrina. Além disso, relatos indicam que o desenho do piso do Calçadão que foi executado teria sido elaborado por um funcionário municipal pouco antes da chegada dos materiais, o que levanta questionamentos sobre a origem e a implementação da proposta. Esse contexto será explorado mais detalhadamente em seção posterior do Estudo.

Figura 61 – Desenho do piso



Fonte: Acervo do Instituto Jaime Lerner (2025).

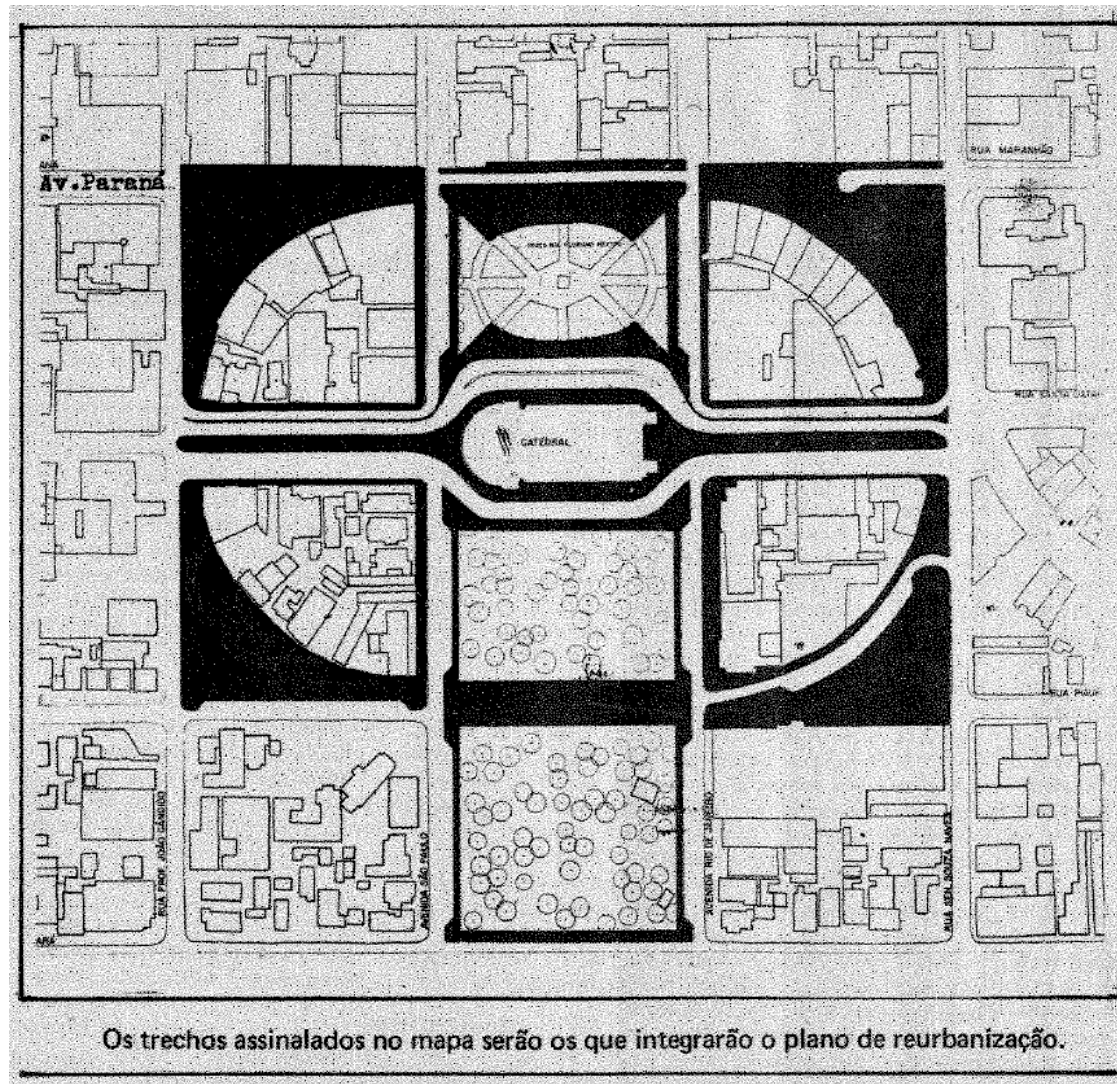
Notícias sobre o projeto de revitalização do Centro de Londrina foram apresentadas à imprensa no último dia de maio pelo prefeito Antonio Belinati. O arquiteto e urbanista Jaime Lerner e o secretário municipal de obras Romeu Demattê Jr. são citados em reportagem no dia 1º de junho de 1977, veiculada na *Folha de Londrina* [Fig. 62].

A reportagem retomou as principais diretrizes do projeto de revitalização inicial, com alguns pequenos acréscimos. Sobre a Praça Willie Davids, Jaime Lerner reforçou que “As árvores e o traçado da praça serão respeitados. É provável, aliás, uma ampliação da área verde” (Centro [...], 1977). Também foram apresentadas mais informações sobre o teatrinho que seria inserido no Bosque: para oitenta crianças, onde “poderão ir desde encenações de fantoches e marionetes, até projeções cinematográficas”. Se destacou o fato de o quiosque com cobertura branca ter sido “tipicamente projetada para Londrina” (Centro [...], 1977).

Sobre a Praça Primeiro de Maio e o calçadão na rua Piauí, a reportagem explicou os usos dados para o local, com a implantação de bancos e mesas, para incentivo da leitura de livros, além do teatro de fantoches na Concha Acústica e a implantação dos quiosques voltados para o edifício Centro Comercial, criando uma grande vitrine. Outras informações são sobre os equipamentos que seriam inseridos na área de pedestres: a reportagem informa a utilização de pés de café nas

floreiras para os turistas, o desenho e a cor branca dos quiosques que seriam característicos de Londrina, cada um deles medindo 25 m², e o uso da madeira nos bancos, para proporcionar mais aconchego (Centro [...], 1977).

Figura 62 – Reportagem com o plano de reurbanização, 1º de junho de 1977



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Outra informação importante veiculada na reportagem da *Folha de Londrina* foi que as obras de revitalização da área central iniciariam pela Praça Willie Davids, seguida pela avenida Paraná, Praça Marechal Floriano Peixoto, Praça Gabriel Martins, Bosque, Praça Sete de Setembro e Praça Primeiro de Maio, em um prazo total de nove meses, com dez dias para cada Praça. Além disso, os recursos para as obras seriam parcialmente custeados mediante um remanejamento de recursos voltados para a construção da nova prefeitura de Londrina (Centro [...], 1977). Dessa forma, faz-se necessária a compreensão de como o Projeto Centro foi de fato implementado em Londrina.

3.2. Implementação do Projeto Centro (1977–1979)

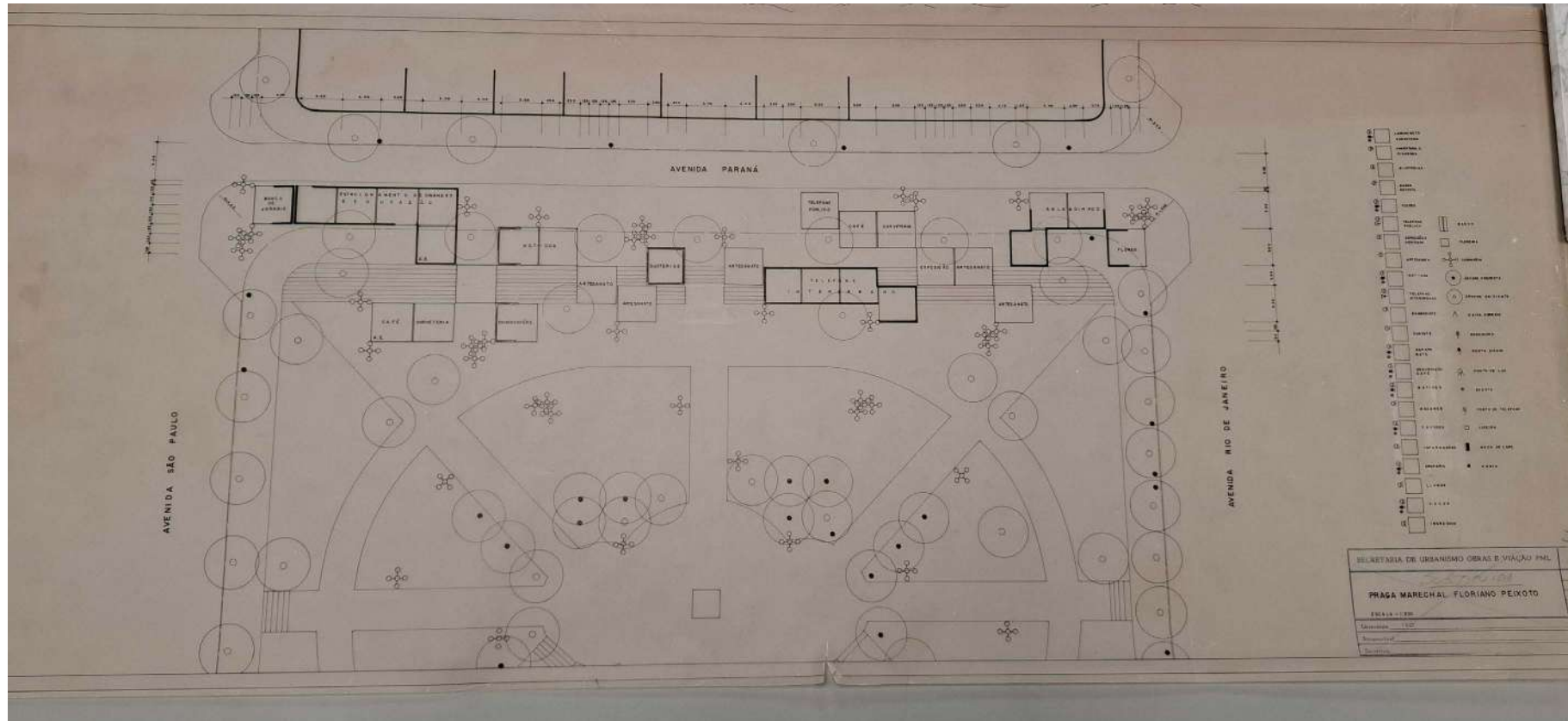
A execução do Projeto Centro passou por ajustes devido às novas propostas formuladas pelos servidores municipais, resultando em redução significativa do número de quiosques inicialmente previstos e alterações na implantação dos bancos e floreiras. Ademais, sua implementação ocorreu de maneira parcial, iniciando-se nas três Praças situadas ao norte (Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids), com a expectativa de continuidade nos anos subsequentes, algo que não se concretizou integralmente.

Dado que apenas os projetos de junho a agosto de 1977 foram localizados no Cadastro Imobiliário Municipal, conclui-se que a execução da proposta de revitalização do Centro se limitou a essa fase inicial. Entretanto, para compreender com maior precisão o escopo das intervenções realizadas e o período necessário para sua implementação, tornou-se essencial recorrer à análise de outros documentos, incluindo reportagens e registros imagéticos do período, que poderiam fornecer informações complementares sobre o desenvolvimento e a concretização do projeto.

Os registros mais antigos encontrados no Cadastro, referentes às modificações planejadas para a área central da cidade com a implementação do Calçadão, datam de junho de 1977 e incluem projetos voltados para as Praças Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids. De acordo com reportagem publicada pela *Folha de Londrina*, essas Praças foram as primeiras selecionadas para o início do processo de revitalização, o que justifica a priorização dos projetos executivos nessas localidades.

Nos dias 13 e 14 de junho de 1977, foram desenvolvidos dois projetos para a Praça Marechal Floriano Peixoto. O primeiro esboço contempla apenas uma parte da Praça, voltada para a avenida Paraná, prevendo a instalação de uma série de quiosques de formato quadrado ao longo dessa avenida e na porção norte da Praça. A proposta, além de reduzir a área até o caminho interno da elipse, inclui a criação de amplas escadarias conectando a Praça à avenida Paraná [Fig. 63].

Figura 63 – Praça Marechal Floriano Peixoto, lado do Calçadão, junho de 1977



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

A configuração dos quiosques preserva parcialmente as diretrizes iniciais estabelecidas por Jaime Lerner, incorporando atividades como a comercialização de artesanato. No entanto, foram adicionadas novas funções previamente alocadas na Praça Gabriel Martins, como o “estacionamento das crianças” e a área destinada à telefonia interurbana, que passaram a ocupar espaços de maior extensão. Além disso, diversos quiosques foram destinados à alimentação, incluindo estabelecimentos como cafés, sorveterias, bombonieres, pontos de venda de

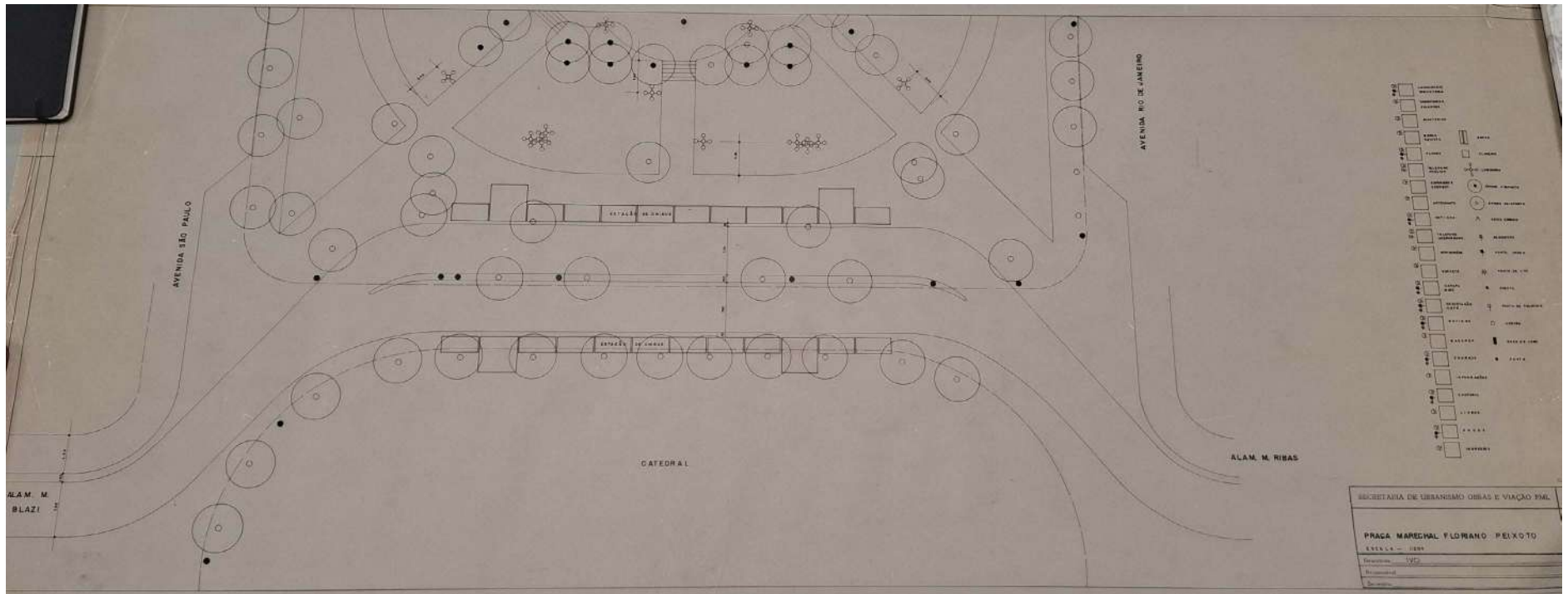
lanches e salgados. O comércio variado também foi contemplado, com espaços destinados à venda de flores, artesanato, jornais e bijuterias. A quantidade e a disposição dos quiosques diferem ligeiramente do plano original de Jaime Lerner, totalizando 29 unidades, em vez das 35 inicialmente previstas.

A vegetação original foi preservada, com a adição de novas árvores nas proximidades da área central da Praça e ao longo das avenidas Rio de Janeiro e São Paulo. As luminárias antigas, compostas por um único globo, foram substituídas por novas estruturas que apresentam cinco globos, formando um desenho inspirado na araucária. A disposição dessas luminárias acompanha a implantação dos quiosques, ora de forma isolada, ora agrupadas em conjuntos de três ou dois elementos. A implementação das luminárias segue fielmente o projeto original elaborado por Jaime Lerner, embora o desenho não apresente bancos ou floreiras.

O segundo desenho contempla a porção sul da Praça Marechal Floriano Peixoto, incluindo a instalação de uma estação de ônibus na via adjacente à Catedral. O projeto prevê a presença de 24 estruturas modulares e o alargamento da rua, o que resulta na redução da área da Praça até o limite do caminho em formato de elipse. Seguindo a mesma abordagem do primeiro esboço, são introduzidas novas luminárias com cinco globos, além de árvores tanto na área central

quanto no novo canteiro. Os desenhos permanecem alinhados às diretrizes propostas por Jaime Lerner, apresentando, dessa vez, o outro lado da calçada ao lado da Catedral, uma perspectiva que não constava nos esboços originais de Lerner [Fig. 64].

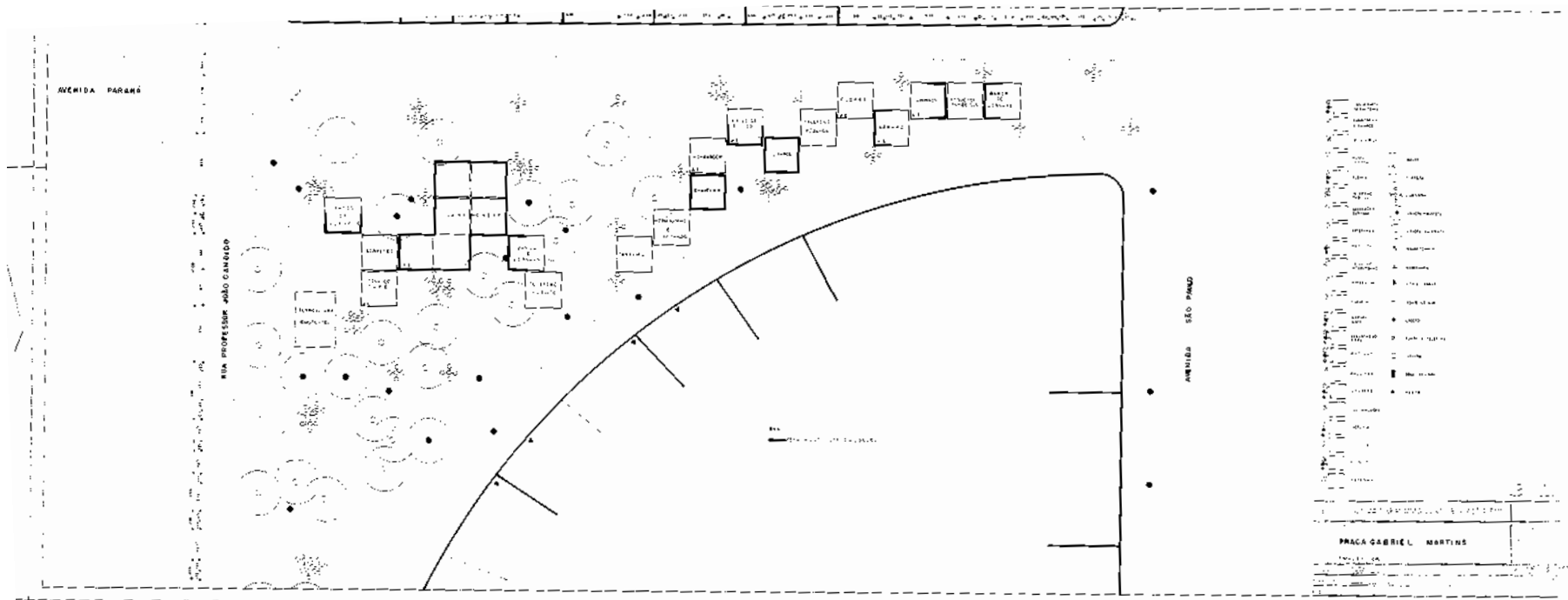
Figura 64 – Praça Marechal Floriano Peixoto, lado da Catedral, junho de 1977



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

No Cadastro Imobiliário constam dois documentos relacionados à Praça Gabriel Martins, datados de 14 de junho e 24 de agosto de 1977, ambos elaborados pela Secretaria de Urbanismo e Viação da prefeitura municipal. O primeiro documento apresenta a planta da Praça [Fig. 65], que está delimitada pela rua Professor João Cândido e pelas avenidas Paraná e São Paulo.

Figura 65 – Praça Gabriel Martins, junho de 1977



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

O desenho apresenta um detalhamento das dimensões do espaço, incluindo o layout dos quiosques planejados, a distribuição das luminárias no modelo araucária e a indicação das árvores existentes, bem como aquelas previstas para plantio. A legenda do documento menciona diversos elementos adicionais, como pontos de iluminação, abastecimento de água, bancos, lixeiras e floreiras, embora esses componentes não estejam representados na planta.

O projeto prevê a instalação de 23 quiosques, um número inferior à proposta original de Jaime Lerner, embora a disposição em ziguezague tenha sido preservada. No entanto, a redução na quantidade de estruturas compromete parcialmente a linearidade e a continuidade

do trajeto coberto. Os quiosques estão organizados conforme suas respectivas funções, evidenciando uma ampla diversidade de serviços, incluindo bancas de jornal, pontos de venda de frutas, floriculturas, livrarias, chaveiros, telefones públicos e estabelecimentos voltados à alimentação, como garapeiras, quiosques de churros e sorveterias. Algumas das atividades inicialmente previstas na proposta de Lerner, em especial aquelas voltadas a serviços, foram realocadas para a Praça Marechal Floriano Peixoto, como os espaços de maior porte destinados à telefonia e ao “estacionamento de crianças”.

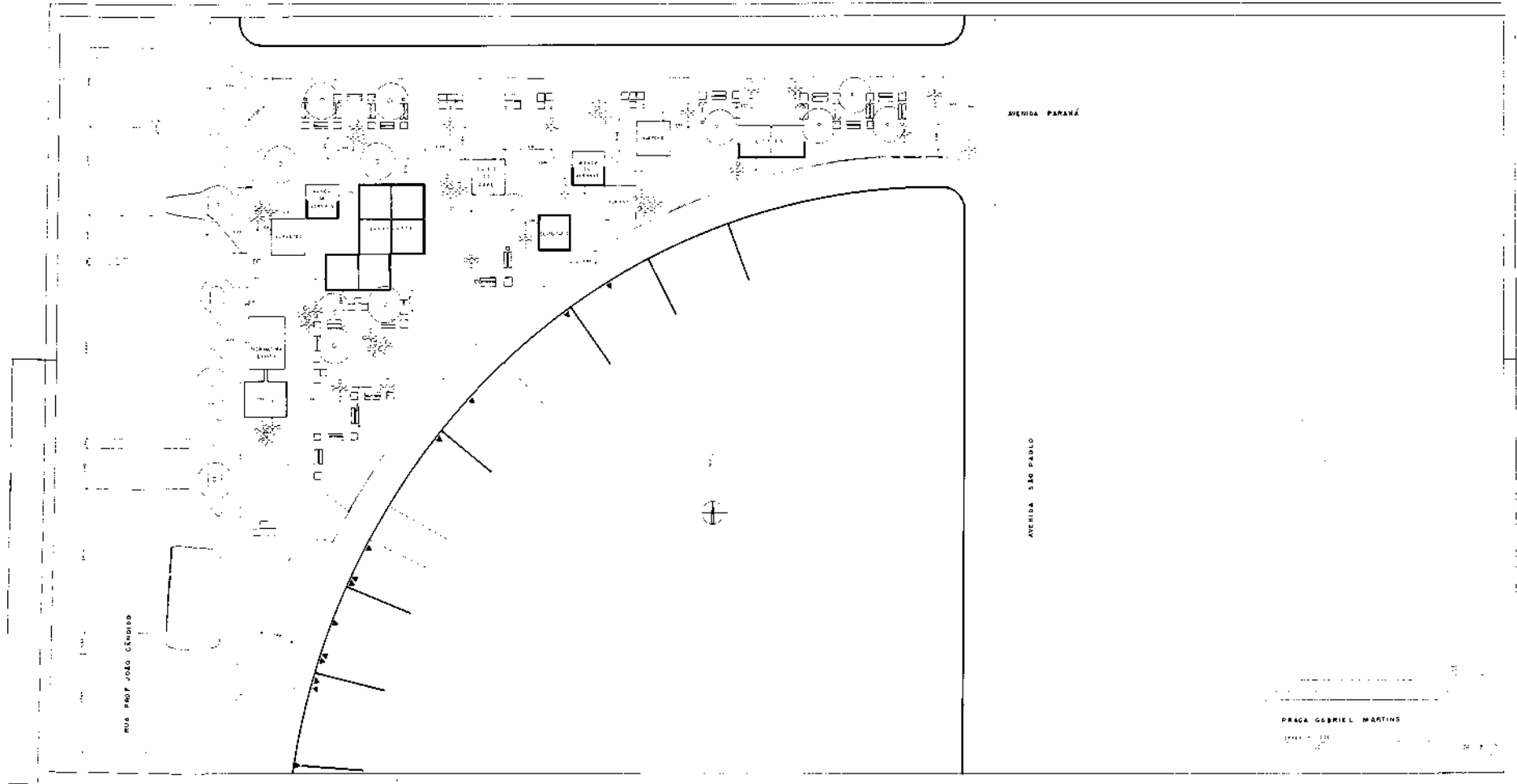
A presença de um quiosque preexistente, de formato retangular e destinado à floricultura, situado próximo à rua Professor João Cândido, constitui um vestígio da intervenção realizada em 1976. Essa estrutura parece ter influenciado a disposição dos novos quiosques, conectando-se visualmente à extremidade leste. Além disso, observa-se que o traçado original em formato de tridente, possivelmente alterado na intervenção de 1976, não foi restabelecido na proposta atual, restando apenas as árvores preexistentes como marcas da configuração primária dos canteiros da década de 1950.

Outro elemento significativo do projeto é o desenho da calçada voltada para a rua Professor João Cândido, que incorpora bolsões destinados ao estacionamento de veículos. Além disso, observa-se uma integração mais ampla da Praça com a avenida Paraná, que foi

convertida em calçada, reforçando a acessibilidade e promovendo um espaço voltado à circulação de pedestres.

A segunda planta [Fig. 66], datada de agosto, não apresenta legenda, mas preserva as mesmas representações gráficas do documento anterior. Em comparação com a primeira versão, observa-se uma alteração no *layout* e na quantidade de quiosques, reduzidos para apenas catorze, o que amplia a distância entre eles e compromete parcialmente o efeito de continuidade e a disposição em zigue-zague originalmente planejada. Apesar disso, o projeto manteve alguns eixos diagonais entre os quiosques, intercalados por espaços vazios entre os agrupamentos. O quiosque preexistente também é mantido e inserido um segundo quiosque quadrado ao lado.

Figura 66 – Praça Gabriel Martins, agosto de 1977



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

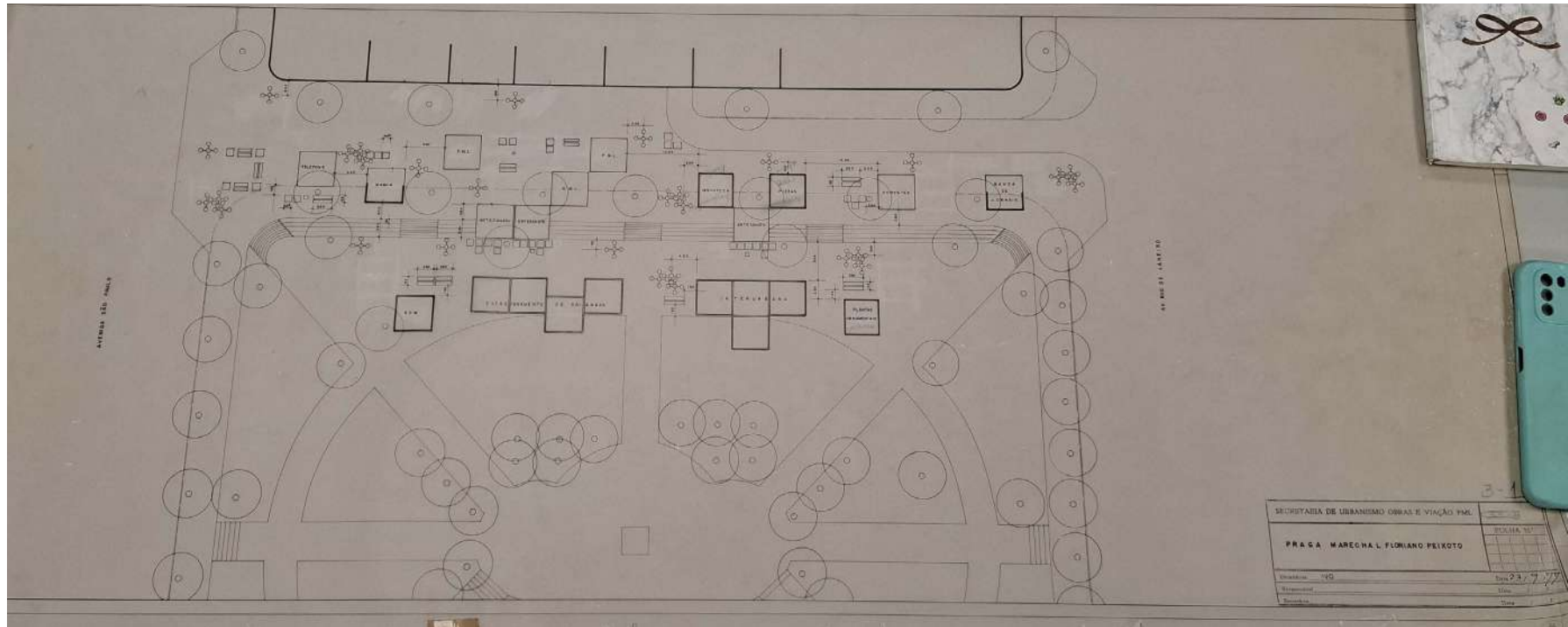
Diferentemente do documento anterior, essa planta inclui a localização das floreiras e dos bancos, que apresentam formato retangular e estão organizados em um arranjo em U, L e S. A configuração da calçada da rua Professor João Cândido continua a incorporar bolsões destinados ao estacionamento de veículos, embora suas dimensões e os canteiros tenham sido modificados. Além disso, a quantidade de árvores representadas na planta sofreu redução em relação à versão inicial, enquanto as luminárias e as medidas gerais permanecem indicadas, mantendo-se em conformidade com o projeto original de Jaime Lerner.

A análise comparativa dos dois documentos revela que, à época, o perímetro da Praça já havia sido submetido a modificações significativas, integrando-se completamente ao Calçadão. As calçadas passaram por um processo de reconfiguração, o que reduziu a percepção do formato triangular original. Além disso, não se identificam vestígios do traçado inicial em tridente, registrado nos documentos da década de 1950, restando apenas a diferenciação do revestimento do piso na avenida Paraná, que foi transformada em calçadão.

Em 23 de setembro de 1977, foi elaborado um novo desenho de parte da Praça Marechal Floriano Peixoto, especificamente voltado para a avenida Paraná [Fig. 67]. Diferentemente da versão anterior, esse projeto interrompe a avenida no meio da quadra, expandindo

significativamente a área destinada aos pedestres. Além disso, os quiosques de maior porte, destinados ao atendimento infantil e à telefonia interurbana, foram posicionados dentro da Praça, ao longo do traçado da elipse, enquanto os quiosques menores e unitários foram distribuídos ao longo da área de pedestres, proporcionando uma integração mais fluida entre os elementos urbanos.

Figura 67 – Praça Marechal Floriano Peixoto, setembro de 1977

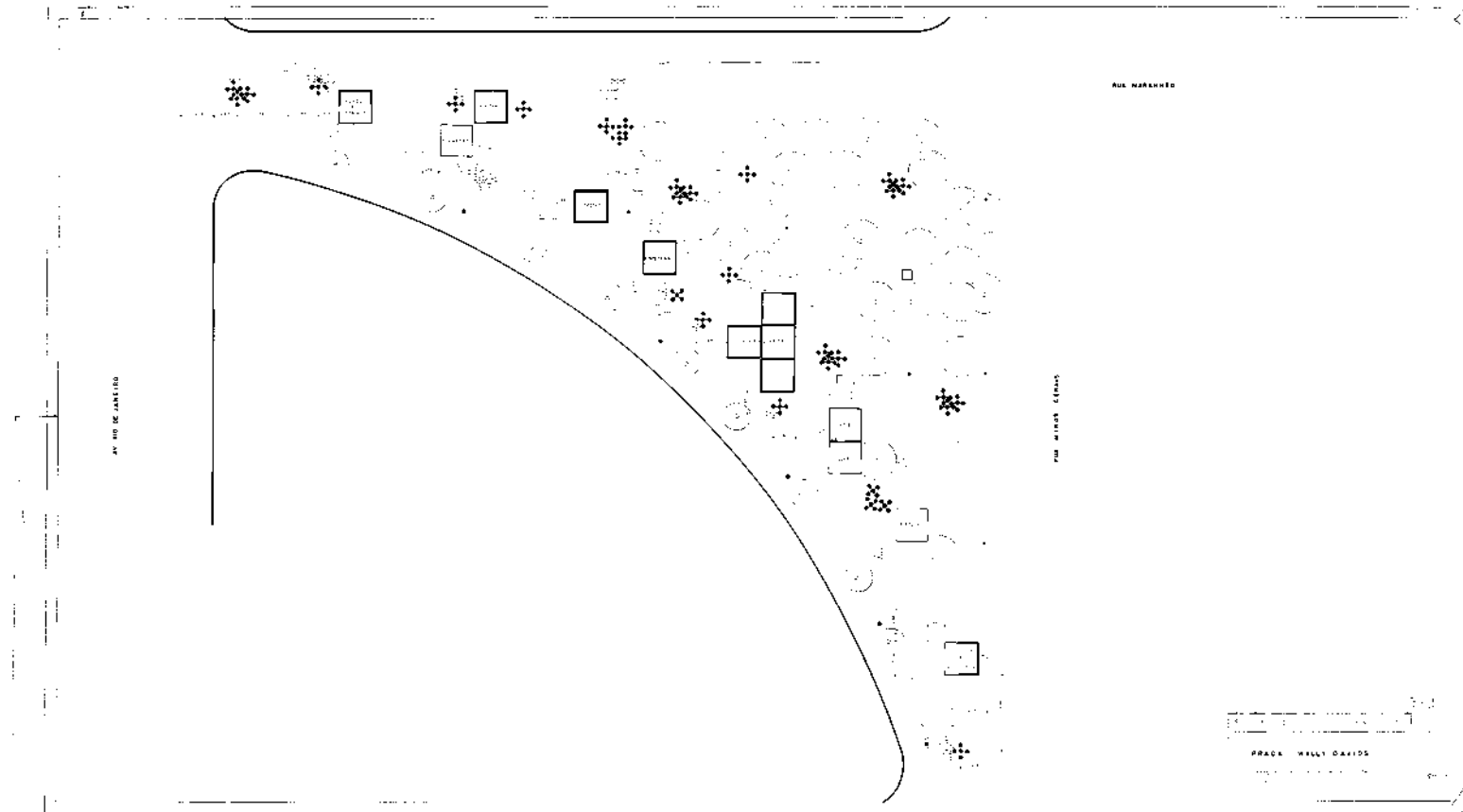


Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Diferentemente dos documentos anteriores, observa-se uma redução no número de quiosques, totalizando 22 unidades, o que resulta em aumento dos espaços vazios entre eles. Além das luminárias com cinco globos, o projeto incorpora bancos retangulares, floreiras e lixeiras de formatos quadrados. Os bancos são dispostos em um arranjo em U, enquanto as floreiras aparecem agrupadas em quantidades variadas, configurando uma implantação em padrão “serpenteante”, caracterizada por módulos quadrados que enfatizam eixos diagonais. Estes também permanecem evidentes na avenida Paraná, mesmo com a redução da quantidade de quiosques. Contudo, os quiosques posicionados dentro da Praça Marechal Floriano Peixoto, mais afastados das escadarias, apresentam uma organização mais longitudinal.

Em setembro de 1977, a Secretaria de Urbanismo, Obras e Viação da prefeitura municipal de Londrina elaborou uma planta referente à Praça Willie Davids [Fig. 68]. No entanto, o documento não esclarece se se trata de um levantamento técnico da área existente ou de um projeto para futuras intervenções.

Figura 68 – Praça Willie Davids, 1977



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

O documento apresenta diversos elementos urbanos, incluindo árvores, bancas, quiosques, mesas, bancos, luminárias, escadas e o desenho do piso, oferecendo um panorama detalhado da configuração da Praça Willie Davids. Além disso, evidencia a integração do perímetro triangular da Praça ao Calçadão, onde foram implantados quiosques, consolidando a transformação do espaço para uso predominantemente pedestre. No interior do triângulo, observa-se a preservação do traçado em “tridente”, referenciando a organização espacial inicial.

Nota-se uma redução significativa na quantidade de quiosques, totalizando apenas treze unidades em comparação aos 28 originalmente propostos por Jaime Lerner. A disposição preserva os eixos diagonais que acompanham a quadra curva, embora com menor continuidade entre os quiosques e sem o efeito zigue-zague que caracterizava o plano inicial.

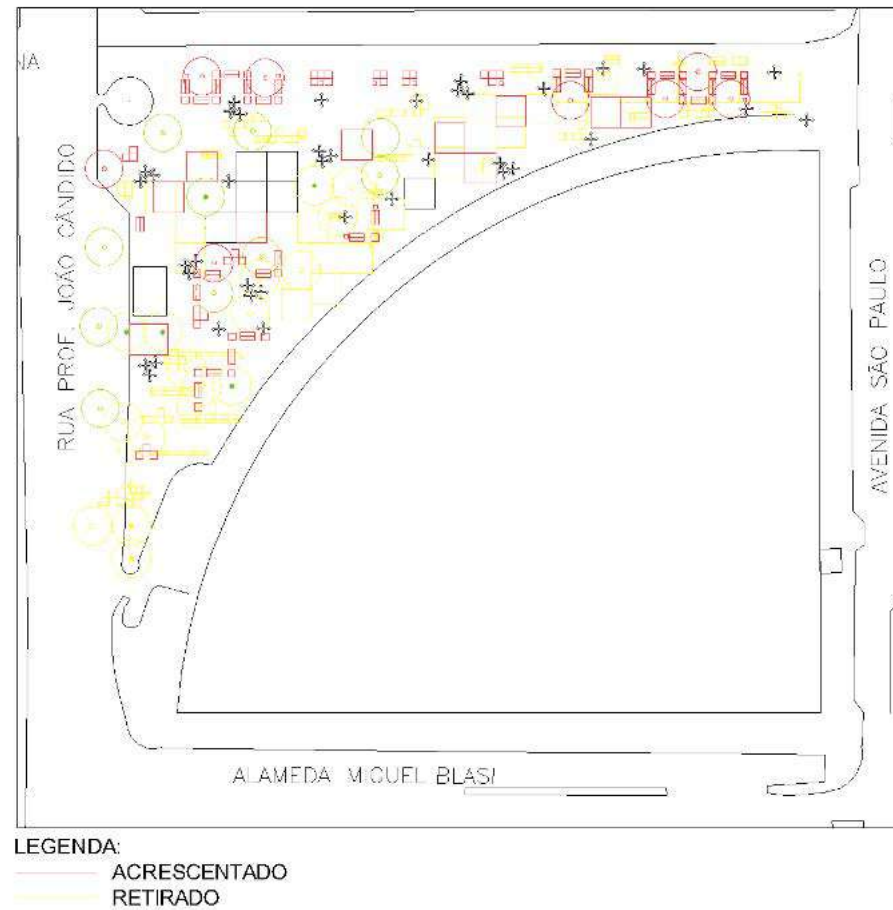
Uma das principais alterações é a inclusão de uma grande lancheonete, que conecta quatro quiosques e invade parte da área central do traçado original da Praça. Além disso, o uso inicialmente planejado para um palco foi substituído pela sugestão de uma discoteca, ao passo que se mantêm estabelecimentos comerciais como bares, sorveterias, cafés, confeitarias, floriculturas, lojas de bijuterias e bancas de jornais, preservando, em grande medida, a

vocação comercial do projeto concebido por Lerner e que acontecia já nas décadas anteriores. O número de luminárias é superior ao previsto no projeto original e sua disposição é distinta do projeto de Jaime Lerner, incluindo algumas posicionadas nas áreas destinadas aos quiosques.

A análise comparativa entre as imagens do projeto original de Jaime Lerner e os últimos documentos encontrados no Cadastro Municipal de 1977 evidencia mudanças substanciais na configuração do espaço urbano. Destaca-se, sobretudo, a redução no número de quiosques previstos originalmente, bem como a introdução de bancos, que passaram a desempenhar um papel fundamental na criação de novas áreas de socialização.

Na comparação do projeto de Jaime Lerner e o do Cadastro, de 1977, da Praça Gabriel Martins [Fig. 69], somente seis quiosques e o quiosque retangular preexistente permaneceram no mesmo local. Os outros dez quiosques implantados diferem da implantação de Jaime Lerner, mas mantêm um desenho em movimento que conecta os eixos leste-oeste através de diagonais com apenas um grande quiosque, que é composto por seis módulos. Os outros dezoito quiosques marcados em amarelo não aparecem na proposta de 1977.

Figura 69 – Comparação do projeto Jaime Lerner e do Cadastro de 1977 (Praça Gabriel Martins)



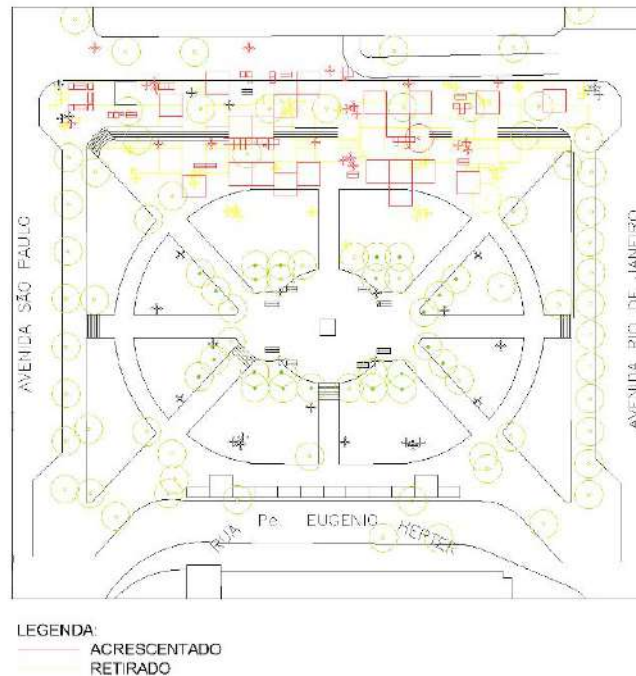
Fonte: Autores (2025).

Em relação aos outros mobiliários, embora o tamanho dos bancos, floreiras e lixeiras permaneçam iguais ao da proposta de Jaime Lerner, a implantação dos bancos e floreiras seguem uma disposição nova, criando áreas em L, U e S. Também é visível a predominância do mobiliário no

local da antiga avenida Paraná ao invés do canto sul da Praça, como na proposta de Lerner. A nova implantação retoma com mais força o movimento contínuo inicial dos quiosques, enquanto os bancos duplos (com assento para os dois lados) contribuem para dinamizar o uso da Praça.

Na comparação do projeto de Jaime Lerner e os do Cadastro da Praça Marechal Floriano Peixoto [Fig. 70], apenas um quiosque se manteve no mesmo local, enquanto os outros 21 quiosques ficam mais dispersos no eixo da antiga avenida Paraná e contínuos na Praça Marechal Floriano Peixoto. Os outros 29 quiosques marcados em amarelo não aparecem na proposta de 1977. A implantação nova em U dos bancos e floreiras está presente em apenas um lado do Calçadão, enquanto o restante da proposta apresenta elementos isolados ou unidos em linha e diagonais.

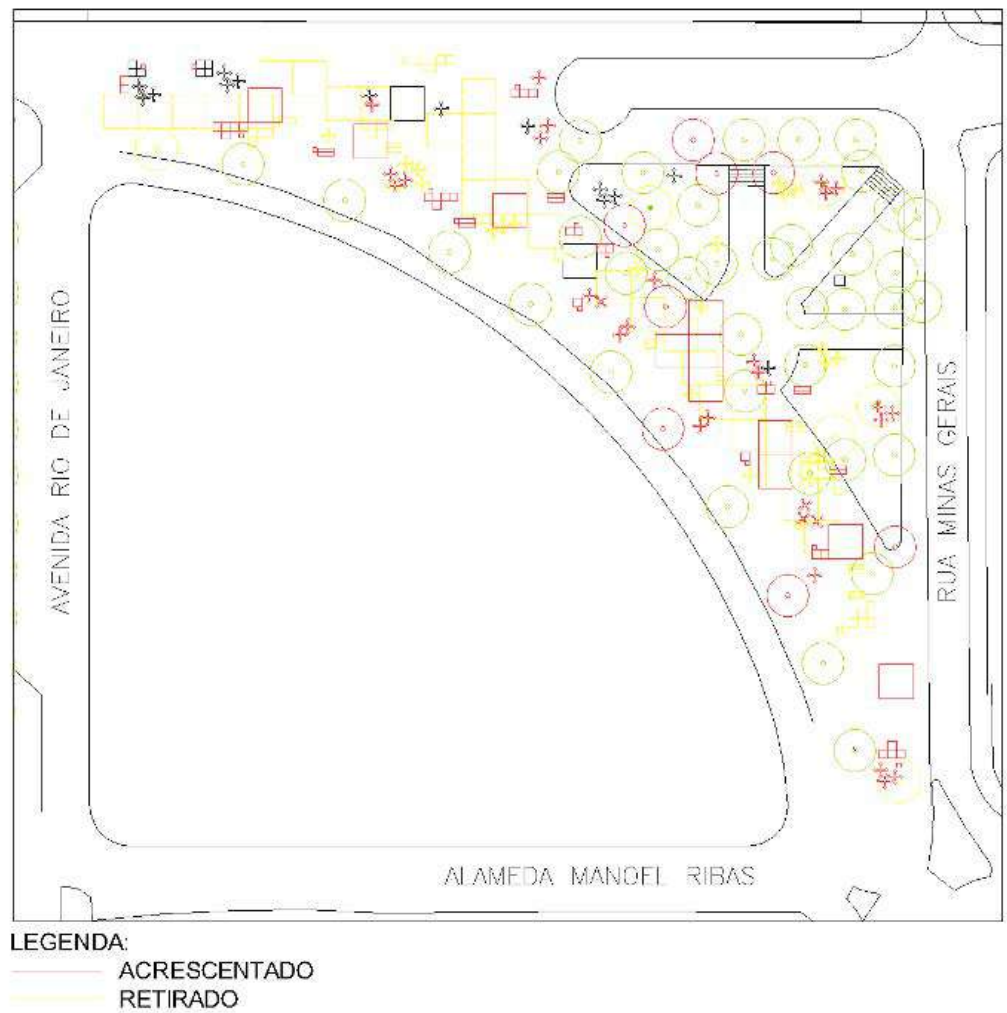
Figura 70 – Comparação do projeto Jaime Lerner e do Cadastro de 1977 (Praça Marechal Floriano Peixoto)



Fonte: Autores (2025).

Por fim, na comparação do projeto de Jaime Lerner e os do Cadastro da Praça Willie Davids [Fig. 71], apenas dois quiosques se mantêm no mesmo local, enquanto os outros dez quiosques apresentam novas implantações. Os 26 quiosques marcados em amarelo não aparecem na proposta de 1977. A implantação dos quiosques permanece sequencial em arco, acompanhando a curvatura da quadra, agora com vãos maiores entre eles, mas mantendo a visibilidade entre os quiosques em diagonal, com exceção de um grande quiosque que une quatro módulos. A quantidade de bancos e floreiras é visivelmente menor do que a Praça Gabriel Martins, sem a presença de agrupamentos em U ou L como nas demais Praças. Além disso, os bancos e as floreiras parecem seguir uma implantação mais fluída e independente, sem relação entre si.

Figura 71 – Comparação do projeto Jaime Lerner e do Cadastro de 1977 (Praça Marechal Floriano Peixoto)



Fonte: Autores (2025).

A redistribuição dos elementos urbanos resultou na ampliação das áreas de estar na maioria das Praças, favorecendo a permanência e interação entre os frequentadores do espaço público. Além disso, aumentou o vazio entre os quiosques, ampliando as áreas abertas e descobertas. Dessa forma, as transformações observadas demonstram uma adequação do projeto às particularidades da dinâmica urbana e social de Londrina.

Sabe-se que, em 5 de julho de 1977, iniciaram-se as obras, com a interdição do tráfego no contorno da Catedral, conforme reportagem na *Folha de Londrina*. Segundo a notícia, a interdição serviria para a mudança do terminal do centro instalado no Bosque (Começa [...], 1977). Em reportagem seguinte, de 30 de agosto de 1977, indicou-se o recebimento de uma verba federal para a execução do Projeto Centro, que serviria para a instalação dos quiosques; também se informou o início das mudanças nos sentidos de algumas vias e das duas travessas ao lado da Catedral para sentido único de ônibus (Verba [...], 1977). Ou seja, em julho e agosto, as mudanças principais teriam acontecido principalmente no Bosque e na Praça Marechal Floriano Peixoto, com o deslocamento do Terminal e da criação das novas rotas de ônibus ao lado da Praça.

A reportagem do dia 9 de setembro de 1977 informa sobre a futura implantação de *petit pavé* na avenida Paraná. Segundo ela, o

mesmo teria um “desenho padrão já projetado” e seria implantado também na Praça Willie Davids (Av. [...], 1977). O piso de *petit pavé*, com motivos em quadrados complementares, segundo outra reportagem de 29 de agosto de 2003, teria sido desenhado em uma tarde, com correntes que representariam elos e união (Calçadão [...], 2003). A autoria de Hely Brêtas Barros e a rapidez com que o desenho foi elaborado também são ressaltadas pelo arquiteto Yamaki (2006) e pelo jornalista Ogawa (2020).

Em 1977 o arquiteto Helly Bretas Barros, hoje com 74 anos, foi procurado pelo então Secretário Municipal de Obras, Romeu Demattei, que lhe fez um pedido urgente: “Ele disse, que no dia seguinte chegariam os caminhões com as pedras brancas e pretas, na mesma quantidade, para serem colocadas no Calçadão mas o problema é que ainda não tinha o desenho”. Barros se sentou em frente à prancheta e em apenas uma tarde desenhou os grandes elos das correntes que hoje já fazem parte da história de Londrina (Calçadão [...], 2003).

Vale ressaltar que o memorial feito por Jaime Lerner, em maio de 1977, apontava apenas sobre a utilização das pedras com mosaico português rosa (ou, alternativamente, branco). Além disso, foi encontrado no arquivo de Jaime Lerner, em Curitiba, uma imagem com uma proposta para o piso do Calçadão em *petit pavé* bronze e branco, com desenhos triangulares (ver capítulo anterior). No entanto, o desenho realizado por Hely Brêtas é distinto do encontrado

no arquivo de Jaime Lerner e em nenhum momento nas reportagens se menciona a existência de outra proposta de desenho para o Calçadão, além do que foi executada.

Outra informação importante que a reportagem de setembro de 1977 apontou foi que o muro que existia entre a Praça Marechal Floriano Peixoto e avenida Paraná foi demolido e as novas escadarias teriam sido executadas. A imagem, além da construção das grandes escadarias, apresenta as árvores ritmadas que acompanhavam a avenida Paraná e a instalação de tubulações subterrâneas, provavelmente para atender os futuros quiosques [Fig. 72].

Figura 72 – Escadaria na Praça Marechal Floriano Peixoto, setembro de 1977



Fonte: Av. [...] (1977).

Além disso, a reportagem também relatou que a avenida Paraná, entre as ruas Professor João Cândido e Minas Gerais, já estava interditada há um tempo e seguiria interditada para as obras de transformação em rua de pedestre (Av. [...], 1977). Ou seja, o trecho que englobava as Praças Willie Davids e Gabriel Martins também já estava sem uso de veículos, prontos para o início das obras do Calçadão.

No mês de outubro, outras três reportagens foram veiculadas na imprensa: nos dias 22, 23 e 28. A reportagem do dia 22 informou sobre as estruturas metálicas dos quiosques começaram a ser implantadas na Praça Gabriel Martins (Os quiosques [...], 1977). Na fotografia veiculada, observam-se aos fundos outras estruturas de quiosques em uma curta distância, criando um dinamismo visual em que se percebe o eixo diagonal. Além disso, a imagem mostra algumas luminárias com cinco globos, implantadas nos vazios entre os quiosques [Fig. 73].

Figura 73 – Implantação dos quiosques no Calçadão, 22 de outubro de 1977



Fonte: Acervo do NDPH/MHL (2025).

A reportagem do dia 23 apresentou um relatório de prestação de contas do prefeito Antônio Belinati, referente às obras do Projeto Centro. Entre os dados, chama a atenção a contratação para a execução da estrutura metálica e fechamento de 114 quiosques, o

fornecimento e montagem de 134 luminárias; o assentamento de 15 mil m² de *petit-pavé*; a construção de setecentos metros lineares de meio-fio e sarjeta na avenida Paraná e a construção de uma caixa d'água na Praça Marechal Floriano Peixoto (Belinati [...], 1977).

Não é relatada a localização dos 114 quiosques citados na reportagem, ou mesmo se essa seria a quantidade para todas as praças ou apenas para essa área de intervenção inicial. Segundo os desenhos analisados, encontrados no Cadastro Imobiliário, apenas para a área inicial, o número de quiosques seria muito menor.

A reportagem do dia 28 mostrou o andamento das obras, informando que até o final da próxima semana estaria finalizada a colocação do *petit pavé* com desenhos geométricos, que permitiria andar da Praça Willie Davids até a Praça Gabriel Martins. Além disso, quarenta quiosques seriam instalados no trecho do Calçadão na avenida Paraná e Praças Willie Davids, Gabriel Martins e Marechal Floriano Peixoto. Contudo, a reportagem reforçou que o projeto completo só finalizaria com as intervenções na Praça Primeiro de Maio, Sete de Setembro e Bosque (O Centro [...], 1977).

Uma fotografia de outubro apresenta o desenho quadriculado do piso e a implantação dos quiosques com um desenho parcialmente “serpenteante” [Fig. 74]. Considerando o detalhe curvo do Cine Teatro Ouro Verde (no canto da direita inferior da imagem), a foto mostra

o canto inferior do final do Calçadão da avenida Paraná, próximo à Praça Willie Davids, e o calçadão ao lado da Praça Marechal Floriano Peixoto, sendo que a disposição dos quiosques parece seguir os projetos de setembro, analisados anteriormente.

Figura 74 – Reportagem sobre as obras no Calçadão, 28 de outubro de 1977



Fonte: O centro [...] (1977). Acervo Folha de Londrina – NDPH/MHL (2025).

Em novembro de 1977, a reportagem do dia 2 [Fig. 75], informou que estavam sendo instalados 28 bancos e 57 floreiras na Praça Gabriel Martins (Bancos [...], 1977). A quantidade de bancos e floreiras é consistente com o desenho do Cadastro Imobiliário de setembro de 1977.

Figura 75 – Reportagem sobre o início da instalação dos bancos, 2 de novembro de 1977



Fonte: Acervo do NDPH/MHL (2025).

No dia 2 de dezembro de 1977, foi veiculada a reportagem informando que a Praça Gabriel Martins seria inaugurada no dia dez, aniversário de Londrina. Segundo a notícia, a Praça teria quinze quiosques, mas com apenas nove sendo usados, entre eles, quatro atividades já preexistentes no local e cinco novas, com usos de duas sorveterias, duas bancas de revistas, uma floricultura, um telefone público, um para o setor de turismo, uma lanchonete e um café. Ademais, outras praças continuariam em obra, buscando finalizar a infraestrutura até o dia 10 de dezembro. Os fechamentos e adaptações de quiosques ficariam a cargo dos usuários. Também é relatado que as obras iniciaram no dia 16 de setembro, com a colocação do *petit pavé* (Belinati [...], 1991). A quantidade de quinze quiosques corresponde aos desenhos do Cadastro Municipal analisados anteriormente.

A última reportagem de 1977 sobre as obras no Centro foi no dia 17 de dezembro [Fig. 76]. Ela informou sobre o início do recebimento das coberturas dos quiosques, no dia anterior. Os serviços se iniciaram nos quinze quiosques da Praça Gabriel Martins, com coberturas “pré-moldadas em fibra de vidro, na forma de semiarco, [que] evitarão o aquecimento demasiado do interior do quiosque devido à formação de um colchão de ar. A noite, porém, essas coberturas tenderão a aparecer como uma grande luminária de luz branca” (Quiosques [...], 1977). A reportagem ainda reforçou que haveria mudança na

quantidade de quiosques a serem implantados na Praça Willie Davids e Marechal Floriano Peixoto, e que os outros quiosques seriam utilizados nas Praças Primeiro de Maio, Sete de Setembro e Bosque na terceira etapa do projeto:

Na praça Willie Davids serão cobertos 14 quiosques. “Pelo projeto original – diz a Prefeitura – a previsão era a de construção de 28 quiosques, mas a Secretaria de Obras fez a redução de 14. Na Marechal Floriano Peixoto foram reduzidos 10 quiosques, ficando com 22 unidades das 32 previstas inicialmente” (Quiosques [...], 1977).

Os números dos quiosques citados na reportagem conferem com os desenhos do Cadastro nas Praças Gabriel Martins e Marechal Floriano Peixoto. Já a Praça Willie Davids tem treze quiosques no projeto do Cadastro em vez dos catorze citados na reportagem, não havendo clareza se esse quiosque a mais teria sido acrescentado durante o processo de execução do projeto.

Figura 76 – Reportagem sobre a cobertura dos quiosques, 17 de dezembro de 1977



QUIOSQUES COMEÇAM A RECEBER COBERTURAS

A Secretaria de Obras iniciou ontem a cobertura dos quiosques das Praças Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids. Os trabalhos estão sendo executados, inicialmente, na Praça Gabriel Martins, onde ficarão 16 quiosques.

As coberturas, pré-moldadas em fibra de vidro, na forma de semi-círculo, evitarão o aquecimento demasiado do interior do quiosque devido à formação de um colchão de ar. À noite, porém, essas coberturas tenderão a aparecer como uma grande luminária de luz branca.

As obras da segunda etapa do Projeto Centro, abrangendo as três praças, entraram em fase final, com a instalação de floreiras, rede elétrica interna dos quiosques, bancos, plantio de flores e instalação de luminárias, fechamento dos quiosques, acertos e correções finais.

Na Praça Willie Davids serão cobertos 14 quiosques. "Pelo projeto original - diz a Prefeitura - a previsão era a de construção de 28 quiosques, mas a Secretaria de Obras fez a redução de 14. Na Marechal Floriano Peixoto foram reduzidos 10 quiosques, ficando com 22 unidades das 32 previstas inicialmente".

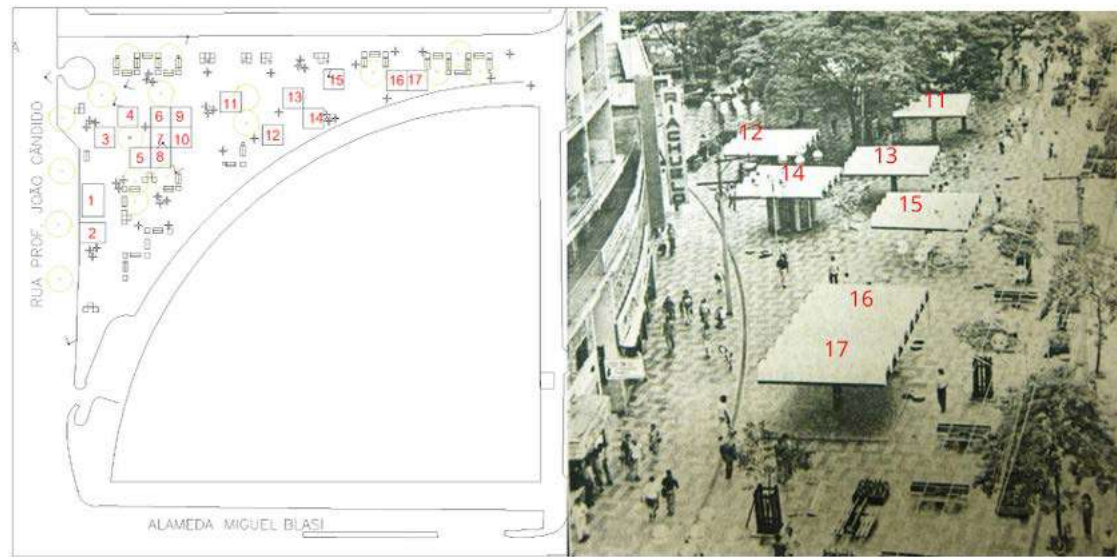
O Secretário Romão Damattê informa que os quiosques não utilizados nestas praças serão colocados nas Praças 7 de Setembro, Primeiro de Maio e no Bosque, quando da execução da terceira etapa do Projeto Centro.

Fonte: Quiosques [...] (1977). Acervo IPPUL (2025).

Além dos registros que confirmam a execução do Calçadão em 1977 e os dados quantitativos sobre os quiosques, as imagens disponíveis possibilitam uma compreensão mais aprofundada da ambiência projetada e vivenciada pelos londrinenses. Essas representações visuais permitem verificar se a construção seguiu fielmente o projeto municipal de 1977, particularmente no que se refere à implantação em zigue-zague dos quiosques e à disposição dos bancos nos formatos U, L e S. Para facilitar a análise comparativa entre o projeto arquitetônico original e as imagens documentadas, os quiosques foram numerados em uma planta realizada pelos autores (2025) a partir dos últimos projetos do Cadastro Municipal de 1977 [Fig. 77].

Uma das imagens mais antigas disponíveis no *site* Londrina Histórica retrata a implantação inicial dos quiosques na Praça Gabriel Martins, ainda sem elementos de fechamento. Nessa representação, identificam-se sete quiosques distribuídos ao longo do Calçadão, juntamente com parte do mobiliário urbano disposto em formato de U. Além disso, observam-se bancos retangulares, floreiras, lixeiras de *design* quadrado e luminárias do tipo araucária, caracterizadas pelos cinco globos. Destaca-se ainda que as árvores presentes na Praça estão cercadas por tábuas verticais, conferindo-lhes proteção estrutural.

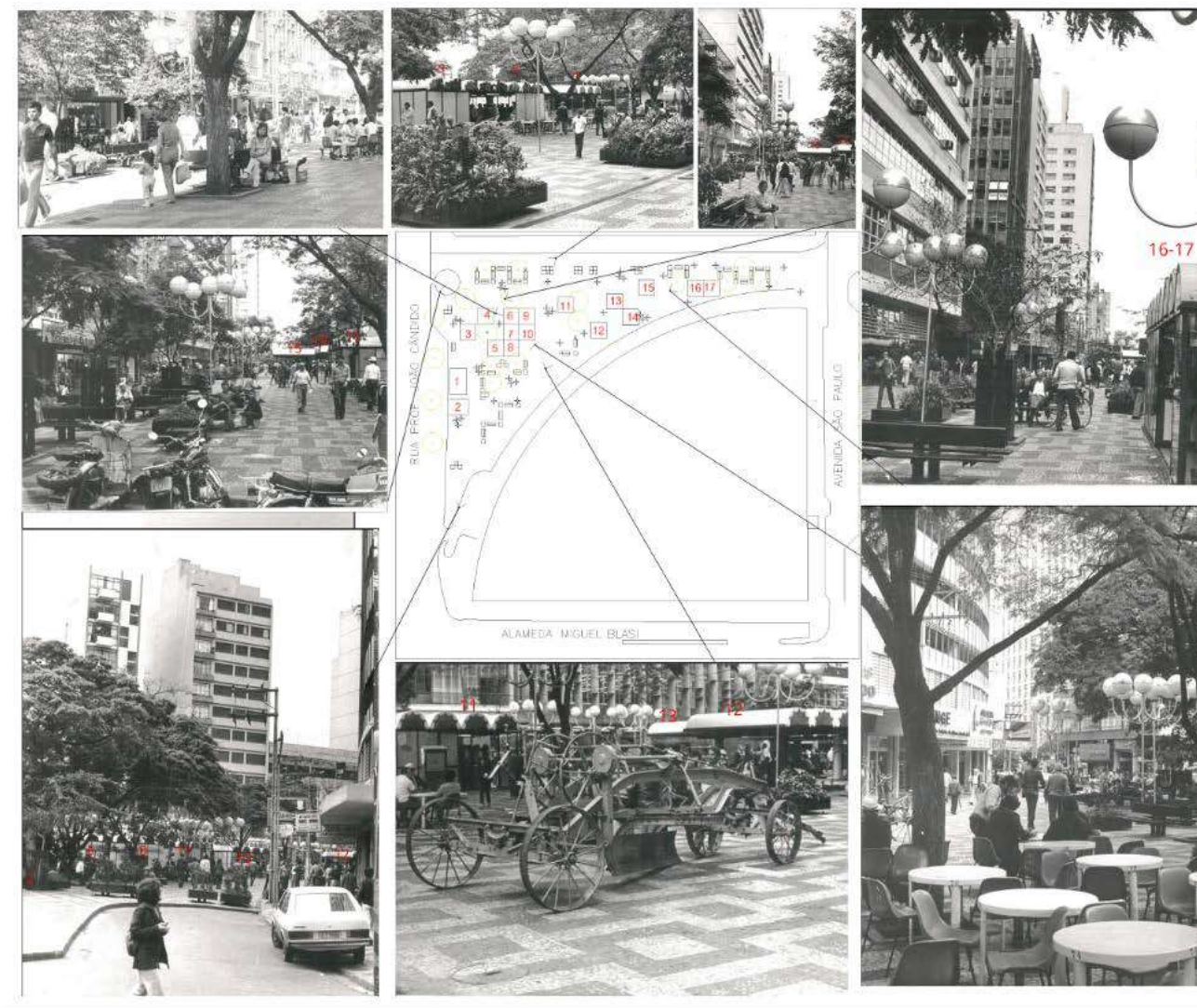
Figura 77 – Praça Gabriel Martins, [1977]



Fonte: O calçadão [...], editada pelos autores (2025).

As imagens de data indeterminada, disponibilizadas pelo IPPUL, que retratam a Praça Gabriel Martins, possibilitam a identificação de alguns dos quiosques conforme a planta de 1977 [Fig. 78]. No que se refere à disposição dos bancos e floreiras, observa-se que algumas configurações mantêm semelhança com o projeto original, enquanto outras apresentam diferenças, sobretudo na porção sul. Além disso, as imagens registram a presença do estabelecimento Grill Lanches Ltda., ocupando os quiosques cinco a dez. No entanto, não há representação visual do quiosque preexistente de 1976 (n.º 1) e da ampliação realizada ao lado (n.º 2), o que dificulta determinar se houve alterações para harmonizar sua estética com a dos novos quiosques.

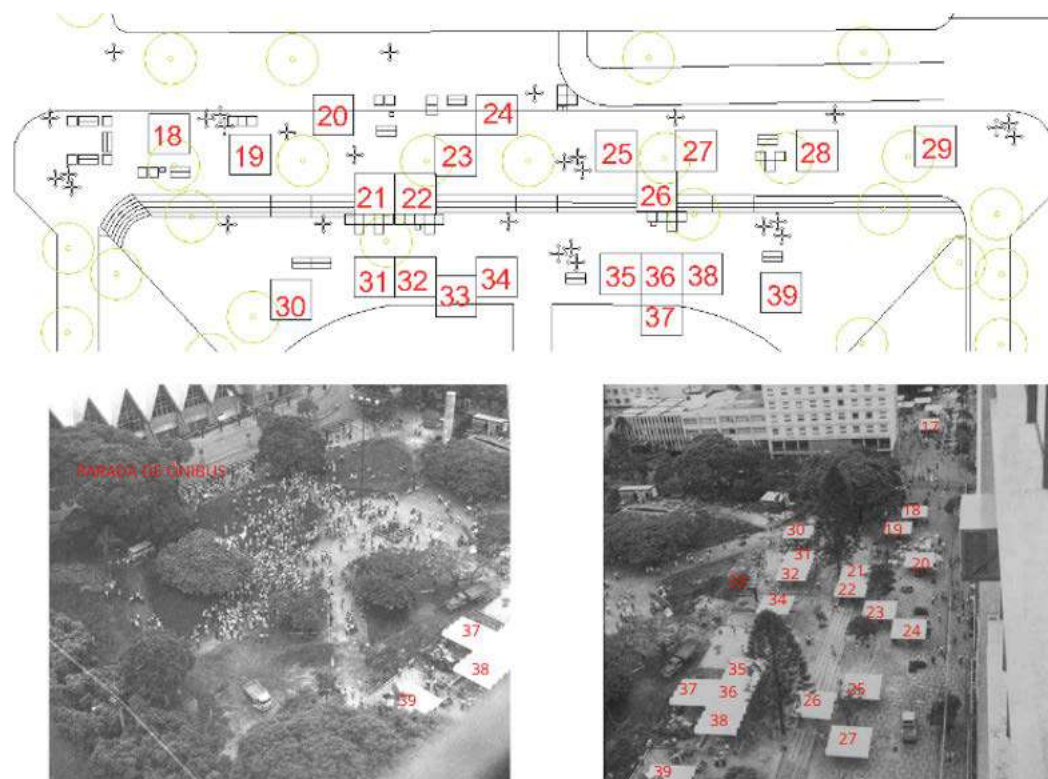
Figura 78 – Esquema de vistas da Praça Gabriel Martins, [197-]



Fonte: Acervo do IPPUL, modificada pelos autores (2025).

As imagens que retratam a Praça Marechal Floriano Peixoto e a seção do calçadão da Gabriel Martins corroboram a implementação dos quiosques conforme documentado no projeto de 1977. Nas imagens [Fig. 79], observa-se que o quiosque 33 e o ponto de ônibus próximo à Catedral encontram-se descobertos. Ademais, não há registros dos elementos de fechamento dos quiosques, o que sugere que as fotografias datam de 1977, período em que a obra ainda não havia sido concluída.

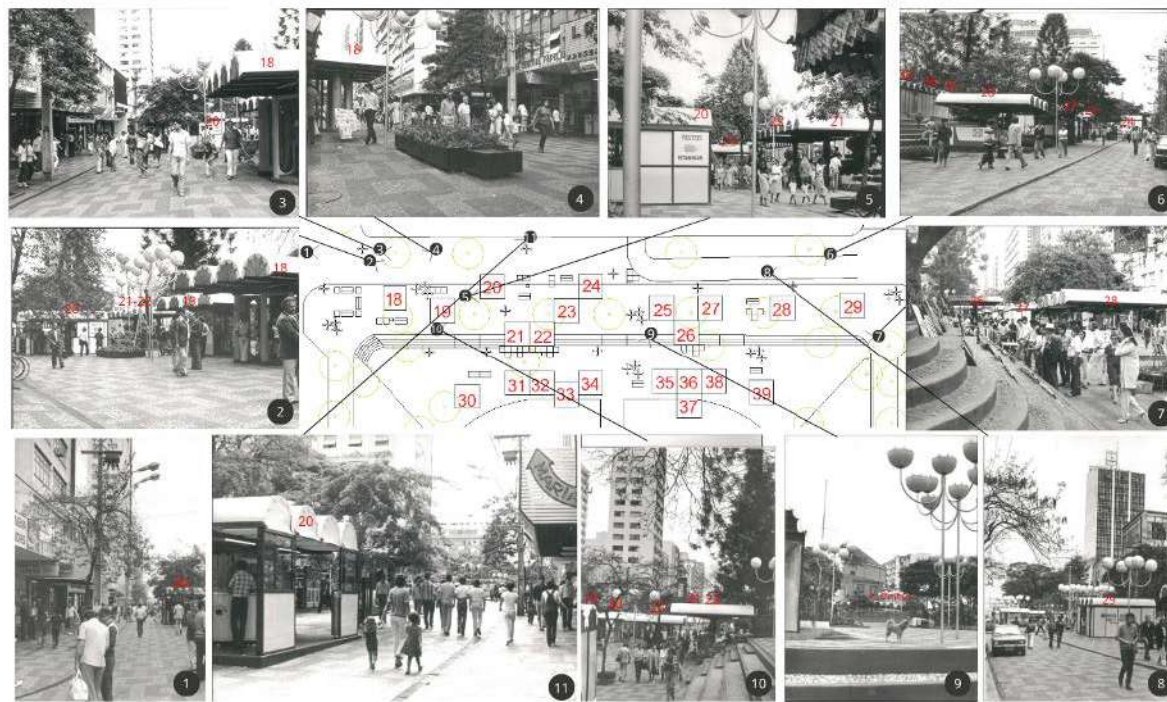
Figura 79 – Esquema de vistas da Praça Marechal Floriano Peixoto, [1977]



Fonte: Acervo MHL, modificado pelos autores (2025).

Em outras imagens, observam-se os quiosques em pleno funcionamento, incluindo um ponto telefônico localizado no início da quadra (n.º 18), uma banca especializada na venda de pastéis e vitaminas (n.º 20) e uma sorveteria (n.º 28). Os quiosques instalados sobre as escadarias não possuíam fechamento lateral, permitindo a visualização de pessoas acomodadas nessa área, usufruindo do espaço sombreado [Fig. 80].

Figura 80 – Esquema de vistas da Praça Marechal Floriano Peixoto, [197-]



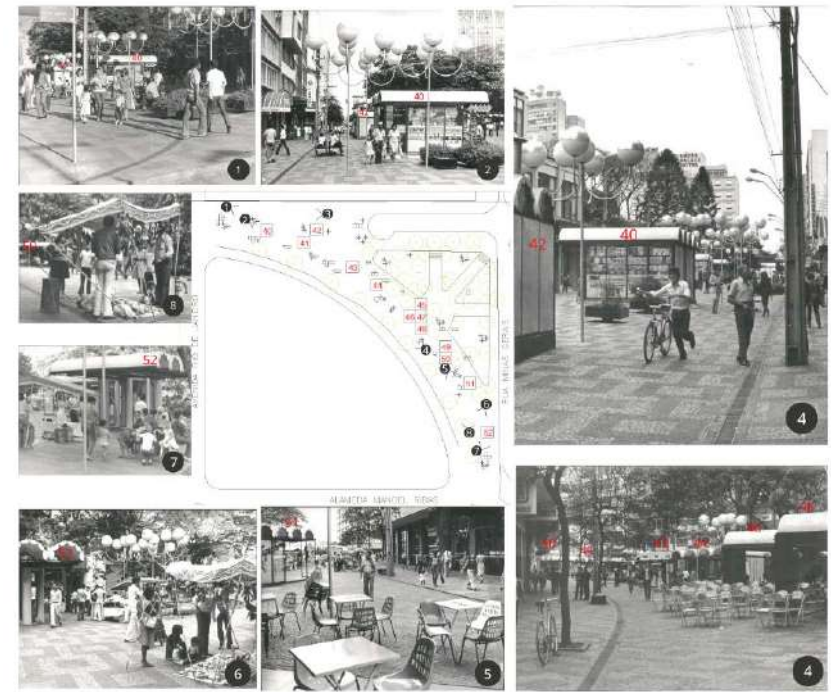
Fonte: Acervo do IPPUL, modificado pelos autores (2025).

Nos registros imagéticos analisados, observa-se que os demais mobiliários urbanos possuem uma presença discreta. No entanto, destaca-se a disposição agrupada das floreiras, bem como a instalação de luminárias com cinco globos, incluindo na área da Praça Marechal Floriano Peixoto, onde

substituíram os modelos anteriores, além das modificações projetadas para o encurtamento dos canteiros e a reorganização de parte do traçado interno, sendo que a área adjacente aos quiosques passou a apresentar um revestimento e um padrão de desenho harmonizados com o calçamento em *petit pavé*. Os quiosques, por sua vez, apresentam fechamento frontal opaco, acompanhando a conformação abobadada das estruturas de cobertura, e exibem diversidade nos acabamentos, configurando variações de quiosques abertos, fechados ou híbridos. Os elementos de fechamento utilizados promovem obstruções visuais e funcionais, podendo cobrir integralmente o vão vertical do quiosque ou, majoritariamente, apenas sua porção inferior.

Na Praça Willie Davids a disposição dos quiosques é similar ao projeto e os mobiliários apresentam alterações. A concentração de bares e lanchonetes é marcante, com a presença de mesas e cadeiras dentro e próximo aos quiosques, principalmente os maiores. Outros usos, como uma banca de revistas (n.º 40) e cabine telefônica (n.º 52) marcam o conjunto. Próximo à cabine telefônica, na parte sul do calçamento, aparece uma grande concentração de mercado informal, com barracas independentes [Fig. 81].

Figura 81 – Esquema de Vistas da Praça Willie Davids, [197-]



Fonte: Acervo do IPPUL, modificado pelos autores (2025).

A localização das imagens, na planta, foi determinada por meio de uma análise aproximada baseada nos elementos identificados nas fotografias, podendo haver pequenas divergências devido à natureza estimativa do processo. O objetivo da identificação espacial das imagens é esclarecer de que maneira elas registram a disposição dos quiosques e demais mobiliários urbanos.

Além disso, os registros visuais evidenciam que as três áreas do Calçadão eram amplamente frequentadas, revelando o impacto dos quiosques na experiência dos transeuntes, ao alternar espaços abertos e delimitados. A complexidade das perspectivas visuais também é notável, uma vez que, constantemente, mais de um quiosque era englobado no campo de visão, proporcionando efeitos de profundidade e um senso de descoberta ao longo do percurso.

Nas imagens analisadas, os bancos apresentam um perfil duplo, oferecendo assento em lados opostos e evidenciando sua constante ocupação pelos usuários. Além disso, as floreiras, predominantemente de formato quadrado e dispostas em linhas ou diagonais, introduzem uma dinâmica própria ao espaço urbano, sobrepondo-se visualmente aos quiosques e conferindo uma sensação de camadas distintas sobrepostas, enriquecendo a percepção espacial e dinâmica do ambiente. As luminárias, por sua vez, alternam entre configurações isoladas e agrupadas, destacando-se acima dos quiosques e compondo uma terceira camada em movimento, contribuindo para a complexidade visual e a experiência dos transeuntes.

O fluxo livre dos usuários mantém-se predominantemente nas proximidades das lojas situadas nas antigas calçadas das ruas, enquanto a disposição dinâmica dos quiosques e outros mobiliários urbanos caracteriza a área central, próxima às Praças. Dada a

variação espacial do Calçadão nas três Praças, observam-se distintas configurações na dinâmica social local.

Na Praça Gabriel Martins, nota-se um planejamento na distribuição dos bancos em formatos L, U e S, criando diversas áreas de estar e reforçando sua função como um dos principais pontos de encontro da população, o que evidencia seu papel simbólico como o “coração de Londrina”. Por outro lado, o calçadão da Praça Marechal Floriano Peixoto apresenta um contraste entre o fluxo contínuo de pedestres junto aos edifícios e a área de pausa próxima às escadarias, utilizadas também para a exposição de obras dos artesãos locais. Os estabelecimentos comerciais de alimentação e bebidas, por sua vez, contavam com uma quantidade reduzida de mesas e cadeiras externas, sugerindo uma dinâmica de uso mais ágil e transitória.

Por fim, o calçadão da Praça Willie Davids conservava o fluxo livre ao redor dos edifícios, e nas imagens disponíveis, a Praça propriamente dita aparece com menor destaque. O posicionamento e dimensões dos quiosques parecem delimitar visualmente a área antiga da Praça em relação aos novos espaços de convívio, próximos a esses equipamentos. A presença de bares e restaurantes com grande número de mesas e cadeiras externas contribui para a permanência prolongada dos usuários no calçadão, favorecendo a interação e o uso coletivo do espaço.

Por outro lado, a concentração de barracas e a disposição dos quiosques maiores com grande quantidade de mesas e cadeiras na área externa dão indícios de alguns problemas que se ampliaram nos anos futuros de funcionamento do Calçadão. Embora o projeto tenha sido fruto de uma proposta completa que envolve vários tipos de equipamentos, os anos iniciais de funcionamento mostram que não houve uma continuidade na manutenção das características iniciais, como, por exemplo, a impossibilidade de alteração nos mobiliários urbanos e a implantação de novos elementos que não foram projetados com o conjunto.

Somente em 1979 criou-se um documento buscando regulamentar a área executada do Calçadão. O decreto n.º 263, de 25 de janeiro de 1979, regulamentou o uso do espaço, diagnosticando uma “distribuição defeituosa em termos de espaços e ramo de atividade”. A partir dessa constatação, foram estabelecidas diretrizes específicas para a ocupação dos quiosques, tais como a limitação de seu tamanho de acordo com o ramo de atividade e a autorização apenas para a “venda de alimentos prontos” (IPPUL, 2016).

Embora a proposta do Projeto Centro tenha se iniciado com a requalificação do Calçadão nas Praças situadas ao norte do Conjunto Central, estabelecendo uma identidade visual coesa por meio do tratamento uniforme dos mobiliários, observa-se que poucas das

características preexistentes das Praças das décadas de 1940 e 1950 foram preservadas em sua configuração original tanto na proposta de Lerner quanto na execução posterior. Permaneceram inalterados, essencialmente, apenas o traçado da Praça Willie Davids, parte do traçado da Praça Marechal Floriano Peixoto, a vegetação de grande porte e os monumentos.

As Praças localizadas ao sul do Conjunto Central permaneceram, nesse período, sem alterações significativas. Somente uma reportagem publicada em 1979 voltou a abordá-las, destacando que as intervenções planejadas para as Praças Primeiro de Maio, Sete de Setembro e Bosque foram postergadas para o ano de 1980. Essa decisão deveu-se à necessidade de concluir, previamente, outras obras prioritárias na cidade, como os terminais urbanos de ônibus, rodoviário e ferroviário. A mesma reportagem menciona a ampliação do anel viário, contemplando vias como as ruas Goiás, Benjamin Constant, avenida Higienópolis e o entorno da nova rodoviária, o que impulsionou o início das reformas em outras praças, como a Quinze de Novembro e a Getúlio Vargas:

Os outros pontos do projeto original, como a Praça Primeiro de Maio, Bosque e Concha acústica, ficam na pendência da execução das obras de mudanças do Terminal de Ônibus Urbanos do Bosque da atual rodoviária para a nova, nas imediações do Estádio “Vitorino Dias” e as mudanças da Estação Ferroviária para a variante, cujas obras estão bem adiantadas (Obras [...], 1979).

Após a implantação do Calçadão, o Conjunto Central passou a ter um novo valor simbólico e funcional no espaço urbano. Em especial, as Praças diretamente modificadas (Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids), que receberam uma nova configuração, com a instalação de bancos, quiosques, floreiras e luminárias características do grande projeto de revitalização realizado no final da década de 1970. Como analisado, o projeto executado não corresponde exatamente à proposta original do arquiteto Jaime Lerner. Houve alterações tanto na quantidade quanto na localização de alguns elementos, além do abandono da ideia de integrar todo o conjunto urbano. Isso resultou em um distanciamento ainda maior das Praças Primeiro de Maio e Sete de Setembro, assim como do Bosque, em relação ao núcleo central reformado, comprometendo a coerência da elipse e da percepção do Conjunto Central como um agrupamento.

4 Continuidades e Descontinuidades do Projeto Centro (1980–1998)

Nas décadas de 1960 e 1970, Londrina passou por um intenso processo de expansão urbana, impulsionando uma série de investimentos voltados ao aprimoramento da infraestrutura urbana e à busca por uma organização territorial mais eficiente. Nesse contexto, destaca-se a elaboração do Primeiro Plano Diretor Municipal, instituído em 1968, o qual representou um marco significativo no planejamento urbano da cidade. O referido Plano, conforme exposto anteriormente, tinha como objetivo principal orientar o crescimento urbano de forma ordenada, promovendo o uso racional do solo e a qualificação dos espaços públicos. Entre as políticas públicas implementadas nesse período, merece destaque o Projeto Centro, concebido com a finalidade de valorizar o Centro Histórico de Londrina e a criação do Calçadão.

Durante a década de 1980, o município manteve sua trajetória de crescimento populacional (passando de aproximadamente 300 mil para 390 mil habitantes) e consolidou-se como um polo regional, com a ampliação dos setores de serviços, especialmente nas áreas de educação, saúde, saneamento básico e atividades industriais (Castelnou, 2002). Esse crescimento sustentou a continuidade de ações voltadas à reordenação urbana, com destaque para a construção de importantes eixos viários que conectaram diferentes regiões da cidade. Entre eles, sobressaem-se os eixos norte–sul, representado pela avenida Dez de Dezembro, e leste–oeste, materializado na avenida Arcebispo Dom Geraldo Fernandes. Esta última foi implantada em 1985 sobre o antigo traçado ferroviário, desativado em 1977.

A desativação da linha férrea e a implantação das novas avenidas possibilitaram a ocupação dos antigos pátios ferroviários com equipamentos públicos de grande relevância. Nesse processo, foram construídos a Estação Rodoviária José Garcia Villar (1979–1988), localizada no cruzamento

dos eixos viários estruturantes e o Terminal Urbano de Transporte Coletivo (1988–1994), a Super Creche (1992) e o Pronto Atendimento Infantil – PAI (1997–1999) no antigo leito da linha férrea (Castelnuovo, 2002; Bortolotti, 2007).

Paralelamente à criação desses novos equipamentos urbanos, outras intervenções contribuíram para a transformação do Centro Histórico, especialmente com a inauguração do novo centro político ao lado do Lago Igapó (1983) e a formulação de um novo Plano Diretor em 1998. A construção dos edifícios da Prefeitura Municipal e do Fórum, concluída em 1983, resultou na desocupação de antigas edificações públicas, abrindo espaço para processos de reutilização adaptativa. Assim, a década de 1980 foi marcada por diversas ações de reciclagem de edifícios históricos, com a atribuição de novos usos a construções da década de 1950. Nesse contexto, a antiga Estação Ferroviária foi transformada no Museu Histórico de Londrina (1986), o antigo Fórum passou a abrigar a Biblioteca Pública Municipal (1983–1985), a antiga Casa da Criança foi adaptada para diferentes funções, incluindo a de biblioteca infantil, e a antiga rodoviária foi convertida no Museu de Arte de Londrina (1989–1993).

Acompanhando as diversas ações realizadas nos edifícios da área central, os espaços públicos que compõem o Conjunto Central passaram por uma série de intervenções pontuais conforme as mudanças administrativas. Os anos que se seguiram à implementação

do Calçadão revelam, nos documentos consultados, um período de intensa movimentação. É possível identificar uma série de intervenções no Conjunto aqui estudado, como reformas, melhorias, adaptações e reconfigurações. Para compreendê-las de forma mais precisa, tornou-se necessário relacionar as diferentes propostas de intervenção ao contexto político da cidade. Se anteriormente o Centro já era reconhecido como um espaço estratégico na agenda política local, as décadas de 1980 e 1990 reforçaram o caráter simbólico desse espaço.

A análise das intervenções urbanísticas realizadas nos anos posteriores à implementação inicial do Projeto Centro evidencia tanto elementos de continuidade quanto de descontinuidade em relação à proposta original de revitalização do espaço central da cidade. Essa alternância de abordagem está vinculada ao contexto político local, com uma postura de continuidade observada durante o segundo (1989–1992) e em menor escala no terceiro mandato (1997–2000) do prefeito Antônio Casemiro Belinati, responsável pela execução da fase inaugural do Projeto Centro em sua primeira gestão (1977–1981), contrastando com os períodos referentes aos mandatos dos prefeitos Wilson Rodrigues Moreira (1983–1988) e Luiz Eduardo Cheida (1993–1996), cujas administrações imprimiram uma perspectiva de descontinuidade, propondo a introdução de novos elementos visuais e funcionais à área central.

As ações de continuidade e descontinuidade começaram a mudar de perspectiva no final da década de 1990, com a criação do IPPUL e o novo Plano Diretor. Embora desde 1973 já tenha sido criada a secretaria de planejamento a fim de organizar o desenvolvimento urbano da cidade, o crescimento populacional e urbano “[...] conduziram o poder público a criar uma instituição de administração indireta que promovesse o planejamento e o acompanhamento de sua implantação” (Bortolotti, 2007, p. 174). Nesse sentido, o IPPUL foi criado a partir de uma iniciativa de arquitetos e engenheiros apoiados pelo clube de engenharia e professores universitários, que contribuíram para a revisão do Plano Diretor e uma reorganização no tratamento do Conjunto Central.

Sendo assim, percebe-se que no último mandato do prefeito Antonio Belinati não há mais projetos de grandes intervenções no Conjunto Central, que buscavam retomar a identidade visual do Projeto Centro. O que se observa é a intenção de mitigar problemas pontuais sobre os quiosques no calçadão da avenida Paraná e o tratamento do piso *petit pavé*, com abertura de diálogos com a sociedade local e funcionários e apoiadores do IPPUL.

4.1 Continuidades do Projeto Centro

A escolha de soluções que davam continuidade ao Projeto Centro pode ser observada ao longo dos mandatos do prefeito Antônio Casemiro Belinati, especialmente no último ano de seu primeiro mandato (1977–1981), bem como em seu segundo (1989–1992) e terceiro mandatos (1997–2000). A continuidade se deu principalmente pela manutenção do uso da mesma tipologia de mobiliário urbano, fortalecendo a identidade inserida inicialmente no calçadão da avenida Paraná.

No final do primeiro mandato, foram promovidas novas intervenções no Conjunto Central de Londrina, destacando-se a ampliação do calçadão para a rua Sergipe, a instalação de sanitários públicos nas praças iniciais do Calçadão da avenida Paraná e a continuidade das ações do Projeto Centro, com intervenções na Praça Sete de Setembro.

Durante o segundo mandato (1989–1992), o Calçadão foi novamente expandido, desta vez em duas quadras no sentido oeste da avenida Paraná. Além disso, foram elaborados projetos para a extensão do Projeto Centro até a Praça Primeiro de Maio, os quais, no entanto, não chegaram a ser executados. Também foram propostas alterações na área do Bosque, parcialmente implementadas.

No terceiro e último mandato (1997–2000), observa-se uma redução significativa nas intervenções urbanas voltadas ao Conjunto Central. As ações se limitaram a medidas pontuais, como a remoção de alguns quiosques localizados na área do Calçadão da avenida Paraná, sem a introdução de novos projetos estruturantes ou de requalificação urbana de maior escala.

4.1.1 Primeiro Mandato Belinati (1977–1981)

Durante o primeiro mandato, acontecem três ações principais: a ampliação do calçadão na rua Sergipe, a criação de banheiros nas Praças Willie Davids e Marechal Floriano Peixoto e a continuidade parcial do Projeto Centro em uma das praças do Conjunto Central alocadas ao sul (Praça Sete de Setembro).

4.1.1.1 Ampliação do calçadão na rua Sergipe (1981) – executada

Ainda durante o primeiro mandato, em 1981, foi realizada a ampliação do calçadão agora na rua Sergipe, estendendo-se por três quadras entre as ruas Minas Gerais e Pernambuco.

Essa intervenção foi motivada pela relevância da rua Sergipe como eixo comercial estratégico no centro da cidade. A calçada foi alargada para 4,75 metros, enquanto a faixa de rolamento destinada

aos veículos foi reduzida para 5,5 metros de largura [Fig. 82]. O projeto, iniciado em 1º de junho de 1981, incorporou o mesmo padrão de pavimentação em *petit pavé* utilizado no Calçadão da avenida Paraná, e a execução foi concluída em agosto do mesmo ano. Além disso, foram instalados três quiosques em frente à Estação Rodoviária, onde já funcionavam bancas de frutas, jornais e uma sorveteria, bem como mobiliário urbano composto por bancos e lixeiras. Na segunda fase do projeto, estava prevista a instalação de aproximadamente cem luminárias, cada uma com quatro globos luminosos (Nesta [...], 1981). Considerando a ausência de reportagens posteriores que abordem especificamente a ampliação do calçadão na rua Sergipe, não é possível afirmar que todas as propostas originalmente previstas foram integralmente executadas.

A adoção de elementos como o piso em *petit pavé*, bancos, floreiras, quiosques e luminárias com globos tipo araucária, evidencia a intenção de manter a unidade estética e funcional do mobiliário urbano, em consonância com o já implantado na avenida Paraná. Essa padronização contribuiu para a ampliação da percepção de coesão do tratamento urbano no Centro Histórico, embora as praças situadas ao sul do Conjunto Central tenham permanecido sem intervenções neste momento inicial.

A uniformização do mobiliário urbano foi acompanhada por diretrizes específicas de manutenção, como a limpeza do pavimento em *petit pavé*, que seguiria os mesmos procedimentos adotados na avenida Paraná:

Até o momento já foi feita a limpeza final das duas primeiras quadras em reurbanização, com a utilização de carros-tanque e um sistema de esguicho sob alta pressão e com o uso de produtos químicos e água, para que fosse possível a limpeza dos passeios ornamentados por “petit pavet” – num trabalho que segundo o engenheiro, deverá repetir-se a cada três meses, a exemplo do que ocorre no “calçadão” da Paraná (Nesta [...], 1981).

Figura 82 – Reportagem sobre o calçadão na rua Sergipe, 1981



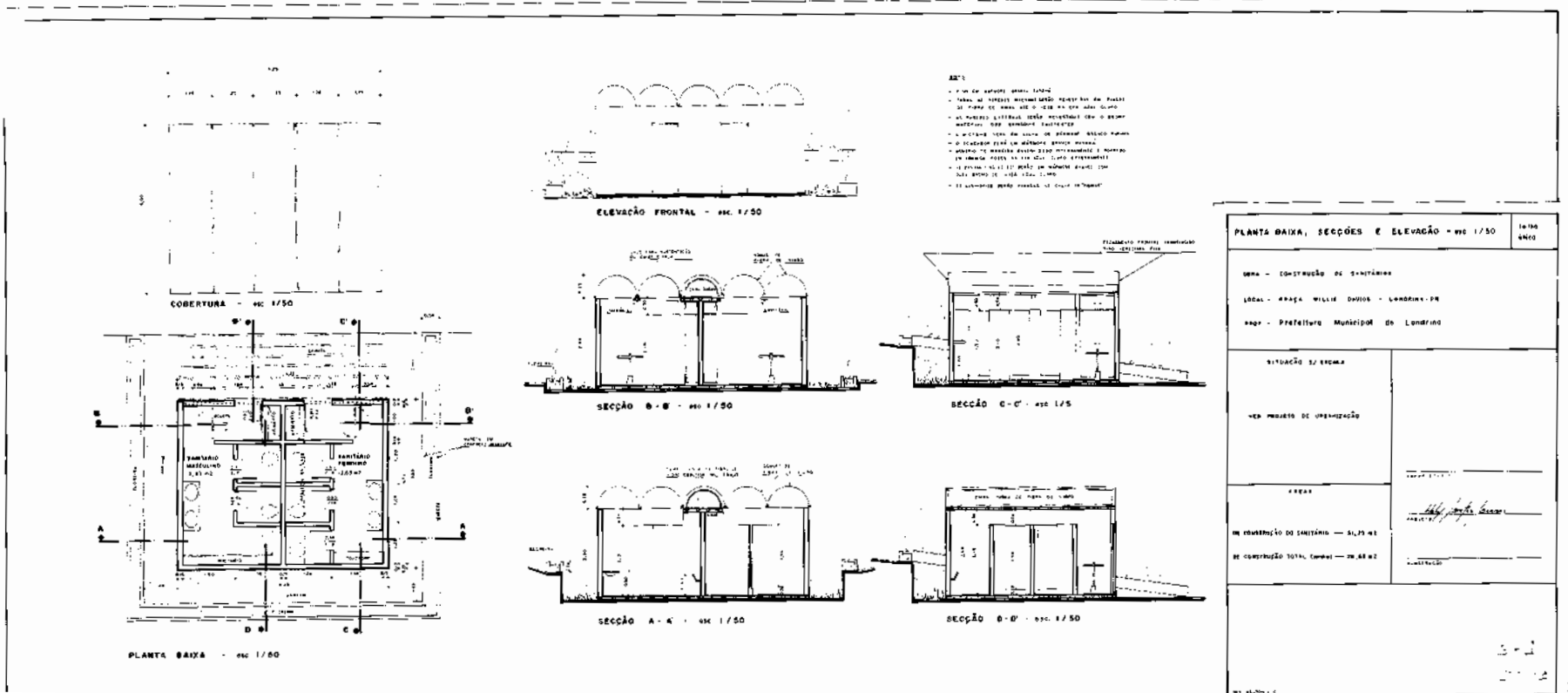
Fonte: Nesta [...] (1981).

4.1.1.2 Criação dos sanitários das Praças Willie Davids e Marechal Floriano Peixoto – executada

Outra situação foi a inserção de sanitários nas três quadras do Calçadão da avenida Paraná. Segundo Hely Brêtas Barros (autor do desenho do piso do Calçadão) relatou em reportagem de 29 de agosto de 2003: “Um outro pedido do então secretário, que Barros lembrou dando risadas, foi para que desenhasse também os sanitários das praças do Calçadão, já que o projeto inicial deixou de lado esse detalhe. O arquiteto lembra ainda que: ‘O pessoal ia tomar chope naquele monte de quiosque e[...]’” (Calçadão [...], 2003).

Alguns projetos encontrados no Cadastro Imobiliário Municipal apresentam desenhos de sanitários na Praça Willie Davids e Praça Marechal Floriano Peixoto. Como os desenhos iniciais estão sem data, não é possível afirmar com exatidão quando foram projetados, mas como aparecem críticas sobre os sanitários no relatório de 1984, pode-se inferir que os mesmos, ou parte deles, são anteriores a essa data. Um deles, com a assinatura de Hely Brêtas Barros, apresenta o projeto de quiosques que ficariam parcialmente “enterrados” na Praça Willie Davids [Fig. 83].

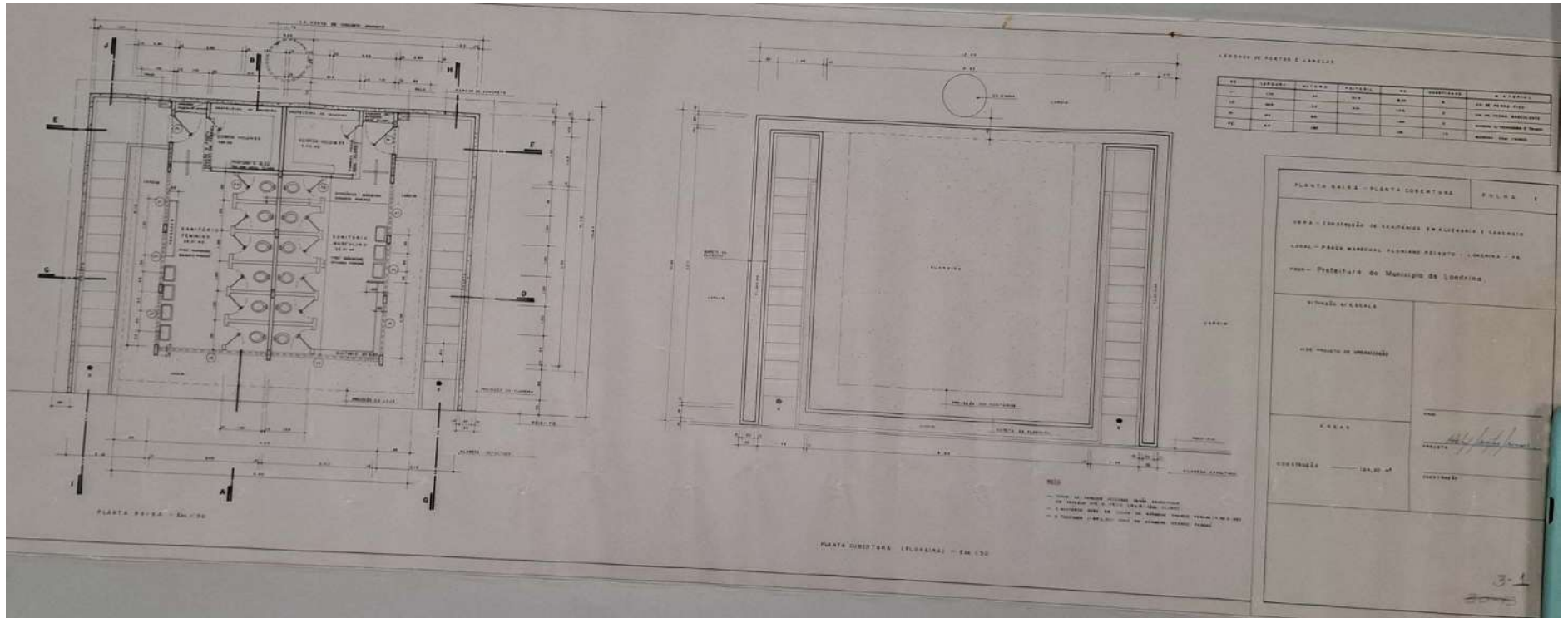
Figura 83 – Projeto de sanitários na Praça Willie Davids



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

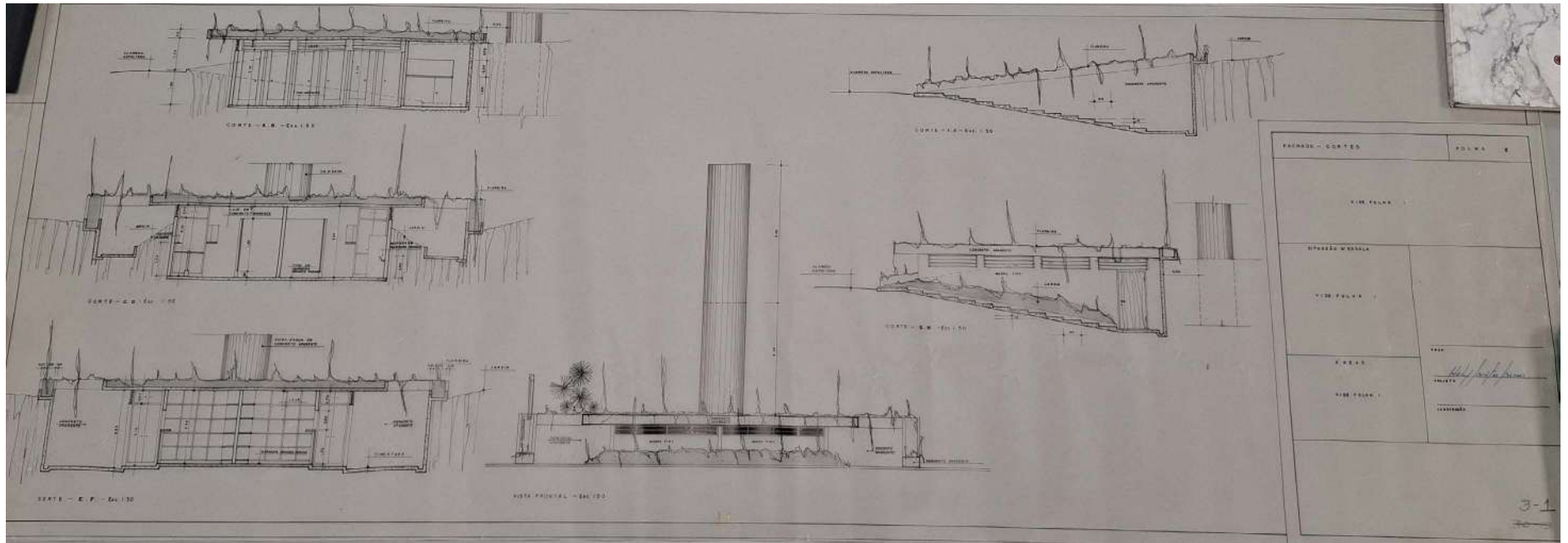
Outro projeto arquitetônico sem data, também com autoria de Hely Brêtas Barros, apresenta os banheiros da Praça Marechal Floriano Peixoto. O volume de aproximadamente 8,85 metros por 10 metros aproveita o desnível do terreno e fica parcialmente enterrado, com a projeção de uma grande floreira no terraço, minimizando o impacto das suas grandes dimensões, com exceção do volume cilíndrico da caixa d'água [Fig. 84 e 85].

Figura 84 – Projeto de sanitários na Praça Marechal Floriano Peixoto



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Figura 85 – Projeto de sanitários na Praça Marechal Floriano Peixoto



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

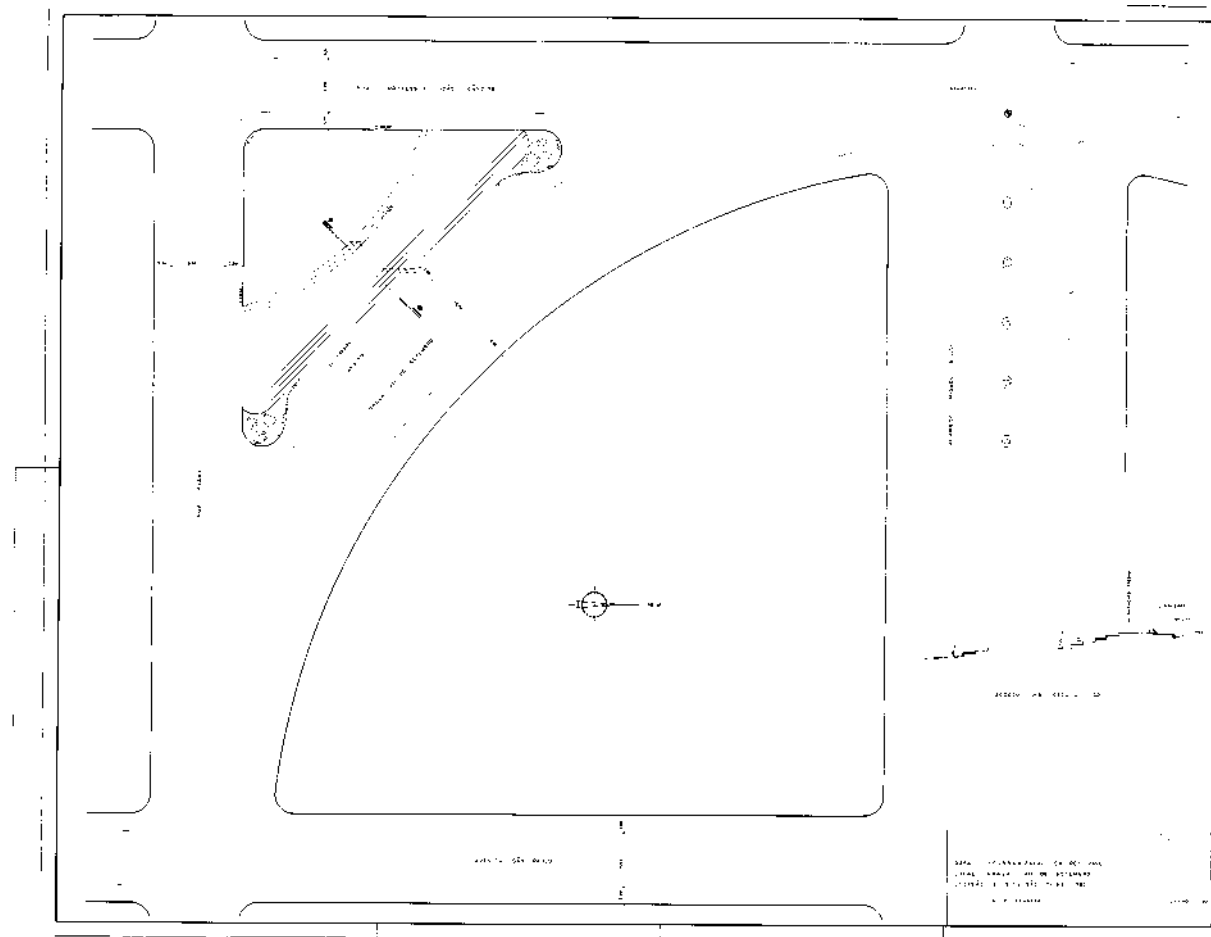
4.1.1.3 Praça Sete de Setembro (1982) – executada

Por fim, no período de transição do primeiro mandato de Belinati e o do prefeito seguinte, foram realizados projetos de intervenção na Praça Sete de Setembro que parecem dar continuidade ao projeto de 1977, pela primeira vez em uma das Praças voltadas ao sul no Conjunto Central.

Em 1982, consta um projeto de revitalização da Praça Sete de Setembro, documentado em cinco pranchas datadas de julho daquele ano, elaboradas pela Secretaria de Urbanismo, Obras e Viação da prefeitura municipal de Londrina. Uma das pranchas, intitulada “Obra: Reurbanização em peti pave” [Fig. 86], apresenta a locação e situação da Praça, destacando um dos quadrantes da elipse central e confrontações. O desenho traz as medidas, além da proposta de uma escadaria voltada para o quadrante e outra no caminho interno que liga a rua Piauí à rua Professor

João Cândido. Além disso, há indicações de canteiros com vegetação em duas quinas, e um corte que mostra a escadaria, com a relação de níveis e medidas dos degraus.

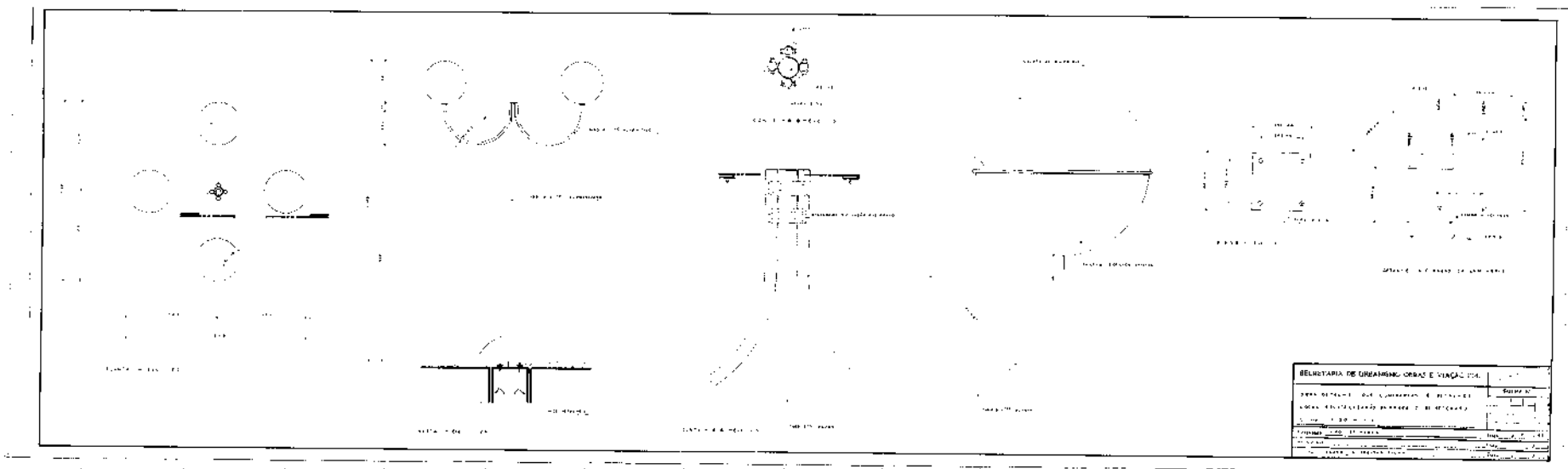
Figura 86 – Praça Sete de Setembro, 1982



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

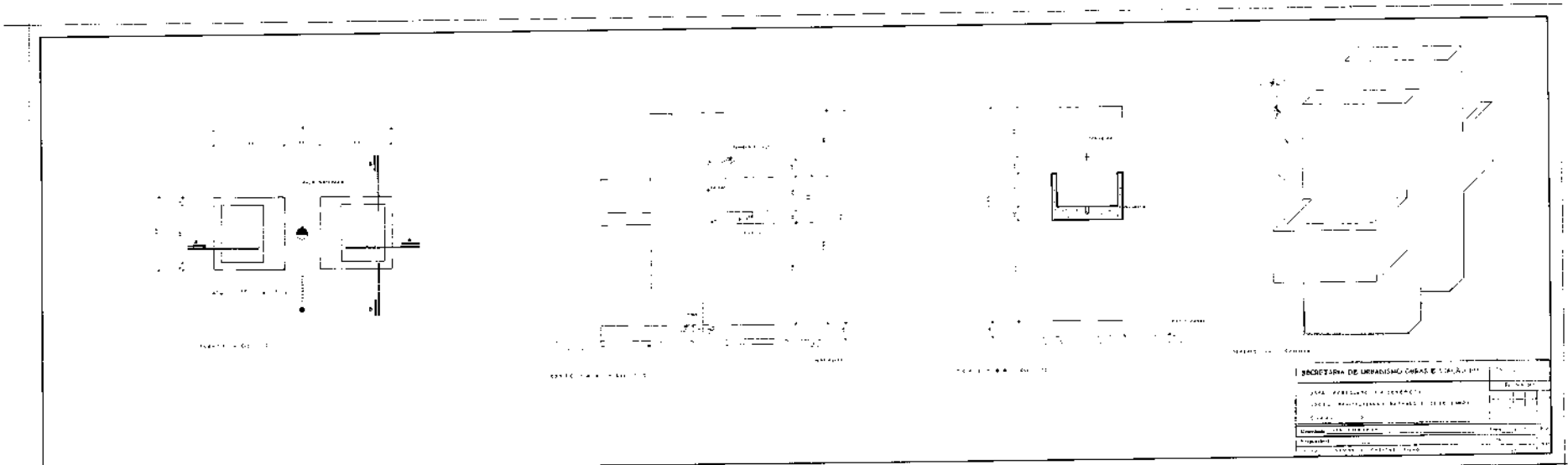
Duas pranchas trazem projetos de mobiliários: luminária e bebedouro [Fig. 87 e 88]. A prancha dedicada ao “Detalhe das Luminárias” detalha o modelo araucária, utilizado no calçadão e em outros pontos do centro da cidade. A prancha traz detalhes técnicos da fixação, base e estrutura da luminária, com plantas e vistas que mostram sua integração ao espaço urbano. Já a prancha do “Bebedouro em Concreto” apresenta planta, cortes e perspectiva do equipamento.

Figura 87 – Luminária da Praça Sete de Setembro, 1982



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

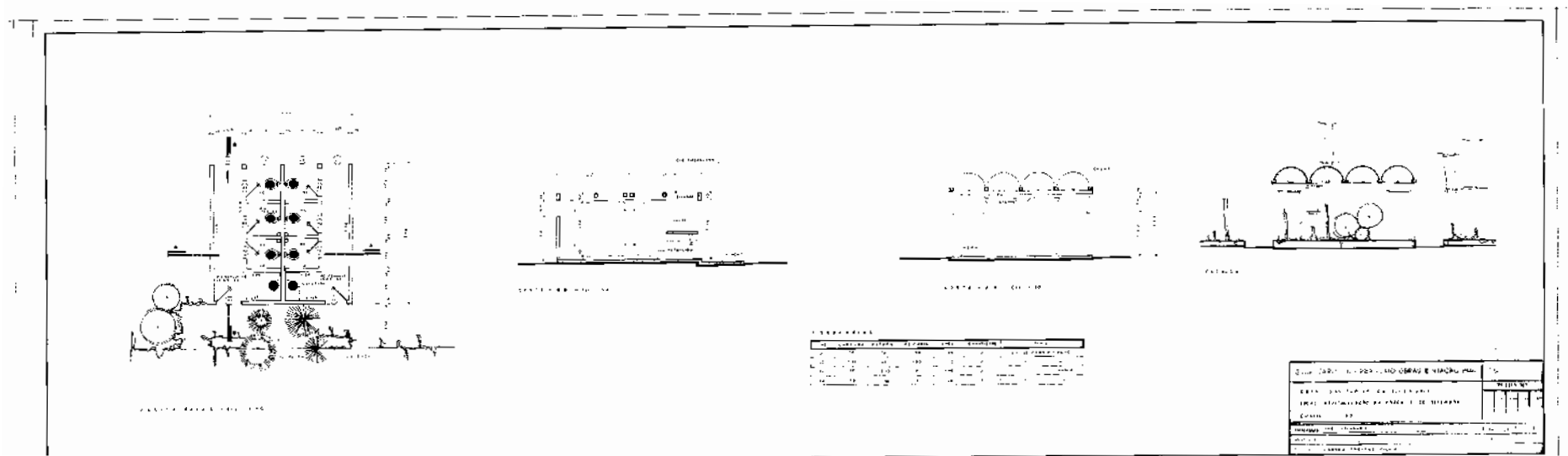
Figura 88 – Bebedouro da Praça Sete de Setembro, 1982



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

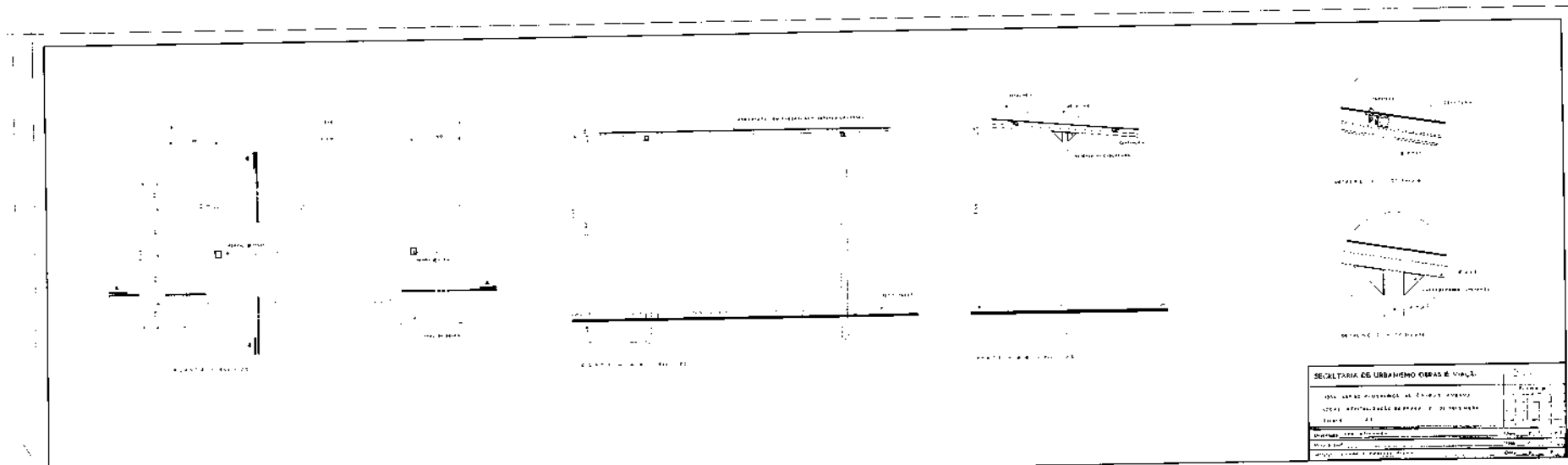
Por sua vez, a prancha dos “Sanitários em Alvenaria” [Fig. 89] oferece informações dessa construção, como planta, cortes, elevação e quadro de esquadrias. O projeto traz banheiro feminino e masculino, que contam com três cabines e um lavatório cada, além de um paisagismo na entrada. Chama a atenção a cobertura com arcos, que remete à icônica cobertura do atual Museu de Arte de Londrina, projeto de Vilanova Artigas. Por fim, a prancha do “Abrigo para Usuários de Ônibus Urbano” [Fig. 90] apresenta um projeto com cobertura simples, com uma água e quatro apoios. A prancha inclui planta baixa, cortes e detalhes construtivos.

Figura 89 – Sanitário da Praça Sete de Setembro, 1982



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Figura 90 – Abrigo de ônibus da Praça Sete de Setembro, 1982



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Uma imagem sem data apresenta a Praça Sete de Setembro com dois quiosques semelhantes ao mobiliário inicial do calçadão, reforçando que o projeto deve ter sido executado, mesmo que parcialmente [Fig. 91].

Figura 91 – Praça Sete de Setembro



Fonte: Acervo do MHL (2025).

4.1.2 Segundo Mandato Belinati (1989–1992)

Durante o segundo mandato do prefeito Antônio Casemiro Belinati (1989–1992) retomaram-se as diretrizes do Projeto Centro, desta vez com ênfase na ampliação do Calçadão da avenida Paraná em direção às quadras localizadas a oeste, bem como na continuidade das intervenções nas Praças situadas ao sul do Conjunto Central, com destaque para a Praça Primeiro de Maio.

A desativação e remoção do Terminal Central de Transporte Coletivo, ocorrida em 1988, na área central do Bosque Marechal Cândido Rondon, gerou uma nova demanda de requalificação urbana a ser enfrentada pelo poder público municipal. Como resposta, ao final do mandato, foi implantada a estrutura conhecida como “Zerinho”, concebida como área de lazer e esporte, no espaço anteriormente ocupado pelo terminal. Embora tenham sido previstos outros elementos arquitetônicos e urbanísticos de menor escala para inserção no interior do Bosque, tais propostas não foram efetivamente executadas, permanecendo apenas no plano das intenções.

4.1.2.1 Ampliação do Calçadão da avenida Paraná (1991) – executada

O prolongamento do Calçadão da avenida Paraná foi realizado em 1991, durante o segundo mandato do prefeito Antônio Casemiro

Belinati, mantendo a coerência estética e funcional com o projeto original. A intervenção utilizou os mesmos elementos de mobiliário urbano previamente adotados, como o revestimento em *petit pavé* no piso, bancos e floreiras em madeira, além de luminárias com cinco globos, reforçando a identidade visual do Conjunto Central e promovendo a continuidade do espaço público.

Entretanto, diferentemente das fases anteriores do projeto, optou-se pela não instalação de novos quiosques no trecho ampliado. Essa decisão foi motivada por uma série de críticas e reclamações registradas durante o mandato do prefeito Wilson Rodrigues Moreira (1983–1988), relacionadas ao uso inadequado e à obstrução do espaço público por parte de alguns quiosques. Em alguns casos, tais estruturas chegaram a ser removidas, o que influenciou diretamente a escolha da não utilização na nova etapa do Calçadão.

Reportagens veiculadas nos anos de 1989 e 1990 anunciaram a intenção da administração municipal de ampliar o Calçadão da avenida Paraná, no trecho compreendido entre as ruas Professor João Cândido e Hugo Cabral. O projeto previa a criação de um espaço destinado ao estacionamento de motocicletas, no primeiro segmento, e a instalação de um coreto, no segundo (Ampliação [...], 1989). A execução da obra, no entanto, ocorreu apenas em 1991.

De acordo com matéria publicada em 18 de junho de 1991, o novo trecho do Calçadão seria pavimentado com *petit pavé* e equipado com bancos, mesas fixas e lixeiras, mantendo a padronização estética dos trechos anteriores. A reportagem também destacou que não haveria a instalação de quiosques, reforçando a decisão da gestão municipal de evitar esse tipo de estrutura, em resposta às críticas e problemas registrados em administrações anteriores. A matéria ainda informou que, nos dias seguintes, o trecho seria interditado ao tráfego de veículos para viabilizar o início das obras (Novo [...], 1991).

De acordo com declarações do então prefeito Antônio Belinati, a previsão inicial para a conclusão das obras de ampliação do Calçadão da avenida Paraná era o mês de setembro de 1991 (Calçadão [...], 1991). No entanto, em 3 de agosto do mesmo ano, as obras foram parcialmente embargadas, no trecho compreendido entre as ruas Pernambuco e Professor João Cândido. O impasse ocorreu devido à resistência de alguns moradores e comerciantes locais em aceitar a redução da largura da via de acesso de 5 metros para 3,5 metros, conforme previsto no projeto (Embargo [...], 1991).

Diante da recusa, o prefeito anunciou publicamente, em 9 de agosto, a desistência da execução do Calçadão nesse trecho específico. Essa decisão provocou uma mudança de posicionamento por parte dos moradores, que, diante da possibilidade de exclusão da quadra

do projeto, reconsideraram sua posição, permitindo a retomada das obras (Belinati [...], 1991a).

A inauguração oficial do prolongamento do Calçadão ocorreu em 6 de setembro de 1991, com uma cerimônia pública realizada no dia seguinte [Fig. 92] (Belinati [...], 1991b). O projeto da intervenção foi elaborado por Élcio Melo e manteve a padronização estética dos trechos anteriores, reforçando a identidade visual do Conjunto Central [Fig.93] (Índios [...], 1991).

Figura 92 – Inauguração da ampliação do Calçadão, 6 de setembro de 1991



Fonte: Belinati [...] (1991b).

Figura 93 – Cerimônia de inauguração da ampliação do Calçadão, 7 de setembro de 1991



Fonte: Índios [...] (1991).

Em 1989, foram implementadas novas diretrizes para a manutenção do primeiro Calçadão da avenida Paraná, especialmente no que se refere à conservação do pavimento em *petit pavé*. A limpeza passou a ser realizada com o uso de um produto químico não poluente, aplicado mensalmente, complementado por uma lavagem com esguicho de água uma vez por semana. Essas medidas visavam preservar a qualidade estética e funcional do espaço público, reforçando o cuidado com a infraestrutura urbana (Ampliação [...], 1989).

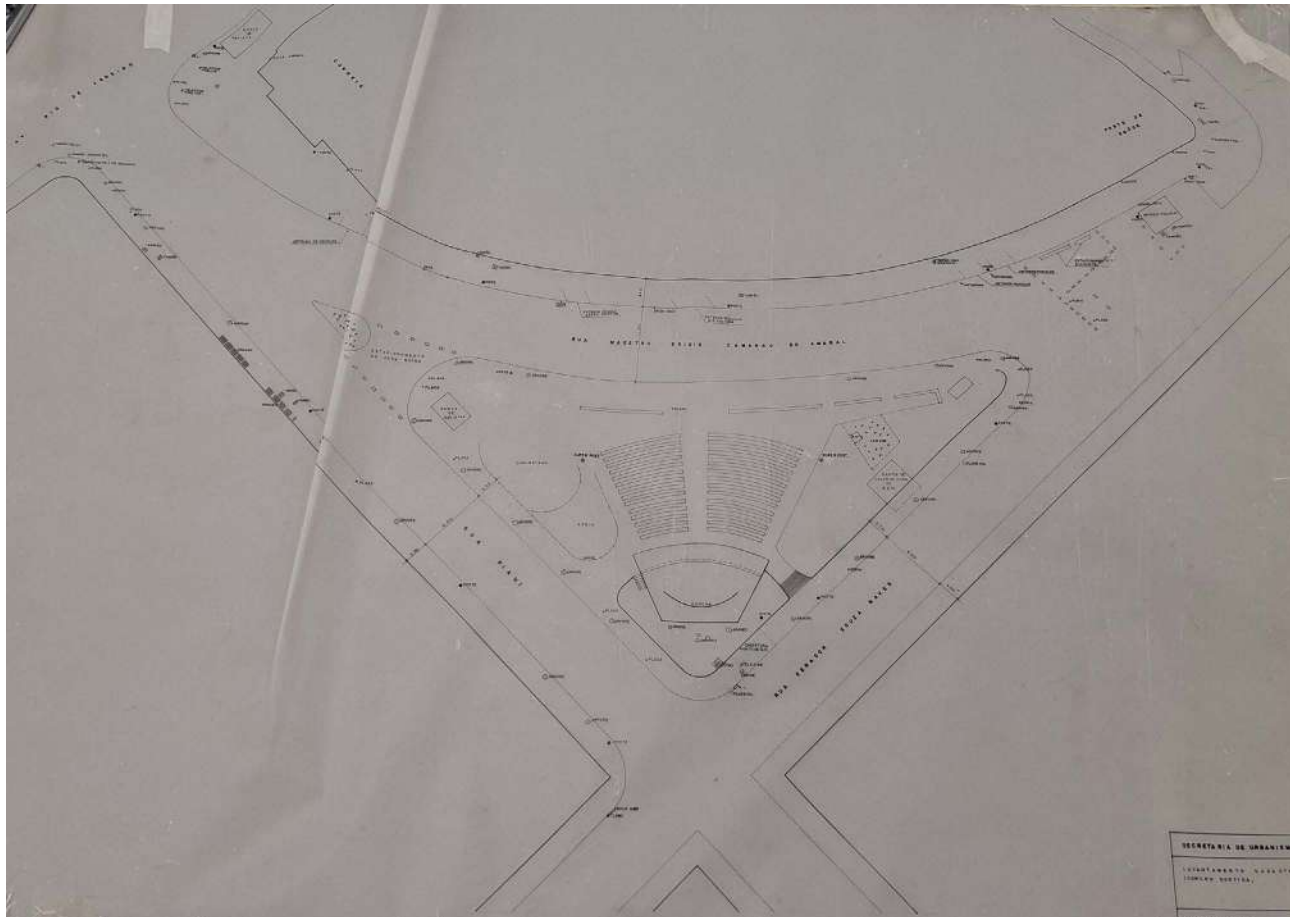
No mesmo período, foram demarcados no piso do Calçadão espaços de 3 por 3 metros, pintados em amarelo, destinados à instalação de barracas de entidades beneficentes. Embora a delimitação desses espaços tenha sido registrada, as reportagens não especificam em qual dos três trechos iniciais do calçadão essas estruturas foram alocadas.

4.1.2.2 Praça Primeiro de Maio (1989) – não executada

Além da ampliação do Calçadão e da manutenção sistemática de seu pavimento, uma das principais ações do segundo mandato do prefeito Antônio Belinati foi a retomada do Projeto Centro, com foco nas quadras situadas ao sul do Conjunto Central. Essa retomada envolveu o desenvolvimento de novos projetos arquitetônicos para a área, mantendo a padronização dos elementos de mobiliário urbano (como bancos, floreiras e luminárias) utilizados nos trechos anteriores, com o objetivo de garantir a coesão visual e funcional do conjunto urbano.

Em 25 de abril de 1989, foi realizado um levantamento da Praça Primeiro de Maio, onde está a Concha Acústica [Fig. 94]. O desenhista foi David, o responsável Laerte e o secretário Sadao Utyama.

Figura 94 – Levantamento da Praça Primeiro de Maio, 1989



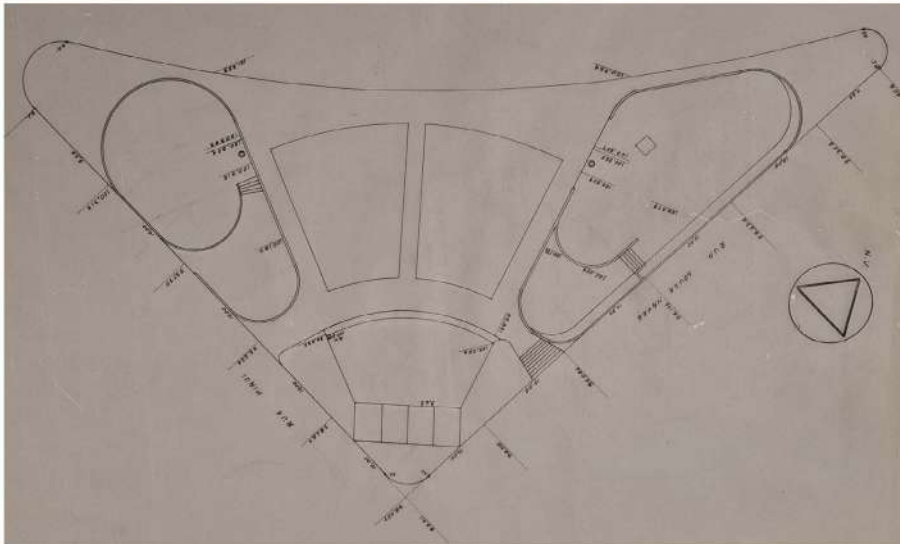
Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

O desenho apresentou características semelhantes aos encontrados nessa Praça, na década de 1970, mas confirmando que apenas os canteiros próximos à rua Piauí foram executados e com abertura para a parte superior da Praça, próximo à rua Maestro Egídio Camargo do Amaral e não à rua Piauí. Os espaços criados apresentam o cercamento em grade e a diferença de piso de areia do canteiro inferior e concretado no superior. O levantamento mostra a presença de uma banca de revistas próximo à esquina da rua Piauí com Maestro Egídio Camargo do Amaral, um ponto de táxi próximo à esquina da rua Piauí com Senador Souza Naves e uma banca de caldo de cana na rua Senador Souza Naves [Fig. 95].

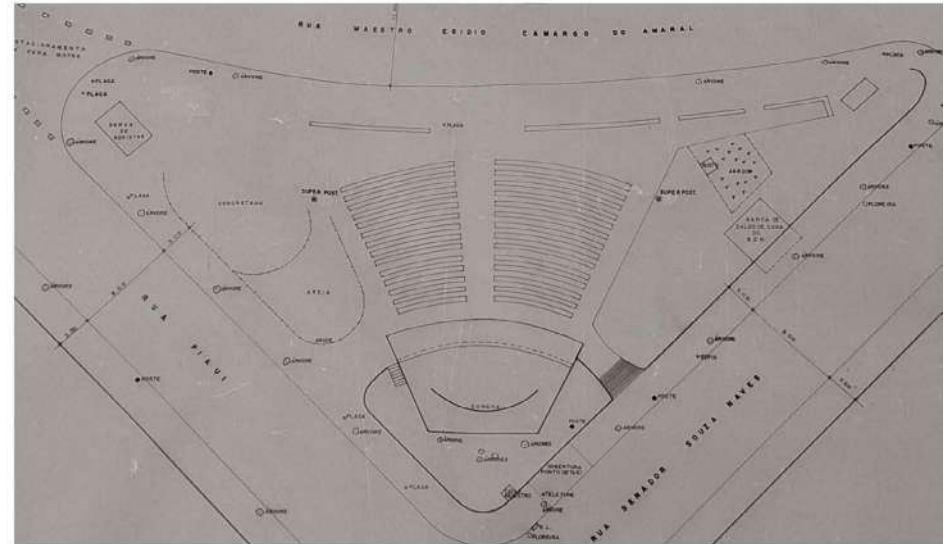
Figura 95 – Comparação dos levantamentos da Praça Primeiro de Maio, [1973] e 1989

Praça Primeiro de Maio

[1973]



1989



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Na lateral da Praça, próxima à rua Senador Souza Naves, em vez dos desenhos curvilíneos de antes, aparece um grande canteiro com jardim e a presença do busto que se manteve na parte superior. Dois super postes margeiam os canteiros e as arquibancadas no centro da Praça, enquanto outros dois postes estão implantados na calçada da rua Senador Souza Naves, três na calçada oposta da praça na rua Piauí e quatro na rua Maestro Egídio Camargo do Amaral, sendo um na Praça e outros três na calçada oposta.

O encontro das ruas Piauí com Maestro Egídio Camargo do Amaral apresentou-se um prolongamento da Praça, com a criação de um estacionamento para motos. Algumas árvores estão localizadas atrás da Concha Acústica e nas calçadas, de forma ritmada, nas ruas Piauí e Senador Souza Naves e nas extremidades na rua Maestro Egídio Camargo do Amaral.

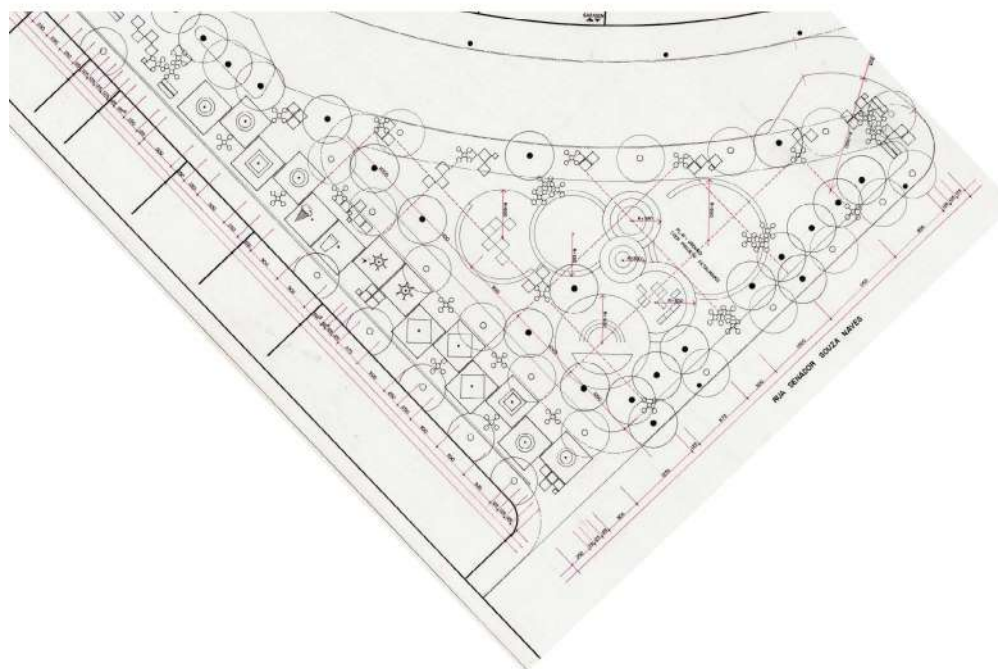
No entanto, em 1991, foi realizada uma série de desenhos para a revitalização de praças, entre elas a Praça Primeiro de Maio. Esses desenhos parecem dar continuidade ao projeto inicial de revitalização da área central iniciado em 1977, com a criação de mobiliário e infraestrutura semelhantes. Vale ressaltar que o período engloba o segundo mandato de Antônio Belinati (1989–1992), sendo que em seu primeiro mandato (1977–1982) o prefeito realizou o projeto inicial do Calçadão de 1977. Assim, é possível identificar uma vontade política de continuidade, mas que não foi executada totalmente.

O projeto de julho de 1991, com desenho de Maciel, embora contemplasse a Praça Primeiro de Maio, indicou alterações principalmente na rua Maestro Egídio Camargo do Amaral, trazendo equipamentos similares aos do Calçadão. Vale ressaltar que a proposta realizada em 1991, embora apresente a continuidade dos equipamentos e mobiliários do projeto de 1977 para a área, constou uma proposta distinta de implantação de mobiliário, mantendo as características iniciais da Praça e da Concha. Além disso, o calçadão em 1977 seria na rua Piauí e não na rua Maestro Egídio Camargo [Fig.96].

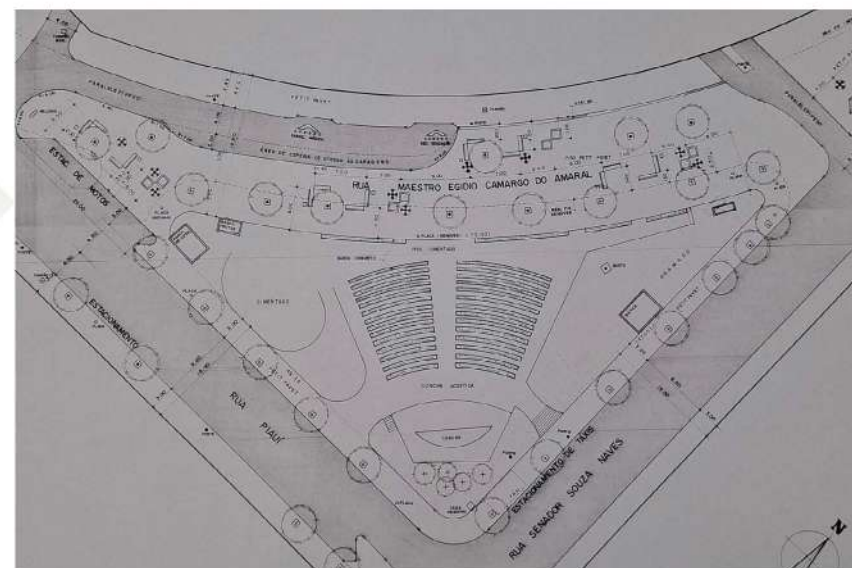
Figura 96 – Comparação dos projetos de intervenção da Praça Primeiro de Maio, 1977 e 1991

Praça Primeiro de Maio

1977



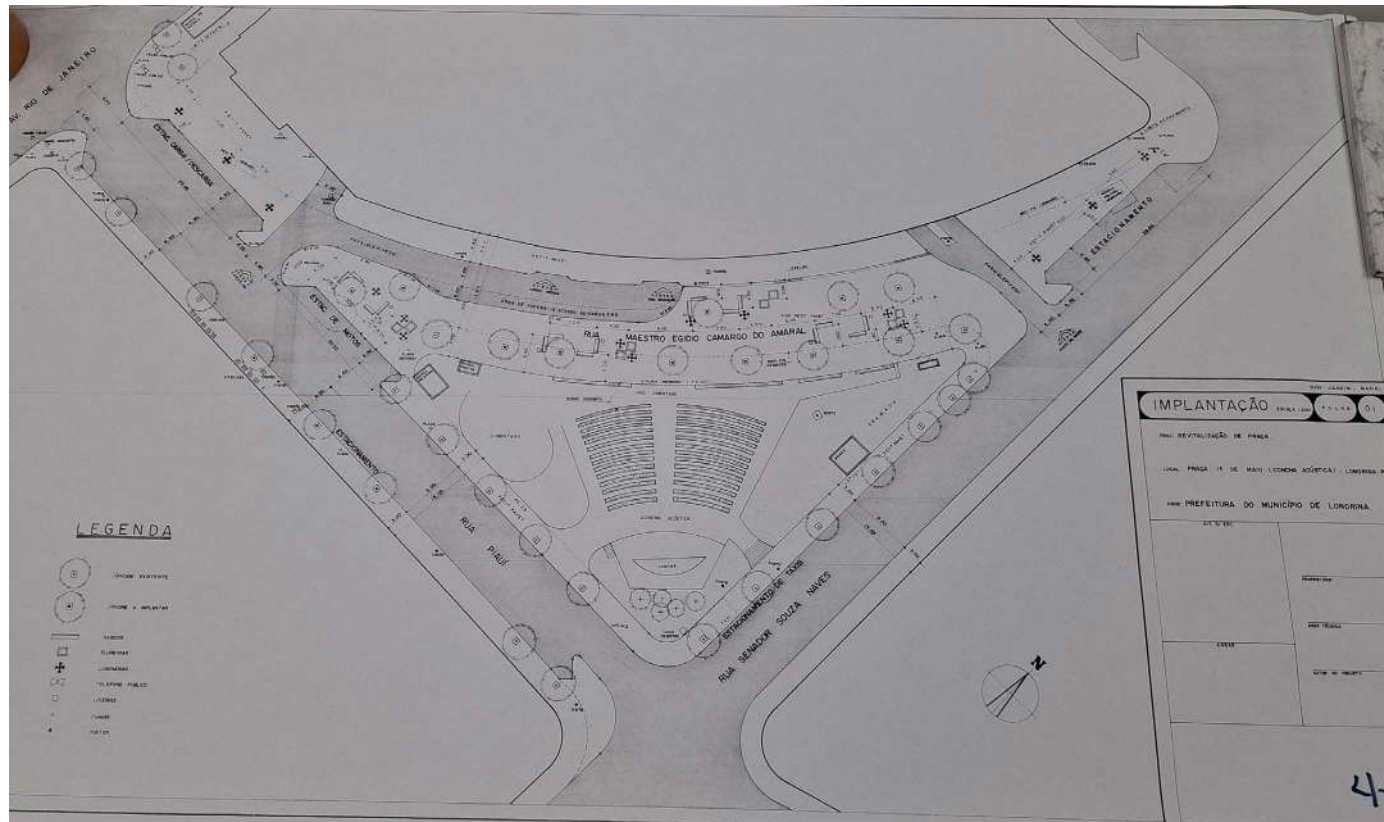
1991



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

O projeto de 1991 apresenta bancos retangulares implantados em duplas formando um L, com outro bloco na frente, criando pequenos “halls” retangulares. As floreiras são de formato quadrado, também implantadas em duplas na diagonal. Algumas lixeiras quadradas ficam próximas aos bancos, enquanto luminárias são dispostas de forma fluida, ora ao lado das floreiras, ora ao lado dos bancos. O piso de *petit pavé* acompanha o conjunto dos mobiliários, enquanto áreas menores em paralelepípedo mantêm o acesso aos edifícios da quadra [Fig. 97].

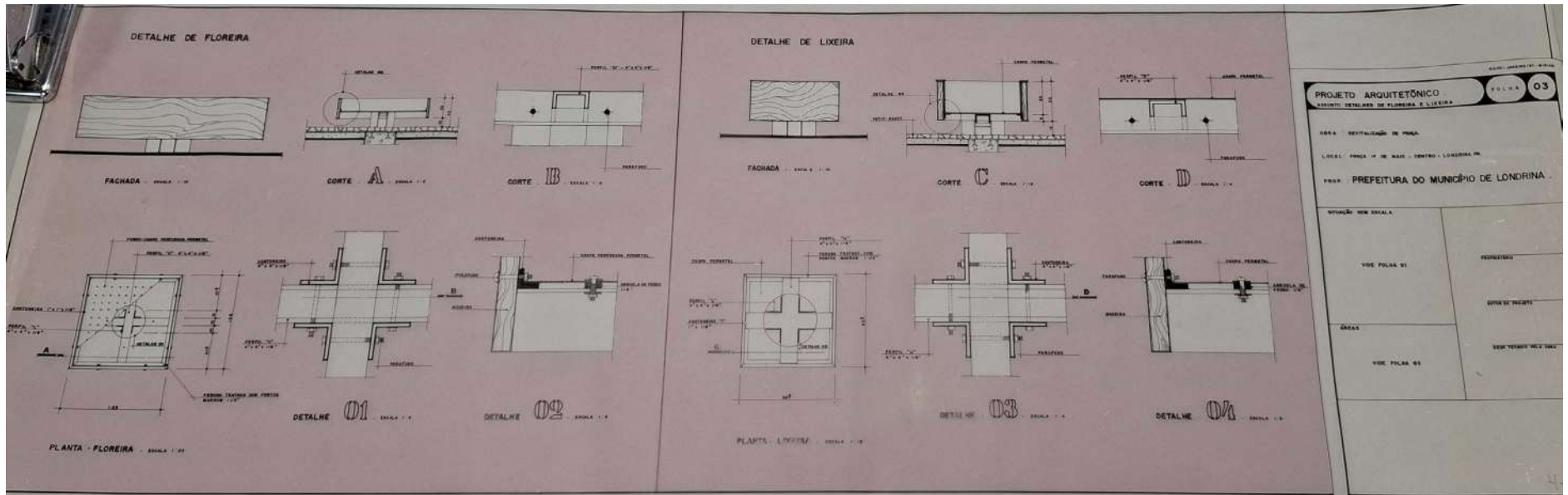
Figura 97 – Projeto de revitalização da Praça Primeiro de Maio, 1991



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Outro desenho de janeiro de 1991, feito por Miriam, apresenta um detalhamento da floreira e lixeira quadradas, com a utilização de perfis metálicos e madeira “peroba tratada com pentox marrom” [Fig. 98].

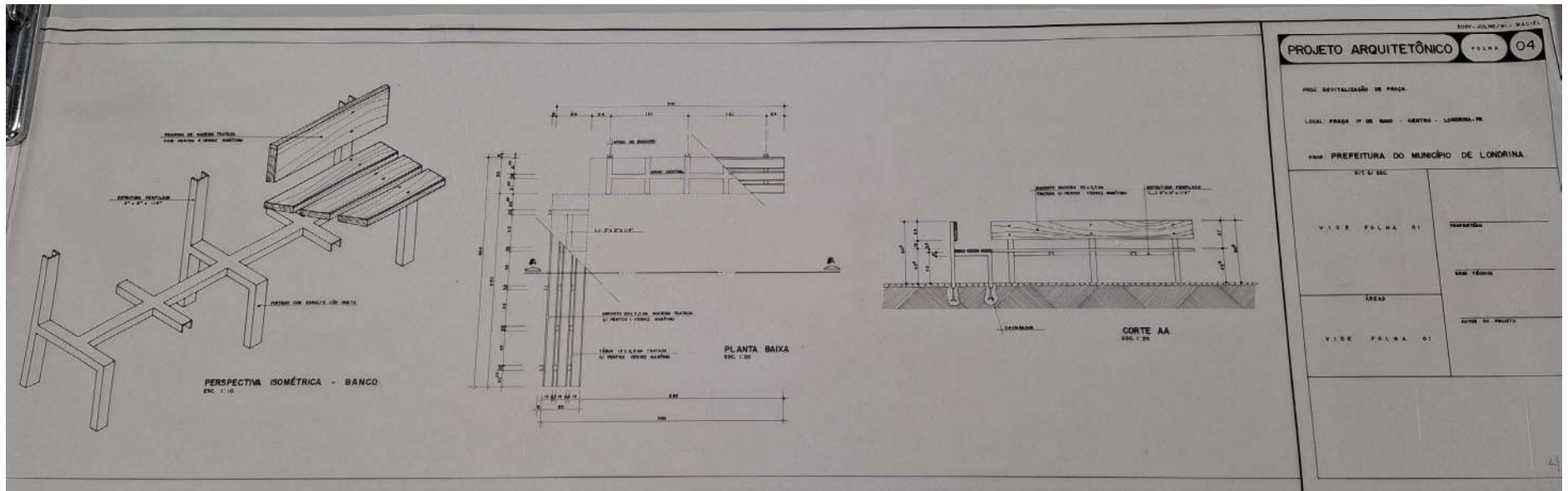
Figura 98 – Detalhamento de floreira e lixeira, 1991



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Os detalhes dos bancos apresentados no desenho de julho de 1991, feito por Maciel, também apresentam perfil metálico, pintados “com esmalte cor preta” e “pranchas de madeira tratada com pentox e verniz marítimo”, com três tábuas de 13 centímetros no assento e uma tábua de 25 centímetros no encosto. Ademais, os detalhes mostram a fixação dos bancos com chumbador e a implantação em L [Fig. 99].

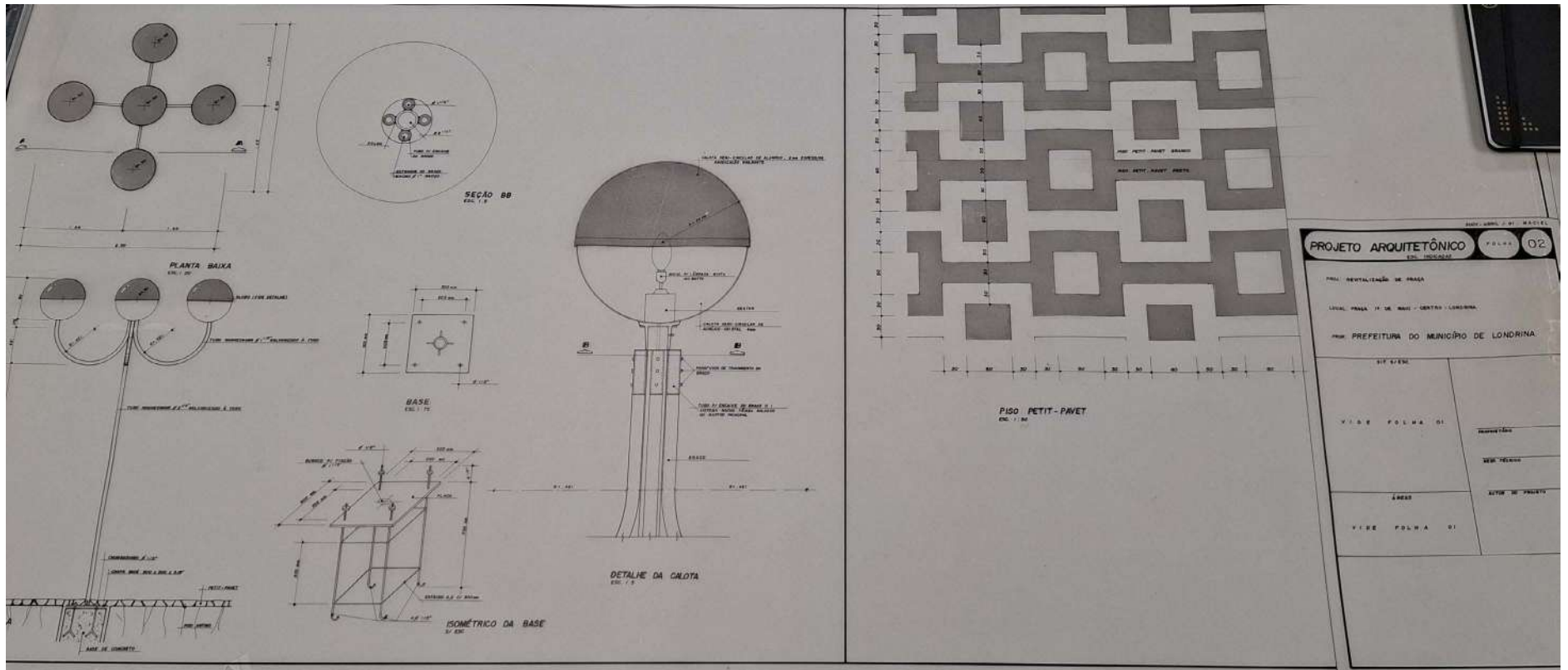
Figura 99 – Detalhamento de bancos, 1991



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Finalizando os detalhes do projeto de revitalização, o desenho de abril de 1991, também feito por Maciel, apresenta o detalhe das luminárias em formato de araucária com cinco globos e o piso em *petit pavé* com a malha com desenhos quadrados alternados em preto e branco [Fig. 100].

Figura 100 – Detalhamento de luminária e piso, 1991



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Assim, na Praça Primeiro de Maio, poucas alterações são apresentadas em relação ao levantamento de 1989, com a criação de um estacionamento de motos no final do eixo do novo calçadão na rua Maestro Egídio Camargo do Amaral, a inserção de mais uma banca de frutas, ao lado da banca de revistas próximo à antiga esquina da rua Piauí com rua Maestro Egídio e um segundo estacionamento próximo à rua Senador Souza Naves.

A calçada ao redor da Praça permanece em *petit pavé* e, nas muretas próximas à rua Maestro Egídio, há a indicação de bancos de concreto, enquanto o piso se mantém cimentado. Na esquina da rua Maestro Egídio com Souza Naves aparece novamente um retângulo menor sem especificação. Uma mudança significativa seria a proposta de inserir árvores na rua Maestro Egídio e na área central, próxima a essa rua. O monumento se mantém dentro de um dos canteiros.

Não foram encontrados documentos iconográficos que comprovem se esse projeto chegou a ser executado, dando a entender que existe uma grande probabilidade de não ter sido realizado. O que se sabe é que o espaço da Concha no final da década de 1980 foi se firmando cada vez mais como um espaço para manifestações culturais da cidade, usada como palco para apresentações do Festival Internacional de Londrina – Filo (inicialmente Festival Universitário de Londrina) e Festival de Música, além de outras festas como a “Feira das Nações” e o aniversário da cidade. Além disso, na década de 1980 o espaço ganhou valor simbólico como local estratégico para protestos, com manifestações trabalhistas e sindicais dos trabalhadores londrinenses (Mendonça, 2007).

4.1.2.3 Bosque – Zerinho (1991) – parcialmente executado

A desativação e retirada do Terminal Urbano de Ônibus da área central do Bosque Marechal Cândido Rondon, ocorrida em 1988, desencadeou uma série de intervenções urbanas voltadas à requalificação do espaço anteriormente ocupado pela estrutura. Inicialmente, como medida para mitigar a ociosidade da área, o local passou a ser utilizado como estacionamento de veículos, atendendo a uma demanda imediata por vagas no centro da cidade (Um bosque [...], 2015; Lombardi, 2014).

Posteriormente, com o avanço das discussões sobre o uso do espaço público e a valorização das áreas verdes centrais, o local foi gradualmente transformado em um espaço voltado ao lazer e à prática de atividades esportivas. Essa transição reflete uma mudança na abordagem do planejamento urbano, priorizando a multifuncionalidade dos espaços e a promoção da qualidade de vida no ambiente urbano central.

Na aerofoto de 1991 [Fig. 101], observa-se um adensamento da vegetação e nota-se que a estrutura da cobertura do antigo terminal urbano de transporte coletivo de Londrina foi removida [Fig. 102]. Além disso, a via aparece ainda aberta, uma vez que os elementos visíveis na área que separa as duas quadras do Bosque aparentam ser automóveis e vagas de estacionamento dispostas na diagonal, confirmando que “com a transferência do terminal, o antigo [Bosque] virou um grande estacionamento” (Um bosque [...], 2015).

Figura 101 – Aerofoto de Londrina, 1991



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Figura 102 – Aerofotos de Londrina, 1947 e 1991

AEROFOTO 1974



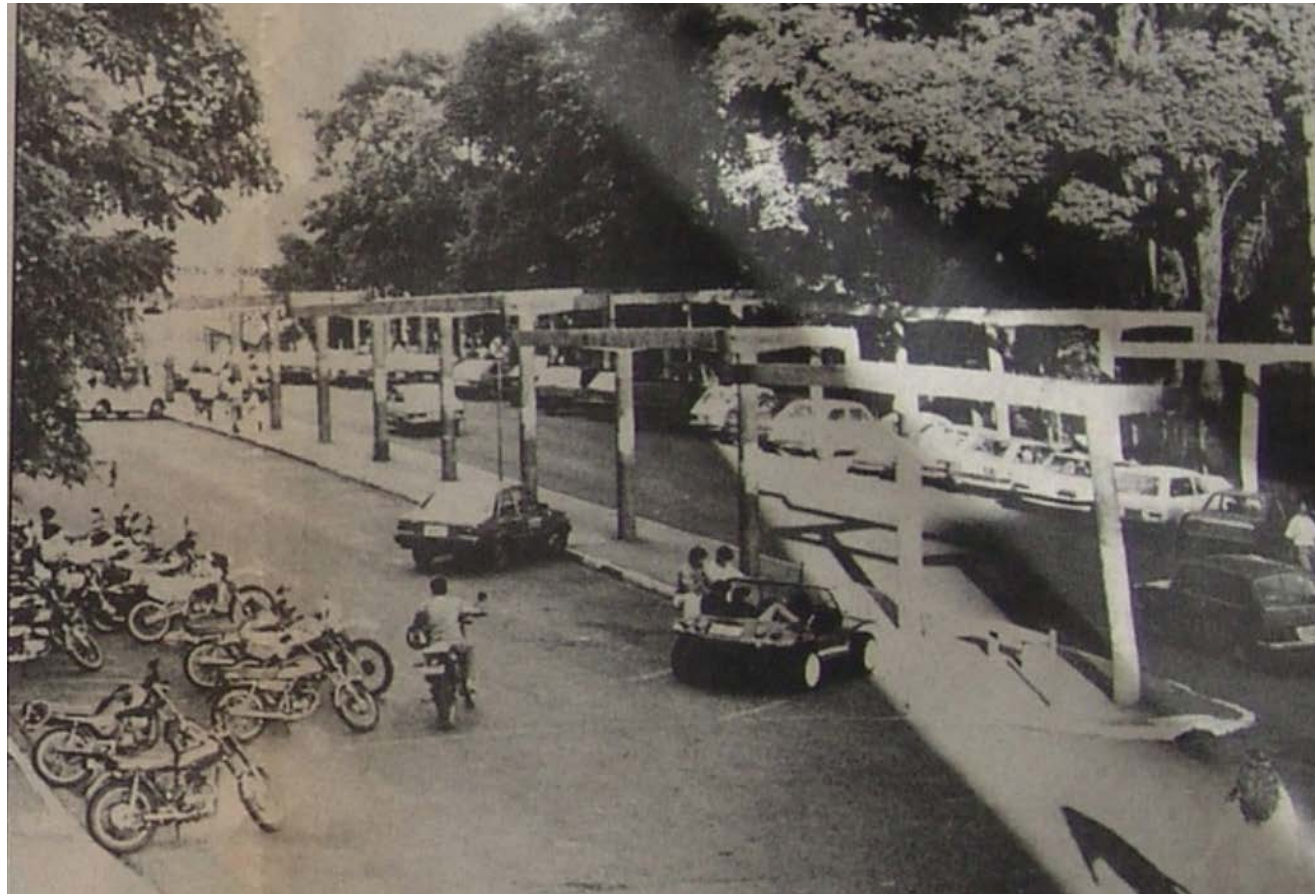
AEROFOTO 1991



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Segundo Almeida e Adum (2007 *apud* Lombardi, 2014, p. 17), após a desativação do Terminal de Ônibus em 1988, o Bosque passou a ser um espaço disputado por diversos grupos e interesses econômicos. Em 1989, o prefeito Belinati destinou parte da área à Associação dos Corretores de Automóveis de Londrina (ACAL), enquanto o restante foi utilizado como estacionamento [Fig. 103].

Figura 103 – Bosque servindo como abrigo aos corretores de automóveis e como estacionamento, 1991



Fonte: Editoria local (1991, p. 6) *apud* Lombardi (2014, p. 18).

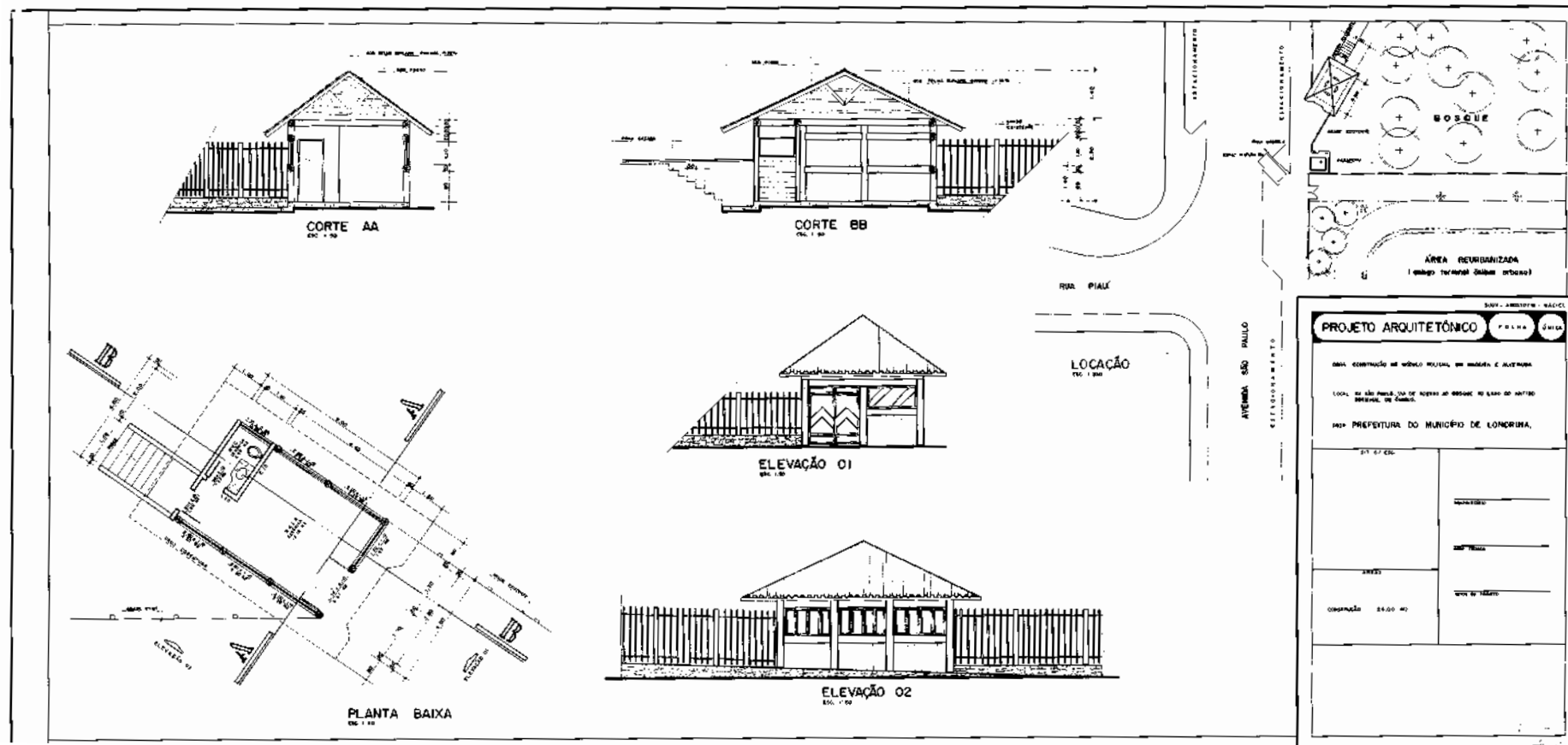
Em 1990, foi criada a Associação Amigos do Bosque, atualmente extinta, com a finalidade de pressionar a prefeitura para conservar a área e destiná-la exclusivamente ao lazer da população. Em parceria com a sociedade civil, o grupo solicitou ao Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (CEPHA) o tombamento do Bosque Marechal Cândido Rondon em 1992, porém o pedido não foi atendido por razões desconhecidas. Em 1991, devido à pressão da associação, a ACAL deixou o local, e a prefeitura implementou um novo projeto de intervenção: a rua Piauí foi convertida em uma pista de caminhada, popularmente conhecida como “Zerinho”, e foram realizadas reformas na quadra poliesportiva, no parque infantil e nos banheiros (Almeida; Adum, 2007 *apud* Lombardi, 2014, p. 17).

Uma reportagem confirma a informação de que, em 1991, durante a gestão do prefeito Antônio Belinati, foram iniciadas obras de revitalização no Bosque Cândido Rondon com auxílio da Associação dos Amigos do Bosque: “[...] uma nova área de lazer, com equipamento de ginástica, pista para caminhada, ciclovia e o espaço foi batizado de ‘Zerinho’” (Um bosque [...], 2015). No entanto, não foram encontrados outros documentos que mostrem essa estrutura sendo construída, ainda durante o segundo mandato do prefeito Belinati.

Os documentos encontrados no Cadastro Imobiliário Municipal referentes às obras no Bosque, nesse período, são dois: um de agosto

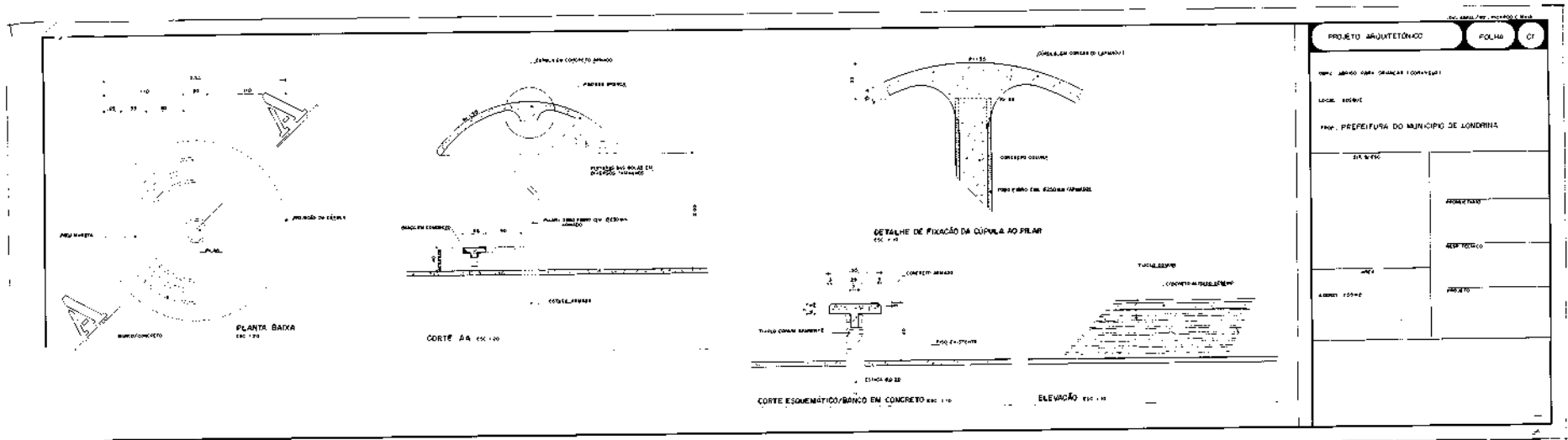
de 1991, que propõe a construção de uma guarita [Fig. 104] próximo à entrada do antigo Terminal Urbano pela avenida São Paulo; e outro de 1992, que propõe um abrigo para crianças em formato de cogumelo [Fig. 105]. No entanto, por falta de outros documentos imagéticos que comprovem a execução, é provável que não chegaram a ser executados.

Figura 104 – Guarita, 1991



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Figura 105 – Equipamento infantil, 1992



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

4.1.3 Terceiro Mandato Belinati (1997–2000)

As ações durante o último mandato do prefeito Antônio Casemiro Belinati (1997–2000) se referem principalmente à retirada de quiosques, no primeiro trecho do Calçadão da avenida Paraná e a instauração de novos debates sobre o seu tratamento, inclusive com a possibilidade de renovação dos mobiliários urbanos, que tinham sido recentemente alterados no mandato do prefeito Luiz Eduardo Cheida (1993–1996). Por não terem sido encontrados os projetos dos novos mobiliários, não fica claro se poderia se tratar de um retorno a tipologia inicial do Calçadão (intenção de continuidade do Projeto Centro) ou uma nova renovação (descontinuidade).

Nesse período, observa-se o fortalecimento institucional do IPPUL, que passou a desempenhar um papel cada vez mais relevante na mediação entre as demandas da sociedade civil e os profissionais da área de arquitetura e urbanismo e engenharia. Nesse contexto, destaca-se

a condução do processo de revisão do Plano Diretor, cuja nova versão entrou em vigor em 1998. A revisão foi marcada por uma abordagem mais participativa e técnica, buscando alinhar os instrumentos de planejamento urbano às transformações socioespaciais da cidade e às expectativas da população. O protagonismo do IPPUL, nesse processo, evidencia uma mudança na governança urbana local, com maior articulação entre gestão pública, sociedade civil e saber técnico, minimizando os grandes projetos de intervenção urbana até então recorrentes.

Em 8 de janeiro de 1998, dois quiosques foram fechados e desmontados. Segundo a reportagem do *Jornal de Londrina* [Fig. 106], os estabelecimentos estavam irregulares em seus usos e também na estética visual, com dizeres nas vitrines que iam além do nome do estabelecimento, como propaganda de produtos. Um quiosque se localizava “na frente da Magazine Luiza” e outro na Praça Marechal Floriano Peixoto (Ramos, 1998, p. 6a).

Figura 106 – Retirada de dois quiosques, 8 de janeiro de 1998



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Ainda em 1998, no dia 24 de junho, deu-se início a uma nova revitalização do Calçadão, agora realizada pelo IPPUL. O prefeito Antônio Belinati, o presidente do IPPUL, Mário Stamm Junior, e o presidente da Acil, Abílio Medeiros Junior, argumentaram que a solicitação veio dos comerciantes e frequentadores da área, motivo pelo qual haveria mudanças em praticamente todas as áreas do Calçadão. As modificações envolveriam alterações no piso, que, embora continuasse sendo de *petit pavé*, teria em alguns locais a cor vermelha, para marcar o local de tráfego de veículos e um reforço na estrutura de sustentação desses pisos; também haveria desenhos marcando “*halls*” de estar com bancos, floreiras e lixeiras. Além disso, seriam realizadas alterações nos quiosques, que teriam estrutura e cobertura metálica e a construção de pórticos em todas as travessas “para dar noção de continuidade visual” (Ramos, 1998, p. 3a).

Já a reportagem de 6 de outubro de 1998 tratou da possível retirada do *petit pavé* e a substituição por piso de “concreto ou granitina” e afirmou que novos projetos seriam realizados para as luminárias, floreiras e lixeiras, sendo que a reforma iniciaria em janeiro de 1999 (Bianchi, 1998, p. 1). Por fim, em 22 de outubro do mesmo ano, outra reportagem reclama sobre o uso dos quiosques, principalmente pelos permissionários que estariam cuidando dos espaços desde 1977, com prazo indeterminado, e a proibição de alterações na área ocupada pelos quiosques (Baroni, 1998, p. 2).

Algumas imagens do IPPUL (2025) mostram o Calçadão provavelmente na década de 1990 em frente à Praça Marechal Floriano Peixoto. Uma delas apresenta o desenho em vermelho da rota dos bombeiros e o número menor de quiosques, mostrando que já teriam sido retirados para permitir a rota dos bombeiros. Além disso, observa-se a presença das floreiras redondas (inseridas em 1993) e das floreiras construídas em 1996 (durante o mandato do prefeito Luiz Eduardo Cheida, entre 1993 e 1996). Esses elementos confirmam que a imagem é posterior a 1996. Na parte superior da Praça é possível observar alguns edifícios, possivelmente barracas de ambulantes e somente um quiosque no trecho do Calçadão ao lado. As luminárias globos seguem nos trechos visíveis do Calçadão da avenida Paraná [Fig. 107 a 109].

Figura 107 – Praça Marechal Floriano Peixoto e Calçadão, após [1996]



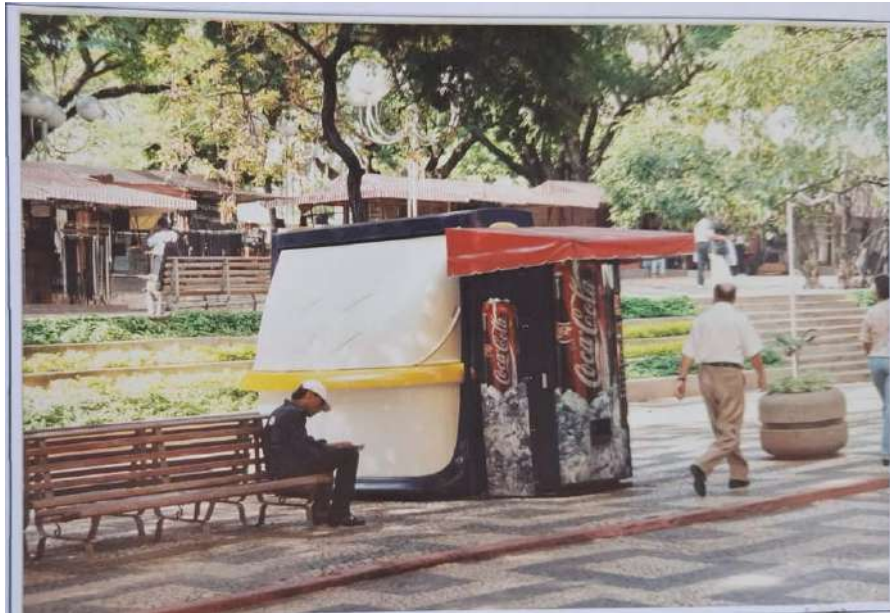
Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Figura 108 – Praça Marechal Floriano Peixoto e Calçadão, após [1996]



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Figura 109 – Praça Marechal Floriano Peixoto e Calçadão, após [1996]



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

4.2 Descontinuidades do Projeto Centro

Diferente do posicionamento encontrado nos mandados de Antonio Belinati, que buscou ampliar o projeto inicial do Calçadão com projetos similares ao de 1977, os períodos marcados pelos mandatos dos prefeitos Wilson Rodrigues Moreira (1983–1988) e Luiz

Eduardo Cheida (1993–1996) trazem intervenções pontuais realizadas no Conjunto Central, buscando solucionar problemas narrados pela população, principalmente relacionados ao uso dos quiosques, rota de incêndio, falta de estacionamento no Centro e limpeza do piso *petit pavé*, com propostas que não seguem a mesmo tratamento nos equipamentos urbanos de 1977.

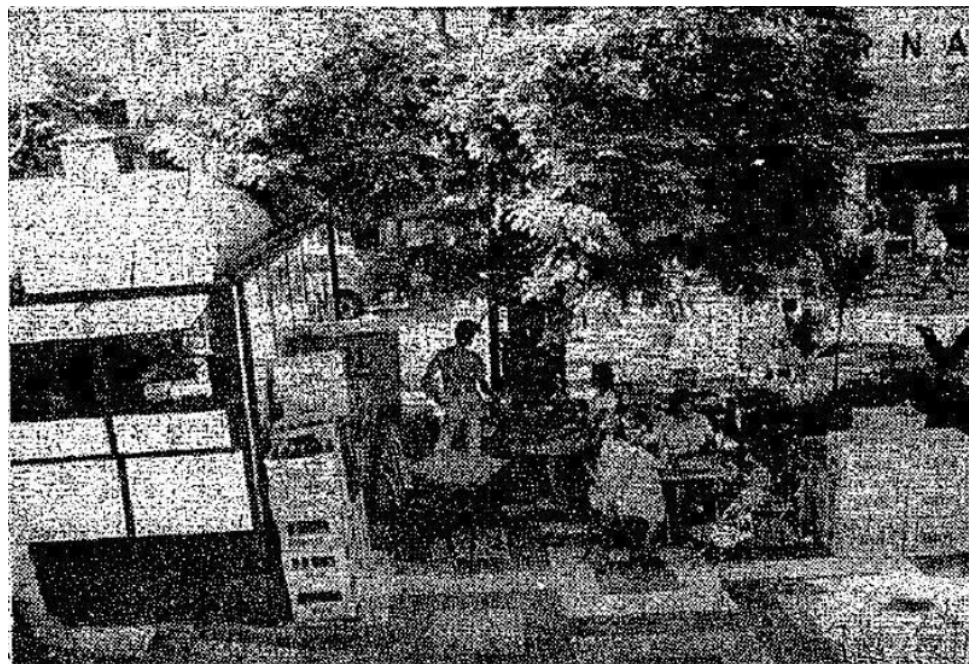
Com pouco tempo da instalação e ampliação do calçadão para a rua Sergipe (realizada por Belinati em 1981), já se encontram notícias de reclamações e irregularidades: na reportagem do dia 1 de março de 1982, em que se informou a notificação realizada pela prefeitura de irregularidades nos quiosques. Segundo a reportagem, havia mais de trinta quiosques na avenida Paraná, dos quais muitos teriam sido notificados com irregularidades pelo secretário de serviços públicos, Cláudio Canesin, correndo o risco de não ter concessões reavaliadas depois dos cinco anos de contrato: “Segundo o secretário, o Calçadão foi concebido para ser uma praça do povo e não o ‘mercado persa’ em que se converteu” (Prefeitura [...], 1982).

No relato dos moradores, a maioria das irregularidades teria sido aprovada anteriormente pela própria prefeitura, causando surpresa e confusão nos proprietários. Entre as irregularidades principais estariam as mudanças no uso inicial do quiosque, a falta de revestimentos em áreas que servem alimentos e algumas irregularidades que modificam

os projetos iniciais na disposição dos quiosques, com a inserção de três quiosques de 25 m² na Praça Marechal Floriano Peixoto, onde funcionavam bares, que dificultavam a circulação de pessoas. Além disso, o aumento da lanchonete Chopão, com o acréscimo de dois quiosques que seriam de uso do município, na Praça Willie Davids, e a ampliação em um gomo do quiosque de café na Praça Gabriel Martins, também seriam problema. Outras reclamações seriam as “quebras de padrões estéticos” nos quiosques com “inscrições nas paredes externas, placas, luminosos e toldos” (Prefeitura [...], 1982).

Na imagem da reportagem [Fig. 110], é possível ver um dos quiosques com caixas de bebida amontoadas no passeio, com inserção de toldo e chaminé.

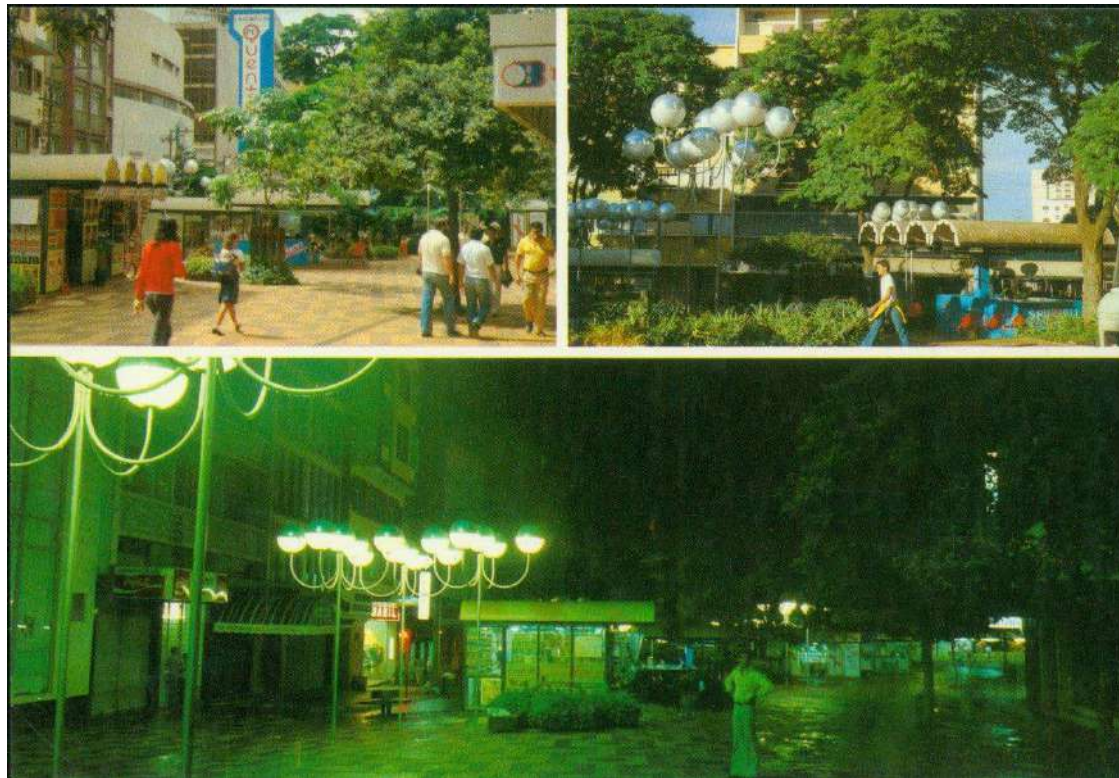
Figura 110 – Quiosque com irregularidades, 1982



Fonte: Prefeitura [...] (1982).

Imagens encontradas no site do IPPUL apresentam o Calçadão do lado da Praça Willie Davids com uma série de propagandas nos fechamentos laterais dos quiosques [Fig. 111]. Não se sabe a data das fotos, mas é possível observar a alternância de quiosques com fechamento lateral e sem fechamentos e a permanência do mobiliário retilíneo em madeira dos bancos e floreiras, e as luminárias em formato de araucária. A imagem do canto superior direito apresenta sob o quiosque outra estrutura em alvenaria pintada de azul com cadeiras vermelhas soltas ao lado, o que reforça as mudanças na tipologia estética iniciais dos quiosques, relatada na reportagem analisada anteriormente.

Figura 111 – Calçadão ao lado da Praça Willie Davids



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

4.2.1 Prefeito Wilson Rodrigues Moreira (1983–1988)

Durante a gestão do prefeito Wilson Rodrigues Moreira (1983–1988), foram realizados estudos diagnósticos voltados à avaliação da situação das três quadras do Calçadão da avenida Paraná. Essas ações incluíram levantamentos técnicos sobre a implantação dos elementos de mobiliário urbano, bem como a realização de pesquisas junto à população local. O objetivo dessas pesquisas era aprofundar a compreensão dos problemas enfrentados no espaço urbano central, identificando demandas da comunidade e propondo soluções adequadas às necessidades dos usuários.

Um ofício, sem data, de José Pio Martins (Curitiba) para o então prefeito Wilson Moreira, constante no Arquivo Público Municipal, encaminhava sugestões de alterações no Calçadão “para garantir função de ponto de encontro e circulação” com “deslocamento e retirada de alguns bancos e floreiras, redução do número de lanchonetes e delimitação de área para mesas; eliminação de alguns quiosques que caracterizam obstáculos para passagem”, além da “recuperação de floreiras e replantio (gerânio ou onze horas com flores ano todo), fiscalização de esgoto dos quiosques e restrição de propaganda (apenas nome do estabelecimento conforme padronização)” (IPPUL, 2016).

Uma pesquisa de opinião pública sobre o Calçadão, realizada no ano de 1984, revelou que os problemas principais estariam relacionados à insegurança quanto à ocorrência de incêndio, dificuldade de acesso de ambulância, dificuldade para carga/descarga, sujeira e dificuldade da circulação dos veículos, enquanto os principais benefícios apontados seriam ser uma área de lazer, atrair visitantes, ser centro comercial de fácil acesso, ser ponto de encontro, embelezar a cidade e melhorar a circulação de pedestres (IPPUL, 2016).

Entre os principais pontos destacados na pesquisa, estão as reclamações dos quiosques, com a opinião de 3900 pessoas para a eliminação dos equipamentos. No entanto, nas porcentagens finais gerais, apenas 13,04% optaram pela retirada de alguns quiosques, sendo que 2,4% votaram pela retirada de todos os quiosques. Os quiosques com maior índice de eliminação seriam quiosques sem uso, pastelarias e lanchonetes. Uma porcentagem de 48,57% dos entrevistados considerava o estado do Calçadão regular (excesso de quiosques e vendedores ambulantes, pouco espaço para lazer e transeuntes, necessidade de retirar banheiro público, falta de flores etc.), enquanto 41,04% achava bom (lazer, turismo, ponto de encontro etc.) e 9,8% achava péssimo (bancos desconfortáveis com friso de ferro, mau cheiro dos sanitários, excesso de quiosques, mesas e cadeiras etc.) (IPPUL, 2016).

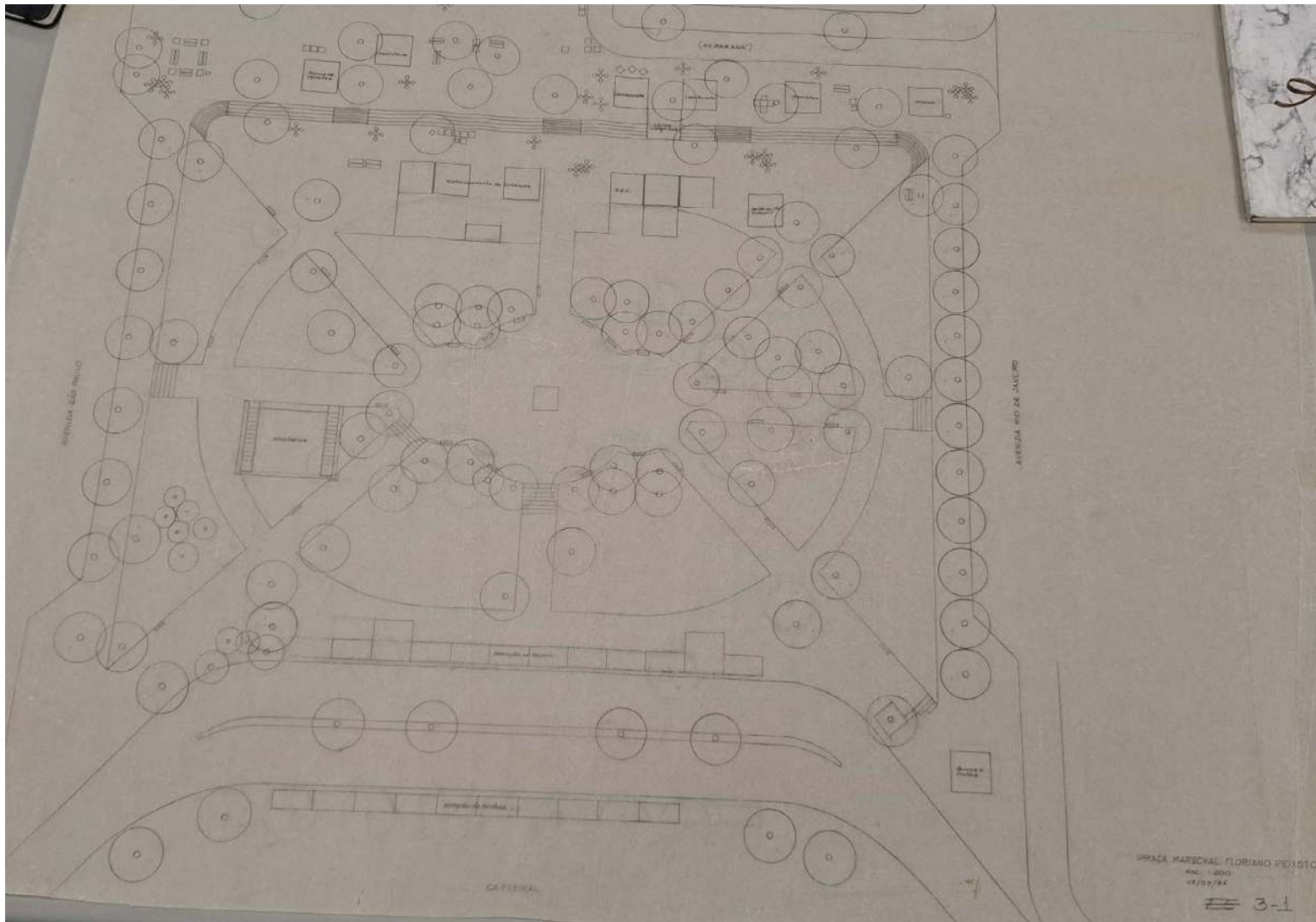
Outras críticas mencionavam: falta de espaços livres (23,5%), necessário melhorar aspecto visual (20,74%), falta de sanitários (19,08%) e falta de iluminação (7,90%). Cerca de 65,52% votou pela permanência do calçadão nas três quadras, enquanto 28,72% votou pela ampliação. Entre algumas das recomendações de melhoria estariam a troca para floreiras em vasos removíveis, limpeza, organização de quiosques e bancos (IPPUL, 2016).

Alguns projetos no Cadastro Imobiliário Municipal indicam a tentativa de sanar as reclamações, principalmente na diminuição dos quiosques das três quadras iniciais e a retomada do traçado interno inicial da Praça Marechal Floriano Peixoto. Além disso, os projetos apresentam, além da proposta de mudanças, a situação do Calçadão antes da intervenção de 1984, já com os sanitários inseridos nas Praças.

4.2.1.1 Alterações no Calçadão da avenida Paraná – trecho das Praças Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids (1984)

O desenho datado de 9 de julho de 1984, da Praça Marechal Floriano Peixoto, mostra os quiosques um pouco diferentes do projeto de 1977, em uma quantidade visivelmente menor [Fig. 112]. Além disso, aparece a implantação de um bloco de sanitários dentro da Praça, próximo à avenida São Paulo, e dentro de um dos canteiros formados pelo desenho da elipse e a área vazia central.

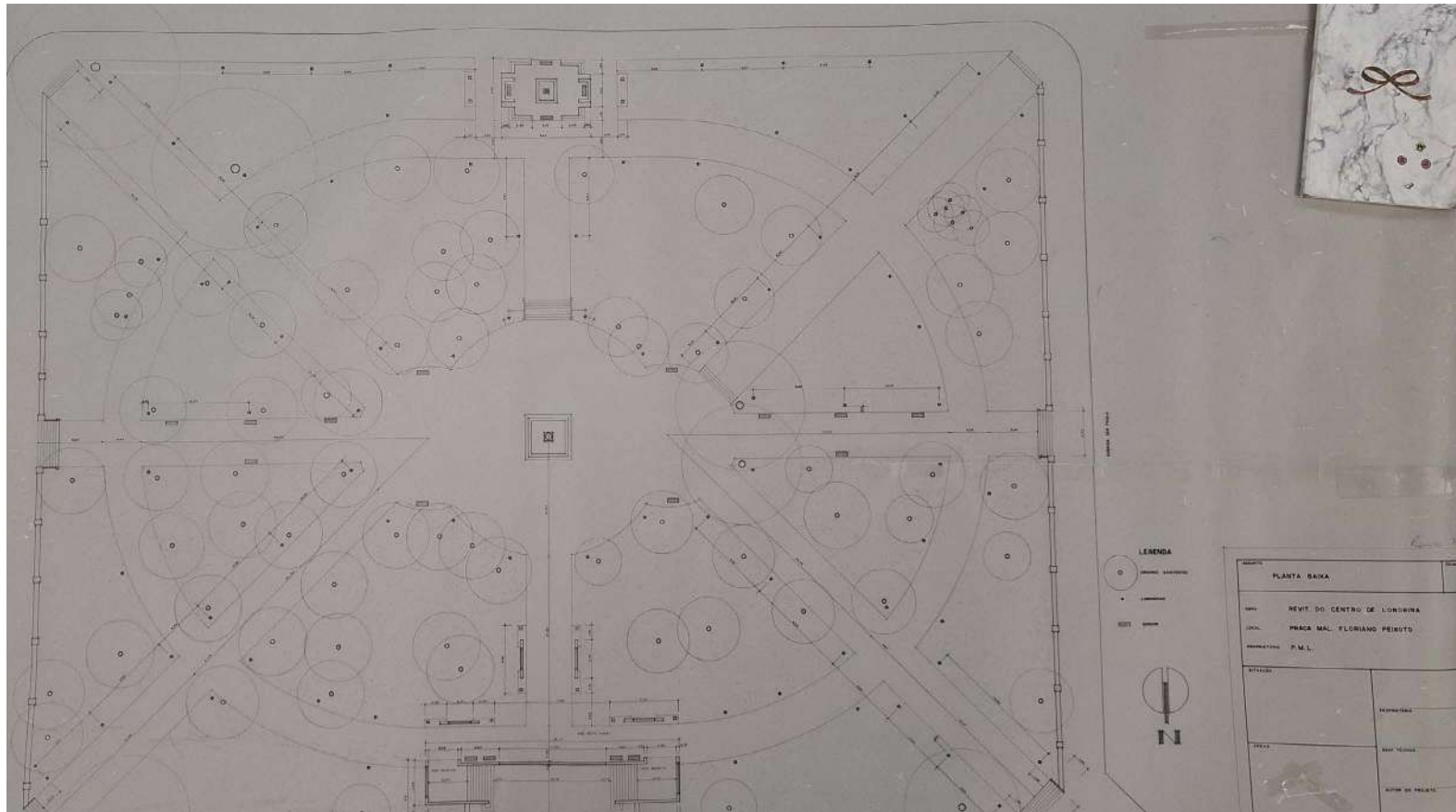
Figura 112 – Praça Marechal Floriano Peixoto, 1984



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Antes da inserção dos banheiros na Praça Marechal Floriano Peixoto, foi realizada uma proposta de inserção de escadarias que conectam a Praça com a avenida Paraná e a Catedral, diferente dos quiosques de 1977. Como o desenho não possui data, não é possível afirmar quando foi elaborado, embora o projeto pareça não ter sido executado [Fig. 113].

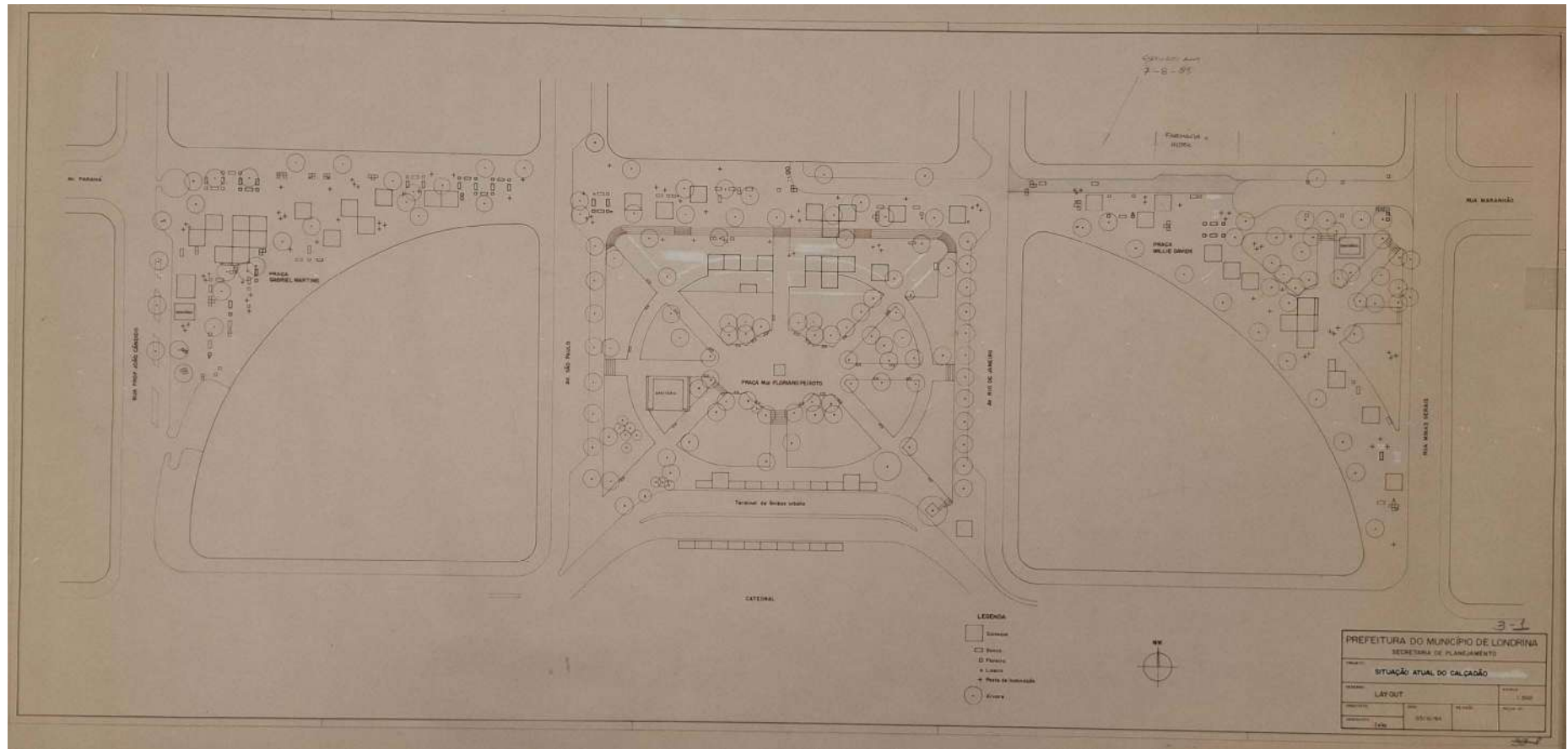
Figura 113 – Desenho das escadarias



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

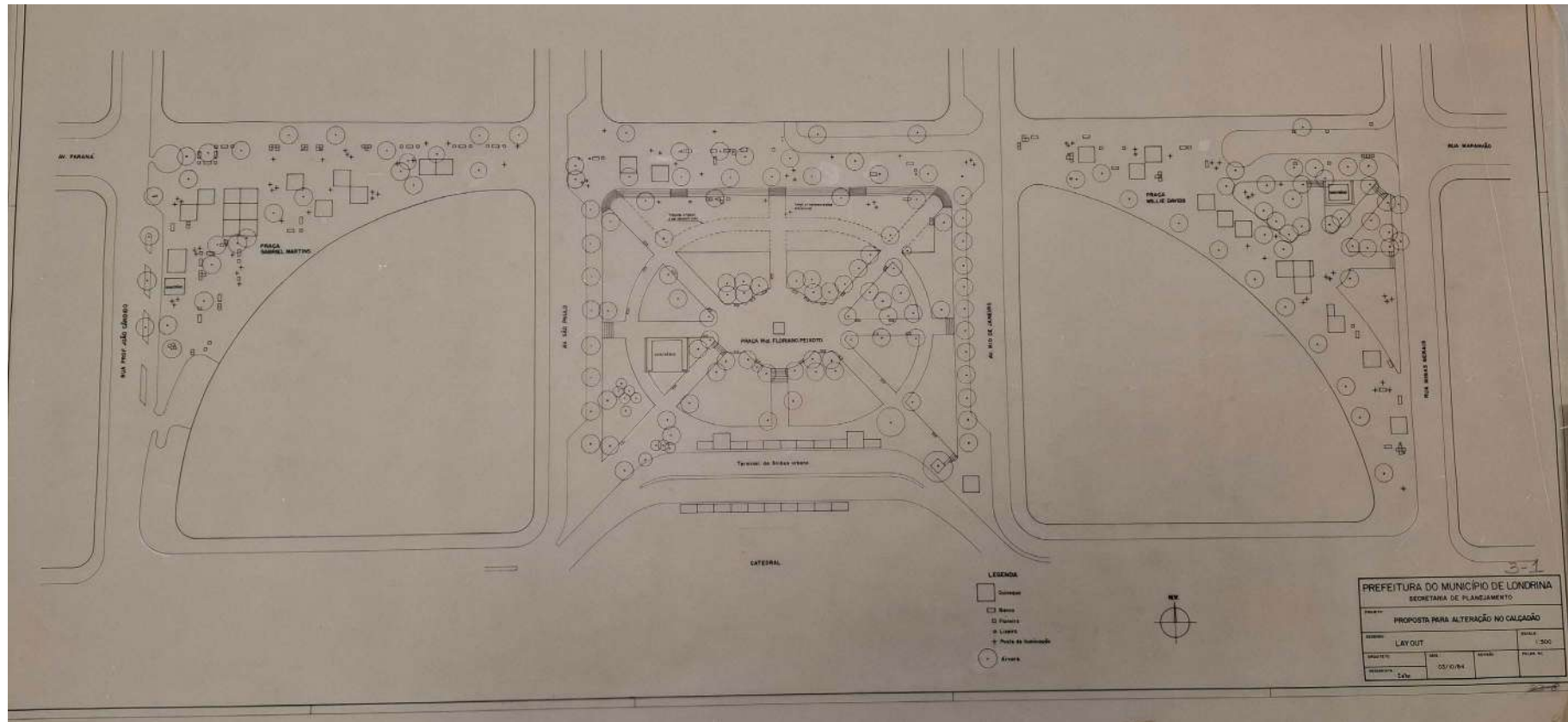
Em 3 de outubro de 1984, foi realizado o levantamento do Calçadão, no qual constam três sanitários (um em cada Praça) e uma proposta para alteração feita pela secretaria de planejamento do município [Fig. 114 e 115]. O desenho apresenta as Praças Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids e a área do Calçadão que passou a ocupar a avenida Paraná, nesse trecho.

Figura 114 – Situação do Calçadão, 1984



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Figura 115 – Alteração do Calçadão, 1984



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

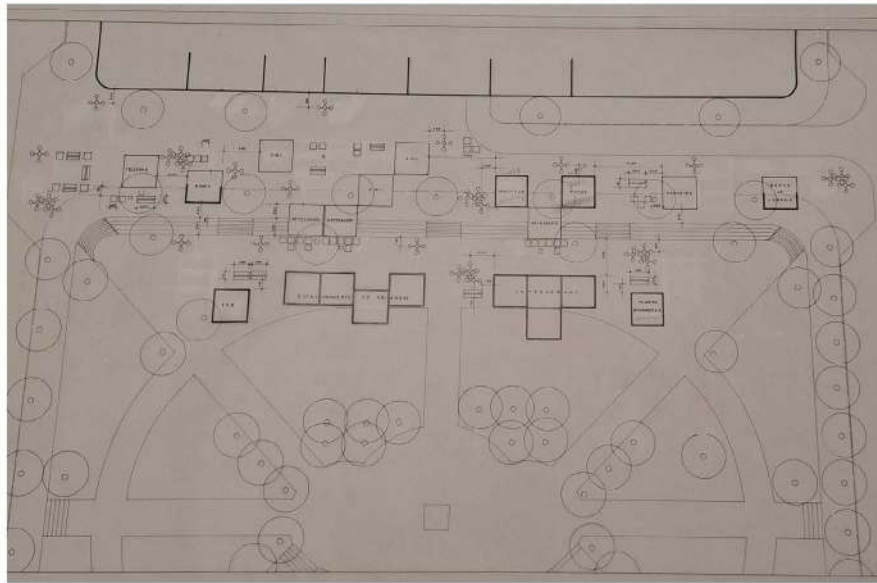
Na comparação da proposta de setembro de 1977 com o levantamento atual de 1984, percebe-se, na Praça Marechal Floriano Peixoto, que boa parte do desenho inicial foi executado [Fig. 116], com apenas a ausência de quatro quiosques que ficavam na diagonal na parte central do Calçadão, e com dois deles sobre a área das escadarias. Outro quiosque dentro da Praça a oeste não existe, e uma parte coberta, fora da modulação, parece estar dentro de um dos canteiros da Praça. Um bloco grande, que foge ao padrão da modulação, foi inserido próximo à área

central da Praça. Além disso, existem divergências na posição e quantidades dos mobiliários, com o acréscimo de bancos e floreiras na parte inferior da avenida Paraná e supressão de bancos na parte da Praça.

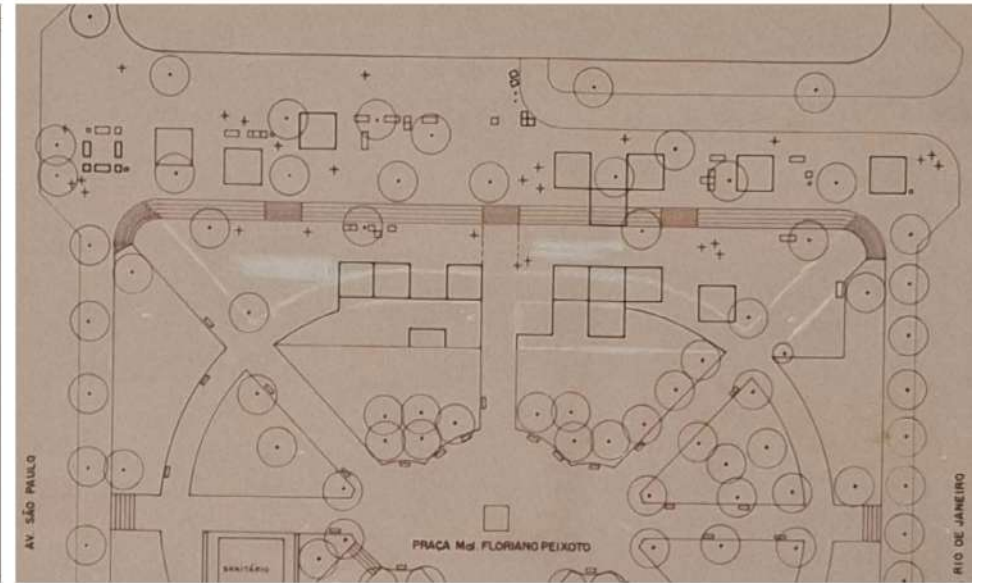
Figura 116 – Comparação do desenho da Praça Marechal Floriano Peixoto, 1977 e 1984

Praça Marechal Floriano Peixoto

1977



1984 levantamento



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

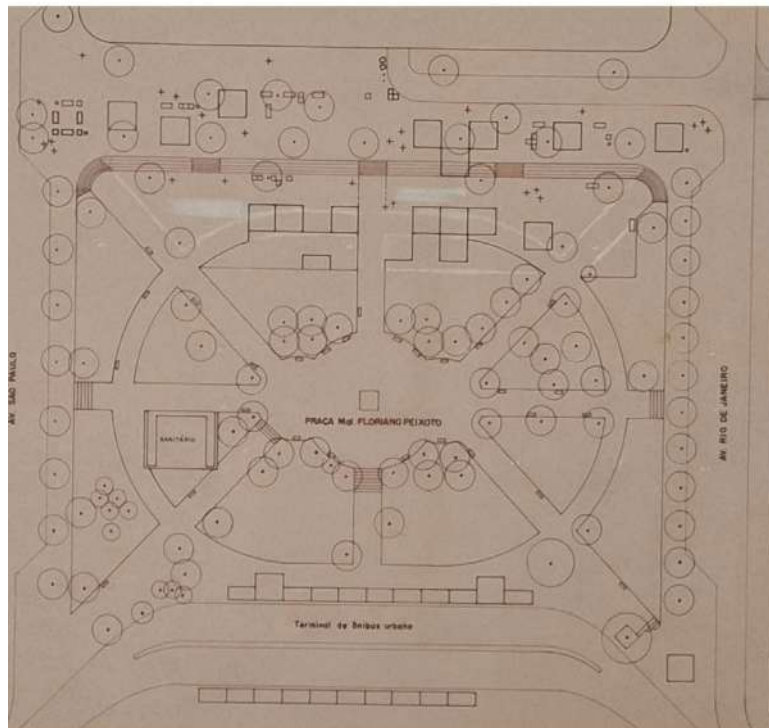
Na proposta de 1984, a Praça Marechal Floriano Peixoto apresenta na ala norte uma grande área tracejada que mostra o “traçado original a ser reconstruído”, retirando por completo os quiosques que estavam ocupando a Praça. A parte sul mantém o Terminal de Ônibus Urbano,

com a Praça menor até a elipse. A quantidade e a implantação dos quiosques, bancos e floreiras apresentam algumas alterações em relação aos desenhos anteriores. Na área ao lado da Praça Marechal Floriano Peixoto, ficam apenas dois quiosques e poucos bancos, floreiras e lixeiras dispersas, sem mais configurar o “U” ou as diagonais iniciais [Fig. 117].

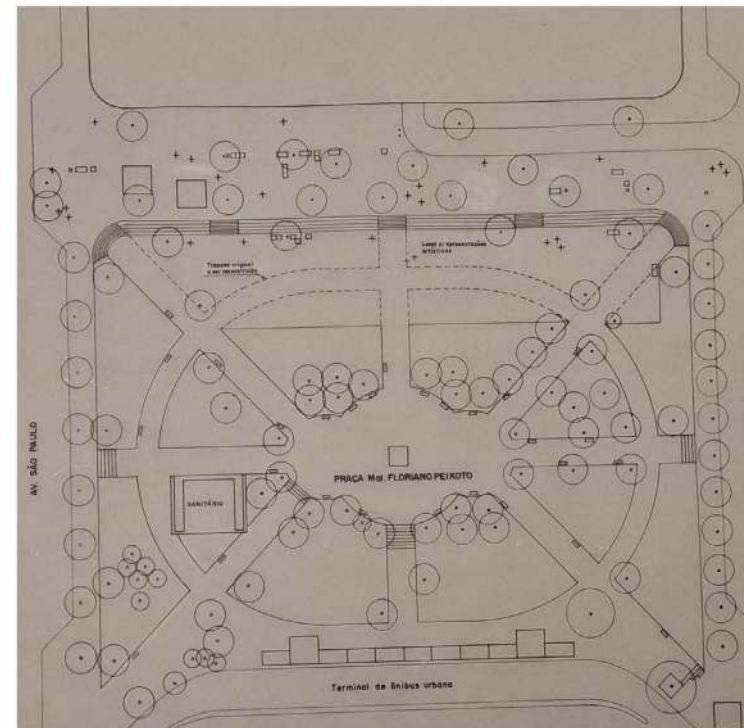
Figura 117 – Comparação entre situação levantada (esquerda) e situação projetada (direita), 1984

Praça Marechal Floriano Peixoto

1984 levantamento



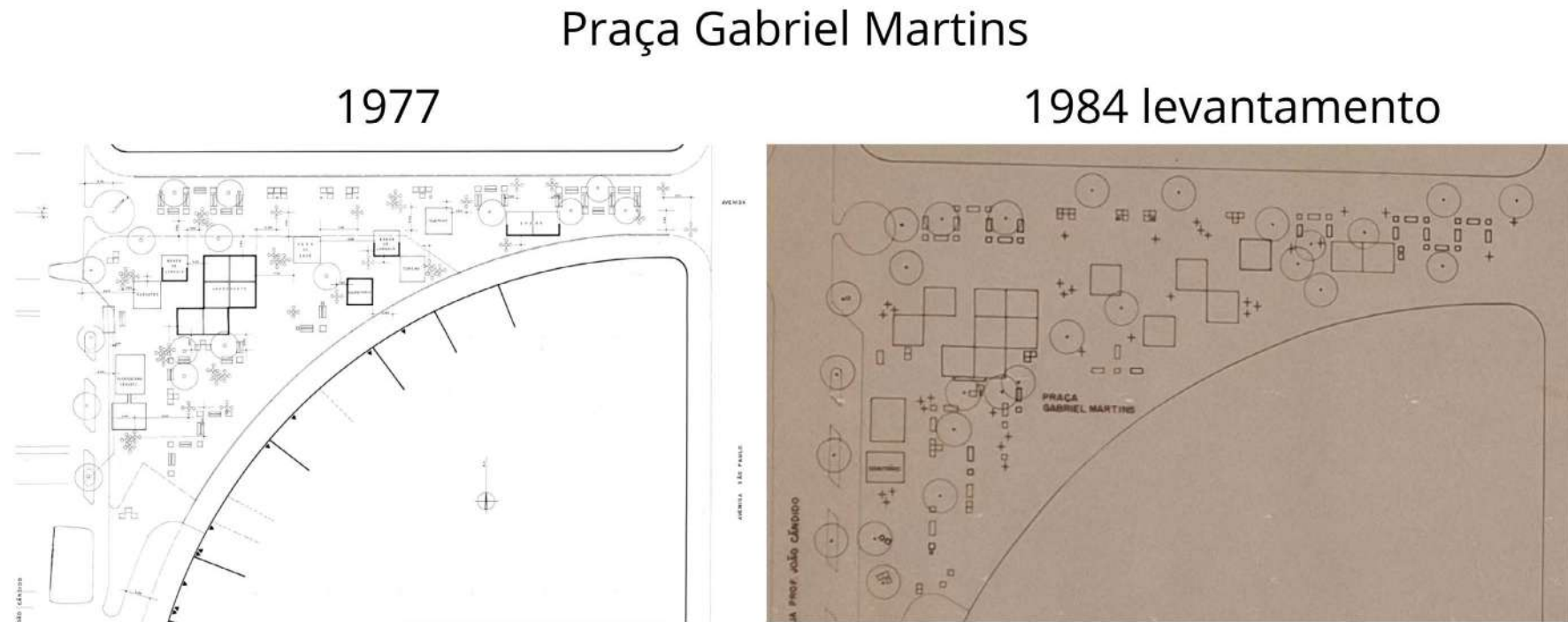
1984 proposta



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

A situação levantada da Praça Gabriel Martins, em 1984, apresentou uma grande similaridade com o projeto inicial de agosto de 1977, principalmente na disposição dos quiosques e mobiliário urbano [Fig. 118], com algumas alterações pontuais na ala sul, em que aparecem bancos e floreiras em uma quantidade menor que o projeto inicial, e a transformação de um dos quiosques iniciais que ficava ao lado da floricultura em sanitários.

Figura 118 – Comparação do desenho da Praça Gabriel Martins, 1977 e 1984



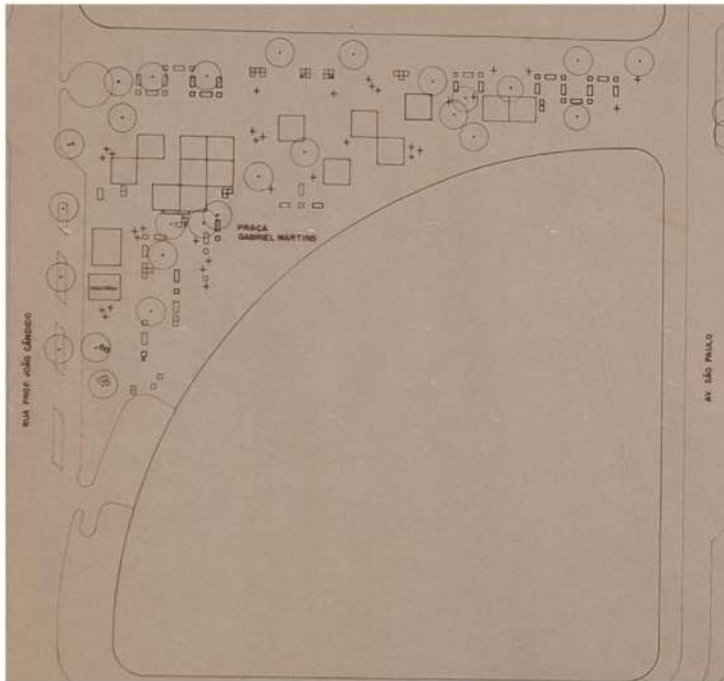
Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em relação à proposta de 1984, a Praça Gabriel Martins teve poucas mudanças comparadas à planta de situação atual [Fig. 119]. As árvores permaneceram, o desenho da calçada também. A maioria dos bancos com implantação em U foi retirada, mantendo apenas uma dessas configurações iniciais. Um dos quiosques é retirado e outro tem um dos seus módulos deslocados, diminuindo o efeito em diagonal. Observando o canteiro do recuo para automóveis na calçada da rua Professor João Cândido, é possível verificar que o projeto de agosto de 1977 se manteve.

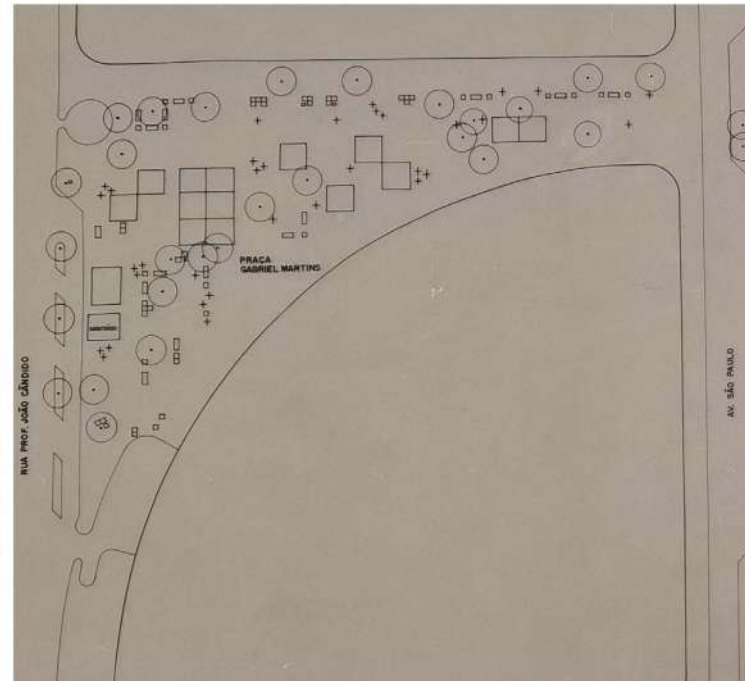
Figura 119 – Comparação entre situação levantada (esquerda) e situação projetada (direita), 1984

Praça Gabriel Martins

1984 levantamento



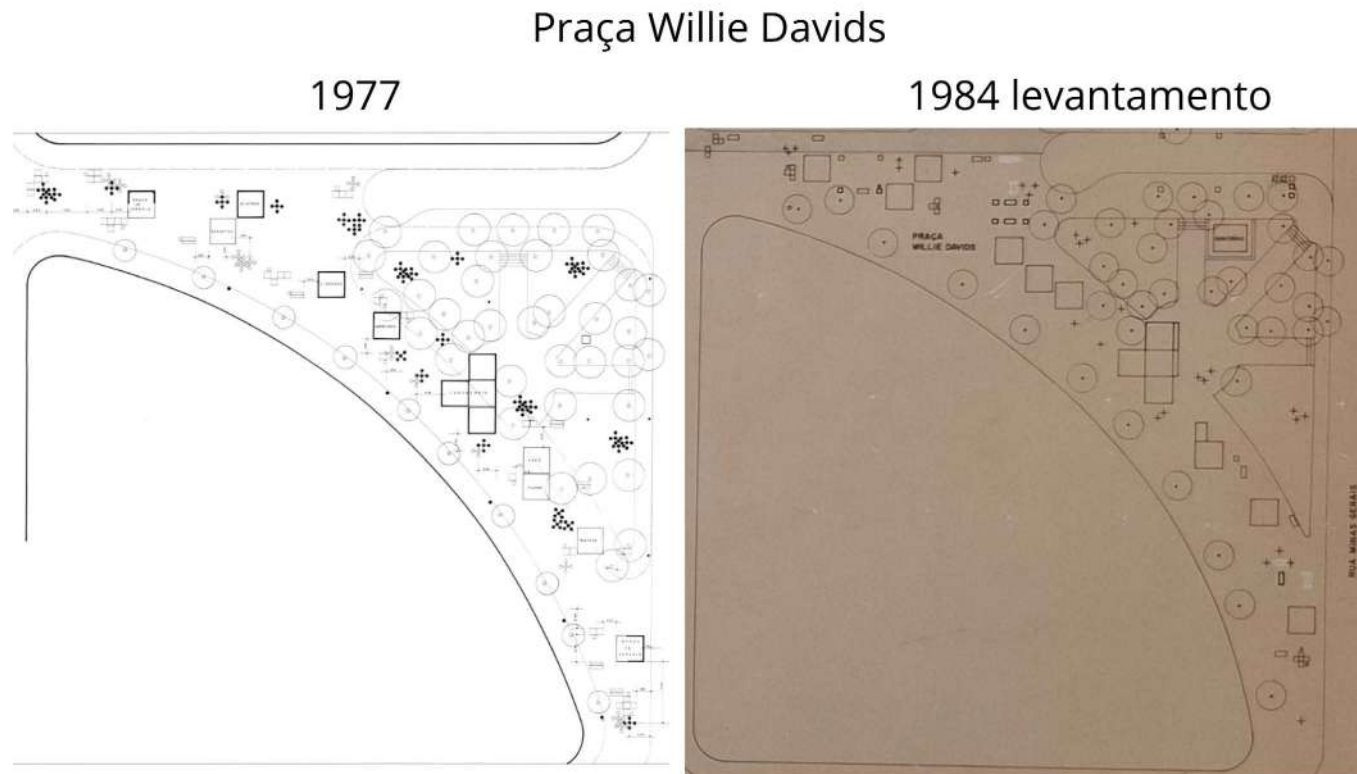
1984 proposta



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

A Praça Willie Davids apresenta algumas alterações em relação ao desenho de setembro de 1977 na situação retratada em 1984, sendo a principal, a implantação do sanitário dentro da Praça, próximo ao Cine Teatro Ouro Verde, e dois quiosques com ampliações, sem respeitar a modulação inicial quadrada [Fig. 120]. Ademais, chama a atenção a ausência de bancos e floreiras na parte curva do calçadão, além da quantidade inferior de luminárias.

Figura 120 – Comparação do desenho da Praça Willie Davids, 1977 e 1984



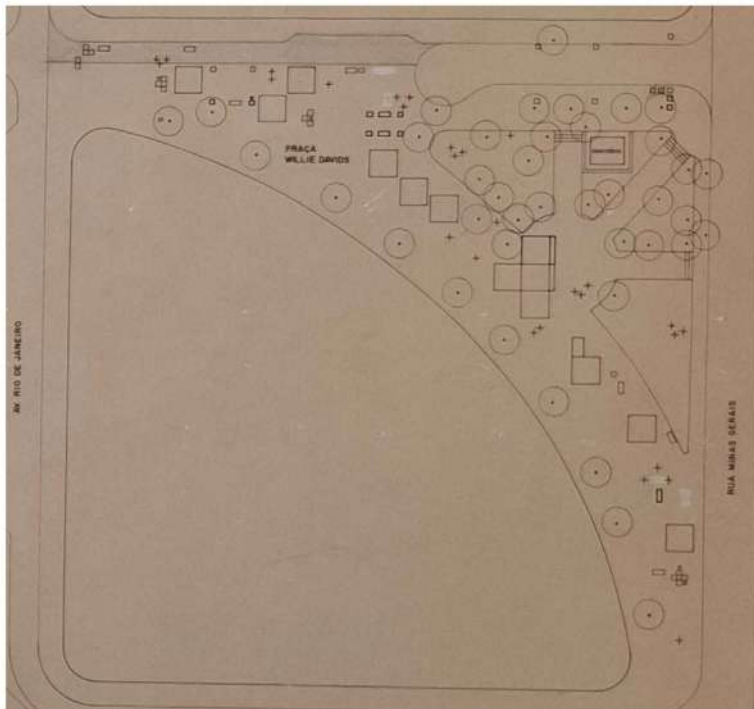
Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em relação às propostas realizadas de alterações no Calçadão em 1984, apenas na Praça Willie Davids retirou-se um módulo de quiosque, que estava adentrando a área central da Praça, e conjuntos de bancos e floreiras que ficavam próximos ao canto da Praça, na frente do Cine Teatro Ouro Verde [Fig. 121].

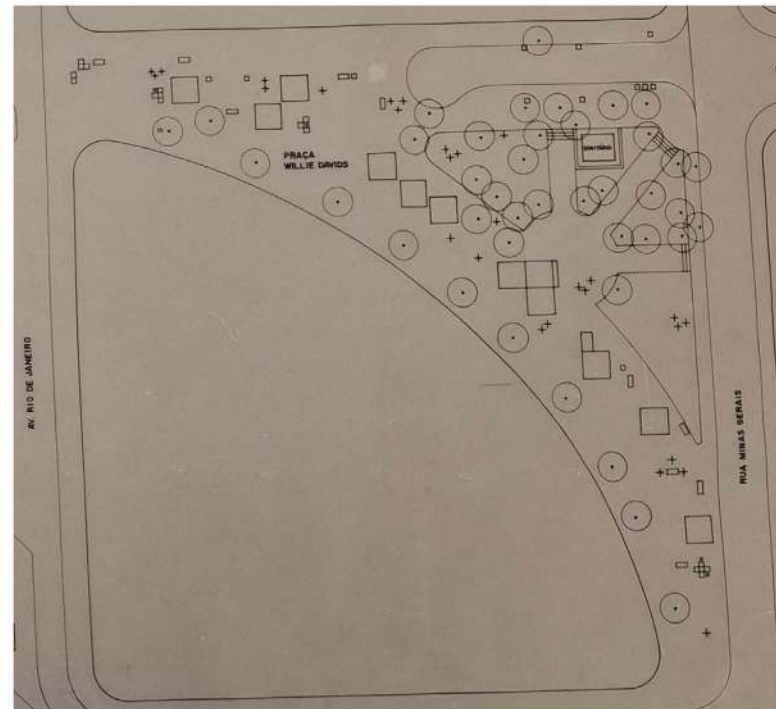
Figura 121 – Comparação entre situação levantada (esquerda) e situação projetada (direita), 1984

Praça Willie Davids

1984 levantamento



1984 proposta



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em uma fotografia do Calçadão, ao lado da Praça Willie Davids, na frente do Cine Teatro Ouro Verde, é possível observar os quiosques na avenida Paraná e também dentro da Praça (no lado esquerdo da foto) [Fig. 122]. Como o projeto de setembro de 1977 não tinha quiosques dentro da Praça, tão próximos ao Ouro Verde, pode ser que o quiosque da foto seja o dos sanitários. Entretanto, mesmo os quiosques da avenida Paraná parecem estar diferentes do projeto de setembro de 1977. Além das luminárias com globos, a imagem apresenta também os bancos e floreiras iniciais de 1977, retilíneos em madeira, mas implantados de forma distinta.

Figura 122 – Praça Willie Davids

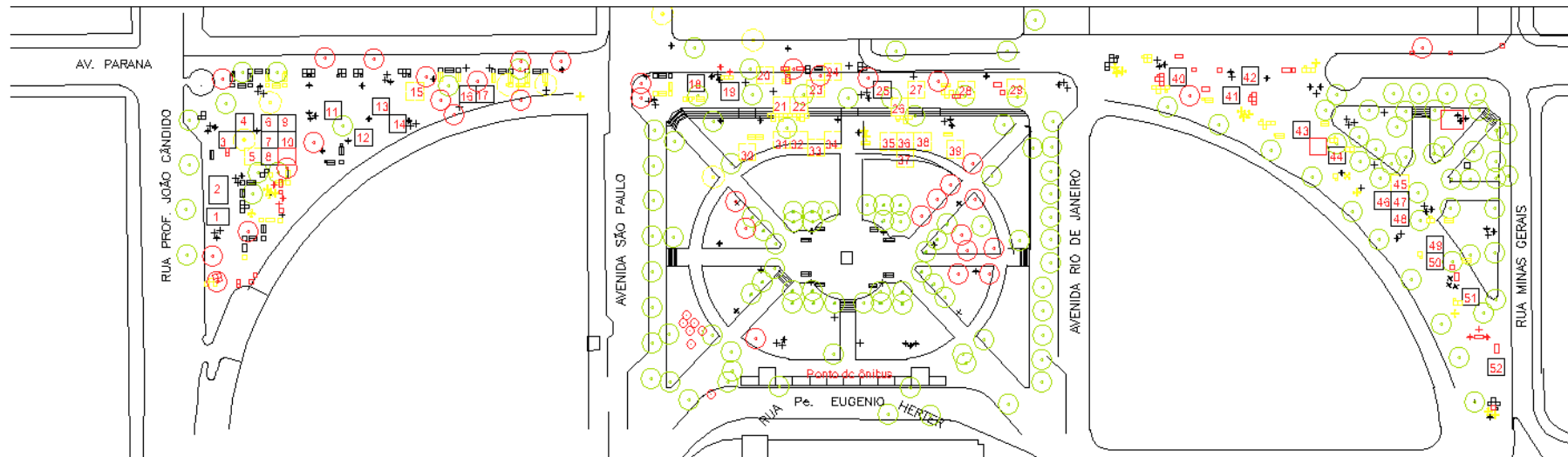


Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Na sobreposição do projeto que foi executado em 1977 com o projeto proposto em 1984 [Fig. 123], é possível observar com mais clareza os quiosques, bancos e floreiras que foram retirados e alguns elementos que foram acrescentados nos desenhos de 1984 (a maioria das árvores já aparece acrescentado no levantamento de 1984). No trecho da Praça Gabriel Martins houve a retirada de um quiosque (n.º 15) e o deslocamento

de outro (n.º 5). O trecho da Marechal Floriano foi retirado a maior quantidade de quiosques com cerca de 19, ficando apenas três (n.º 18, 19 e 25). O trecho da Willie Davids manteve a mesma quantidade de módulos, retirando um (n.º 45) e adicionando um entre os quiosques 43 e 44.

Figura 123 – Acréscimos e retiradas do projeto de 1984 comparados ao de 1977



LEGENDA:

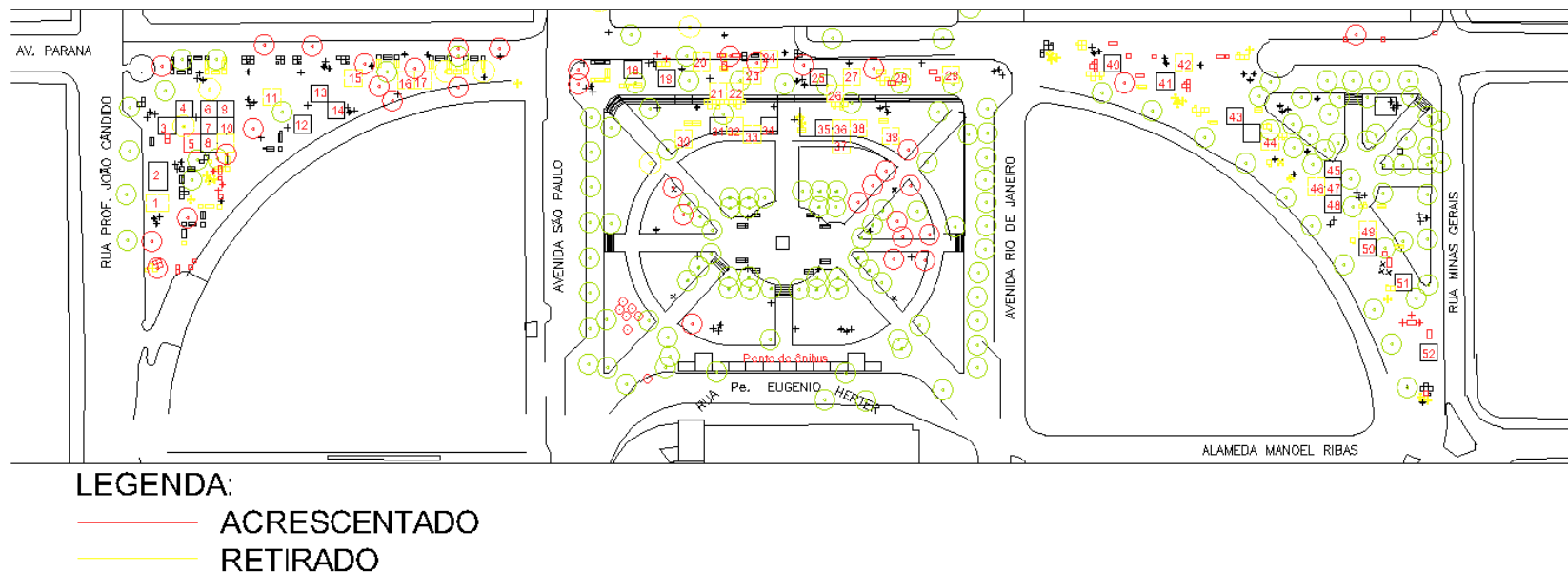
- ACRESCENTADO
- RETIRADO

Fonte: Autores (2025).

Sobre os quiosques, a reportagem de 1991 informou que o início das reclamações sobre as irregularidades dos quiosques remonta a 1983; nesse período, durante a administração do prefeito Wilson Moreira, chegou-se a cogitar a retirada dos quiosques. A principal argumentação eram questionamentos a respeito da segurança da área e da permissão dos acessos aos edifícios da avenida Paraná em caso de incêndio, sendo que em 1985 (data provável) foram desativadas sete estruturas, mesmo com críticas dos comerciantes (Calçada [...], 1991).

Entre os anos de 1984 e 1991, alguns quiosques foram retirados. A comparação do projeto de 1984 com o mapa base de Londrina de 1991 possibilita compreender quais quiosques foram retirados e quais foram mantidos. Nos dados de 1991 não foi possível comparar as luminárias, árvores, bancos e floreiras; sendo assim, mantiveram-se as informações de 1984, atualizando apenas os quiosques. Na Praça Gabriel Martins o deslocamento do quiosque número 5 não aconteceu e, além da retirada do de número 15, foram recolhidos mais quatro (n.º 1, 11, 16 e 17). Na Praça Marechal Floriano Peixoto não acontece a retirada de todos os quiosques, ficando ainda três unidades (n.º 31, 34 e 35); já na parte baixa do Calçadão, quase todos são retirados, conforme os dados de 1984, ficando apenas três (n.º 18, 19 e 25). Por fim, na Praça Willie Davids, em vez do número 45, houve a retirada do número 46, que fazia parte do mesmo agrupamento de quiosques, e do número 44, permanecendo o que foi acrescentado ao lado dele em 1984 [Fig. 124].

Figura 124 – Acréscimos e retiradas de quiosques, 1984–1991



Fonte: Autores (2025).

Além das alterações dos quiosques na área inicial do Calçadão, na década de 1980 foram implantados mais dois monumentos na Praça Gabriel Martins e na Praça Willie Davids. No caso da Praça Gabriel Martins, segundo a Ficha de Inventário, foi implantado o monumento Boca Maldita no dia 14 de novembro de 1981. O monumento é composto por um pedestal em granito bruto e apresentava duas placas, uma com inscrição “Boca Maldita, Londrina, 14 de Novembro de 1981” e outra “Londrina, 14/11/81. Ao prefeito Antônio Belinati que soube somar todos os londrinenses na mesma comunidade solidária e justa, a homenagem da Boca Maldita” (Siglon, M05, 2023). Segundo o levantamento de 2017 (Siglon, M05, 2023) as placas não estavam mais no local, essa situação se perpetuou até 2025, quando no mês de junho foram inseridas novas placas [Fig. 125].

Figura 125 – Monumento Boca Maldita, Praça Gabriel Martins



Fonte: Siglon, M01 (2019).

Ainda uma reportagem da *Folha de Londrina* lembrou que “nos anos 1980 o local ainda abrigou telefones públicos, quiosques e sua nomenclatura acabou dando lugar a uma confraria chamada Boca Maldita, inspirada na homônima curitibana, em que se discutia política” (Ogawa, 2020). A escolha da Praça Gabriel Martins para implantar o monumento está relacionado ao fato de lá ter sido “[...] palco para manifestações e reivindicações, além de manifestações artísticas” (Siglon, M01, 2019).

Já na Praça Willie Davids, em 27 de agosto de 1986, foi inserida a Placa ao Corretor Imobiliário. Segundo a Ficha de Inventário (Siglon, M08, 2020), a inscrição na placa era “Corretor de imóveis. Profissional liberal. 27.08.1986. Rocha basáltica... Terra roxa... Café... Londrina... Corretor de imóveis. O início de tudo” [Fig. 126]. O monumento era composto por duas placas, com uma delas fixada sobre uma rocha de origem basáltica, que representaria a base de Londrina, já que a rocha é a origem da terra roxa, enquanto o café representaria o desenvolvimento da cidade, e a ave colibri, com sua ação de polinização, faria analogia à profissão, simbolizando os corretores de imóveis. Infelizmente no levantamento de 2017 a placa já não estava mais no local.

Figura 126 – Placa ao Corretor Imobiliário, Praça Willie Davids - 2004

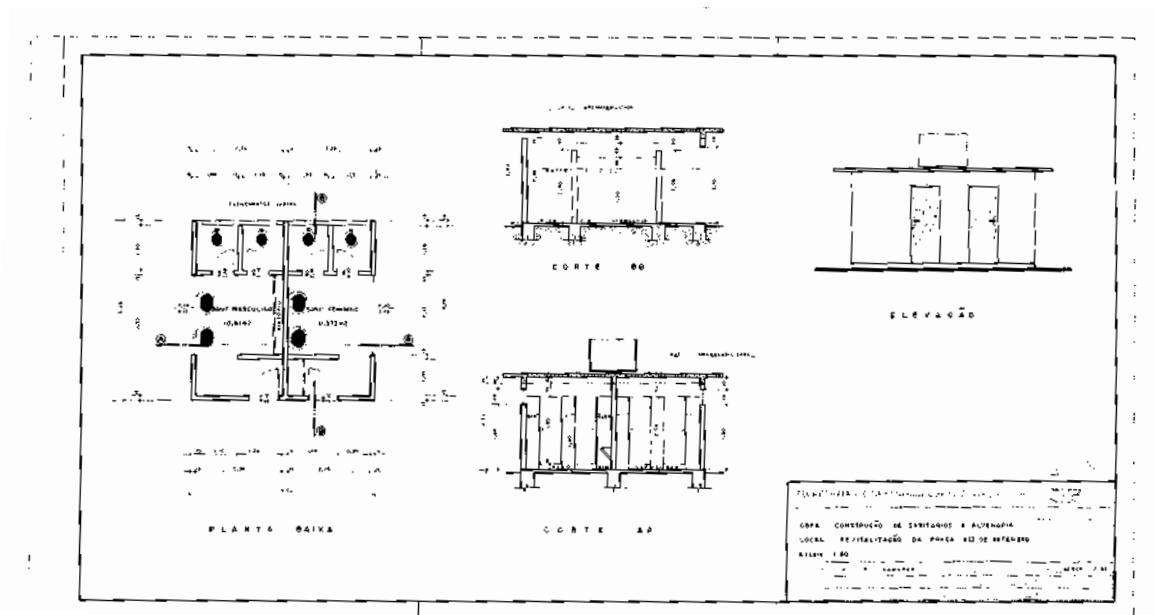


Fonte: Siglon, M08 (2020).

4.2.1.2 Praça Sete de Setembro (1983) – executada

Em 1983, foi realizado um projeto de construção de sanitários em alvenaria na Praça Sete de Setembro, conforme registrado no Cadastro Imobiliário Municipal [Fig. 127]. O projeto, elaborado pela Secretaria de Urbanismo, Obras e Viação da prefeitura municipal, em março daquele ano, tinha como objetivo a “Revitalização da Praça VII de Setembro”, como mencionado no documento. O novo projeto dividia o banheiro em espaço feminino e masculino, porém, diferentemente do projeto de 1982 (mandato de Belinati), cada setor contava com duas cabines, dois lavatórios e, no caso do banheiro masculino, um mictório. Além disso, a cobertura foi projetada em laje impermeabilizada, abandonando o estilo de arcos presente na proposta anterior de 1982. A documentação técnica incluía planta, cortes e elevação.

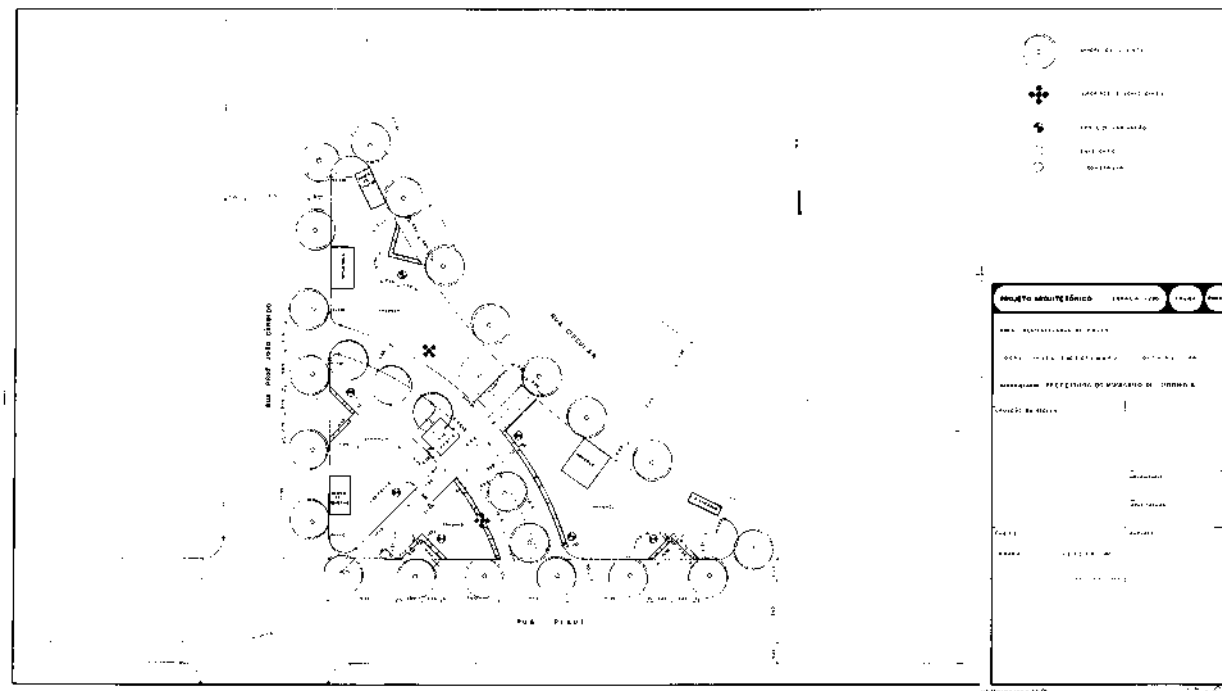
Figura 127 – Projeto de sanitário para a Praça Sete de Setembro, 1983



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em 1986, a Secretaria de Urbanismo, Obras e Viação elaborou um projeto arquitetônico, registrado no Cadastro Imobiliário Municipal, para a Praça Sete de Setembro, a qual foi descrita com área total de 1532,4 m² [Fig. 128]. O projeto mantém elementos presentes em propostas anteriores, como o monumento, o caminho interno arqueado que conecta os “catetos” do triângulo e a escada que parte do que seria a “hipotenusa”. No entanto, introduz novas intervenções, indicadas como “à construir”, como a ampliação da escada e a construção de um caminho que se inicia na esquina das ruas Piauí e Professor João Cândido (alterações que foram executadas e permanecem até os dias atuais). Além disso, o projeto previa a construção de floreiras triangulares, também marcadas como “à construir”.

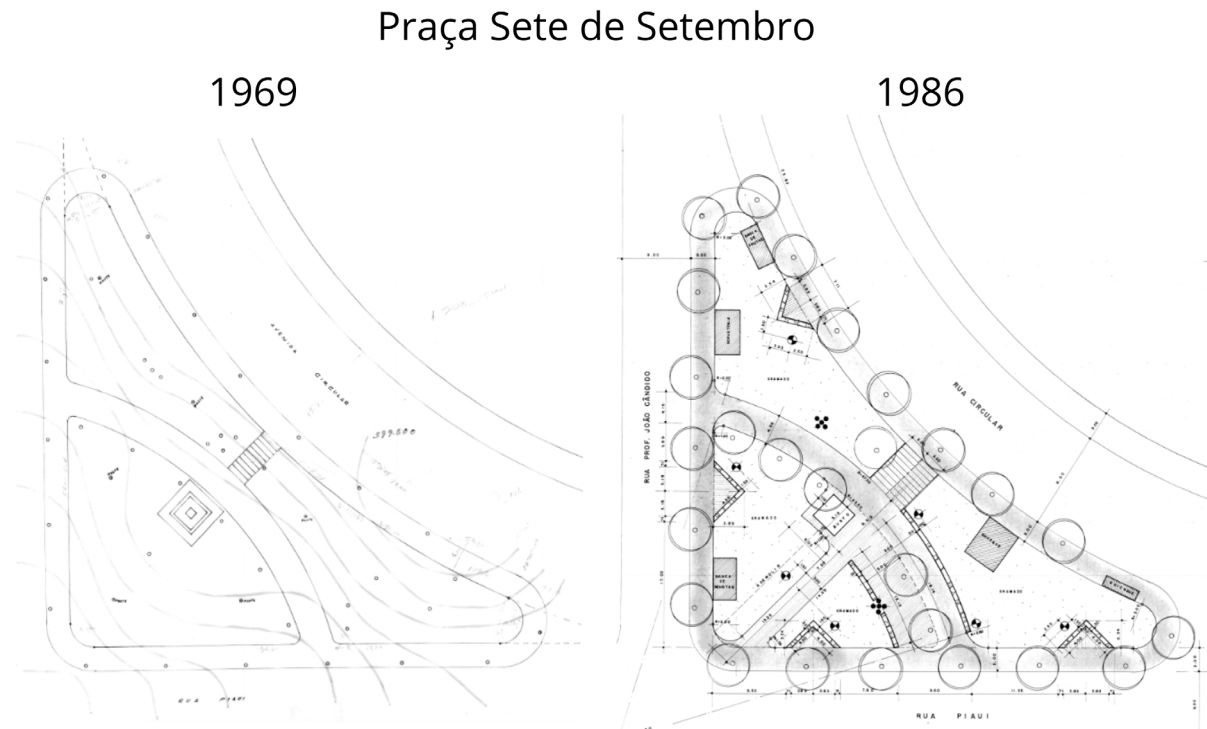
Figura 128 – Projeto arquitetônico na Praça Sete de Setembro, 1986



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

O último projeto de que se tem a implantação é de 1969, visto que as mudanças realizadas em 1982 no mandato de Belinati não foram encontrado o desenho geral da Praça, mas apenas os detalhes dos mobiliários a serem executados. Sendo assim, na comparação da implantação de 1969 com a implantação de 1983, é possível observar os elementos que foram inseridos em 1982, com a localização dos quiosques e das luminárias com quatro globos que foi executada anteriormente, assim como a proposta dos novos canteiros triangulares e a ampliação de caminhos, parcialmente executadas [Fig. 129].

Figura 129 – Comparação da implantação da Praça Sete de Setembro, 1969 e 1986



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

4.2.1.3 Proposta de alteração da Praça Primeiro de Maio (1987) – não executada

A ação principal do prefeito Moreira, no Conjunto Central, foi voltada às três quadras iniciais do Calçadão na avenida Paraná, e a busca de soluções para os problemas dos quiosques. Contudo, em 1987 a falta de estacionamentos na área central, juntamente com reclamações sobre o estado de deterioração da Praça Primeiro de Maio, culminou em uma proposta da câmara de vereadores para remoção da Concha Acústica para a área do Zerão e substituição da construção por um estacionamento. A proposta, inicialmente aprovada pelo prefeito, gerou uma série de manifestações contrárias, fazendo que a Concha fosse mantida, sem alterações, buscando soluções no entorno para resolver a questão dos estacionamentos.

As reportagens de março de 1987 [Fig. 130] apresentam a polêmica da possibilidade de mudança da Concha para o Zerão e como a proposta foi duramente contestada pelos líderes sindicais e pelo autor do projeto inicial, o engenheiro José Augusto Queiroz. Em reportagem de março de 1987, apontou-se a possibilidade de utilização da área da Concha para lazer das crianças do entorno, mas se questionou a valorização da cultura, da história e o deslocamento do uso da Praça Primeiro de Maio, com o uso para manifestações trabalhistas.

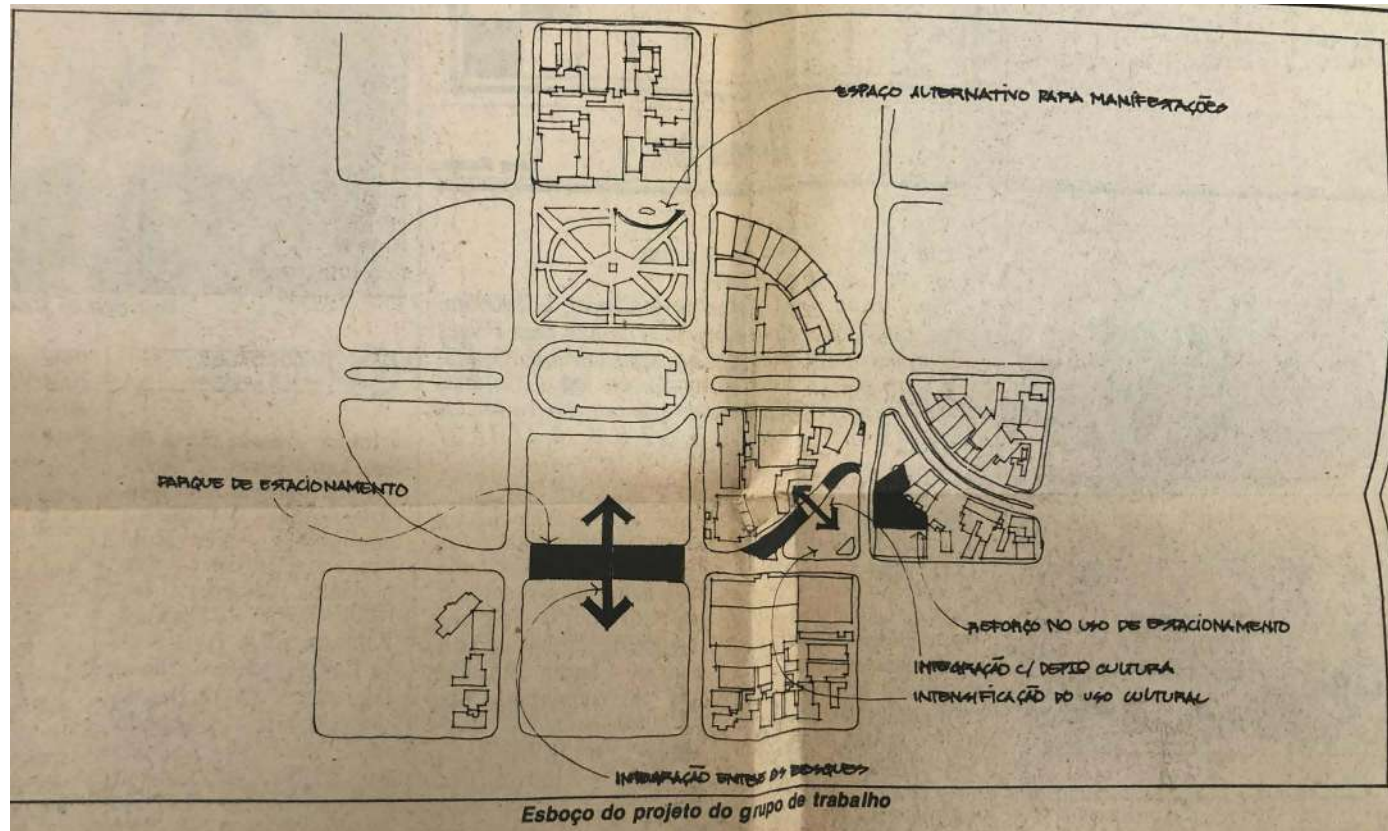
Figura 130 – Reportagem da Folha de Londrina, 31 de março de 1987



Fonte: Acervo da BML (2025).

Em junho de 1987, a *Folha de Londrina* divulgou um esboço do projeto feito por um grupo de arquitetos e docentes da UEL, para a solução do problema das constantes reclamações sobre a Praça Primeiro de Maio [Fig. 131]. A proposta apresenta áreas de reforço para uso de estacionamento, principalmente em um terreno ao lado da Concha e entre as duas quadras do Bosque, como também um espaço alternativo para manifestações no Calçadão da avenida Paraná.

Figura 131 – Esboço de um projeto de mudanças, 21 de junho de 1987



Fonte: Acervo da BML (2025).

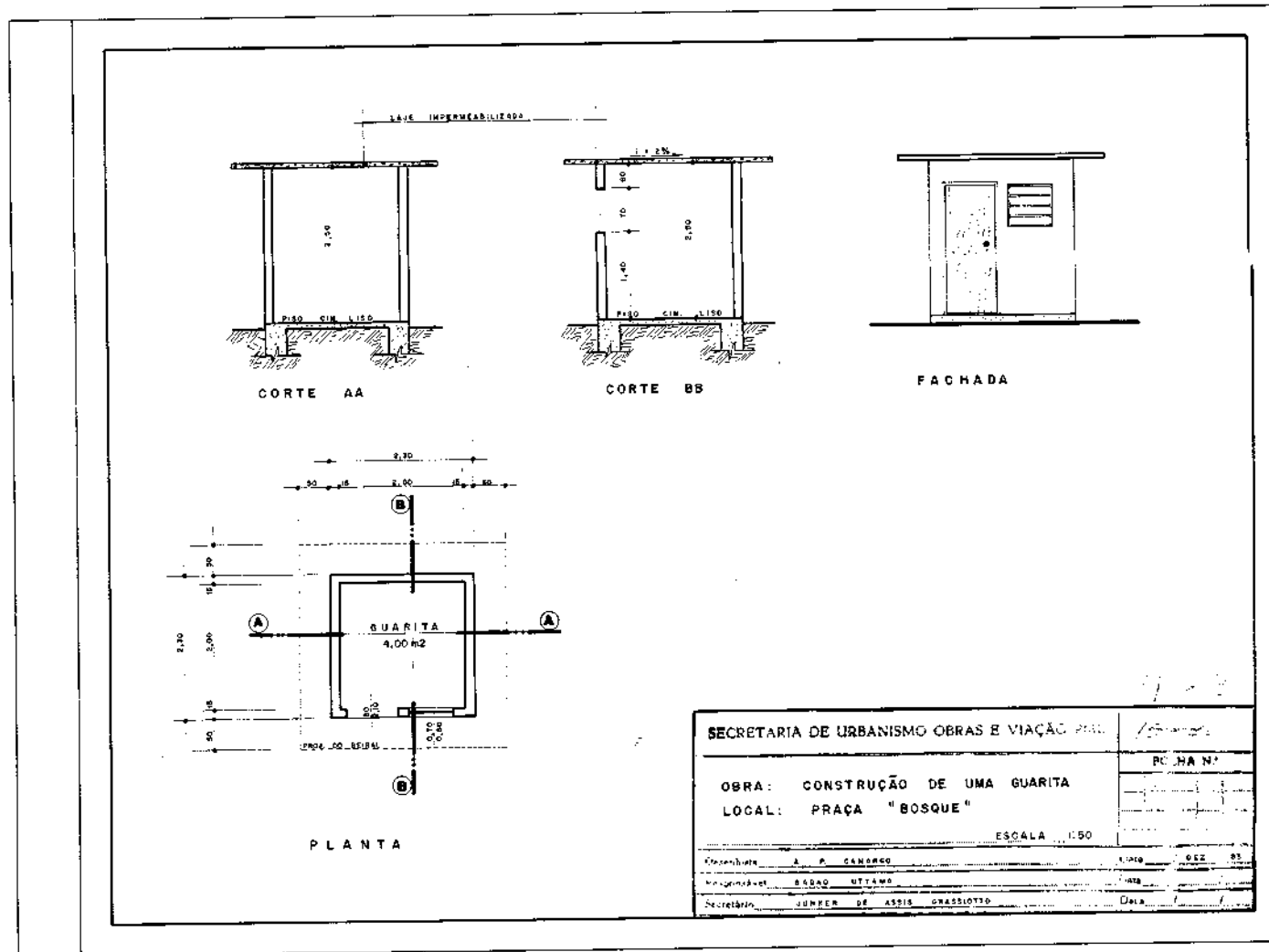
Em 7 de novembro de 1987, a imprensa veiculou uma situação contrária. Segundo a reportagem, o prefeito Wilson Moreira disse que transformar a Concha Acústica em um estacionamento foi uma decisão da câmara, e que ele apenas a acataria, citando também uma pesquisa em que o resultado foi de 58% da população votando a favor da remoção da Concha e da construção de um estacionamento no local (Moreira [...], 1987).

Dessa forma, mesmo que houvesse a ideia de derrubar a Concha Acústica e construir outra no espaço conhecido como “Zerão”, localizado próximo ao Lago Igapó 1 e ao Ginásio de Esporte “Moringão”, quando a população londrinense soube da notícia, arquitetos, políticos, intelectuais, artistas e usuários da Praça, de modo geral, uniram-se contra essa proposta, exigindo a manutenção do bem. Com isso, houve desistência do plano de mudança proposto pelo então prefeito, permanecendo a Concha com todos os seus equipamentos (Oliveira, 2016, p. 65).

4.2.1.4 Proposta de alteração do Bosque (1988) – não executada

Em dezembro de 1983, foi feito um projeto de uma guarita no Bosque. O projeto não mostra a implantação da guarita nas quadras, limitando-se a uma planta reduzida em formato quadrado de um pavimento [Fig. 132].

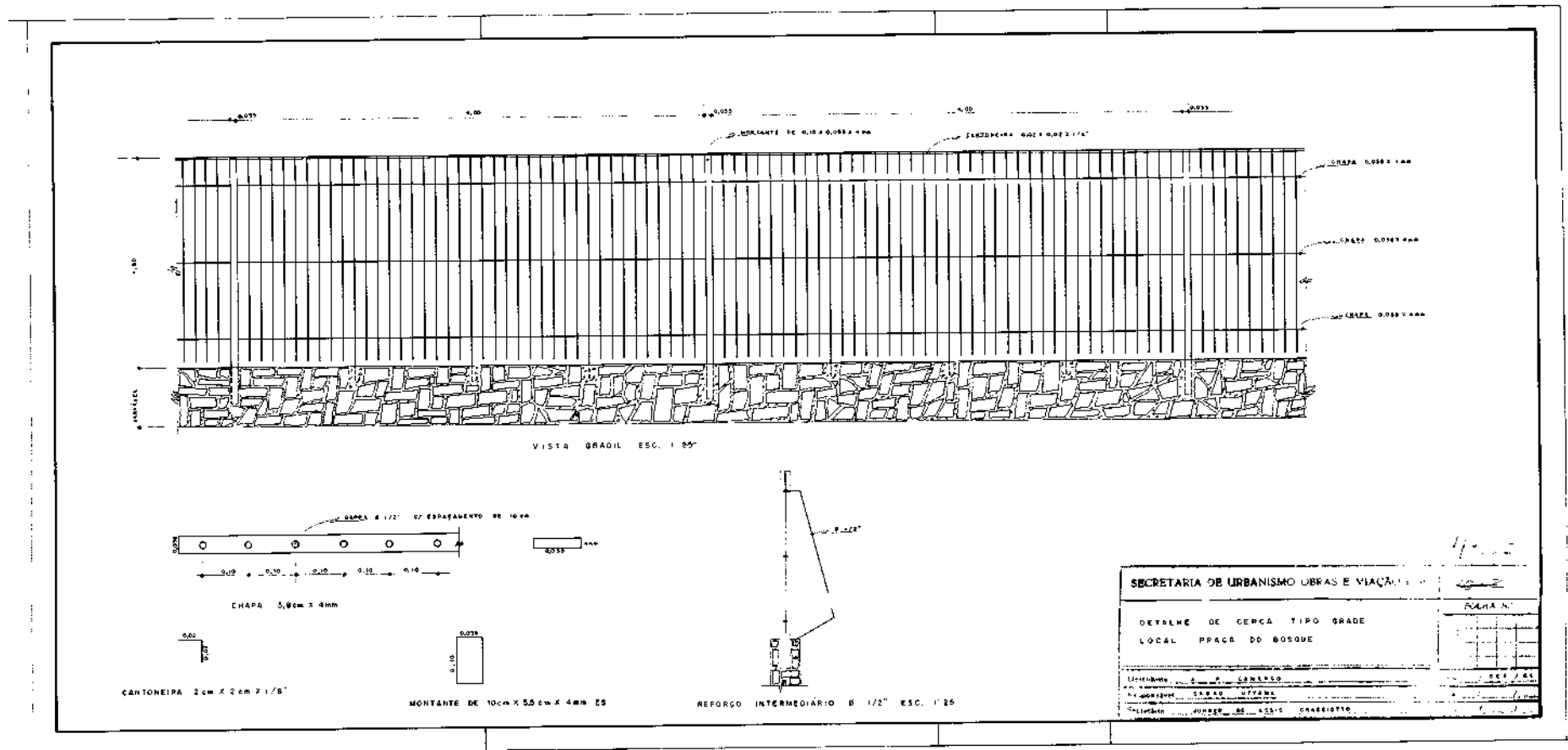
Figura 132 – Guarita no Bosque, 1983



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em setembro de 1984, foi realizado um detalhamento de seu cercamento. O projeto mostra materiais, dimensões e espaçamentos, mas sem a localização em que a cerca seria inserida [Fig. 133].

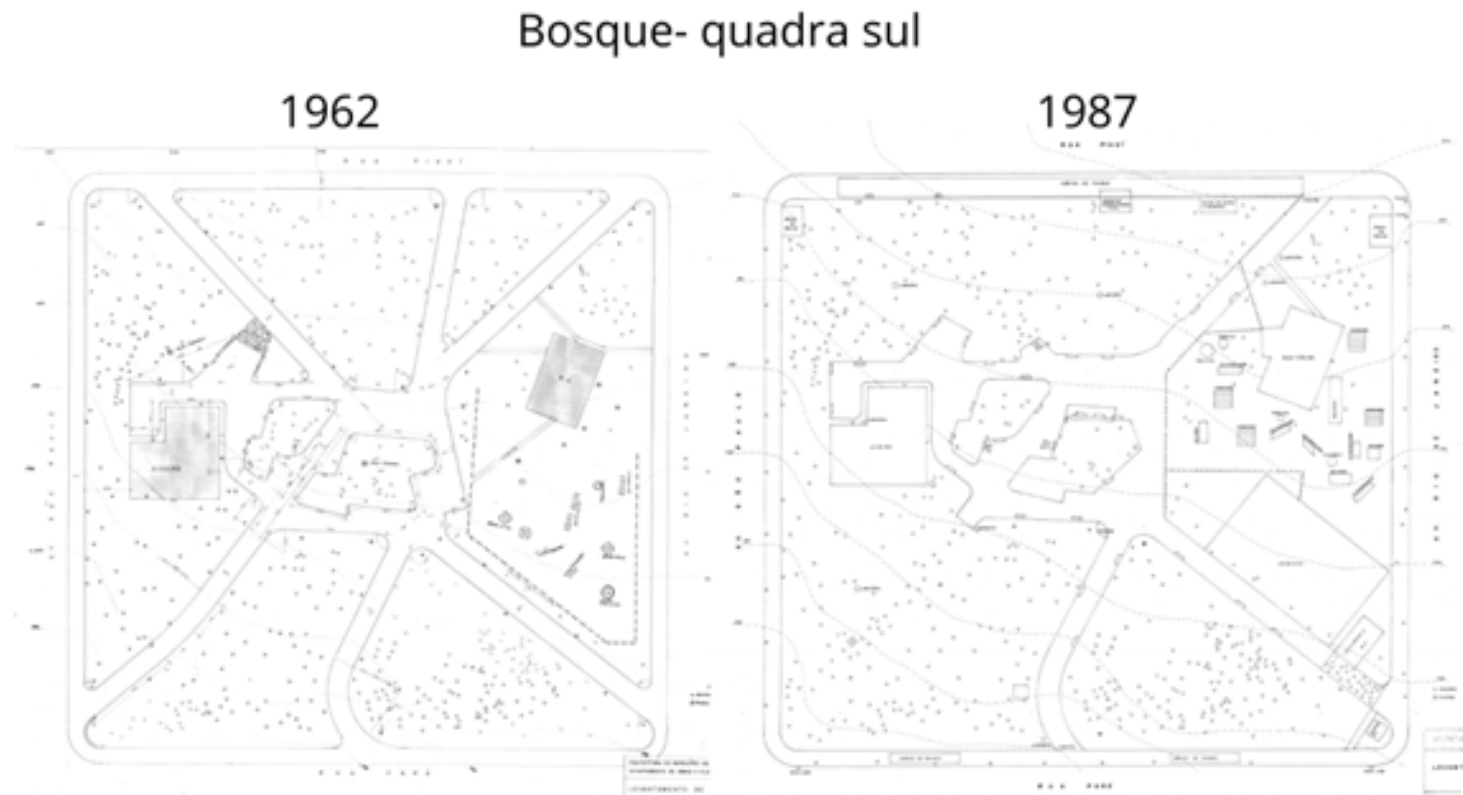
Figura 133 – Cerca no Bosque, 1984



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em 10 de novembro de 1987, foi realizado um novo levantamento sobre a situação do Bosque. A planta mostra a implantação das instalações na quadra ao sul da rua Piauí. Comparando com a implantação de 1962 [Fig. 134], percebe-se que os caminhos que davam para a rua Piauí foram fechados, restando apenas o que fica próximo à esquina com a avenida Rio de Janeiro.

Figura 134 – Comparação de levantamentos, 1962 e 1987

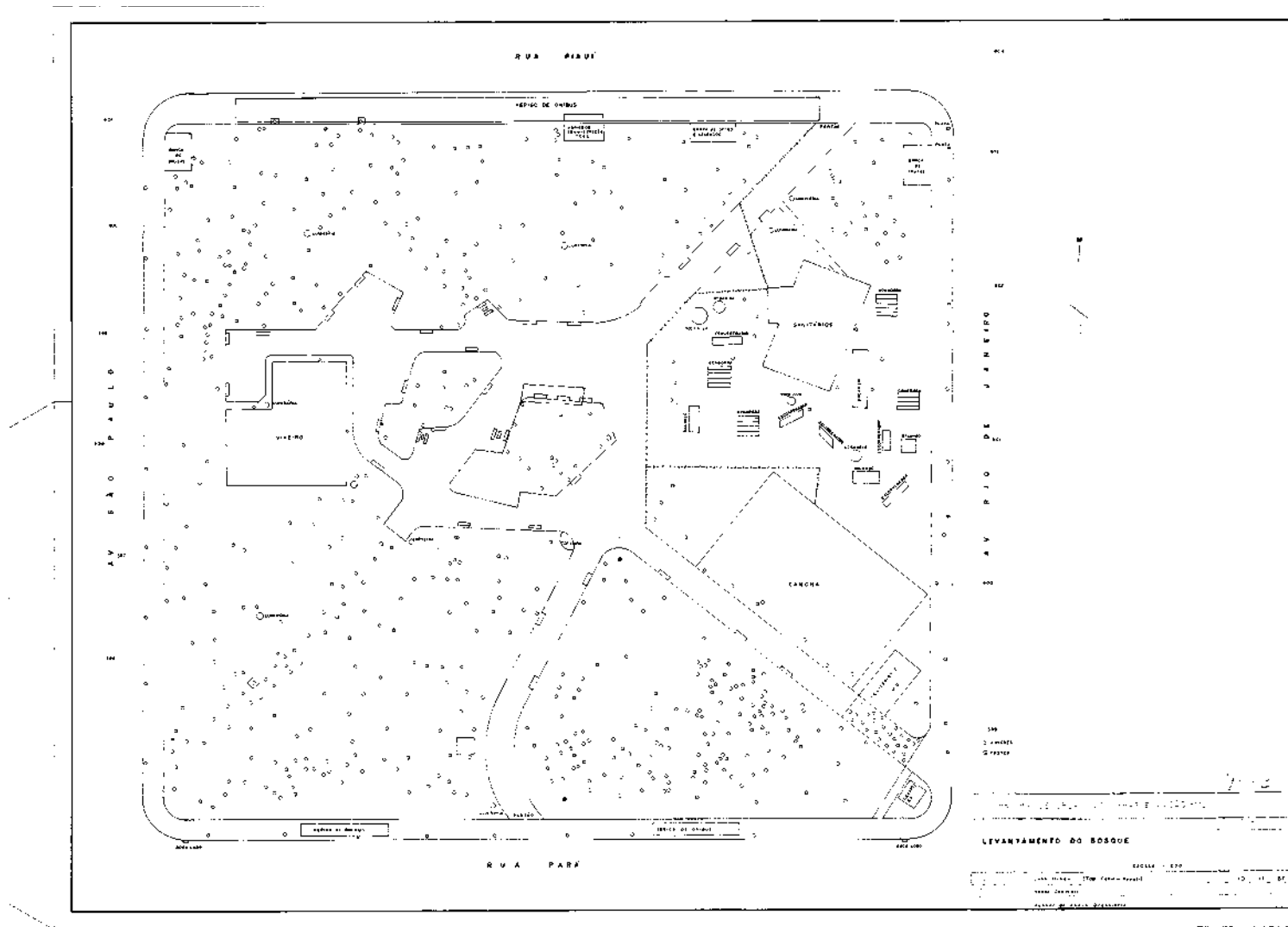


Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Ademais, diferente da planta de 1962, próximo às quatro vias, uma série de bancas marcam o entorno do Bosque, criando conexões com a área urbana: na esquina da rua Piauí com avenida São Paulo, “banca de frutas”; na rua Piauí próximo ao “abrigo de ônibus”, o “abrigo de administração da TCGL”; e mais próximo à esquina da avenida Rio de Janeiro, “banca de doces e salgados”. Na avenida Rio de Janeiro, na extremidade norte, há a “banca de frutas”; na extremidade sul, “garapeiro”; e, por fim, dois abrigos de ônibus menores da rua Pará.

No levantamento de 1987 [Fig. 135], em toda a extensão da rua Piauí, aparece uma grande cobertura com uso de “abrigo de ônibus”, evidenciando o uso como Terminal Urbano que ocorreu durante vários anos nesse local, conforme analisado anteriormente. O outro caminho que levava à rua São Paulo, próxima à esquina com a rua Pará, também foi eliminado, mostrando uma predominância de caminhos e instalações na parte leste.

Figura 135 – Levantamento do Bosque (quadra próxima à rua Pará), 1987

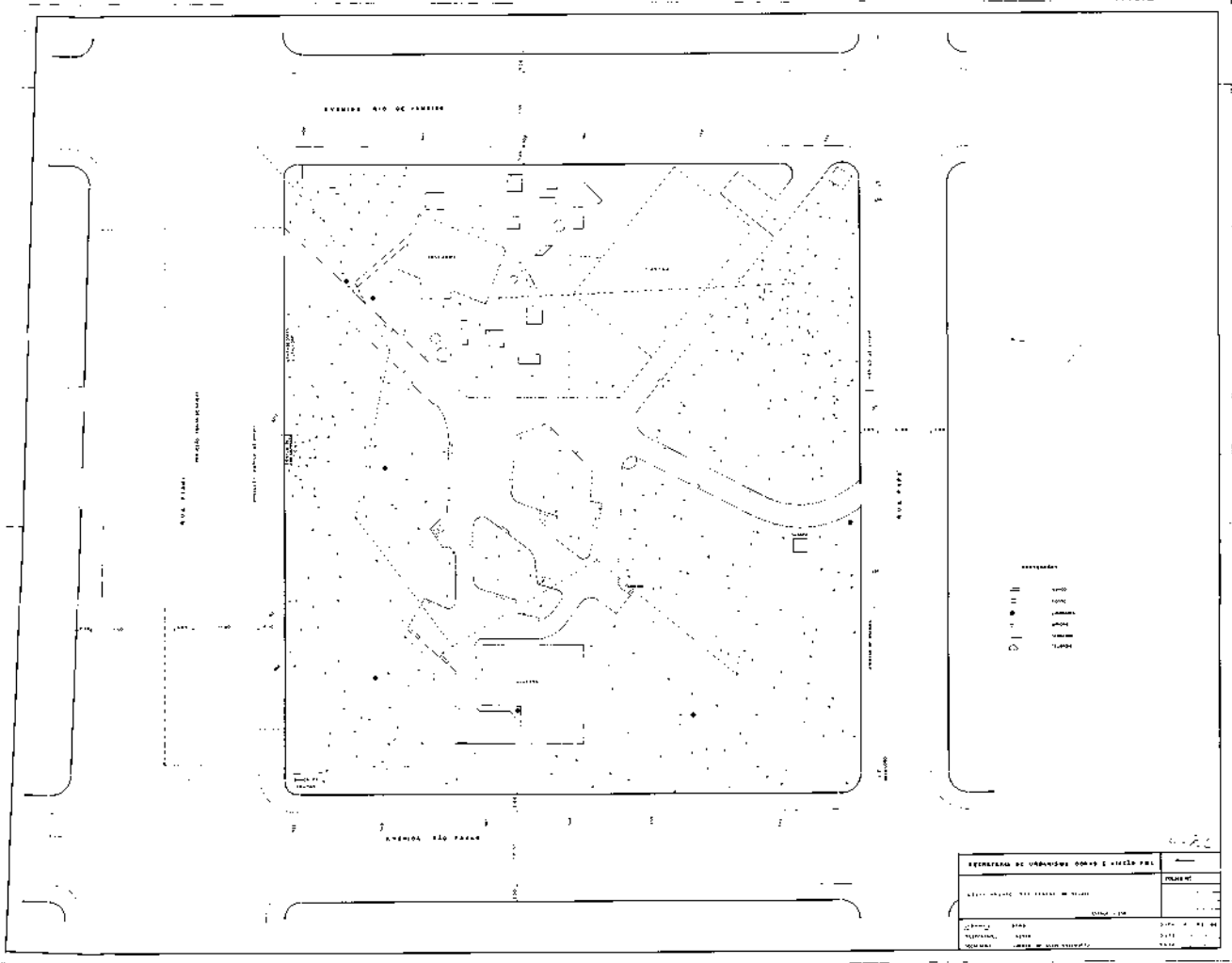


Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Das instalações iniciais, o sanitário foi ampliado, o parquinho foi levemente deslocado para a área ao redor dos sanitários, enquanto uma “cancha” foi instalada na área sul do antigo parquinho, com um sanitário menor, mas de formato retangular. O cercamento foi ampliado ao redor dos sanitários e parquinho. Os canteiros e caminhos da área central, juntamente com o viveiro, permanecem com dimensões e localizações similares às iniciais.

Em 18 de fevereiro de 1988, foi realizado um novo levantamento, próximo à rua Pará [Fig. 136]. O levantamento mantém as características apresentadas em 1987, com a manutenção dos caminhos e equipamentos, mas apresentou o norte rotacionado para a esquerda. Além dos mobiliários dos bancos e vegetação preexistente, o levantamento mostra as luminárias (bolas pretas hachuradas em preto) e telefone (meia-lua). Também é possível ver um canteiro no centro da rua Piauí com a localização de mais um “abrigo de ônibus” que fazia parte do Terminal Urbano.

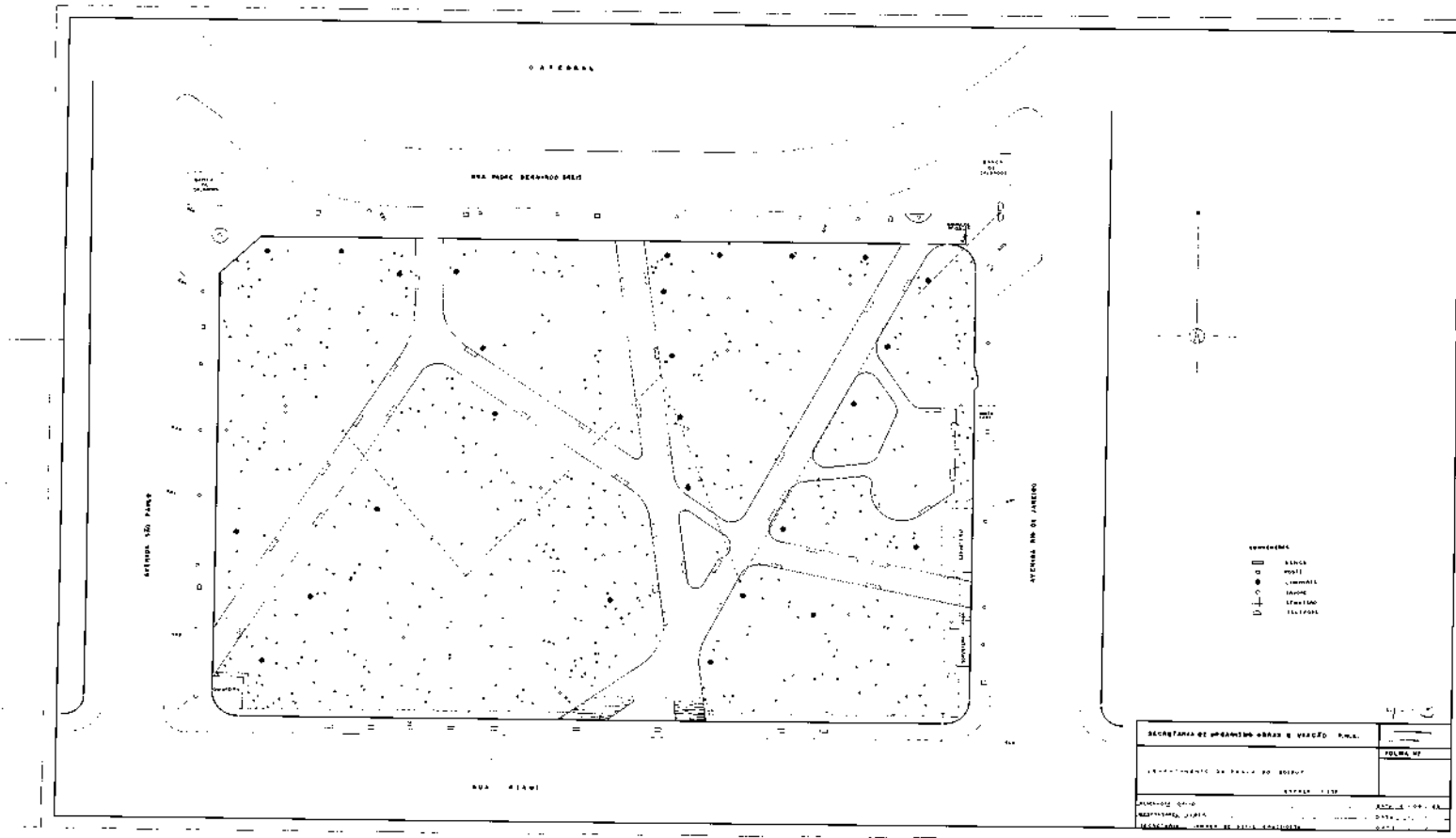
Figura 136- Levantamento do Bosque (quadra sul), 1988



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

No mesmo ano, em 18 de agosto de 1988, foi realizado o levantamento da quadra do Bosque ao lado da Catedral [Fig. 137]. Em 3 de novembro de 1988, fez-se um levantamento similar, da mesma quadra, identificado como: “Bosque da Praça Marechal Rondon” [Fig. 140].

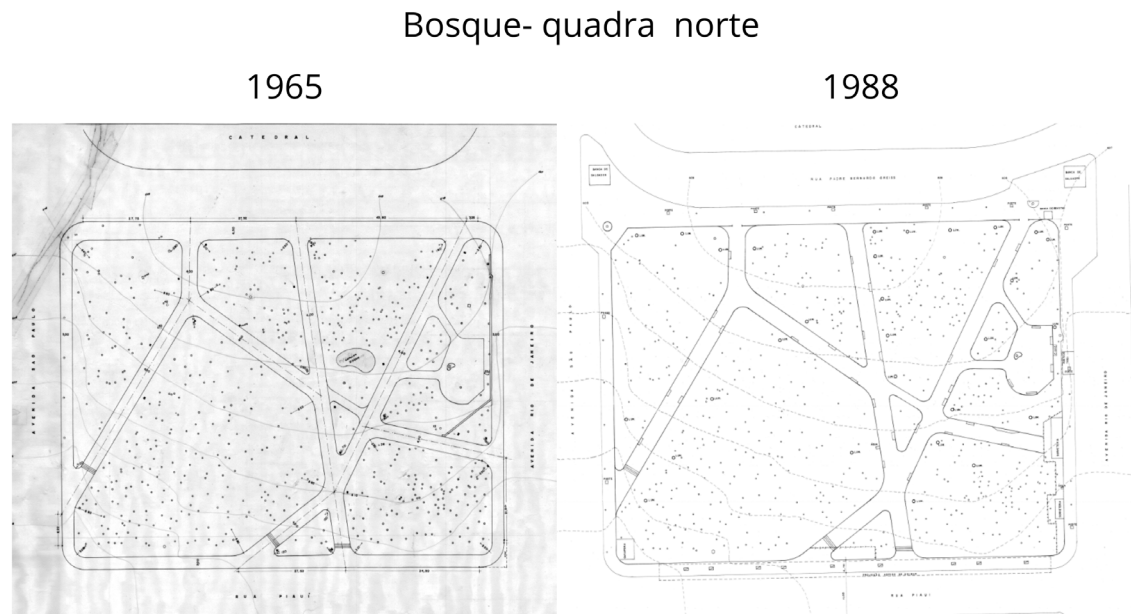
Figura 137 – Levantamento do Bosque (quadra norte), agosto de 1988



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Os dois projetos mostram a permanência dos caminhos e canteiros iniciais, com a supressão do espelho d'água [Fig. 138]. A área do Bosque parece estar completamente cercada, com portões nos antigos acessos próximos à Catedral. A face voltada para a rua Piauí apresenta um grande abrigo de ônibus, que compôs durante um período o terminal urbano da cidade. Por fim, na face do Bosque voltada para a avenida Rio de Janeiro, aparecem duas bancas de “sorveteria”, um “ponto de táxi” e na esquina ao norte uma “banca de salgados”. Na avenida São Paulo, na esquina ao norte, há uma segunda “banca de salgados”, e na esquina ao sul, uma “garapeira”. O levantamento realizado no mês de agosto também apresenta as árvores e a localização de outros equipamentos, como os bancos espalhados pelos caminhos e um orelhão próximo à catedral e à avenida Rio de Janeiro.

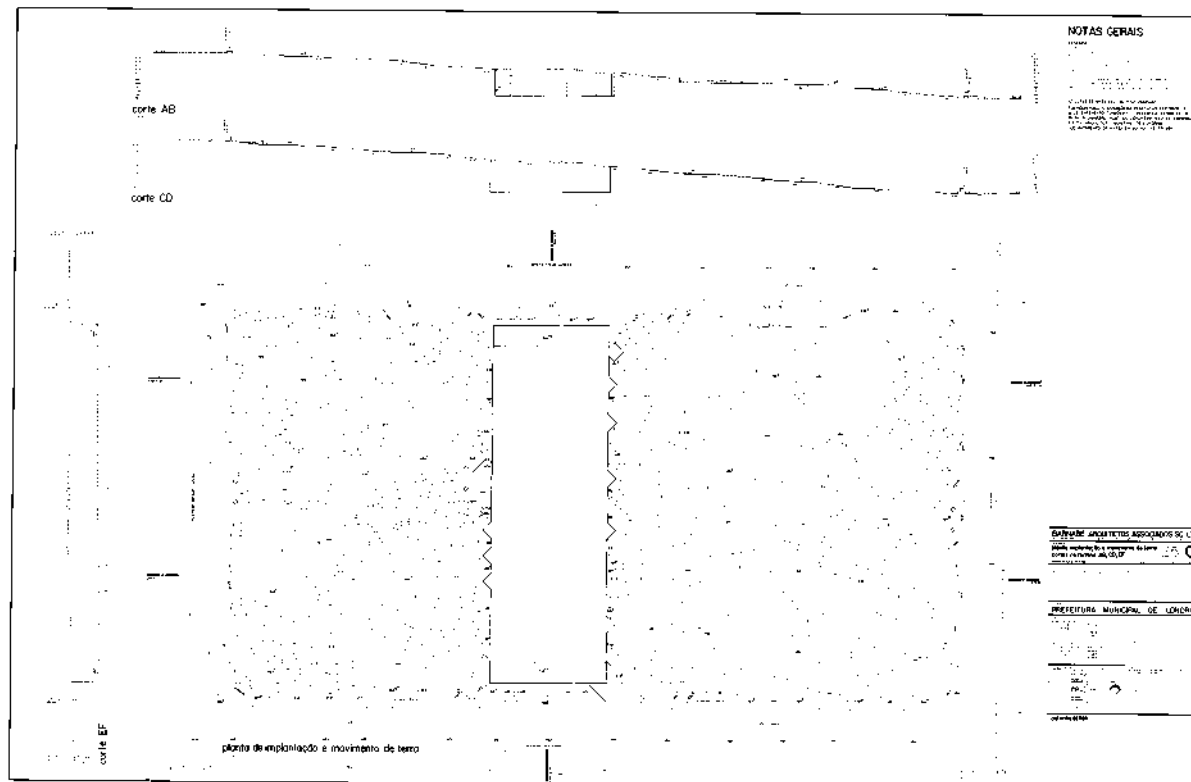
Figura 138 – Comparação de levantamentos (quadra norte), 1965 e 1988



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em outubro de 1988, foi realizado um grande projeto de revitalização para o Bosque [Fig. 139], que uniria a quadra próxima à Catedral (denominada “Quadra Superior”), com a quadra próxima à rua Pará (denominada “Quadra Inferior”) e criaria uma grande praça central na antiga rua Piauí, que ficava entre as duas quadras. O projeto incluía a criação de um edifício na parte central com dois subsolos para estacionamento de veículos, uma série de quiosques e lojas, novos caminhos orgânicos e edifícios com formatos variados, além de um *playground* com um grande mobiliário unificado.

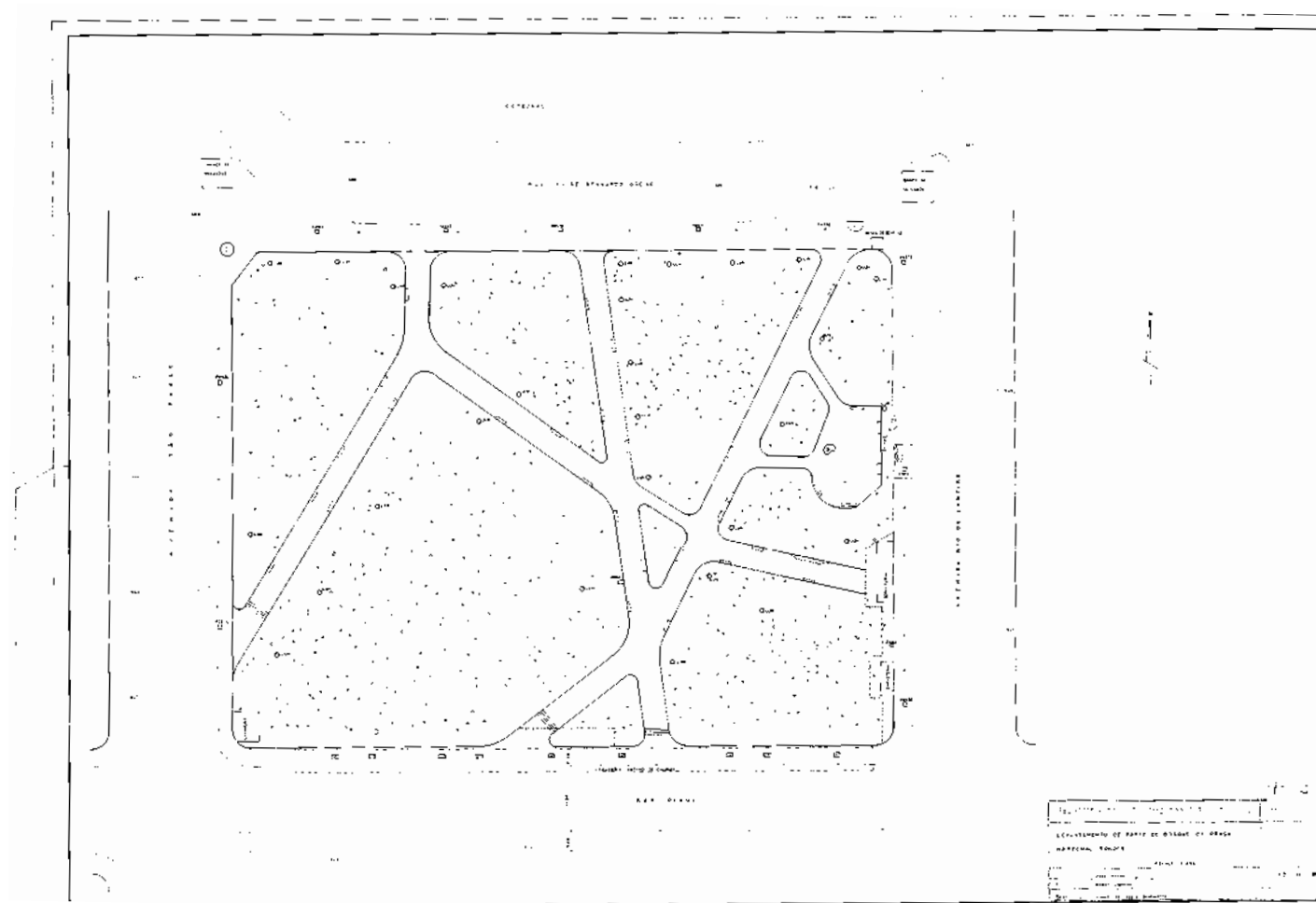
Figura 139 – Proposta de intervenção no Bosque, outubro de 1988



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Como é possível ver no levantamento de novembro de 1988 e nos anos subsequentes, o projeto não foi executado [Fig. 140].

Figura 140 – Levantamento do Bosque (quadra norte), novembro de 1988



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Além disso, segundo a Ficha de Inventário, em 1988 foi inserida uma placa no Bosque em homenagem a Chico Mendes, com inscrição “Homenagem a Chico Mendes, assassinado em 22/12/88 por defender a justiça, reforma agrária e meio ambiente. Comitê Chico Mendes. 25/02/89” (Siglon, M19, 2019) [Fig. 141].

Figura 141 – Placa a Chico Mendes (Bosque), 2004



Fonte: Siglon, M19 (2019).

4.2.2 Prefeito Luiz Eduardo Cheida (1993–1996)

As intervenções realizadas durante o mandato do prefeito Luiz Eduardo Cheida se configuram principalmente no trecho do Calçadão da avenida Paraná, renovando os mobiliários urbanos (bancos, floreiras e lixeiras). As luminárias e piso foram mantidos, assim como quiosques remanescentes. Também aconteceu a modificação da escadaria da Praça Marechal Floriano Peixoto, com a inserção de floreiras.

Também foi feito um levantamento do Bosque com o “zerinho” na parte central (embora o levantamento seja de 1996, isto é, durante o mandato de Cheida, a estrutura teria sido inserida anteriormente, no mandato de Belinati). Ainda em 1996 aconteceu uma intervenção temporária na Concha Acústica, e uma proposta, não executada, para a Praça Sete de Setembro.

4.2.2.1 Calçadão da avenida Paraná (1993) – executado

Uma reportagem de 17 de agosto de 1993 relatou a inserção de um “projeto de Revitalização do centro de Londrina elaborado pela Associação Comercial e Industrial de Londrina em parceria com a prefeitura”, com autoria do arquiteto Julio Ribeiro (Calçadão [...], 1993). A primeira fase envolveria ações no Calçadão entre as ruas Pernambuco e avenida São Paulo, envolvendo um dos trechos novos

ampliados e a parte da Praça Gabriel Martins. A ação “quer dar um ar moderno, eliminando o excesso de placas, letreiros em postes, paredes” e posteriormente ampliaria a ação para todo o anel central (Calçadão [...], 1993) [Fig. 142].

Figura 142 – Revitalização do Calçadão, 1993



Fonte: Calçadão [...] (1993).

A reforma iniciou no dia 18 de agosto de 1993, e além da elaboração de uma padronização visual externa das lojas e do Calçadão, a obra envolveria uma série de ações na área preexistente,

com “alteração no projeto de composição do equipamento urbano e paisagismo com estudo de uma área coberta: substituição dos equipamentos como bancos, floreiras, lixeiras, e quiosques; restauração do piso; contenções, grelhas, de todo o calçadão” (Reforma [...], 1993).

Após três semanas, uma reportagem de 7 de setembro de 1993 mostrou as críticas das obras, feitas pelos comerciantes que não foram avisados antes. Eles afirmam que a necessidade maior do Calçadão é “limpeza periódica e manutenção do que já existe”. Segundo o diretor da Acil, Clovis Souza Coelho, “o projeto prevê a colocação de floreiras e bancos de concreto, lixeiras metálicas, painéis informativos, redimensionamento das luminárias, substituições de algumas árvores: “Queremos transformar o Calçadão num shopping natural” (Empresários [...], 1993).

Já uma reportagem de dezembro de 1993 mostra que a reforma foi finalizada e o restante dos outros três quarteirões (entre as ruas João Cândido e Minas Gerais) seria finalizado até o final do ano. Entre as principais mudanças, estava a restauração do piso e a ampliação dos canteiros das árvores com novas grelhas de ferro “que vão proteger as raízes e servir como item de decoração”. Além disso, o novo conjunto de bancos e floreiras estariam sendo feitos em São Paulo e logo receberiam flores. Embora a administração municipal

não entrou com recursos, estaria acontecendo o Projeto Parceria, que uniu prefeitura e Acil, com apoio e o acompanhamento do então prefeito Luiz Eduardo Cheida (Sehn, 1993, p. 4).

O custo total da obra de revitalização ficaria em torno de 700 mil reais, sendo que os primeiros 100 mil foram financiados pelo governo do estado, administrado pelo então governador Roberto Requião, e o restante seria financiado pelos empresários, conforme relatou reportagem do dia 18 de dezembro (Okamura, 1993). Outra reportagem de dezembro reforça que os novos bancos de concreto foram colocados perto de árvores recém-plantadas, para ficarem sombreados e que as quadras terão modelos de bancos com e sem encostos: “Para harmonizar o visual do Calçadão, a ACIL retirou parte das luminárias, que haviam sido colocadas em excesso. As árvores plantadas são ipês roxos e amarelos e acácia imperiais”; por fim, os quiosques da Praça Gabriel Martins, que serão reformados, “vão ser construídos basicamente com material transparente e ganharão novas coberturas em tom cobre” (Sehn, 1993, p. 4) [Fig. 143 e 144].

Figura 143 – Revitalização da Praça Gabriel Martins, 1993



Fonte: Sehn (1993, p. 4).

Figura 144 – Bancos e floreiras novas, 1993



Fonte: Sehn, (1993, p. 4).

Menos de dois anos depois, apareceram críticas ao projeto de revitalização, argumentando sobre problemas de iluminação e os mobiliários novos, incômodos e falta de encostos de doze dos 25 bancos novos. Além disso, falou-se do aumento de ambulantes e o uso de estacionamento no período noturno e finais de semana, no trecho entre as ruas João Cândido e Pernambuco (Ferreira, 1995, p. 2).

Em 30 de janeiro de 1996, uma nova série de alterações pontuais foram feitas no Calçadão para adaptar o espaço para o acesso de caminhões dos bombeiros [Fig. 145]. As alterações envolveriam a retirada “de dois toldos de dois quiosques, algumas luminárias e quatro pequenas árvores” na frente do Ouro Verde; o deslocamento de um banco com cobertura na frente do Banco do Brasil e “Na quadra seguinte, do Edifício Sul Brasileiro, o quiosque de sorvete será removido para mais perto da Av. Rio de Janeiro” (Calçadão [...], 1996). Sobre o fluxo no Calçadão também foram realizadas críticas: sobre os ciclistas que atropelaram as pessoas, aumentando a fiscalização pela Comurb (Lachner, 1996, p. 3). Essas críticas já tinham se iniciado anteriormente, como é possível perceber em reportagem de 26 de outubro (Blitz [...], 1991).

Figura 145 – Alterações pontuais para uso dos bombeiros, 1996



Fonte: Calçadão [...] (1996).

Outra reportagem, de 16 de julho de 1996, relatou sobre a primeira limpeza do Calçadão naquele ano, na qual utilizaria cerca de 150 mil litros de água e 900 litros de um sabão concentrado e tóxico. A reportagem também permite ver o estado do Calçadão com a manutenção das

luminárias em araucária e as floreiras e bancos de concreto inseridas em 1993. Como não foi apontado de que parte do Calçadão se trata, não há como afirmar se o piso e as luminárias são de 1977 ou 1991 [Fig. 146].

Figura 146 – Calçadão, 1996



Fonte: Costa (1996, p. 5).

É possível que o piso da Praça Willie Davids tenha sido refeito em 1994, segundo relato de Parisotto (2025). Essa ação pode ter sido realizada junto com as intervenções feitas no local nos anos iniciais de 1990, para manutenção do piso local e reforço para passagem do caminhão de bombeiro. No entanto, faltam documentos que comprovem em quais locais foi refeito o piso de *petit pavé*.

Em 12 de dezembro de 1995, foi inserida uma placa com a inscrição “Aqui Tem História” [Fig. 147] na Praça Willie Davids. Segundo a Ficha de Inventário (Siglon, M07, 2020), a placa foi inserida em catorze lugares em Londrina como forma de comemoração dos 61 anos da cidade. O monumento trata de “[...] um monólito prismático revestido em mármore polido e possui uma placa fixada na face superior em bronze com desenho em alto relevo da antiga estação rodoviária, juntamente com o texto descritivo”. Na placa lê-se: “Aqui tem história. Rodoviária de Londrina – Praça Willie Davids. Aqui funcionou a Segunda rodoviária de Londrina com início em 1937. Ponto de chegada e de partida dos pioneiros, as rodoviárias desempenharam um papel importante na história do município” (Siglon, M07, 2020).

Figura 147 – Placa “Aqui Tem História”, inserida em 1995



Fonte: Siglon, M07 (2020).

4.2.2.2 Praça Marechal Floriano Peixoto (1996) – executada

No dia 16 de outubro de 1996, algumas alterações na Praça Marechal Floriano Peixoto foram iniciadas, com a alteração de parte das escadarias por floreiras e o deslocamento dos ambulantes que ficavam na frente da praça na avenida Paraná, para barracas instaladas dentro da Praça. Dois dias depois, o número de ambulantes aumentaram nos caminhos internos da Praça, juntamente com as barracas inicialmente planejadas, gerando críticas. Por fim, as floreiras que ficaram no local da escada da Praça foram finalizadas em novembro de 1996 (Feldman, 1996) [Fig. 148].

Figura 148 – Alteração da escada na Praça Marechal Floriano Peixoto, 1996



Fonte: Paulo [...] (1996).

Imagens do final da década de 1990 do IPPUL mostram as floreiras executadas e os mobiliários da Praça Marechal Floriano Peixoto, com a luminária padrão araucária com cinco globos e bancos em madeira com uma tipologia diferente da inserida em 1993 e 1977 [Fig. 149 a 151]. Além disso, é possível observar a grande quantidade de barracas dentro da Praça. O piso em *petit pavé* com o mesmo desenho do Calçadão se estende na Praça.

Figura 149 – Praça Marechal Floriano Peixoto, [199-]



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Figura 150 – Barracas na Praça Marechal Floriano Peixoto, 1996



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Figura 151 – Barracas na Praça Marechal Floriano Peixoto, 1996

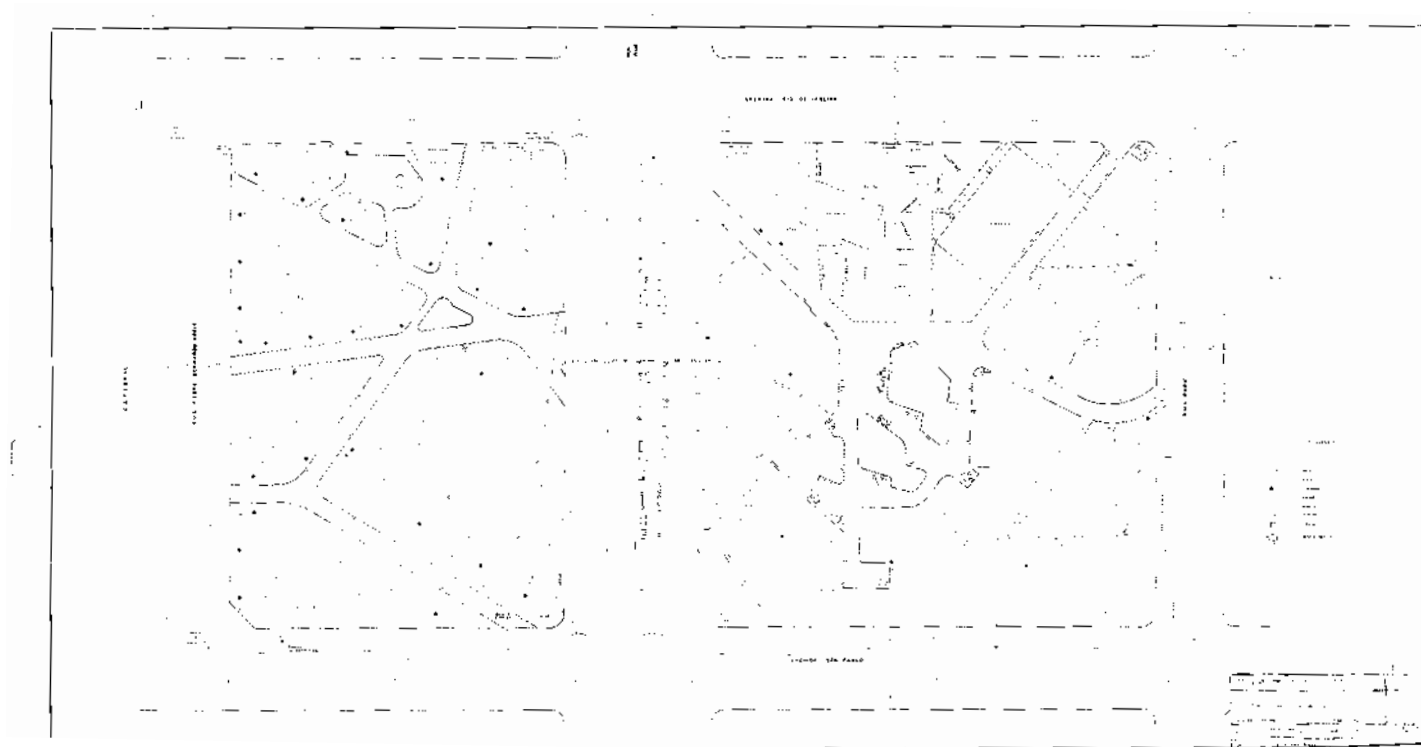


Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

4.2.2.3 Bosque – levantamento (1996) – executado

Os levantamentos realizados em 18 de fevereiro de 1988, no Bosque, foram atualizados em 24 de janeiro de 1996 [Fig. 152]. Embora não apareça o projeto de 1988 executado, agora pela primeira vez o levantamento apresenta toda a área do Bosque, mostrando que a unificação das quadras (norte e sul) realmente aconteceu. No entanto, diferente do edifício com subsolos proposto para a área central, na área da antiga rua Piauí, aparece uma área esportiva com formato de “zero” substituindo os abrigos de ônibus do antigo Terminal Urbano.

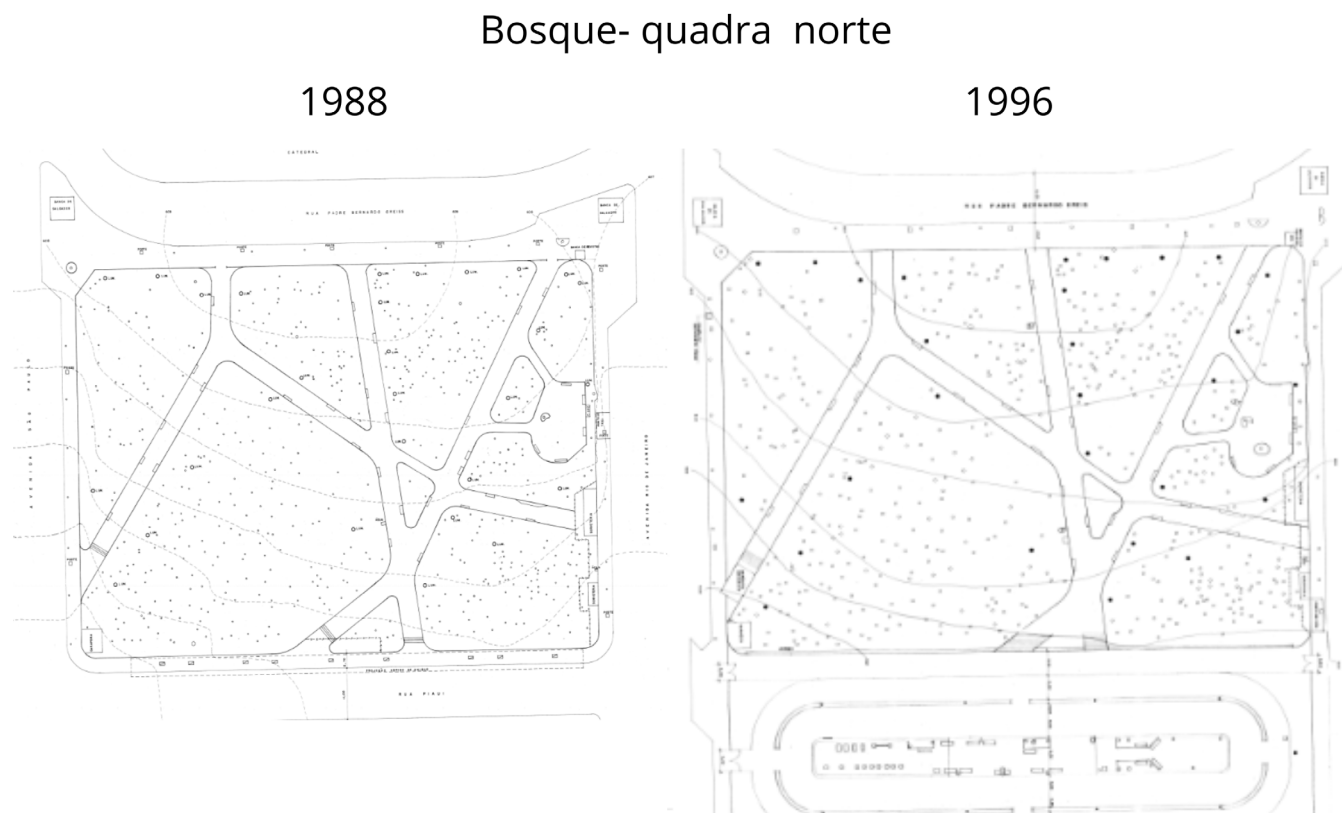
Figura 152 – Levantamento do Bosque, atualizado em janeiro de 1996



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

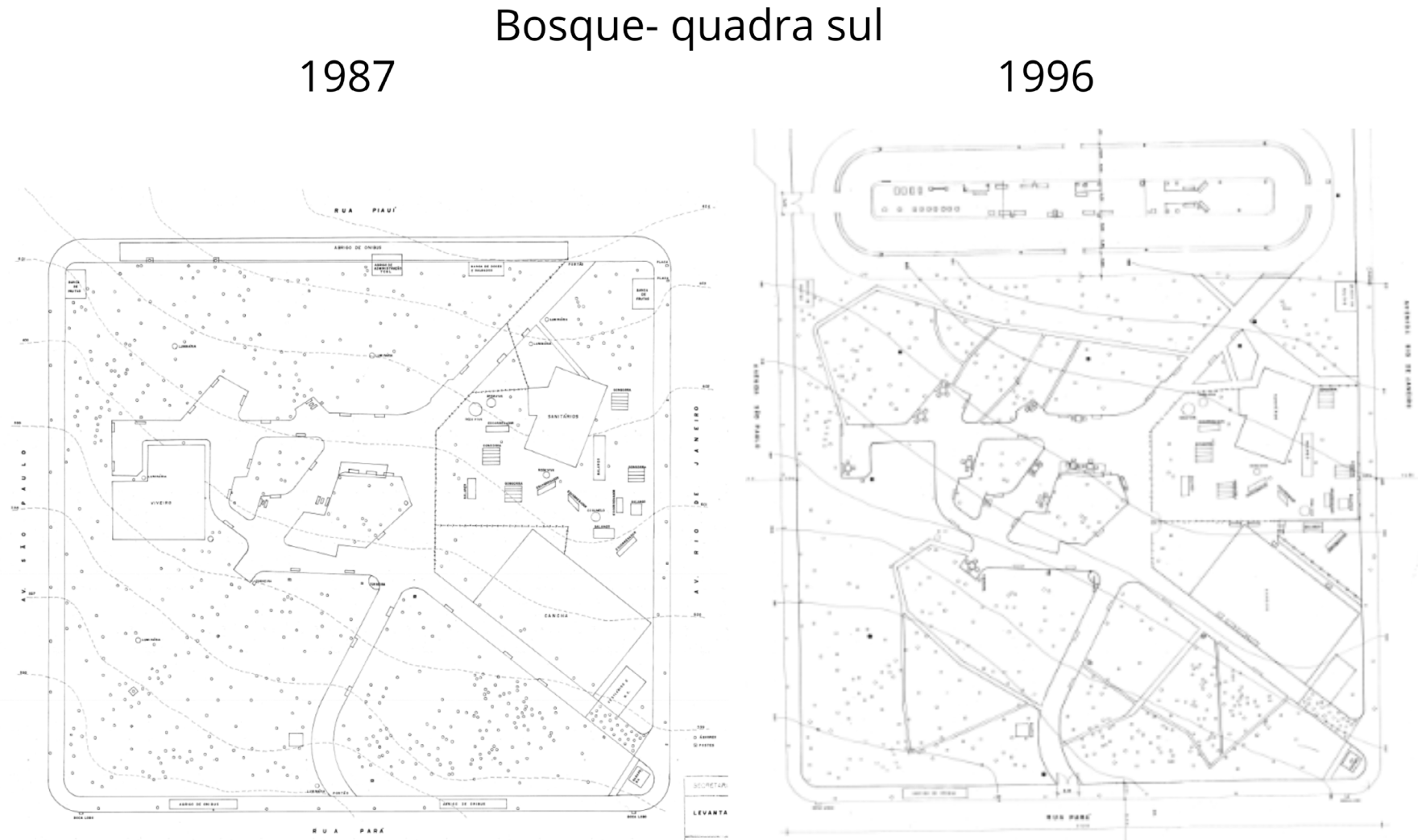
Conforme relatado anteriormente, a estrutura do “zerinho” foi construída provavelmente durante o final do segundo mandato de Belinati (1991), mas esse é o primeiro desenho oficial em que aparecem localização e formato do local de lazer e a unificação das duas quadras. O restante dos caminhos apresenta algumas alterações em relação aos desenhos levantados de 1988, principalmente na quadra sul, enquanto a quadra norte se mantém com a mesma configuração. Na quadra sul, foi retirado também o viveiro [Fig. 153 e 154].

Figura 153 – Comparação do levantamento do Bosque (quadra norte), 1988 e 1996



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Figura 154 – Comparação do levantamento do Bosque (quadra sul), 1987 e 1996



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em 26 de novembro de 1994, foi implantado o monumento Pau-Brasil [Fig. 155], um totem em concreto aparente com a bandeira de Londrina pintada e a placa em alumínio com inscrição “Pau-Brasil, A nossa 1ª identidade. 1.300 mudas plantadas em Londrina resgatando as origens do nosso país. Amway do Brasil Ltda. FUNBRASIL – Fundação Nacional do Pau-Brasil. Prefeitura Municipal de Londrina. 26 de novembro de 1994” (Siglon, M18, 2019).

Figura 155 – Monumento Pau-Brasil, 2017



Fonte: Siglon, M18 (2019).

Em 16 de dezembro de 1995, foi inserido no Bosque um monumento com um disco de tronco de peroba rosa e uma placa “Aqui Tem História” [Fig. 156], demarcando a importância “[...] do bosque por fazer parte do traçado inicial designado pela Companhia de Terras do Norte do Paraná e por ter abrigado o Terminal Urbano da cidade de 1971 a 1988” (Siglon, M21, 2023). Na placa, esta era a inscrição:

Bosque Marechal Cândido Rondon. Aqui a Companhia de Terras Norte do Paraná reserva uma área pública que os pioneiros chamaram de “mata”. Bosque Marechal Cândido Rondon, embora não guarde a floresta nativa, mantém, todavia, espécies originais da região. Entre outras, a Figueira Branca, indicadora da fertilidade da terra e a Peroba, a mais alta espécie vegetal da floresta que cobria todo o Norte do Paraná. Domingos Pellegrini (Siglon, M21, 2023).

Figura 156 – Placa “Aqui Tem História”, 2004



Fonte: Siglon, M21 (2023).

Segundo a Ficha de Inventário (Siglon, M21, 2023), a placa de bronze foi retirada do local devido à deterioração do disco de peroba e foi guardada na Diretoria de Patrimônio Histórico de Londrina; o disco em peroba também foi retirado.

4.2.2.4 Praça Primeiro de Maio (1996) – instalação temporária executada

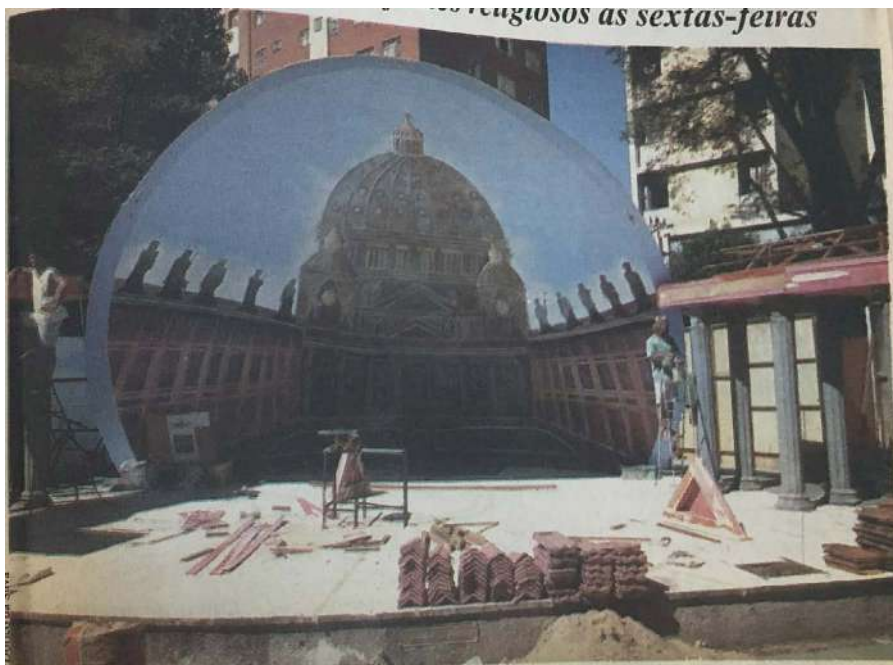
Em março de 1996, a *Folha de Londrina* noticiou a vencedora do projeto que transformou a Concha Acústica em uma réplica da Basílica de São Pedro [Fig. 157]. Por conta da vinda do Papa João Paulo II ao Brasil em 1997, membros de grupos religiosos de Londrina conseguiram autorização para realizar a instalação, com o propósito de chamar a atenção do papa e solicitar a vinda dele a Londrina. As obras começaram logo em seguida, sendo inaugurada, ainda sem ter sido terminada, em 4 de maio de 1996, pois o prazo máximo para entrar na agenda do papa era junho de 1996 [Fig. 158]. A visita do pontífice não se concretizou e a instalação começou a ser retirada em 5 de junho de 1996 [Fig. 159].

Figura 157 – Projeto de instalação na Concha Acústica, 20 de março de 1996



Fonte: Concha [...] (1996, p. 4).

Figura 158 – Inauguração da instalação na Concha Acústica, 4 de maio de 1996



Fonte: Canções [...] (1996).

Figura 159 – Retirada da instalação na Concha Acústica, 5 de junho de 1996

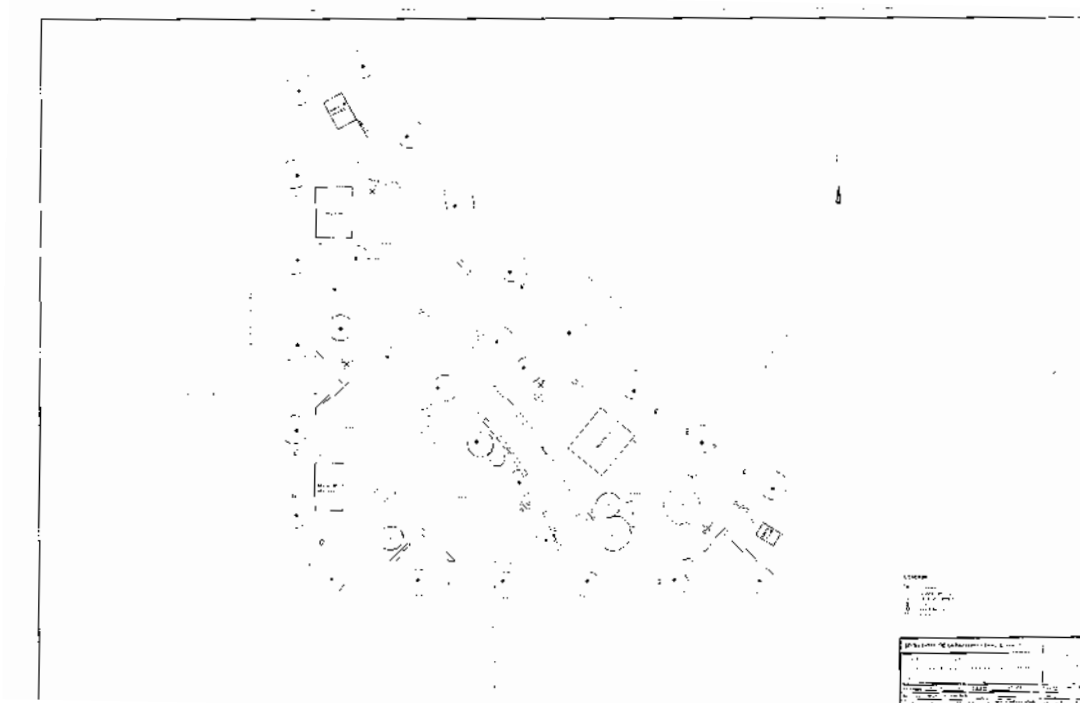


Fonte: Concha [...] (1996, p. 3).

4.2.2.5 Praça Sete de Setembro (1996) – não executada

Ainda em junho de 1996, o Cadastro Imobiliário Municipal registrou um projeto arquitetônico na Praça Sete de Setembro, elaborado pela Secretaria de Urbanismo, Obras e Viação da prefeitura de Londrina [Fig. 160]. Em comparação ao projeto de 1986, as floreiras triangulares mantiveram-se as mesmas, mas a escada foi reduzida em tamanho. Além disso, o caminho que parte da esquina das ruas Piauí e Professor João Cândido foi redesenhado, apresentando-se centralizado em relação ao monumento e com dimensões menores. Essa alteração, no entanto, não corresponde à configuração atual do local, o que sugere que a proposta possivelmente não foi executada.

Figura 160 – Revitalização da Praça Sete de Setembro, junho de 1996



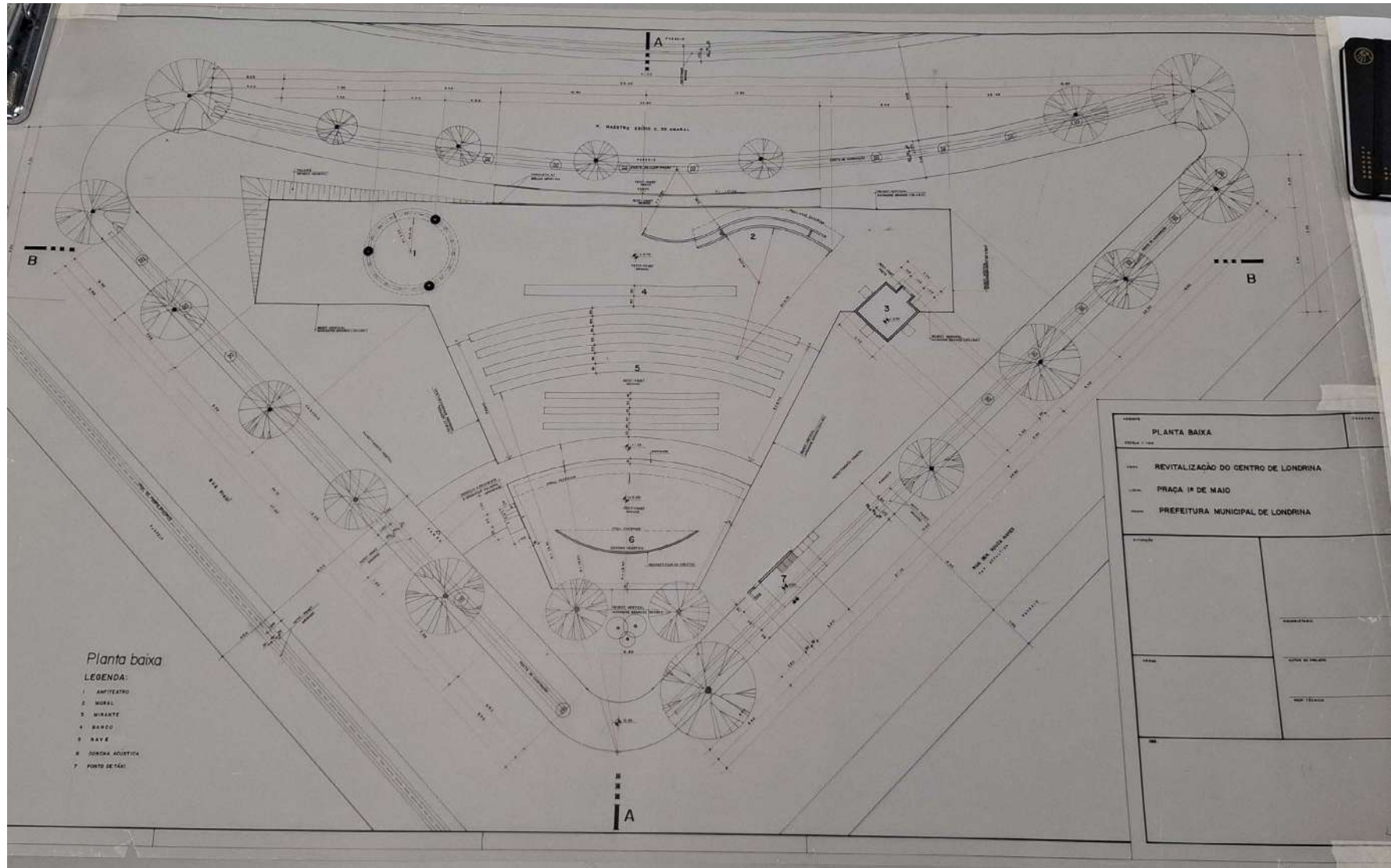
Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

O projeto também indica a presença de uma sorveteria em uma posição aproximada à da construção existente atualmente, porém com formato e proporções distintas. Entre os elementos mantidos, destacam-se algumas luminárias e quiosques do projeto de 1982 (no mandato do prefeito Antonio Belinati), além das árvores. O desenho ainda inclui o caminho curvo no centro da Praça, constante em documentações anteriores e que permanece até os dias atuais.

4.2.2.6 Praça Primeiro de Maio – não executada

Um projeto sem data, cuja proposta não pode ser identificada nem apresenta continuidades no mobiliário urbano em relação ao Projeto Centro, foi intitulado “Revitalização do Centro de Londrina”, descrito como sendo da Praça Primeiro de Maio. O projeto renovaria por completo a Praça, alterando desde implantação dos bancos, desenhos de canteiros, até a criação de uma grande torre que funcionaria como mirante, um mural e um anfiteatro circular. Além disso, a proposta traria o *petit pavé* branco com revestimentos em todo o piso e nos canteiros, bem como instalações em “mármore branco” [Fig. 161].

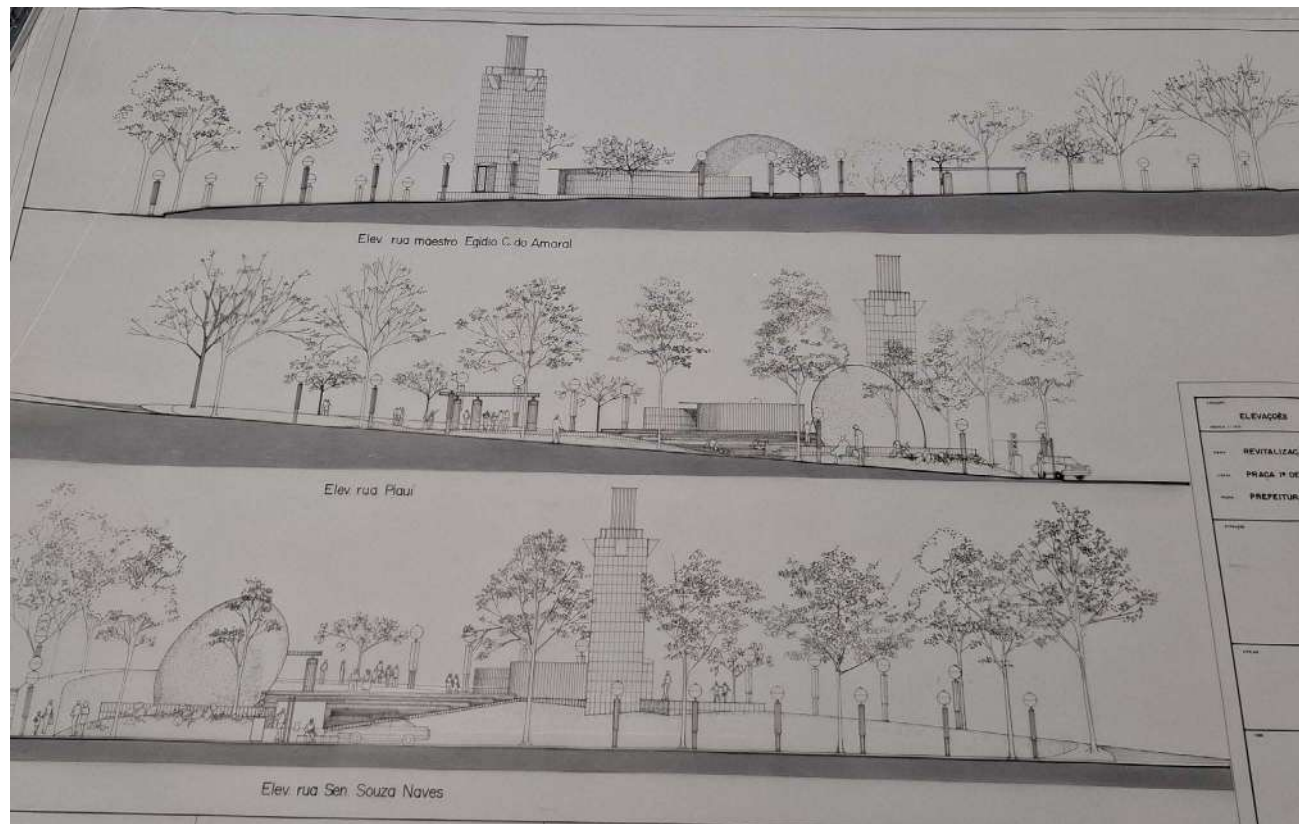
Figura 161 – Projeto de renovação da Praça Primeiro de Maio



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

O projeto, que não apresenta cuidado com a estrutura preexistente, propõe a reconstituição das arestas da Concha Acústica e obstrui parcialmente a visão da Concha com a criação das novas infraestruturas. O projeto mudaria por completo o perfil da Praça, inserindo outras estruturas verticais que concorreriam com a Concha, como a torre-mirante [Fig. 162]. Como é possível constatar nos anos subsequentes, o projeto não foi executado.

Figura 162 – Projeto de renovação da Praça Primeiro de Maio



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

4.3 Considerações finais sobre o Projeto Centro

Nas décadas iniciais de Londrina, até o Projeto Centro, o Conjunto Central foi se formando em suas funções: a Praça Marechal Floriano Peixoto como um local de encontro social e de apoio a atividades políticas; a Praça Willie Davids como um centro comercial e de encontro social; a Praça Gabriel Martins como um local de encontro social; a Praça Primeiro de Maio e o Bosque como locais de lazer; e a Praça Sete de Setembro como espaço de memorial e encontro social.

Na questão formal, existiam tratamentos similares alocados ao norte no Conjunto Central, com a padronização de luminária de um globo e três globos, “bancos bola”, vegetação topiária e traçados internos bem definidos em *petit pavé* de tridente nas Praças triangulares, e de elipse com diagonais na Praça Marechal Floriano Peixoto. Já o Bosque e as Praças alocadas ao sul apresentavam luminárias de um esfera, além de muro de arrimo com pedra aparente no Bosque, similar ao da Praça Marechal Floriano Peixoto. Sendo assim, embora fosse evidente a importância desses espaços públicos para Londrina, ainda havia uma unidade formal parcial, principalmente nas praças alocadas ao sul.

Com o Projeto Centro, pela primeira vez se propõe um mesmo tratamento formal, nos mobiliários urbanos e piso de todo o Conjunto Central, com a expectativa de não apenas dar uso para esses locais, mas trazer uma sensação de unidade visual. No entanto, a implementação dessa intenção inicial conseguiu, em 1977, ser atingida apenas nas três Praças ao sul do Conjunto Central, acrescentando um novo elemento, que foi a transformação da avenida Paraná em Calçadão.

Logo em 1977, das permanências iniciais das três Praças, preservou-se a vegetação alta, e apenas o traçado inicial da Praça Willie Davids e parcialmente o traçado da Praça Marechal Floriano Peixoto; já o traçado da Praça Gabriel Martins, que tinha se perdido em 1976, não foi resgatado. Os “bancos bola” e as luminárias de um e três globos foram substituídos pelo novo padrão do Centro, com bancos retangulares, floreiras quadradas em madeira e luminária de cinco globos (do tipo araucária). Além disso, foram acrescentados quiosques com um desenho próprio e um novo padrão de piso em *petit pavé*.

Em 1982, o novo padrão formal urbano se estendeu para a Praça Sete de Setembro, com a implementação de piso em *petit pavé*, quiosques e luminárias do tipo araucária. No entanto, não foi possível comprovar nos documentos se os bancos e floreiras foram inseridos; as poucas imagens mostram bancos contínuos em concreto em vez de bancos soltos. Em 1991, um novo projeto para a Praça Primeiro de

Maio pretendeu estender o calçamento em *petit pavé* e utilizar o padrão de luminárias, bancos e floreiras também para a rua Maestro Egídio do Camargo. Embora seja um projeto distinto de 1977, percebe-se a intenção, novamente, de continuidade visual no tratamento dos equipamentos urbanos do Centro. Faltam documentos para comprovar se essas alterações foram realizadas, mas, considerando que nenhuma imagem mostra as alterações, é mais provável que não tenham sido executadas.

O Bosque em nenhum momento parece ter um projeto oficial que contemple a retomada de uma unidade formal nos mobiliários urbanos parecidos com o Projeto Centro. Embora as imagens que mostram o Terminal Urbano em funcionamento ainda apresentem ao fundo as luminárias de uma esfera (padrão das praças do lado norte na década de 1950), não é possível afirmar com exatidão se algum momento as luminárias araucária foram para alguma parte do Bosque ou mesmo nas calçadas externas, pois faltam imagens com boa qualidade, documentadas após 1977, a fim de comprovar tais probabilidades. O que se sabe é que, dos elementos alocados na parte sul do Conjunto Central, apenas o Bosque parece não ter sido alvo de políticas públicas que buscassem a continuidade no tratamento visual com o uso do mobiliário urbano padrão do Projeto Centro.

Sendo assim, podemos dizer que o ápice de coesão formal executada no tratamento do Conjunto Central acontece em 1982, com a presença de piso em *petit pavé* com desenhos de correntes, luminária de cinco globos do tipo araucária, quiosques com cobertura com quatro abóbadas e bancos e floreiras de madeira (parcialmente). E poderia ter alcançado mais uma praça ao sul, se o projeto de 1991 da Praça Primeiro de Maio fosse executado.

Contrário a esse movimento de busca de coesão formal, houve um movimento de ruptura, marcado principalmente pela grande renovação de bancos e floreiras na avenida Paraná, realizado em 1993 (no mandato do prefeito Cheida). Além disso, no início da década de 1990 (segundo mandato do prefeito Belinati) foi realizado o projeto do “zerinho” no Bosque, que, na parte executada, não retomou nenhum dos equipamentos urbanos do Projeto Centro.

A partir de 1984, uma série de ações de intervenção no Calçamento foram iniciadas, principalmente relacionada à retirada de quiosques irregulares e a manutenção do piso *petit pavé*. Pode-se afirmar que, mesmo antes dessas intervenções, a unidade formal dos quiosques começou a ficar comprometida com o uso inadequado das estruturas, comprometendo não apenas o funcionamento, mas a unidade parcial criada no Conjunto Central. Uma mudança projetada em 1984, que só foi efetivada nos anos subsequentes, foi a retirada dos quiosques

na Praça Marechal Floriano Peixoto. Essa ação, embora tenha perdido parte das intenções iniciais da criação do Calçadão de 1977, contribuiu para a retomada do traçado inicial histórico da Praça.

Em relação aos usos, também podem-se observar algumas manutenções, principalmente na Praça Willie Davids, relacionado ao comércio e encontros sociais, e na Praça Gabriel Martins, como espaço de encontros sociais. No entanto, a implantação dos quiosques nas Praças Marechal Floriano Peixoto e Sete de Setembro acabaram alterando parcialmente os usos destas, priorizando mais aspectos comerciais e de venda de artesanato que de memória religiosa e manifestação política inicial.

Ainda, por um período de tempo, a Praça Gabriel Martins também passou a ser espaço de manifestação política, em vez da Praça Marechal Floriano Peixoto. Já a Praça Primeiro de Maio teve a Concha se tornando cada vez mais como um espaço de manifestação cultural e política, mas por pouco não passou a ser um espaço utilitário de estacionamento. Por fim, o Bosque, que ficou por um momento com uso mais utilitário, relacionado ao Terminal Urbano, retomou na década de 1990 com o uso de lazer, mas agora ligado a atividades esportivas com o novo “zerinho”, já que parte da estrutura inicial natural, como o lago e o viveiro, foram retirados, mantendo apenas o parquinho e a quadra da estrutura inicial da década de 1950.

É importante ressaltar que o uso como espaço de memória de parte das Praças do Conjunto Central se manteve, com a inserção de novos monumentos, como o “Aqui Tem História” e a “Placa ao Corretor Imobiliário” na Praça Willie Davids; o monumento “Boca Maldita” na Praça Gabriel Martins; e uma planta em homenagem a Chico Mendes e o monumento “Aqui Tem História” no Bosque.

Logo, percebe-se que as décadas de 1980 e 1990 trouxeram ações de disrupturas no Conjunto Central que não buscavam a preservação de uma unidade formal idealizada no Projeto Centro nem a preservação dos usos preexistentes desses locais. Na forma, essa ação fica evidente principalmente com a alteração dos mobiliários urbanos no Calçadão em 1993, mantendo apenas o piso e as luminárias e perdendo a identidade formal inicial dos quiosques. Outra ação que contribuiu para essa ruptura formal foi a não conclusão do Projeto Centro na totalidade das Praças na parte sul do Conjunto Central, mesmo que buscada de forma parcial em 1991.

Em relação aos usos, a ruptura aparece no uso utilitário dado ao Bosque como Terminal Urbano e na retirada do lago e viveiro, assim como no uso comercial para a Praça Marechal Floriano Peixoto (durante um período) e na Praça Sete de Setembro, e na quase renovação completa do uso da Praça Primeiro de Maio com a proposta de virar um estacionamento (não executado). Nas décadas subsequentes, o

Conjunto Central será objeto de sucessivas intervenções urbanas, as quais tendem a refletir novas abordagens quanto à continuidade ou ruptura das estratégias de preservação e renovação do espaço urbano local.

5 ② Calçadão, as Duas Praças e o Bosque em iniciativas de valorização como objetos singulares (2000-2024)

A Constituição Federal de 1988 ampliou o debate sobre a importância da preservação do patrimônio cultural em suas diferentes formas (material, natural, imaterial etc.), como também a necessidade do poder público de promover e proteger o patrimônio com a colaboração da comunidade. Nesse sentido, com a criação do IPPUL em 1995, dá-se início à revisão do Plano Diretor de Londrina, que foi aprovado somente em julho de 1998. Segundo Bortolotti (2007), o documento causou muitas divergências, sem a presença de propostas inovadoras e com falhas metodológicas, principalmente na participação popular e incompatibilidade legislativa com o documento inicial.

A lei n.º 7.482, de 20 de julho de 1998, que instituiu o Plano Diretor, apresentava entre os seus seis objetivos gerais, dois que se relacionavam diretamente com o Conjunto Central: “ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade, garantindo o bem-estar de seus habitantes” e “dar cumprimento à função social da propriedade urbana” (Londrina, 1998). Além disso, o Plano estabelecia o prazo de dez anos para a implantação de onze planos setoriais, articulados e integrados. Dentre eles fica evidente, uma vez mais, a intenção do cuidado com as áreas públicas, com a necessidade do desenvolvimento dos planos “de Valorização Histórica, Paisagística e Cultural” e “de Qualificação do Espaço Urbano” (Londrina, 1998).

No Plano Diretor de 1998, é possível encontrar também algumas indicações específicas para a área social e cultural de Londrina que acabaram influenciando diretamente no tratamento dos espaços públicos que compõem o Conjunto Central. Destaca-se, por exemplo, a valorização dada à Concha Acústica como espaço cultural da cidade e a importância da consolidação do “Centro Histórico Tradicional”:

SEÇÃO IV – ASPECTOS SOCIAIS

Cultura

Manter e implementar os espaços culturais existentes (Museu de Arte de Londrina, Centro Cultural Igapó, Teatro Zaqueu de Mello, Concha Acústica, Cine Teatro Ouro Verde) e adequar os novos espaços como o “Cadeião” (a antiga cadeia pública)

Viabilizar a transformação da Secretaria Municipal da Cultura em organismo com estatuto e legalidade próprios, garantindo sua autonomia financeiro administrativa, possibilitando a formulação e gestão da política cultural, implementando a integração com os demais órgãos municipais;

SEÇÃO V – DINÂMICA URBANA

Estruturação e Qualificação Urbana

Áreas e elementos de interesse histórico e morfológico: Dentro de uma metodologia de identificação do elemento, de seu significado e qualidade e dos procedimentos da ação, levantou-se a relação de elementos significados do município:

Centro Histórico: elementos principais do plano inicial de implantação do núcleo central da cidade;

Diretrizes da qualidade urbana: Através do diagnóstico onde as centralidades existentes, emergentes e possíveis são delineadas, propõe-se a sua caracterização, fortalecimento da identidade e delineamento de um fortalecimento participativo de suas qualidades. Enumeramos os seguintes sub-centros a serem considerados:

Centro histórico tradicional: o Centro, quadrilátero planejado pela CTNP e alguns eixos continuam apresentando forte polarização de comércio e serviços em Londrina. A sua efetiva consolidação é importante à estruturação urbana (Londrina, 1998).

O Plano ficou em vigor até 2006, quando passou por revisões, principalmente relacionados a temas instaurados pelo Estatuto da Cidade, instituído pela lei federal n.º 10.257/2001. Este, por sua vez, traz diretrizes para promover a função social da propriedade, englobando, entre outras temáticas, instrumentos específicos para áreas de interesse cultural.

Vale ressaltar que no início dos anos 2000 “[...] com mais de 450.000 habitantes, Londrina atingiu a invejável posição de um grande centro de referência macro-regional, o que, por sua vez, fez aumentar a demanda por serviços nas áreas social e cultural” (Castelnu, 2002, p. 385). Nesse momento, Londrina passa por um período efervescente de abertura em debates sobre a importância da preservação do patrimônio histórico cultural, com publicações importantes sobre o patrimônio cultural local, como as dos autores Castelnu, Yamaki, Suzuki, Bortolotti, entre outros, além de ações de educação patrimonial e debates para a instauração de um Plano de Valorização do Patrimônio Cultural Municipal.

O Plano Diretor revisado foi aprovado em 2008 e, entre 2010 e 2011, são aprovadas as principais Leis Complementares do Plano

Diretor, como a Lei de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural (lei municipal n.º 11.188/2011). Essa legislação foi um passo primordial para a preservação do patrimônio londrinense, com a regularização de instrumentos de preservação e a criação do Conselho de Patrimônio Histórico Artístico Cultural (COMPAC). Em relação a ações voltadas ao Centro Histórico, o Plano Diretor de 2008 ressalta a importância da valorização da área urbana, sem apresentar ações diretas de intervenção nessa área. Além disso, foram criadas outras macrozonas de interesse de memória histórica, como a do Heimtal, a da Vila Casoni e a do Centro Histórico:

Art. 101. São ações estratégicas da Estruturação Urbana:

[...]

IV. manter o centro histórico com a preservação da memória histórica, cultural e arquitetônica;

V. criar condições para a implementação de um centro multifuncional, de forma a possibilitar a extensão das atividades econômicas características da área central, sem a descaracterização do centro histórico;

[...]

Seção VI

Do Macrozoneamento Urbano

Art. 104. Fica instituído o Macrozoneamento Urbano do Distrito Sede de Londrina que institui:

[...]

III. a Macrozona Urbana do Centro Histórico, que corresponde ao núcleo histórico central da cidade de Londrina e tem como objetivo a preservação da memória histórica, cultural e arquitetônica e a utilização daquele espaço para as atividades de lazer e turismo, além das atualmente instaladas (Londrina, 2008).

O Plano Diretor de 2008 vigorou até 2022, quando passou a ser substituído por um novo, o qual dá a possibilidade de criar Zonas Especiais de Interesse Cultural (ZEIC). O Plano atual teve a Lei de Patrimônio revisada e aprovada em 2024, que ressalta a importância da preservação na área central e em bens que já foram inventariados no Siglon. Os componentes do Conjunto Central têm diversas fichas de inventário e já foram alvo de publicações específicas relacionadas ao seu valor patrimonial em vários momentos nos últimos 25 anos.

LEI N.º 13.902, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2024

Art. 34. Os pedidos de Alvarás de Demolição e de Aprovação de Projeto em imóveis públicos ou privados, devem ser submetidos à análise preliminar pela Secretaria Municipal de Cultura, sempre que se tratar de edificação ou projeto:

I – situado na área de abrangência da aerofoto de 1.949 e no Levantamento Aerofotogramétrico da Cidade de Londrina, ambos depositados no arquivo do cadastro da Secretaria Municipal de Obras e Pavimentação;

II – situado em Zonas Especiais de Interesse Cultural (ZEIC) e Setores Especiais que se destinam ao ordenamento do uso e ocupação do solo em localidade com interesse de preservação de espaços e edificações significativas; e

III – identificado no Inventário de Bens de Interesse, Listagem de Bens de Interesse de Preservação e no Livro Tombo Municipal, disponíveis no SIGLON e na Secretaria Municipal de Cultura (Londrina, 2024).

Além disso, o Plano Diretor de 2022, em seus pontos principais, engloba diretamente ações de revitalização no Bosque e no Calçadão, além da possibilidade de criação de Zoneamentos Específicos.

LEI ORDINÁRIA N.º 13339/2022

Art. 1º A presente lei aprova a revisão da Lei nº 10.637, de 24 de dezembro de 2008, que instituiu o Plano Diretor Participativo Municipal de Londrina – PDPML, o qual passa a ser denominado Plano Diretor Municipal de Londrina – PDML.

Parágrafo único. Esta lei está fundamentada nas disposições da Constituição Federal, da Constituição Estadual, da Lei Federal nº 10.257/2001 – Estatuto da Cidade, da Lei Orgânica do Município de Londrina e demais legislações correlatas.

[...]

Art. 40. O Poder Público deverá articular todas as políticas de atendimento social com a finalidade de educar e estimular a prática de atividades voltadas à cultura, esporte, lazer, saúde, educação e assistência social, adotando as seguintes estratégias:

[...]

V – levantar, divulgar e viabilizar recursos para restaurar e preservar bens isolados e sítios urbanos paisagísticos do patrimônio cultural do município e a memória material e imaterial da comunidade, priorizando o restauro do Museu de Arte, melhorias da Biblioteca Pública e do Teatro Zaqueu de Melo e revitalização do Bosque Marechal Cândido Rondon e Calçadão;

VI – aplicar os instrumentos urbanísticos e de preservação do patrimônio cultural, criando zoneamentos específicos como dos conjuntos urbano-paisagísticos Heimtal e Casoni (Londrina, 2022).

Considerando as mudanças nas diretrizes urbanísticas municipais a partir dos anos 2000, observa-se que as intervenções realizadas nos últimos anos dialogam apenas em parte com os debates sobre preservação e valorização do patrimônio. Nessas discussões, houve participação de especialistas, mas essa presença se deu apenas em determinadas áreas do Conjunto Central. Acompanhando as discussões iniciais entre o Plano Diretor de 1998 e o de 2008, aconteceram duas

grandes intervenções nas praças alocadas ao sul do Conjunto Central: a Praça Sete de Setembro e a Praça Primeiro de Maio.

A intervenção na Praça Sete de Setembro parte da conscientização cultural e social sobre o local pela população e da empresa londrinense Sercomtel, que ficava no entorno e financiou o projeto de intervenção. Já a Praça Primeiro de Maio passa por uma intervenção em escala maior com a criação do Memorial dos Pioneiros, conectando interesses de valorização histórica cultural da sociedade e cuidado com o local reivindicados desde a década de 1990.

Entre o Plano de 2008 e o de 2022, duas intervenções marcaram o período. A do Calçadão focou em problemas funcionais, como o piso *petit pavé* e os quiosques, sem relação consistente com o debate patrimonial. A quadra da Praça Willie Davids foi exceção: preservou parte de seus elementos originais e recebeu um novo projeto em diálogo com órgãos de proteção e especialistas, algo ausente no restante do Calçadão. Já no Bosque, houve abertura para ouvir a comunidade e profissionais da área, mas a incorporação efetiva dessas contribuições foi limitada.

Logo, no final do século XX as ações no Conjunto Central se pautaram principalmente nos elementos isolados do Conjunto Central, com projetos autônomos que visam resgatar a história local e melhorar aspectos funcionais. Apenas as praças ao norte permaneceram como

uma visão parcial de conjunto nas intervenções. Sendo assim, para facilitar o entendimento do desenvolvimento do Conjunto Central nas últimas décadas, este capítulo discorrerá sobre quatro ações de intervenção de grande escala realizadas no Conjunto.

A primeira trata de uma iniciativa público-privada na Praça Sete de Setembro (2000–2003); a segunda intervenção se deu na Praça Primeiro de Maio e na criação do Memorial dos Pioneiros (2006–2007); a terceira intervenção engloba as três praças ao norte do Conjunto Central (Praça Gabriel Martins, Praça Marechal Floriano Peixoto e Praça Willie Davids) e se divide em dois períodos, sendo o primeiro de 2011 a 2014 e o segundo (especificamente no trecho 5 do Calçadão, compreendido pela Praça Willie Davids), que está em execução desde 2016 até os dias atuais; a quarta e última intervenção é a do Bosque, realizada em 2021.

5.1 Praça Sete de Setembro (2000–2003)

O início dos anos 2000 foi marcado por uma grande intervenção na Praça Sete de Setembro. A Praça, que até então já tinha tido alguns projetos não executados entre as décadas de 1980 e 1990, agora teve os quiosques retirados e uma nova estrutura construída próxima à

esquina. Além disso, as luminárias foram modificadas, uma das calçadas foi alargada e o piso interno da Praça foi alterado, bem como os canteiros e o paisagismo. No entanto, o traçado inicial se manteve, assim como boa parte da vegetação antiga de grande porte.

Segundo a reportagem veiculada em 11 de abril de 2000, a ação de intervenção iniciou com polêmica, devido ao alargamento da calçada em 4 metros, invadindo a rua e suprimindo cerca de cinquenta vagas de estacionamento. Além disso, os quatro quiosques existentes foram concentrados em uma nova estrutura arquitetônica (Revitalização [...], 2000).

A reinauguração da Praça Sete de Setembro foi em 12 de agosto de 2000, segundo reportagem do *Jornal de Londrina*. O arquiteto responsável pelo projeto, Álvaro Cortes, contou ao jornal que o arenito no tom vermelho foi escolhido para representar a terra vermelha da cidade. Também foi renovado o projeto paisagístico e de iluminação e foram instaladas rampas. A reportagem também informa que o custo de 100 mil reais foi pago pela Sercomtel (Nova [...], 2000).

A Ficha de Inventário fala sobre uma revitalização realizada em dezembro de 2003. Não fica claro se se trata da mesma intervenção. Segundo o documento, a obra entregue à comunidade foi realizada por meio de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Londrina e a Sercomtel S.A. Telecomunicações, sendo os responsáveis: Nedson

Micheleti (prefeito municipal); João Batista de Rezende (presidente da Sercomtel); Aloysio Crescentini de Freitas (secretário municipal de ruas e pavimentação); Andrea Torchi (arquiteta responsável pelo projeto paisagístico) (Siglon, P22, 2017).

A aerofoto de 2012 [Fig. 163] mostra com maior nitidez as intervenções realizadas, como a colocação do piso vermelho e a estrutura única próxima à esquina superior da quadra. Infelizmente, devido à falta de documentos do período da intervenção, não é possível compreender por completo todas as alterações realizadas no local. A situação atual da Praça será analisada no próximo capítulo.

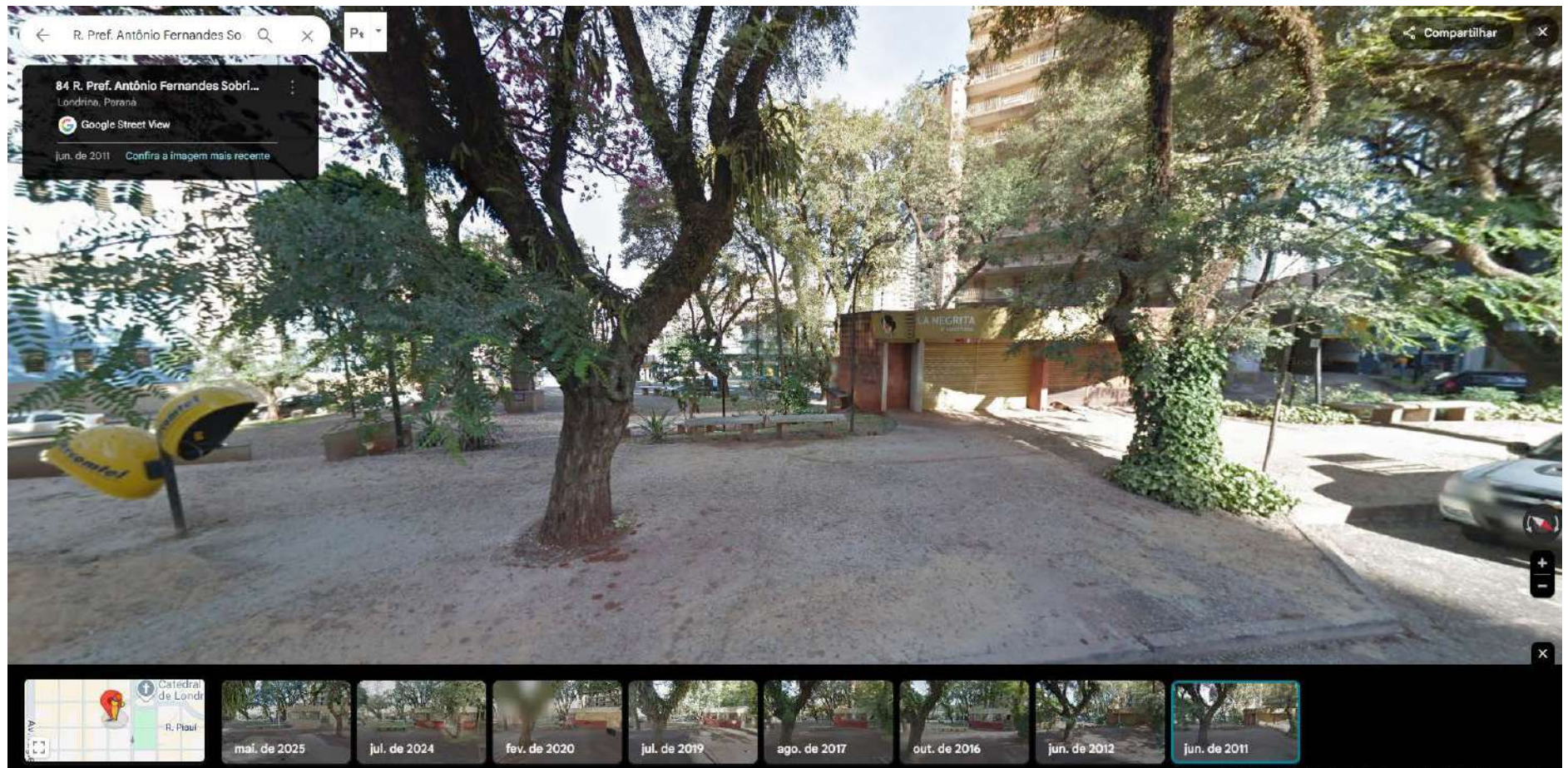
Figura 163 – Aerofoto de 2012



Fonte: Siglon, Ortofoto Paranacidade (2011) .

No Google Street View, a foto mais antiga da Praça Sete de Setembro é de junho de 2011. Nela, é possível observar o novo quiosque inserido na intervenção [Fig. 164].

Figura 164 – Quiosque da Praça Sete de Setembro, junho de 2011



Fonte: Google Street View (2011c).

Além da intervenção do início dos anos 2000, em anos subsequentes a Praça sofreu mais algumas alterações, principalmente com o acréscimo de dois totens “Aqui Tem História” entre 2015 e 2016 nas esquinas e a mudança de lixeiras e algumas novas árvores na década de 2020. Entre 2020 e 2024, foi retirada a cabine telefônica padrão Londres que tinha sido inserida na esquina da rua Piauí com a rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho entre os anos 2011 e 2012. As datas aproximadas foram retiradas a partir de imagens do Google Street View. As imagens abaixo retratam a evolução da Praça Sete de Setembro desde sua existência até os dias atuais [Fig. 165].

Figura 165 – Evolução da Praça Sete de Setembro e totens “Aqui Tem História”



Fonte: [imagem 1] Autores (2025); [imagem 2] Google Street View (2016b); [imagem 3] Google Street View (2024c).

Dessa forma, a configuração atual da Praça resulta de um conjunto de intervenções realizadas ao longo das décadas. O traçado triangular, a escadaria curva e o monumento da Imaculada Conceição remontam à década de 1960, período em que também foram plantadas algumas das árvores dos canteiros e calçadas. Entre os anos 1980 e 1990, foi aberto um novo caminho conectando o monumento à esquina da rua Piauí com a rua Prof. João Cândido.

No início dos anos 2000, a Praça passou por uma ampla reforma: os quiosques e luminárias em formato de araucária foram removidos, um novo edifício foi construído na esquina com a rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho e a área de permanência junto ao monumento foi ampliada. É provável que nessa fase tenham sido inseridos os bancos retangulares, a rampa e as luminárias de um ponto. Entre 2015 e 2016, foram instaladas duas placas “Aqui Tem História” e as luminárias substituídas, preservando o padrão de implantação. Já na década de 2020, as lixeiras foram renovadas e novas árvores plantadas nos canteiros das calçadas.

5.2 Praça Primeiro de Maio – criação do Memorial do Pioneiro (2006–2007)

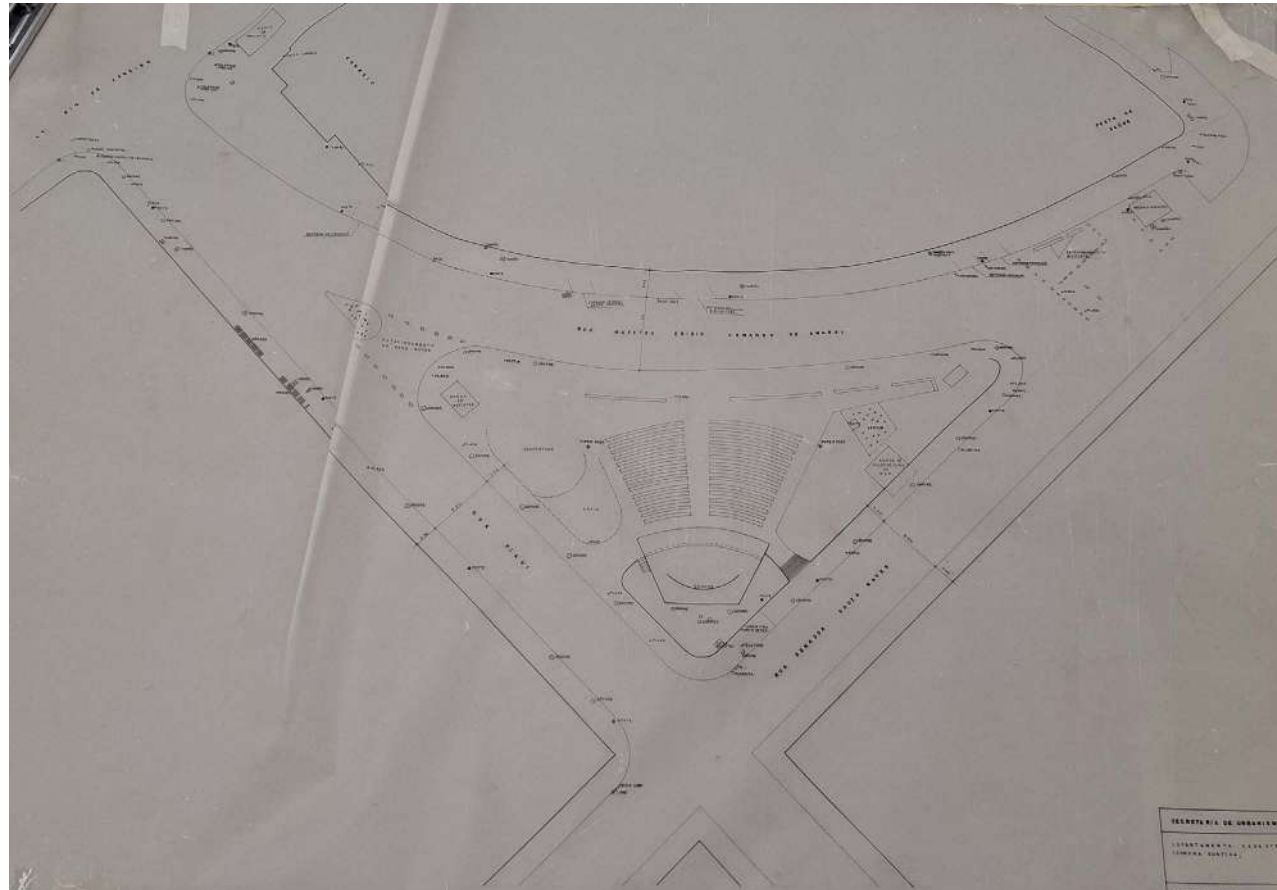
Após muitas reivindicações para melhorias na Praça Primeiro de Maio e a quase destruição da Concha Acústica na década de 1990, em 2006 aconteceu uma grande revitalização na Praça, com a transformação da rua Maestro Egídio do Camargo em Memorial do Pioneiro. A inauguração do Memorial do Pioneiro e da revitalização da Praça Primeiro de Maio aconteceu no aniversário da Concha em 2007 (Cesário; Magalhães, 2016). A revitalização substituiu o piso de concreto da Praça por *paver* e retomou as áreas gramadas nos canteiros. Além disso, os bancos de concreto mantiveram as características iniciais, mas tiveram que ser refeitos [Fig. 166].

[...] os bancos serão substituídos por similares mais resistentes, pois os atuais, além dos desgastes provocados pela ação do tempo, não tinham fundação, porque foram construídos sobre a calçada e não resistiriam às operações da reforma, que incluem a substituição do piso da praça.

Segundo o secretário, a intenção, com o projeto, é recuperar aspectos do piso da Concha, baseado em várias fotos da época da inauguração, e também utilizar material que faz parte da arquitetura atual da cidade, como os *pavers*, de alta permeabilidade, que substituirão os blocos de concreto das calçadas. (Concha [...], 2006b).

antes da intervenção, com a presença de alguns quiosques e a permanência da Concha e de bancos principais da arquibancada (década de 1950), canteiros arredondados (década de 1970) e o monumento na rua Souza Naves (década de 1960). Os caminhos internos e acessos às ruas também são similares aos da década de 1970.

Figura 168 – Levantamento da Praça Primeiro de Maio, 1989



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Na intervenção de 2006 [Fig. 169], foram criados dois novos canteiros próximos à rua Maestro Egídio do Camargo, com o objetivo de recuperar parcialmente a presença do gramado em relação à estrutura da Concha dos anos 1950. A proposta também previa a reintrodução de uma área gramada em parte do canteiro junto à rua Piauí. O busto de Willie Davids permaneceu no mesmo canteiro, mas foi reposicionado mais próximo à rua Senador Souza Naves.

Aos 50 anos, comemoramos em Primeiro de Maio de 2007, a Concha Acústica e a praça Primeiro de Maio são entregues ao povo de Londrina após passarem por uma merecida revitalização, idealizada pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL). Foram introduzidos novo piso, iluminação da época e mobiliários. As faixas de grama originais do projeto de 1957 também retornaram, já que o piso da praça havia sido totalmente cimentado ao longo do tempo. Outro detalhe é que a rua Maestro Egídio Camargo do Amaral foi definitivamente incorporada à Praça Primeiro de Maio, sendo preservada como a única rua do centro de Londrina com os paralelepípedos originais (Mendonça, 2007).

Figura 169 – Projeto Memorial dos Pioneiros



**Memorial do Pioneiro
Revitalização da Praça 1º de Maio**



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Nas calçadas da Praça e no Memorial do Pioneiro, foram instalados bancos mistos, compostos por concreto pré-moldado e madeira [Fig. 170]. O quiosque adotou uma nova tipologia, com planta retangular e platibanda que oculta o telhado, alinhando-se aos fechamentos laterais opacos. As luminárias remetem às primeiras lâmpadas em formato de globo, inseridas nas décadas de 1940 e 1950 na parte norte do Conjunto Central. Já as floreiras são redondas e seguem a mesma tipologia utilizada no Calçadão desde 1993.

Figura 170 – Perspectivas do Memorial dos Pioneiros



Memorial do Pioneiro
Revitalização da Praça 1º de Maio



Memorial do Pioneiro
Revitalização da Praça 1º de Maio



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Na rua Maestro Egídio Camargo, retomando parcialmente a ideia do Calçadão, cria-se o Memorial do Pioneiro [Fig. 171] com uma série de monumentos retangulares com placas contendo o nome dos pioneiros e fundadores de Londrina, e uma série de obras de xilogravura feitas pelo artista Paulo Menten retratando o início da cidade. Vale ressaltar que a rua ficou em paralelepípedo aparente retratando a história no tratamento da pavimentação das ruas iniciais de Londrina.

O mais novo elemento da Praça Primeiro de Maio é um tributo aos primeiros trabalhadores de Londrina. O Memorial do Pioneiro é composto por 17 totens, dois deles com a descrição do projeto – um homenageando os índios caingangues e outro alusivo à participação dos desbravadores que chegaram a Londrina antes de 1929. Os outros 15 totens trazem os nomes, em ordem alfabética, de 3.500 pioneiros que viveram na cidade entre 1929 e 1939. Os nomes foram todos confirmados pelo Museu Histórico de Londrina.

Detalhe importante é que numa das faces de cada totem constarão gravuras de autoria do artista plástico Paulo Menten- um dos mais importantes gravuristas brasileiros, nascido em São Paulo em 1927 e radicado em Londrina desde 1982. As gravuras que compõem a “Coleção Londrina” foram criadas pelo mestre na década de 90, sob a técnica de xilogravura, e trazem cenas inspiradas nos tempos pioneiros da cidade. As gravuras poderão ser vistas pela população, já que a “Coleção Londrina” ficará permanentemente exposta nos totens, tornando-se uma verdadeira galeria à céu aberto. A reprodução das gravuras em resina de mármore ficou a cargo de Roberto Vendrametto. (Mendonça, 2007)

Figura 171 – Perspectivas do Memorial dos Pioneiros



**Memorial do Pioneiro
Revitalização da Praça 1º de Maio**



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Imagens de agosto de 2006 mostram parte dos bancos sendo demolidos (Concha [...], 2006a) [Fig. 172].

Figura 172 – Reportagem da *Folha de Londrina*, 3 de agosto de 2006

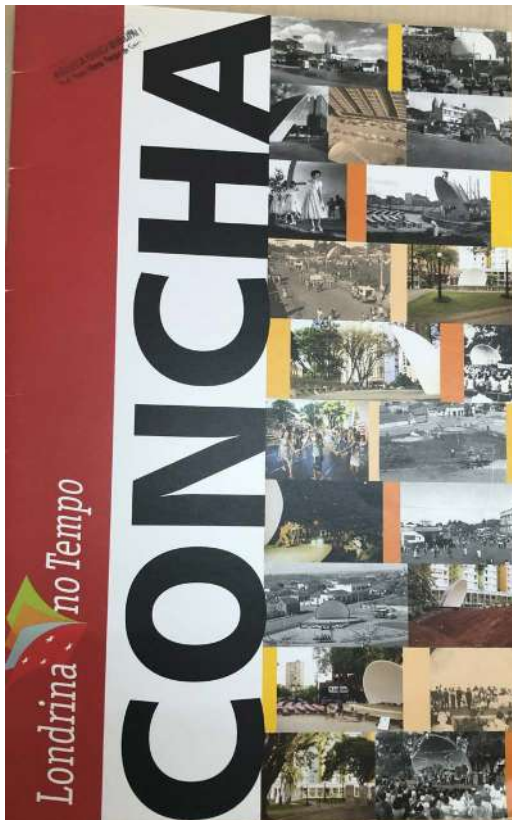


Fonte: Acervo da BML (2025).

Uma reportagem de 15 de maio de 2007, após a inauguração da Concha, da *Folha de Londrina* mostra o impacto positivo da revitalização da Concha para a memória e uso da Praça Primeiro de Maio. A matéria afirma que, com a revitalização da Concha, os londrinenses estão redescobrimo o espaço, que voltou a ser usado para encontros

de lazer: “[...] é simples como era a cidade quando nós viemos”, afirma a senhora Evangelina, uma das entrevistadas (Londrinenses [...], 2007). Ademais, em 2007, há a publicação intitulada “Londrina no Tempo” [Fig. 173].

Figura 173 – Publicação “Londrina no Tempo”



Fonte: Mendonça (2007).

Imagens registradas após a finalização da intervenção [Fig. 174] mostram as novas áreas gramadas próximas às ruas Maestro Egídio do Camargo e Senador Souza Naves. No entanto, o canteiro lateral junto à rua Piauí não foi alterado, ao contrário do que previa o projeto. Observa-se também que os bancos contínuos apresentam pequenas variações em relação aos modelos originais, como um banco de menor dimensão na primeira fileira próxima à rua Piauí, possivelmente pensado para atender pessoas com deficiência.

Figura 174 – Imagens após intervenção na Concha



Fonte: Mendonça (2007).

Em outubro de 2010, a Concha Acústica foi pintada de rosa, uma ação para chamar a atenção para o combate ao câncer de mama. Mas Vanda Moraes disse: “Há tempos desenvolvemos ações para evitar a pichação e a descaracterização da Concha. Sugerimos o envelopamento ou a utilização de luz para colorir o espaço, mas o grupo que nos procurou preferiu utilizar a tinta” (Aligleri, 2010).

Outras reportagens de 2011 trazem reclamações da manutenção da Praça Primeiro de Maio e, no final do ano, uma ação de intervenção no piso [Fig. 175]. Há muitas reclamações de moradores sobre o lixo e as pichações; há entrevistas que indicam que a população tem sido descuidada com a Concha, mas a administração pública também não tem cumprido seu papel (Moradores [...], 2011). No mesmo ano, o piso da Praça Primeiro de Maio passou novamente por reforma, mas dessa vez para manutenção do piso local e não renovação, como em 2007.

Figura 175 – Reportagem da *Folha de Londrina*, 2 de dezembro de 2011



Fonte: Acervo da BML (2025).

A montagem de imagens do Street View [Fig. 176], com registros de 2011, 2015, 2016 e 2023, revela mudanças graduais na Praça Primeiro de Maio. Em junho de 2011, e segundo reportagem sobre a intervenção no piso, observa-se que o quiosque previsto para a área próxima à rua Piauí não foi implantado; apenas a plataforma plana destinada à sua instalação permanece. Isso levanta a dúvida se a estrutura chegou a ser executada em 2007 e removida posteriormente ou se nunca chegou a ser construída. No ponto originalmente reservado ao quiosque, foi instalado um paraciclo. No interior do canteiro arredondado, os bancos eram de concreto, com encosto de madeira.

Em janeiro de 2015, o Street View mostra a inclusão, ao lado do paraciclo, de uma cabine telefônica inspirada no modelo londrino. Entre janeiro e outubro de 2016, surgiram placas “Aqui Tem História” próximas à cabine e à entrada principal da Praça. No mesmo período, as réplicas das luminárias com globo, instaladas em 2007, foram removidas (processo concluído entre 2016 e 2017). Entre 2020 e 2023, novas plantas foram colocadas atrás da área do paraciclo, acompanhadas por uma pequena placa alusiva ao aniversário da rainha da Inglaterra; ao lado da cabine, foi posicionada uma floreira redonda datada de 1993.

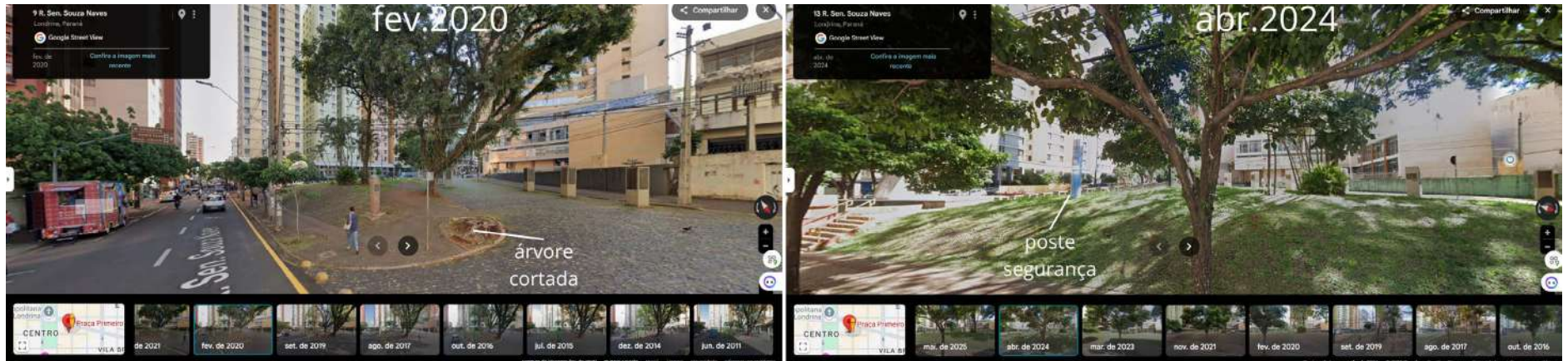
Figura 176 – Mudanças na área do quiosque



Fonte: [imagem 1] Google Street View (2011d); [imagem 2] Google Street View (2015a); [imagem 3] Google Street View (2016c).[imagem 4] Google Street View (2023a), modificado pelos Autores (2025).

Entre 2019 e 2020, a árvore localizada na esquina da Praça, na confluência entre a rua Senador Souza Naves e a rua Maestro Egídio do Camargo, foi cortada [Fig. 177]. Entre março de 2023 e abril de 2024 foi inserido um poste vertical com câmeras de segurança. Na área do memorial dos pioneiros, os bancos que foram propostos para serem implantados em 2007 e as floreiras redondas (1993) não aparecem nas imagens encontradas.

Figura 177 – Inserções na Praça nos últimos anos

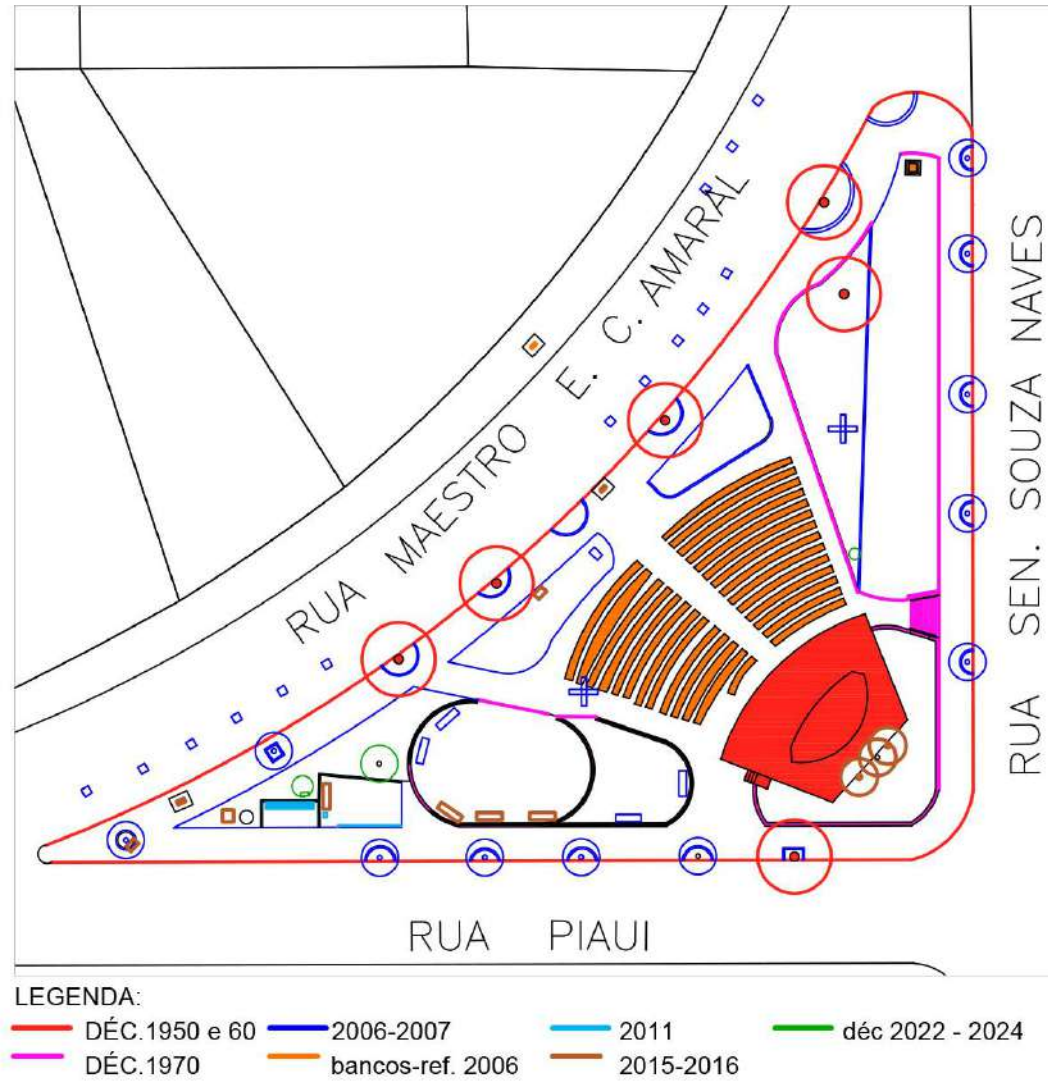


Fonte: [imagem 1] Google Street View (2020a); [imagem 2] Google Street View (2024a), modificado pelos Autores (2025).

A Concha Acústica passou por diversas modificações ao longo de sua história, mantendo elementos originais e incorporando novos. Entre os remanescentes mais antigos estão a própria Concha e parte dos canteiros da década de 1950, além de árvores de grande porte. O busto de Souza Naves, criado nos anos 1960, foi transferido para o local atual em 2007. Os canteiros laterais arredondados surgiram na década de 1970. Em 2007, uma grande reforma alterou os canteiros, o calçamento interno e as áreas verdes das calçadas, além de instalar bancos de concreto e madeira, que foram ampliados na década de 2010 com a inclusão de duas luminárias altas. Os bancos de concreto foram refeitos, preservando em grande parte o desenho e as dimensões originais dos anos 1950. Em 2011, houve mudanças nos canteiros próximos à rua Piauí e a instalação de um paraciclo.

Por volta de 2015, uma cabine telefônica foi colocada na esquina da rua Piauí com a rua Maestro Egídio, acompanhada por duas placas “Aqui Tem História”. Na mesma década, uma floreira redonda padrão de 1993 foi deslocada para junto da cabine. Entre 2022 e 2023, flores foram plantadas com uma placa em homenagem ao aniversário da rainha da Inglaterra. Em 2024, foi instalado um poste vertical com câmeras para reforçar a segurança da Praça [Fig. 178].

Figura 178 – Evolução da Praça Primeiro de Maio



Fonte: Autores (2025).

5.3 Calçadão (2002, 2003, 2007, 2011)

O Calçadão da Avenida Paraná é composto por cinco trechos distintos, cuja conformação resulta de diferentes fases de intervenção urbana. Os trechos 3, 4 e 5, que abrangem, respectivamente, as Praças Gabriel Martins, Marechal Floriano Peixoto e Willie Davids, compõem a área original do Projeto Centro, implantado em 1977. Já os trechos 1 e 2 foram incorporados em 1991, durante a ampliação do Calçadão realizada no segundo mandato do prefeito Antônio Casemiro Belinati.

Durante a década de 2000, as ações voltadas ao Calçadão concentraram-se principalmente na manutenção do pavimento em *petit pavé*, na retirada dos quiosques e na organização do uso informal do espaço, especialmente no que se refere à presença de vendedores ambulantes e estruturas temporárias. No ano de 2000, também foi inserida a Placa Pé Vermelho no local, ressaltando sua importância patrimonial.

Esse cenário culminou em uma intervenção de grande porte realizada em 2011, que promoveu a renovação completa dos trechos 1 a 4. As obras incluíam a substituição do piso, a renovação das luminárias, bancos, lixeiras e quiosques. O trecho 5, entretanto, manteve parte de suas características originais, devido à sua

localização no entorno do Cine Teatro Ouro Verde (bem tombado como patrimônio histórico estadual), o que impôs restrições legais a alterações mais incisivas nessa área.

5.3.1 Manutenção do Calçadão

O pavimento em *petit pavé*, embora reconhecido como um dos elementos mais emblemáticos da paisagem urbana de Londrina, foi alvo de recorrentes críticas ao longo dos anos. Diversas reclamações da população apontavam a presença de buracos e pedras soltas, que comprometiam a segurança dos pedestres e resultavam em acidentes frequentes.

Em resposta a essas demandas, o poder público municipal buscou alternativas técnicas para melhorar a fixação das pedras, com destaque para o uso de cimento como tentativa de reforçar a estabilidade do revestimento. No entanto, reportagens da época indicam que os problemas poderiam ser mitigados por meio de manutenções regulares e adequadas, sem a necessidade de substituição do material original.

Apesar das dificuldades operacionais, o *petit pavé* era amplamente reconhecido como um componente significativo da memória coletiva londrinense, contribuindo para a construção

da identidade visual e simbólica do centro da cidade. Assim, sua preservação era defendida não apenas por razões estéticas, mas também por seu valor cultural e histórico.

A partir de 2002, o pavimento do Calçadão da Avenida Paraná voltou a ser objeto de atenção por parte do poder público e da imprensa local, em razão do agravamento das condições de conservação. Reportagem publicada em 6 de agosto de 2002 destacou a realização de manutenções no mosaico de pedras portuguesas, com a adoção de uma nova técnica baseada na aplicação de concreto para fixação das pedras, em substituição ao método tradicional, diante do risco apresentado aos pedestres (Parra, 2002). Além da intervenção no piso, foram executadas melhorias complementares, como a substituição de grelhas danificadas das galerias pluviais e das grades de proteção das árvores (Polessel, 2002).

No ano seguinte, em 29 de agosto de 2003, nova reportagem indicava que os trabalhos de manutenção do piso permaneciam em andamento, ao mesmo tempo em que se anunciava a ampliação do Calçadão por mais uma quadra, estendendo-se até as imediações do Royal Plaza Shopping, entre as ruas Minas Gerais e Mato Grosso. Na ocasião, o arquiteto Hely Brêtas Barros (autor do projeto do piso original do Calçadão) atribuiu os problemas recorrentes com as pedras soltas à inexperiência das equipes responsáveis pela manutenção e ao

uso inadequado de jatos de água na limpeza. Apesar das dificuldades técnicas, o arquiteto enfatizou o valor simbólico do desenho do Calçadão, destacando-o como um elemento de identidade urbana comparável a outros calçadões emblemáticos, como o da orla de Copacabana, no Rio de Janeiro. Barros também ressaltou o significado das correntes representadas no desenho, interpretadas como metáforas de união e coesão social (Augusti, 2003, p. 3).

Em 2007, novas reportagens voltaram a abordar os problemas de conservação do *petit pavé*, com destaque para a reincidência de buracos causados pelo desprendimento das pedras. Dessa vez, a técnica de manutenção adotada consistia na aplicação de uma camada de cimento entre as pedras, seguida pela utilização de um cobertor molhado para espalhar a mistura e limpar a superfície. Posteriormente, uma camada de areia era aplicada, com um período de secagem estimado em uma semana. A expectativa da administração municipal era de que essa intervenção tivesse durabilidade de aproximadamente um ano (Galembeck, 2007, p. 4).

Esses episódios revelam não apenas os desafios técnicos envolvidos na manutenção do pavimento em *petit pavé*, mas também a tensão entre conservação do material e preservação simbólica, evidenciando o papel do Calçadão como um marco identitário londrinense.

5.3.2 Trecho 4 – Praça Marechal Floriano Peixoto (2003–2004)

Outra frente de atuação do poder público, especialmente a partir dos anos 2000, concentrou-se na tentativa de controle e reorganização do uso informal do espaço público, com ênfase na Praça Marechal Floriano Peixoto. A presença crescente de vendedores ambulantes e barracas nessa área central passou a ser percebida como um fator de desordem urbana e de comprometimento da paisagem, motivando ações voltadas à sua remoção [Fig. 179].

Figura 179 – Mercado informal na Praça Marechal Floriano Peixoto



Fonte: Situação [...], 2003.

Em 2003, intensificaram-se os debates em torno da retirada de comerciantes informais das praças centrais de Londrina, com destaque para a Praça Marechal Floriano Peixoto (Situação [...], 2003). Como parte das estratégias adotadas pelo poder público para desestimular a permanência dos ambulantes, foi promovida, em novembro do mesmo ano, a remoção do pavimento em *petit pavé* da Praça. A medida visava inviabilizar a ocupação do espaço durante o período de transição e viabilizar a execução de um novo projeto de requalificação. Segundo reportagem da época, o projeto previa a substituição do tradicional calçamento em *petit pavé* preto e branco por blocos de concreto intertravado (*paver*) na cor cinza, com formato em S (Calçamento [...], 2003).

Contudo, em junho de 2004, o *Jornal de Londrina* noticiou uma reformulação parcial da proposta inicial [Fig. 180]. A nova diretriz previa a preservação do piso original na parte dos calçamentos laterais da Praça, com o objetivo de manter os aspectos históricos e simbólicos do local. As intervenções passaram a se concentrar dentro da Praça, onde está localizado o Marco da Bandeira. Além da substituição do calçamento nessas áreas, o projeto incluía a construção de rampas de acessibilidade, a renovação do mobiliário urbano e a revitalização dos jardins (Começam [...], 2004).

Figura 180 – Revitalização da praça Marechal Floriano Peixoto, 11 de junho de 2004



Fonte: Ranali, (2004, p. 11).

Essas mudanças evidenciam o esforço do poder público em reconfigurar a Praça tanto física quanto funcionalmente, articulando ações de controle do uso informal com a implantação de elementos que reforçassem uma nova imagem para o espaço. Nesse contexto, as intervenções não se limitaram ao piso, mas também abrangeram aspectos visuais e de uso cotidiano da Praça. Imagens de 2004

encontradas na Ficha de Inventário do Altar da Pátria (Siglon, M03, 2020) apresentam o mobiliário que até então estava inserido na praça com luminárias com cinco globos (araucária) e banco em concreto sem encosto [Fig. 181].

Figura 181 – Mobiliário da Praça Marechal Floriano Peixoto, 2004



Fonte: Siglon, M03 (2020).

Imagens de 2006 já mostram o mobiliário da Praça Marechal Floriano Peixoto renovado, com réplicas de luminárias de um e três globos e banco bola (esfera + prancha), além do piso em *paver*. As luminárias lembram as iniciais da década de 1940, embora apresentem diferenças sutis no formato e ornamentos. Segundo Panchoni (2007), os bancos também se tratariam de cópias dos bancos de 1940 e o novo *paver* seria das cores marrom e vermelho [Fig. 182].

Figura 182 – Mobiliário da Praça Marechal Floriano Peixoto, 2006



Fonte: Panchoni (2007)

Já o levantamento realizado por Panchoni (2007) com imagens de 2006 mostra também o fotógrafo ambulante “lambe-lambe” que ocupou a Praça durante bastante tempo e ficou na memória da população [Fig. 183].

Figura 183 – Fotógrafo “lambe-lambe”, 2006



Fonte: Panchoni (2007).

Em agosto de 2006, uma reportagem jornalística apresentou um panorama crítico sobre as condições do Calçadão da avenida Paraná e da Praça Marechal Floriano Peixoto, com base em entrevistas realizadas com estudantes de arquitetura e com a professora Denise Januzzi, pesquisadora que, à época, finalizava seu doutorado sobre calçadões e já havia desenvolvido uma dissertação de mestrado dedicada aos problemas urbanos da Praça Marechal Floriano Peixoto (Bressan, 2006, p. 16).

Segundo a professora, a Praça Marechal Floriano Peixoto apresentava avanços significativos nos últimos anos, especialmente no que se refere à redução da presença de vendedores ambulantes, à melhoria do pavimento e à manutenção da vegetação, com destaque para a poda das árvores. Em contrapartida, o Calçadão permanecia como foco das principais críticas, centradas nos problemas recorrentes de manutenção do piso, na limpeza inadequada, na precariedade dos quiosques e na sensação de insegurança percebida pelos usuários.

Essas ações evidenciam a tensão recorrente entre o uso espontâneo e popular dos espaços públicos e os projetos de ordenamento urbano baseados em critérios estéticos e funcionais, revelando os desafios da gestão urbana em contextos marcados por múltiplas formas de apropriação do território. Além disso, trazem novamente o embate entre o valor simbólico do piso em *petit pavé* e

a substituição do mesmo por outro material que supostamente traria uma menor dificuldade de manutenção.

5.3.3 Renovação do Calçadão x Preservação do trecho 5 (2011–2025)

A década de 2010 representou um período de importantes transformações tanto no Conjunto Central de Londrina quanto no campo das políticas locais de preservação do patrimônio cultural. Um marco fundamental foi a promulgação da lei municipal nº 11.188, em abril de 2011: a primeira legislação específica voltada à proteção do patrimônio cultural no município, atualizada em 2024. Essa norma instituiu instrumentos essenciais de salvaguarda, como os processos de Listagem de Bens de Interesse de Preservação e de Tombamento Municipal, além de criar o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (COMPAC), que foi formalizado posteriormente, e o Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Londrina. Tais dispositivos consolidaram a institucionalização das políticas de preservação no âmbito local, conferindo maior legitimidade e estrutura às ações de proteção dos bens culturais.

Nesse contexto, a década foi marcada por duas ações contrastantes. A primeira, iniciada em 2011 (portanto paralela à promulgação da legislação patrimonial e anterior à formalização do

COMPAC), consistiu em um amplo projeto de renovação do Calçadão da avenida Paraná. Essa intervenção priorizou aspectos funcionais, como a substituição do piso em *petit pavé*, luminárias de cinco globos (araucária) e a retirada dos quiosques, desconsiderando os valores simbólicos e patrimoniais associados ao espaço, o que gerou críticas por parte de setores ligados à preservação.

Em contrapartida, a segunda ação evidenciou o fortalecimento das instâncias de proteção patrimonial, especialmente em nível estadual, na defesa da integridade do trecho 5 do Calçadão. Localizado no entorno do Cine Teatro Ouro Verde (bem tombado pelo patrimônio estadual), esse segmento foi preservado de intervenções mais drásticas, justamente em razão de sua relevância histórica e simbólica. Tal episódio ilustra a crescente influência dos mecanismos de preservação na mediação entre renovação urbana e conservação do patrimônio cultural.

5.3.3.1 Projeto de revitalização dos trechos 1 a 4 do Calçadão em 2011: transformações formais e rupturas com a paisagem histórica

Em 2011, foi executado um amplo projeto de revitalização do Calçadão, abrangendo quatro dos cinco trechos que o compõem — com exceção do segmento localizado em frente ao Cine Teatro Ouro Verde e à Praça Willie Davids, preservados devido a restrições

patrimoniais. As intervenções incluíram os trechos 3 e 4, que contemplam, respectivamente, a Praça Gabriel Martins e a lateral da Praça Marechal Floriano Peixoto.

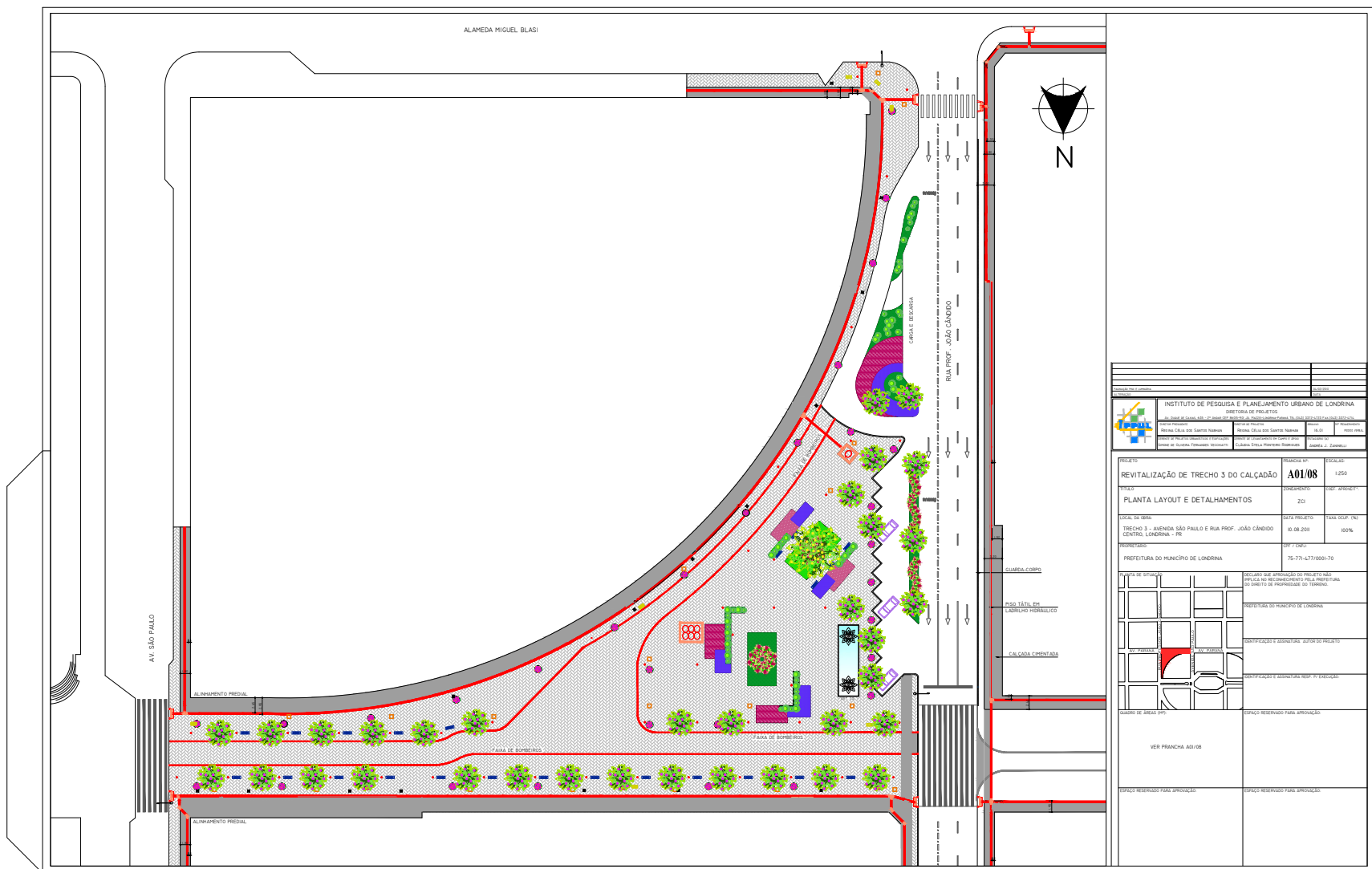
Nessas áreas, o projeto previu a substituição do pavimento original em *petit pavé* por *paver*, além da introdução de um novo conjunto de mobiliário urbano. Entre os elementos implantados, destacam-se canteiros retangulares dispostos em forma de L, que funcionam como floreiras elevadas, bancos também de formato retangular, e um sistema de iluminação e vegetação dispostos de maneira ritmada ao longo do antigo eixo da avenida Paraná.

Comparativamente aos projetos anteriores, especialmente os das décadas de 1970 e 1990, a proposta de 2011 rompe com a linguagem formal e simbólica anteriormente adotada. Não há continuidade em relação aos quiosques implantados nos trechos anteriores, tampouco nos formatos dos bancos, floreiras, lixeiras ou nas luminárias estilizadas em forma de araucária, que haviam se tornado elementos característicos da identidade visual do Calçadão.

Adicionalmente, observa-se uma significativa alteração na configuração espacial da Praça Gabriel Martins [Fig. 184], cuja face oeste seria recortada para a criação de vagas de estacionamento de veículos, comprometendo a integridade do desenho original da Praça e reduzindo sua área de uso público. Tais mudanças evidenciam

uma abordagem mais funcionalista e menos comprometida com a preservação da memória urbana, marcando uma inflexão no tratamento do espaço público central de Londrina.

Figura 184 – Projeto do trecho 3 da Praça Gabriel Martins, 10 de agosto de 2011



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Contudo, essa tentativa de reinterpretação apresenta limitações significativas. O contraste cromático entre os diferentes tons de *paver* utilizados não reproduz com fidelidade o efeito visual das pedras em preto e branco do *petit pavé*, comprometendo a legibilidade do desenho original tanto na escala do pedestre quanto em vistas aéreas. A percepção do padrão geométrico, que anteriormente se destacava como elemento identitário do espaço, torna-se difusa e menos reconhecível.

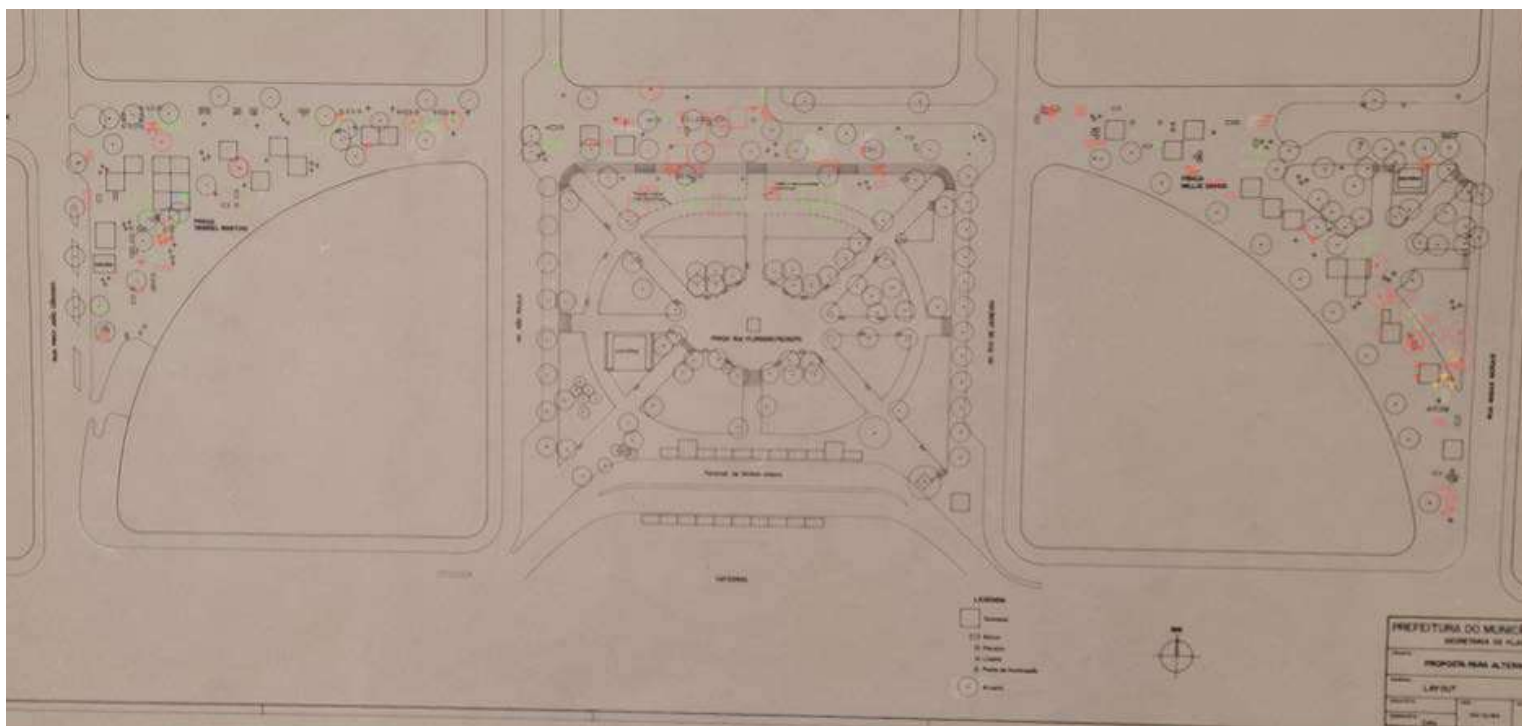
Além disso, a alteração na escala dos materiais (com blocos de dimensões maiores e formas distintas) contribui para o enfraquecimento da memória visual do Calçadão. A substituição do *petit pavé*, cuja textura e composição artesanal carregavam forte valor simbólico e afetivo, por um material industrial padronizado, representa uma ruptura com a materialidade histórica do lugar, afetando a continuidade da paisagem urbana e a relação de pertencimento dos usuários com o espaço.

Além disso, observa-se uma reconfiguração significativa na interface entre o Calçadão e a Praça. Parte das grandes floreiras elevadas, anteriormente utilizadas como elementos de contenção e paisagismo, foi removida para dar lugar à implantação de rampas de acesso. Essa alteração visa melhorar a acessibilidade ao interior da Praça, atendendo às exigências de mobilidade urbana e inclusão,

contudo implicou na redução de elementos vegetais e na modificação da ambiência original local.

Outra grande modificação se deu com a retirada dos quiosques, que se deu início na década de 1990. A partir do mapa base de 1991 e a aerofoto de 2009, com comparações realizadas no levantamento cadastral realizado pela prefeitura em 1984 [Fig. 186], é possível perceber como os quiosques foram retirados aos poucos, até chegar à retirada completa nos anos de 2010 e 2011.

Figura 186 – Projeto do Calçadão, 1984



Fonte: Cadastro Municipal (2025), modificado pelos autores.

A comparação das estruturas existentes em 1991 com o levantamento realizado em 1984 [Fig. 187] apresenta a permanência em azul de algumas estruturas e o acréscimo de novas (em preto). No trecho 3 (Praça Gabriel Martins), houve a retirada de aproximadamente quatro quiosques e manutenção de sete (sendo um formado por seis módulos). No trecho 4 (Praça Marechal Floriano Peixoto), houve a retirada de oito quiosques e a manutenção de seis, sendo que três estariam ainda alocadas na Praça Marechal Floriano Peixoto. No trecho 5 (Praça Willie Davids), houve a retirada de três quiosques e manutenção de nove (sendo um formado por três módulos).

Figura 187 – Comparação entre o Calçadão em 1984 e a mapa-base em 1991



Fonte: Cadastro Municipal (2025), modificado pelos autores.

Imagens do final da década de 1990 mostram a situação do Calçadão com os quiosques com alterações diversas nas coberturas e fechamentos laterais. Na Praça Willie Davids [Fig. 188] um dos quiosques contrasta a sua cobertura com pequenas cúpulas distintas das três abóbadas iniciais. Próximo à alameda Manoel Ribas, observa-se a banca de revistas Avenida com a cobertura inicial coberta por platibanda, bem como os bancos em madeira que são diferentes das tipologias de 1977 e 1993. Outra imagem também mostra a lanchonete Chopão com três módulos de quiosques, que se fechavam por completo para o transeunte da Praça Willie Davids, criando uma parede cega.

Figura 188 – Calçada da Praça Willie Davids, final da década de 1990



Fonte: Acervo do IPPUL (2025), modificado pelos autores (2025).

As imagens da Praça Marechal Floriano Peixoto, por sua vez, apresentam também a mudança no mobiliário dos bancos e lixeiras e a presença de ambulantes [Fig. 189].

Figura 189 – Barracas da Praça Marechal Floriano Peixoto, final da década de 1990



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Uma imagem da Praça Gabriel Martins mostra o monumento Boca Maldita [Fig. 190], os mesmos bancos em madeira e, entre os quiosques, o com estrutura diferente edificado em 1976 próximo à rua Professor João Cândido, com uso de floricultura [Fig. 191].

Figura 190 – Monumento Boca Maldita na Praça Gabriel Martins, final da década de 1990



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Figura 191 – Floricultura na Praça Gabriel Martins (quiosque de 1976), final da década de 1990



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Em maio de 2000, foi inserido um monumento no calçadão da Praça Gabriel Martins [Fig. 192], composto por uma rocha basáltica irregular com placa de bronze que traz a inscrição “Pé vermelho, mãos limpas! Este é um marco da resistência da sociedade organizada pela moralização na administração pública de Londrina. Movimento pela moralização na administração pública de Londrina. Londrina, maio de 2000”. (Siglon, M10, 2019)

Figura 192 – Monumento “Pé Vermelho, Mãos Limpas”, 2017



Fonte: Siglon, M10 (2019).

Por fim, a comparação com a aerofoto de 2009 permite ver a diminuição dos quiosques nos três trechos do calçadão, ainda antes da renovação completa. Dos sete quiosques do trecho 3, ficaram apenas quatro (um com seis módulos), sendo um novo. Dos seis quiosques do trecho 4, restou apenas um. Dos nove quiosques do trecho 5, apenas quatro permaneceram (sendo um com quatro módulos). A situação anterior à grande intervenção de 2010 pode ser confirmada também em outras imagens [Fig. 193 a 195].

Figura 193 – Comparação entre o Calçadão em 1991 e aerofoto de 2009



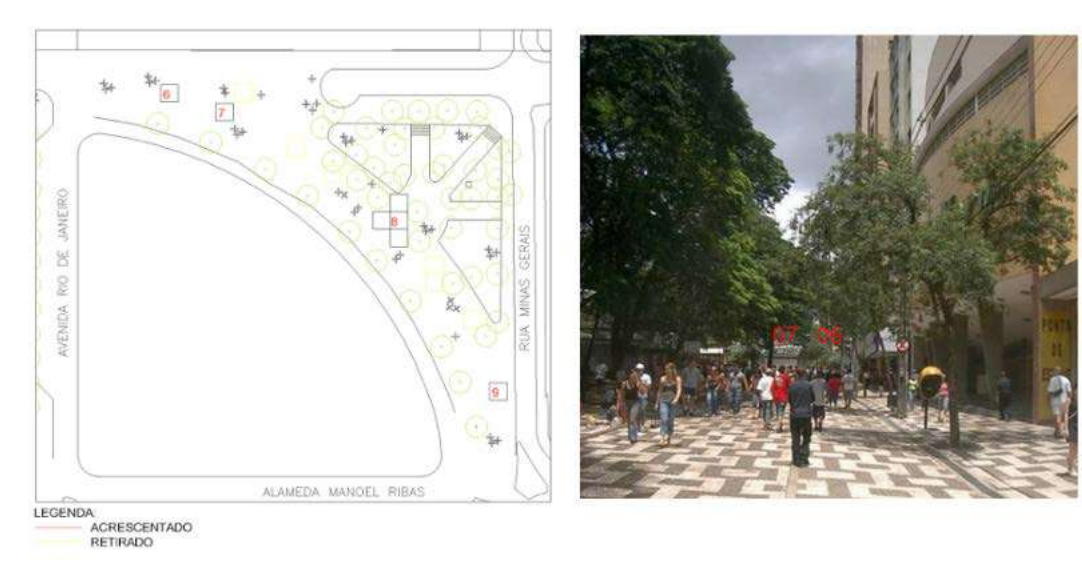
Fonte: Edição autores (2025).

Figura 194 – Situação da Praça Gabriel Martins antes da intervenção de 2010



Fonte: [imagem 1] Faria (2019); [imagem 2] Calçadão [200-]; [imagem 3] Londrina de antigamente, Facebook (2016); [imagem 4] Maciel (2010); [imagem 5] Autores (2025).

Figura 195 – Situação da Praça Willie Davids antes da intervenção de 2010



Fonte: [imagem 1] Autores (2025); [imagem 2] Calçadão [200-].

A remoção definitiva de todos os quiosques começou em 2010 e foi realizada a conta-gotas ao longo de aproximadamente um ano e meio. No início gerou resistência por parte dos comerciantes, que questionaram a legalidade das notificações de desocupação emitidas pelo Município. Houve uma solicitação de esclarecimentos sobre o embasamento legal dessas notificações pelo então vereador Marcelo Belinati Martins, por meio do Pedido de Informação n.º 46/2010 (Câmara Municipal de Londrina, 2010).

Em julho de 2010, três quiosques foram demolidos no Calçadão (Leão, 2010), somando-se a outros dez que já haviam sido removidos anteriormente. A ação foi conduzida pela Companhia Municipal de Trânsito e Urbanização (CMTU), sob a justificativa de requalificação do espaço público e cumprimento do projeto de revitalização. No entanto, a medida gerou forte indignação entre os comerciantes, que alegaram falta de diálogo e dificuldades para a realocação de seus negócios.

Nos meses seguintes, o processo avançou gradualmente, resultando na desocupação de mais alguns quiosques (Corneli, 2010). De acordo com a notícia, em alguns casos, houve resistência judicial, como no caso da floricultura Mercado das Flores, cujo proprietário obteve liminar para continuar operando temporariamente.

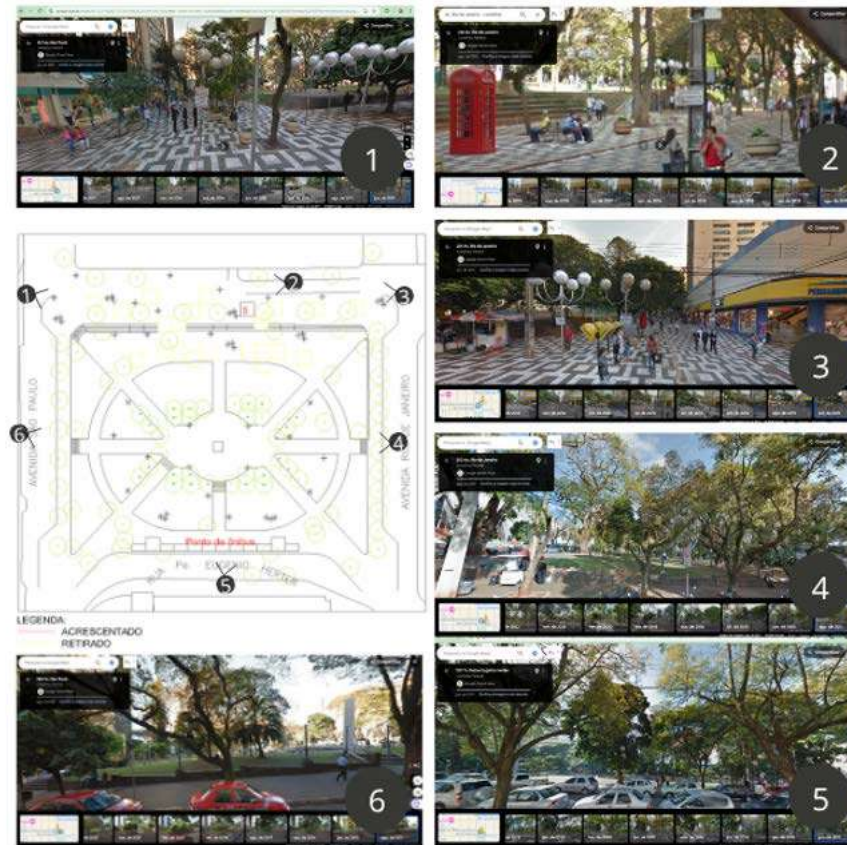
A última etapa da remoção ocorreu em junho de 2011 [Fig. 196 a 198], quando o último quiosque remanescente foi demolido. Esse quiosque permaneceu ativo por mais tempo devido à liminar concedida pelo Tribunal de Justiça do Estado, que posteriormente foi revogada, permitindo à CMTU concluir o processo (Retirado [...], 2011). A retirada dos quiosques alterou significativamente a configuração do Calçadão, eliminando estruturas que haviam se tornado parte da paisagem urbana por décadas, impactando comerciantes que dependiam desses espaços para sua subsistência.

Figura 196 – Situação da Praça Gabriel Martins no início da obras, julho de 2011



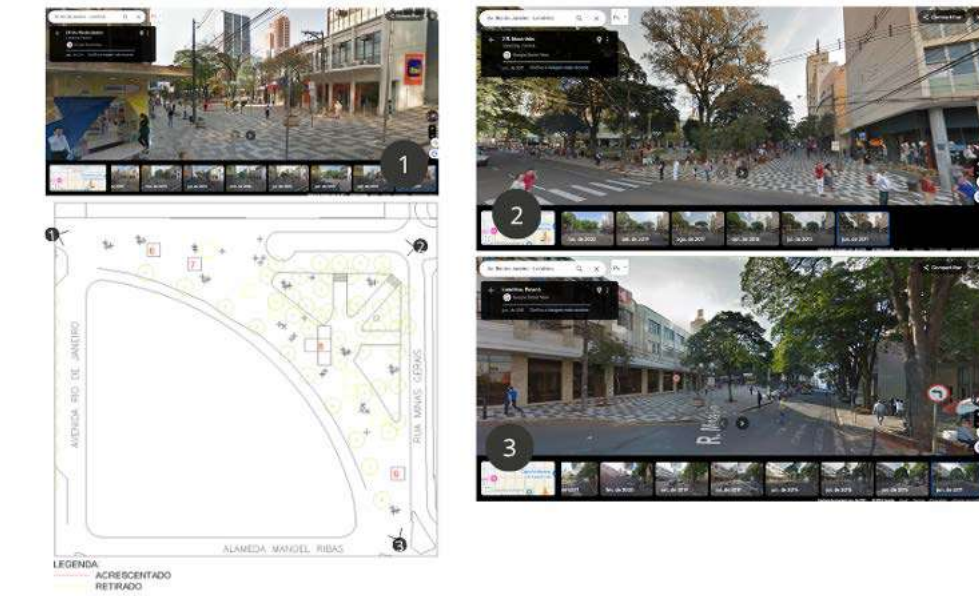
Fonte: [imagem 1] Google Street View (2011i); [imagem 2] Google Street View (2011e); [imagem 3] Google Street View (2011f); [imagem 4] Autores (2025)

Figura 197 – Situação da Praça Marechal Floriano Peixoto (sem quiosque), 2011



Fonte: [imagem 1] Google Street View (2011f); [imagem 2] Google Street View (2011l); [imagem 3] Google Street View (2011k); [imagem 4] Google Street View (2011n); [imagem 5] Google Street View (2011a); [imagem 6] Google Street View (2011m); [imagem 7] Autores (2025)

Figura 198 – Situação da Praça Willie Davids (sem quiosque), 2011



Fonte: [imagem 1] Google Street View (2011j); [imagem 2] Google Street View (2011b); [imagem 3] Google Street View (2011h); [imagem 4] Autores (2025).

As modificações no Calçadão continuaram durante a gestão de Alexandre Lopes Kireeff (2013–2016). Os projetos executivos de 2013 do trecho 4 [Fig. 199 a 201], trazem mais detalhes do estado em que se encontrava o Calçadão no momento da revitalização, inclusive com a existência de uma área elevada cimentada, que anteriormente tinha sido usada para locar o quiosque do local ainda em funcionamento, em 2009 (quadrado branco). Além disso, algumas árvores são retiradas da parte central (em amarelo) ou realocadas (em vermelho) para facilitar o percurso dos bombeiros. O mobiliário de luminárias, banco, lixeiras são renovados, retirando por completo as luminárias globos que até então tinham se mantido do projeto inicial do Calçadão e algumas áreas são acrescentadas como áreas de orelhão, bebedouro e paraciclo.

Figura 200 – Projeto

LEGENDA- PLANTA EXISTENTE			LEGENDA- PLANTA EXISTENTE			LEGENDA- PLANTA EXISTENTE		
		QTDES			QTDES			QTDES
	CABINE TELEFÔNICA	01		TUBULAÇÃO - ÁGUA	01		LUMINÁRIAS À RETIRAR	08
	INSPEÇÃO SANEPAR	08		INSPEÇÃO / TAMPA	11		BASE ELEVADA À RETIRAR	01
	INSPEÇÃO COPEL	04		TUBULAÇÃO	02		BANCOS À RETIRAR	03
	INSPEÇÃO TELEFÔNICA	02		PARACLICO	06		FLOREIRAS À RETIRAR	13
	HIDRANTE	03		LIXEIRAS À RETIRAR	08		ORELHÃO À RETIRAR	12
	INSPEÇÃO INCÊNDIO	02		POSTES EXISTENTES	05		ÁRVORES EXISTENTES	27
	VENTILAÇÃO	03		POSTE VIDEO VIGIA	01		ÁRVORES À RETIRAR	05
	INSPEÇÃO SANEPAR	06		BOCA DE LOBO	04		ÁRVORES À RELOCAR	01
	INSPEÇÃO GVT	01		SINAL	02			
	HIDRANTE	01		GRELHA GRANDE	01			
	INSPEÇÃO / TAMPA	07		POSTES À RETIRAR	01			
	ENTRADA DE ESTACIONAMENTO	01						
	RAMPA	04						

Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

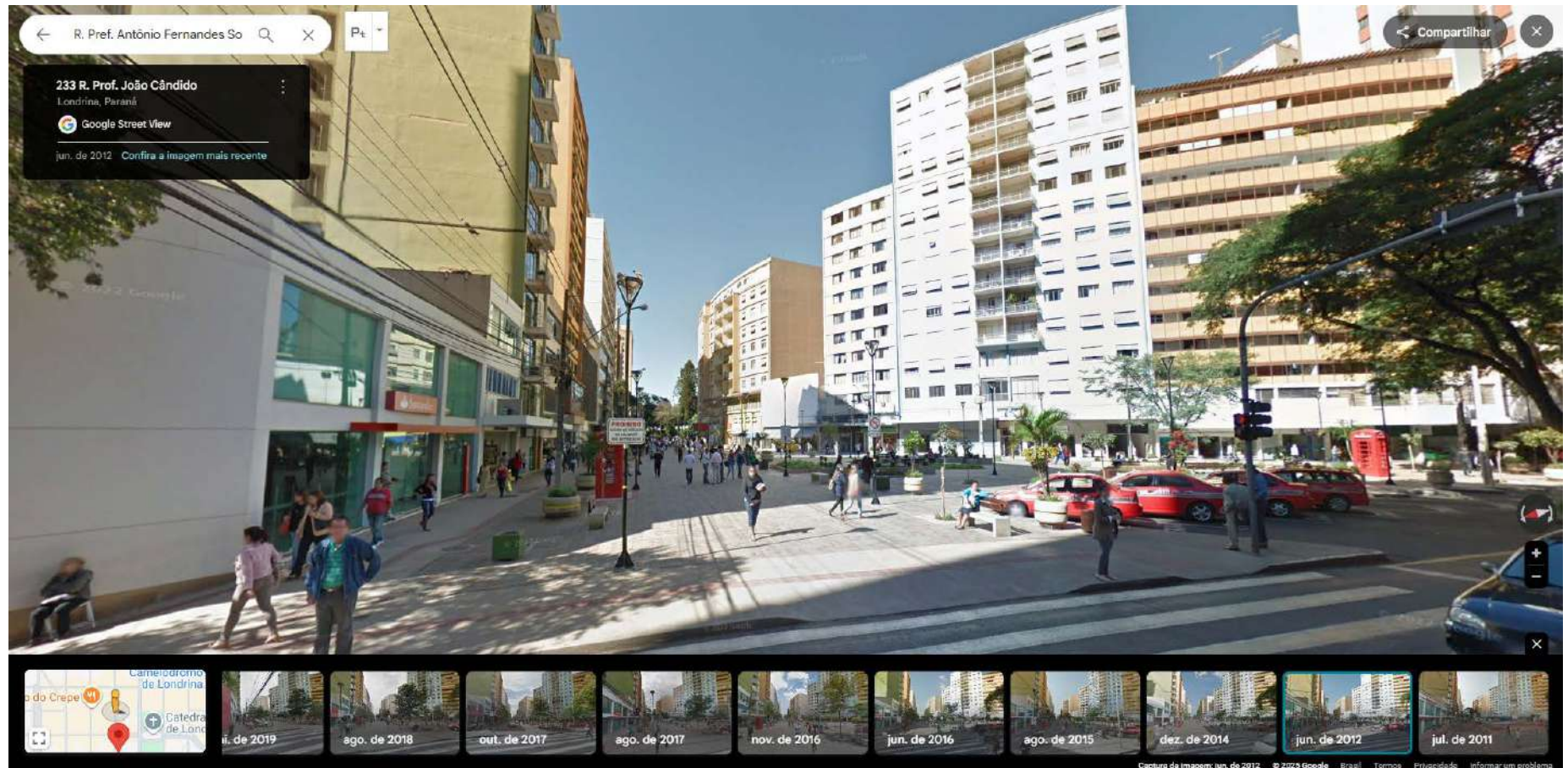
Figura 201 – Projeto

LEGENDA- PLANTA PROPOSTA		QTDES			
	FLOREIRAS À IMPLANTAR SOBRE CANALETA	16		CABINE TELEFÔNICA ACESSÍVEL	1
	ÁRVORES À IMPLANTAR	3		GRELHA EM CONCRETO	24
	LUMINÁRIAS À IMPLANTAR	21		BEBEDOURO	3
	PLACAS	4		CORRIMÃO	2
	SEMÁFORO	2		CANALETA DE ÁGUAS PLUVIAIS	
	BANCOS À IMPLANTAR	36		PISO CIMENTADO ALISADO	
	ORELHÃO	12		PISO TÁTIL DIRECIONAL E ALERTA	
	LIXEIRA À IMPLANTAR	14			
	PARACILCO	10			

Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

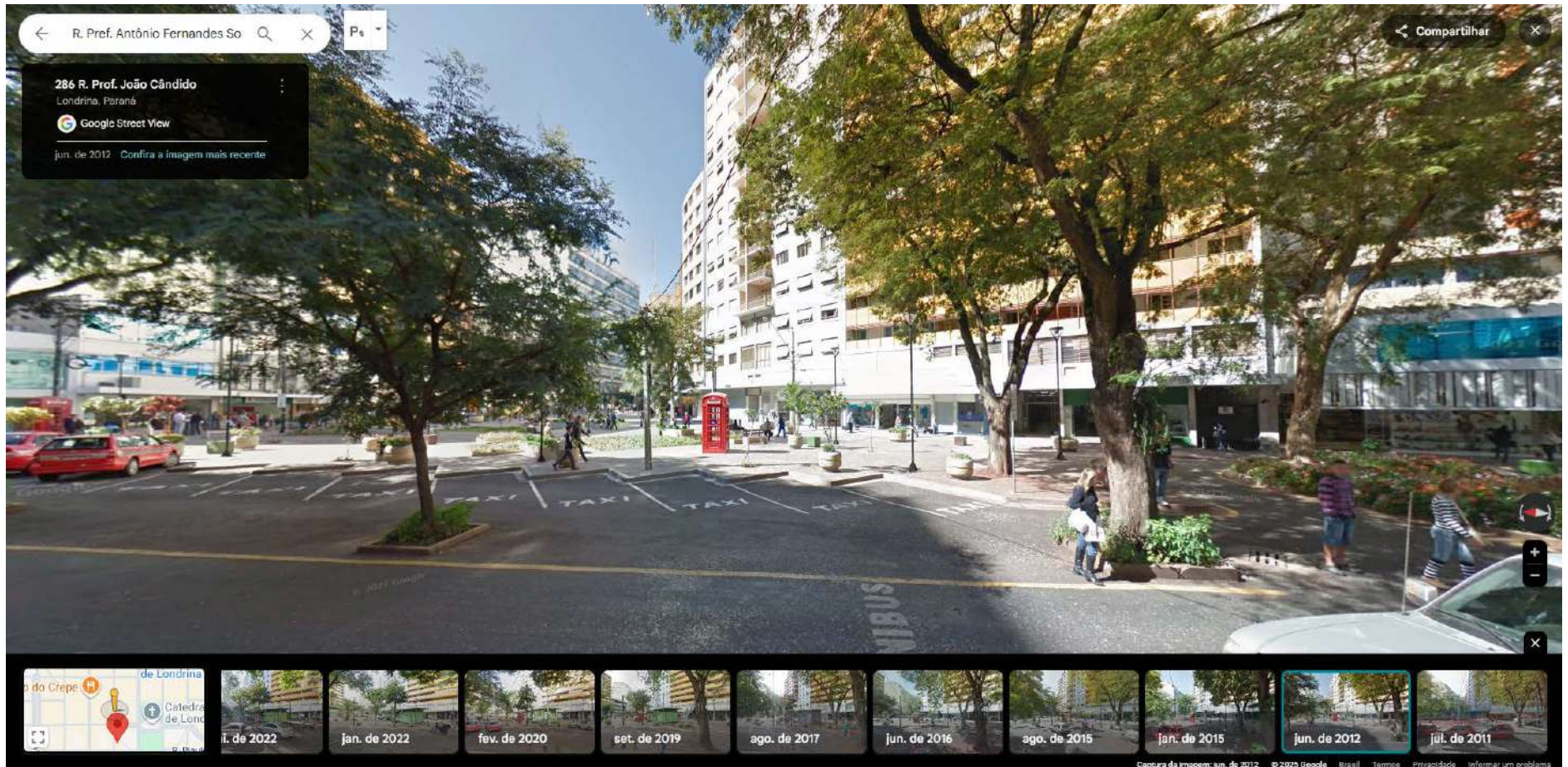
Imagens de 2012 [Fig. 202 e 203] já mostram o calçadão da Praça Gabriel Martins finalizado. Nas imagens é possível observar que o desenho formado pelo paver, embora lembre o do antigo calçadão, quase não é mais perceptível. Podem-se ver os mobiliários novos como o banco de concreto com encosto em madeira, a manutenção das floreiras redondas de 1993 e floreiras novas retangulares, novas luminárias de uma lâmpada e um orelhões com tipologia de Londres.

Figura 202 – Praça Gabriel Martins após intervenção, 2012



Fonte: Google Street View (2012a).

Figura 203 – Vista da Praça a partir da rua Prof. João Cândido, 2012

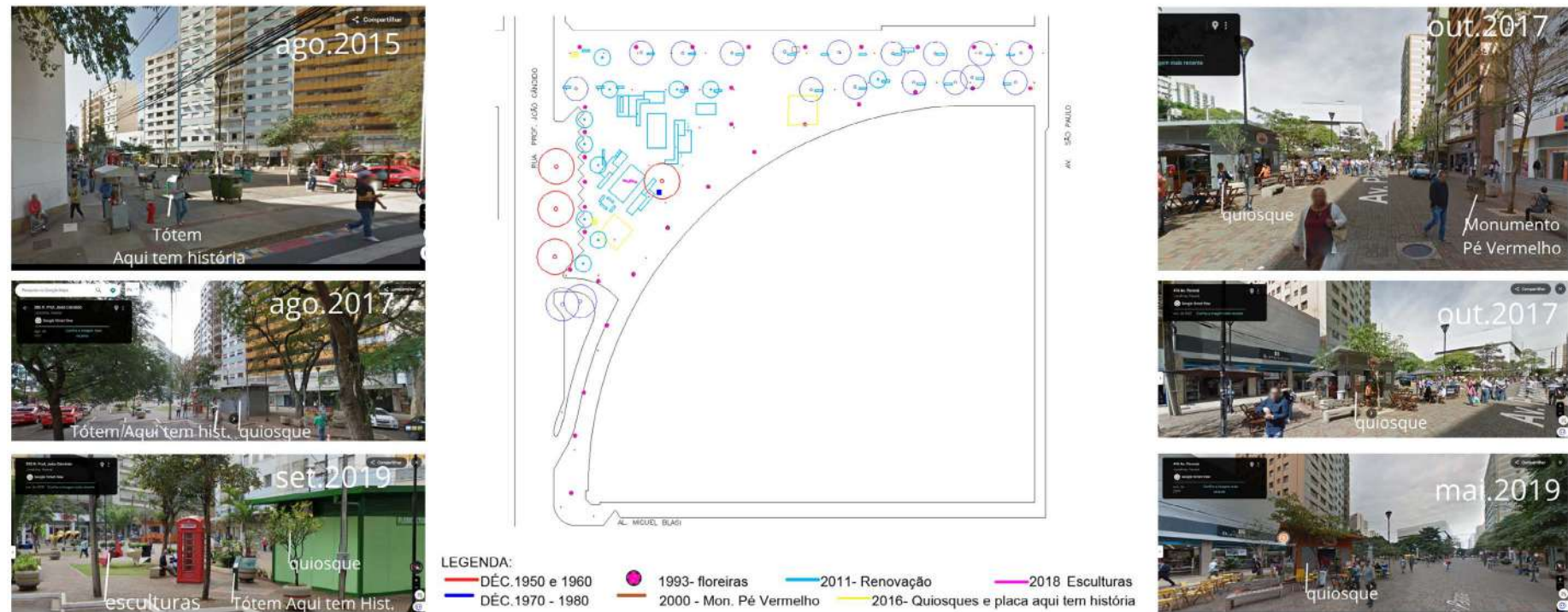


Fonte: Google Street View (2012b).

Em agosto de 2015, foram inseridos dois totens “Aqui Tem História” próximos à rua Prof. João Cândido. No final de 2016, observa-se a retomada da proposta de instalação de quiosques na Praça Gabriel Martins. Em novembro do mesmo ano, dois quiosques metálicos começaram a ser construídos: um nas proximidades da rua Prof. João Cândido e outro próximo à avenida São Paulo . O quiosque junto à rua Prof. João Cândido

funcionou como floricultura até 2024 e, atualmente, abriga um posto da Guarda Municipal. Já o quiosque próximo à avenida São Paulo segue em uso como lanchonete “Gente Boa”. Em 2017, os quiosques já estavam em funcionamento. Em 2018 foram inseridas esculturas n.º 1 e n.º 2 da série “1000 Tsurus by Carlos Kubo” ao lado do quiosque próximo à rua Prof. João Cândido. Em 2019 os quiosques aparecem pintados: o da lanchonete aparece pintado de laranja e o da floricultura, de verde. Até 2022 as imagens aparecem ainda com os mobiliários da Praça (bancos e floreiras) com o material em concreto aparente. Em setembro de 2019 os encostos dos bancos em madeira são pintados com uma cor escura [Fig. 204].

Figura 204 – Evolução da Praça Gabriel Martins, [201-]



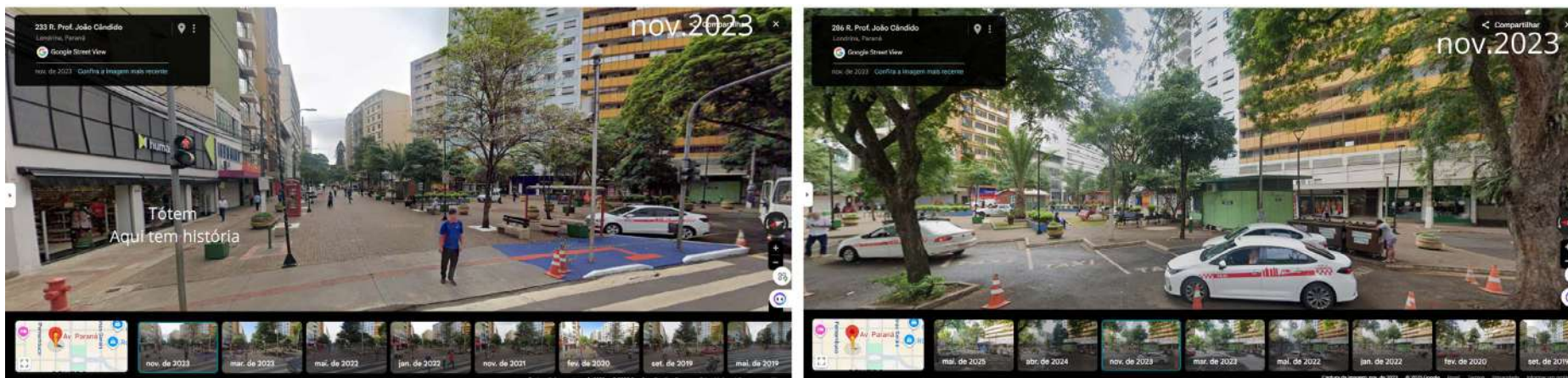
Fonte: [imagem 1] Google Street View (2015c); [imagem 2] Google Street View (2017a); [imagem 3] Google Street View (2019c); [imagem 4] Autores (2025); [imagem 5] Google Street View (2017b); [imagem 6] Autores (2017c); [imagem 7] Google Street View (2019a).

O local passou por uma série de modificações durante sua existência, sendo poucos os vestígios do seu período inicial da década de 1950, ficando apenas os exemplares das vegetações mais antigas. O traçado inicial em tridente da Praça, junto com o mobiliário original como bancos, luminárias e lixeiras, foi renovado em 1976, quando se construiu o quiosque que abrigava a floricultura. Em 1977, o mobiliário foi novamente renovado, com a criação do grande projeto do Calçadão de Jaime Lerner. Nesse momento, o piso foi renovado para *petit pavé*, e foram inseridos novos bancos, floreiras, lixeiras, luminárias modelo araucária e quiosques, mantendo também um quiosque da intervenção de 1976. Entre as décadas de 1970 e 1980, surgiram árvores menores e o Monumento Boca Maldita, instalado em 1981 e ainda presente. Em 1993, o mobiliário urbano foi renovado, com bancos e floreiras de madeira substituídos por peças de concreto, das quais ainda restam as floreiras redondas. Em 2000, foi incluído o monumento “Pé Vermelho, Mãos Limpas”. Já em 2011, ocorreu uma reforma completa com mudanças no piso, luminárias, bancos, canteiros; e entre 2016 e 2018, houve a inclusão de dois quiosques, totens “Aqui Tem História” e esculturas artísticas.

Entre dezembro de 2020 e novembro de 2021, a cabine telefônica próxima ao quiosque da rua Prof. João Cândido foi retirada, e entre abril de 2024 e maio de 2025, a outra cabine telefônica com

referência a Londres foi retirada. Em março de 2023, as floreiras foram pintadas em cores primárias (azul, amarelo e vermelho). Imagens de setembro de 2023 revelam, além das floreiras, parte do piso próximo à esquina também sendo pintada [Fig. 205].

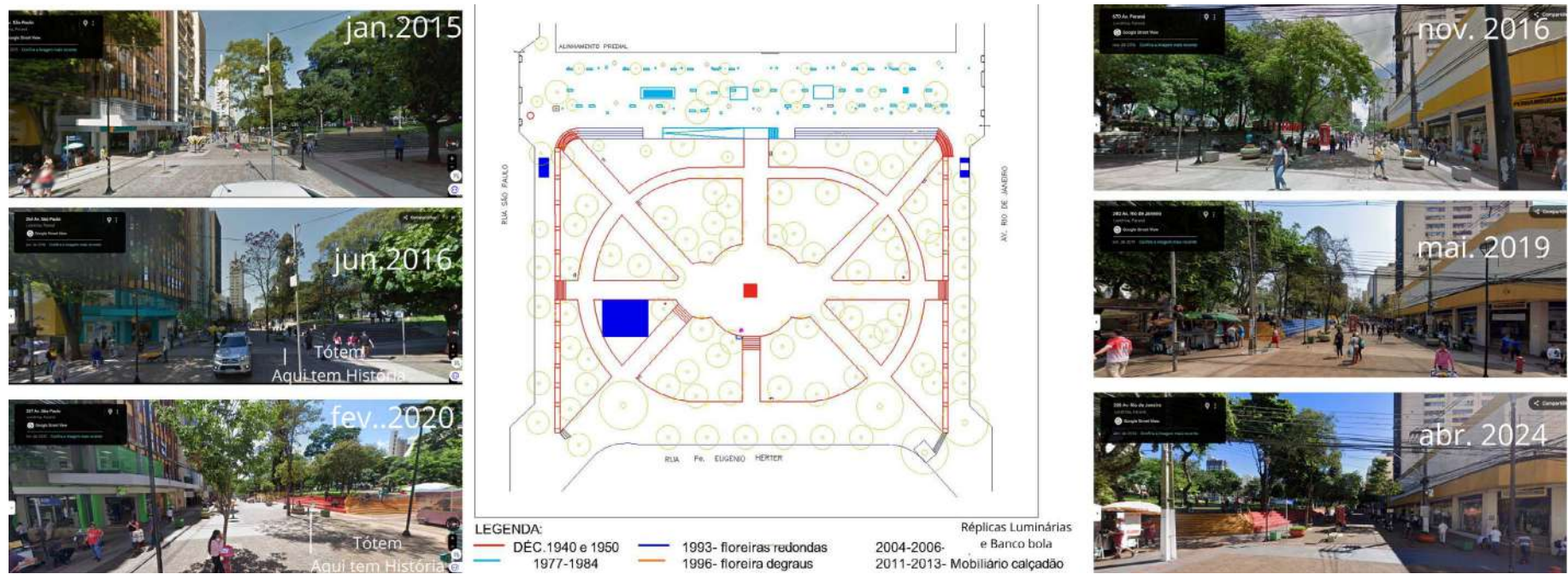
Figura 205 – Pinturas na Praça Gabriel Martins



Fonte: [imagem 1] Google Street View (2023b); [imagem 2] Google Street View (2023c).

Embora a intervenção na Praça Marechal Floriano Peixoto tenha sido finalizada em 2013, as imagens mais antigas do Google Street View são de 2015 e 2016 , sendo possível ver o projeto finalizado, com o mesmo mobiliário da Praça Gabriel Martins. Nas imagens, as floreiras que ficavam nas escadarias foram substituídas por uma escada arquibancada e uma rampa; as luminárias de um globo da praça aparecem pintadas com cores claras. Próximo à rua Minas Gerais, assim como na Praça Gabriel Martins, foi inserida uma placa “Aqui Tem História”. Em 2019, parte da arquibancada e escadaria da Praça Marechal Floriano Peixoto aparece pintada em amarelo e cinza . Em setembro de 2019, a arquibancada aparece pintada de azul e os “bancos bola” da Praça Marechal Floriano Peixoto, de vermelho. Além disso, aparecem barracas na Praça. A partir de 2020, a arquibancada fica vermelha, floreiras redondas também se tornam vermelhas e os bancos da Praça, amarelos [Fig. 206]. Em maio de 2025, o mobiliário voltou à cor de concreto e às cores cinza-escuro e claro nas escadarias e arquibancadas.

Figura 206 – Evolução da Praça Marechal Floriano Peixoto

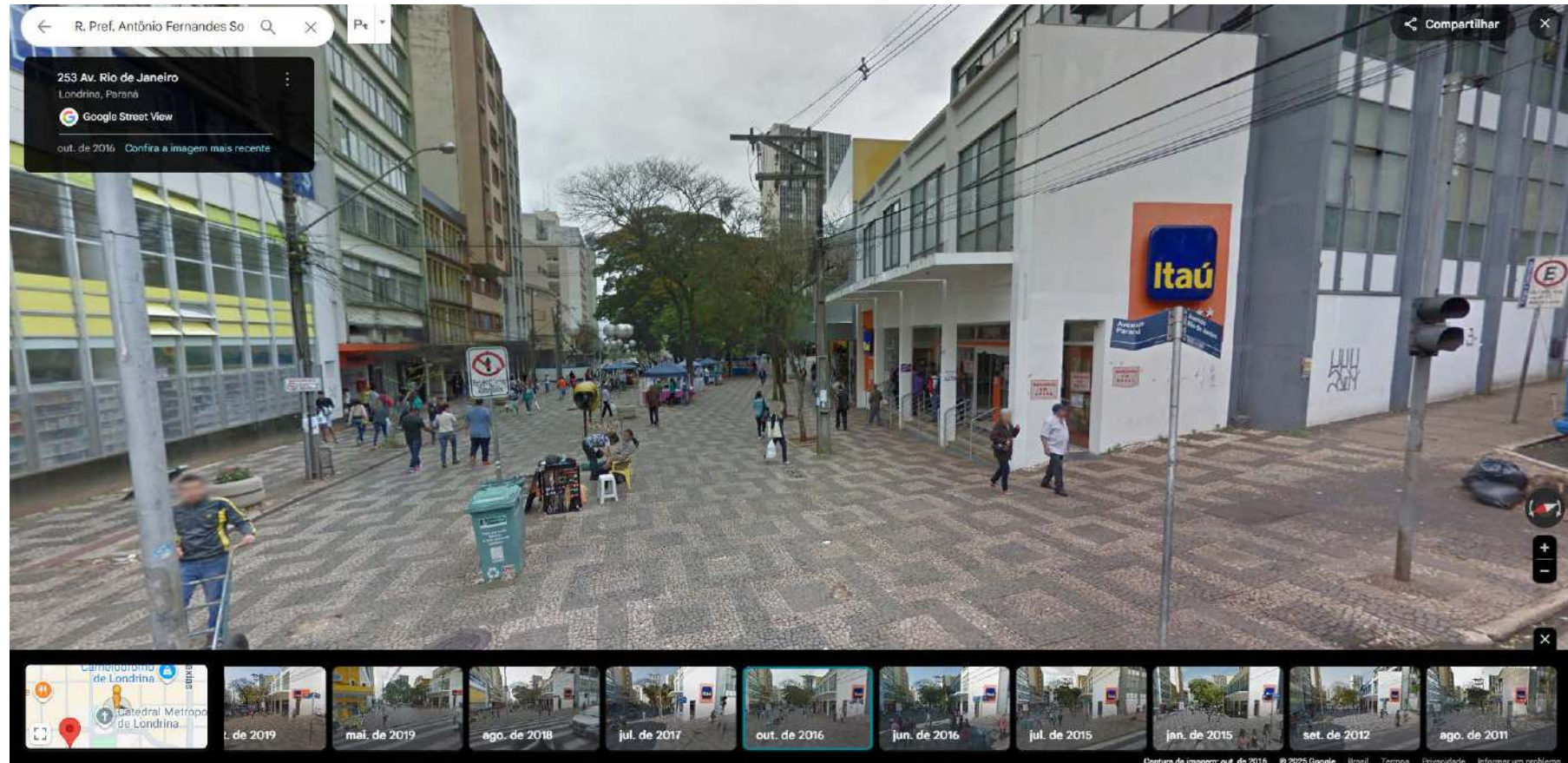


Fonte: [imagem 1] Google Street View (2015b); [imagem 2] Google Street View (2016a); [imagem 3] Google Street View (2020b); [imagem 4] Autores (2025); [imagem 5] Google Street View (2016h); [imagem 6] Google Street View (2019b); [imagem 7] Google Street View (2024b).

A praça Marechal Floriano Peixoto é a mais antiga do Conjunto Central, tem origem na década de 1940 e, apesar das reformas (especialmente em 1977), ainda conserva elementos originais como vegetação, traçado, escadarias, muros de arrimo e o monumento Altar da Pátria. Também permanecem estruturas implantadas em décadas posteriores, como pontos de táxi, sanitário e réplicas de bancos e luminárias dos anos 1940, além do mobiliário urbano de 2011, o piso em *paver* e a placa “Aqui Tem História” de 2016.

Imagens de 2016 mostram também o trecho 5, mas com o *petit pavé* e as luminárias da década de 1970 [Fig. 207] As imagens de 2024 também revelam as floreiras de concreto pintadas de vermelho no trecho 5, e posteriormente, em maio, voltaram a ser cinza. O levantamento sobre a situação atual do bem será aprofundado no próximo capítulo.

Figura 207 – Trecho 5 da Praça Willie Davids, 2016



Fonte: Google Street View (2016d).

5.3.3.2 Projeto de restauro do trecho 5 – Praça Willie Davids

Durante a execução das obras de revitalização dos trechos 3 e 4 do Calçadão, o trecho 5 (localizado em frente à Praça Willie Davids e ao Cine Teatro Ouro Verde) permaneceu inalterado. A razão para essa exceção está no fato de que o referido segmento integra a zona de entorno de

um bem tombado em nível estadual: o Cine Teatro Ouro Verde, cuja proteção foi oficializada em 8 de novembro de 1999, inscrição 126, processo 02/98.

De acordo com o parecer técnico emitido pelo órgão estadual de preservação responsável pelo tombamento, qualquer intervenção no trecho 5 deve ser previamente submetida à aprovação da instância patrimonial competente. Essa exigência reforça a importância da ambiência como dimensão fundamental da preservação, reconhecendo que a integridade de um bem cultural não se limita à sua edificação, mas se estende ao seu contexto urbano imediato. O parecer estabelece que a ambiência do bem tombado deve ser preservada conforme as características existentes no momento do tombamento, o que implica a manutenção dos elementos urbanos associados ao Projeto Centro, implantado na década de 1970.

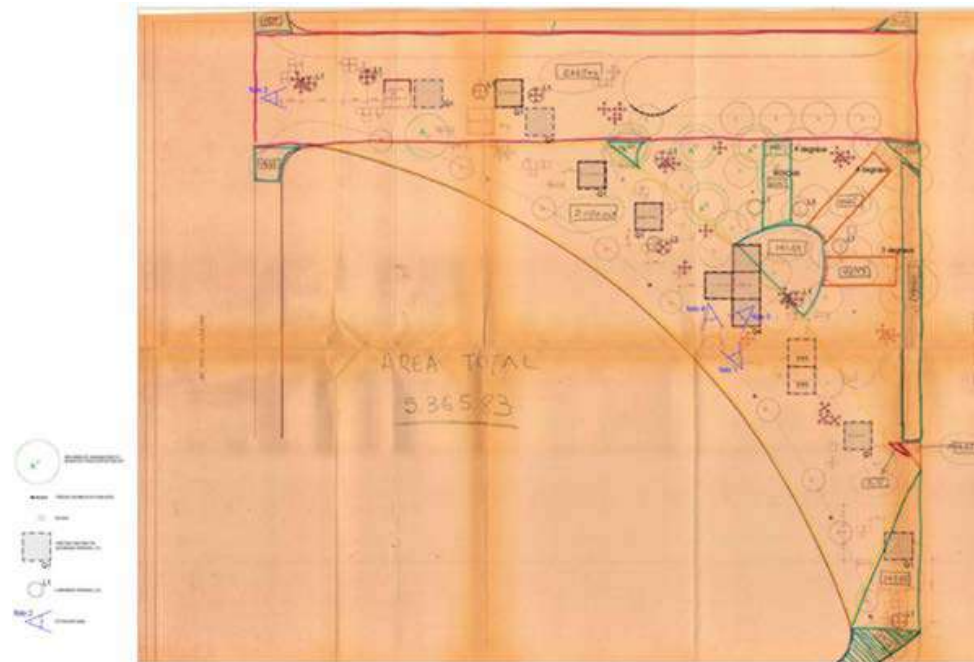
Considerando a importância de uma intervenção que valorize aspectos patrimoniais do trecho 5 do calçadão (Praça Willie Davids), em 16 de junho de 2016, o IPPUL apresenta à Secretaria Municipal de Cultura (SMC) um primeiro projeto de intervenção para o trecho 5, para manifestação e encaminhamento a Secretaria Estadual de Cultura. A SMC leva o projeto e a solicitação para o COMPAC, que cria uma Comissão Técnica para direcionar as revisões necessárias no projeto inicial.

Em 26 de setembro de 2016, foi entregue o relatório inicial da Comissão Técnica com análise dos elementos identitários do trecho 5 e diretrizes. Conforme o documento, “[...] a informação nº 024/14-CPC determina que as características e unidade paisagística original (referente ao projeto de 1977) devem ser mantidas, através da preservação especialmente do piso em *petitpavé* e do mobiliário urbano” (Relatório [...], 2016). Essas informações teriam sido ratificadas pelo órgão estadual de preservação, incluindo sugestão de que as recomendações fossem estendidas ao trecho 4 do Calçadão, o que não aconteceu, devido à modificação realizada entre 2011 e 2013.

O comitê solicitou documentos do Cadastro Municipal da Secretaria de Obras (SMOP), Arquivo Público, Museu Histórico e Arquivo do Instituto Jaime Lerner, sendo encontrado na época apenas um desenho no Cadastro e poucas imagens históricas no Museu. Ademais, buscou também informações sobre mobiliários remanescentes de 1977 no depósito da SMOP, no depósito da Diretoria de Patrimônio do Município e na CMTU sobre coberturas de táxi remanescentes de 1977, encontrando apenas algumas unidades no depósito da SMOP de um banco e uma floreira em péssimo estado de conservação e cerca de cinco coberturas de táxi (depois, mais duas foram encontradas) (Relatório [...], 2016).

Também foi realizada uma visita ao local para comparação da situação atual com os dados coletados, a fim de gerar diretrizes de intervenção para a área [Fig. 208]. A comparação da situação daquele momento (2016) com o projeto de 1977, identifica vestígios no piso dos antigos quiosques e as luminárias remanescentes no local. Além disso, reforça a importância do piso em *petit pavé*, da necessidade de reparos e restauração das luminárias, mesmo que em menores quantidades que o projeto original. As calçadas e escadas da Praça Willie Davids estavam compatíveis com os desenhos técnicos encontrados, assim como as árvores de maior porte. Os mobiliários urbanos (bancos, floreiras e lixeiras) estavam diferentes do projeto de 1977 e foram encontrados três monumentos na Praça em 2016: busto de Willie Davids, Monumento ao Corretor Imobiliário e Placa “Aqui Tem História”.

Figura 208 – Situação levantada em 2016



Fonte: Relatório [...] (2016).

Entre as recomendações iniciais do Comitê Técnico, destaca-se a solicitação de um levantamento detalhado da situação atual da Praça. Foi indicada a manutenção do piso em *petit pavé* com intervenções pontuais, aproveitando o caimento e a drenagem natural existentes. Recomendou-se também a análise da planta de 1977 como referência para a implantação do mobiliário urbano. No caso das luminárias remanescentes, sugeriu-se sua restauração, acompanhada da instalação de novas unidades conforme o projeto original. Quanto aos elementos não mais existentes, como quiosques, bancos e floreiras, recomendou-se a continuidade do debate técnico visando à formulação de diretrizes específicas para sua eventual reintrodução.

As discussões relacionadas às ações de intervenção no trecho 5 do Calçadão só foram retomadas em 2018, com a mudança do governo. Nesse segundo momento, foram realizados novos levantamentos pela equipe do IPPUL sobre os documentos históricos encontrados no Arquivo Público, Arquivo do Cadastro da Secretaria de Obras, Museu Histórico e Arquivo do Instituto Jaime Lerner. Além disso, foi formado um novo comitê de debate no COMPAC para o encaminhamento das diretrizes cabíveis no local.

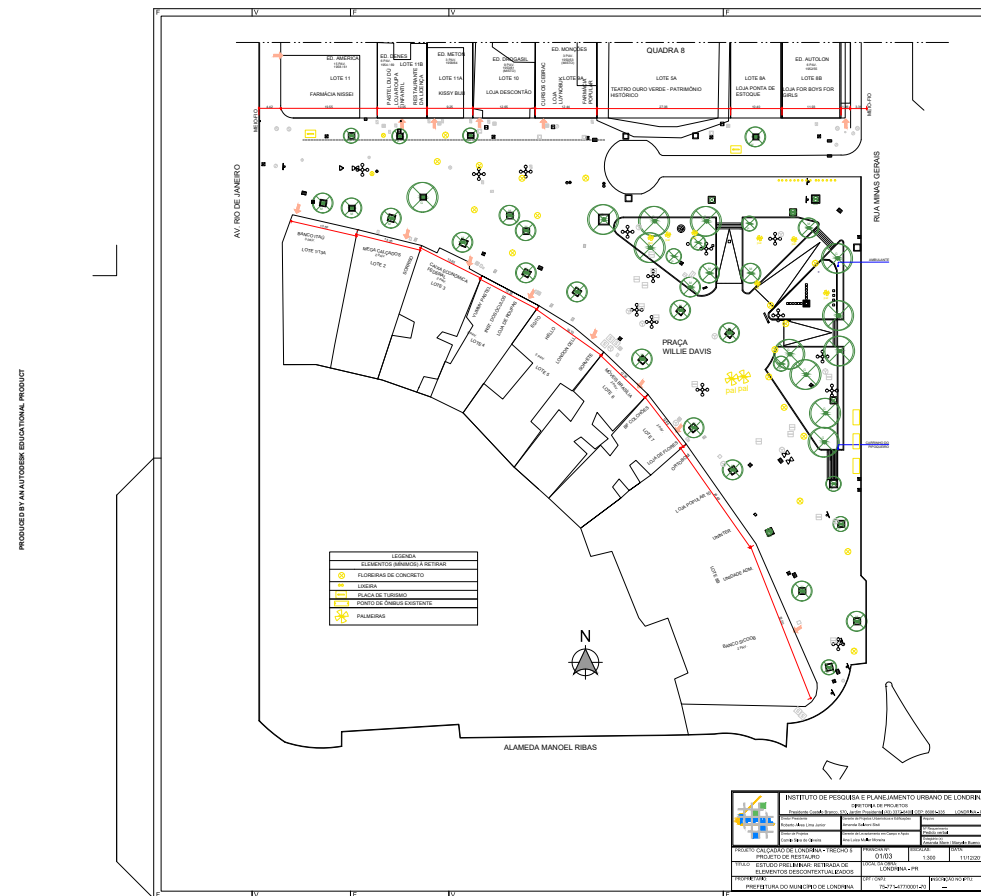
As reuniões do Comitê culminaram com a ata do dia 23 de novembro de 2018, com novas diretrizes. Propôs-se a requalificação do espaço urbano com base no projeto original de 1977, iniciando pela

retirada de floreiras, lixeiras e placas turísticas que não pertencem à proposta inicial. O piso em *petit pavé*, substituído em 1994, deveria ter sua base refeita, com reaproveitamento de materiais originais e inclusão de faixa tátil integrada, sem calçada de concreto, garantindo acessibilidade aos imóveis. Recomendou-se a contratação de projeto de drenagem para manutenção das galerias pluviais e do *cul-de-sac* com meio-fio em frente ao Cine Ouro Verde.

Quanto ao mobiliário urbano, as luminárias deveriam ser preservadas e recuperadas, com possível substituição por LED amarelo, reinstaladas em agrupamentos e altura original, a iluminação viária pode ser nova desde que não acabe competindo com as originais. Bancos, lixeiras e floreiras deveriam seguir a disposição orgânica do projeto, com avaliação de materiais, divisores de resíduos e proteção superior. Os quiosques poderiam ser reinstalados próximos à localização original, reaproveitando estruturas existentes e acompanhados de manual técnico. Pontos de ônibus e paraciclos deveriam seguir o padrão atual do município. No paisagismo, recomendou-se a retirada de espécies exóticas e manutenção da vegetação, buscando resgatar cores e portes originais conforme registros históricos. Por fim, os monumentos deveriam ser conservados, com reinstalação da placa do Monumento ao Corretor Imobiliário (Ata 4 [...], 2018).

Em dezembro do mesmo ano, o IPPUL elaborou um estudo preliminar para o trecho. Na planta de “Elementos a retirar” [Fig. 211], os itens indicados para a retirada são representados em amarelo, são eles: floreiras de concreto, lixeira, placa de turismo, ponto de ônibus e palmeiras. Nota-se que os elementos estão de acordo com a discussão e diretrizes produzidas pelo COMPAC.

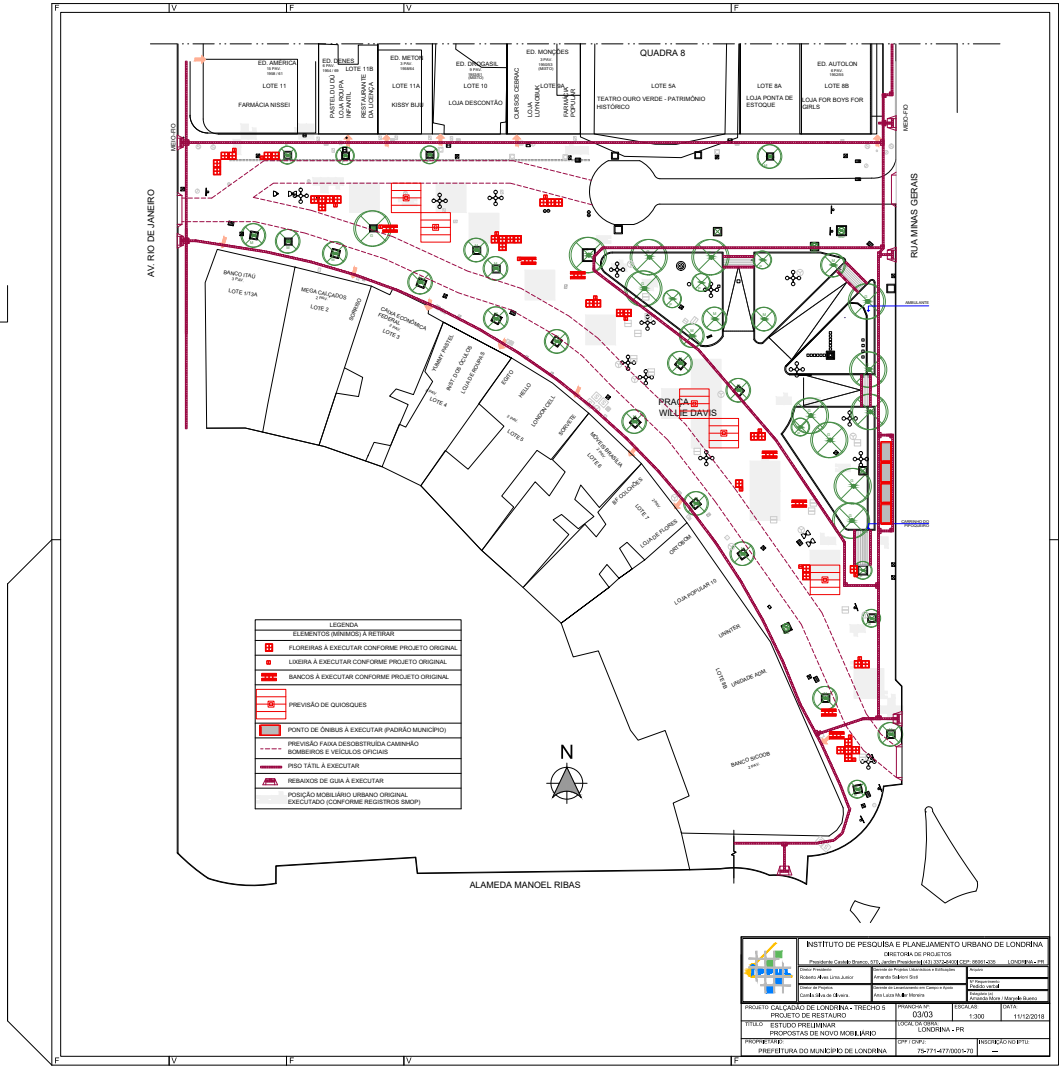
Figura 211 – Elementos a retirar do trecho 5 da Praça Willie Davids



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Outra prancha que compõe o Estudo Preliminar é a de “Elementos a implantar” [Fig. 212], na qual esses elementos estão destacados na cor vermelha. A legenda aponta que esses elementos são: floreiras, lixeiras, bancos (com indicação de execução “conforme projeto original”), além de previsão de quiosques, pontos de ônibus, piso tátil, faixa para bombeiro, e rebaixo nas guias das calçadas. Nesse caso, “projeto original” refere-se ao projeto do Calçadão executado na década de 1970. Além disso, houve um mapeamento da posição original dos mobiliários urbanos. Os quiosques previstos estão distribuídos pelo local (mas não na localização original) e totalizam cinco unidades, mantendo uma implantação parcialmente “serpenteante”, com eixos diagonais entre os quiosques. A distribuição dos elementos foi pensada de forma a não ficar na faixa desobstruída para os bombeiros, o que acaba gerando eixos livres que remontam à configuração urbana inicial.

Figura 212 – Elementos a implantar do trecho 5 da Praça Willie Davids



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

As discussões sobre a intervenção no trecho 5 do Calçadão só vão ser retomadas em 2021. Nos anos de 2018 e 2021, o COMPAC, em conjunto com o IPPUL, esteve envolvido em diferentes momentos da discussão sobre as intervenções urbanas nesse trecho. Apesar das mudanças na composição do Conselho e nas circunstâncias políticas e técnicas, é possível perceber elementos de continuidade e aprofundamento nas diretrizes construídas ao longo desses anos.

Em 2018, o COMPAC apresentou uma primeira série de diretrizes para o trecho 5 do Calçadão, buscando resguardar a identidade visual e o caráter público do espaço. As preocupações centrais estavam voltadas à preservação do projeto original de Jaime Lerner de 1977, em respeito à configuração dos eixos de circulação e de estar, e à manutenção de elementos como o mobiliário urbano, piso, floreiras e luminárias. O foco estava na manutenção da ambiência, valorizando o Calçadão como um espaço de convivência, memória coletiva e representação da vida urbana londrinense.

Já em 2021, no contexto de um novo ciclo de intervenções promovido pela prefeitura e sob a coordenação do IPPUL, o COMPAC retomou essas diretrizes, agora com base em um projeto mais consolidado para contratação de empresa e elaboração executiva. Os debates foram aprofundados, especialmente em relação à qualificação da metodologia de intervenção, à definição das camadas históricas do

espaço (compreendendo desde a década de 1930 até os dias atuais) e à hierarquização dos elementos urbanos com base em critérios de restauro (luminária), conservação (traçado em tridente da praça e piso em *petit pavé*), reconstrução/ réplica (luminária, quiosque, banco, floreira e lixeira) e reforma (drenagem, caixas elétricas e luminotécnica busto e fachada Ouro Verde).

Nos resumos das reuniões realizadas em 2021, foi reforçada a hierarquia dos elementos para orientar os níveis de intervenção. Em primeiro lugar, o piso e as luminárias deveriam ser restaurados com adequações técnicas ou réplicas fiéis ao projeto original. Em seguida, os bancos deveriam ser replicados com ajustes conforme as normas técnicas vigentes (NBR). As coberturas poderiam ser reproduzidas com adição ou subtração de elementos contemporâneos, incluindo possíveis fechamentos transparentes ou translúcidos, além de infraestrutura moderna como Wi-Fi. Floreiras, paisagismo e lixeiras deveriam manter a aparência original, mas com modernização interna e integração de novos elementos na implantação. Grelhas, tampas de inspeção, pontos de ônibus e bicicletários deveriam ser substituídos e atualizados conforme padrões atuais. Por fim, travessias elevadas, piso tátil, totens e recursos informativos virtuais representariam inovações necessárias para atender às demandas físicas e de acessibilidade contemporâneas, conforme diretrizes do IPPUL (2021).

As recomendações específicas das luminárias dão prosseguimento às diretrizes de 2018, com restauro da estrutura existente (nos gramados) e inserção de novas seguindo projeto inicial, mas em quantidade suficiente para iluminação baixa no local, dessa vez sugerindo a manutenção da iluminação viária preexistente e a inserção de novas iluminações na fachada do Ouro Verde e do busto Willie Davids, bem como a inserção de caixas de inspeção subterrâneas sem tampa. Em relação às caixas de força, recomendou-se utilizar modelo diferente de 2018, e estudar a possibilidade de enterrar a fiação aérea.

Em relação ao piso em *petit pavé*, surgiram duas posições divergentes. A primeira defendia sua reconstrução, com preservação do desenho original, sobre base rígida regularizada, acompanhada de um novo sistema de drenagem, com atualização das grelhas metálicas e adequação da acessibilidade aos comércios. Essa proposta incluía a modernização da infraestrutura voltada à acessibilidade. A segunda propunha a manutenção do piso existente, sem alterações no material ou em sua base, valorizando as marcas do tempo como parte da memória do local.

Quanto ao tratamento dos bancos, novamente surgem posições divergentes. Uma propunha a criação de novos bancos com estrutura chumbada ao piso, pintura preta, altura conforme norma e assento inclinado, utilizando espaçadores apenas na fixação da madeira.

Quanto aos materiais, foi sugerido o uso de peroba (conforme o projeto original) ou eucalipto autoclavado com *stain* pigmentado, com foco na sustentabilidade. A outra posição defendia a reconstrução fiel dos bancos originais, mantendo as dimensões, a inclinação do assento e os materiais em ferro e madeira. Além disso, foi levantada a necessidade de garantir um grau mínimo de distinguibilidade entre as peças novas e as remanescentes, de modo a evitar a criação de um falso histórico.

Sobre as floreiras, as recomendações de 2021 defendem “[...] manter o visual externo do projeto, mas adotar apoio conforme o do banco executado. A parte interna, pode ser uma adaptação para melhorar a manutenção. Utilizar vasos para fácil substituição e utilizar plantas arbustivas” (IPPUL, 2021).

Sobre os quiosques, defendia-se a construção de novas estruturas que seguissem a modulação do projeto do Jaime Lerner, mesmo em proporções menores. Além disso, inicialmente foram propostos pergolados com alusão a estrutura dos quiosques originais (sem cobertura), depois, se necessário, coberturas, e por fim, caso houvesse necessidade de fechamentos, inserção de “fechamentos transparentes e limites definidos de vedação opaca” (IPPUL, 2021).

Quanto à inserção de novos elementos, como banheiros, considerou-se desnecessária a implantação, em função da proximidade com os sanitários da Praça Marechal Floriano Peixoto. A instalação de

paraciclos foi condicionada à verificação da demanda real. Em relação ao ponto de ônibus existente, não foram apresentadas novas diretrizes.

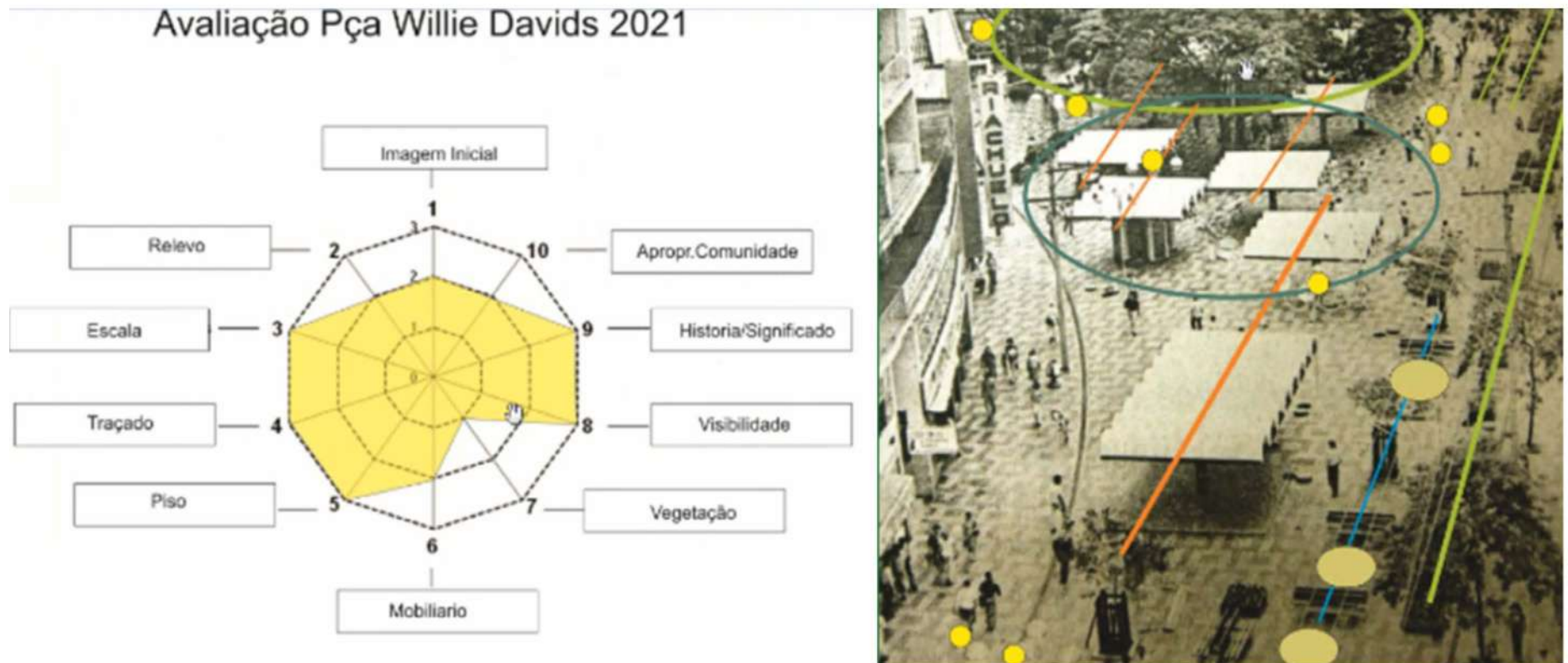
Em relação ao paisagismo, a recomendação de 2021 retomava a ambiência das “fotos com plantas arbustivas de baixa manutenção e adaptadas. Na praça Willie Davids manter o gramado e caso aplicado algum paisagismo, o mesmo não deve competir com o restante do Calçadão (rasteiro ou arbustos baixos). Retirar árvores na frente do OV” (IPPUL, 2021), além de sugestões de espécies vegetativas e necessidade de avaliação da saúde das arbóreas existentes.

Foi mantida a ideia da retirada de todos os elementos novos que não conversam com o projeto de 1977 (bancos, floreiras etc.) e três sugestões novas seriam a “Intenção de recompor o semicírculo da praça Willie Davids como um elemento novo de projeto. Inserir QR codes no piso para acesso a informações históricas. E a possibilidade de travessias elevadas ao longo da Av. Paraná” (IPPUL, 2021).

Para não repetir os problemas recorrentes na área do Calçadão, as recomendações de 2021 ainda abordam a importância de indicar um memorial de limpeza “com produtos biodegradáveis e manutenção” (IPPUL, 2021), com indicação de métodos não destrutivos para o piso. Além da necessidade de quaisquer alterações nos pisos, luminárias, quiosques e bancos serem avaliadas pelo COMPAC para evitar a degradação e desgaste local. Por fim, são apresentados desenhos de

análise do trecho nos seus elementos compositivos e a ambiência do calçadão de 1977 [Fig. 213].

Figura 213 – Elementos compositivos e ambiência do Calçadão, 2021



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

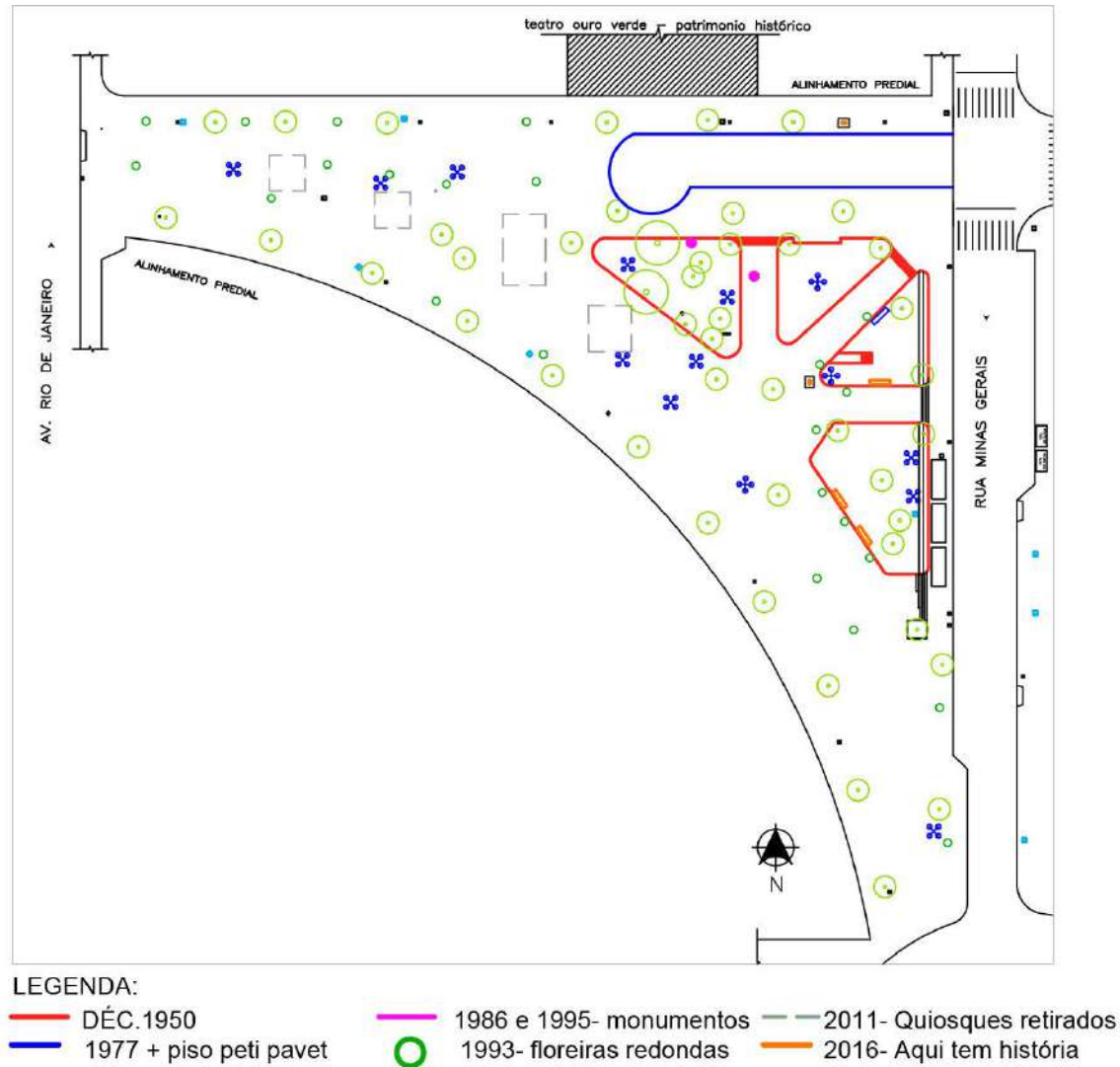
Um ponto importante que surge com mais ênfase em 2021 é a proposição de um processo educativo no próprio projeto, tornando visível a história da área para os frequentadores (IPPUL, 2021). Apesar de algumas alterações pontuais nas diretrizes, os valores centrais permanecem os mesmos: a defesa do projeto original como referência; a importância do uso do espaço pelo público; a necessidade de garantir fluidez, caminhabilidade e permanência; e o entendimento de que qualquer projeto na área central deve dialogar com a história urbana e afetiva da cidade.

Também é possível notar uma maior preocupação com a escuta pública: em 2021, o IPPUL apresenta ao Conselho um questionário e um vídeo explicativo para coleta de percepções dos usuários do Calçadão. O COMPAC participa com sugestões, indicando, por exemplo, a necessidade de permitir múltiplas respostas no campo sobre a memória do espaço. Essa abertura ao diálogo não aparecia de forma estruturada nas atas de 2018, e marca uma mudança na forma de articulação entre poder público, conselho e comunidade.

Em 2024 foi aprovado inicialmente um projeto de intervenção no trecho 5 do Calçadão no órgão estadual. Atualmente o projeto está em fase de revisão, com novo diálogo entre o IPPUL, membros do COMPAC e a Secretaria Municipal de Cultura, para alinhar as diretrizes finais, alterações no projeto e finalização do projeto executivo com a intenção da obra ser iniciada ainda em 2025.

Dessa forma, a Praça Willie Davids preserva elementos significativos de diferentes períodos, como o traçado em tridente, vegetação antiga, escadarias e o busto de Willie Davids da década de 1950. Do projeto de Jaime Lerner em 1977, permanecem o piso em petit pavé e luminárias padrão araucária, únicos remanescentes desse tipo. Também estão presentes floreiras redondas de 1993, monumentos das décadas de 1980 e 1990 (como “Aqui Tem História” e a homenagem ao Corretor Imobiliário), além de bancos de concreto, lixeiras e uma nova placa “Aqui Tem História” instalados nos anos 2000.

Figura 214 – Planta síntese das intervenções na Praça Willie Davids ao longo do tempo



Fonte: Autores (2025).

5.4 Bosque (2004–2024)

O Bosque foi o último elemento do Conjunto Central que passou por uma grande intervenção a partir dos anos 2000. Entre os anos 2004 e 2005, e passou por reformas pontuais com uma readequação da iluminação, troca de piso e mobiliário, limpeza e substituição de vegetação (Siglon, P28, 2017). Mas foi somente na década de 2020 que aconteceu uma grande intervenção no local.

A reforma finalizada em 2005 teve como responsável pelo projeto Inês Dequech. O zerinho foi reformado com novo piso e mobiliário, mas manteve o desenho inicial de “zero”. Foram inseridos bancos em concreto com travessas em madeira, os mesmos encontrados na Praça Primeiro de Maio e luminárias com globos em alturas diferentes [Fig. 215 e 216].

Figura 215 – Bosque após intervenção, 2005



Fonte: Siglon, P28 (2017).

Figura 216 – Bosque após intervenção, 2005



Fonte: Siglon, P28 (2017).

Em 2011, o prefeito Barbosa Neto tentou reabrir o local para o trânsito de veículos, no entanto, a iniciativa foi barrada (Um bosque [...], 2015). A aerofoto de 2014 , em comparação com a de 2006 [Fig. 217], mostra o formato do zerinho mais nitidamente, devido a diminuição da vegetação nessa área. Ainda com relação ao Bosque, a quadra poliesportiva tornou-se mais visível. Nas imagens de Frozoni (2013) é possível observar o local com mais detalhes [Fig. 218 e 219], a partir da perspectiva de um pedestre, em um período muito próximo ao da captura da aerofoto de 2014, com bancos em concreto diferentes dos inseridos em 2005.

Figura 217 – Comparação de aerofotos de Londrina, 2006 e 2014



Fonte: [imagem 1] Google Earth (2006); [imagem 2] Google Earth (2014).

Figura 218 – Zerinho do Bosque, 2013



Fonte: Frozoni (2013).

Figura 219 – Parquinho e quadra esportiva no Bosque, 2013



Fonte: Frozoni (2013, p. 1213).

Imagens de 2015 [Fig. 220] já mostram a área central do Bosque modificada, com outro tipo de banco em concreto e luminárias, além das floreiras redondas de 1993. Imagens de 2017 mostram a continuidade do padrão dos bancos em concreto, lixeiras de metal e luminárias elevadas, tipo poste na parte central do Bosque. Já no caminho interno mantiveram-se as luminárias com globos em alturas diferentes e bancos em concreto. Vale ressaltar o eixo fluido entre a parte central e a Catedral. As imagens de 2017 também mostram a presença de quadra, academia ao ar livre e *playground* revitalizados [Fig.221 a 224].

Figura 220 – Zerinho do Bosque, 2015



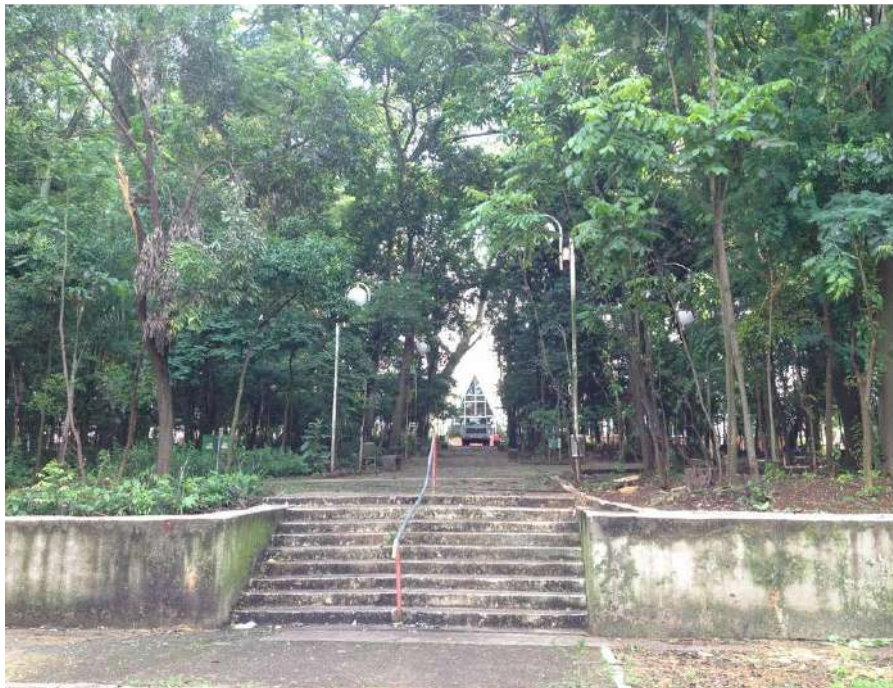
Fonte: Siglon, P28 (2017).

Figura 221 – Mobiliário no Zerinho do Bosque, 2017



Fonte: Siglon, P28 (2017).

Figura 222 – Conexão do Bosque com a Catedral, 2017



Fonte: Siglon, P28 (2017).

Figura 223 – Academia ao ar livre do Bosque, 2017



Fonte: Siglon, P28 (2017).

Figura 224 – Parquinho do Bosque, 2017



Fonte: Siglon, P28 (2017).

Os levantamentos realizados em 2017 pela Diretoria de Patrimônio Histórico também mostraram que a placa em homenagem ao Chico Mendes implantada em 22 de dezembro de 1988 ainda estava no local, mesmo que deteriorada (Siglon, M19, 2019). O monumento Pau-Brasil implantado em 26 de novembro de 1994 ainda estava presente (Siglon, M18, 2019) e em bom estado de conservação. Já o

monumento com o disco em peroba e a placa em bronze “Aqui Tem História” implantado em 16 de dezembro de 1995 tinha sido retirado (Siglon, M21, 2023).

Em 2019, deu-se início uma série de conversas entre IPPUL, Secretaria Municipal de Cultura e COMPAC sobre as ações recomendadas para a intervenção no Bosque, visto que o local também está situado dentro do quadrilátero central inicial de Londrina e apresenta valores culturais para o município. Além disso, vale destacar que o Projeto de Revitalização do Bosque Marechal Rondon foi pautado pela participação popular, com audiências públicas e aplicação de questionários (com mais de 2000 respostas), que apontaram a “Iluminação Interna e Segurança (85,6%), Limpeza e Manutenção (78,9%), Poda da vegetação (60,6%) e calçadas em boas condições (60,0%) como principais demandas” (IPPUL, 2020).

O Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina (COMPAC) apresentou diretrizes projetuais para a equipe do IPPUL que foi responsável pelo projeto de revitalização do Bosque Marechal Rondon. As diretrizes objetivaram valorizar as características originais do espaço. Assim, sugeriu-se a remoção de espécies não nativas, a redução da densidade do sub-bosque, com a possibilidade de replantio de mudas, a conservação das árvores de grande porte, a inclusão de vegetação baixa para recuperar os traços originais de um

jardim em estilo bosque, bem como a preservação dos monumentos já presentes e a continuação do espaço aberto, sem cercas, utilizando um revestimento de solo que seja resistente e de fácil manutenção (IPPUL, 2020).

Nos caminhos internos, o COMPAC aconselhou recuperar os traçados originais perdidos ao longo do tempo e instalar novos bancos e lixeiras. Na área envoltória, conservar as vagas de estacionamento, os arrimos históricos, o acesso por travessias elevadas e pequenas áreas de alargamento de calçada com bancos. No zerinho, resgatar o caráter de praça, incorporando novos usos, equipamentos e garantindo a manutenção dos pés de Ipês. Para a quadra, foi sugerido analisar a viabilidade de ampliação e aprimoramento da orientação. Quanto à iluminação, foi recomendado planejar a substituição por modelos em LED, visto que a iluminação atual da época não era mais original (IPPUL, 2020).

Seguindo as diretrizes do COMPAC, o IPPUL realizou um levantamento georreferenciado de todas as árvores com CAP³ acima de 30 cm e indicou as espécies para conferência e avaliação da SEMA (Secretaria Municipal de Meio Ambiente). Para aprimorar a insolação, a higiene e a permeabilidade visual do Bosque, o IPPUL indicou as árvores que necessitavam ser removidas, incluindo aquelas situadas

nos trajetos planejados para os pedestres. No entanto, solicitou à SEMA uma análise geral dos estudos, autorizações, planos e licenças ambientais necessários para a realização do projeto (IPPUL, 2020).

O projeto paisagístico selecionou exclusivamente forrações nativas de cinco variedades de marantas e previu o plantio de grama apenas em áreas com maior incidência de luz solar, conforme ilustrado nas imagens a seguir [Fig. 225 e 226] (IPPUL, 2020).

³ Circunferência à Altura do Peito, medida utilizada para caracterizar o tamanho de uma árvore.

Figura 226 – Projeto paisagístico da revitalização do Bosque

LEGENDA DE PAISAGISMO

ELEMENTOS EXISTENTES	ÁREA QUADRADA	QUANT. MUDAS
SERRAPILHEIRA	–	–
 GRAMA ESMERALDA	3.463,92 M ²	(EM PLACA)
 MARANTA BICOLOR CALATHEA ZEBRINA	249,67 M ²	1000
 MARANTA BARRIGA DE SAPO CALATHEA SATURNO	280,25 M ²	1121
 MARANTA CINZA CTENANTHE SETOSA	112,40 M ²	450
 MARANTA TRICOLOR STROMANTHE THALIA	206,34 M ²	825
 MARANTA PELUDA CALATHEA RUFIBARBA	214,56 M ²	858

CONFORME CATÁLOGO DE PAISAGISMO DESENVOLVIDO PELO IPPUL EM PARCERIA COM A SEMA, CONSIDERAR 1 MUDA A CADA 50cm, EQUIVALENDO A 4 MUDAS POR m².

Fonte: Acervo do IPPUL (2020).

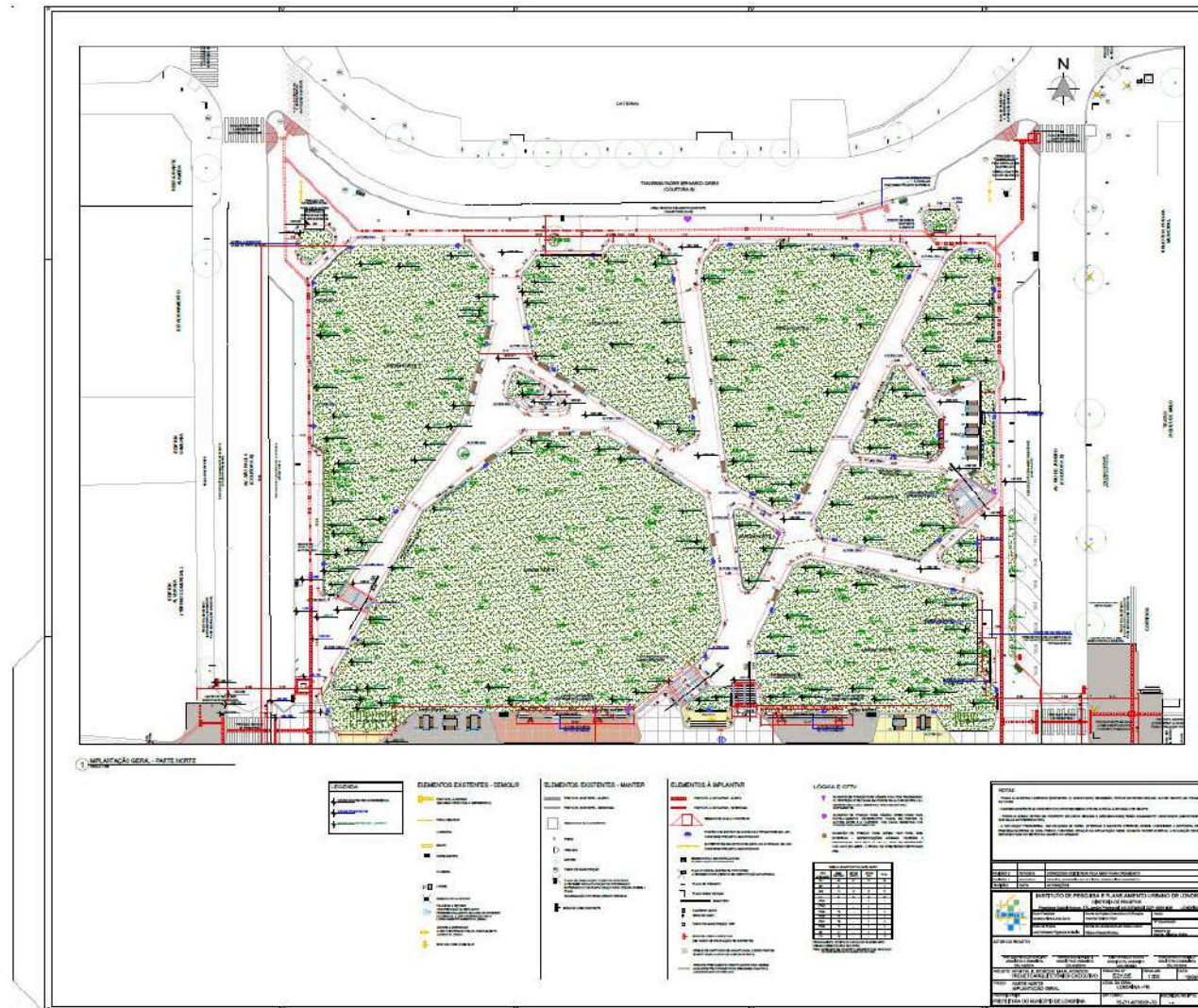
Os eixos dos caminhos originais foram recuperados com base em fotografias antigas, recebendo novo desenho e novo calçamento, com alargamento quando possível. As árvores mais imponentes e representativas, como a figueira e a peroba, foram destacadas como pontos de referência, aproveitando sua imponência e verticalidade para facilitar a orientação no espaço (IPPUL, 2020).

Conforme as diretrizes do COMPAC, foi realizada a instalação de novos postes de LED, além de uma iluminação colorida direcionada para as copas das árvores. Esse sistema de iluminação ascendente teve o objetivo de atuar como um fator de estresse adicional para os pombos, ao mesmo tempo em que cria um efeito cênico, aumentando a atratividade do espaço à noite. Além disso, visa permitir variações de cor para campanhas temáticas, como durante o Novembro Rosa (IPPUL, 2020).

As pranchas 1, 2 e 3 abaixo [Fig. 227 a 229] apresentam a implantação geral das partes norte, sul e central do projeto executivo de revitalização do Bosque, elaborado em 2019. A área norte é delimitada pela avenida São Paulo, travessa Padre Bernardo Greis e avenida Rio de Janeiro, enquanto a área sul é circundada pela avenida São Paulo, rua Pará e avenida Rio de Janeiro. Além dessas pranchas, outras duas (pranchas 4 e 5) destacam os elementos existentes a serem demolidos, os que serão mantidos e os novos elementos a

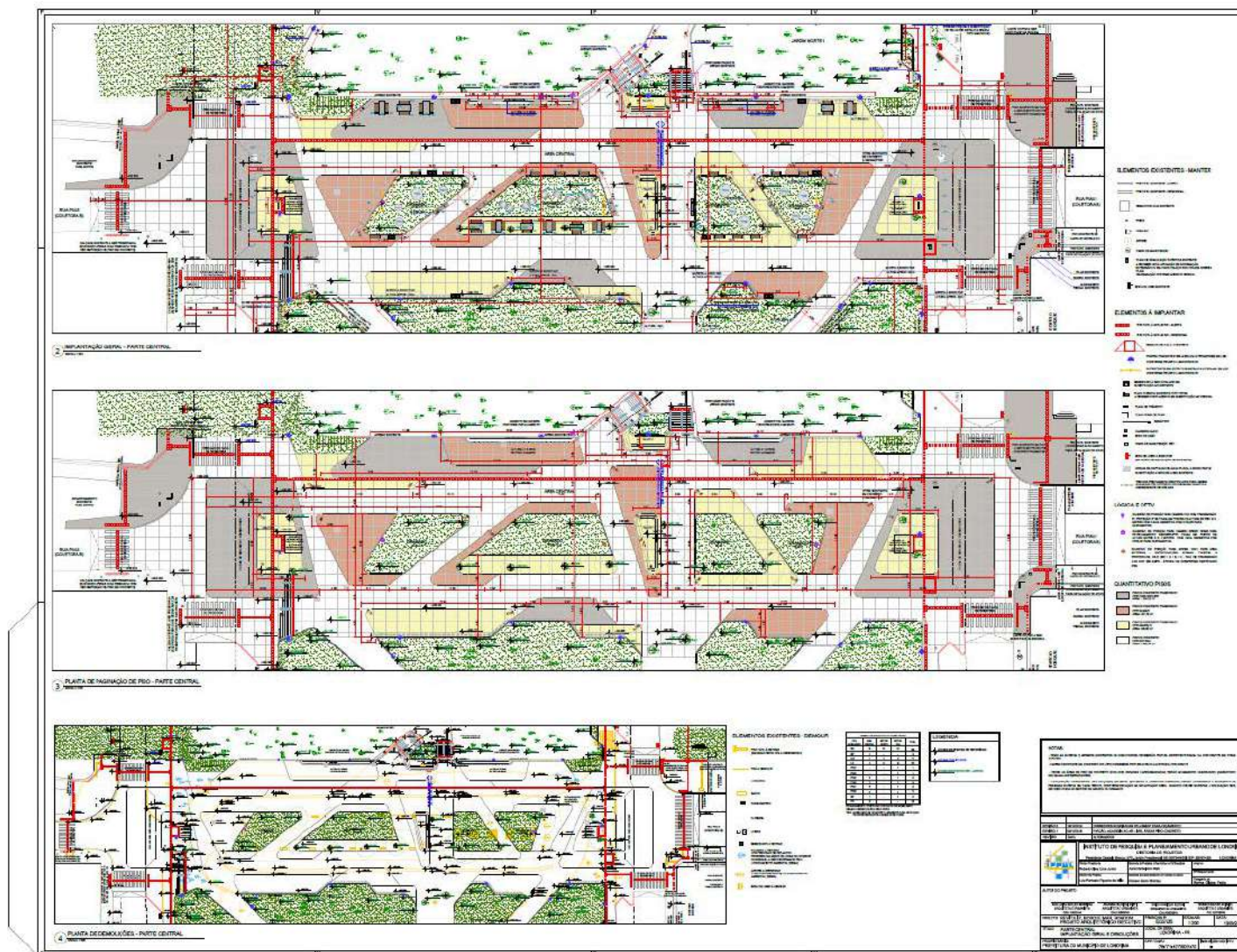
serem implantados [Fig. 230 e 231]. Adicionalmente, outras pranchas complementares exibem os detalhes dos novos mobiliários e equipamentos [Fig. 232 e 233].

Figura 227 – Implantação geral da revitalização do Bosque (quadra norte), prancha 1



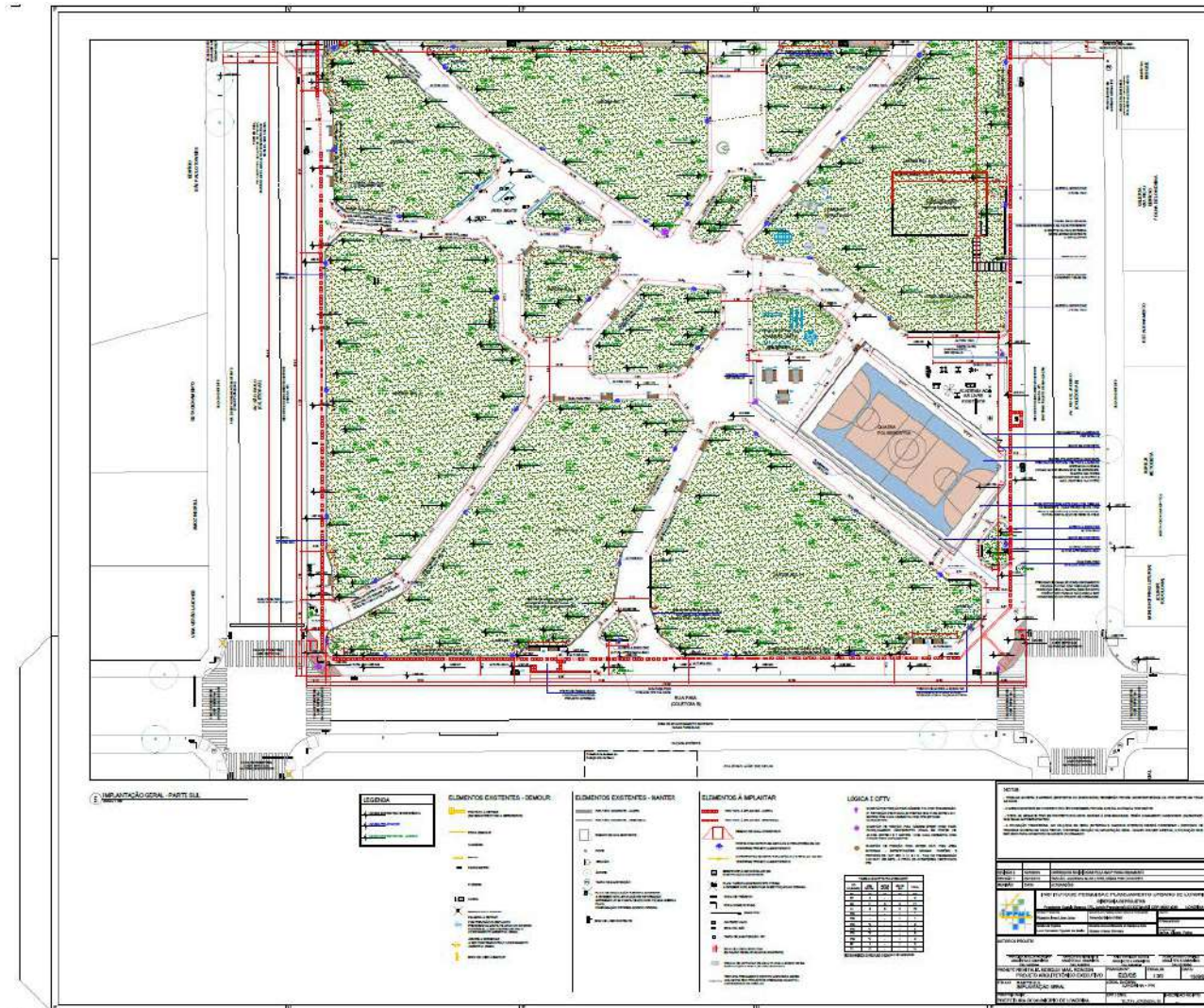
Fonte: Acervo do IPPUL (2020).

Figura 228 – Implantação geral da revitalização do Bosque (centro), prancha 2



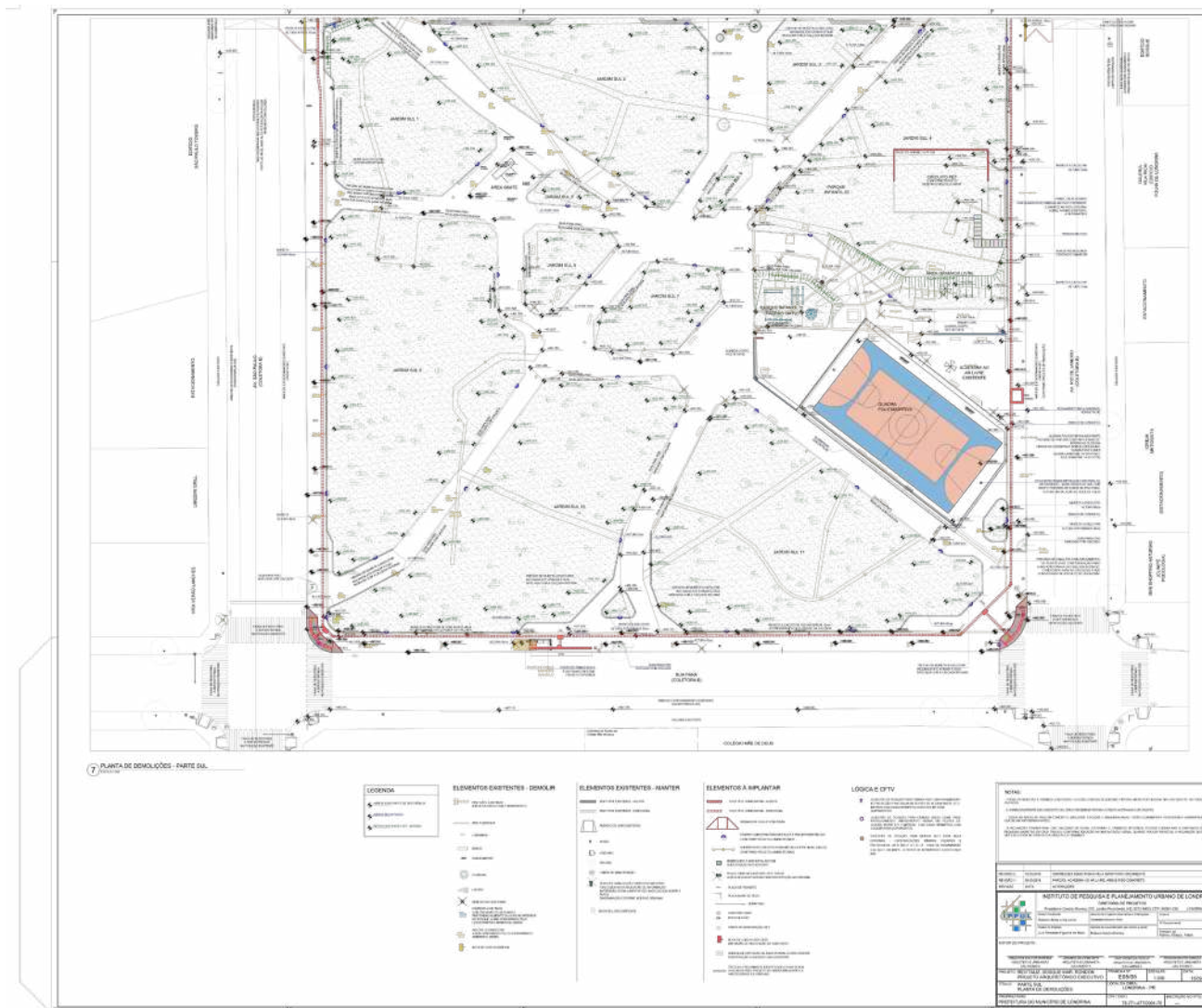
Fonte: Acervo do IPPUL (2020).

Figura 229 – Implantação geral da revitalização do Bosque (quadra sul), prancha 3



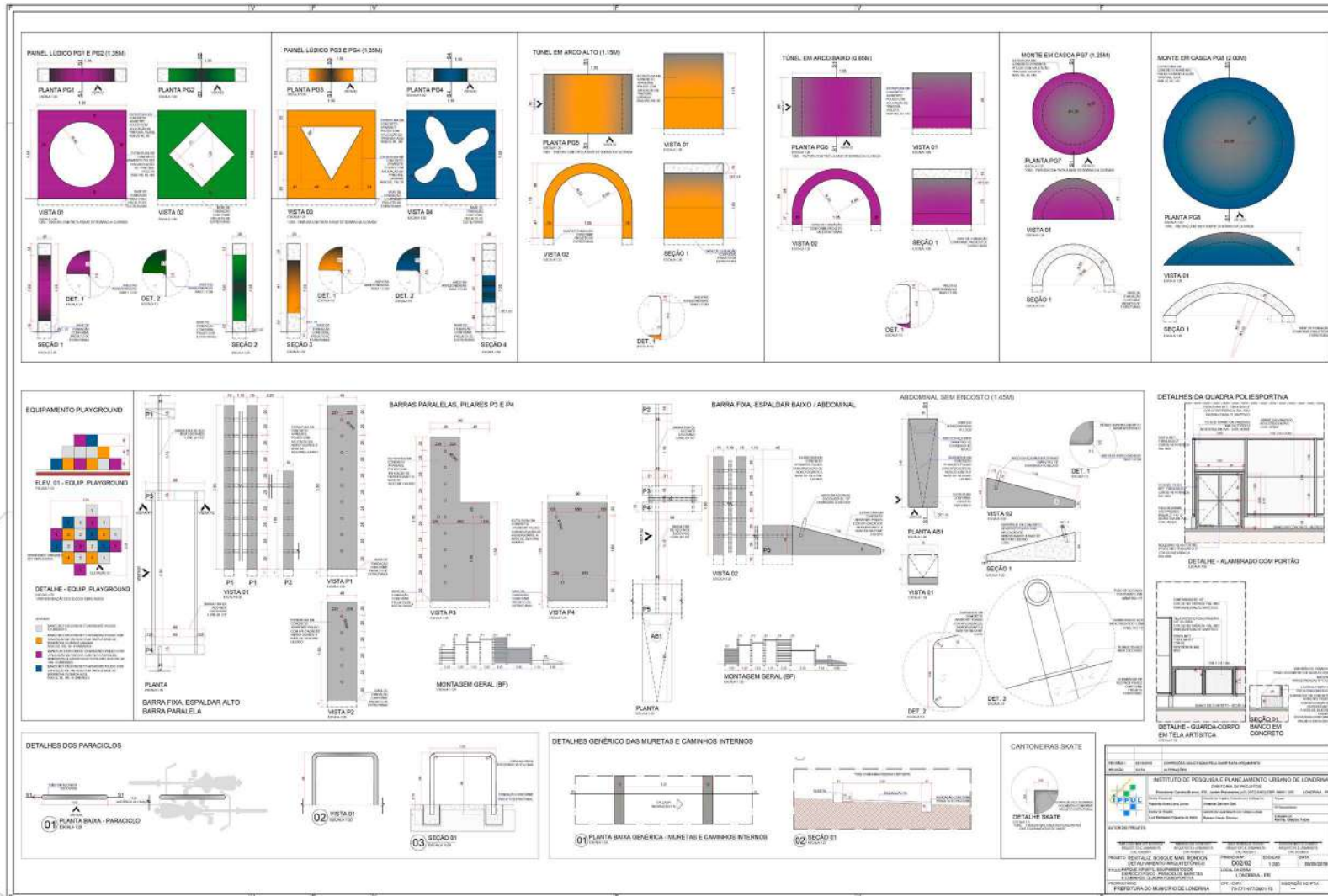
Fonte: Acervo do IPPUL (2020).

Figura 231 – Projeto executivo da revitalização do Bosque (quadra sul), prancha 5



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

Figura 233 – Detalhamento arquitetônico da revitalização do Bosque, prancha 2



Fonte: Acervo do IPPUL (2025).

A revitalização do Bosque, iniciada em fevereiro de 2021, marcou o início da década. O projeto foi desenvolvido por arquitetos e engenheiros do IPPUL e da SMOP, bem como pela empresa responsável pela execução das obras, vencedora do processo licitatório, foi a San Pio Construtora (Albuquerque, 2022).

As intervenções realizadas incluíram a criação de novos trajetos para passeios e caminhadas, além da abertura de diversos corredores internos, a instalação de palcos para apresentações, implantação de equipamentos como academia ao ar livre, parquinho infantil, quadra esportiva, circuito pet e arquibancada (Albuquerque, 2022). A aerofoto [Fig. 234] revela, principalmente, o novo espaço que substituiu o antigo Zerinho (área central da antiga via de automóveis, fechada para uso exclusivo de pedestres), além da quadra esportiva, do parquinho, academia e do circuito pet, localizados próximos às ruas Rio de Janeiro e Pará.

Figura 234 – Vista aérea do Bosque com as obras de revitalização concluídas



Fonte: Gaion *apud* Albuquerque (2022).

O projeto contemplou ainda a construção de calçadas acessíveis, com piso tátil ao longo de todo o Bosque e seu entorno, a instalação de um sistema moderno de iluminação, [Fig. 235], a implementação de faixas elevadas para conectar as avenidas Rio de Janeiro e São Paulo e a inclusão de canaletas para drenagem da água da chuva (Albuquerque, 2022). As imagens noturnas após a implementação da intervenção mostram que na quadra sul do Bosque os caminhos não foram completamente implementados como no projeto proposto, com alterações próximas à avenida São Paulo. Além disso, o formato do zerinho foi substituído por um jogo de triângulos e paralelepípedos.

Figura 235 – Imagem noturna do Bosque



Fonte: Soares *apud* Albuquerque (2022).

Além disso, foram adicionados mobiliários urbanos novos, como mesas, cadeiras, bancos e lixeiras, e o espaço recebeu uma nova pintura [Fig. 236]. A CMTU foi responsável por esses serviços, bem como pela construção de muretas em alvenaria e escadas (Albuquerque, 2022).

Figura 236 – Bancos, mobiliários e cores em destaque no Bosque



Fonte: Honorato *apud* Albuquerque (2022).

A obra foi concluída no ano seguinte, em janeiro de 2022, totalizando um investimento público de 2,8 milhões de reais (Albuquerque, 2022). Dois anos após a finalização, na aerofoto de

2024 [Fig. 237], é possível identificar que a pintura da área central, o Zerinho, já está desbotada e as copas das árvores estão mais cheias. Com relação às outras Praças aqui estudadas, nota-se que o contorno dos caminhos da Praça Marechal Floriano Peixoto estão mais marcados, possivelmente houve a pintura das muretas que delimitam os caminhos. Já das Praças Willie Davids e Sete de Setembro é possível enxergar pouco, visto que a vegetação é bastante adensada e não permite observar o traçado ou demais elementos desse ângulo.

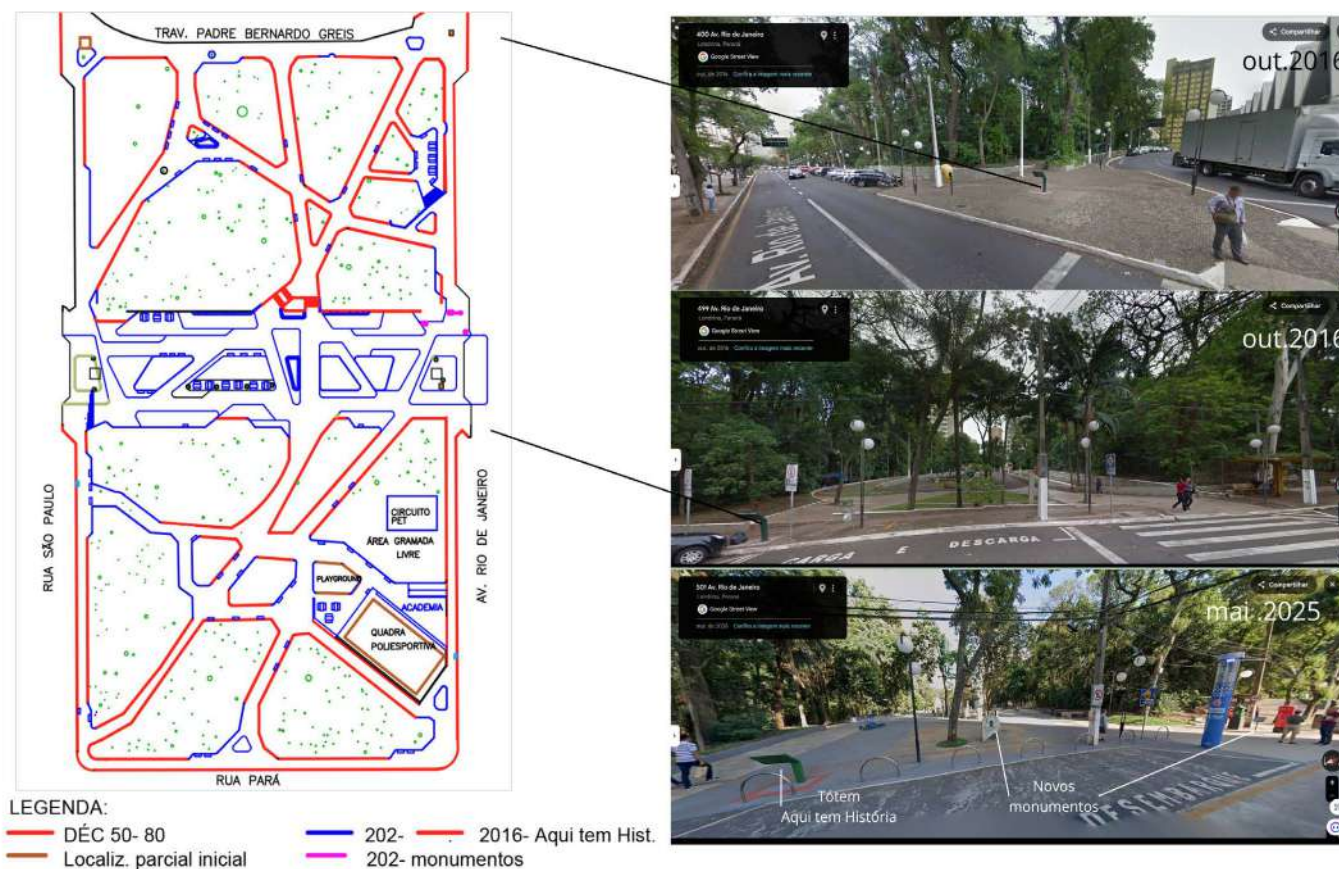
Figura 237 – Aerofoto de Londrina, 2024



Fonte: Google Earth (2024).

Durante a última intervenção os monumentos preexistentes foram retirados e inseridos novos monumentos no parque e na calçada do entorno em 2021 e 2024. Em 2016 foram também inseridos dois totens “Aqui Tem História”. No esquema de imagens a seguir [Fig. 238] é possível observar a evolução que o Bosque passou até a década de 2020.

Figura 238 – Evolução do Bosque e novos elementos



Fonte: [imagem 1] Autores (2025); [imagem 2] Google Street View (2016e); [imagem 3] Google Street View (2016g); [imagem 4] Google Street View (2025).

Dessa forma, o Bosque ainda apresenta remanescentes importantes do seu período inicial com o traçado que remonta parcialmente os caminhos iniciais, escadas e muro de arrimo ao lado da avenida Rio de Janeiro. Os equipamentos, embora tenham sofrido modernizações, também mantêm os usos de quadra e *playground* presentes desde a década de 1950. Os monumentos inseridos nas décadas de 1980 e 1990 não foram encontrados nos levantamentos atuais, mas foram encontrados outros monumentos inseridos na década de 2020. Ademais, em 2016 foi inserido o totem com a placa “Aqui Tem História”.

5.5 Considerações finais sobre as iniciativas de valorização

As intervenções realizadas no Conjunto Central de Londrina a partir dos anos 2000 (especialmente no trecho 5 do Calçadão, ainda em andamento, e no Bosque) representaram um avanço na forma como o valor patrimonial tem sido tratado, com o envolvimento de especialistas do COMPAC e maior atenção às dinâmicas urbanas e históricas. Essas ações indicam um amadurecimento no cuidado com os espaços públicos da cidade.

Por outro lado, as obras conduzidas no Calçadão no início da década de 2010 revelam perdas importantes em termos de memória urbana. Embora tenham ocorrido iniciativas pontuais de reconhecimento e resgate do valor patrimonial em espaços como o trecho 5, o Bosque e a Praça Primeiro de Maio, as intervenções mantiveram uma abordagem fragmentada, sem considerar a articulação entre os diferentes espaços (as cinco Praças e o Bosque) que, em conjunto, conformam a identidade das áreas públicas do centro da cidade.

6 Situação Atual (2025)

Este capítulo apresenta análises da situação atual do conjunto estudado, realizadas com base em fotos tiradas durante levantamentos de campo conduzidos nos dias 11 e 14 de fevereiro de 2025. Esses levantamentos ocorreram em um momento de transformação urbana dos bens, inseridos no contexto do Projeto “Viva o Centro”. Assim, algumas descrições aqui apresentadas podem divergir da realidade observada posteriormente, visto que as imagens utilizadas como referência foram registradas antes da implementação dessas alterações.

O “Viva o Centro” é uma iniciativa da prefeitura de Londrina, lançado em janeiro de 2025, descrito como “um mutirão integrado de serviços envolvendo diferentes secretarias e órgãos municipais, que atuarão para levar melhorias à região central da cidade, transformando-a em um espaço mais acolhedor, seguro, preservado e atrativo” (Londrina [...], 2025).

Uma matéria publicada em 15 de janeiro de 2025, descreve ações específicas na Praça Marechal Floriano Peixoto, que inclui pintura dos bancos e dos banheiros, manutenção das lixeiras, poda, capina e roçagem da vegetação. Outra prioridade, de acordo com a reportagem, é a acessibilidade, com reparos em calçadas desniveladas para evitar acidentes, bem como manutenções na iluminação [Fig. 239] (Londrina [...], 2025). Já no Bosque Marechal Cândido Rondon, os serviços concentram-se na poda de árvores nas áreas do entorno, como as avenidas São Paulo e Rio de Janeiro e a rua Pará, além da manutenção dos passeios internos. As demais Praças que compõem o conjunto aqui estudado, também serão atendidas pelo mutirão, recebendo ações como pintura do mobiliário urbano (bancos, floreiras e lixeiras) e meios-fios, reparos em estruturas metálicas (corrimões, guarda-corpos e luminárias) e nivelamento de calçadas.

Figura 239 – Manutenção nas luminárias da Praça Marechal Floriano Peixoto



Fonte: Londrina [...], (2025). Foto: Vivian Honorato.

Para marcar o início das atividades do projeto, foi realizada a primeira edição da festa “Viva o Centro” nos dias 31 de janeiro e 1º de fevereiro de 2025 (Primeira [...], 2025). O evento ocorreu na Praça Marechal Floriano Peixoto e ofereceu à comunidade apresentações artísticas, atividades infantis, praça de alimentação e exposições, com o intuito de incentivar a população a frequentar e valorizar o centro da cidade.

Iniciativas que buscam a revitalização do centro de Londrina não são novidade e já foram amplamente exploradas pelas gestões municipais ao longo dos anos, como foi possível observar ao longo deste estudo. Embora o “Viva o Centro” contemple melhorias físicas nos espaços públicos centrais, como pintura e manutenção de mobiliário e vegetação, é necessário situar essas ações dentro de um debate mais amplo sobre a gestão do patrimônio cultural e o significado atribuído às chamadas revitalizações. De acordo com o Dicionário do Patrimônio Cultural, elaborado pelo IPHAN, “revitalização” pode ser compreendida como uma

“[...] estratégia de valorização de áreas dotadas de patrimônio cultural que passam por processos degradativos. Por meio de uma refuncionalização dirigida e estratégica, o emprego de funções vinculadas ao capitalismo global, como turismo, cultura, negócios, comércio e residências, é incentivado nessas ações de planejamento urbano” (Sotratti, 2015).

De acordo com o texto, a ideia de revitalizar áreas centrais não é nova e, ao longo das últimas décadas tornou-se um procedimento recorrente no planejamento urbano contemporâneo (Sotratti, 2015). Nesse processo, o patrimônio atua como vetor da reorganização espacial, atraindo investimentos e induzindo novos fluxos sociais e econômicos. Dessa forma, não se trata apenas de intervenções físicas ou estéticas, mas da reconexão desses espaços com a vida urbana

em sentido amplo: suas relações sociais, seus fluxos cotidianos, seus significados e apropriações.

Essa concepção também se conecta a um debate urbano mais amplo, que envolve temas como caminhabilidade, vitalidade urbana e qualidade do espaço público. Caminhar pela cidade (uma ação cotidiana e muitas vezes negligenciada) possui um potencial transformador, ao mobilizar aspectos relacionados ao pertencimento e à participação ativa no espaço urbano. Como expõe Washington Fajardo (2017, p. 104), o ato de caminhar é uma prática que carrega um lastro vernacular profundo e, ao mesmo tempo, continua enfrentando resistência para ser reconhecido como base de uma cidade mais justa, saudável e democrática. O pedestre, muitas vezes reduzido à figura do “consumidor que circula”, é, na verdade, o agente que nutre a vida urbana em suas múltiplas dimensões (Fajardo, 2017, p. 107).

A adoção de políticas voltadas à mobilidade ativa já se reflete em experiências internacionais. Um exemplo recente é a decisão da prefeitura de Paris de restringir completamente a circulação de automóveis em quinhentas ruas da capital francesa, arborizando e transformando esses espaços em áreas exclusivas para pedestres. A medida, aprovada por referendo popular, tem como objetivo melhorar a qualidade do ar e tornar a cidade mais segura e agradável para quem caminha (Punir [...], 2025), uma iniciativa alinhada a revisões globais do modelo urbano centrado no automóvel.

Trazendo para a realidade londrinense, nota-se que o centro da cidade é constantemente alvo de tensões entre o uso do carro e a ocupação qualificada do espaço público. Reclamações sobre falta de estacionamento são recorrentes, como evidenciado por propostas e projetos analisados neste Estudo. Considerando esse cenário, as discussões acima elencadas e os bens culturais aqui estudados, é importante pensar como essa questão pode ser ressignificada à luz do patrimônio. Estimular o caminhar no centro, com espaços para visitação, comércio, lazer e convívio, inclusive em horários alternativos como noites e fins de semana, não apenas atende à demanda por vitalidade urbana como também pode reduzir o trânsito, diminuindo a pressão por vagas, além de movimentar a economia local. Menos carros e mais pessoas nas ruas geram segurança, apropriação dos bens culturais e, no que diz respeito a este estudo, conexão entre as praças analisadas, ecoando por exemplo as ideias de Jane Jacobs⁴ sobre a importância dos “olhos na rua” para a vitalidade urbana que busca ser recuperada por esse novo projeto de revitalização.

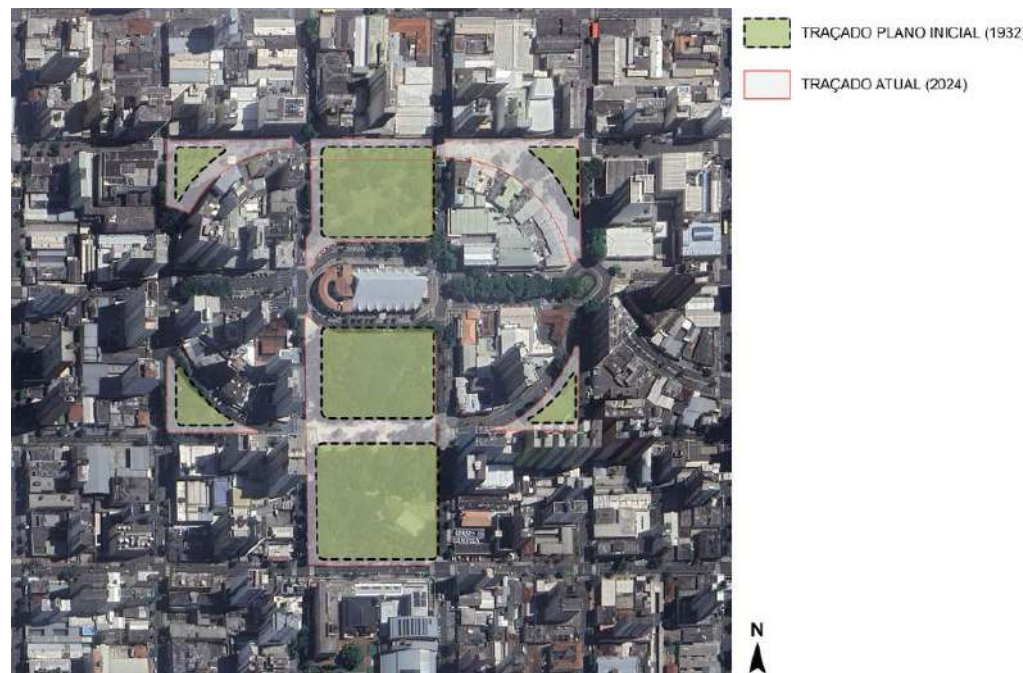
Nesse sentido, a rua interna do Bosque Marechal Cândido Rondon e o Calçadão já apresentam esse potencial. A transformação dessas ruas, antes dominadas por carros, em áreas para pedestres vai de encontro com essas qualidades defendidas para a promoção da

⁴ Em seu livro *Morte e vida de grandes cidades* (1961), Jacobs argumenta que a vitalidade dos centros urbanos depende da presença constante e diversificada de pessoas nas ruas, ou seja, “olhos na rua”.

vitalidade urbana. A aerofoto de 2024 [Fig. 240] permite visualizar a disposição espacial das praças e seu entorno, evidenciando as transformações ocorridas ao longo do tempo. A sobreposição com os perímetros iniciais do conjunto de quadras centrais, conforme definidos no Plano Inicial de 1932, revela modificações significativas resultantes de sucessivas intervenções urbanas.

Como visto, as alterações mais significativas ocorreram na década de 1970, com a criação do Calçadão, impactando especialmente as praças Gabriel Martins e Willie Davids. No caso do Bosque, a fusão das duas quadras redefiniu seu perímetro original, reforçando sua configuração como um espaço contínuo para pedestres. Essas alterações no traçado viário contribuíram para expandir as áreas destinadas ao pedestre em detrimento do carro, ampliando as possibilidades de apropriação cotidiana e de ativação cultural.

Figura 240 – Aerofoto do Conjunto com sobreposição do Plano Inicial

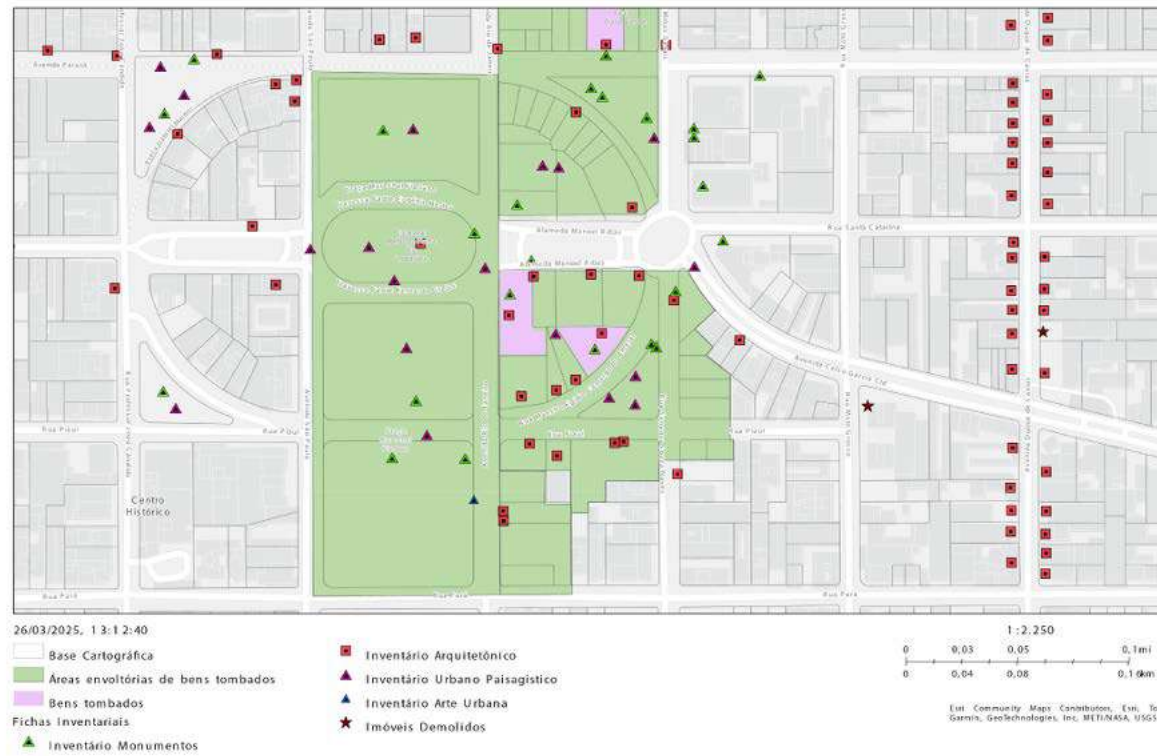


Fonte: Google Earth (2025), modificado pelos autores (2025).

Apontamos assim o potencial desse Conjunto enquanto um circuito caminhável, onde a caminhabilidade pode se tornar um aspecto do valor patrimonial dessa área, reforçando o centro como espaço de encontro, lazer e cultura. Esse potencial se acentua ao observarmos os dados da camada “Cultura” do Siglon [Fig. 241], que revela a presença de bens inventariados na região, destacando o valor histórico e urbanístico do entorno do conjunto aqui estudado.

O mapeamento também identifica os bens tombados e suas respectivas áreas envoltórias de proteção, conforme estabelecido pela lei municipal n.º 11.188/2011. Três bens tombados possuem áreas envoltórias que abrangem algumas das praças analisadas: a Praça Willie Davids está inserida na área envoltória do Cine Teatro Ouro Verde; a Praça Primeiro de Maio se encontra dentro da área envoltória da antiga Casa da Criança, atualmente sede da Secretaria Municipal de Cultura; já a Praça Marechal Floriano Peixoto, junto ao Bosque, integra a área envoltória do antigo Fórum, atual Biblioteca Municipal. Em contrapartida, as Praças Gabriel Martins e Sete de Setembro não estão localizadas dentro de áreas de proteção de bens tombados.

Figura 241 – Camada “Cultura” do Siglon



Fonte: Siglon, Camada Cultura (2025).

Todas as Praças possuem Fichas de Inventário individuais, assim como os monumentos nelas situados. O entorno abrange ainda diversos outros bens inventariados de diferentes categorias, incluindo bens arquitetônicos e áreas urbanas. O Quadro 1 apresenta a relação desses bens com os códigos de suas respectivas fichas. Além das fichas específicas de cada Praça, existem também inventários mais abrangentes que incluem o Calçadão, o Traçado e Conjunto de Quadras da Elipse Central e o Conjunto de Praças da Elipse Central, os quais englobam essas áreas em sua documentação.

Quadro 1 – Bens inventariados localizados no Conjunto Central

CÓDIGO DA FICHA	BEM INVENTARIADO
P12	Calçadão
P16	Eixo Espaços Públicos
P17	Traçado da Elipse Central
P18	Conjunto Quarteirões Elipse Central
P19	Conjunto Quadra 19
P20	Quarteirão Cultural
P21	Conjunto de Praças da Elipse Central
P09	Praça Marechal Floriano Peixoto – Praça da Bandeira
M03	Mastro – Praça da Bandeira
P22	Praça Sete de Setembro
M02	Monumento à Imaculada Conceição
P23	Praça Primeiro De Maio
M04	Placa – Concha Acústica
M05	Monumento à Abilon Souza Naves
P29	Concha Acústica
P37	Memorial do Pioneiro
P24	Praça Gabriel Martins
M01	Monumento Boca Maldita
P25	Praça Willie Davids
M06	Monumento à Willie Davids
M07	Placa “Aqui Tem História” – Praça Willie Davids
M08	Placa ao Corretor Imobiliário
P28	Praça Marechal Candido Rondon – Bosque
M18	Monumento Pau-Brasil
M19	Placa em Homenagem a Chico Mendes

M21	Placa “Aqui Tem História” – Bosque
AU6	Grafite “Alegria na Amizade das Crianças”

Fonte: Siglon, organizado pelos autores (2025).

Sendo assim, evidencia-se o valor patrimonial do conjunto estudado não apenas em seus elementos isolados, mas como um sistema integrado de espaços públicos e culturais que conformam um circuito de relevância histórica e urbanística. As áreas envoltórias dos bens tombados somada à presença de diversos bens inventariados no entorno, reforça a necessidade de uma gestão que articule a proteção do patrimônio com a qualificação do espaço público. Para aprofundar a compreensão dos valores e limitações desses espaços, a seguir apresenta-se uma análise individual de cada Praça. Os elementos a serem analisados incluem componentes físicos e estruturais que definem a organização e o uso dos espaços estudados, sendo eles:

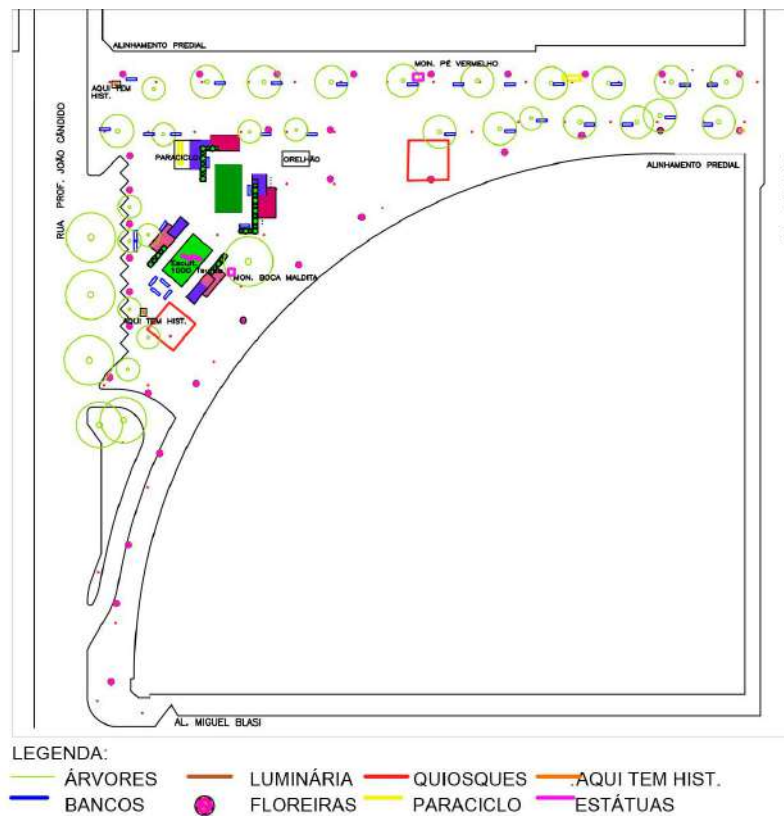
- Perímetro;
- Traçado;
- Vegetação;
- Tipos de pavimentação;
- Mobiliário urbano;
- Monumentos;
- Equipamentos urbanos;
- Infraestrutura;
- Entorno.

Ao abordar esses elementos, buscar-se-á entender a dinâmica do Conjunto como parte de um sistema urbano maior, no qual a interação entre história, uso contemporâneo e planejamento municipal desempenha um papel fundamental na definição do futuro desses espaços públicos. Dessa forma, o Estudo se coloca também como um registro do momento atual (2025), contribuindo para as discussões sobre preservação e transformação urbana em Londrina.

6.1 Praça Gabriel Martins

A Praça Gabriel Martins apresenta um formato diluído devido à sua integração com o Calçadão, perdendo parte de sua configuração triangular original. A situação atual revela a presença de equipamentos urbanos inseridos na década de 2010 [Fig. 242].

Figura 242 – Situação atual da Praça Gabriel Martins



Fonte: Autores (2025).

Outras mudanças no perímetro podem ser observadas, como por exemplo a face voltada para a rua Professor João Cândido, que não é mais reta, apresentando um recuo com vagas de estacionamento separadas da rua por três canteiros, cada um com uma árvore [Fig. 243]. Essas árvores e canteiros podem ser identificadas no projeto de 1977, embora os canteiros tenham sido reduzidos longitudinalmente ao longo do tempo.

Figura 243 – Vista para os canteiros na rua Prof. João Cândido



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A antiga área da avenida Paraná não apresenta diferenciação física no piso entre o que antes era calçada e o espaço da Praça, mas determinados pontos de vista permitem uma demarcação visual tridimensional a partir do posicionamento das árvores, mobiliário e luminárias, uma vez que essa área permanece livre de ocupação [Fig. 244]. A Praça, no entanto, não conserva claramente seu formato triangular, embora a pavimentação diferenciada e a organização dos elementos ainda permitam identificar parte de sua configuração inicial. A pavimentação é composta por *pavers* de concreto multicoloridos, que imitam o desenho originalmente feito em pedra portuguesa (*petit pavé*) preta e branca do projeto de Jaime Lerner, remanescente na Praça Willie Davids . Há também piso tátil e áreas de concreto na frente das lojas, demarcando a calçada anterior.

Figura 244 – Vista interna do Calçadão



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

O traçado da Praça inclui uma entrada com recuo para estacionamento [Fig. 245] e uma parada de táxi que permanece ativa, mesmo com a popularização dos aplicativos de transporte. Há ainda uma rua interna acessada pela rua Professor João Cândido [Fig. 246], utilizada para paradas rápidas e desembarque de passageiros [Fig. 247]. Uma grande árvore se destaca no canteiro formado a partir dessa rua.

Figura 245 – Parada de táxi



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 246 – Rua interna



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 247 – Acesso à rua interna



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A vegetação da está organizada em canteiros quadrados de concreto, nos quais se encontram as árvores. Há um planejamento paisagístico observável, evidenciado pelo desenho e posicionamento das floreiras, pela diversidade de espécies e pela disposição das plantas [Fig. 248 e 249]. A arborização urbana da região está catalogada no Siglon na subárea SEMA Portal Ambiental e traz mais detalhes sobre as espécies existentes ou não. A região da Praça Gabriel Martins apresenta a menor proporção de remanescentes

históricos vegetativos, assim como é a de menor densidade arbórea para composição de um microclima local e sombreamento.

É possível verificar]através da implantação da quadra com legendas numeradas [Fig. 250] que há uma diversidade de espécies, mas muitos espaços vazios, principalmente, na quadra ao lado da Praça na rua João Cândido, com nenhuma espécie de arborização urbana presente, ressaltando a importância dos poucos remanescentes para evitar um drástico futuro árido para esta parcela adjacente ao Calçadão.

Figura 248 – Canteiros da Praça



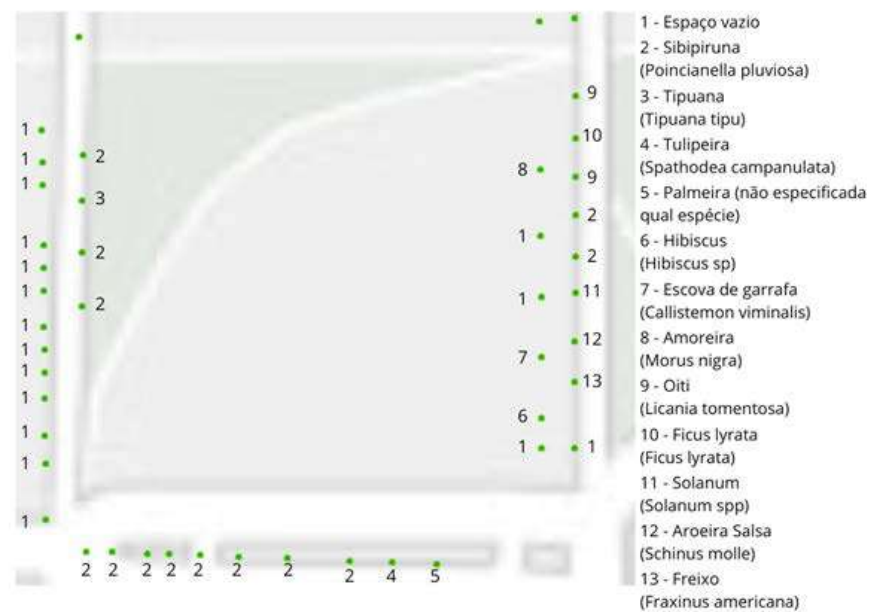
Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 249 – Árvores da Praça



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 250 – Planta baixa do levantamento arbóreo



Fonte: Siglon, Portal Ambiental (2025), modificado pelos autores (2025).

O mobiliário urbano [Fig. 251] inclui luminárias de LED altas, com base reta, topo circular e pintura preta, bancos de concreto com encosto de madeira e ferro e sem encosto, floreiras redondas de concreto (1993), lixeiras quadradas de concreto e um bicicletário. Outros elementos marcantes são as esculturas n.º 1 e n.º 2 da série “1000 Tsurus by Carlos Kubo” [Fig. 252]. As obras, feitas de chapas de aço pintadas de branco e vermelho, representam as bandeiras de Londrina e do Japão. Doado pelo artista, cidadão honorário da cidade, o conjunto foi inaugurado em setembro de 2018. As esculturas estão dispostas em um canteiro retangular próximo ao limite da Praça. Em 2024, Carlos Kubo publicou um vídeo em suas redes sociais mostrando a instalação de uma nova placa informativa no totem existente próximo às esculturas (Kubo, 2024).

Figura 251 – Mobiliário urbano



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 252 – Esculturas



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A Praça conta com monumentos inseridos na década de 1980, como o “Boca Maldita”, [Fig. 253 e 254] que foi revitalizado em junho de 2025, e o monumento “Pé Vermelho, Mãos Limpas”, que foi inserido em 2000 e se mantém até a atualidade [Fig. 255].

Figura 253 – Monumento “Boca Maldita”



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 jul. 2025.

Figura 254 – Monumento “Boca Maldita”



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 jul. 2025.

Figura 255 – Monumento “Pé Vermelho, Mãos Limpas”



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 jul. 2025.

A Praça conta com equipamentos como o quiosque Estação Gente Boa, localizado no calçadão que antes era parte da avenida Paraná [Fig. 256]. Além do quiosque fixo, o estabelecimento dispõe de mesas, cadeiras e guarda-sóis ao redor da estrutura. Outro quiosque é ocupado pela Guarda Municipal [Fig. 257], instalado onde funcionava uma floricultura. Há também uma parada para táxi, com um abrigo semelhante aos pontos de ônibus, e ambulantes com carrinhos de comida [Fig. 258].

Figura 256 – Quiosque “Estação Gente Boa” (à esquerda, a Praça Gabriel Martins)



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 257 – Quiosque da Guarda Municipal



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 258 – Parada de táxi



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

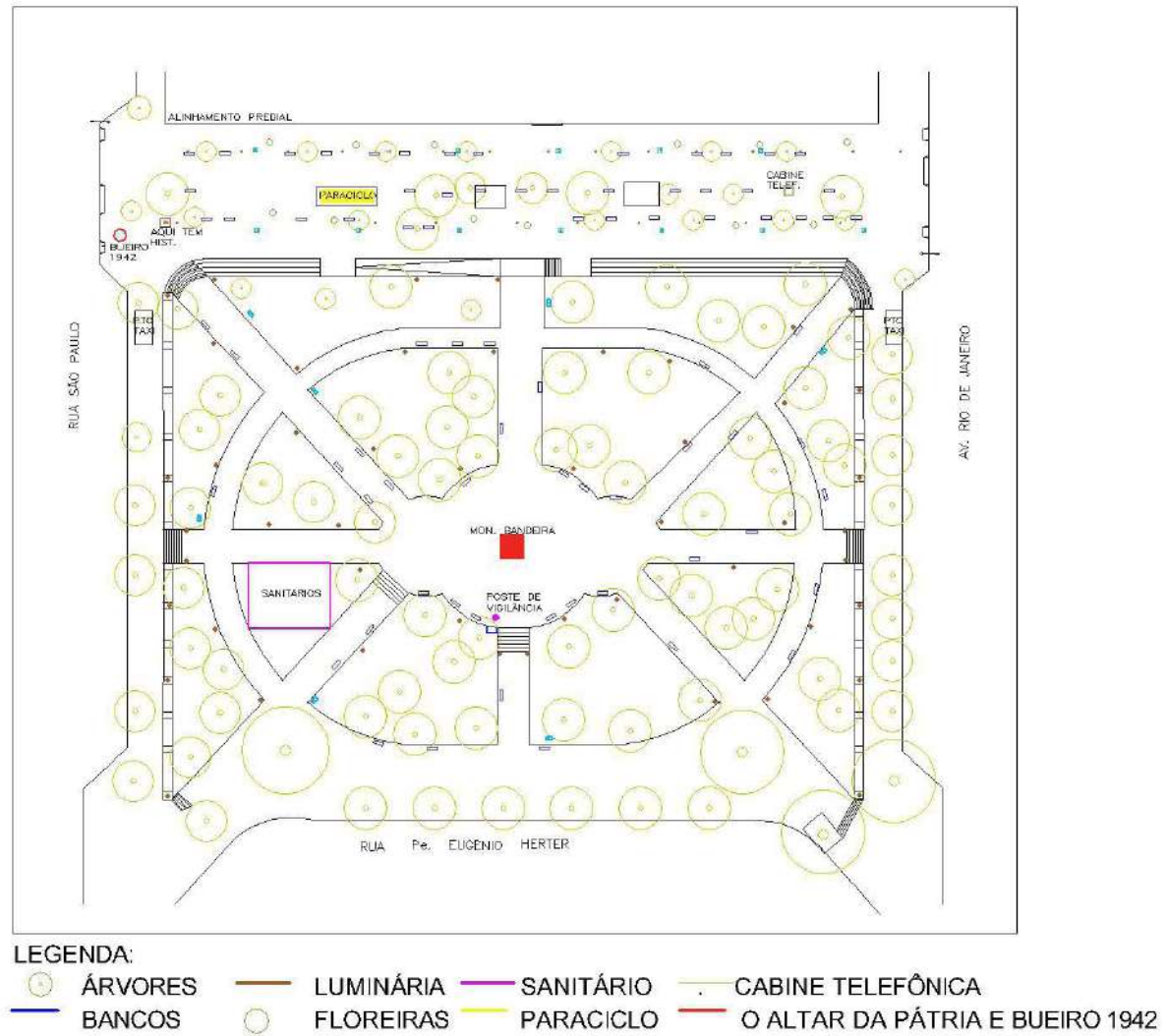
O entorno da Praça Gabriel Martins se diferencia do da Praça Willie Davids pela presença maior do uso residencial nos edifícios altos ao redor, ainda que estes possuam os pavimentos térreos ocupados por estabelecimentos comerciais. No geral, a Praça Gabriel Martins mantém referências ao seu traçado original, especialmente pela disposição dos elementos urbanos, mas sua forma triangular não é mais claramente reconhecível. A integração com o calçadão e a introdução de novas estruturas modificaram a percepção do espaço, impactando sua leitura urbana.

6.2 Praça Marechal Floriano Peixoto

A Praça Marechal Floriano Peixoto não conserva, em sua totalidade, os contornos de seu traçado original de 1943. Os lados paralelos ao Calçadão (avenida Paraná) e a quadra da Catedral Metropolitana de Londrina (travessa Padre Eugênio Herter) trazem essas alterações de 1977 até os dias atuais.

O local apresenta vegetação alta, com traçado interno e bancos e luminárias diferentes dos empregados no calçadão ao lado. Além disso, existem dois pontos de ônibus nas ruas São Paulo e Rio de Janeiro e o monumento Altar da Pátria no centro da Praça, e a placa “Aqui Tem História” na parte do Calçadão [Fig. 259].

Figura 259 – Situação atual da Praça Marechal Floriano Peixoto



Fonte: Autores (2025).

A face junto ao Calçadão apresenta escadarias nas duas laterais [Fig. 260 e 261] e uma composição de escada com rampa no centro do perímetro e arquibancadas dos dois lados, tendo, a mais próxima da avenida São Paulo, um recorte e avanço de floreira em meio à estrutura. Enquanto a face junto a Catedral mantém o recorte realizado na Praça para receber uma via adicional projetada para o Terminal Urbano de Ônibus, atualmente utilizado para tráfego e estacionamento de veículos [Fig. 262 e 263].

Figura 260 – Praça Marechal Floriano Peixoto no Calçadão, esquina com a avenida São Paulo



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 261 – Praça Marechal Floriano Peixoto no Calçadão, esquina com a avenida Rio de Janeiro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 262 – Praça Marechal Floriano Peixoto na travessa Padre Eugênio Herter, esquina com a avenida São Paulo



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 263 – Praça Marechal Floriano Peixoto na travessa Padre Eugênio Herter, esquina com a avenida Rio de Janeiro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Os caminhos e o desenho dos canteiros internos passaram por modificações ao longo do tempo, mas ainda preservam vestígios de diferentes períodos. As intervenções deixaram marcas visíveis na paisagem: a porção da elipse maior próxima à Catedral foi suprimida para a implantação do Terminal Urbano de Ônibus, desenvolvido durante as gestões de Jaime Lerner entre as décadas de 1970 e 1990. Esse trecho deu lugar à abertura viária atual.

No lado oposto, voltado ao Calçadão, a remoção dos pisos durante a requalificação que eliminou os quiosques originalmente

previstos no mesmo projeto resultou em uma área sem pavimentação fixa, coberta por pedriscos [Fig. 264], que ainda sugere o contorno da antiga elipse, próximo às escadarias e rampas. Ainda como remanescente dessa fase, há no calçamento externo da Praça um pequeno fragmento do piso em *petit pavé* com o desenho original [Fig. 265]. Outra alteração marcante é a implantação dos banheiros públicos e da caixa d'água [Fig. 266], que ocupam parte significativa de um dos canteiros originais, na área próxima à avenida São Paulo, avançando também sobre um dos caminhos internos.

Figura 264 – Pavimentação em pedriscos



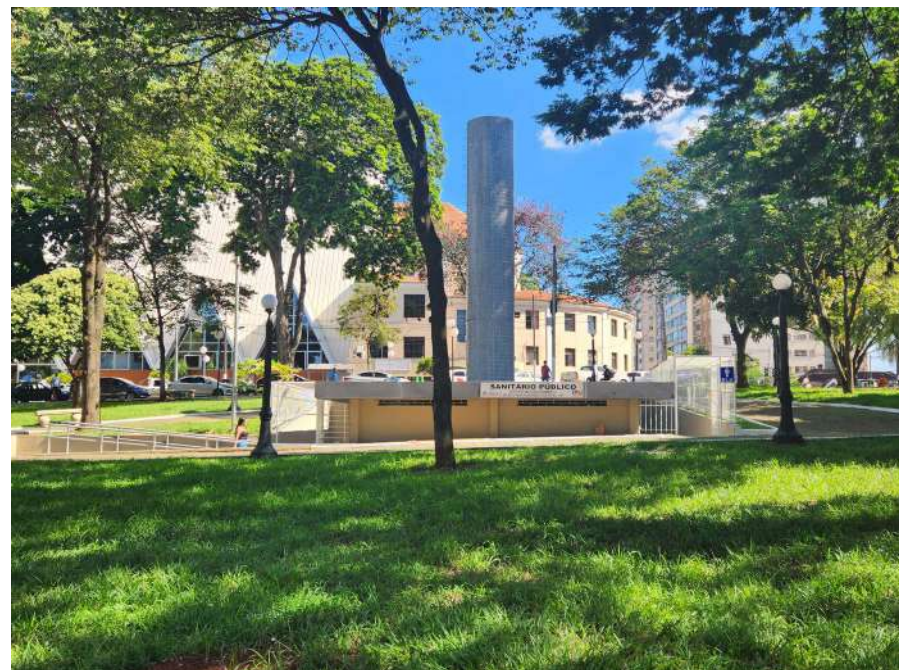
Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 265 – Fragmento do piso em *petit pavé* na lateral da Praça



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 266 – Banheiros públicos e caixa d'água



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A vegetação atual é variada, com predominância de árvores de médio e grande porte, em diferentes estágios de crescimento [Fig. 267 e 268]. As espécies usadas na arborização urbana são, em sua maioria, de grande porte e com copas densas, que geram bastante sombra. Pelo porte e desenvolvimento, é provável que algumas sejam remanescentes das árvores plantadas na década de 1940, conforme registram fotografias da época.

Figura 267 – Vegetação da Praça



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 268 – Vegetação da Praça, próxima ao banheiro

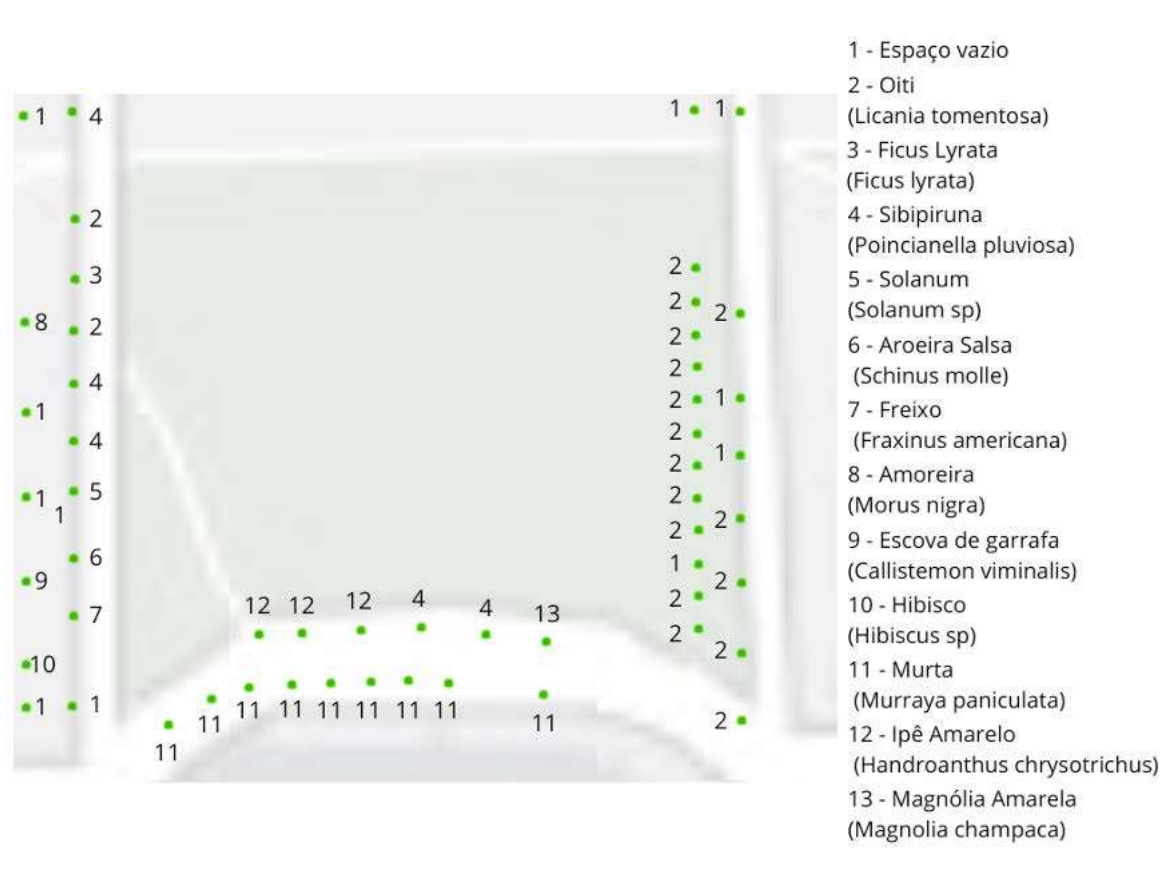


Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A Figura 269 mostra a localização dessas espécies e também os espaços livres que podem receber novos plantios. O levantamento foi feito a partir da camada Proverde do Siglon, da SEMA. Observa-se que a vegetação de menor porte nos canteiros internos passou por várias mudanças ao longo dos anos. Atualmente, esses espaços são cobertos principalmente por gramados e algumas árvores adultas, que parecem ter sido plantadas mais recentemente. Há diversidade

de espécies, o que indica diferentes períodos de plantio. Na imagem georreferenciada, também é possível notar o tamanho das copas e a presença de áreas mais abertas, com maior entrada de luz solar no centro da Praça. Isso reforça a função do mastro da bandeira como elemento central, já que o entorno mais vazio facilita sua visualização à distância e valoriza sua presença na paisagem.

Figura 269 – Planta baixa do levantamento arbóreo



Fonte: Siglon, Portal Ambiental (2025), modificado pelos autores (2025).

O mobiliário da Praça é diverso e reflete sobreposições de diferentes períodos. Segundo entrevista com Parisotto (2025), entre as décadas de 1990 e 2000 houve uma renovação dos mobiliários urbanos na cidade. Alguns foram substituídos por novos modelos idênticos aos anteriores; outros mantiveram o formato geral, mas passaram a ser feitos em concreto e com pequenas alterações de forma.

Um exemplo é o banco conhecido como “banco bola” (composto por uma prancha e duas esferas), registrado em fotografias desde a década de 1950. Não é possível afirmar se os exemplares atuais são originais ou réplicas com formato semelhante. Essa tipologia aparece em outras praças da cidade, mas há pouca documentação ou estudo sobre sua origem e possíveis substituições. Outro elemento de interesse é uma estrutura em concreto com encosto, mais baixa que os bancos comuns, localizada ao lado da escada e próxima à sombra de uma árvore [Fig. 270]. Não há informações sobre sua autoria ou data de implantação, mas permanece em uso.

Figura 270 – “Banco bola” e banco em concreto



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

As luminárias também apresentam diferentes modelos [Fig. 271]. Nas calçadas do entorno, além da iluminação pública convencional, há luminárias com duas esferas brancas presas a estruturas metálicas em arco, modelo que também aparece em outras áreas do centro. Já ao longo dos muros de arrimo, aparecem luminárias menores com uma esfera branca sobre hastes de concreto ornamentadas, fixadas em bases quadradas elevadas. No interior da Praça, são encontrados dois outros modelos: um com uma esfera branca e outro com três esferas, ambos sobre hastes de concreto ornamentadas, em escala maior que as do contorno. Além dessas, há também refletores altos com haste metálica.

Figura 271 – Luminárias da Praça Marechal Floriano Peixoto



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

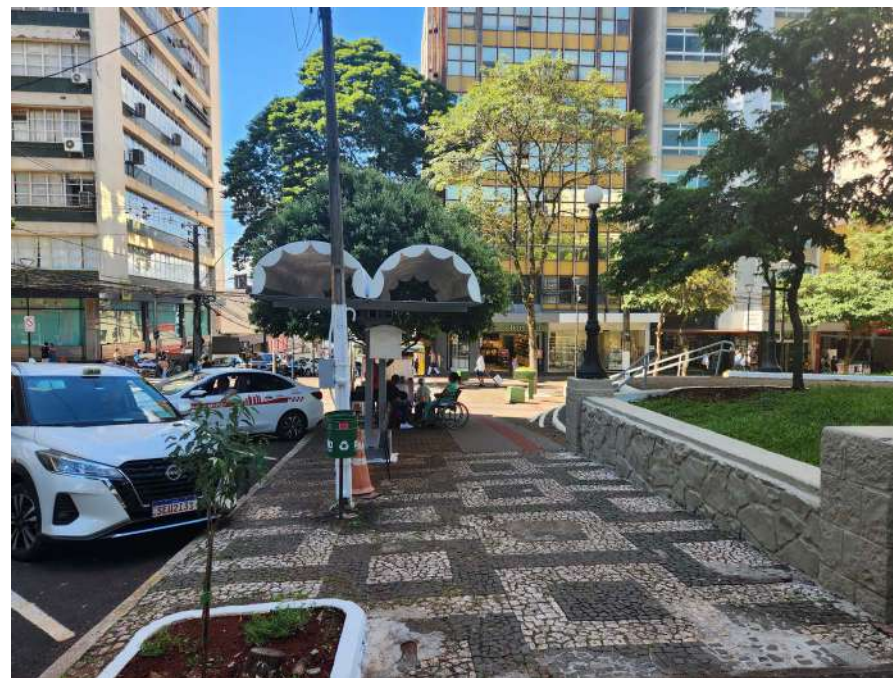
Além dos mobiliários já mencionados, o espaço conta com lixeiras no padrão da CMTU e alguns artefatos históricos remanescentes no entorno da Praça, como uma tampa de bueiro no padrão da prefeitura de Londrina, datado de 1942 [Fig. 272]. Outro é a estrutura original de uma área de permanência para taxistas [Fig. 273], implantada durante o projeto de Jaime Lerner na década de 1970.

Figura 272 – Lixeira padrão CMTU e tampa de bueiro de 1942



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 273 – Ponto de táxi original do projeto de Jaime Lerner



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Os limites da Praça são delimitados por um muro de arrimo em pedra que acompanha todo o perímetro [Fig. 274]. Embora tenha perdido sua aparência original devido a pinturas realizadas pela CMTU, o traçado permanece preservado. Quanto aos usos, a área ao redor é caracterizada por uso misto, com predominância de comércio e serviços, além de alguns edifícios residenciais pontuais.

Figura 274 – Muro de arrimo



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A paisagem reúne diferentes tipologias arquitetônicas, algumas com fichas de inventário no Siglon, como o conjunto Sahão, a farmácia Vale Verde, o hotel Sahão, edifícios comerciais e o edifício América (“Relojão”). Também estão cadastrados como bens de interesse paisagístico e histórico a própria Praça, o painel de Poty Lazzarotto (Café e Etnias) e o Altar da Pátria. Além disso, o entorno imediato apresenta intensa circulação de pedestres, presença de vendedores

ambulantes no Calçadão [Fig. 275] e uso religioso vinculado à Catedral. O perfil da Praça é marcado pelo atravessamento constante ao longo do dia, funcionando como espaço de passagem e permanência em meio ao centro urbano.

Figura 275 – Ambulantes ao redor da Praça

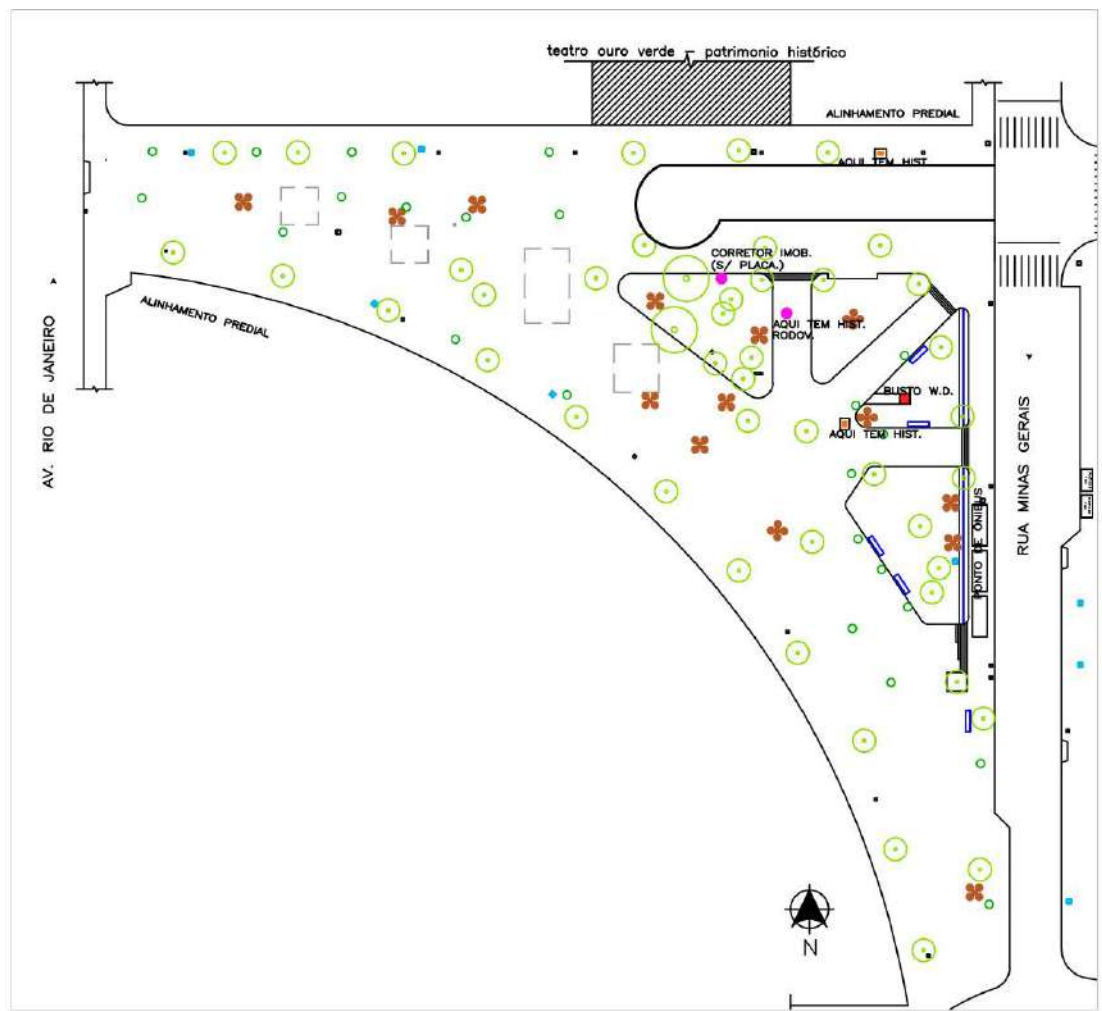


Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

6.3 Praça Willie Davids

A Praça Willie Davids é conhecida como trecho 5 do Calçadão, próximo à rua Minas Gerais. Na imagem a seguir [Fig. 276] é possível ver os elementos e mobiliários presentes na atualidade.

Figura 276 – Planta-síntese dos elementos e mobiliários existentes na Praça Willie Davids



- LEGENDA:
- | | | | | | | | |
|--|---------|--|-----------|--|---------------------|--|--------------------------|
| | ÁRVORES | | LUMINÁRIA | | BUSTO WILLIE DAVIDS | | AQUI TEM HISTÓRIA |
| | BANCOS | | FLOREIRAS | | MONUMENTOS | | QUIOSQUES RETIRADOS-2011 |

Fonte: Autores (2025).

A Praça Willie Davids passou por modificações ao longo do tempo, sendo incorporada ao Calçadão, como descrito nas análises anteriores. Seu perímetro foi alterado, estendendo-se até o alinhamento da quadra em um formato de um quarto de círculo, tornando menos perceptível seu formato triangular original [Fig. 277]. Apesar das alterações, o traçado da Praça mantém os três caminhos em disposição de tridente, porém o ponto central de onde partem esses caminhos não está mais claramente demarcado [Fig. 278]. Atualmente, essa centralidade parece ser indicada por uma árvore em um pequeno canteiro, embora o desenho não transmita a mesma percepção da década de 1950 [Fig. 279].

Há uma escada em cada um desses três caminhos, que são os acessos da rua Senador Souza Naves e avenida Paraná para o centro da Praça, que se encontra em um nível mais alto. Há outra escada que não constava na década de 1950 implantada na quina do triângulo voltada para a rua Senador Souza Naves, próxima aos pontos de ônibus [Fig. 280].

Figura 277 – Vista da alameda Manoel Ribas para a Praça Willie Davids



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

Figura 278 – Vista do interior da Praça para os três caminhos do tridente



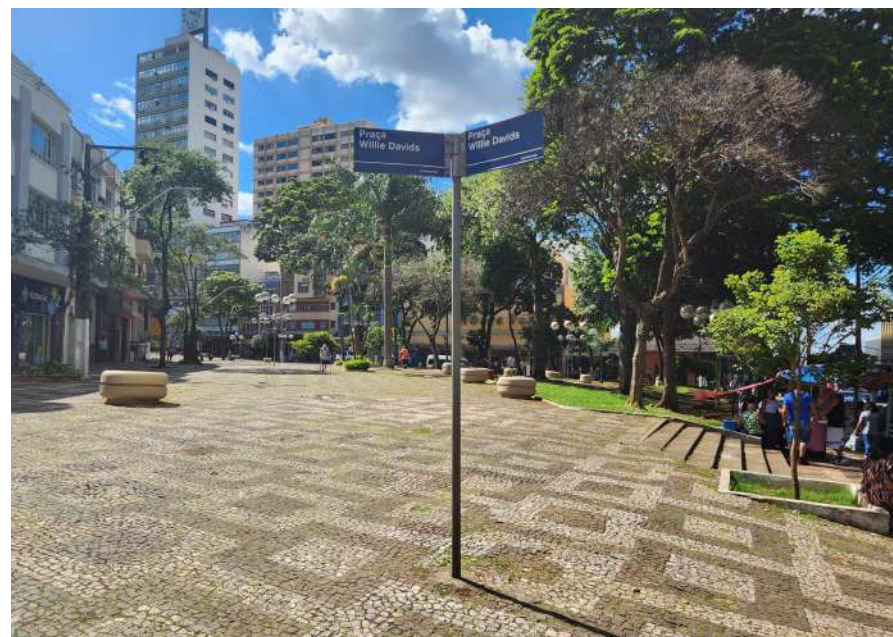
Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

Figura 279 – Vista para o caminho central da Praça



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

Figura 280 – Vista para a Praça Willie Davids, destaque para a escada à direita da imagem



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

A vegetação é composta por árvores altas e de copas densas, concentradas principalmente no perímetro original [Fig. 281]. Na avenida Paraná, predominam árvores de menor porte. Observando a Praça a partir do Calçadão [Fig. 282], destaca-se a densa massa vegetativa, que contrasta com a escassez de árvores no eixo central do Calçadão. As áreas que antes eram vias para automóveis apresentam pouca vegetação e sombreamento, reforçando o contraste com a área central da Praça. Os canteiros das árvores são em concreto, geralmente quadrados, e há uma diversidade de espécies, incluindo plantas em floreiras voltadas para a rua Senador Souza Naves e algumas palmeiras.

Figura 281 – Cruzamento das ruas Senador Souza Naves e Maranhão



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

Figura 282 – Vista a partir do Calçadão da avenida Paraná



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A pavimentação da Praça é marcada pelo uso de *petit pavé* (pedra portuguesa) preta e branca de 1977. Há diferenciação de pavimentação com meio-fio onde anteriormente se localizava a avenida Paraná (atual rua Maranhão) em frente ao Cine Teatro Ouro Verde, cujo traçado permanece visível [Fig. 283 e 284], terminando em um desenho circular. Em alguns trechos, observa-se a ausência de pedras, possivelmente devido a manutenções [Fig. 285], além de

variações na coloração das mesmas. O piso tátil está presente em determinados pontos, e há áreas com concreto que aparentam ter passado por intervenções recentes.

Figura 283 – Diferenciação do piso na rua Maranhão



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 284 – Diferenciação do piso na rua Maranhão



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 285 – Pedras soltas em trechos da Praça Willie Davids



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

O mobiliário urbano inclui luminárias do modelo araucária (com cinco esferas), originais da intervenção de 1977, floreiras redondas de concreto (sem plantas), implantadas na intervenção de 1993, bancos de concreto pintados em verde e vermelho padrão da prefeitura municipal e muretas altas que são utilizadas como bancos, pintadas em cinza escuro. As lixeiras seguem o padrão da CMTU, na cor verde [Fig. 286].

Figura 286 – Mobiliários da Praça Willie Davids



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Além do mobiliário, destacam-se elementos [Fig. 287] como um totem metálico pintado de verde com a placa “Aqui Tem história” e uma placa de bronze com o mesmo título informando que no local funcionou a segunda rodoviária da cidade, fixada em uma base de granito bastante danificada. Além disso, há o monumento à Willie Davids que consiste em um busto de bronze do fazendeiro sob uma base revestida de granito. Há também uma rocha de origem basáltica na qual era fixada uma placa que homenageava os corretores de imóvel da cidade, conforme descrito em sua Ficha de Inventário (Siglon, M08, 2020).

Figura 287 – Monumentos presentes na Praça Willie Davids



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A Praça conta com um ponto de ônibus na rua Senador Souza Naves, composto por três abrigos no padrão da prefeitura, além de barraquinhas de ambulantes voltadas para o Calçadão da avenida Paraná. Quanto à infraestrutura, há drenos de concreto e fiação elétrica aparente em todo o entorno, o que prejudica a visão de edifícios históricos, como o Cine Teatro Ouro Verde, e entra em conflito com a copa das árvores. Na Figura 288 é possível observar um poste de aspecto grosseiro com fiação aparente, implantado bem em frente ao letreiro “Ouro Verde”, o que impacta

diretamente na fruição do bem que é tombado estadualmente desde 1999 (Paraná, 2025).

Figura 288 – Vista da Praça Willie Davids para o Cine Teatro Ouro Verde



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

O entorno é caracterizado pelo uso comercial, principalmente nos pavimentos térreos dos edifícios. Além disso, algumas barracas e ambulantes ficam próximos à Praça [Fig. 289]. Entre as construções próximas, destaca-se o Cine Teatro Ouro Verde, bem tombado a nível municipal e do qual a Praça Willie Davids integra a área envoltória.

Algumas construções altas, como o edifício Fuganti [Fig. 290], marcam a paisagem, e outros edifícios da rua Senador Souza Naves, além da proximidade com o Royal Plaza Shopping.

Figura 289 – Vista do Cine Teatro Ouro Verde para a Praça Willie Davids



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 290 – Vista da Praça Willie Davids para a rotatória e o edifício Júlio Fuganti



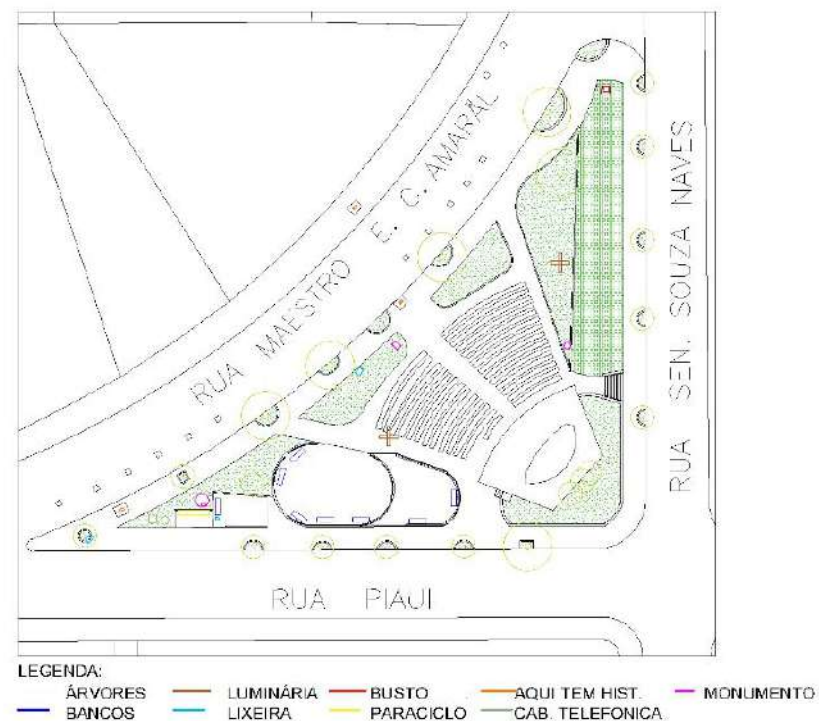
Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

De maneira geral, a situação atual da Praça Willie Davids reflete um espaço que, embora tenha passado por transformações significativas ao longo do tempo, ainda mantém elementos que remetem à sua configuração histórica e à sua importância no contexto urbano de Londrina. A incorporação ao Calçadão e a modificação do perímetro transformaram a relação entre o espaço e seu entorno, porém refletem um período marcante da história da cidade. Além disso, sua centralidade e a presença do Cine Teatro Ouro Verde, reforçam seu valor como um espaço de memória e convívio, destacando a necessidade de ações que equilibrem a preservação de suas características originais com as demandas contemporâneas da cidade.

6.4 Praça Primeiro de Maio

A Praça Primeiro de Maio apresenta elementos que refletem diferentes momentos de sua história, como mostram as imagens sínteses das intervenções ao longo do tempo [Fig. 291].

Figura 291 – Elementos da Praça Primeiro de Maio



Fonte: Autores (2025).

Além das mudanças internas, a configuração externa da praça mantém seu formato triangular original, definido no Plano Inicial de 1932. Seu perímetro é delimitado pelas ruas Piauí e Senador Souza Naves [Fig. 292], que funcionam como vias de mão única para automóveis. Já a rua Maestro Egídio Camargo do Amaral [Fig. 293] está fechada para tráfego de veículos, mas é frequentemente usada como estacionamento (mesmo sendo proibido) ou para carga e descarga durante eventos.

Figura 292 – Cruzamento das ruas Piauí e Senador Souza Naves



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 293 – Esquina das ruas Senador Souza Naves e Maestro Egídio Camargo do Amaral



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A Praça pode ser acessada pelos três lados do triângulo: na rua Souza Naves [Fig. 294] a partir de uma escada que conecta o espaço ao nível da rua, ou em nível pelas ruas Maestro Egídio Camargo do Amaral [Fig. 295] e Piauí [Fig. 296]. No dia da visita, observou-se um caminhão entrando na praça pela rua Piauí para realizar o descarregamento de equipamentos para o evento que estava sendo organizado.

Na parte interna, o caminho central, entre os bancos da arquibancada, é um dos principais eixos de circulação [Fig. 297]. Além disso, há um espaço gradeado com bancos [Fig. 298], resultado de uma intervenção de 1973, que oferece um local de descanso para os frequentadores.

Figura 294 – Acesso pela rua Senador Souza Naves



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 295 – Acesso pela rua Maestro Egídio Camargo do Amaral



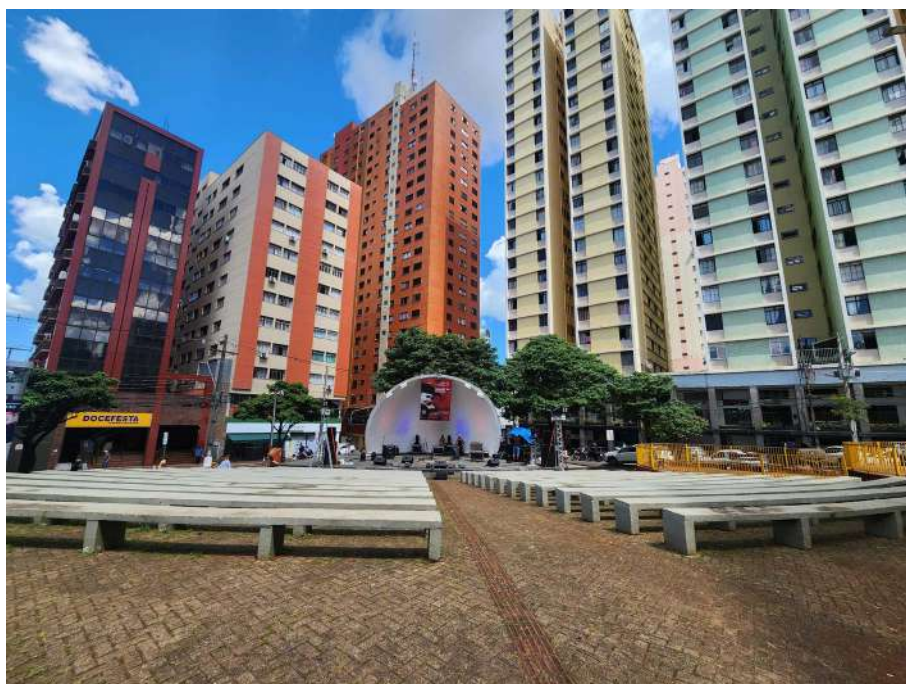
Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 296 – Acesso pela rua Piauí



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 297 – Vista para o caminho interno central da Praça



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

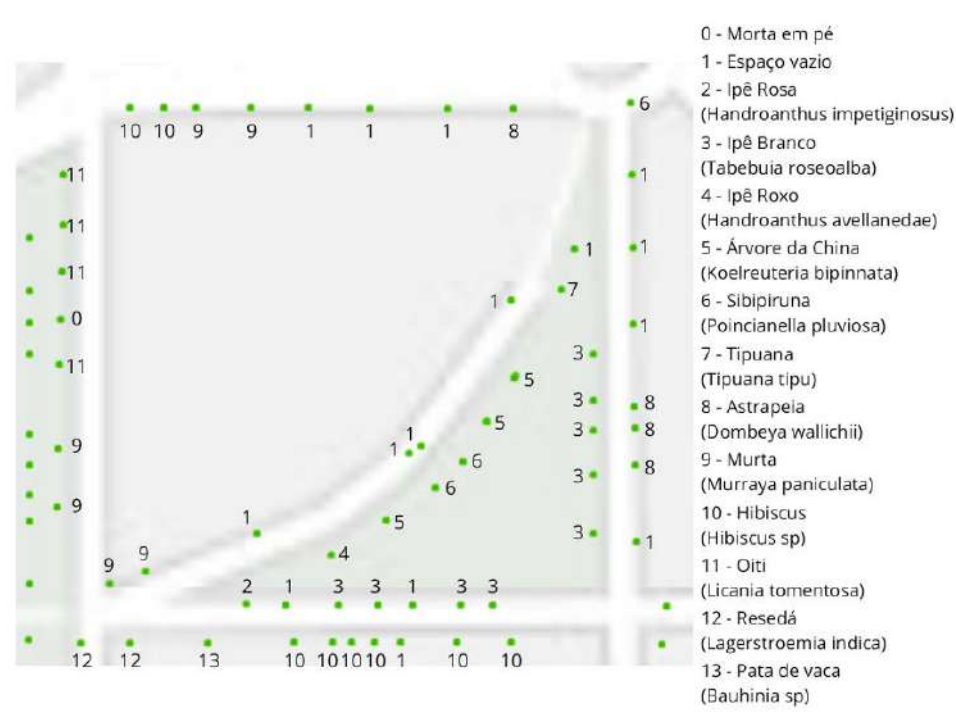
Figura 298 – Espaço de permanência gradeado



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A vegetação é composta por árvores adultas implantadas principalmente na calçada, dentro de canteiros semi circulares, seguindo o perímetro do espaço. Essas árvores proporcionam um bom sombreamento nas áreas laterais, mas não são suficientes para cobrir o miolo da Praça, onde está localizada a arquibancada voltada para a Concha Acústica. A arborização urbana do entorno está catalogada no sistema do SEMA Portal Ambiental, um *Web Mapping Application* dentro do sistema Siglon, que traz a especificação botânica dessas espécies na camada “Arborização – Inventário PROVERDE”. Através dele pode-se atestar a concentração de espécies de grande porte e idade desenvolvida ao analisar o perfil inventariado de cada uma indicada. Na Figura 299 é possível observar a distribuição em planta das árvores na região de entorno próximo que caracteriza o microclima da região.

Figura 299 – Planta baixa do levantamento arbóreo



Fonte: Siglon, Portal Ambiental (2025), modificado pelos autores (2025).

Quanto aos aspectos paisagísticos da Praça, os canteiros internos são gramados com algumas espécies pontuais plantadas ao longo como palmáceas, arbustos e folhagens. Em uma de suas pontas do triângulo, ao lado de uma cabine telefônica típica inglesa, apresenta um jardim pequeno com flores diversas e uma placa o nominando como uma homenagem aos setenta anos de reinado da rainha Elizabeth II [Fig. 300].

Figura 300 – Calçada da rua Senador Souza Naves, com árvores distribuídas nos canteiros



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

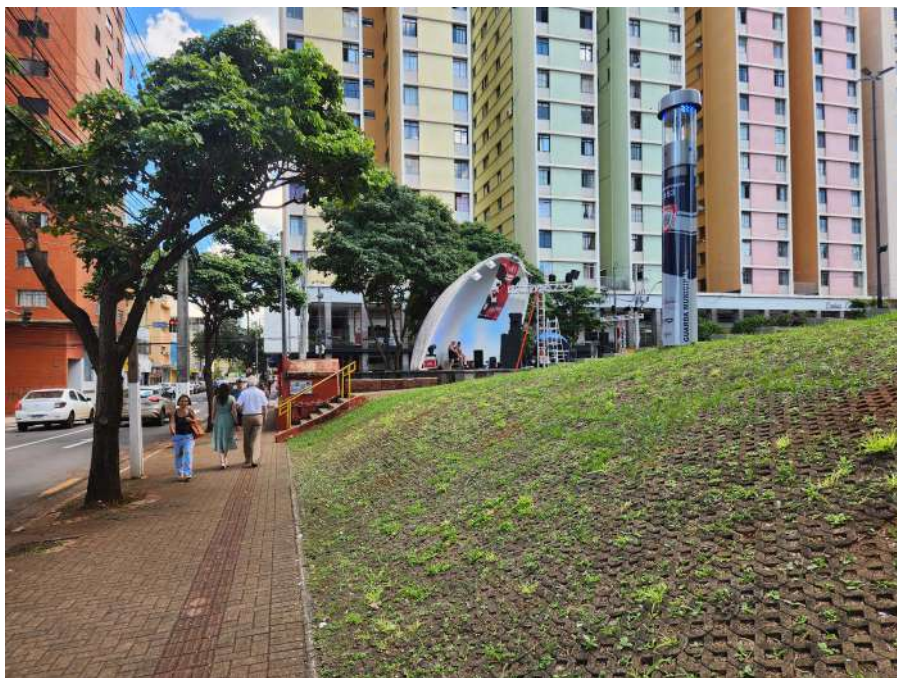
A pavimentação do local é variada e reflete diferentes épocas de intervenção. A rua Maestro Egídio Camargo do Amaral é revestida com paralelepípedos originais da década de 1950 [Fig. 301]. O talude voltado para a rua Souza Naves é revestido com concregrama, e os caminhos internos da praça, assim como as calçadas, utilizam pavers de concreto além de pisos táteis [Fig. 302].

Figura 301 – Rua Maestro Egídio Camargo do Amaral



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 302 – Talude voltado para a rua Senador Souza Naves



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

O elemento de maior destaque da Praça é a Concha Acústica e sua arquibancada [Fig. 303], a partir da qual o traçado se desenvolve. Construída em 1957, preserva a mesma configuração dos bancos desde sua inauguração, com alterações pontuais nos canteiros laterais.

Figura 303 – Concha Acústica e arquibancada, com o conjunto de torres do condomínio Centro Comercial ao fundo

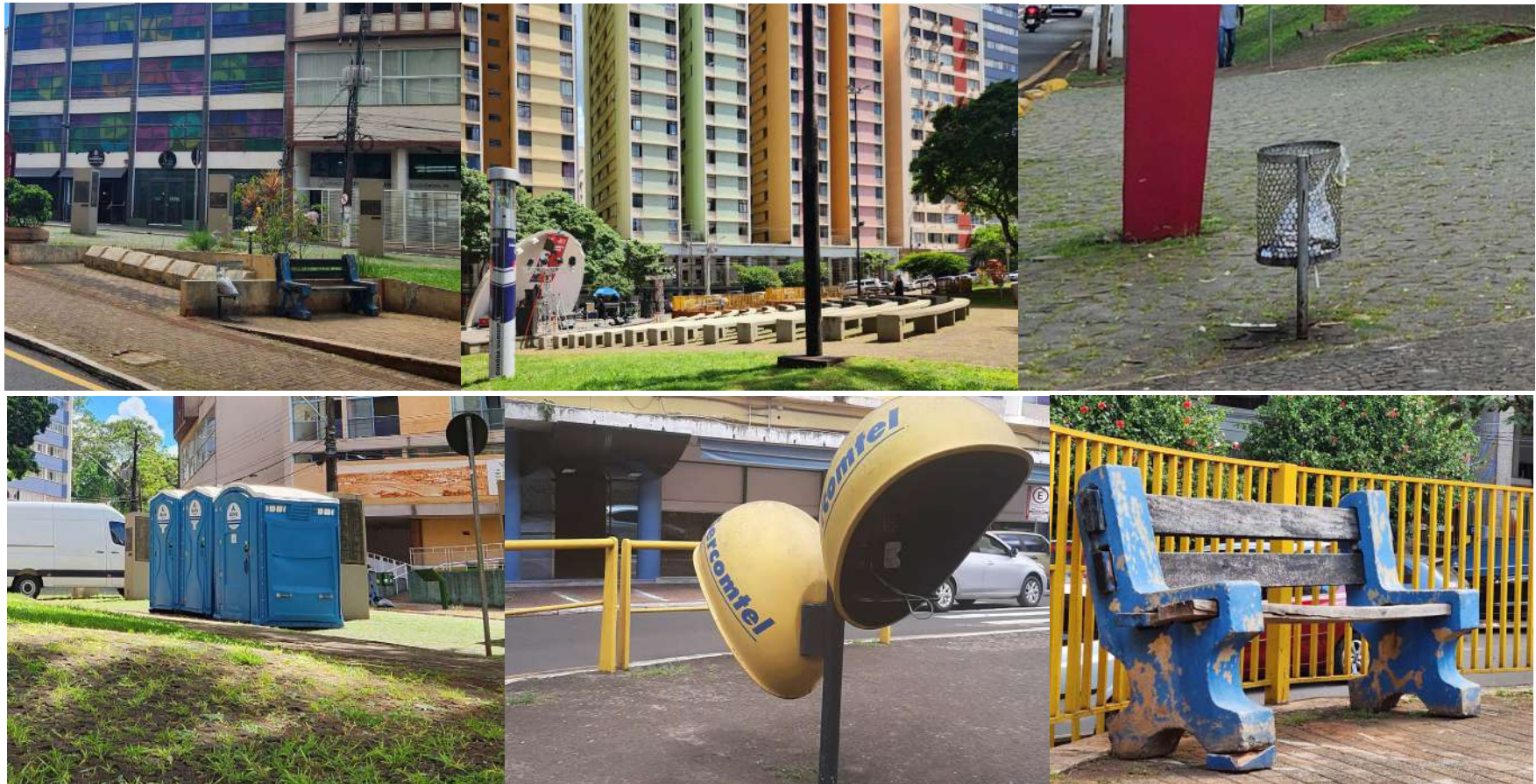


Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

O mobiliário [Fig. 304] da Praça inclui lixeiras verdes padrão CMTU e lixeiras cinza teladas, além de um orelhão da Sercomtel e uma cabine telefônica no estilo londrino. Há um totem da Guarda Municipal equipado com câmera e botão de emergência, além de luminárias altas com refletores de LED. Há algumas floreiras redondas de concreto semelhantes às encontradas no calçadão, além de um

bicicletário em concreto. Os bancos são de estrutura de concreto com assento e encosto de madeira, e estão implantados no espaço gradeado, além dos bancos totalmente de concreto voltados para a Concha. Durante o levantamento, foram observados banheiros químicos na praça, provavelmente instalados para o evento que ocorria no local.

Figura 304 – Mobiliário da Praça Primeiro de Maio



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

No dia da visita, as grades estavam pintadas de amarelo, os bancos de madeira de azul, as muretas de vermelho, a arquibancada de concreto de bege, o piso da Concha de cinza e a estrutura da Concha de branco. No entanto, a pintura estava deteriorada, com descascamento expondo camadas anteriores. Com o início do programa “Viva o Centro”, essas estruturas já foram pintadas com cores mais sóbrias, sem as cores primárias observadas no levantamento [Fig. 305].

Figura 305 – Vista do Centro Comercial para a Praça com a pintura recente



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

Quanto aos monumentos [Fig. 306], a Praça abriga o busto de Abilon Souza Naves, que foi realocado para sua posição atual após a revitalização de 2007 (Siglon, M05, 2023). Há também um totem com QR code intitulado “Aqui Tem História”, que oferece informações sobre o local. Outro destaque é o Memorial do Pioneiro, implantado na rua Maestro Egídio Camargo do Amaral, composto por dezessete totens em concreto e placas de bronze em homenagem aos pioneiros que participaram da formação inicial da cidade (Siglon, P37).

Figura 306 – Memorial do Pioneiro, totem “Aqui Tem História” e busto de Abilon Souza Naves



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A infraestrutura elétrica da Praça apresenta aterramento dos fios nos pontos de iluminação internos, mas no entorno os fios estão aparentes, causando poluição visual e conflito com as copas das árvores. Caixas de inspeção, bueiros e tampas de inspeção também estão presentes, integrando a infraestrutura básica do espaço.

Por fim, quanto ao entorno da praça, observa-se que é bastante verticalizado, com edifícios altos que contrastam com a área verde do local. Além disso, a Praça está contemplada na área envoltória da antiga Casa da Criança [Fig. 307], bem tombado a nível municipal em 2016. Um ponto de destaque é que, a partir da Praça, é possível avistar o Bosque e a rua central que o atravessa, integrando o espaço ao contexto urbano mais amplo.

Figura 307 – Vista da Praça para a Casa da Criança, destaque para o edifício Júlio Fuganti



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 22 mar. 2025.

6.5 Bosque Marechal Cândido Rondon

O Bosque Marechal Cândido Rondon está localizado ao lado da Catedral, entre as avenidas São Paulo e Rio de Janeiro e a rua Pará. O local apresenta espécies de grande porte que remontam a mata nativa da cidade e espaços de lazer e uso esportivo, como *playground*, quadra e academia ao ar livre. O mobiliário local é composto por luminárias, bancos, lixeiras e monumentos [Fig. 308].

Figura 308 – Situação atual do Bosque



LEGENDA:

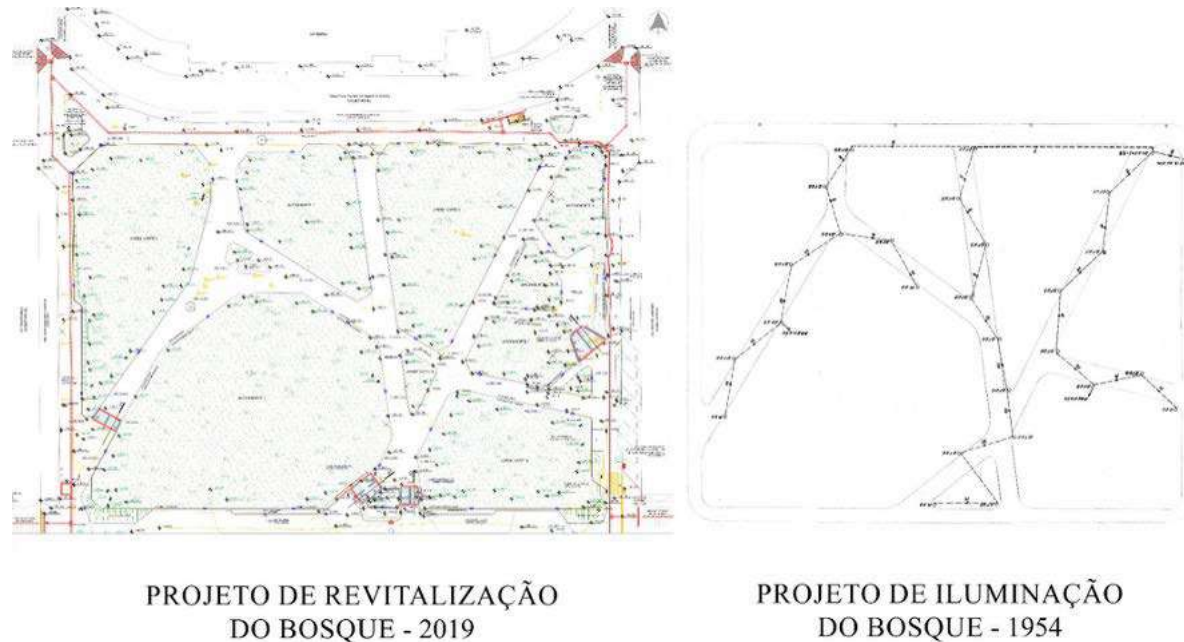
- | | | |
|---|--|--|
|  ÁRVORES |  MONUMENTOS |  AQUI TEM HIST. |
|  BANCOS |  LIXEIRA | |

Fonte: Autores (2025).

O Bosque Marechal Cândido Rondon não conserva o traçado original proposto em 1934. Os indícios sugerem que tal traçado nunca foi efetivamente executado. Nota-se, contudo, que o traçado atual da quadra norte do Bosque possui grande similaridade com o traçado presente no projeto de iluminação de 1954, apresentando apenas pequenas alterações nos canteiros e mantendo os mesmos acessos principais [Fig. 309].

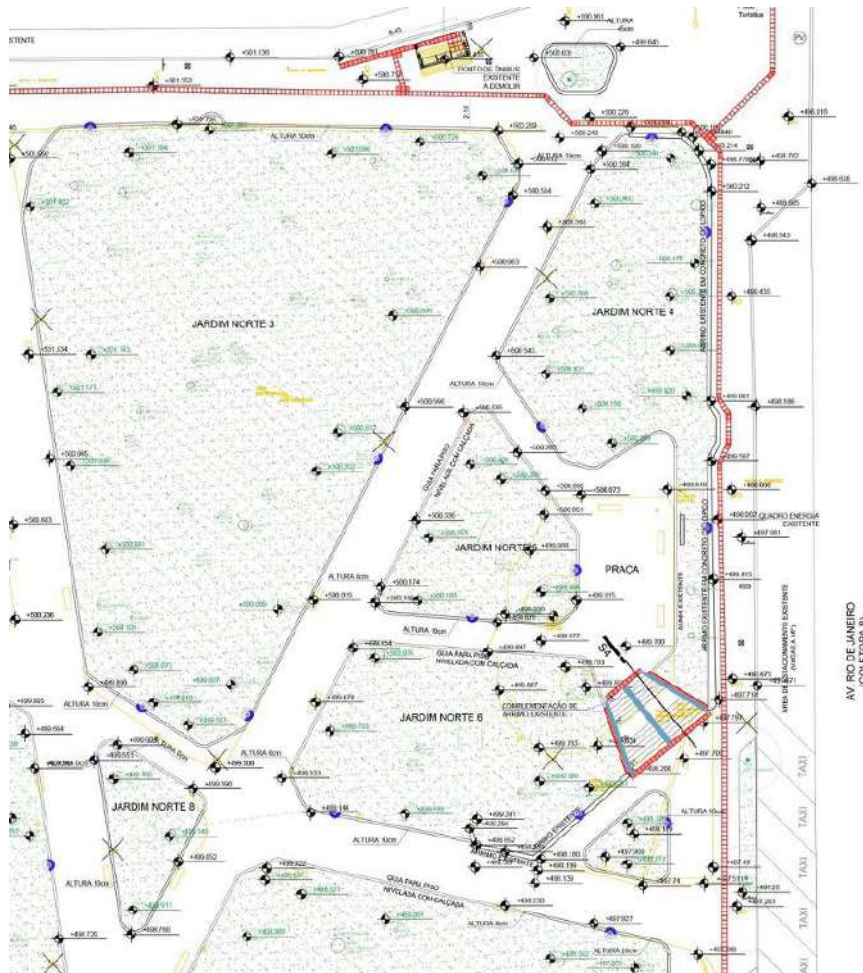
A principal diferença constatada é que, atualmente, o acesso pela avenida Rio de Janeiro foi bifurcado e conta com uma escada. Observa-se também que alguns canteiros (denominados “jardins” na planta de revitalização de 2019) foram subdivididos, permitindo a criação de novos cruzamentos entre os caminhos e espaços de permanência, conforme indicado no projeto de 2019 [Fig. 310].

Figura 309 – Comparação do traçado do Bosque (quadra norte), atualmente e em 1954



Fonte: Acervo do IPPUL (2025); Cadastro Imobiliário Municipal (2025), modificado pelos autores (2025).

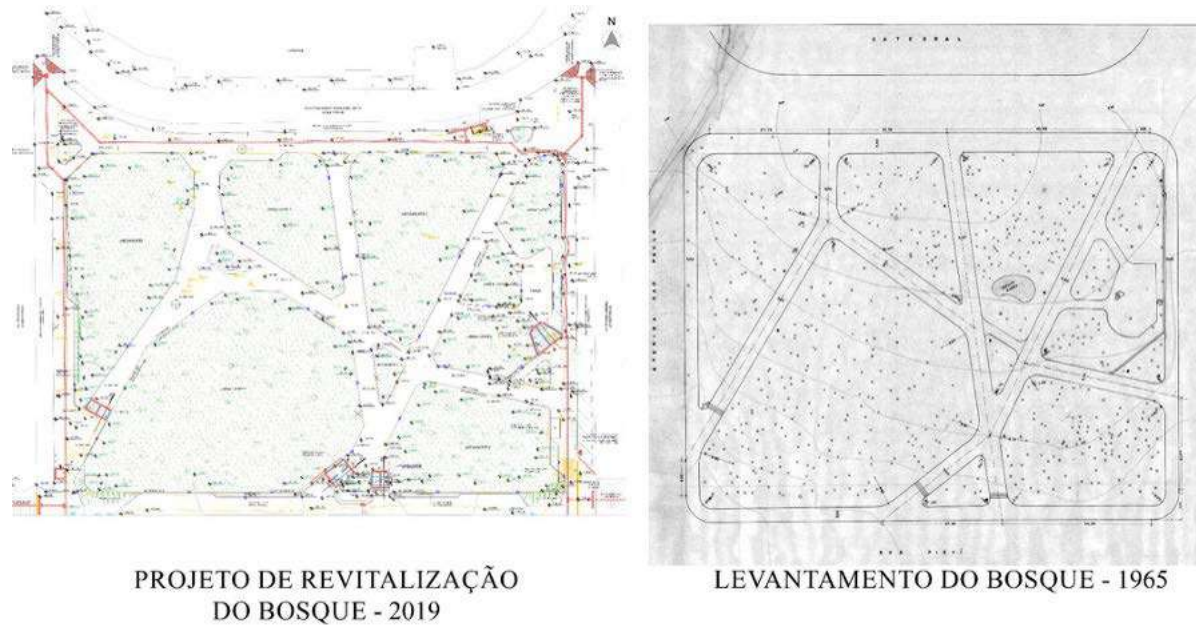
Figura 310 – Zoom na área de permanência da Praça (projeto de revitalização do Bosque, 2019)



Fonte: Acervo do IPPUL (2025), modificado pelos autores (2025).

Todavia, é importante destacar que grande parte da subdivisão dos canteiros já estava presente no levantamento do Bosque realizado em 1965 [Fig. 311], mantendo-se praticamente inalterada até os dias atuais. A única modificação significativa foi a criação da interseção entre o caminho de acesso da avenida São Paulo, o da Travessa Padre Bernardo Greis e o caminho interno que conecta o Bosque, resultando na formação de um pequeno canteiro central na trifurcação. Ademais, conforme já mencionado, embora os traçados dos caminhos tenham permanecido bastante semelhantes, foram alargados sempre que possível conforme o projeto de revitalização de 2019 (IPPUL, 2020).

Figura 311 – Comparação do traçado do Bosque (quadra norte), atualmente e em 1965



Fonte: Acervo do IPPUL (2025); Cadastro Imobiliário Municipal (2025).

Em relação ao perímetro da quadra norte do Bosque, observa-se que, tanto no projeto de iluminação de 1954 quanto no levantamento da de 1965, ainda não havia o avanço da quadra nos vértices formados pela travessa Padre Bernardo Greis com as avenidas Rio de Janeiro e São Paulo, o qual “abraça” a elipse central onde se localiza a Catedral. O documento mais antigo em que esse elemento já aparece, tal como permanece até os dias atuais, é no “Cadernão de mapas” desenvolvido nos anos 1970 [Fig. 312]. Já em relação à quadra sul, observa-se a permanência de seu perímetro retangular ao longo dos anos, sem alterações significativas em sua configuração.

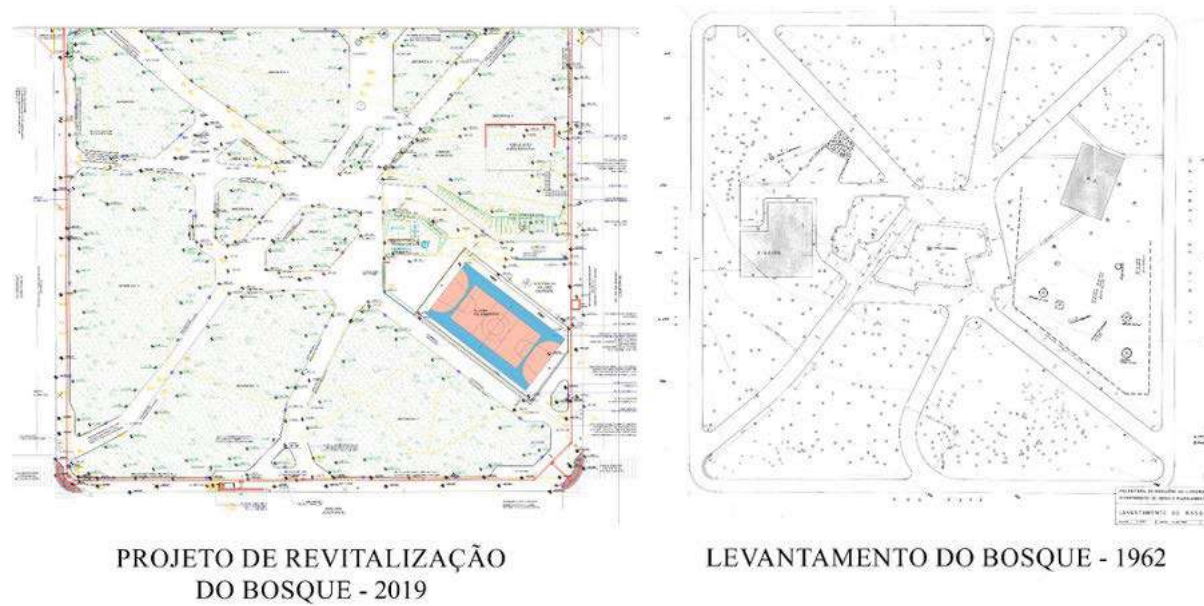
Figura 312 – Área do Bosque no “Cadernão de mapas”, [197-]



O traçado atual da quadra sul do Bosque apresenta correspondência com o levantamento de 1962, evidenciando poucas alterações nos canteiros e a preservação dos acessos principais [Fig. 313]. Constata-se, também, que a quadra esportiva já existia desde a década de 1950, conforme registrado na Ficha de Inventário do Bosque e mencionado em reportagem da *Folha de Londrina*. No entanto, ela foi representada em planta pela primeira vez no levantamento de 1987, onde foi designada como “cancha”, destinada a diversas modalidades esportivas, e permanece até os dias atuais na mesma localização registrada naquela época [Fig. 314].

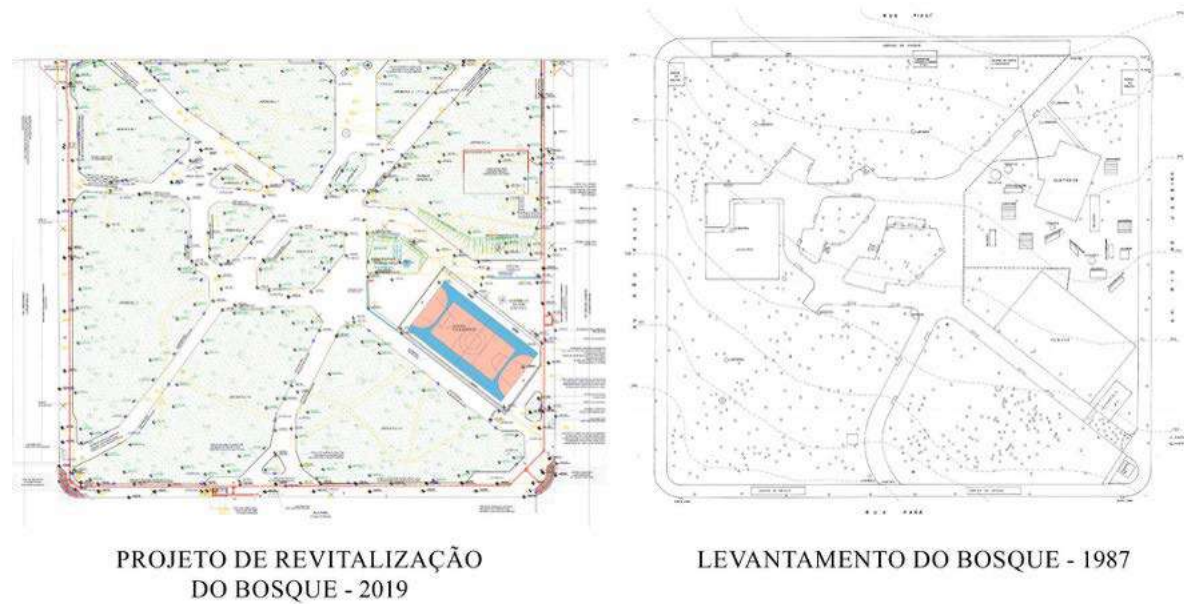
Fonte: Acervo do IPPUL (2025), modificado pelos autores (2025).

Figura 313 – Comparação do traçado do Bosque (quadra sul), atualmente e em 1962



Fonte: Acervo do IPPUL (2025); Cadastro Imobiliário Municipal (2025), modificado pelos autores (2025).

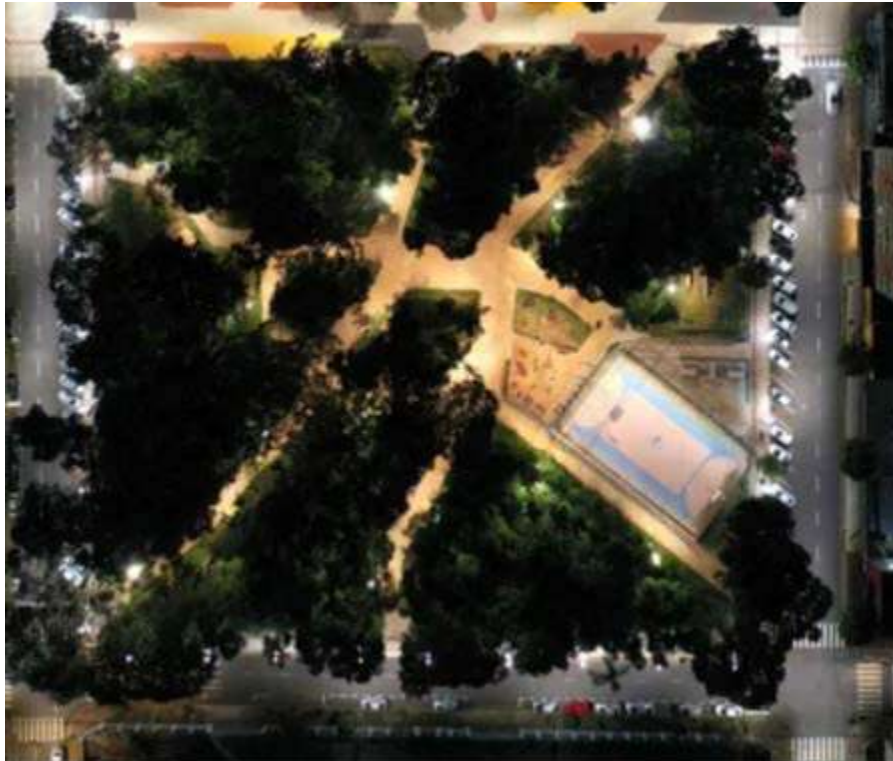
Figura 314 – Comparação do traçado do Bosque (quadra sul), projeto de 2019 e 1987



Fonte: Cadastro Imobiliário Municipal (2025), modificado pelos autores (2025).

No entanto, os traçados da quadra sul do Bosque foram realizados com algumas diferenças em relação ao projeto de 2019. Os dois canteiros próximos a avenida São Paulo e o espaço central, o qual é possível perceber parcialmente na imagem noturna [Fig. 315], foram unificados em um grande canteiro, ficando apenas o acesso pela São Paulo e, em vez de três acessos pela área central, apenas duas.

Figura 315 – Imagem noturna da quadra sul do Bosque



Fonte: Albuquerque (2022). Foto de Augusto Soares.

No Bosque, todas as áreas pavimentadas são de concreto, incluindo as calçadas do entorno, que contam também com piso tátil. A área central do Bosque, antigo Zerinho, também conta com esse recurso de acessibilidade e pintura colorida sobre a pavimentação de concreto. Com a implantação do programa “Viva o Centro”, o caminho

da área central recebeu uma nova pintura em tonalidades mais sóbrias, substituindo as cores anteriormente adotadas [Fig. 316]. No entanto, apesar da recente aplicação, a pintura já apresenta vários sinais de desgaste [Fig. 317].

Figura 316 – Pintura dos caminhos do Bosque



Fonte: Autores (2025). Datas das fotos: 14 fev. 2025 e 5 maio 2025.

Figura 317 – Pintura atual desgastada

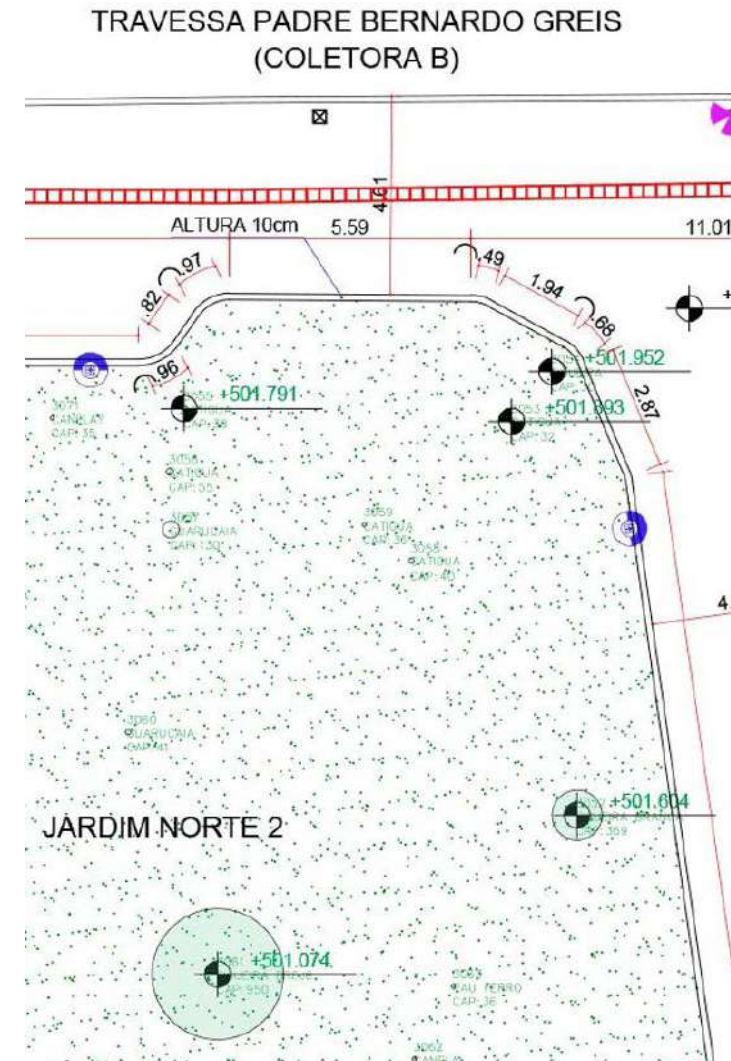


Fonte: Autores (2025). Data das fotos: 5 maio 2025.

A vegetação do Bosque se destaca como o principal elemento do espaço, funcionando como um refúgio verde em meio à paisagem urbana do centro de Londrina. Seu valor ecológico foi reconhecido inicialmente pelo Código Ambiental do Município (lei n.º 11.471/2012), que o classificou como Área de Preservação Permanente (APP). Mais tarde, a lei n.º 12.998/2019 redefiniu sua categoria para Jardim Bosque, mantendo, entretanto, restrições à abertura de novas vias públicas no local, com o objetivo de garantir a preservação de sua integridade ambiental.

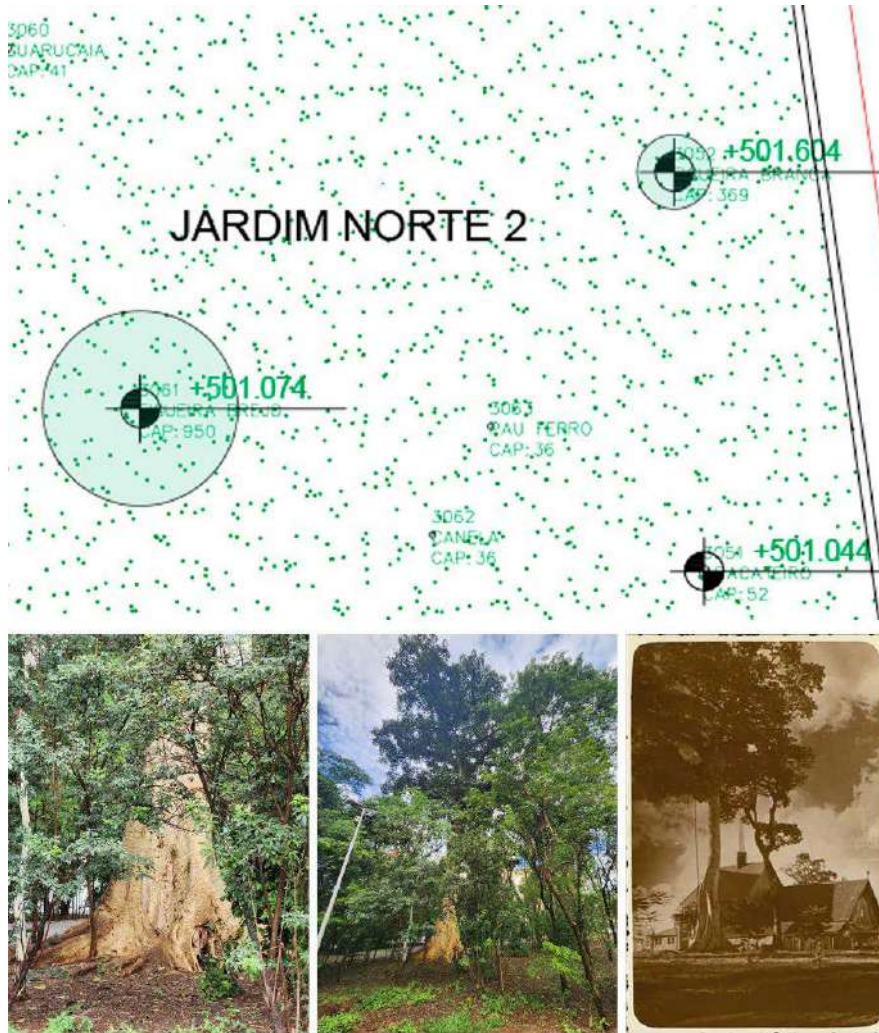
No entanto, vale ressaltar que o local ainda abriga espécies de grande porte remanescentes da mata nativa, como as perobas e figueiras. Um exemplo notável é a figueira-branca, registrada em uma fotografia da década de 1940 e ainda presente no Bosque atualmente. No levantamento georreferenciado das árvores realizado pelo IPPUL, foi identificada uma imponente figueira-do-brejo com CAP de 950 cm, localizada no Jardim Norte 2 [Fig. 318]. Embora a semelhança entre as espécies dificulte uma identificação definitiva, a localização e o porte da árvore sugerem fortemente que se trata da mesma figueira registrada na imagem histórica [Fig. 319].

Figura 318 – Zoom do levantamento georreferenciado das árvores (projeto de revitalização do Bosque, 2019)



Fonte: Acervo do IPPUL (2025), modificado pelos autores (2025).

Figura 319 – Figueira-do-brejo com CAP de 950 cm, localizada no Jardim Norte 2 (projeto de revitalização do Bosque, 2019)



Fonte: Acervo do IPPUL (2025); acervo do MHL (2025), modificados pelos autores (2025).

Quanto à arborização urbana do entorno do Bosque, segundo levantamento realizado pela SEMA presente no Siglon, na subárea SEMA Portal Ambiental, há diversas espécies saudáveis e uma considerada “morta em pé”, assim como alguns espaços vazios passíveis de plantio. Vale ressaltar a área de calçada da avenida São Paulo, totalmente vazia. Através da Figura 320 é possível entender a disposição das espécies utilizadas para arborização urbana deste contexto e perceber que essas árvores e remanescentes da mata nativa dentro do Bosque, são algumas das poucas que permanecem na área central da cidade, servindo como testemunhas vivas da biodiversidade original e construção do microclima local no coração do Centro. Por isso, é fundamental garantir a proteção, manutenção e cuidado dessas espécies, que estabelecem um elo entre o passado natural e o crescimento urbano de Londrina.

Figura 320 – Planta baixa do levantamento arbóreo



Fonte: Siglon, Portal Ambiental (2025), modificado pelos autores (2025).

Os equipamentos que compõem o Bosque atualmente são, no quarteirão sul: a quadra poliesportiva, área pet, academia ao ar livre, parque infantil e uma área com mesas e bancos [Fig. 321]. A área central possui arquibancadas, mesas com bancos, área para paraciclos, gramado com equipamentos lúdicos e duas áreas com equipamentos para exercício físico. O quarteirão norte, conforme já citado, possui uma pequena área de permanência com mesas e bancos, chamada de “praça” no projeto de revitalização de 2019.

Figura 321 – Equipamentos do Bosque



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

O mobiliário [Fig. 322] do Bosque inclui lixeiras metálicas padrão CMTU e lixeiras metálicas com divisão para lixo orgânico e reciclável, que apresentam a pintura um pouco desgastada e algumas unidades apresentam marcas de pichação. Os bancos são de estrutura metálica com assento de madeira, e estão implantados ao longo de todo o Bosque, tanto na parte externa como nos caminhos internos. No entanto, nota-se

que a madeira apresenta sinais de desgaste, como a descoloração e fissuras devido à exposição constante ao sol e à chuva e falta de manutenção. Um dos bancos localizados na parte interna do Bosque encontra-se totalmente deteriorado e vários estavam sujos com excrementos de pombos. Há também um bebedouro perto da quadra esportiva.

Figura 322 – Mobiliário do Bosque



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

Ademais, no local, encontra-se um totem da Guarda Municipal, que conta com câmera de vigilância e botão de emergência, além de luminárias altas com refletores de LED no interior do Bosque. Na parte externa, ao longo de todo o perímetro, há luminárias com dois globos,

iguais às instaladas nas calçadas ao redor da Catedral, na Praça Marechal Floriano Peixoto, apenas no lado por onde passa a travessa Padre Eugênio Herter e ao longo das alamedas Manoel Ribas e Miguel Blasi. Segundo Parisotto (2025), as luminárias de dois globos foram instaladas nos locais citados em meados dos anos 2000.

O Bosque também conta com diversas áreas equipadas com mesas de concreto em pintura colorida. No dia da visita, essas estruturas apresentavam a pintura deteriorada, algumas rachaduras visíveis e pichações [Fig. 323]. Com o início do programa “Viva o Centro”, essas estruturas foram pintadas em tons mais sóbrios, substituindo as cores observadas anteriormente. No entanto, vale ressaltar que a pintura recente já está se deteriorando.

Figura 323 – Mesas do Bosque



Foto 14/fevereiro/2025



Foto 05/maio/2025

Fonte: Autores (2025). Datas das fotos: 14 fev. 2025 e 5 maio 2025.

Há também dois totens que foram implantados na revitalização de 2021 na área central do Bosque, também conhecida como Complexo Esportivo John Wesley, localizada no prolongamento da rua Piauí, entre as avenidas São Paulo e Rio de Janeiro. Um terceiro totem com o nome

do Bosque também está situado na avenida Rio de Janeiro, perto da quadra esportiva e espaço pet. Os totens apresentam desgaste na pintura, além de pichações em dois deles [Fig. 324].

Figura 324 – Totens do Bosque



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

Além disso, há dois totens com QR code intitulado “Aqui Tem História”, um na calçada da quadra norte do Bosque em frente à Biblioteca Pública e outro localizado na área central do Bosque, os quais oferecem informações sobre o local. Outros dois totens informam sobre a revitalização que ocorreu em 2022 e sobre a inauguração da iluminação cênica em 2023. Dois elementos se distinguem na paisagem do Bosque, duas caixas de

correios, uma verde com o brasão da República do Brasil, e outra vermelha, original do correio real britânico, presenteada pelo governo do Reino Unido em homenagem aos 90 anos de Londrina [Fig. 325].

Figura 325 – Totens e elementos no Bosque



Fonte: Autores (2025). Datas das fotos: 14 fev. 2025 e 5 maio 2025.

Próximo ao espaço pet, há também um muro com uma arte em grafite [Fig. 326] assinada pelo artista Carão, nome artístico de Tadeu Roberto Fernandes Lima Junior. A obra, intitulada “Alegria na amizade das crianças”, integra o inventário de Arte Urbana sob o código AU6 (Ficha de Inventário).

Figura 326 – Grafite “Alegria na amizade das crianças”



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

A plataforma Siglon apresenta três monumentos presentes no Bosque: monumento Pau-Brasil (Siglon, M18, 2019), placa em homenagem a Chico Mendes (Siglon, M19, 2019), placa em bronze “Aqui Tem História” – Bosque (Siglon, M21, 2023) [Fig. 327]. No entanto, durante as visitas de campo, foi constatado que esses monumentos não se encontram mais no local.

Figura 327 – Monumentos do Bosque que não existem mais no local



Fonte: [imagem 01 e 02] Siglon, M19 (2019); [imagem 03] Siglon, M18 (2019) [imagem 04 e 05] Siglon, M21 (2023) e [imagem 06] Google Street View (2016f).

Outro elemento de destaque são os muros de arrimo que contornam os canteiros de vegetação do Bosque [Fig. 328 e 329]. Esses arrimos representam um importante remanescente histórico, construído na década de 1940, conforme evidenciam as fotos históricas já apresentadas.

Figura 328 – Muros de arrimo do Bosque



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

Figura 329 – Muros de arrimo do Bosque



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

Recentemente, os muros foram pintados [Fig. 330], todavia, observa-se que não foi realizado o tratamento adequado antes da aplicação da nova pintura: as camadas de tinta antigas permanecem visíveis em razão do descascamento da superfície.

Figura 330 – Muros de arrimo do Bosque



Fonte: Autores (2025). Datas das fotos: 14 fev. 2025 e 2 abr. 2025.

O Bosque conta com um ponto de ônibus na rua Pará no padrão da prefeitura, além de um ponto de táxi localizado na avenida Rio de Janeiro [Fig. 331]. Em todo seu perímetro, exceto na rua Pará, há vagas de estacionamento acompanhadas por parquímetros distribuídos ao longo das calçadas. Um dos pontos de táxi apresenta a estrutura dos pontos da década de 1970, com alteração na cobertura.

Figura 331 – Muros de arrimo do Bosque



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

Em relação à infraestrutura, observa-se a presença de fiação elétrica aparente em todo o entorno, a qual conflita com a copa das árvores e compromete a estética das vistas para o Bosque. Além disso,

há um poste localizado na esquina da avenida Rio de Janeiro com a travessa Padre Bernardo Greis que apresenta inclinação significativa com potencial risco de queda [Fig. 332]. O espaço também conta com caixas de inspeção, bueiros e tampas de inspeção, que fazem parte da infraestrutura do local.

Figura 332 – Postes do entorno do Bosque



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 2 abr. 2025.

Por fim, quanto ao entorno do Bosque, nota-se importantes edifícios ao seu redor como o colégio Mãe de Deus (inaugurado em 1938) [Fig. 333], a igreja Metodista Central (1941), o barracão Amélia Néia Martini (1964) – atual estacionamento do Bosque [Fig. 334], o edifício Bosque (1953–1955), a Agência Central de Correios e Telégrafos (1947/1949), o antigo Fórum (1947) – atual Biblioteca Pública [Fig. 335], a Catedral Metropolitana de Londrina (1968–1972) e a antiga residência do sr. Claudino Ferreira dos Santos (1946) [Fig. 336].

Figura 333 – Vista a partir da Bosque para o colégio Mãe de Deus



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

Figura 334 – Vista a partir do Bosque para a igreja Metodista Central e o barracão Amélia Neia Martini, atual estacionamento do Bosque



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

Figura 335 – Vista do Bosque para a Biblioteca Pública, a Agência Central de Correios e Telégrafos e o edifício Bosque ao fundo



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

Figura 336 – Vista do Bosque para a antiga residência do sr. Claudino Ferreira dos Santos



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

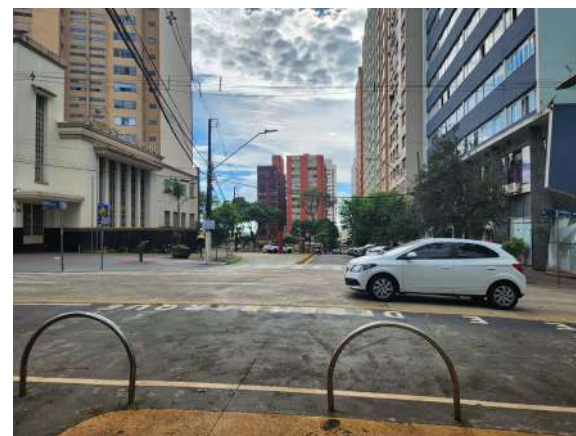
Ademais, a partir da área central do Bosque, é possível avistar, em direções opostas, as Praças Sete de Setembro e Primeiro de Maio [Fig 337 e 338]. Além disso, vale ressaltar que o Bosque faz parte da área envoltória do antigo Fórum, atual Biblioteca Pública, bem tombado a nível municipal em 2020.

Figura 337 – Vista para a Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

Figura 338 – Vista para a Praça Primeiro de Maio



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 14 fev. 2025.

6.6 Praça Sete de Setembro

A Praça Sete de Setembro mantém seu formato triangular bem definido, com a junção das ruas Piauí e Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho formando uma curva acentuada [Fig. 339] e as outras quinas apresentando curvas mais suaves [Fig. 340 e 341]. Conta com recuos para carga e descarga voltados para a rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho e, embora o perímetro ultrapasse ligeiramente a base cartográfica oficial, o local conserva a integridade e legibilidade do projeto inicial. Para melhorar o entendimento dos elementos da Praça, foi realizado um desenho aproximado das características do local [Fig. 342].

Figura 339 – Encontro das ruas Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho e Piauí



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 340 – Encontro das ruas Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho e Prof. João Cândido



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 341 – Encontro das ruas Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho e Prof. João Cândido



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

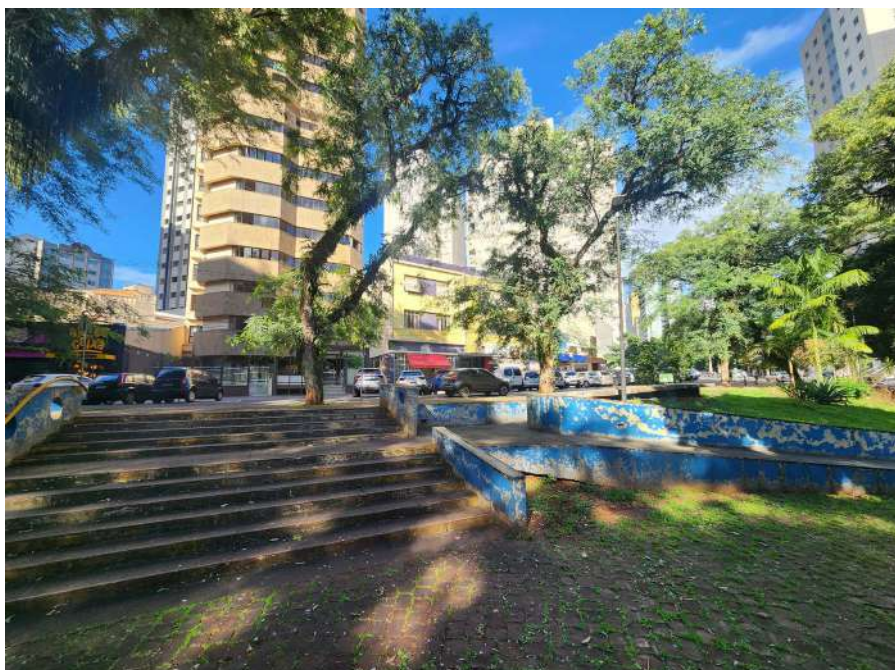
Figura 342 – Planta dos elementos atuais da Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025).

Com relação ao traçado atual da Praça, este inclui acessos por rampa e escada pela rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho [Fig. 343]. A rampa [Fig. 344], construída em concreto, possui dois lances e guarda-corpo em um dos lados pintado de azul. A escada [Fig. 345] também é de concreto, com guarda-corpo pintado de azul e corrimão metálico pintado de amarelo. A pintura na Praça, de forma geral, está desgastada ou desbotada.

Figura 343 – Acesso da Praça Sete de Setembro



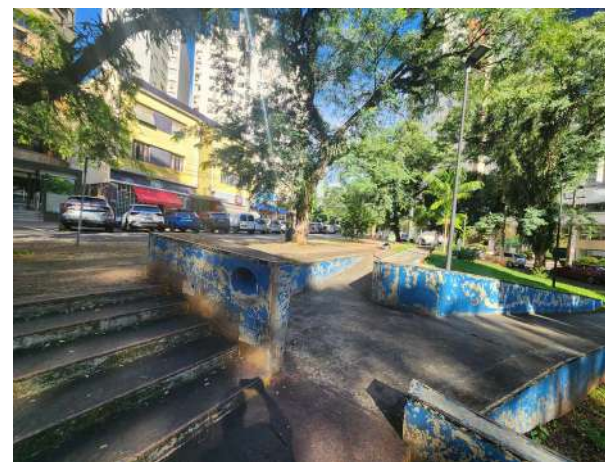
Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 344 – Rampa da Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 345 – Escada e rampa da Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Além disso, há um caminho que sai da esquina das ruas Piauí e João Cândido, ligando ao centro da Praça [Fig. 346]. Outro caminho corta a Praça de forma arqueada, ligando as duas faces menores do triângulo [Fig. 347]. A vegetação é composta por árvores de grande porte, aparentemente antigas, que circundam a Praça ao longo das calçadas [Fig. 348 e 349].

Figura 346 – Caminho interno da Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 347 – Caminho interno da Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 348 – Vista para a Praça Sete de Setembro, com destaque para a vegetação



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 349 – Árvores da Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A pavimentação é feita com pedra portuguesa preta, de diferentes formatos e paginações. Nos caminhos internos as pedras têm formato quadrangular maior, uma paginação transpassada e que forma um desenho circular ao redor do monumento da Imaculada Conceição [Fig. 350]. Nas calçadas externas, que contornam a Praça, as pedras utilizadas são menores e estão colocadas em uma posição mais aleatória, e há alguns espaços sem pedras [Fig. 351]. Alguns trechos da calçada são de concreto e possuem piso tátil [Fig. 352].

Figura 350 – Monumento da Imaculada Conceição, voltado para a Catedral



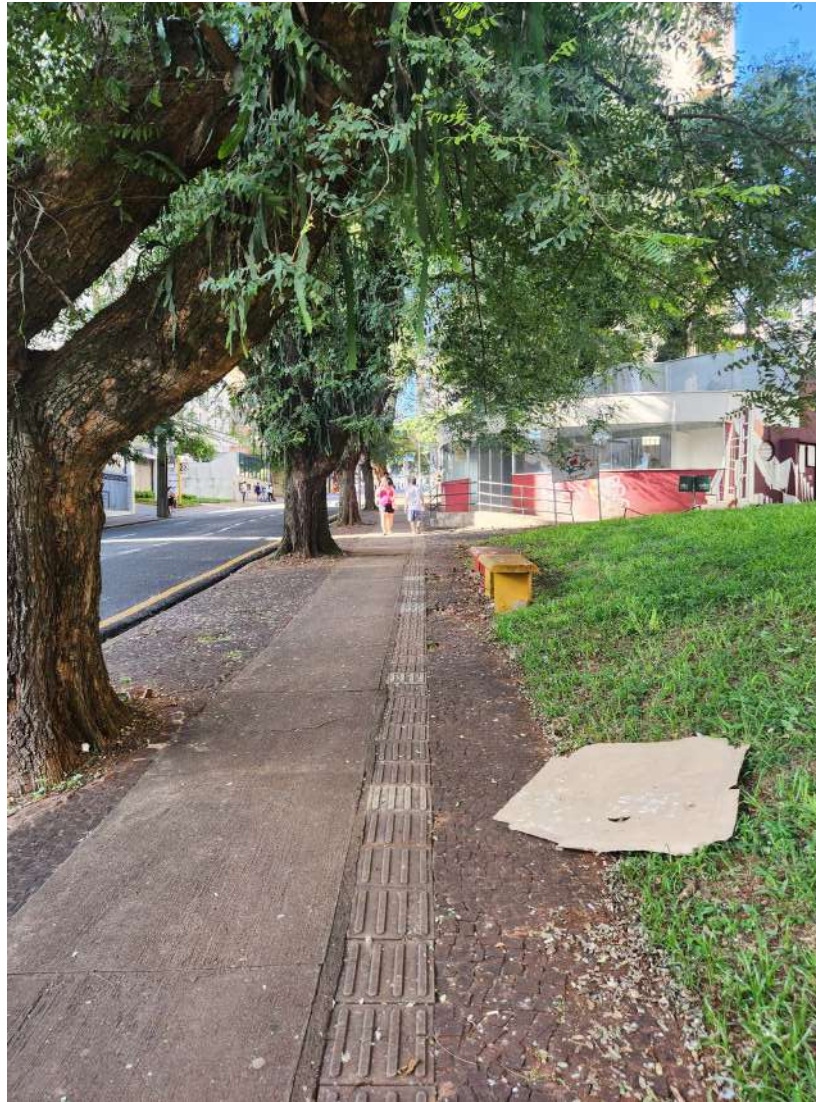
Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 351 – Situação atual da calçada da Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 352 – Situação atual da calçada da Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

A vegetação é de grande porte de arbóreas com pontuais presenças de outras tipologias, em diferentes portes. A principal cobertura de sombreamento e vegetação da paisagem é composta pelos elementos da arborização urbana plantados em semicírculos no contorno externo das calçadas, presentes nas fotos desde a década de 1950. Através da Figura 353, é possível entender as tipologias que compõem a arborização urbana do entorno próximo, assim como a predominância de tipuana e alecrim-de-campinas, duas espécies de grande porte, uma exótica e outra nativa, respectivamente. As ruas laterais em sentido vertical apresentam significativos espaços vazios, ressaltando ainda mais a importância de manutenção e proteção dessas tipologias arbóreas que compõem a arborização urbana e da Praça como grandes colaboradores pelo microclima da região.

Figura 353 – Planta baixa do levantamento arbóreo



Fonte: Siglon, Portal Ambiental, modificado pelos autores (2025).

O mobiliário urbano [Fig. 354] inclui lixeiras verdes padronizadas pela CMTU e bancos de concreto sem encosto, com assento maciço, pintados em vermelho, verde, azul e amarelo. Em alguns bancos o assento foi retirado ou está quebrado. As luminárias são altas, construídas em aço, e no topo há um refletor de LED retangular. Além disso, o espaço abriga como principal elemento o monumento da Imaculada Conceição

[Fig. 355], uma imagem em bronze sobre base de granito com placas informativas, que recebe visitas de fiéis, evidenciado pela presença de vasos com flores deixados por devotos observados no levantamento realizado. Há ainda dois totens verdes, um deles vazio e outro depredado, onde anteriormente havia uma placa “Aqui Tem História” com QR code.

Figura 354 – Mobiliários da Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 355 – Monumento da Imaculada Conceição



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Na área de equipamentos, há uma construção desativada onde funcionava o espaço de economia solidária Café e Arte desde 2015, encerrando suas atividades em 2024 [Fig. 356]. A construção está implantada próxima à rua Professor João Cândido, possui dois pavimentos, um acessado pela João Cândido e outro pela calçada da rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho, aproveitando assim a topografia do local. Essa por sua vez é caracterizada por uma diferença de nível entre a rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho e o local central [Fig. 357].

Figura 356 – Quiosque da Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

Figura 357 – Vista para a Praça Sete de Setembro



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

No entorno, a rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho é utilizada para estacionamento junto à calçada do quadrante [Fig. 358]. O uso é equilibrado entre comércio e residência: na rua Piauí predominam serviços como cartórios e a Sercomtel, enquanto a rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho concentra mais estabelecimentos comerciais e alguns edifícios residenciais. A rua Professor João Cândido completa o perímetro, com predomínio de prédios residenciais.

Figura 358 – Estacionamento junto à calçada da rua Prefeito Antônio Fernandes Sobrinho



Fonte: Autores (2025). Data da foto: 11 fev. 2025.

6.7 Considerações finais sobre a situação atual das Praças

A partir da análise do estado atual das Praças, foi possível compreender quais principais elementos configuram o Conjunto Central. A presença de monumentos e outros mobiliários urbanos (bancos, lixeiras, luminárias etc.) com a utilização contínua do espaço evidencia a sua importância para os londrinenses e a participação desses espaços públicos em momentos importantes da história da cidade.

Dessa forma, os próximos capítulos serão voltados à compreensão do valor patrimonial do Conjunto Central como bem passível de ser tombado pelo Município, além de propostas de diretrizes de preservação pertinentes para evidenciar as camadas históricas e identidade do aludido bem para Londrina, buscando também responder às demandas atuais da sociedade.

7 Legislação e Valores Culturais

A atual legislação municipal que trata do Patrimônio Cultural londrinense resume-se à lei n.º 11.188, de 19 de abril de 2011, que define que “O Patrimônio Cultural de Londrina é integrado pelos bens materiais e imateriais, tomados individualmente ou em conjunto, que constituem a identidade e a memória coletiva londrinense” (Londrina, 2011).

A lei apresenta nove critérios para a classificação de bens de interesse cultural para a cidade, sendo que as Praças Centrais se enquadram em oito deles:

- I – Ser pioneiro ou um dos primeiros;
- II – Ser testemunho de épocas de desenvolvimento da cidade;
- IV – Pela excepcional qualidade espacial, paisagística e/ou ecológica;
- V – Pelo fatos históricos que tenham ocorrido no local;
- VI – Ser forma de identidade local;
- IX – Tratar-se de edificações situadas na área de abrangência da aerofoto de 1949 e no Levantamento Aerofotogramétrico da Cidade de Londrina, elaborado em janeiro de 1950 e atualizado em maio de 1951. Ambos depositados no arquivo do cadastro da Secretaria Municipal de Obras (Londrina, 2011).

No critério I, como indicado, o espaço das atuais Praças já constava desde 1932 dentro de um dos primeiros projetos de planejamento urbano da cidade, desenvolvido por Razgulaeff. Apesar do projeto não nomear esses espaços como praças, elas, ainda sim, foram designadas como ambiente livre para convivência, sendo oficialmente decretadas como as primeiras praças de Londrina pelo então prefeito Willie Davids, em janeiro de 1938, a Praça Marechal Floriano Peixoto e a Praça Rocha Pombo (esta última já tombada pelo Estado do Paraná desde dezembro de 1974).

Com relação aos critérios dos incisos II e V, como apontado ao longo do estudo, as Praças são reflexo e testemunhas da estagnação urbana durante os períodos de conflito entre 1937 e 1945, assim como do momento de crescimento econômico londrinense no final da década de 1940 e durante a década seguinte, representando um período da consolidação urbana da cidade.

Da mesma forma, são vestígios do crescimento populacional de Londrina, sendo continuamente adaptadas ou readequadas ao novo contingente de veículos e cidadãos que foi identificado a partir de 1960. Além disso, são áreas históricas, por estarem em torno de regiões tombadas, como o caso da Praça Willie Davids em frente ao Cine Teatro Ouro Verde e da Concha Acústica na Praça Primeiro de Maio. Também são parte da memória afetiva dos londrinenses, já que alguns dos bens estão identificados com a iniciativa “Aqui Tem História”.

O critério do inciso IV é marcado pela ecologia desses espaços, muitos identificados desde a década de 1940, como no caso das Praças Willie Davids e Marechal Floriano Peixoto, e outros a partir da década de 1970, ressaltando o caso do Bosque Marechal Cândido Rondon, considerado APP desde 2012. Há também a presença de espécie em risco de extinção, como o pau-brasil na Praça Marechal Floriano Peixoto, ou da figueira-branca presente no Bosque.

Ainda com relação a esse critério, ressaltamos a permanência dos traçados presentes na Praça Willie Davids, onde ainda é possível encontrar o traçado em pata de ganso, aparente nos registros desde 1949, como o traçado na Praça Marechal Floriano Peixoto, identificado desde 1943: características estruturais que persistiram dentre as mudanças e remodelagens ao longo dos anos.

Já de acordo com o critério do inciso VI, argumenta-se que as Praças Centrais, ao longo do crescimento de Londrina, configuraram-se como espaços comunitários diversificados, seja para aqueles que procuram entretenimento ou lazer dentre todas as faixas etárias, por terem e demarcarem os locais de trabalho de vários cidadãos, ou simplesmente por compor o trajeto cotidiano de outros. São também uma extensão das comunidades, marcadas por acontecimentos na Concha Acústica na Praça Primeiro de Maio e pelas manifestações na Praça Gabriel Martins. Por fim, ressalta-se a preocupação da população com esses espaços públicos, como no caso da formação da Associação Amigos do Bosque, para reivindicação de melhorias, e constantes outras para com os cuidados desses espaços de interação social.

Assim, as Praças também contemplam o critério do inciso IX, sendo que estão presentes na aerofoto realizada em 1949, assim como no levantamento aerofotogramétrico de 1950 e em sua atualização em 1951.

7.1 Relação com a lei – área envoltória

Ainda de acordo com o artigo 27 da lei n.º 11.188/2011, “No entorno do bem tombado é vedado fazer construções e demolições que coloquem em risco a sua integridade e/ou que impeçam ou reduzam sua visibilidade” (Londrina, 2011). Com isso, a existência de diversos bens já tombados no entorno da maioria das Praças ressalta a necessidade ainda maior de preservação e o interesse em se manter um Conjunto historicamente relevante: o antigo Fórum, a atual Biblioteca Municipal, o teatro Zaqueu de Melo, a antiga Casa da Criança (atual Secretaria de Cultura), o Teatro Ouro Verde e a Concha Acústica. Nesse sentido a preservação das Praças em questão contribui para a manutenção da ambientação arquitetônica histórica já presente nessa região.

8 Diretrizes e Recomendações

O presente capítulo reúne um conjunto de diretrizes propositivas voltado à valorização, qualificação e reinterpretação dos espaços aqui analisados, considerando tanto suas características singulares quanto a articulação entre elas. Estas diretrizes foram formuladas com base em levantamentos de campo, análise documental e leitura crítica da configuração urbana atual apresentados anteriormente. Seu objetivo é orientar futuras intervenções com foco na preservação da memória urbana e na qualificação do uso cotidiano.

É importante destacar que as diretrizes têm caráter sugestivo e serão submetidas à análise do COMPAC no momento da deliberação sobre o possível tombamento do conjunto. Sua função é servir como subsídio técnico preliminar, contribuindo com referências para a definição das diretrizes oficiais de preservação que caberá ao COMPAC estabelecer.

8.1 Recomendações para o Conjunto

- Valorizar sobreposições temporais nos traçados e elementos, indicando as fases de transformação urbana.
- Reforçar a identidade do sistema de praças como uma sequência interligada (e não isolada), com continuidade visual e material.
- Criar protocolos de manutenção preventiva específicos para mobiliário, vegetação e pavimentação, cuidando para que os materiais brutos sejam tratados e preservados desta forma.
- Criar protocolos para rotina de limpeza e zeladoria urbana que contemplem as especificidades de cada praça.

Educação patrimonial

- Promover ações educativas públicas sobre o valor histórico e cultural das Praças, conectando sua presença aos marcos do desenvolvimento e identidade de Londrina.
- Propor parcerias com escolas, universidades e centros culturais para realizar oficinas, visitas guiadas e eventos que fortaleçam o reconhecimento das Praças como espaços de memória.
- Identificar, documentar e propor sinalização discreta que auxilie a leitura histórica dos espaços (ex.: placas de baixo perfil ou QR codes informativos).

Materiais, mobiliário e infraestrutura

- Estabelecer uma paleta de materiais neutros, que dialogue com diferentes períodos (ex.: pedra portuguesa, concreto aparente, madeira tratada).
- Criar um manual de mobiliário urbano para o Centro, com variações conforme cada Praça, mas mantendo lógica de conjunto.
- Evitar uso de elementos genéricos ou que simulem estilos históricos sem justificativa crítica.
- Implementar iluminação de destaque em monumentos e elementos históricos, com baixa temperatura de cor.
- Garantir zonas de permanência sombreadas e com mobiliário confortável.

Paisagismo e vegetação

- Realizar levantamento completo das espécies existentes, com foco na vegetação de longa permanência (documentação, identificação e sinalização).
- Reintroduzir espécies nativas e/ou culturalmente significativas para Londrina, buscando equilíbrio entre memória e conforto térmico.
- Evitar podas excessivas ou substituições sem critérios técnicos e históricos.

8.2 Recomendações específicas

Embora seja importante tratar o Conjunto Central como um todo, principalmente em relação à propostas de mobiliários e materiais, é necessário considerar também a bagagem histórica e os elementos identitários de cada Praça e, assim, considerar os locais que são passíveis de alterações e os que devem ser preservados com manutenções.

Nesse sentido, em cada Praça são considerados os seus valores identitários principais, englobando os que ainda existem e, em alguns casos, as características que se perderam com o tempo, mas demarcam histórias importantes que impactaram a compreensão do bem. Dessa forma, são propostas quatro categorias: Elemento Identitário

existente; Elemento Identitário – camadas históricas que se perderam; Elementos a serem debatidos e Elementos passíveis de alterações.

O Elemento Identitário existente tem valor histórico e se trata dos vestígios mais antigos do local. Considerando a sua importância, eles devem ser preservados na sua materialidade, forma, volumetria e sofrerem apenas manutenções pontuais, que não venham a desconfigurar o bem.

O Elemento Identitário – camadas históricas que se perderam trata das camadas históricas que acabaram se perdendo em algum momento, mas ainda têm valor por configurarem um modo de viver de uma época, por fazerem parte da memória da população londrinense ou por contarem a história de desenvolvimento local. Nesse sentido, esses elementos não devem ser reconstituídos livremente como cópias, a fim de não criar falsos históricos, em acordo com a Carta de Veneza (ICOMOS, 1964), mas podem ser propostos com diferenças de materiais, implantação, volumetria, desde que mesmo sendo fruto do hoje retomem o diálogo com o período passado.

Os Elementos a serem debatidos são aqueles existentes, mas que foram inseridos em períodos mais recentes e podem ou não estar contribuindo para a fruição artística e cultural do local. Nesse sentido, recomenda-se que sejam julgados individualmente, e os que tiverem valor cultural sejam preservados e passem por manutenções

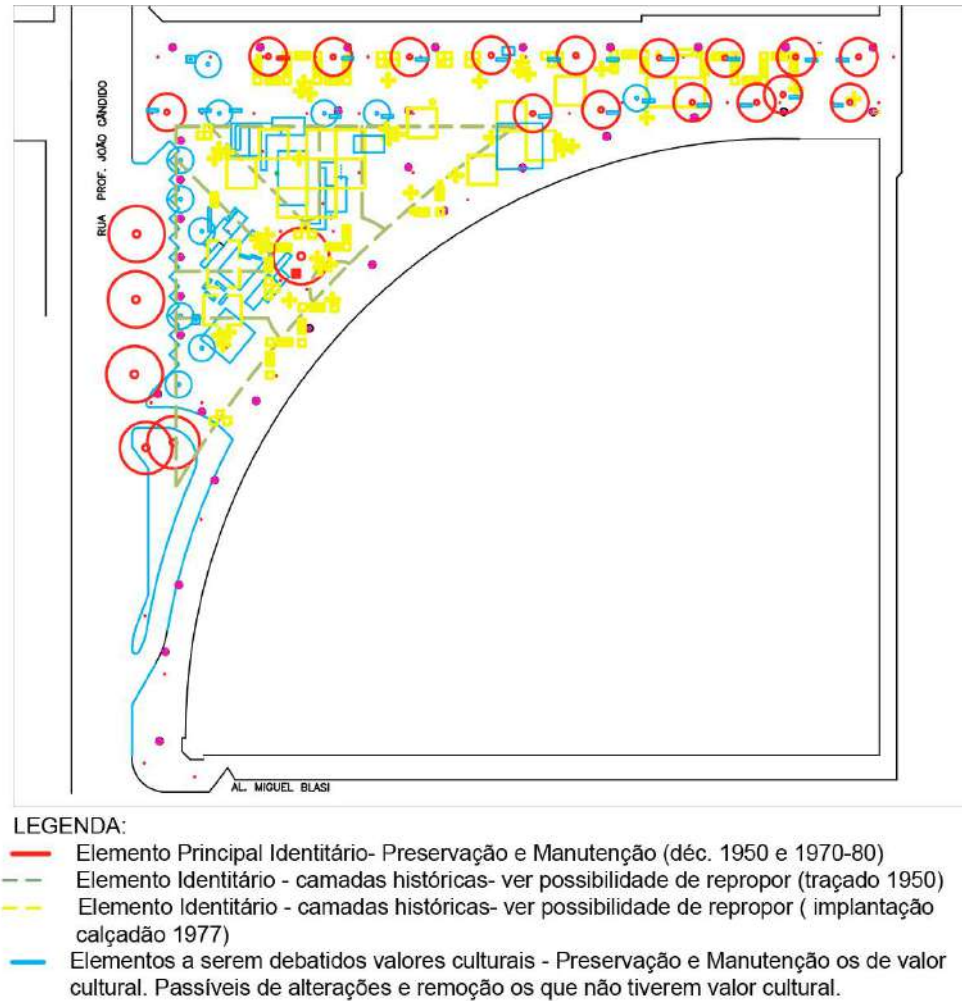
ou atualizações, enquanto os que não tiverem valor e não estejam contribuindo para a área pública, sejam substituídos ou retirados.

Os Elementos passíveis de alterações são os que já passaram por muitas modificações, como, por exemplo, lixeiras e bancos, e que por terem sido constantemente renovados, não apresentam valor e podem passar novamente por outras modificações.

Nesse sentido, a criação de uma tipologia de mobiliário e equipamento urbano para o Conjunto Central, que viesse a inserir novos mobiliários, materiais e formas que contribuam para a percepção do conjunto com materiais similares, seria possível principalmente nos elementos propostos ou nos que são passíveis de alterações. Vale ressaltar novamente a importância de unir propostas que considerem a especificidade local, ao mesmo tempo em que se traga a ideia de união do Conjunto Central, para que a sua identidade coletiva possa ser ressaltada.

8.2.1 Praça Gabriel Martins

Figura 359 – Síntese das permanências na Praça Gabriel Martins



Fonte: Autores (2025).

Elemento Identitário existente – Preservação e manutenção

(décadas 1950–1980)

- Árvores antigas e árvores das décadas de 1970 e 1980.
- Monumento Boca Maldita (1981).

Elemento Identitário – camadas históricas que se perderam

(traçado 195-) – Retomar

- Traçado triangular e de tridente das Praças, da década de 1950.

Elemento Identitário – camadas históricas que se perderam

(Calçadão, 1977) – Retomar

- Implantação de quiosques quadrados serpenteantes.
- Luminárias em araucária.
- Floreiras quadradas.
- Bancos retangulares criando áreas de estar.
- Piso em *petit pavé* – padrão Calçadão: considerando a existência de um trecho ainda com essa materialidade, poderia ser realizada uma reforma que retome o desenho e materiais também nesse trecho, com possibilidade de atualizações nos trechos próximos aos comércios e faixa tátil.

Elementos a serem debatidos

- Floreiras (1993) – três ações possíveis: manter total ou parcialmente, ou excluir.
- Monumento “Pé Vermelho, Mãos Limpas” (2000) – manter, mas se necessário pode sofrer alterações na implantação.
- Canteiros novos (2011) – manter ou renovar segundo nova proposta que interprete camadas históricas.
- Totens com placa “Aqui Tem História” (2016) – manter e atualizar; se necessário, ver nova implantação.
- Quiosques (2016) – manter e ver possibilidade de se misturar com nova proposta, no caso de reproposição com interpretação de camadas históricas.
- Esculturas (2018) – manter e avaliar a possibilidade de deslocamento parcial, se necessário.

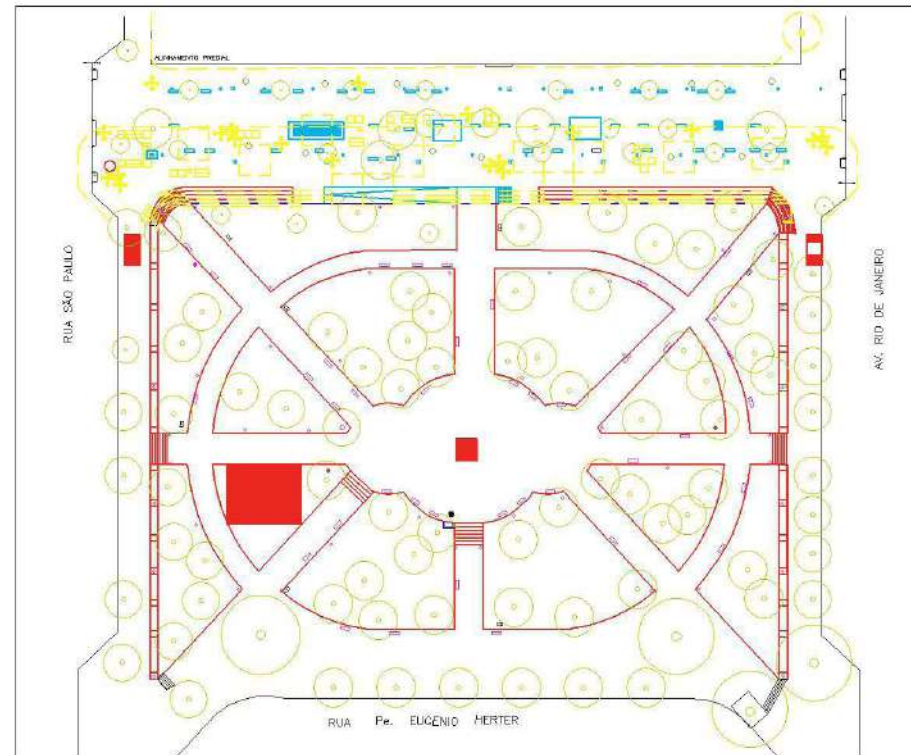
Elementos passíveis de alterações – sem valores culturais, podem ser renovados

- Lixeiras, bancos e luminárias de várias tipologias durante a história de Londrina: podem ser atualizados conforme tipologia do Conjunto Central e, a partir daí, mantidos para gerar identidade local.

DIRETRIZES PARA A PRAÇA GABRIEL MARTINS	
Elemento	Diretriz
Traçado	Analisar a viabilidade de retomada do traçado em tridente da década de 1950 e a percepção do formato triangular da Praça.
Piso	Reconstituir o piso com material e desenho compatível com a paginação criada na década de 1970 (Calçadão); novos trechos devem harmonizar.
Mobiliário	Bancos: propor novos bancos com base em proporções originais (retangular com encosto); uso de madeira pode ser retomado com diferenciação.
	Floreiras: recomenda-se o uso de floreiras modulares quadradas, agrupadas ou solitárias, algumas elevadas com apoios diferenciados.
	Lixeiras: recomenda-se o uso de lixeiras quadradas, com ripas verticais ritmadas; elevada e harmônica com os demais elementos.
Vegetação	Identificar e preservar vegetações antigas (décadas de 1950 a 1970).
	Catalogar vegetações recentes para eventual substituição.
	Permitir proposições novas em floreiras com linguagem contemporânea.
Luminárias	Reconstituir com distinguibilidade (uso de estruturas originais, novos materiais discretos).
Quiosques	Repropor com base no padrão histórico (formas, posicionamento, escala), mantendo coerência visual e acesso livre para bombeiros.
	Retomar implantação serpenteante e módulos de 5 x 5 m. Cobertura com diversidade sutil (ex.: 4 arcos, 4 retângulos) e apoio central. Evitar cores fortes ou materiais brilhantes.
Elementos passíveis de análise	Floreiras redondas (1993): avaliar a permanência, respeitando a leitura histórica.
	<i>Paver</i> (anos 2010): avaliar a permanência, respeitando a leitura histórica.
Acesso	Manter livre o acesso de veículos de emergência (bombeiros), sem obstruções.

8.2.2 Praça Marechal Floriano Peixoto

Figura 360 – Síntese das permanências na Praça Marechal Floriano Peixoto



LEGENDA:

- Elemento Principal Identitário- Preservação e Manutenção (déc. 1940 à 198-)
- Elemento Identitário - camada histórica- ver possibilidade de repropor (implantação calçada 1977)
- Réplicas luminárias e banco bola - 2004-2006- Preservação e Manutenção
- Elementos a serem debatidos valores culturais - Preservação e Manutenção os de valor cultural. Passíveis de alterações e remoção os que não tiverem valor cultural.
- Vegetações- Ver espécies mais antigas a serem preservadas com possibilidade de alteração e remoção das mais novas e floreiras de 1993

Fonte: Autores (2025).

Elemento Identitário existente – Preservação e manutenção

(décadas 1950–1980)

- Traçado da Praça.
- Muros de arrimo.
- Escadaria das Praças para as calçadas.
- Escadaria para o Calçadão (1977).
- Sanitário (entre 1977–1984).
- Árvores antigas e árvores das décadas de 1970 e 1980.

Elemento Identitário – camadas históricas que se perderam

(Calçadão de 1977) – Retomar

- Implantação de quiosques quadrados serpenteantes.
- Luminárias em araucária.
- Floreiras quadradas.
- Bancos retangulares criando áreas de estar.
- Piso em *petit pavé* padrão Calçadão: considerando a existência de um trecho ainda com essa materialidade, poderia ser realizada uma reforma que retome o desenho e materiais também neste trecho, com possibilidade de atualizações nos trechos próximos aos comércios e faixa tátil.

Elementos a serem debatidos

- Floreiras (1993) – três ações possíveis: manter total ou parcialmente, ou excluir.
- Floreiras na arquibancada do Calçadão (1996) – manter e retomar, podendo ou não voltar a ter flores.
- Paraciclo, bancos e outros elementos (2011) – manter ou renovar segundo nova proposta que interpreta camadas históricas.
- Totens com placa “Aqui Tem História” (2016) – manter e atualizar; se necessário, ver nova implantação.

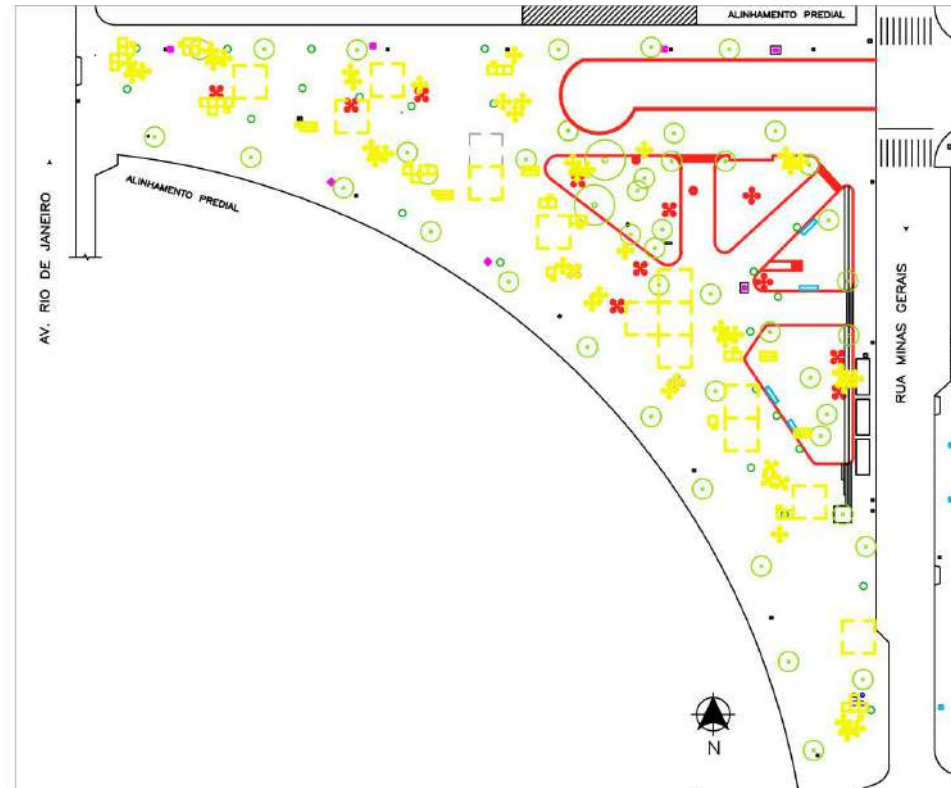
Elemento passíveis de alterações – sem valores culturais, podem ser renovados

- Lixeiras, bancos e luminárias de várias tipologias durante a história de Londrina: podem ser atualizados conforme tipologia do Conjunto Central e, a partir daí, mantidos para gerar identidade local.

DIRETRIZES PARA A PRAÇA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO	
Elemento	Diretriz
Traçado	Preservar o traçado retomado entre as décadas de 1980 e 1990.
Piso	Avaliar a retomada do <i>petit pavé</i> ou manutenção do <i>paver</i> como referência temporal.
Elementos históricos	Preservar os materiais naturais do busto e demais monumentos existentes e, se necessário, restaurá-los.
	Preservar bueiros da década de 1940.
	Preservar o ponto de táxi com padrão Jaime Lerner.
Mobiliário	Bancos: preservar os bancos tipo “bola”; avaliar a origem e manter os que forem coerentes com o conjunto.
	Floreiras e lixeiras: novas propostas devem ter como base o padrão histórico (formas, posicionamento, escala), mantendo coerência visual.
Vegetação	Identificar e preservar vegetações antigas (décadas de 1950 a 1970).
	Catalogar vegetações recentes para eventual substituição.
Luminárias	Manter réplicas existentes desde o final da década de 1990–2000; inserir novas apenas se forem discretas.
Quiosques	Repropor com base no padrão histórico (formas, posicionamento, escala), mantendo coerência visual e acesso livre para bombeiros.
Elementos passíveis de análise	Avaliar a permanência parcial de floreiras redondas (1993), <i>paver</i> da década de 2010 e luminárias araucárias removidas nos anos 2000.
Acesso	Na face norte, voltada para o Calçadão, manter livre o acesso de veículos de emergência (bombeiros), sem obstruções.

8.2.3 Praça Willie Davids

Figura 361 – Síntese das permanências na Praça Willie Davids



LEGENDA:

- Elemento Principal Identitário- Preservação e Manutenção (déc. 1950 à 1977)
- Elemento Identitário - camada histórica- ver possibilidade de repropor (implantação calçada 1977)
- Monumentos- década de 1980 e 1990- Preservação e Restauração
- Elementos a serem debatidos valores culturais - Preservação e Manutenção os de valor cultural. Passíveis de alterações e remoção os que não tiverem valor cultural.
- Vegetações- Ver espécies mais antigas a serem preservadas com possibilidade de alteração e remoção das mais novas e floreiras de 1993

Fonte: Autores (2025).

**Elemento Identitário existente – Preservação e manutenção
(décadas 1950–1980)**

- Traçado da Praça em tridente.
- Escadaria da Praça
- Árvores antigas e árvores das décadas de 1970 e 1980.
- Luminárias padrão araucária (1977).
- Piso em *petit pavé*.
- Busto de Willie Davids.

**Elemento Identitário – camadas históricas que se perderam
(traçado 195-) – Retomar**

- Traçado triangular com semicírculo no eixo do tridente da década de 195-.

**Elemento Identitário – camadas históricas que se perderam
(Calçadão, 1977) – Retomar**

- Implantação de quiosques quadrados serpenteantes.
- Luminárias em araucária.
- Floreiras quadradas.
- Bancos retangulares criando áreas de estar.
- Piso em *petit pavé* padrão Calçadão: considerando a existência de um trecho ainda com essa materialidade do Calçadão, poderia ser

realizada uma reforma que retome o desenho e materiais também neste trecho, com possibilidade de atualizações nos trechos próximos aos comércios e faixa tátil.

Elementos a serem debatidos

- Monumento “Aqui Tem História” – década e 1980 – manutenção.
- Monumento corretor imobiliário – reconstituir placas roubadas.
- Floreiras (1993) – três ações possíveis: manter total ou parcialmente, ou excluir.
- Placa “Aqui Tem História” (2016) – manutenção e atualização – ver nova implantação que não interfira a visibilidade dos canteiros da Praça.

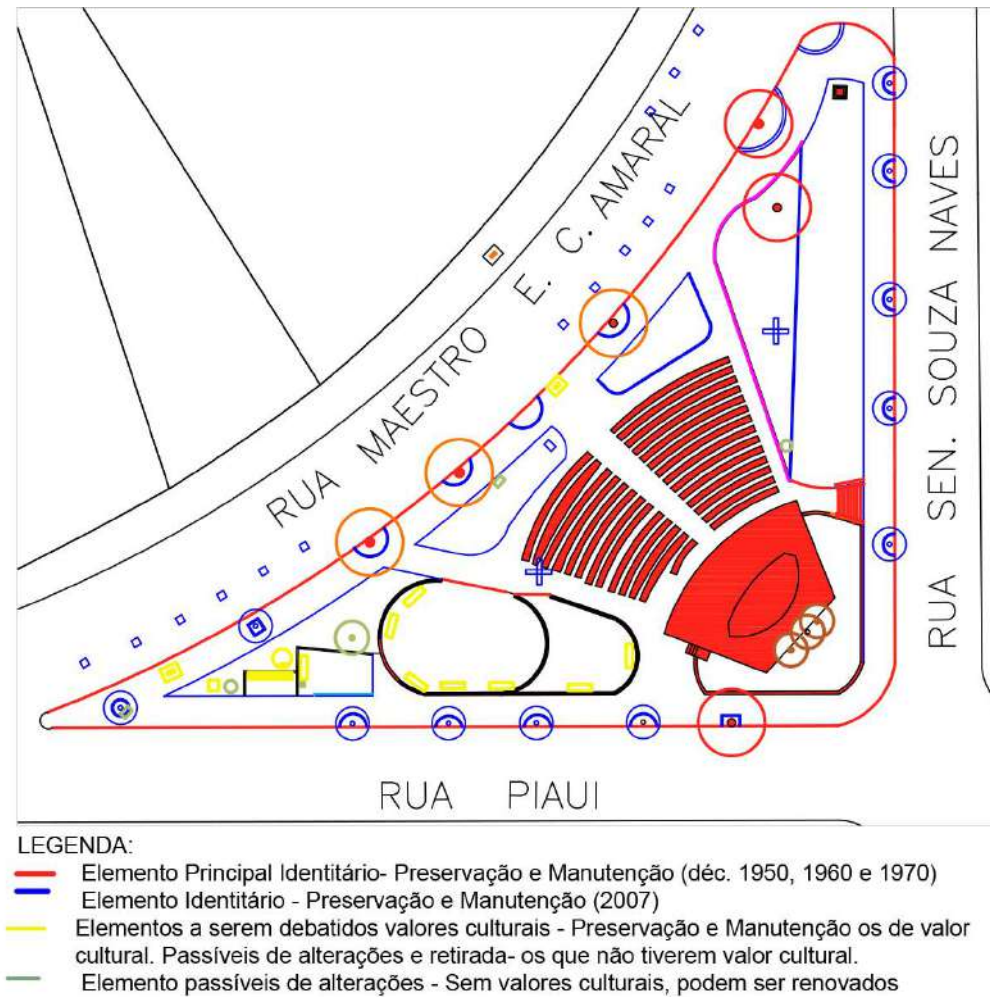
**Elementos passíveis de alterações – sem valores culturais,
podem ser renovados**

- Lixeiras, bancos e luminárias de várias tipologias durante a história de Londrina: podem ser atualizados conforme tipologia do Conjunto Central e, a partir daí, mantidos para gerar identidade local.

DIRETRIZES PARA A PRAÇA WILLIE DAVIDS	
Elemento	Diretriz
Traçado	Manter o traçado em tridente original da década de 1940 e escadarias.
Piso	Restaurar <i>petit pavé</i> (material e paginação originais).
	Em áreas novas, criar desenhos harmônicos, sem competir com o <i>petit pavé</i> .
Elementos Históricos	Preservar os materiais naturais do busto e demais monumentos existentes e, se necessário, restaurá-los.
	Identificar e preservar árvores antigas e retomar o local do antigo canteiro em semicírculo que demarcava o ponto de irradiação dos caminhos em tridente.
Mobiliário	Bancos: novos bancos devem respeitar as dimensões originais; usar materiais discretos e considerar reintroduzir madeira com diferenciação.
	Floreiras: modulares quadradas, ora agrupadas, ora solitárias. Considerar versões elevadas com apoios diferenciados.
	Lixeiras: modulares quadradas, com acabamento em ripas verticais, harmônicas com os demais mobiliários.
Vegetação	Evitar espécies que compitam visualmente com os demais elementos.
Luminárias araucária	Preservar as luminárias originais ou réplicas associadas ao projeto de 1977. Evitar imitações; usar materiais contemporâneos.
Quiosques	Reconstituir com distinguibilidade. Retomar implantação serpenteante e módulos de 5 x 5 m. Cobertura com diversidade sutil (ex.: 4 arcos, 4 retângulos) e apoio central. Evitar cores fortes ou materiais brilhantes.
Elementos passíveis de análise	Floreiras redondas (1993): avaliar a permanência, respeitando a leitura histórica.
	<i>Paver</i> (anos 2010): avaliar a permanência, respeitando a leitura histórica.
Acesso	Manter livre o acesso de veículos de emergência (bombeiros), sem obstruções.

8.2.4 Praça Primeiro de Maio

Figura 362 – Síntese das permanências na Praça Primeiro de Maio



Fonte: Autores (2025).

Elemento Identitário existente – Preservação e manutenção (décadas 1950–1970)

- Concha Acústica, bancos contínuos, busto do senador Souza Naves, canteiros iniciais das décadas de 1950 e 1970, traçado da Praça com acesso às ruas, árvores antigas.

Elemento Identitário – Preservação e manutenção (2007)

- Manutenção de canteiros inseridos em 2007, árvores novas da calçada, monumento com o nome da praça, canteiros inseridos em frente à Praça, próximo à rua Maestro Egídio Amaral. Possíveis alterações no guarda-corpo, sem concorrer com a Concha.

- Luminárias: manutenção de dois superpostes (2007), não retomar réplicas baixas. Atualizações possíveis, desde que mantenham os postes altos, sem interferir na visibilidade da Concha.

- Os dois recortes do canteiro ao lado da rua Piauí, sendo um com paraciclo de 2011, podem passar por alterações pontuais, a fim de melhorar o desenho do canteiro e área gramada e de piso, assim como acesso ao canteiro inicial lateral.

- Memorial do Pioneiro: manutenção e ver a possibilidade de inserção de bancos e lixeiras novas conforme nova tipologia do Conjunto.

Elementos a serem debatidos

- Bancos (2007): podem ser mantidos com manutenção ou sofrer alterações segundo nova tipologia urbana.

- Monumentos inseridos nas décadas de 2010 e 2020, tótems com placas “Aqui Tem História”, cabine telefônica, floreiras, placa de homenagem à rainha da Inglaterra, poste de vigilância.

Elementos passíveis de alterações

- Lixeiras: apresentam várias tipologias, mas podem ser atualizadas conforme tipologia urbana do Conjunto Central.

- Floreiras: retirar a floreira redonda de 1993 e não inserir novas, manter apenas os canteiros.

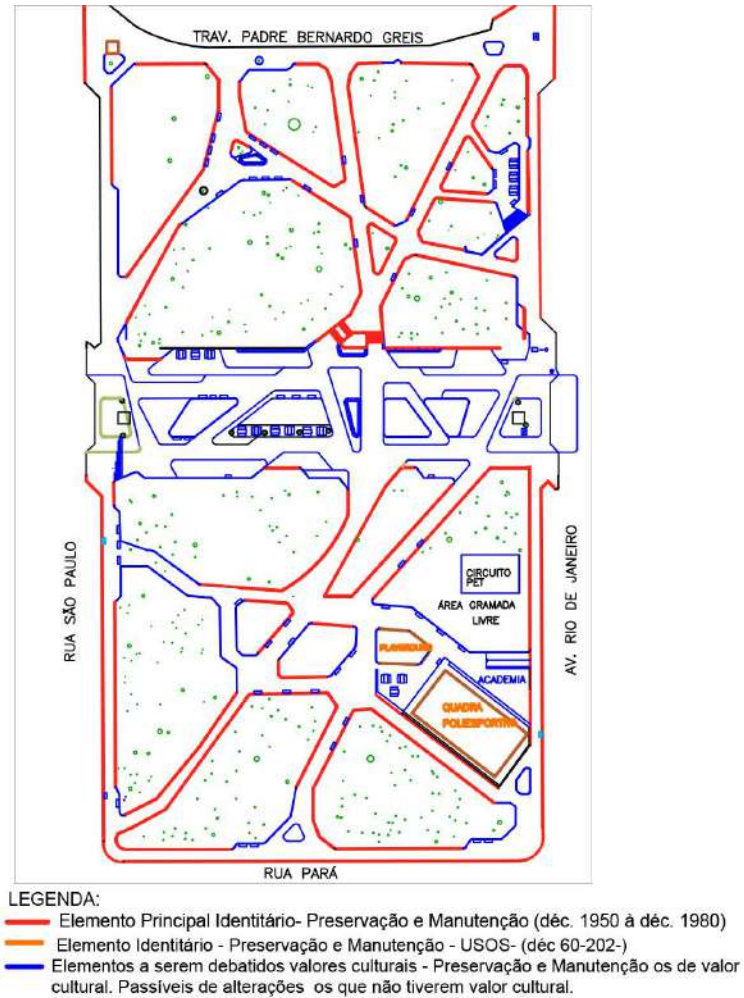
- Quiosque: se a tipologia urbana do Conjunto Central englobar quiosques, pode ser inserido no local onde foi proposto em 2007.

- Piso: já foi modificado algumas vezes e é passível de alterações, desde que não venha a concorrer visualmente com os elementos identitários (manter tonalidade e material próximo ao concreto).

DIRETRIZES PARA A PRAÇA PRIMEIRO DE MAIO	
Elemento	Diretriz
Traçado	Manter traçado com canteiros inseridos nas décadas de 1950 e 1970 e em 2007.
Piso	Manter pavimentação da rua Maestro Egídio Camargo como referência temporal e urbanística dos anos 1950.
Elementos históricos	Preservar os materiais naturais do busto e demais monumentos existentes e, se necessário, restaurá-los.
Mobiliário	Bancos: seguir padrão do restante das Praças do Conjunto.
	Floreiras: seguir padrão do restante das Praças do Conjunto.
	Lixeiras: seguir padrão do restante das Praças do Conjunto.
Vegetação	Identificar e preservar vegetações antigas (décadas de 1950 a 1970).
	Catalogar vegetações recentes para eventual substituição.
Luminárias	Manter os dois superpostes altos (2007), sem réplicas baixas. Atualizações são possíveis, desde que preservem a altura original e não obstruam a visão para a Concha.
Concha Acústica	Preservar estrutura e integridade arquitetônica.
Elementos passíveis de análise	Avaliar inserções recentes (pós anos 2000) quanto à harmonia com o Conjunto e permanência parcial.

8.2.5 Bosque

Figura 363 – Síntese das permanências no Bosque Marechal Cândido Rondon



Fonte: Autores (2025).

Elemento Identitário existente – Preservação e manutenção (décadas 1950–1980)

- Traçados: manter a separação visual da área central (antiga rua Piauí), bem como o uso para esportes e lazer.
- Escadarias.
- Árvores antigas e árvores das décadas de 1970 e 1980.

Elemento Identitário – usos (década 195-) – Preservação

- Os usos do playground e da quadra estão presentes desde a década de 1950 e parcialmente na implantação inicial. Sendo assim, é importante que sejam mantidos nesses locais ou próximos a estes, com possibilidade de atualizações em relação aos materiais.

Elementos a serem debatidos

- Monumentos novos da década de 2020.
- Placa “Aqui Tem História” (2016): manutenção e atualização – ver nova implantação que não interfira a visibilidade dos canteiros da Praça.
- Intervenções novas de 2024: analisar se contribuem para a ideia da tipologia urbana do Conjunto Central, a fim de gerar identidade e fácil manutenção.

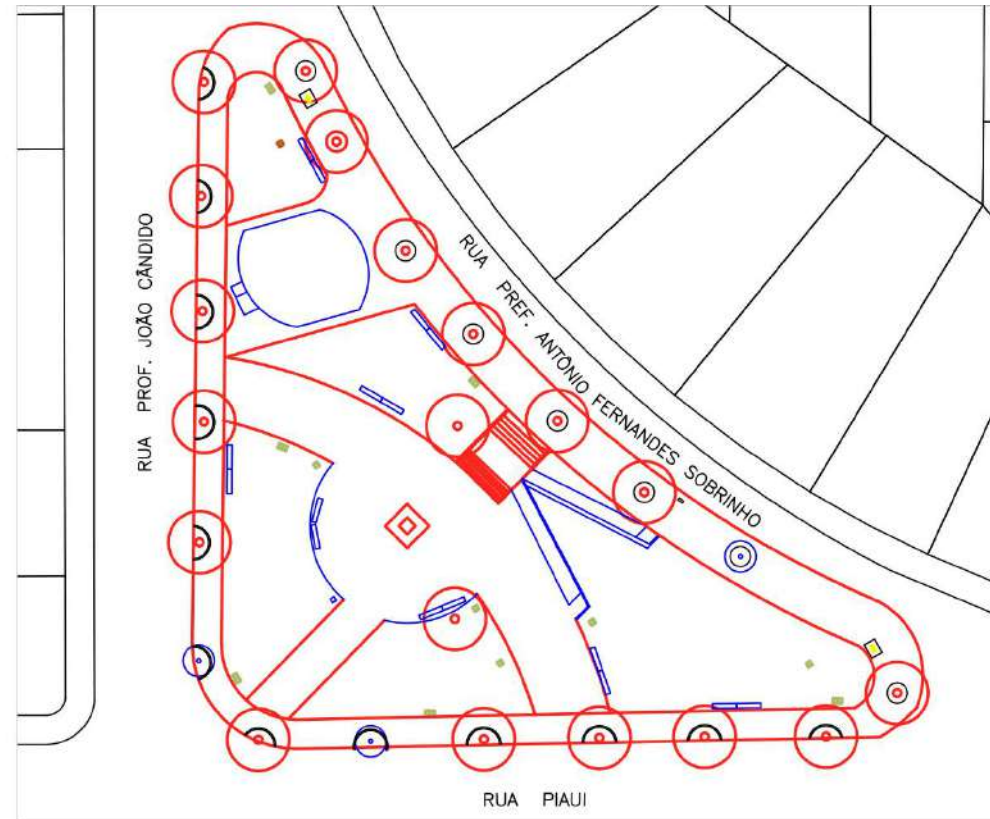
Elemento passíveis de alterações – sem valores culturais, podem ser renovados

- Lixeiras, bancos e luminárias de várias tipologias durante a história de Londrina: podem ser atualizados conforme tipologia do Conjunto Central e, a partir daí, mantidos para gerar identidade local.

DIRETRIZES PARA O BOSQUE MAL. CÂNDIDO RONDON	
Elemento	Diretriz
Elementos históricos	Preservar os materiais naturais dos monumentos existentes e, se necessário, restaurá-los.
Mobiliário	Bancos: seguir padrão do restante das Praças do Conjunto.
	Floreiras: seguir padrão do restante das Praças do Conjunto.
	Lixeiras: seguir padrão do restante das Praças do Conjunto.
Vegetação	Identificar e preservar vegetações antigas (décadas de 1950 a 1970).
	Catalogar vegetações recentes para eventual substituição.
Elementos passíveis de análise	Avaliar construções e mobiliários recentes quanto à integração com o Bosque e propor remoções ou adequações.

8.2.6 Praça Sete de Setembro

Figura 364 – Síntese das permanências na Praça Sete de Setembro



LEGENDA:

- Elemento Principal Identitário- Preservação e Manutenção (déc. 1950 e 1980-90)
- Elemento Identitário - Preservação e Manutenção (2000-2003)
- Elementos a serem debatidos valores culturais - Preservação e Manutenção os de valor cultural. Passíveis de alterações os que não tiverem valor cultural.
- Elemento passíveis de alterações - Sem valores culturais, podem ser renovados

Fonte: Autores (2025).

Elemento Identitário existente – Preservação e manutenção (décadas 1950–1990)

- Monumento, traçado curvo que corta o meio da Praça, escadaria centralizada, árvores antigas (década de 1960).
- Caminho que conecta a esquina da rua Piauí com a Prof. João Cândido (décadas de 1980 e 1990).

Elemento Identitário – Preservação e manutenção (2007)

- Intervenção do início dos anos 2000:
 - área de estar em volta do monumento: preservação e manutenção;
 - piso em pedra natural: preservação e manutenção;
 - edifício: sofreu alterações internas e externas (necessita de levantamentos aprofundados para gerar diretrizes específicas). Manter implantação e volumetria (dimensões e altura), ver possibilidade de alterações pontuais externas e internas.
 - rampa: não foi possível confirmar se foi executado realmente no início dos anos 2000. É passível de alterações pontuais, desde que mantenha a sobriedade do concreto, para não concorrer com o monumento da Imaculada Conceição;
 - bancos de concreto: possivelmente do mesmo período. Podem sofrer manutenções pontuais e alterações, desde que mantenham

a sobriedade com bancos de concreto que acompanham o traçado, sem concorrer com o monumento.

Elementos a serem debatidos

- Placas “Aqui Tem História” inseridos entre 2015 e 2016: podem sofrer alterações pontuais e atualizações conforme as informações a serem disponibilizadas (devido ao seu valor de memória e informativo, mais do que seu valor artístico).

Elemento passíveis de alterações – sem valores culturais, podem ser renovados

- Lixeiras: apresentam várias tipologias. Podem ser atualizadas conforme tipologia urbana do Conjunto Central.
- Floreiras: não inserir floreiras, manter apenas os canteiros.
- Quiosque: não comporta.
- Luminárias: manter a implantação, mas podem ser atualizadas para tipologias novas, visto que foram recentemente alteradas.

DIRETRIZES PARA A PRAÇA SETE DE SETEMBRO	
Elemento	Diretriz
Traçado	Manter traçado referente aos projetos aprovados em 1969 e 1986.
Piso	Manter o piso em pedra natural bem como sua paginação.
Elementos históricos	Preservar os materiais naturais do busto e demais monumentos existentes e, se necessário, restaurá-los.
Mobiliário	Bancos: seguir padrão do restante das Praças do Conjunto.
	Floreiras: seguir padrão do restante das Praças do Conjunto.
	Lixeiras: seguir padrão do restante das Praças do Conjunto.
Vegetação	Identificar e preservar vegetações antigas (décadas de 1950 a 1970);
	Catalogar vegetações recentes para eventual substituição.
Luminárias	Manter implantação, com possibilidade de modernização.
Quiosque	Manter e reativar o quiosque de alvenaria construído nos anos 2000.
Elementos passíveis de análise	Discutir a permanência de intervenções dos anos 2010–2020 que não dialogam com a ambiência original.

8.3 Área envoltória/entorno

As diretrizes aqui apresentadas constituem uma proposta preliminar de área envoltória para o Conjunto de Praças Centrais, elaborada a partir das análises realizadas no âmbito deste Estudo. É importante ressaltar que esta delimitação tem caráter sugestivo, cabendo ao COMPAC a avaliação final e a definição dos limites oficiais da área de proteção no eventual processo de tombamento. Essa área envoltória para o Conjunto de Praças Centrais é fundamental para assegurar a preservação de sua ambiência, visibilidade e relações com o entorno.

Como observado na Figura 365, a região onde o Conjunto está implantado conta com quatro diferentes tipos de zonas: Zona Comercial 1, 3 e 4 e Zona Residencial 4. O conjunto de quadras formado pelo Bosque, Catedral e Praça Floriano Peixoto não está enquadrado em nenhuma Zona. Tem-se, portanto, toda a região do Centro Histórico sem parâmetros urbanísticos específicos que considerem os valores patrimoniais em seus critérios. Sendo assim, além do entorno imediato, é importante considerar que toda a área central de Londrina poderia ser protegida por uma Zona Especial de Preservação Histórica, integrada ao zoneamento municipal, dada sua importância na formação da identidade e história da cidade.

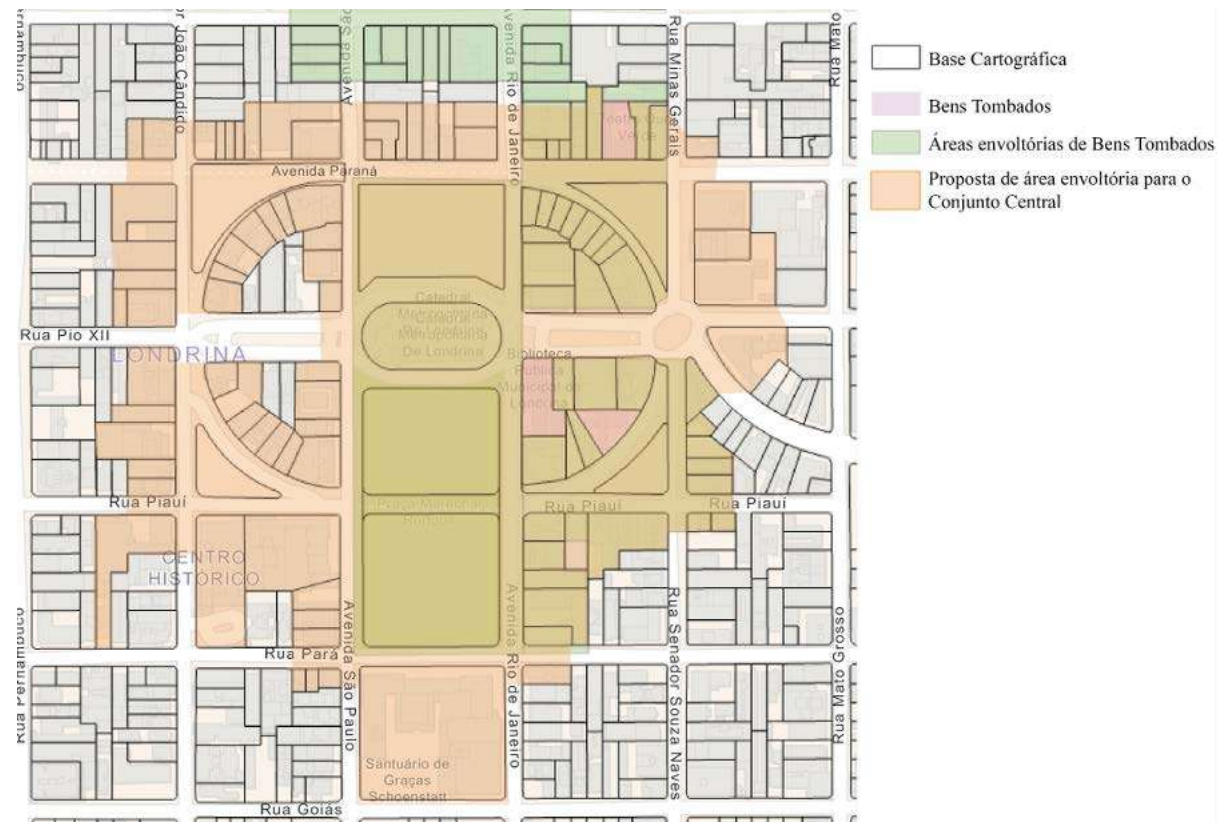
Figura 365 – Zoneamento no entorno do Conjunto



Fonte: Siglon, Camada Leis de Uso e Ocupação do Solo (2025), modificado pelos autores (2025).

Conforme analisado anteriormente, outras áreas envoltórias de bens tombados a nível estadual e municipal já incidem sobre parte do Conjunto. Com base em todos esses dados, esta proposta busca oferecer subsídios técnicos para o debate que deverá ser conduzido pelo COMPAC, considerando tanto os valores patrimoniais do Conjunto quanto sua inserção no contexto urbano mais amplo [Fig. 366].

Figura 366 – Sugestão de área envoltória



Fonte: Autores (2025).

Além disso, é necessário estabelecer parâmetros que harmonizem novas construções e intervenções urbanas com a identidade do Conjunto, garantindo continuidade material, paisagística e funcional. A regulamentação dessa área deve ser flexível o suficiente para permitir evoluções urbanas, mas rigorosa na preservação dos atributos essenciais que justificam o tombamento.

Diretrizes para o entorno

- Controle de gabarito e volumetria de novas construções
 - Estabelecer limites de altura para novas edificações, garantindo que não obstruam a visibilidade das Praças nem descaracterizem sua escala original.
 - Priorizar recuos e afastamentos que mantenham a permeabilidade visual e a relação entre os espaços públicos e o tecido urbano, com exceção das quadras que tenham como identidade os edifícios no alinhamento predial. No caso dessas quadras, deve-se manter o alinhamento predial, mesmo em construções novas.
- Regulamentação de fachadas e materiais
 - Incentivar o uso de materiais e cores que dialoguem com a paleta da parte do conjunto já tombado.
 - Evitar revestimentos ou elementos dissonantes (como painéis de vidro espelhado ou cores vibrantes) que comprometam a unidade visual.
- Gestão de usos e atividades
 - Estimular usos complementares no entorno (como comércio de pequena escala e serviços culturais) que fortaleçam a vitalidade das Praças sem sobrecarregá-las.
 - Restringir atividades que gerem impactos negativos, como tráfego intenso, poluição sonora ou ocupação desordenada.

- Articulação com outras áreas envoltórias
 - Harmonizar as diretrizes desta área envoltória com outras já existentes no Conjunto, evitando conflitos normativos.
 - Avançar na proposta de criação de uma Zona Especial Histórica para toda a área central, assegurando proteção em nível de legislação de zoneamento, inclusive mantendo em muitas dessas ruas a necessidade de novos edifícios no alinhamento predial, gabarito específico conforme edifícios do entorno.
- Monitoramento e avaliação contínua
 - Criar mecanismos de acompanhamento para novas intervenções na área envoltória, submetendo projetos à análise do COMPAC quando necessário.
 - Realizar estudos periódicos de impacto de vizinhança para avaliar a relação entre o conjunto tombado e as transformações urbanas no entorno.
 - Mapear e sinalizar os bens tombados e de interesse cultural que compõem o entorno das Praças, promovendo uma leitura integrada da paisagem histórica.
 - Preservar os edifícios de interesse cultural no entorno que sejam representativos principalmente das décadas de 1950 a 1980.

A área envoltória não deve ser entendida como uma restrição, mas estratégia de qualificação urbana que valoriza a coexistência entre preservação e desenvolvimento. Ao estabelecer diretrizes claras para seu perímetro, garante-se que o conjunto de Praças mantenha sua relevância histórica e urbanística, integrando-se de forma harmoniosa à dinâmica urbana contemporânea.

Referências

ACTO 13. **Jornal Paraná-Norte**, ano 4, n. 169, p. 3, 9 jan. 1938. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

ALBUQUERQUE, Dayane. Prefeitura entrega novo Bosque Central totalmente revitalizado para a comunidade. **Blog Londrina**, 8 jan. 2022. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=117756>. Acesso em: 31 mar. 2025.

ALIGLERI, Michelle. Concha Acústica é pintada de rosa. **Folha de Londrina**, Londrina, 21 out. 2010. Atualizado em 21 out. 2010. Seção Geral. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/concha-acustica-e-pintada-de-rosa-728239.html?d=1>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ALTAR da Pátria, a imagem do abandono à luz do dia. **Jornal de Londrina**, Londrina, 12 nov. 2008. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

AMPLIAÇÃO do Calçadão deve começar em julho. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 6, 30 maio 1989. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina (1930-1975). Londrina: Eduel, 2008.

AUGUSTO, Luciano. Calçadão de Londrina: onde todos se encontram. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 3, 29 ago. 2003.

AV. Paraná terá revestimento ornamentado em “petit pavet”. **Folha de Londrina**, Londrina, 22 set. 1977. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

BANCOS na praça. **Folha de Londrina**, Londrina, 2 nov. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BARONI, Célia. Quiosque geram queixas no Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 2, 22 out. 1998. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BELINATI envia à Câmara relação das obras e valores do Projeto Centro. **Folha de Londrina**, Londrina, 23 out. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BELINATI manda abrir uma rua no calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, 09 ago. 1991a. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

BELINATI inaugura hoje o novo Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 9, 6 set. 1991b. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BIANCHI, Benê. Projeto do Calçadão está em fase final. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 1, 6 out. 1998. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BLITZ surpresa apreende bicicletas no Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 8, 26 out. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

BONI, Paulo César; UNFRIED, Rosana Reineri; BENATTO, Omeletino. **Memórias fotográficas**: a fotografia e fragmentos da história de Londrina. Londrina: Midiograf, 2013.

BORTOLOTTI, João Baptista. **Planejar é preciso**: memórias do planejamento urbano de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.

BRESSAN, Fernanda. Mal conservado, mal utilizado. **Jornal da ACIL**, Londrina, p. 16, ago. 2006.

CADÊ o cuidado? **Jornal de Londrina**, Londrina, 13 ago. 2012. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CALÇADÃO, ampliado, vai oferecer até um coreto. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 9, 27 jul. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

CALÇADÃO colorido na Gabriel Martins. **Folha de Londrina**, Londrina, 9 nov. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

CALÇADÃO será revitalizado: As obras iniciam em breve e será uma intervenção no anel central para torna-lo limpo e bonito. **Correio Londrinense**, Londrina, 17 ago. 1993. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

CALÇADÃO é adaptado para bombeiros. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 4, 30 jan. 1996. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

CALÇADÃO (Londrina). Londrina, [200-]. Wikimapia. Disponível em: <https://wikimapia.org/2000970/pt/Cal%C3%A7ad%C3%A3o>. Acesso em: 05 set. 2025.

CALÇADÃO de Londrina: onde todos se encontram. **Folha de Londrina**, Londrina, 29 ago. 2003. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

CALÇAMENTO da praça da Bandeira é retirado. **Jornal de Londrina**, Londrina, 14 nov. 2003. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA. **Pedido de Informação n.º 0046/2010**. Londrina, 15 abr. 2010. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Pedidos-de-Informacoes/0/187/0/1780>. Acesso em: 31 mar. 2025.

CANÇÕES religiosas inauguram réplica da Basílica. **Folha de Londrina**, Londrina, 4 maio 1996. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CASTELNOU, Antonio. **Arquitetura Art Déco em Londrina**. Londrina: Atrito Art, 2002.

CATEDRAL de Londrina. **História**. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://catedrallondrina.com.br/historia>. Acesso em: 30 abr. 2025.

CENTRO de Londrina passará por uma total reurbanização. **Folha de Londrina**, Londrina, 1º jun. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti; MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Arquitetura e Memória Coletiva: Os sentidos da Modernidade em Londrina: Praça 1º de Maio e Jardim Shangri-lá**. 2016.

CIDADE de Londrina: Revitalização da Área Central - Jaime Lerner Planejamento Urbano. [S. l. : s. n.], 1977. Acervo do Museu Histórico de Londrina cedido pelo IPPUL.

COHAB-LONDRINA. **Cohab Londrina completa 56 anos com diversos projetos em andamento.** Londrina, 2021. Publicado em: 30 ago. 2021. Disponível em: <https://cohabld.londrina.pr.gov.br/index.php/ult-noticias/420-cohab-londrina-completa-56-anos-com-diversos-projetos-em-andamento#:~:text=Institu%C3%ADdo%20por%20meio%20da%20Lei,leste%20de%20Londrina%2C%20em%201970>. Acesso em: 27 fev. 2025.

COMEÇA a reurbanização: será interditado amanhã o contorno da Catedral. **Folha de Londrina**, Londrina, 5 jul. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

COMEÇAM obras na praça da Bandeira. **Jornal de Londrina**, Londrina, 9 jun. 2004. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CONCHA acústica do centro termina seus dias de Vaticano. **Folha de Londrina**, Londrina, 5 jun. 1993. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CONCHA acústica passa por reforma. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 ago. 2006a. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CONCHA acústica terá características originais. **Folha de Londrina**, Londrina, 5 a 11 ago. 2006b. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CONCHA vai estampar Basílica. **Folha de Londrina**, Londrina, 20 mar. 1996. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

CORNELI, Loriane. Retirada de quiosques está quase no final em Londrina. **Bonde**, 13 set. 2010. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/bondenews/londrina/retirada-de-quiiosques-esta-quase-no-final-em-londrina-155872.html>. Acesso em: 31 mar. 2025.

COSTA, Osmani. E o Calçadão será lavado pela primeira vez neste ano. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 5, 16 jul. 1996. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

DECKS, Flávio. Calçadão será revitalizado. **Correio Londrinense**, Londrina, p. 8, 17 ago. 1993.

EMBARGO de obra no Calçadão gera polêmica. **Folha de Londrina**, Londrina, 03 ago. 1991. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

EMPRESÁRIOS criticam obra no Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 1, 7 set. 1993. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

FAJARDO, Washington. Caminhabilidade e vitalidade urbano. *In*: ANDRADE, Victor; LINKE, Clarisse Cunha (org.). **Cidades de pedestres: a caminhabilidade no brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Babilonia Cultura Editorial, 2017. cap. 8. p. 102-115. Disponível em: https://itdpbrasil.org/wp-content/uploads/2018/12/Cidades-de-pedestres_FINAL_CCS.pdf. Acesso em: 4 abr. 2025.

FARIA, José Carlos. Londrina – Calçadão – “Visto de Cima” – vídeo by Farina. Youtube, 19 set. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/H5u42mMdmZw?si=5qh5sDxVaUGyzCiP>. Acesso em: 05 set. 2025.

FELDMAN, Estélio. Praça Londrina. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 3, 29 nov. 1996. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

FERREIRA, Reinaldo Mathias. O novo Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 2, 31 mar. 1995. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

FROZONI, Fernanda. O Bosque Marechal Cândido Rondon em 1950 como representante das transformações na paisagem londrinense. *In*: IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I Encontro Internacional de Estudos da Imagem, 2013, [S. l.]. **Anais...** [S. l.: s. n.], 2013.

Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Fernanda%20Cequalini%20Frozoni.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

GALEMBECK, Glória. Obras dão nova cara ao Calçadão. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 4, 7 ago. 2007.

GALERIA de prefeitos. **Prefeitura Municipal de Londrina**. Londrina, 2025. Disponível em: https://portal.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=468:a-secretaria. Acesso em: 10 abr. 2025.

GOMES, A. M. Londrina perpetuará no bronze a inolvidável figura do seu amigo, Dr. Gabriel Martins. **Jornal Paraná-Norte**, ano 10, n. 496, 30 abr. 1944. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

GOOGLE EARTH. **Centro, Londrina – PR**. jul. 2006. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Centro,+Londrina+-+PR/>. Acesso em: set. 2025

GOOGLE EARTH. **Centro, Londrina – PR**. jan. 2014. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Centro,+Londrina+-+PR/>. Acesso em: set. 2025

GOOGLE EARTH. **Centro, Londrina – PR**. fev. 2024. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Centro,+Londrina+-+PR/>. Acesso em: set. 2025

GOOGLE EARTH. **Centro, Londrina – PR**. jun. 2025. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Centro,+Londrina+-+PR/>. Acesso em: set. 2025

GOOGLE STREET VIEW. **1 Tv. Padre Eugênio Herter**. Londrina, Paraná. jun. 2011a. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/yKiRbRuVfcjiLNT16>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **2 R. Maranhão**. Londrina, Paraná. jun. 2011b. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/J9WyPhvJgud19pQM7>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **84 R. Pref. Antônio Fernandes Sobrinho**. Londrina, Paraná. jun. 2011c. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/w4u2L3CsxtnPe7WG6>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **195 R. Piauí**. Londrina, Paraná. jun. 2011d. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/u3GkLpySoyXmMeKN7> . Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **314 R. Prof. João Cândido**. Londrina, Paraná. jun. 2011e. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/PZsqu6aZ1kF5bSJAA>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **337 Av. São Paulo**. Londrina, Paraná. jun. 2011f. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/E6DGn5RLsTtSJ8nu8>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **339 Av. São Paulo**. Londrina, Paraná. jun. 2011g. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/qBMLeJ1ZYdv7QPkB8>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **Londrina, Paraná**. Londrina, Paraná. jun. 2011h. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/KSYsoTb6XSL9rD2F6>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **233 R. Prof. João Cândido**. Londrina, Paraná. jul. 2011i. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/qD3NPwknedYvFrcd8>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **238 Av. Rio de Janeiro**. Londrina, Paraná. ago. 2011j. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/w7puf1S1v49UC5aB7>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **238 Av. Rio de Janeiro**. Londrina, Paraná. ago. 2011k. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/iafVmhiVxDuNea6R8>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **241 Av. Rio de Janeiro**. Londrina, Paraná. ago. 2011l. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/HHFU5bLVNtCTb2fd7>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **284 Av. São Paulo**. Londrina, Paraná. ago. 2011m. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/PDsvG5FLJp3chDbv9>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **285 Av. Rio de Janeiro**. Londrina, Paraná. ago. 2011n. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/vVYEi7kPHzbCKVm88>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **233 R. Prof. João Cândido**. Londrina, Paraná. jun. 2012a. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/emRpmgrULS3g6X7UA>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **286 R. Prof. João Cândido**. Londrina, Paraná. jun. 2012b. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/x6iUYe4XL7P5pGRA7>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **195 R. Piauí**. Londrina, Paraná. jan. 2015a. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/Yv3fZveK6QGcPPaX8>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **339 Av. São Paulo**. Londrina, Paraná. jan. 2015b. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/4Nm1ZqnBbnrBwa3z7>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **216 R. Prof. João Cândido**. Londrina, Paraná. ago. 2015c. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/PuAVGB4g3h4bGAVo6>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **339 Av. São Paulo**. Londrina, Paraná. jun. 2016a. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/L16Fwpk1FUQWwfrR9>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **104 R. Prof. Antônio Fernandes Sobrinho**. Londrina, Paraná. out. 2016b. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/KVLbrtgyRXZNDzsXA> . Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **195 R. Piauí**. Londrina, Paraná. out. 2016c. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/uhVyRwtFNaCYr1d4A>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **253 Av. Rio de Janeiro**. Londrina, Paraná. out. 2016d. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/t5ScnmE4oVurfnWw6>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **400 Av. Rio de Janeiro**. Londrina, Paraná. out. 2016e. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/B7RVjts6XxLbbSzF8>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **496 Av. Rio de Janeiro**. Londrina, Paraná. out. 2016f. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/2izJWNxgYbydChD7A>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **499 Av. Rio de Janeiro**. Londrina, Paraná. out. 2016g. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/d1uTSC2JBi4CiaPx6>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **670 Av. Paraná**. Londrina, Paraná. nov. 2016h. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/gdqtUB2mYNpaP9t89>. Acesso em: jun.2025

GOOGLESTREETVIEW. **286 R. Prof. João Cândido**. Londrina, Paraná. ago. 2017a. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/Bx9pHxuaug5g96RU7>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **464 Av. Paraná**. Londrina, Paraná. out. 2017b. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/FeJmRRh1Gq6zXuDn9>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **464 Av. Paraná**. Londrina, Paraná. out. 2017c. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/uDAsXUCbtpRJ6uj96>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **464 Av. Paraná**. Londrina, Paraná. mai. 2019a. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/tPaNcd3qPVsawewL8>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **670 Av. Paraná**. Londrina, Paraná. mai. 2019b. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/JksiFGXZjKpWpbDF8>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **292 R. Prof. João Cândido**. Londrina, Paraná. set. 2019c. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/ym7hrPGacyZwnqdz7>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **10 R. Sen. Souza Naves**. Londrina, Paraná. fev. 2020a. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/byPLnExt7PTd5JpQ6>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **337 Av. São Paulo**. Londrina, Paraná. fev. 2020b. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/Mq2WvDjYLLpQpyv39>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **195 R. Piauí**. Londrina, Paraná. mar. 2023a. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/aEPC7hZY2xawiVqM8>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **235 R. Prof. João Cândido**. Londrina, Paraná. nov. 2023b. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/ePPi8akBV9hfTfqG6>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **286 R. Prof. João Cândido**. Londrina, Paraná. nov. 2023c. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/GfqwFvJRpnycPmRA>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **10 R. Sen. Souza Naves**. Londrina, Paraná. abr. 2024a. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/rnHHAd4BpJidiqk49>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **238 Av. Rio de Janeiro**. Londrina, Paraná. abr. 2024b. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/ZFoGp8RynWzXmkvF6>. Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **50 R. Pref. Antônio Fernandes Sobrinho**. Londrina, Paraná. jul. 2024c. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/W8Pa6DVHbd74vQ7X7> . Acesso em: jun.2025

GOOGLE STREET VIEW. **500 Av. Rio de Janeiro**. Londrina, Paraná. mai. 2025. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/EySKr1swaLRzj8hS7>. Acesso em: jun.2025

HOMENAGEADA a memória de Willie Davids. **Folha de Londrina**, Londrina, 24 maio 1952. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

IBGE. **Praça Marechal Floriano Peixoto**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=443196>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ICOMOS. Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauo de Monumentos e Sítios (Carta de Veneza, 1964). *In*: IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). **Cartas Patrimoniais**. Brasília: IPHAN, 1964. Disponível em: <<portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2025.

IMPORTANTES obras públicas serão inauguradas hoje. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 3, 1 maio 1957. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

INAUGURAÇÃO da Praça Floriano Peixoto. **Jornal Paraná-Norte**, ano 9, n. 464, p. 13, 7 set. 1944. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

ÍNDIOS cantam na festa do novo Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 11, 7 set. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE LONDRINA (IPPUL). **Inventário de documentos do arquivo público do município. Outubro/ Novembro de 2016. Volume 2: Calçada- resumo de pesquisa e dossiês.** Londrina: IPPUL, 2016. Acervo do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina. Disponível em: IPPUL - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina - Restauo do Trecho 5 do Calçada. Acesso em 05 ago. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE LONDRINA (IPPUL). **Memorial Explicativo e Justificativo do Projeto de Revitalização do Bosque Marechal Rondon.** Londrina: IPPUL, 22 out. 2019. Acervo do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE LONDRINA (IPPUL). **Década de 70 – Cadernão.** Londrina, 27 nov. 2024. Disponível em: <https://ippul.londrina.pr.gov.br/index.php/mapa-de-londrina-cadernao-de-mapas/85-mapa-do-municipio-articulacao-cadernao.html>. Acesso em: 30 abr. 2025.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KOMARCHESQUI, Bruna. Cadê o cuidado? **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 7, 13 ago. 2012. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

KUBO, Carlos. [Sem título]. **Facebook**, 1º maio 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/carloskubopaintings/posts/946465467483303/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

LACHNER, Lúcia. Comurb coíbe o tráfego de ciclistas no Calçada. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 3, 9 maio 1996.

LEÃO, Silvana. Mais 3 quiosques demolidos no Calçada. **Folha de Londrina**. 4 jul. 2010. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com>.

br/cidades/mais-3-quiosques-demolidos-no-calcadao-718952.html?d=1. Acesso em: 11 abr. 2025.

LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: O Museu de Londrina. 1959-2000.** 2013. 276 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

LOMBARDI, Camila. **Revitalização paisagística do Bosque Marechal Cândido Rondon – Londrina/PR.** 2014. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/84378>. Acesso em: 31 mar. 2025.

LONDRINA. **Lei Ordinária nº 133, de 7 de dez. de 1951.** Dispõe sobre arruamento, loteamento e zoneamento, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Leis-Ordinarias/1951/1/0/28331>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA. **Lei Ordinária nº 216, de 26 de dez. de 1953.** Fixa os limites e dá denominação aos logradouros públicos (avenidas, ruas, praças e travessas) oficialmente reconhecidas e integrantes da área urbana do Município. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Leis-Ordinarias/1953/1/0/33892>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA. **Lei Municipal nº 5.495 de 17 de agosto de 1993.** Dispõe sobre a criação do IPPUL – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina e dá outras providências. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Leis-Ordinarias/1993/1/0/30352>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA. **Lei nº 7.482, de 20 de julho de 1998.** Institui o Plano Diretor do Município de Londrina e dá outras providências. Leis Municipais, Londrina, 20 jul. 1998. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/pr/l/londrina/lei-ordinaria/1998/748/7482/lei-ordinaria-n-7482-1998-institui-o-plano-diretor-do-municipio-de-londrina-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA. **Lei nº 10.637, de 24 de dezembro de 2008.** Institui as Diretrizes do Plano Diretor Participativo do Município de Londrina – PDPML e dá outras providências. Leis Municipais, Londrina, 24 dez. 2008. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/l/londrina/lei-ordinaria/2008/1063/10637/lei-ordinaria-n-10637-2008-altera-a-lei-n-8538-de-02-de-setembro-de-2002-que-institui-o-codigo-de-posturas-do-municipio-de-londrina-lei-de-regras-de-convivencia-urbana-e-a-lei-n-9025-de-19-de-dezembro-de-2005-que-dispoe-sobre-a-politica-de-desenvolvimento-urbano-o-plano-diretor-do-municipio-de-londrina-e-da-outras-providencias-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA. **Lei Ordinária nº 11.471, de 5 de janeiro de 2012.** Institui o Código Ambiental do Município de Londrina. Leis Municipais, Londrina, 2012. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/l/londrina/lei-ordinaria/2012/1148/11471/lei-ordinaria-n-11471-2012-institui-o-codigo-ambiental-do-municipio-de-londrina>. Acesso em: 31 mar. 2025.

LONDRINA. **Lei Ordinária nº 12.998, de 26 de dezembro de 2019.** Altera o artigo 130 da Lei nº 11.471/2012. Câmara Municipal de Londrina, 2019. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Leis-Ordinarias/2019/1/0/27226>. Acesso em: 31 mar. 2025.

LONDRINA. **Lei nº 13.902, de 27 de dezembro de 2024.** Dispõe sobre a Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Londrina, os processos de listagem e de tombamento de bens de interesse de preservação, o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e o Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Londrina. Jornal Oficial do Município de Londrina, Londrina, n. 5378, p. 1-5, 31 dez. 2024. Disponível em: https://portal.londrina.pr.gov.br/images/Secretarias/cultura/patrim%C3%B4nio/Lei_13902-2024_Jornal-5378-Assinado.pdf. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA de antigamente. Av. Paraná através dos tempos, s.d. Londrina, 29 set. 2016. **Facebook:** londrinadeantigamente. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=657740077718568&set=pcb.657740717718504>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA de antigamente. Catedral de Londrina - 1943 - Foto colaboração: João Lorival Jacobowski. Londrina, 6 set. 2016. **Facebook:** londrinadeantigamente. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/167ckLyuyk/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA de antigamente. Praça Marechal Floriano Peixoto - (Praça-da-Bandeira) - dec 40. Londrina, 27 nov. 2015. **Facebook:** londrinadeantigamente. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/1AGSyQ89LN/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA de antigamente. Proximidades da Concha, 1975. Londrina, 23 set. 2018. **Facebook:** londrinadeantigamente. Disponível em: <https://www.facebook.com/londrinadeantigamente>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINA lança mutirão 'Viva o Centro' com serviços variados feitos de forma conjunta. **Blog Londrina**, [S. /], 15 jan. 2025. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=185035>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LONDRINENSES redescobrem o charme da Concha. **Folha de Londrina**, Londrina, 15 maio 2007. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

MACEDO, Silvio Soares; ROBBA, Fábio. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MACIEL, Marcel Nagao. CALÇADÃO ... saudades ou progresso? Londrina, 23 jul. 2010. Janela Londrinense. Disponível em: <https://janela-londrinense.blogspot.com/2010/07/calca dao-saudades-ou-progresso.html>. Acesso em: 05 set. 2025.

MARTINS, Marcelo Belinati. **Pedido de Informação nº 0046/2010**. Prefeitura Municipal de Londrina, 15 abr. 2010. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Pedidos-de-Informacoes/0/187/0/1780>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MENDONÇA, Maurício Arruda. A praça do Dogma. **Folha Norte de Londrina**, Londrina, 20 set. 2006. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

MENDONÇA, Maurício Arruda. **Concha 50 Anos**: Londrina no Tempo. Londrina: Midiograf, 2007.

MENINA inaugura Praça da Bandeira. **Folha de Londrina**, Londrina, 12 dez. 1997. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

MHL - Museu Histórico de Londrina. **Acervo de fotografias**. Consulta em: abr. 2025.

MICHAELIS. Bosque. *In*: **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bosque/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MICHAELIS. Praça. *In*: **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pr%C3%A7a/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MORADORES cobram melhorias na Concha. **Folha de Londrina**, Londrina, 2 dez. 2011. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

MOREIRA diz que acata decisão da Câmara sobre Concha Acústica. **Folha de Londrina**, Londrina, 7 nov. 1987. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

MUDANÇAS na Concha: começa a polêmica. **Folha de Londrina**, Londrina, 31 mar. 1987. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

NDPH-UEL. Núcleo de Documentação e Pesquisa História - Universidade Estadual de Londrina. **Acervo mapas**. Consulta em: abr. 2025.

NESTA semana, a cidade ganhará novo “Calçadão”. **Folha de Londrina**, Londrina, 26 ago. 1981. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

NOVA Praça Sete de Setembro tem a cor da terra vermelha. **Jornal de Londrina**, Londrina, 13 ago. 2000. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

NOVO Calçadão. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 3, 18 jun. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

O AJARDINAMENTO da Praça Floriano Peixoto. **Jornal Paraná-Norte**, ano 9, n. 438, p. 3, 7 mar. 1943. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

O CALÇADÃO de Londrina: memórias de um centro vivo e efervescente. **Londrina histórica**. Disponível em: <https://www.londrinahistorica.com.br/publicacoes/666/o-calcao-de-londrina-memorias-de-um-centro-vivo-e-efervescente>. Acesso em: 10 de setembro de 2025.

O CENTRO se modificando. **Folha de Londrina**, Londrina, 28 out. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

O DIA da bandeira. **Jornal Paraná-Norte**, ano 4, n. 163, p. 1, 21 nov. 1937. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

OBRAS prioritárias atrasam conclusão do Projeto Centro. **Folha de Londrina**, Londrina, 17 mar. 1979. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

OGAWA, Vítor; VISCHI, Victoria. Homenagem a Gabriel Martins foi apagada pelas transformações. **Folha de Londrina**, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidade19s/homenagem-a-gabriel-martins-foi-apagada-pelas-transformacoes-3025264e.html?d=1>. Acesso em: 30 abr. 2025.

OKAMURA, Lucília. Calçadão fica pronto antes do natal: As obras de revitalização terminam na próxima semana mas a área enfrenta problemas com a escuridão. **Folha de Londrina**, Londrina, 18 dez. 1993. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

OLIVEIRA, Thayza de. A Concha Acústica: diversidade no contexto urbano. *In*: CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti; MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Arquitetura e Memória Coletiva: Os sentidos da Modernidade em Londrina: Praça 1º de Maio e Jardim Shangri-lá**. 2016.

OS QUIOSQUES. **Folha de Londrina**, Londrina, 22 out. 1977. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

PARANÁ. Patrimônio Cultural – Bens Tombados. **Cine Teatro Ouro Verde – Londrina**. [S. /], 2025. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/Bem-Tombado/Cine-Teatro-Ouro-Verde-Londrina>. Acesso em: 30 jun. 2025.

PANCHONI, Maria Emanuella. **O caráter de espaços históricos avaliação das praças de Londrina PR**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente em Desenvolvimento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007

PARISOTTO, Marcos. Entrevista concedida aos autores. 2 abr. 2025.

PARISOTTO, Marcos Roberto. **Solicitação de Tombamento**. Diretoria de Patrimônio Histórico. Secretaria de Cultura de Londrina, 19 jul. 2024.

PARRA, Rodrigo. Calçadão passa por reparos. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 3, 6 ago. 2002. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

PAU-BRASIL é encontrado no centro. **Folha de Londrina**, 18 abr. 2000. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/pau-brasil-e-encontrado-no-centro-282851.html?d=1>. Acesso em: 16 abr. 2025.

POLESSEL, Célia. Calçadão passa por manutenção emergencial. **Jornal de Londrina**, Londrina, 6 ago. 2002. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

PRAÇA Willie Davids: o coração de Londrina. **A pioneira**, ano 1, n. 1, maio 1948. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.

PREFEITURA do Município de Londrina. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 3, 8 mar. 1958. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

“PREFEITURA é responsável por irregularidades no Calçadão”, afirmam os donos de quiosques. **Folha de Londrina**, Londrina, 11 mar. 1982. Acervo do Arquivo Público cedido pelo IPPUL.

PREFEITURA inaugura hoje obras do Bosque. **Folha de Londrina**, Londrina, ano 43, n. 11898, p. 8, 31 ago. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

PREFEITURA vai revitalizar Bosque, “modestamente”. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 6, 21 abr. 1991. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

PRIMEIRA edição do “Viva o Centro!” reúne famílias e celebra espaço público. **Blog.Londrina**, [S. l.], 31 jan. 2025. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=185785>. Acesso em: 11 abr. 2025.

PRIMEIRA edição do “Viva o Centro!” reúne famílias e celebra espaço público. **Blog.Londrina**, [S. l.], 31 jan. 2025. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=185785>. Acesso em: 11 abr. 2025.

PROJETO de revitalização do Bosque prevê estacionamento. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 4, 19 maio 1988. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

PUNIR SUVs e fechar ruas: como Paris quer se tornar cidade sem carros. **Uol**, 24 mar. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2025/03/24/paris-da-mais-um-passo-para-se-tornar-uma-cidade-sem-carros.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 4 abr. 2025.

QUIOSQUES começam a receber coberturas. **Folha de Londrina**, Londrina, 17 dez. 1977. Acervo do IPPUL.

RAMOS, Marivone. Comurb retira quiosque do Calçadão. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 6A, 8 jan. 1998.

RAMOS, Marivone. Obra deve ser concluída até dezembro. **Jornal de Londrina**, Londrina, p. 3A, 24 jun. 1998.

RANALI, Sérgio (fotógrafo). **Folha de Londrina**, Londrina, p. 11, 11 jun. 2004. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

REFORMA no calçadão inicia no segunda-feira. **Correio Londrinense**, Londrina, p. 8, 18 ago. 1993.

RETIRADO último quiosque do Calçadão. **Folha de Londrina**, 3 jun. 2011. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/retirado-ultimo-quiisque-do-calcadao-753209.html?d=1>. Acesso em: abr. 2025.

REVITALIZAÇÃO gera polêmica. **Jornal de Londrina**, Londrina, 11 abr. 2000. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

SAI hoje resultado do concurso para a revitalização do bosque. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 4, 18 maio 1988. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL e Museu Histórico de Londrina.

SCHWARTEZ, Widson. O “mito” e outras imagens da praça. **Folha de Londrina**, Londrina, 13 set. 2033. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.
SEHN, Carla. Calçada já está de cara nova. **Jornal do Comércio**, Londrina, ano 31, n. 259, p. 4, dez. 1993.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) Camada Cultura. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. /], 2025. Disponível em: <https://geo.londrina.pr.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=5360a454d15146a3bcf4ebdbe8e49e03>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) Camada Leis de Uso e Ocupação do Solo. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. /], 2025. Disponível em: <https://geo.londrina.pr.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=5360a454d15146a3bcf4ebdbe8e49e03>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) M01. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. /], 2019. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32661-m01-boca-maldita-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) M02. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. /], 2019. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32662-m02-imaculada-conceicao-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) M03. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. /], 2020. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32663-m03-mastro-praca-bandeira-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) M05. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/54845-m05-monumento-abilon-concha-2020-1/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) M07. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32667-m07-aqui-tem-historia-wdavids-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) M08. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32668-m08-placa-corretor-imobiliario-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) M10. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32670-m10-placa-pe-vermelho-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) M18. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32678-m18-bosque-pau-brasil-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) M19. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/32679-m19-bosque-chico-mendes-2020/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) M21. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/monumento/54847-m21-aqui-tem-historia-bosque-2020-1/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) Ortofoto Paranacidade. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2011. Disponível em: <https://geo.londrina.pr.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=5360a454d15146a3bcf4ebdbe8e49e03>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) Portal Ambiental. Camada Arborização. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2025. Disponível em: <http://portalambiental.londrina.pr.gov.br>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) P16. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2004. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/urbano-paisagistico/32815-p16-eixo-espacos-publicos-2018/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) P22. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/urbano-paisagistico/32821-p22-praca-7-de-setembro-2018/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA DE LONDRINA (SIGLON) P28. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/menu-cultura/diretoria-de-patrimonio/inventario/urbano-paisagistico/32827-p28-bosque-2018/file>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SITUAÇÃO de praça vira ponto de atenção. **Jornal de Londrina**, Londrina, 11 maio 2003. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. *In*: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SUZUKI, Juliana Harumi. **Artigas e Cascaldi**: Arquitetura em Londrina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SUZUKI, Juliana Harumi. **Idealizações da modernidade**: arquitetura dos edifícios verticais em Londrina 1949-1969. Londrina: Kan, 2011.

TCEPR (Tribunal de Contas do Estado do Paraná). [S. l.], 2025. Notícias. Disponível em: <https://m.tce.pr.gov.br/noticias/noticia.aspx?codigo=10706>. Acesso em: 30 abr. 2025.

UM BOSQUE cheio de histórias. **Folha de Londrina**, 15 set. 2015. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cadernos-especiais/um-bosque-cheio-de-historias-927681.html?d=1>. Acesso em: 30 abr. 2025.

UMA REFLEXÃO sobre a Concha Acústica. **Folha de Londrina**, Londrina, 21 jun. 1987. Acervo da Biblioteca Municipal de Londrina.

YAMAKI, Humberto. **Iconografia londrinense**: mapas iniciais 1930-1950. Londrina: Prefeitura de Londrina, Cultura-Promic, 2003.

YAMAKI, Humberto. **Labirinto da memória**: paisagens de Londrina. Londrina: Prefeitura de Londrina, Cultura-Promic, 2006.

YAMAKI, Humberto. **Terras do Norte**: Paisagem e Morfologia. Londrina: Eduel, 2017.

ZANON, Elisa. Prestes Maia em Londrina-PR: a Lei 133/1951. *In*: XVI Seminário de História da cidade e do urbanismo, 2021, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/355678803_Prestes_Maia_em_Londrina-PR_a_Lei_1331951. Acesso em: 30 abr. 2025.

